PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

Coordenação Científica

A P E N E L
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL

DIRECÇÃO

Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo,
Virgínia Soares Pereira, António Manuel R. Rebelo,
João Nunes Torrão, Carlos Ascenso André,
Manuel José de Sousa Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria João Padez de Castro

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

PMP

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda.
producao@graficadecoimbra.pt

ISBN

978-989-8074-72-0

ISBN Digital

978-989-26-0346-9

DOI

http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0346-9

DEPÓSITO LEGAL

288874/09

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

UI&D-CECH/POCI 2010

Câmara Municipal de Guimarães

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência e Inovação 2010
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Portvgaliae Monvmenta Neolatina

Vol. I

Duarte de Sande, S. I.

Diálogo Sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana

Tomo I (Colóquios I-XVIII)

Prefácio, tradução e comentário
Américo da Costa Ramalho

Estabelecimento do texto latino
Sebastião Tavares de Pinho

PREFÁCIO

Quando a missão japonesa partiu de Nagasáqui em 20 de Fevereiro de 1582, havia quase quarenta anos que se dera o primeiro contacto dos portugueses com o Japão, colocado pelos historiadores, geralmente, em 1543.

Nesse ano, com efeito, três portugueses, António da Mota, António Peixoto e Francisco Zeimoto desceram em Tanagaxima dum navio chinês, ao que se supõe.

A evangelização do Japão, por parte da Companhia de Jesus, proveio do interesse do padre Francisco Xavier, então em Malaca, pelo novo país, que lhe foi descrito por Fernão Mendes Pinto e Jorge Álvares. Foram-lhe apresentados também três japoneses que vinham em companhia dos dois portugueses.

Em 15 de Agosto, dia da festa da Assunção da Virgem, de 1549, desembarcaram em Kagoxima no Japão, vindos de Goa, os primeiros missionários jesuítas chefiados por Francisco Xavier.

A evangelização, de início, conheceu um certo êxito, que parecia prometer a cristianização do Japão em poucos anos. Todavia, em breve, começaram as dificuldades, criadas pelas circunstâncias locais. O próprio entusiasmo dos novos conversos, que activamente tentavam converter os membros das suas famílias e destruíam ídolos e templos, não foi dos entraves menores.

Com efeito, no Japão, as seitas religiosas (xintoístas, budistas, confucionistas e outros) conviviam sem atritos aparentes, mesmo no seio de cada família. O proselitismo religioso dos novos cristãos veio quebrar este equilíbrio e levantar receios sobre o que poderia acontecer ao «establishment» japonês, quando os cristãos tivessem a maioria. O exemplo das Filipinas, onde, sob o domínio espanhol, à expansão da fé se seguiu o domínio político dos homens do Ocidente, não era animador.

Assim, nas páginas 510-511 da presente edição, Lino acaba de confirmar o novo espírito de caridade e mútua ajuda entre os japoneses convertidos ao Cristianismo, e Mâncio comenta: «Por isso acontece que, algures, certos pagãos [japoneses] vieram à falsa conclusão, e sem razão se persuadiram, de que os padres da Companhia e os

restantes japoneses, ligados entre si por este ardentíssimo vínculo de amor, podiam facilmente pensar em apoderar-se da dominação de todo o Japão»[1].

Por outro lado, para a mentalidade dos japoneses, convencidos da superioridade da sua civilização, a imagem exterior dos padres jesuítas, com a sua modesta roupeta, a sua pregação dos valores cristãos da pobreza e da humildade, era pouco atraente. E assim, o êxito inicial do Cristianismo verificou-se entre as camadas sociais menos elevadas, aqueles a quem a caridade cristã favorecia, com instituições como hospitais e a Misericórdia, e com uma nova consciência da sua dignidade humana e da sua independência em relação aos patrões e governantes, que tinham, até aí, direito de vida e de morte sobre os seus subordinados. Esta religião dos pobres e necessitados não prestigiava socialmente o Cristianismo.

Por isso, era difícil fazer compreender aos japoneses que, longe do seu país, na Europa, existia uma civilização superior, mais rica, mais brilhante, mais justa e mais adiantada que a sua. E que nessa civilização o Cristianismo e a Igreja Católica tinham um papel primacial.

Na Europa, o culto religioso levantava monumentos, igrejas, conventos, escolas, hospitais, hospícios dos tipos mais variados, ricamente dotados pela magnificência de potentados bem mais ricos do que os japoneses. A hierarquia religiosa gozava de poder e riqueza e era universalmente respeitada. Por outro lado, graças à influência da doutrina cristã, e ao poder arbitral do Papa, as relações entre os reis europeus eram harmoniosas e os conflitos resolviam-se geralmente por negociação justa e equitativa. Versão exageradamente optimista, para japonês ouvir.

Situação bem diferente a do Japão – dizem nos Colóquios os interlocutores japoneses – onde a guerra civil era endémica, onde pequenos senhores podiam guerrear-se mutuamente, sem autorização de um Imperador que, ou não existia, ou não tinha poder, onde a conspiração e o crime eram moeda corrente e constante nas relações dos poderosos.

No Japão, não havia sequer uma organização mínima da Justiça, e o Direito era a vontade do mais poderoso ou do mais traiçoeiro, por forma tal que o cidadão comum era condenado à morte, muitas vezes, antes de saber de que era acusado, e sem qualquer possibilidade de defesa. Daí as vinganças sangrentas, o suicídio, prática habitual entre os que eram presos, por saberem que estavam antecipadamente condenados à morte, sem remissão.

Todo este quadro negro, que é largamente desenvolvido nos colóquios, aparece confirmado nas intervenções dos próprios interlocutores japoneses.

Naturalmente, a paz e harmonia europeias são exageradas, não tanto por invenção premeditada dos interlocutores, como pelo facto de que os japoneses

---

[1] MANCIVS. Hinc sane accidit, ut alicubi nonnulli ethnici in eam falsam opinionem uenerint, sibique immerito persuaserint, patres Societatis reliquosque Iaponenses homines ardentissimo amoris uinculo inter se deuinctos, posse facile de occupando totius Iaponiae dominatu cogitare. (p. 511, da presente edição, *Colloquium XXIV*).

viram apenas o que os deixaram ver e ouvir, no convívio seleccionado com os grandes e poderosos da Europa.

Enfim, a superioridade da civilização cristã e europeia era um facto no século XVI. E foi para que o admitissem e pudessem transmitir aos seus compatriotas que os japoneses vieram à Europa saudar os expoentes máximos do poder religioso e do poder político: o Papa e Filipe II de Espanha, então também rei de Portugal.

De tudo quanto antes lhes contavam os mercadores portugueses e os padres jesuítas, os japoneses em geral, mesmo os católicos, pouco acreditavam sobre a superioridade da civilização europeia. Quando regressaram, estavam completamente rendidos à grandeza da Europa.

Quem eram os embaixadores japoneses? Quatro rapazes novos, adolescentes de 13 para 14 anos, à partida do Japão, da família de três dáimios ou soberanos locais, convertidos ao Cristianismo. Eram eles: Mâncio Ito, sobrinho de Francisco, rei do Bungo; Miguel Chingiva, sobrinho de Protásio, rei de Arima, e de Bartolomeu, rei de Omura. E ainda dois nobres, parentes de Bartolomeu, a saber, Martinho ou Martim Fara e Juliano Nacaura. Nos jovens embaixadores, o primeiro nome é o cristão, o segundo é o japonês. Nos dáimios, que eles representavam, tratados como «reis», para simplificar, os nomes japoneses eram Yochichiga Otomo (Francisco), Harunobu Arima (Protásio) e Sumitada Omura (Bartolomeu).

Os três territórios mencionados, Bungo, Arima e Omura, ficam na Ilha de Kiuchiu, a mais ocidental das ilhas japonesas.

A embaixada representava uma parte pequena do Japão e constituía uma espécie de legação de obediência ao Papa, segundo a tradição europeia das obediências prestadas ao Sumo Pontífice, não apenas pelos reis de países independentes como Portugal, Espanha, França, etc., mas também pelos príncipes de cidades-estados como Florença ou Génova ou o Senado da poderosa república de Veneza. Na intenção do padre Alessandro Valignano, organizador da embaixada, que então desempenhava no Japão as funções de visitador da Companhia de Jesus, a missão devia proceder com calculada discrição. E o mesmo pensava em Roma o geral da Companhia, o P.^e^ Claudio Acquaviva.

Mas à chegada a Lisboa, o cardeal Alberto, governador de Portugal, por ordem de Filipe II, seu tio, e sobretudo em Madrid, o próprio Filipe, consideraram a embaixada como oficial e representativa do Japão e o poderoso rei da Península Ibérica tratou os japoneses como príncipes de sangue. A partir daí, o seu status ficou assente de forma categórica e ninguém se permitiu atribuir-lhes situação inferior à que lhes concedeu o principal soberano europeu da época.

A atitude dos dois papas que conheceram em Roma, Gregório XIII, que inicialmente os recebeu, e Sisto V, a cuja entronização assistiram, após o falecimento de Gregório XIII, pautou-se pela de Filipe: receberam a sua obediência e trataram-nos como príncipes e filhos dilectos da Igreja.

E depois do rei de Espanha e dos papas, não foram menores as atenções da República de Veneza e dos príncipes italianos, nomeadamente o grão-duque Francisco de Médicis, senhor de Florença e Pisa.

A República de Veneza que, anos antes, tinha felicitado Filipe de Espanha pela conquista de Portugal, fez aos aristocratas japoneses uma recepção estrondosa, cuja descrição aparece num dos colóquios da presente obra. Veneza estava interessadíssima no comércio com o Japão.

Devia acompanhar a legação japonesa a Itália o padre Alessandro Valignano, visitador da Companhia de Jesus, atrás mencionado. Mas à chegada a Goa recebeu uma carta do geral da Companhia, em que era nomeado provincial no Oriente. Não podendo continuar viagem com os jovens embaixadores, foi substituído pelo jesuíta português, P.ᵉ Nuno Rodrigues, reitor do colégio de Goa da Companhia de Jesus. Era também da comitiva o P.ᵉ Diogo de Mesquita, igualmente lusitano, famoso pelo seu conhecimento do japonês, que servia de intérprete.

Outros acompanhantes eram o irmão Jorge de Loyola, japonês, encarregado de lhes fazer cultivar a língua e a escrita nativas; por seu turno, com os jesuítas portugueses estudavam latim, a língua internacional das pessoas cultivadas do tempo, a doutrina católica e, certamente, português, pois Urbano Monte, um italiano que os conheceu em Milão, deles escreveu: «Sabem a língua portuguesa bem, a espanhola medianamente, a latina em grande parte e compreendem quase tudo em italiano, embora o não falem de modo seguro; quando, porém, falam com príncipes usam o seu idioma nativo e utilizam o intérprete»[2]

Iam ainda dois servidores japoneses.

A prática da língua portuguesa deve ter sido estimulada pelos companheiros de bordo, quer na viagem do Japão para Lisboa, quer no regresso de Lisboa ao Japão. Com efeito, o percurso foi feito em navios portugueses, com tripulantes e passageiros, na sua quase totalidade, portugueses também.

Na verdade, depois do seu reconhecimento como rei de Portugal, em 1580, Filipe II procurou respeitar o esquema da monarquia dual, deixando em mãos de portugueses os domínios que lhes pertenciam no Oriente e no Brasil, e as comunicações marítimas com esses territórios distantes. Além disso, nos portos onde os japoneses tiveram que aguardar meses a fio ou as condições atmosféricas favoráveis ou a escolha do navio mais seguro e confortável, ficaram instalados em colégios da Companhia de Jesus, dirigidos por portugueses. Assim aconteceu em Macau, à partida e no regresso, em Cochim e em Lisboa.

Quanto à língua latina, estudaram-na constantemente, várias horas por dia, nesses períodos de espera, e a bordo, quando a navegação decorria placidamente. Estudaram igualmente a música europeia, aprendendo a tocar vários instrumentos.

No Tratado dos Embaixadores Japões, adiante citado, o seu autor, P.ᵉ Luís Fróis, incluiu uma carta do padre Diogo de Mesquita, enviada de Portugal, ao padre visitador Valignano, donde extraio: «E fizeram bom progresso no latim,

---

[2] G. Gutiérrez, *La prima ambasceria giapponese in Italia. Dall'ignorata cronaca di un diarista e cosmografo milanese del XVI secolo (Cronaca di Urbano Monte).* Milano, 1938, p. 68.

conforme a penúria do tempo. Dom Martinho se pôs a compor uma oração em latim, e depois a decorou para a ler diante do nosso padre-geral. E Dom Mâncio fez outra mais breve, que um padre nosso lhe emendou em Évora em algumas palavras, e como tem muito boa memória e habilidade, a tem já quase estudada para a recitar diante do Papa. Os outros três fizeram cada um seu epigrama em louvor de Sua Santidade.» (p. 24).

Como se fala de três, é possível que, além dos dois nobres não mencionados, o terceiro seja o irmão Jorge de Loyola ou algum dos dois servidores, Agostinho ou Constantino.

Acrescente-se que Martinho, de facto, pronunciou esse discurso em Goa, no regresso, com graça e elegância (uenuste et eleganter), diante do padre visitador e dos restantes, (p. 306-307, Colóquio XXXII, na presente edição).

Falámos atrás da unidade espiritual da Europa que os colóquios descrevem e sublinham, e dissemos, de passagem, como essa unidade era, em parte, ilusória.

De facto, a legação japonesa visitou, na Europa, apenas as duas penínsulas ocidentais, a Ibérica e a Italiana, onde não havia guerras de religião. Convites feitos em Madrid pelos embaixadores do imperador, do rei de França, e do duque de Sabóia, não foram aceites, sob pretexto do desvio da rota previamente escolhida (p. 506-507, desta edição, Colóquio XXIV).

Mas será injusto dizer que nos Colóquios são ignoradas por completo as discussões religiosas da Europa. Realmente, ao falar, no Colloquium XXIII, dos colégios que a Companhia de Jesus possuía em Roma, Miguel, numa longa dissertação, não esquece o Colégio Alemão e, sobretudo, o Colégio Inglês onde eram treinados os padres que deviam partir secretamente para Inglaterra, então sob o domínio de Isabel I, rainha herética[3], para pregarem a doutrina católica. E lembra os riscos desse apostolado, com o sacrifício de Edmond Campion, o jovem jesuíta inglês que, descoberto pelos protestantes, foi decapitado em Londres, em 1581.

Aliás, os japoneses, na altura em que o livro foi publicado, já conheciam outras disputas entre os próprios evangelizadores, por exemplo, entre jesuítas e franciscanos, que começaram logo que estes foram autorizados a pregar no Japão. E dentro da própria Companhia de Jesus, as rivalidades latentes entre portugueses e espanhóis. Isto, para não falar do aparecimento dos protestantes, quando os holandeses entraram em cena, já no período filipino.

Como e por quem foi elaborado o livro? O título diz expressamente que «foi coligido do diário dos próprios embaixadores, e traduzido para latim por Duarte de Sande, sacerdote da Companhia de Jesus»[4].

---

[3] regina prauis hereticorum erroribus imbuta, (p. 487, desta edição).

[4] ex ephemeride ipsorum legatorum collectus, & in sermonem latinum uersus ab Eduardo de Sande sacerdote Societatis Iesu.

Não há dúvida de que os moços japoneses tomaram notas e devem mesmo ter feito perguntas sobre preços e custos das coisas que descrevem, desde os edifícios às peças de vestuário. Esta atitude correspondia, por um lado, ao materialismo da civilização japonesa, por outro ao desejo de impressionarem os seus compatriotas, fornecendo-lhes números esclarecedores. A cada passo, surgem avaliações em aurei, «moedas de ouro», cujas espécies mais correntes deviam ser o «cruzado» português e o «ducado» espanhol, ambos moedas de ouro.

Só esta visão pragmática do mundo justifica o final do Colóquio XV, onde a grandeza dos prelados da Igreja, o seu prestígio, o seu poder e influência são medidos pelos bens deste mundo, e se garante que eles não vivem menos sumptuosamente que reis, príncipes e demais hierarquia aristocrática. Se esta maneira de ver hoje nos choca, é preciso não esquecer que, além de representar um aspecto da mentalidade do tempo, aqui figura para japonês ler e ouvir.

Portanto, os japoneses fizeram perguntas sobre o que viram, pediram preços e tomaram notas.

Um documento muito curioso desta atitude figura num relato em prosa já citado, que ficou manuscrito e foi publicado em 1993, pelo Dr. Rui Loureiro[5].

Escreve o padre Fróis: «Um dos moços japões que acompanhavam a estes senhores [os quatro embaixadores], por ser curioso e muito bom escrivão de nossa letra portuguesa, para depois poder referir em seu reino aos naturais o que vira naquela casa real, de propósito se pôs a notar aquela baixela, descendo aos particulares do tamanho delas. E entre outras coisas boas que notou naquele caminho, escrevendo por sua memória o que vira nos Paços de Sua Ilustríssima Senhoria, dizia desta maneira ao pé da letra, que para um japão e moço foi coisa para se notar (...).» O moço chamava-se Constantino (p. 48).

E segue-se um verdadeiro inventário da louça de prata, tapeçarias, objectos em ouro do paço ducal de Vila Viçosa que o japonês visitou. Este não era embaixador, mas um dos dois rapazes que acompanharam a embaixada.

Quanto aos embaixadores, sabemos por declarações repetidas no decurso dos diálogos que não só tomaram notas, mas trouxeram livros, sobretudo livros com gravuras, quer oferecidos, quer comprados, além de aparelhos de navegação, mapas, armas e uma infinidade de coisas de que o leitor pode aperceber-se pela leitura deste interessantíssimo livro.

E a propósito: quem é o autor do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam*?

O jesuíta Daniel Bartoli (1608-1685), autor da *Storia della Compagnia de Gesù*, afirmou sem hesitações que o *De Missione* era da autoria do padre Alessandro

---

[5] *Padre Luís Fróis, Tratado dos Embaixadores Japões*. Introdução, notas, selecção e modernização de textos de Rui Loureiro. Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1993, p. 45-46.

Valignano. E depois dele, é corrente ver repetida esta atribuição, sobretudo em livros e artigos de italianos.

Mas não creio que seja verdade. Segundo Bartoli, depois de ter compilado o livro, a partir dos diários dos japoneses, Valignano mandou-o passar para latim, a um dos padres. Esta tarefa, aliás, difícil em obra de tal natureza, é apresentada como coisa de somenos: «Compiutolo [o livro], il (o P.e Valignano), commise a transportare in idioma latino a un de'Padri; e quivi in Macao della Cina il diè alle stampe quest'anno del 1590»[6].

Nem sequer, a presença do nome do P.e Duarte de Sande na portada do livro, ajudou a memória do historiador Bartoli a mencioná-lo. Se o P.e Sande fosse italiano, com certeza o procedimento teria sido diferente...

Mas a verdade é que o *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam* é da autoria do P.e Sande, segundo o testemunho do próprio P.e Valignano[7]

Leia-se a sua carta «aos alunos dos seminários japoneses», no começo do livro: «Veio agora felizmente à luz este livro, cujos factos foram todos diligentemente anotados pelos embaixadores da vossa pátria, enviados à Cúria Romana, e por mim confiados com o maior empenho ao padre Duarte de Sande, da nossa Companhia, que agora vive na China[8] e outrora se dedicou aos estudos de Humanidades e sempre teve o maior interesse pelas vossas coisas, para que ele, coligindo as informações dos próprios legados, as ordenasse e passasse para latim, compondo-as, para maior clareza, num diálogo entre os embaixadores, companheiros e parentes uns dos outros, que fosse de proveito vosso»[9].

E na sua carta-dedicatória ao geral da Companhia de Jesus, padre Claudio Acquaviva, que vem em seguida à de Valignano, o padre Duarte de Sande reafirma que o livro foi composto, segundo as indicações do padre visitador (Valignano) e passado para latim. E todo o tom da carta é o do autor que fala da sua obra.

---

[6] Ambasceria de're giapponesi al Summo Pontífice estratta dal libro I delle opere sul Giappone del Padre Daniello Bartoli D.C.D.G. Napoli, Stabilimento Tipográfico di Andrea Festa [...] 1851, p. 92. Isto é, em Macau (In Macaensi portu Sinici regni).

[7] Aliás, o Padre Alexandre Valignano (Chieri, 1539 – Macau, 20.1.1606), doutor *in utroque Iure* pela universidade de Pádua, desempenhou um papel de excepcional importância na evangelização do Oriente. Foi um grande dirigente e na parte em que é mencionado no *De Missione* não lhe são regateados elogios e expressões de afecto.

[8] Isto é, em Macau (In Macaensi portu Sinici regni).

[9] Hic ergo feliciter in lucem prodit, cuius res omnes a uestrae patriae legatis ad Romanam curiam missis diligenter sunt notatae, et Eduardo de Sande nostrae Societatis Sacerdoti in Sinico regno nunc degenti, olim studiis humanitatis dedito, semper uestrarum rerum studioso summopere a me commendatae: ut eas ex ipsorum legatorum scriptis collectas et dispositas Latinis litteris traderet, et causa perspicuitatis dialogum inter legatos, socios et consanguineos habitum ad uestram utilitatem componeret.(fol. A 2).

A escolha do diálogo, em vez da exposição seguida, é também explicada nessa carta do padre Sande. Aí se faz a apresentação dos interlocutores, pelo que me abstenho de fazê-la neste prefácio.

Limitar-me-ei a acrescentar que os diálogos estavam então na moda, tanto em latim como nas línguas modernas, em todos os países da Europa. Para falarmos só de Portugal, mencionemos em latim, André de Resende, Damião de Góis, João Rodrigues de Sá de Meneses, Luísa Sigeia; em português, João de Barros, Garcia d'Orta, Frei Heitor Pinto, Frei Amador Arrais, etc.

Mas há ainda um outro argumento em favor da autoria do P.ᵉ Sande que só a leitura da obra completa pode evidenciar: o seu portuguesismo. Com efeito, numerosas vezes ele recorre aos exemplos da História de Portugal, para documentar aspectos da vida europeia – coisa que certamente não ocorreria a um estrangeiro, como Valignano. Curiosamente, muitas dessas figuras da história portuguesa são citadas no texto e omitidas no Índice Onomástico: talvez, por parte dos revisores da Companhia de Jesus, uma instituição internacional, o desejo de não melindrar a sensibilidade de Filipe II, o mais poderoso soberano católico.

Provas desse lusitanismo: o elogio constante de Portugal, dos seus marinheiros, dos seus soldados; da fidelidade dos portugueses aos seus reis e da sua lealdade nas relações com os povos orientais[10]; da sua benignidade para com os escravos, etc. Episódios dos reinados de D. Afonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III e D. Sebastião são aduzidos para documentar afirmações feitas sobre a Europa e os europeus.

Por vezes, é possível entrever certas fontes, como Garcia de Resende ou Damião de Góis, em português, ou os livros, em latim, de D. Jerónimo Osório e de André de Resende. No caso deste último humanista, em prosa e em verso.

Seguindo a ordem da obra em latim, vem, depois das cartas de Alessandro Valignano e de Duarte de Sande, o elenco dos colóquios da obra completa. Na primeira parte da obra figuram os Colóquios I a XVIII, com os acontecimentos da viagem de Nagasáqui, de onde partiram em 20 de Fevereiro de 1582, até Madrid, depois de passarem por Portugal onde chegaram em 10 de Agosto de 1584.

O capítulo XVI, com a descrição de Lisboa, foi traduzido no século dezanove, não sem algumas omissões e imperfeições[11].

Os títulos dos capítulos ou Colóquios são, por vezes, ilusórios e prometem muito menos do que na realidade contêm. Para dar um só exemplo, mencionarei

---

[10] Cf. p. 97: MICHAEL. (...) Illud tantum dicam, Lusitanum nomen... ueluti aliquid sanctum et augustum reuereri.

[11] José de Figueiredo no *Archivo Pittoresco,* Lisboa, V (1862) e VI (1863). A verdade é que no volume V se faz o resumo de todo o livro, por forma tal que colóquios de muitas páginas são abreviados em dois ou três períodos. No volume VI, a tradução do *Colloquium XVI*, sobre Lisboa, é mais uma paráfrase do que uma tradução, em que Figueiredo elimina as personagens e o diálogo e omite tudo quanto lhe não parece relevante, suprimindo trechos inteiros.

o caso do Colóquio XIV: «Sobre os combates navais que costumam travar-se na Europa»..

A pretexto da batalha naval de Lepanto, em que a armada cristã derrotou completamente a armada turca, nas águas do Mediterrâneo, em 7 de Outubro de 1571, vem a talhe de foice a questão dos escravos cristãos libertados depois da batalha. Com efeito, nas galés dos turcos remavam como escravos alguns milhares de cristãos.

Daí segue-se uma discussão sobre o problema da escravatura e a participação dos portugueses nessa actividade.

O interlocutor japonês mostra como a escravatura já era corrente no Japão, antes da chegada dos portugueses, pois no seu país existe o hábito de as famílias pobres venderem os filhos como escravos, quando os não podem sustentar. Aliás, em muitos casos matavam-nos, ao nascer.

Miguel, o interlocutor japonês, nega que sejam os portugueses os culpados desta chaga social, até porque uma decisão do rei de Portugal proibia a aquisição de escravos japoneses. De resto, segundo a opinião de Miguel, para alguns será até benéfico, se conseguirem entrar ao serviço dos portugueses que tratam bem os escravos e os educam cristãmente...

E como este *excursus* inesperado sobre a escravatura, outros, talvez menos candentes, mas igualmente interessantes, como o problema da cor negra da pele e sua hipotética origem, no Colóquio V.

O livro foi escrito para mostrar a Europa aos japoneses e, inversamente, para revelar o Japão aos europeus que do país iam tendo conhecimento pelas cartas dos jesuítas. Esperava-se que a leitura do Dialogus do P.^{e} Sande despertasse novas vocações evangelizadoras e atraísse ao Japão apóstolos em maior número e mais abundante ajuda financeira.

No Colóquio XXXIV, Miguel expõe, com a ajuda dum mappa mundi, um resumo da viagem que fez com os seus três companheiros:

"Do porto de Nagasáqui, que estais a ver, partimos por mar e entrámos primeiro no golfo de Macau que fica no reino da China e vedes rodeado de muitas ilhas. Neste porto, tomámos um navio e percorremos as costas da Cochinchina, Camboja, Cipango, Sião e entrámos nas ilhas Malacenses, que estais a ver, passámos o célebre estreito de Singapura e aportámos a Malaca. Daqui partimos de novo para o mar e atravessámos um longo oceano e chegámos à ilha de Ceilão. Partindo daqui, dobrando o cabo Comorim nas costas da Índia, chegámos a Cochim, onde passámos o Inverno.

Depois do Inverno, partimos para Goa, cabeça da dominação portuguesa na Índia. Voltámos a Cochim e embarcámos num navio português.

Fomos transportados para este vastíssimo mar, atravessámos a linha equinocial, ultrapassámos, em direcção ao Sul, a ponta extrema de Madagáscar ou São Lourenço, contornámos com felicidade este promontório longuíssimo, chamado da Boa Esperança, e viemos repousar algum tempo, como numa estalagem muito

oportuna, nesta ilha de Santa Helena. Depois, atravessámos de novo a linha equinocial, em direcção ao Norte, e vimos a desejada Europa, entrando neste celebérrimo porto de Lisboa, na Lusitânia [Portugal], que é parte da Hispânia.

Daqui, percorremos por terra a Espanha e neste porto de Alicante tomámos um navio para Roma. Partimos de Roma, voltando de novo à Lusitânia. Zarpando do porto de Lisboa, tornámos a atravessar este longuíssimo Oceano, passámos o cabo da Boa Esperança, navegámos entre o continente africano e a ilha de São Lourenço onde fomos arrastados para os baixios de Sofala e estivemos em perigo extremo, como atrás referi. Daqui, aportámos a Moçambique e daí chegámos a Goa. Seguidamente, dando as velas ao mar, pelo mesmo caminho, chegámos a Malaca, depois ao reino da China, e dele alcançámos com felicidade a nossa pátria". (Cf. p. 404-405 do original latino, indicadas, nesta edição bilingue, por parênteses rectos).

Resta-nos dizer alguma coisa do padre Duarte de Sande, autor do livro *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam*.

Duarte de Sande (Guimarães, 4.11.1531 - Macau, 26.6.1600) professou na Companhia de Jesus, na casa de São Roque, em Lisboa, em 1562. Ensinou no Colégio das Artes de Coimbra, então entregue aos jesuítas, a cadeira de Retórica.

Para o Oriente, partiu em 1578: foi reitor do Colégio de Baçaim na Índia, e do Colégio de Macau, na China.

Na Miscelânea manuscrita n.º 993 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, há trabalhos literários da sua autoria, nomeadamente, dois discursos em louvor da Rainha Santa Isabel, um pronunciado em 1572 e outro em 1574. Dou o título deste último: «De laudibus diuae Elisabethae Lusitanorum Reginae Oratio 2ª. habita ab Eduardo de Sande Conimbricae 1574» A data: 28 de Agosto de 1574.

As duas *orationes* vêm respectivamente, a fol. 124 e seguintes, a primeira, e a fol. 161 e seguintes, a segunda.

O livro *De Missione* foi apresentado por Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, s.v. «Duarte de Sande», com o seu longo título em português, como se tivesse sido publicado originariamente na nossa língua. Também Barbosa Machado se referiu a uma tradução espanhola do Doutor Buxeda de Leyva, intitulada *Historia del Japón*, e a uma edição latina do *De Missione*, publicada em Antuérpia, em 1593.

Ora, no primeiro caso a informação é falsa; no segundo, é exagerada, pois se trata dum resumo; no terceiro caso, é provavelmente incorrecta, pois nada se sabe de tal edição.

A questão do original português encontra-se explanada no Dicionário Bibliográfico de Inocêncio Francisco da Silva, nos volumes II, VIII e IX.

***

No «Simpósio Internacional comemorativo da fundação do Colégio Universitário de S. Paulo», realizado em Macau, de 28 de Novembro a 1 de Dezembro de 1994,

apresentei uma comunicação[12] em que demonstrei que o autor do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam* é o padre Duarte de Sande, S.I. Além de mencionar as cartas iniciais e as licenças de impressão, testemunhos concordes na autoria do P.^{e} Sande, e de analisar várias provas do «lusitanismo» do livro, refutei a argumentação do P.^{e} Henri Bernard, S.I., no seu artigo «Valignani ou Valignano, l'auteur véritable de la première ambassade japonaise en Europe (1582-1590)», Monumenta Nipponica I, Tóquio, 1938, p. 86-93.

***

Antes de terminar, gostaria de agradecer ao Prof. Norio Kinshichi que me proporcionou a fotocópia da edição fac-similada do *De Missione*, feita em 1935, por Otsuka Kogeisha Co., de Tóquio, a partir dum exemplar na posse do Dr. S. Koda. Foi sobre este texto, e sobre fotocópias de exemplares existentes na Biblioteca Municipal do Porto e na Biblioteca Nacional de Lisboa, que a tradução portuguesa se tornou possível.

A tradução portuguesa aqui incluída foi publicada num volume editado pela Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e pela Fundação Oriente em Macau no ano de 1997. Encontra-se esgotada. Sai agora de novo, revista e emendada, e integrada na presente edição bilingue dos Portugaliae Monumenta Neolatina, publicados pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Américo da Costa Ramalho

[12] Publicada na versão definitiva, com o título de «O Pe. Duarte de Sande, S.J., verdadeiro autor do "*De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam... Dialogus*" em *Humanitas,* vol. XLVII, tomo II, Coimbra, 1995, p.777-789.

ESTABELECIMENTO DO TEXTO LATINO[13]

Não havendo notícia da existência comprovada de outra edição do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam ... Dialogus*, além da saída a lume em 1590 na Casa da Companhia de Jesus, no porto de Macau[14], é desta que partimos para o estabelecimento crítico do texto latino nesta nova publicação, que é ao mesmo tempo a sua primeira edição bilingue, porquanto se apresenta acompanhada da primeira versão portuguesa, saída também em Macau em 1997 e agora revista e emendada pelo mesmo tradutor Américo da Costa Ramalho.

Para o efeito, foram confrontados os exemplares da Biblioteca Pública Municipal do Porto (cota Y´-1-79), da Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 417 P, Res. 418 P e Res. 6377 P), e também o da Biblioteca Pública de Évora (Res. 364)[15].

O texto de 1590 consta de 444 páginas, sendo as primeiras oito inumeradas e ocupadas pela folha de rosto, pela aprovação ordinário-inquisitorial, por duas cartas dedicatórias e um índice dos títulos dos 34 colóquios em que o livro se divide e a matéria se organiza. Esta preenche as 412 páginas centrais, todas numeradas, embora com erro de sequência entre as páginas 259 e 268 (mas correctamente retomada a partir da página 269), seguidas de outras vinte e quatro não numeradas

---

[13] Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projecto de Investigação da UI&D-Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

[14] Feitas pesquisas em várias bibliotecas europeias, através dos meios actualmente ao dispor, não foi encontrado nenhum exemplar, nem sequer notícia, de uma suposta 2ª edição do *De missione*, já atrás referida, publicada em Antuérpia em 1593 por Martinus Nutius, segundo informação de Barbosa Machado. E apesar das consultas realizadas na biblioteca do Museu Plantin, na Biblioteca Municipal, e ainda na Ruusbroec-Genootschap dos Jesuítas, naquela cidade, não foi possível encontrar qualquer vestígio de tal edição. Tudo leva, pois, a crer que se trata de uma informação errada do autor da *Biblioteca Lusitana*, como já havia concluído o Prof. Américo da Costa Ramalho. Devemos boa parte destas preciosas informações à Drª Lina Cortesão, professora e investigadora radicada desde há muito em Antuérpia.

[15] A existência de um exemplar na Torre do Tombo anunciada por António Joaquim Anselmo em *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926, p. 204, não foi confirmada, apesar das persistentes buscas aí realizadas, mas deve corresponder ao existente actualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa com a cota Res. 6377 P, acima citado, que é de facto proveniente dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo.

que incluem um índice das coisas notáveis contidas nos colóquios e uma errata ou corrigenda final.

O trabalho de fixação do texto latino consistiu, em primeiro lugar, em integrar nele, naturalmente, as emendas enunciadas na referida corrigenda, que inclui quatro aditamentos e quarenta correcções propriamente ditas. Além disso, foram também emendados outros sessenta e três erros que foi possível detectar ao longo do exame do mesmo texto latino e que na sua maioria não passam de defeitos de carácter puramente tipográfico.

Indispensável intervenção foi a que respeita à pontuação. De facto, Duarte de Sande, como acontece em grande parte dos autores de séculos passados tanto em latim como em línguas vernáculas, usa um sistema e uma densidade de sinais de pontuação que não correspondem à prática moderna. Assim, verificamos que no *De Missione* os dois pontos exercem muito frequentemente a função actual do ponto, do ponto e vírgula (quase inexistente em todo o texto), ou mesmo da simples vírgula. Por outro lado, é sistemática a presença da vírgula antes de conjunções aditivas, designadamente de *et* e *atque* e equivalentes, e antes de orações adjectivas restritivas, sem que o rigor das regras sintácticas modernas o justifique, embora saibamos que muita desta pontuação tem um valor mais retórico do que sintáctico, que ainda hoje por vezes se pratica. Por isso, interviemos na redução e actualização deste tipo de sinais, com ponderada adaptação, tendo em vista a melhor compreensão da obra.

No mesmo sentido, e uma vez que o corpo do texto deste extenso *Dialogus* se apresenta sem um único parágrafo em todas as suas 412 páginas de uma mancha tipográfica compacta, nem sequer a separar a fala de cada um dos seus quatro interlocutores, procedemos à necessária abertura de parágrafos não apenas nestes casos, mas sempre que a clareza da sua leitura o impunha e de harmonia com igual critério seguido na tradução portuguesa.

No âmbito da ortografia propriamente dita, Duarte de Sande apresenta um sistema com alguma estabilidade, se confrontado com outros humanistas anteriores ou contemporâneos; mas, mesmo assim, ainda mantém vários dos erros, confusões e incoerências próprios dessa época, nos quais se tornou necessário intervir, contemplando os seguintes casos concretos:

a) Correcção das formas divergentes e erradas de *auctor* e suas cognatas, como *autor* e *authoritas,* que alternam entre si, bem como na confusão de *conditio* com *condicio* e de *diuersari*, *diuersorium e diuerticulum* com *deuersari, deuersorium* e *deuerticulum*, de étimos e significados diferentes.

b) Normalização, em matéria de vocalismo, dos ditongos *ae* e *oe* e da vogal longa *e* confundidos entre si, designadamente em certos vocábulos e seus cognatos como *praelium* por *proelium*; *coenum, poenitentia, trophoeum*, em vez de *caenum, paenitentia, trophaeum*; *haeres*, *haereditarius* e *fraenare*, por *heres*, *hereditarius* e *frenare*; *ceremonia, pene, seculum* e *scena*, por *caeremonia, saeculum, paene* e *scaena*; *coenatio* e *foemina*, em vez de *cenatio* e *femina*; e *obedientia* por *oboedientia*. E igual correcção de *e* para *i* na palavra *uendex* e derivados (*uendicare*, etc), em

vez de *uindex* etc; bem como no uso errado de *y* em vez de *i*, designadamente em *hybernus, hyems, lacryma, Tybur, tyro*, por *hibernus, hiems, lacrima, Tibur, tiro*.

c) Normalização no melhor uso da aspirada *h* em palavras como *coclea, letum, sepulcrum, tus e umerus*, em vez de *cochlea, lethum, sepulchrum, thus e humerus*; e, ao contrário, em *sulphur* em vez de *sulfur*, e seus cognatos.

d) Correcção do dígrafo *-ci-* seguido de vogal, em vez de *-ti-*, em palavras como *concio*, *nuncio e inficior*, por *contio*, *nuntio* e *infitior,* e seus derivados; e preferência do sufixo *-icius*, em vez de *-itius,* em palavras como *commendaticius, dediticius, nouicius, patricius*.

e) Em matéria de assimilação de consoantes, em que o autor revela profunda instabilidade entre formas assimiladas e não assimiladas, procedemos à correcção das grafias tidas por incorrectas, ou à uniformização optando pelas consideradas preferíveis. Assim, optámos por *utrimque*, em vez de *utrinque*; *namque, quamuis* e *solemnis*, em vez de *nanquam, quanuis* e *solennis*. E o mesmo se verifica no prefixo *circum-* e no sufixo *-cumque*, em compostos do tipo *circumstare* e *quicumque*, em vez de *circunstare* e *quicunque*, respectivamente.

f) Normalização do uso de consoantes geminadas, designadamente em *baca*, *gutus, litus* e respectivos derivados, em vez de *bacca, guttus* e *littus*; e em *comminus, immo, littera, quattuor, repperisse, sollicitus* e suas cognatas, em vez da respectiva consoante radical simples.

g) Uniformização pela forma aglutinada, considerada mais correcta, de palavras compostas, como *adhuc, admodum, aquaeductus, dummodo, enimuero, etsi, ipsemet, nobismet, istiusmodi, nonnullus* (etc), *nonnunquam, nondum, postmodum, quandoquidem, quapropter, quousque, quomodo, quisnam* (etc), *quoad, sese, circumcirca*, bem como nas apoclíticas *-ne* e *-ue*, em vez das respectivas formas separadas, que não raro aparecem no texto de Duarte de Sande; e, ao contrário, uniformização pela grafia separada em expressões como *id est, in dies* e *in primis*, em vez de *idest, indies,* e *inprimis*.

h) Uniformização do uso de maiúsculas iniciais, designadamente nas formas hieronímicas *Summus Pontifex*, *Maximus Pontifex, Supremus Pontifex* e outras equivalentes, bem como na expressão *Respublica Christiana*, em que Duarte de Sande mostra irregularidade de tratamento; e, pelo contrário, manutenção de minúscula em palavras designativas de funções, como *uisitator*, *praepositus* e *generalis*, em que o autor manifesta alguma hesitação.

Enfim, no aparato crítico, figuram apenas as variantes formológicas e lexicais, com exclusão das que, no seu contexto, representam claramente apenas variação meramente gráfica, do tipo, por exemplo, *auctor, author, autor*.

Para efeitos do mesmo aparato, a sigla *ed. 1590* aí adoptada identifica o texto da edição de Macau de 1590 do *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam [...] Dialogus*.

Sebastião Tavares de Pinho

TEXTO E TRADUÇÃO

TOMO I
(COLÓQUIOS I-XVIII)

DIÁLOGO
SOBRE A MISSÃO
DOS EMBAIXADORES JAPONESES
À CÚRIA ROMANA

E as coisas que eles observaram na Europa

COLIGIDO DO DIÁRIO
DOS PRÓPRIOS EMBAIXADORES
E VERTIDO PARA LATIM

Por Duarte de Sande, sacerdote da Companhia de Jesus

Porto de Macau do reino da China, na casa da Companhia de Jesus
Com autorização do Ordinário e dos Superiores

No ano de 1590

DE MISSIONE LEGATORVM IAPONENSIVM AD ROMANAM CVRIAM

Rebusque in Europa ac toto itinere animaduersis

DIALOGVS

EX EPHEMERIDE IPSORVM LEGATORVM COLLECTVS
ET IN SERMONEM LATINVM VERSVS
Ab Eduardo de Sande Sacerdote Societatis
I E S V

In Macaënsi portu Sinici regni in domo Societatis Iesu
Cum facultate Ordinarii et Superiorum

Anno 1590

[A 1v] Eu, D. Leonardo de Sá, bispo da China e do Japão, e na mesma diocese inquisidor apostólico, confio ao reverendo padre Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus, e a outros por ele a designar, o exame do livro composto pelo padre Duarte de Sande, da mesma Companhia, sobre a embaixada dos legados japoneses à Cúria Romana e as coisas que eles observaram na Europa e em toda a viagem: e concedo-lhe o poder de mandá-lo imprimir, precedendo a aprovação dos mesmos padres por eles subscrita. Dado na cidade de Macau, a cinco de Setembro do ano de 1589.

Bispo Leonardo

Eu, Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus na província do Oriente, com os padres Diogo Antunes e Nicolau de Ávila da mesma Companhia, por comissão do reverendíssimo D. Leonardo de Sá, bispo da China, &c., li e examinei o livro sobre a embaixada dos legados japoneses e as coisas que eles observaram na Europa e em toda a viagem, composto pelo padre Duarte de Sande, igualmente da nossa Companhia, e nada nele encontrámos que se opusesse à religião e aos bons costumes. Pelo contrário, julgámo-lo muito útil e necessário à igreja japonesa, e para o comprovar subscrevemos. A 4 de Outubro do ano de 1589.

Alexandre Valignano

Diogo Antunes Nicolau de Ávila

[A 1v] Ego D. Leonardus de Saa Episcopus Sinensis et Iaponensis, et in eadem dioecesi apostolicus inquisitor, committo reuerendo Patri Alexandro Valignano uisitatori Societatis Iesu, et aliis ab ipso designandis examen libri compositi a patre Eduardo de Sande eiusdem Societatis De missione legatorum Iaponensium ad Romanam curiam, rebusque in Europa ac toto itinere animaduersis, et concedo facultatem ut, post ipsorum patrum approbationem ab iisdem subscriptam, typis mandari possit. Dat. in Vrbe Macaënsi Nonis Septembris anni 1589.

Episcopus Leonardus

Ego Alexander Valignanus uisitator Societatis IESV in prouincia Orientali cum patribus Iacobo Antunez, et Nicolao de Auila eiusdem Societatis, ex commissione reuerendissimi D. Leonardi de Saa Episcopi Sinensis etc, perlegi et examinaui librum De missione legatorum Iaponensium, rebusque in Europa ac toto itinere animaduersis, compositum a patre Eduardo de Sande nostrae item Societatis, nihilque inuenimus quod Christianae religioni bonisque moribus aduersaretur, immo ualde utilem ac necessarium Iaponensi ecclesiae iudicauimus, et ad id testificandum subscripsimus. Quarto Nonas Octobris Anni 1589.

Alexander Valignanus

Iacobus Antunez — Nicolaus de Auila

[A 2] Alexandre Valignano, da Companhia de Jesus, aos alunos dos seminários japoneses, Saudações!

Eis que, excelentes jovens, este *Diálogo da Missão dos Embaixadores Japoneses e das coisas por eles vistas no caminho*, que agora conhece a luz da publicidade, é já o terceiro testemunho do meu amor por vós. Com efeito, no princípio, esforcei-me quanto pude por que as vossas almas fossem confirmadas na fé cristã pelo conhecimento das bases da nossa religião, graças à composição dum livro de catequese que foi depois impresso em latim, na Europa. E as minhas esperanças não se goraram, uma vez que vós sois a prova, tão brilhante e presente, de terdes abraçado com todo o peito a nossa fé.

Estabelecido este fundamento, fiz um esforço mais, para que se imprimisse um livro por meio do qual fôsseis impregnados da doutrina, ilustrada com preceitos e confirmada com exemplos, das virtudes que concernem os costumes. E isto, estou convencido de que o alcancei com o livro aqui impresso, *Acerca da Honesta Educação das Crianças* da autoria de João Bonifácio, padre da Companhia de Jesus[1].

Restava que um livro vos ensinasse sobre as coisas acerca da Europa, tão relacionadas com a piedade cristã e em grande parte provenientes da mesma fonte de que ela provém.

Esse livro, pois, veio agora felizmente à luz, cujos factos foram todos diligentemente anotados pelos embaixadores da vossa pátria, enviados à Cúria Romana, e por mim confiados com o maior empenho ao padre Duarte de Sande, da nossa Companhia, que agora vive na China e outrora se dedicou aos estudos de Humanidades e sempre teve o maior interesse pelas vossas coisas, para que ele, coligindo as informações dos próprios legados, as ordenasse e passasse para latim, compondo-as, para maior clareza, num diálogo entre os embaixadores, companheiros e parentes uns dos outros, que fosse de proveito vosso.

Portanto, persuadi-vos de que não é um estrangeiro que ides ouvir mas os vossos próprios naturais que, não podendo falar com toda a gente e informá-la das coisas da Europa, por meio deste diálogo comunicam graciosamente a toda a nação japonesa quanto aprenderam em toda esta viagem.

[A 2] Alexander Valignanus Societatis Iesu alumnis seminariorum Iaponensium S. D.

Tertium ecce uobis adolescentes optimi, mei amoris erga uos testimonium, dialogus hic *De Iaponensium legatorum missione, rebusque in itinere animaduersis* in lucem editur. Primo namque, quantum potui, curaui ut catechesi composita, et postea in Europa latino sermone excusa, uestri animi cognitis religionis nostrae firmamentis in fide Christiana corroborarentur nec spes me fefellit, cum hactenus tam praeclarum eius toto pectore amplectendae specimen praebueritis.

Post iactum hoc fundamentum contendi ulterius, ut liber aliquis excuderetur quo uirturum earum, quae ad mores pertinent, doctrina praeceptis illustrata et exemplis confirmata imbueremini. Idque libro *De honesta puerorum institutione* a Ioanne Bonifacio presbytero Societatis Iesu composito, et[1] hic excuso, me assequutum esse mihi persuadeo.

Supererat ut de Europaeis rebus tantopere cum Christiana pietate coniunctis et magna ex parte ab ipsius fonte haustis liber uos aliquis edoceret.

Hic ergo feliciter in lucem prodit, cuius res omnes a uestrae patriae legatis ad Romanam curiam missis diligenter sunt notatae, et Eduardo de Sande nostrae Societatis sacerdoti in Sinico regno nunc degenti, olim studiis humanitatis dedito, semper uestrarum rerum studioso summopere a me commendatae, ut eas ex ipsorum legatorum scriptis collectas et dispositas Latinis litteris traderet, et causa perspicuitatis dialogum inter[2] legatos, socios et consanguineos habitum ad uestram utilitatem componeret.

Vos igitur nequaquam peregrinum hominen, sed uestros ipsos indigenas 1oquentes audire uobis persuadete, qui quoniam cum omnibus colloqui non poterant, et eos

---

[1] composito, et *add. Errata ed. 1590*

[2] inter] in ter *ed. 1590*

Por mim, peço-vos que não desprezeis este presente que nem é leviano nem ridículo, mas cheio de utilidade e de proveito, e recebei-o de espírito grato, reconhecei nele o coração fraterno, e a Deus, que de todas as coisas é o cultivador, entregai com grande rendimento os esperados frutos destas sementes.

de Europaeis rebus admonere, dialogo hoc cum tota natione Iaponensi, quaecumque toto hoc itinere acceperunt, libenter communicant.

Quod uero ad me attinet, munera haec non leuia aut ludicra, immo ualde utilia, ac frugifera, ne, quaeso, spernite, sed gratis animis excipite, paterna uiscera agnoscite, et speratos ex his seminibus fructus magno cum cumulo omnium cultori Deo reddite.

[A 2v] Ao muito venerando em Cristo, padre Claudio Acquaviva, geral da Companhia de Jesus, Duarte de Sande saúda.

Sabemos, muito reverendo pai em Cristo, que a embaixada famosa do Japão foi planeada, não sem grandes esperanças de colher frutos cada vez maiores, de dia para dia, do campo japonês. Foi ela celebrada, como ouvimos dizer, com o grande aplauso e congratulações, quer dos Sumos Pontífices Gregório XIII e Sisto V (a quem Deus guarde), quer dos restantes príncipes da Cristandade. E para não mencionar, por brevidade, outros proveitos neste lugar, há um (e não pequeno) que podia esperar-se, a saber, que estes adolescentes nobremente educados, e em nada privados de inteligência, além disso interessadíssimos pelas nossas coisas, levando à Europa e à Romana Cúria os principais frutos da messe japonesa, trouxessem de volta à pátria e comunicassem aos homens da sua raça, uma noção das coisas da Europa e da Cristandade que não era então suficientemente explícita no Japão, e a desenvolvessem com esta longa viagem e a confirmassem pela experiência.

Quem é aquele que minimamente versado nas coisas japonesas, não compreende como tem sido difícil até hoje aos padres da Companhia inculcar nos espíritos dos japoneses pelo assíduo convívio, quanta é a majestade do Sumo Pontífice, qual é a autoridade dos cardeais e dos outros prelados, que poder e grandeza possuem os reis cristãos, o que distingue a jurisdição sagrada da profana e a submissão desta àquela, que é maior, qual a finalidade de ambas e por que meios, o que é a administração dos reinos e repúblicas, justa e consentânea com a luz da natureza, como a religião se propagou ao longe e ao largo pelas várias regiões da terra, quanto diferem, em cultura e modo de vida os religiosos daqueles que seguem as coisas profanas e caducas, como é grande a multidão dos homens e mulheres que na comunidade cristã, desprezando os prazeres [A 3] da vida, com os olhos nos bens eternos, segue a curta via para o céu, a dos conselhos evangélicos? Qual a causa por que os mesmos religiosos, enfrentando perigos gravíssimos, percorrem tantas terras, atravessam tantos mares, anunciando com empenho e entusiasmo a variadas gentes e povos o nome de Cristo que eles ignoram?

[A 2v] Venerando admodum in Christo
Patri Claudio Aquauiuae, praeposito generali Societatis Iesu,
Eduardus de Sande S. D.

Non sine magna spe fructus in dies uberiores ex Iaponensi agro colligendi, reuerende admodum in Christo pater, scimus institutam esse ex Iaponia legationem illam quae, ut accepimus, tum Summorum Pontificum Gregorii XIII et Xisti V (quem Deus seruet incolumem) cum ceterorum Christianorum principum applausu et gratulatione tantopere fuit celebrata. Atque ut alias utilitates hoc loco prudens omittam, illa non exigua sperari poterat ut adolescentes hi ingenue educati, intelligentia nequaquam hebeti, nostrarum denique rerum in primis studiosi, primos Iaponensis noualis fetus in Europam et in Romanam curiam inferentes, Europaearum, et Christianarum rerum non satis adhuc in Iaponia explicatam notionem longo hoc itinere auctam, et usu comprobatam, cum suae nationis hominibus communicandam in patriam reportarent.

Quotus enim quisque est in Iaponicis rebus, uel mediocriter uersatus? qui non intelligat, quam difficile hactenus fuerit patribus nostrae Societatis assidua consuetudine Iaponensium animis inculcare quanta sit Summi Pontificis maiestas, qualis cardinalium aliorumque praesulum auctoritas, quae Christianorum regum potestas et amplitudo, quo discrimine sacra iurisdictio a profana secernatur, et haec illi tamquam maiori subsit, ad quem finem utraque, quibusue mediis tendat quae sit regnorum et rerumpublicarum iusta et cum lumine naturae congruens administratio, quam longe lateque per uarias orbis terrarum prouincias Christiana religio sit propagata, quantopere differant cultu et disciplina religiosi homines ab his qui profanas et caducas res sectantur, quanta uirorum ac mulierum multitudo sit in Christiana Republica, quae spretis uitae [A 3] uoluptatibus sempiterna bona intuens, Euangelicorum consiliorum compendiariam in caelum sibi uiam munit? Quae sit causa, quare iidem religiosi uiri grauissima pericula adeuntes, tam multas terras obeant totque maria transmittant, Christi nomen uariis gentibus nationibusque ignotum auide atque alacriter nuntiantes?

Todas estas coisas e outras semelhantes que os nossos padres transmitiam aos japoneses não podiam eles alcançar que os japoneses as guardassem firmemente no espírito, nem que eles arrancassem de vez as falsas opiniões concebidas a respeito das coisas próprias e das nossas, as primeiras transmitidas pelos seus antepassados, as segundas inferidas de qualquer rumor injustificado.

Daí resulta que entre as vantagens não medianas desta embaixada os nossos padres sempre contaram a notícia plena das nossas coisas que estes nobres adolescentes deviam trazer para a sua pátria, e transmitir ao seu povo, e os aconselharam persistentemente a que não deixassem passar nada que nesta tão longa viagem tivessem observado, notado e escrito. Eles (dado o seu natural de escol e a obediência aos padres) anotaram diligentemente nos seus cadernos tudo quanto lhes pareceu notável e digno de memoria, e não revelando no rosto qualquer admiração, como é costume dos japoneses, todavia guardavam bem fundo nos sentidos e na alma quanto lhes despertou maior admiração.

Entretanto, para que este trabalho deles se não perdesse, e passados poucos anos se não delisse a memória quer desta viagem quer da observação de tantas coisas, mas pelo contrário, comunicando-as a toda a nação japonesa, esta útil recordação se conservasse no espírito das crianças desde a infância, com o seu primeiro colorido, decidiu o reverendo padre Alexandre Valignano, visitador de toda esta região oriental, que tudo o que estes jovens adolescentes tinham escrito a correr, fosse muito em breve ordenado e redigido em língua latina, para que os japoneses, estudiosos do latim, pudessem manusear assiduamente o livro composto sobre a embaixada. Este livro, traduzido posteriormente para japonês, podia ser lido com interesse pelos que não sabiam latim, e os dois livros, quer o latino, quer o japonês, uma vez impressos, seriam como um perpétuo tesouro e um agradável prontuário de coisas tão necessárias e úteis.

Começando eu, pois, a elaboração desta obra, pareceu bem ao mesmo padre que revestisse a forma, não de uma história seguida que poderia causar algum fastio, mas dum diálogo, e que fossem apresentados dialogando Mâncio e Miguel, embaixadores, Martim e Julião, [A 3v] seus companheiros, e ainda Leão e Lino. Leão, irmão do rei de Arima, Lino, irmão do príncipe de Omura, ambos primos direitos do embaixador Miguel. Na verdade, Leão, Lino e Miguel são filhos de três irmãos.

Ora destes, Leão e Lino, que não saíram do Japão e são portanto ainda ignorantes das nossas coisas, interrogam os outros que obtiveram o conhecimento de tantas delas. E eles esclarecem-nos abundantemente.

Há, todavia, um pormenor que poderá, talvez, chocar o leitor, isto é, a explicação das coisas, feita com tanta miudeza e particular, mas que ele se lembre de que este livro foi composto, segundo as indicações do reverendo padre visitador, não tanto para benefício dos europeus que conhecem bem as suas coisas, como para proveito dos japoneses inexperientes ainda e ignorantes das nossas. Sob a orientação do nosso reverendo padre, assumi, pois, o encargo de verter para latim as excelentes anotações dos nobres adolescentes, depois de devidamente ordenadas, sem me esquecer de

Haec namque omnia et similia cum Christiana lege patres Iaponensibus tradentes, uix assequi poterant, ut ea animis penitus imprimerent, falsasque opiniones, de propriis ac nostris rebus conceptas, illas quidem a maioribus traditas, has uero inani quodam rumore collectas, omnino euellerent.

Quo fit ut inter non mediocres huius legationis utilitates, plenam nostrarum rerum notitiam ab his ingenuis adolescentibus in patriam referendam, suaeque nationis hominibus impertiendam, nostri patres semper numerauerint, eosque diligenter admonuerint, ut nihil in hac tam longa peregrinatione non animaduersum, notatum, litterisque traditum praetermitterent. Illi (quae est eorum egregia natura, et erga Patres oboedientia) quaecumque illustria, et memoria digna uisa sunt, strenue in aduersaria sua retulerunt, nullamque admirationis speciem, iuxta Iaponensium morem, prae se ferentes, illa tamen omnia tamquam admiratione dignissima sensibus, atque animis penitus infixerunt.

Ne tamen facile hic eorum labor deperiret, et post paucos annos, tum huius itineris, tum etiam tam multarum rerum animaduersionis memoria deleretur, sed potius rebus his cum tota Iaponensi natione communicatis, puerisque ab ineunte aetate earum notitia quasi primo colore tinctis et imbutis, utilis haec recordatio conseruaretur, statuit reuerendus Pater Alexander Valignanus totius Orientalis regionis uisitator, ut haec omnia, a nobilibus his adolescentibus cursim mandata litteris, maturius disposita latino sermone conscriberentur, ut Iaponenses latinae linguae studiosi librum de hac legatione compositum assidue uolutarent, qui postea in Iaponicum idioma uersus a Latinae linguae imperitis studiose legeretur, et uterque tam Latinus, quam Iaponicus typis excusus rerum tam necessariarum atque utilium esset, ueluti quidam perpetuus thesaurus, iucundumque promptuarium.

Cum ergo opus hoc conficiendum susciperetur, placuit eidem patri ut non continuatae historiae, quae fastidium aliquod gignere posset, sed dialogi formam obtineret, loquentesque introducerentur Mancius et Michaël legati, Martinus et Iulianus [A 3v] socii, praeterea Leo et Linus: Leo quidem Arimensis regis frater, Linus uero Omurensis principis germanus, et uterque Michaëlis legati frater patruelis, tres namque fratres Leonem, Linum et Michaëlem genuerunt.

Ex his ergo Leo, et Linus tamquam e Iaponia non egressi, et nostrarum rerum adhuc ignari, ceteros tam multarum rerum cognitionem assecutos de multis interrogant. Illi uero copiose satis faciunt.

Vnum est tamen, quod lectorem fortasse possit offendere, tam minute uidelicet et particulatim proposita rerum explicatio, sed meminerit librum hunc non tam gratia Europaeorum, qui in rebus tam praeclare sunt uersati, quam Iaponensium tironum adhuc et nostrarum rerum rudium, ex reuerendi patris uisitatoris praescripto esse compositum. Res igitur ab adolescentibus his ingenuis optime notatas et postea in ordinem digestas, in linguam Latinam uertendas, eodem reuerendo patre praecipiente, suscepi, non immemor quam multi anni intercesserint, cum humaniorum litterarum

quantos anos tinham passado, desde que, abandonando o estudo das letras humanas, me dediquei a mais severas Musas, presentemente ao bom conhecimento das letras chinesas, no cumprimento estrito do instituto da santa obediência.

Mas tal é a força da mesma obediência que ela pôde facilmente introduzir-me na escola de outrora e restituir-me à boa graça das letras humanas. Graça que, todavia, diz o outro, se for achada descosida e a nossa conversa parecer soar mais a chinês que a latim, pouco se me dará de alcançar a reputação mais de obediente que de eloquente.

Portanto este trabalho, por modesto que seja, útil aos japoneses e não de todo desagradável aos europeus, ofereço-o gostosamente e entrego a Deus, alvo principal de todos os meus esforços, depois à tua Paternidade e ao padre visitador, os quais eu reconheço no lugar de Deus, e tenho esperança de não vir um dia a acontecer que eu dele me arrependa, quando o campo japonês, graças aos ensinamentos deste livro, por uma como que oportuna irrigação, produzir frutos dia a dia mais agradáveis à República Cristã, com a maior alegria de toda a gente.

omisso studio seueriores musas coepi colere, nunc ad Sinicas litteras perdiscendas, sanctae oboedientiae instituto totus intentus.

Sed eiusdem oboedientiae ea est uis, ut facile potuerit antiquo me includere ludo et cum humanioribus litteris in gratiam restituere. Quae tamen gratia si (ut ille ait) male sarta reperietur, et sermo noster Sinicum potius, quam Latinum uidebitur sonare, facile patiar, me oboedientis potius, quam eloquentis nomen assequi.

Hunc igitur laborem, qualisqualis ille sit, Iaponensibus quidem utilem, Europaeis non omnino ingratum, Deo in primis omnium contentionum mearum scopo, deinde Paternitati tuae et patri uisitatori, quos ego Dei loco recognosco, libens offero et committo, speroque fore ut aliquando eius me non paeniteat, Iaponensi agro huius libri doctrina, quasi quadam opportuna irrigatione iucundiores fructus in dies Christianae Reipublicae cum summa iucunditate omnium ferente.

[A 4] ÍNDICE DOS COLÓQUIOS DESTE DIÁLOGO

[A 4] INDEX COLLOQVIORVM DIALOGI HVIVS

Colóquio XVII. Apresentam-se ainda os actos que decorreram em Lisboa e a seguir em Évora e Vila Viçosa. Os viajantes chegam ao reino de Castela, a Toledo e a Mântua dos Carpetanos ou Madrid.

Colóquio XVIII. Sobre o poderio de Filipe, rei de Espanha, e o solene juramento com que os magnates do reino juraram lealdade ao seu filho, como sucessor, [A 4v] e da visita que os embaixadores fizeram a ambos.

Colóquio XIX. Sobre as obras variadas edificadas pelo rei Filipe, principalmente a do Escurial, e a chegada à cidade de Álone, ou Alicante.

Colóquio XX. Sobre a navegação de Espanha para Itália, e a visita ao grão-duque de Toscana, e as coisas que viram em Pisa e Florença.

Colóquio XXI. Trata-se da amenidade e delícias da residência de Pratolino, pertencente ao duque de Toscana, e das coisas que os embaixadores observaram em Sena, Viterbo e restante extensão do percurso até Roma.

Colóquio XXII. A concorrida chegada à cidade de Roma e a visita ao Sumo Pontífice Gregório XIII: o Palácio Santo e a Augustíssima Igreja de São Pedro.

Colóquio XXIII. Prossegue-se com quanto foi observado nas solenes cerimónias do Sumo Pontífice e noutros lugares.

Colóquio XXIV. Sobre o que ainda em Roma se passou até o falecimento do Sumo Pontífice Gregório XIII.

Colóquio XXV. Como se prestam as derradeiras homenagens ao Sumo Pontífice e qual o processo de escolha do sucessor. Com que universal aplauso Sisto V foi proclamado Sumo Pontífice.

Colóquio XXVI. Da cavalgada que acompanhou o Sumo Pontífice à basílica de São João de Latrão. Como foram os embaixadores honrados com as insígnias de cavaleiros e partiram da cidade. Sobre a nobilíssima cidade de Nápoles e o templo de Nossa Senhora do Loreto.

Colóquio XXVII. Da passagem por outras cidades, principalmente, Ancona, Bolonha, Ferrara, Veneza, e das coisas que aí se observaram.

Colóquio XXVIII. Expõem-se as coisas notáveis vistas em Veneza, e as honras de que o famoso e poderosíssimo Senado veneziano rodeou os embaixadores japoneses.

Colóquio XXIX. Trata-se ainda de Veneza e da chegada a outras cidades, principalmente, Pádua, Verona, Mântua, Cremona, Milão, e com que festejos nelas foram os embaixadores recebidos.

Colóquio XXX. Ainda o que eles observaram em Milão e Pavia. A sua chegada a Génova e a navegação daí para Espanha.

Colóquio XXXI. A respeito da cidade de Coimbra, e do célebre Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus. Da generosidade com que, por ordem do rei Filipe, foram tratados em Lisboa, em vista da viagem marítima para a índia. E das causas da riqueza da Europa.

Colóquio XXXII. Da navegação de Portugal para a Índia e da Índia para o reino da China.

[1] COLÓQUIO PRIMEIRO
Sobre as causas da embaixada japonesa.

LEÃO — Não é fácil para mim explicar por palavras, caríssimo irmão Miguel, quanta foi a alegria que se apoderou de nossas almas, quando te vimos, a ti, Mâncio, Martim e Julião entrarem nesta fortaleza de Arima, com tão grande aplauso e alegria geral.

MIGUEL — Estou bem informado, gentilíssimo Leão, sem que para isso necessite do teu testemunho, com que alegria tu e Lino, meu querido irmão, acolhestes o nosso regresso à pátria, como o pediam a tão próxima comunhão de sangue e a amizade antiga, principalmente quando nós sentimos uma tão grande satisfação, ao observar que estáveis bem de saúde e mais amadurecidos, e vos retribuímos com os nossos agradecimentos o tão grande júbilo que exprimíeis.

LINO — Além da causa de alegria que Leão referiu, acresce uma outra, a nossa profunda curiosidade em ouvir de vós as muitas e variadas peripécias de tão longa viagem.

MÂNCIO — Ora aí está uma causa que muito me agrada, que qualquer bom julgador acredite que foram bem empregues os oito anos e meio que gastámos nesta viagem marítima, para alcançar o conhecimento de tantas coisas!

LINO — Meu Deus! Passaram então oito anos e meio desde a vossa partida daqui?

MÂNCIO — Tantos são, se exceptuarmos alguns dias, poucos. Com efeito, a dez [2] das Calendas de Março[2] do ano da Salvação de 1582, levantámos ferro de Nagasáqui. E no mês de Julho, deste ano de 1590, ancorámos neste porto.

LINO — Tão longo, na verdade, foi esse intervalo de tempo que é crível teremse desvanecido da vossa memória, pelo esquecimento, ao menos os acontecimentos iniciais da vossa viagem marítima. E não tenho dúvida de que serão da mesma opinião Martim e Julião, se os interrogar.

MARTIM — É crível, de facto, se considerarmos a duração do tempo que costuma sepultar no esquecimento os sucessos pretéritos, mas a grandeza dos acontecimentos foi tal que eles ficaram impressos na nossa memória como se fossem recentes e aí continuam gravados.

[1] De causis Iaponensis legationis.
COLLOQVIVM PRIMVM.

LEO — Non possum facile uerbis explicare, carissime frater Michaël, quanta fuerit animorum nostrorum laetitia, cum te, Mancium, Martinum et Iulianum tanto omnium applausu et alacritate Arimensem hanc arcem ingredientes aspeximus.

MICHAEL — Satis mihi compertum est, iucundissime Leo, nulla tua ad id requisita testificatione, quo gaudio nostrum in patriam reditum tu Linusque, amantissimus frater, acceperitis, cum id et tam propinqua sanguinis communio et antiquus amor postularet, praesertim nobis etiam ualetudine uestra prospera et aetatis maturitate conspecta, summopere gaudentibus, et mutuam uobis pro tanta iucunditate gratiam referentibus.

LINVS — Vltra laetitiae causam a Leone assignatam, illa etiam accedit, quod uehementi quadam auiditate teneremur, ea ex uobis cognoscendi, quae in tam longo itinere uaria et multiplicia contigerunt.

MANCIVS — Ista sane causa mihi perplacet: quiuis enim non imperitus rerum aestimator, ut tam multorum cognitionem assequeretur, nobiscum octo annos cum dimidio, quos in hac nauigatione consumpsimus, recte se collocasse crederet.

LINVS — Deus bone! octo anni cum dimidio sunt elapsi a uestra hinc profectione?

MANCIVS — Tot sunt sane, si paucos dies excipias. Decimo[3] [2] namque Calendas Martii anni salutis humanae millesimi quingentesimi octogesimi secundi, Nangasaquio soluimus. Mense autem Iulio huius anni 1590 nauem tandem ad hunc portum appulimus.

LINVS — Tam longum equidem fuit istius temporis spatium, ut credibile sit ea saltem, quae initio nauigationis euenerunt, ex animis uestris oblinione esse deleta. Nec dubito, si Martinus Iulianusque interrogentur, facile mihi esse assensuros.

MARTINVS — Credibile quidem est, si temporis diuturnitas spectetur, quae praeteritas res in obliuionem plerumque solet adducere, rerum tamen magnitudo talis fuit, ut in mentibus nostris quasi recens impressae et infixae permaneant.

---

[3] decimo] uigesimo *ed. 1590, post corr. Errata*

JULIÃO — Tem razão o nosso Martim: os acontecimentos leves e pequenos facilmente são esquecidos, mas o decurso dos nossos sucessos, como grandes e importantes que foram, permanecerá por muito tempo no fundo da nossa sensibilidade como que esculpido.

LEÃO — Nada poderias dizer que mais se acordasse com os nossos votos. Com efeito, nós ambos, Lino e eu ardemos numa incrível curiosidade de ouvir da vossa boca as coisas que vos aconteceram na viagem ou nas quais pudestes deter os olhos por tão diversas regiões ou encher o espírito. É por essa mesma e única causa que esperamos tanto a reunião de hoje e pedimos que obedeçais a este nosso não injusto desejo.

MIGUEL — Temos o maior interesse em satisfazer o vosso desejo, mas a estreiteza do tempo constitui um obstáculo. Quem poderá acreditar que somos capazes de contar num tão breve momento o que se passou no decurso de oito anos?

MÂNCIO — Sou da opinião do nosso Miguel: quanto vimos e experimentámos ou por qualquer outro modo chegou ao nosso conhecimento são coisas tão numerosas, tão importantes e inauditas entre nós, que será necessariamente preciso muito tempo, se as quisermos inculcar nos vossos espíritos.

LINO — Nesse ponto a nossa opinião é sem dúvida a mesma e nunca nos passou pela cabeça a ideia de vos forçar à estreiteza dum só dia. Mas uma vez que o ócio nos não falta, esta narração agradabilíssima poderá estender-se por vários dias, dedicados a reuniões como a de hoje.

LEÃO — Falaste muito a propósito. Com efeito, os homens nobres, entre outras diferenças, distinguem-se nessa[3] daqueles que ganham o sustento com o trabalho das suas mãos, a saber, que sempre têm de procurar uma ocupação para gastar o seu ócio. E nenhuma outra pode ser mais agradável do que esta.

MIGUEL — Pelo que toca ao tempo, a vossa decisão é correcta. Agora, encarreguemos [3] o nosso Mâncio da personagem do narrador, enquanto nós, se ele se esquecer de alguma coisa, facilmente a poderemos acrescentar.

MÂNCIO — Eis uma personagem que de modo algum aceito, porque ela te pertence, Miguel, principalmente nesta fortaleza de Arima na presença de teus muito queridos irmãos que tanto to pedem e que da tua boca receberão com maior prazer tudo quanto disseres. A minha obrigação fica reservada para o reino de Bungo onde, de modo semelhante, não faltarão os que de mim requeiram esta narração.

MARTIM — Sou da opinião de Mâncio: quando ele chegar ao território de Bungo, não lhe faltarão ouvintes nem pedidos para o estimularem a falar.

JULIÃO — Também estou inteiramente de acordo com a opinião e as razões de Mâncio. Na verdade, as palavras que vêm de um parente pelo sangue, e ligado pelo vínculo da afeição, entram com muito maior suavidade no ouvido e na mente.

LEÃO — Tanto faz, pelo que nos diz respeito, que seja Miguel ou Mâncio a falar. Todavia, uma vez que, por consenso unânime, entregais essa tarefa a Miguel, também tereis o meu acordo, principalmente porque na afluência de tantos factos, necessariamente ora este ora aquele terá de assumir a personagem do narrador.

IVLIANVS — Recte sentit Martinus noster: quae enim tenuia et exigua sunt facile in obliuionem ueniunt, nostrarum autem rerum decursus, ut pote magnarum et grauium, intimis nostris sensibus ueluti insculptus diutissime retinebitur.

LEO — Nihil dicere poteratis quod nostris uotis esset accommodatius. Vterque enim Linus et ego incredibili ardemus studio audiendi ex uobis ea quae uel in itinere faciendo contigerunt, uel quibus per tam uarias regiones oculos pascere, et animos saturare potuistis. Immo hanc unicam ob causam hodiernum congressum magnopere expetiuimus, et nostrae huic non iniustae uoluntati a uobis satisfieri postulamus.

MICHAEL — Satisfaciendi uoluntati uestrae studium in nobis est ardentissimum, temporis tamen angustiae impedimento sunt. Quis enim sibi persuadeat ea quae octo annorum spatio transacta sunt tam breui temporis momento posse a nobis referri?

MANCIVS — Idem sentio cum Michaële nostro quae enim uidimus, et experti sumus, uel alia ratione ad nostram notitiam peruenerunt, tanta sunt, tam grauia et apud nostros inaudita, ut necessario longum tempus requiratur, si uelimus ea uestris animis inculcare.

LINVS — In hoc sane nostrum iudicium a uestro non dissentit: nec nobis unquam ea fuit mens, ut uos in unius diei angustias redigeremus. Sed quoniam otium suppetit, in plures dies huiusmodi congressionibus destinatos, narratio haec iucundissima produci poterit.

LEO — Aptissime certe dictum. Ingenui namque uiri hoc inter cetera differunt ab iis qui manu et arte sibi uictum parant, quod illis semper sit quaerenda occupatio qua otium conterant. Hac autem nulla potest esse iucundior.

MICHAEL — Quod attinet ad tempus, recte a uobis statutum est. Nunc narratoris [3] personam Mancio nostro imponamus; nos autem, si quid ei exciderit, facile subiicere poterimus.

MANCIVS — Personam istam nequaquam suscipio, tua enim est, Michaël, praesertim in hac arce Arimensi coram fratribus carissimis, qui a te id tantopere contendunt, et iucundius ex tuo ore quidquid dictum erit excipient. Meum autem munus ad Bungense regnum reseruabitur, ubi similiter non deerunt qui hanc a me narrationem efflagitent.

MARTINVS — Sequor Mancii sententiam; cum enim ad Bungi fines peruenerit, nec auditores illi, nec preces ad narrationem eliciendam deficient.

IVLIANVS — Mihi etiam sententia et ratio Mancii maxime placet. Quae enim a cognatis sanguine et amoris uinculo coniunctis dicuntur, multo suauius in aures et in mentem influunt.

LEO — Tantumdem sane refert (quod ad nos attinet) siue Michaël, siue Mancius narrandi partes suscipiat. Quia tamen omnes unico consensu Michaëli munus hoc committitis, gratum etiam nobis erit, praesertim cum in tam multorum congressu necessario modo hunc, modo illum narrantis personam agere, sit necesse.

LINO — Excelente conclusão. Todavia, não vá gastar-se o tempo todo nesta disputa de obséquios, começa já, Miguel, e principalmente toma o exórdio das causas que vos levaram a fazer tão longa viagem. Como éramos muito novos, quando daqui partistes, não as abrangemos por inteiro, e repetindo-as agora, estabelece-se com elas um bom fundamento da narração.

MIGUEL — Creio que é minha obrigação aceitar de bom grado, com a permissão de Mâncio, a missão que me confiais, e peço a ele e aos outros companheiros que assim como acedi às vossas preces e me fiz narrador, assim também dirijais o meu discurso, se alguma vez me perder. É apoiado nesse pensamento que vou começar, por ter aqui presentes como ouvintes os que foram testemunhas de tudo o que vou contar. Realmente, quem fala de grandes e novas coisas, sem a presença de testemunhas, facilmente pode ser conduzido, alguma vez, enquanto fala, ao exagero para além dos limites da verdade em algumas coisas ou a ficar aquém desse limite, diminuindo, noutras. Aquele, porém, que conta com testemunhas presentes que podem acusá-lo de mentira, se nela por acaso cair, fala com mais cuidado, pelas próprias circunstâncias, e não se apresenta como um falador audacioso, mas toma como estrela certa da sua navegação a verdade que contempla. É isto que me proponho hoje fazer.

LEÃO — A que propósito vem agora, caríssimo Miguel, essa tua menção das testemunhas? A dignidade da tua pessoa e a qualidade dos assuntos que vais tratar eliminam toda e qualquer [4] suspeita de falsidade. E os homens dotados da nobreza de sangue não costumam marcar o seu nome com o ferrete da mentira, nem tais assuntos, estrangeiros como são, te podem tentar à falsidade, por excesso de amor próprio. Começa, pois, secundo a proposta de Lino, por aquelas causas pelas quais foi organizada esta longa expedição vossa, e não nos mantenhas na expectativa por mais tempo!

MIGUEL — Perguntais, então, irmãos caríssimos, pelas causas da nossa expedição. Foram elas, sem dúvida, muitas e importantes, e muito melhor as conhecemos nós, ao chegar à Europa! Mas de entre tantas, referirei brevemente algumas. Foi a primeira de todas que, tendo o padre Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus, navegado até o Japão, conheceu por experiência, em primeiro lugar, que os costumes japoneses diferiam profundamente dos europeus; conheceu depois que, devido à enorme distância geográfica, a extensão e magnificência das províncias e reinos europeus, a majestade e poder dos seus varões principais, e muitas outras coisas dignas de admiração, dificilmente chegavam às ilhas nipónicas, mesmo por um vago rumor. Verificou, além disso, que se não prestava crédito algum aos padres da Companhia que aqui falavam da Europa aos nossos compatriotas, e que daí resultavam muitas situações desvantajosas, com prejuízo para as almas e, pelo menos, com menor lucro dos desejadíssimos frutos espirituais. Tomando uma rápida decisão, pensou ser da maior conveniência que do nosso país navegassem para a Europa alguns príncipes e homens da nobreza, para que vissem com os seus olhos e, por assim dizer, tocassem com as mãos a situação e as coisas todas daquela parte

LINVS — Optima definitio. Ne tamen officiorum certamine totum tempus consumatur, age iam incipe, Michaël, et in primis ex illis causis, quibus a uobis tam longum iter factum est, dicendi exordium sume. Prae tenera enim aetate, cum hinc profecti estis, non fuit nobis integrum eas mente assequi, et modo repetitae egregium narrationis fundamentum iacient.

MICHAEL — Libenter id, quod omnes mihi mandatis, bona Mancii nostri uenia, sumendum arbitror, precorque illum et ceteros socios, ut me uestris precibus impulsum ad narrandum accedentem, et oratione interdum a scopo aberrantem dirigant. Ea autem re maxime fretus incipiam, quod eos auditores et testes omnium, quae dicturus sum, praesentes habeam. Qui enim de magnis et nouis rebus loquitur sine praesenti testimonio, facile aliquando in quibusdam uel exaggerandis ultra ueritatis terminum prouehi dicendo potest, uel in aliis deprimendis citra illum consistere. Qui uero testes praesentes habet, qui eum mendacii, si forte in illud lapsus fuerit, coarguant, natura ipsa cautius loquitur, nec se audacem in loquendo praebet, sed ueritatem, quasi certum sidus nauigationis suae, sibi spectandam proponit. Quod ipsum ego hodierno die facere instituo.

LEO — Quorsum, Michaël carissime, ista testium commemoratio? cum et personae tuae dignitas, et rerum, de quibus acturus es, qualitas omnem prorsus [4] falsitatis suspicionem tollant. Nec enim sanguinis nobilitate praediti uiri mendacii notam suo nomini solent inurere, nec res istae, cum peregrinae sint, prae sui amore ac studio te ad falsitatem inclinare possunt. Exordire igitur iuxta Lini sensum ab illis causis quibus haec longa expeditio uestra instituta est, nec diutius nos expectatione suspensos habe.

MICHAEL — Causas quaeritis, fratres carissimi, expeditionis nostrae. Multae sane fuerunt illae, atque graues, easque multo melius cognouimus, cum ad Europam peruenimus, sed ex multis aliquas breuiter attingam. Atque in primis ea fuit, quod cum Pater Alexander Valignanus Societatis Iesu uisitator ex Europa profectus ad Iaponiam usque nauigasset, et experimento intellexisset primum Iaponicos mores ab Europaeis longe multumque differre; deinde propter longissimum locorum interuallum, prouinciarum regnorumque Europaeorum amplitudinem et magnificentiam, principum uirorum maiestatem et potentiam, aliaque multa admirabilia uix ad Iaponicas insulas esse quodam longinquo rumore perlata. Praeterea patribus Societatis, qui de his cum nostris agebant, non omnino fidem haberi, et inde multa incommoda cum animorum detrimento, optatissimique fructus minori saltem prouentu subsequi. Mature habito consilio iudicauit expedire maxime, ut ex hac nostra regione aliqui principes et patricii uiri in Europam nauigarent, ut illius regionis statum resque omnes, de quibus per aduenas tantum homines fama ad nos usque peruenerat, oculis intuerentur, manibusque quodammodo contrectarent. Deque iis, in patriam redeuntes coram suae gentis hominibus certissimum testimonium ferrent, et omni

do mundo, das quais a fama chegara até nós apenas por estrangeiros. E delas, no regresso à pátria, dessem testemunho idóneo perante o seu povo e, pela supressão de toda a suspeita de mentira, se acabasse com muitas opiniões sobre as coisas da Europa, que falsamente os nossos concebiam.

LEÃO — Um plano notável, sem dúvida. Mas, para que melhor o compreendamos, explica, por favor, que região se designa pelo nome de Europa.

MIGUEL — Pergunta feita muito a propósito e conveniente para conhecer o que se segue.

Com efeito, habitando nós japoneses nestas ilhas, distantíssimas do que é, por assim dizer, um outro mundo, e sendo exíguo o nosso comércio com esses povos e o contacto com eles, até ao presente só era certa e conhecida entre nós a notícia do nosso Japão e dos reinos próximos, China e Sião, além de uma certa fama obscura, como lhe chamei, de Nambangin, [5] isto é, do reino dos homens do Sul, a que nós chamamos Namban, os chineses Nanfan, isto é, a região Austral, de onde vinham até nós os comerciantes e os padres da Companhia, segundo o que ouvíamos dizer.

Agora, porém, nós que lá chegámos, como de olhos abertos e como se deles tivéssemos removido uma certa escuridão, sabemos que há muitos outros reinos e mais províncias dispersas pelo orbe terráqueo, célebres pela sua grandeza, e em número quase infinito, por forma tal que estas três regiões japonesa, chinesa e siamesa, comparadas com todas aquelas parecem como uma partícula exígua do orbe.

E para vos apresentar com brevidade as partes principais do orbe, ficai sabendo que, de acordo com o conhecimento dos homens mais competentes, a terra está dividida em cinco porções principais, a saber, Europa, África, Ásia, América e finalmente aquela terra que os homens chamam incógnita[4]. Com efeito, embora os navegadores que viajam do ocaso para o nascer do sol, às vezes inflectindo demasiado para o sul, tenham observado essa terra e tenham seguido ao longo dela por longuíssimo espaço, todavia não se sabe ao certo que povos a habitam, quais os seus costumes, qual a natureza do céu e do solo, e por isso é chamada pela comum designação de terra incógnita.

Ora a esta parte chamada Ásia pertencem as três regiões que conhecemos, o Japão, a China e o Sião, além das quais contém a Ásia muitas outras províncias e reinos que seria longo enumerar. E embora nós, na nossa viagem marítima, tenhamos estado algum tempo em alguns reinos da Ásia a grande distância daqui, e tenhamos viajado ao longo da costa marítima da África, todavia porque a famosíssima região chamada Europa foi o termo desejadíssimo do nosso percurso, dela fiz menção especial, e com muita razão, ao expor a primeira causa.

LINO — São coisas extraordinárias essas de que falas, Miguel, e com a enumeração destas partes da terra, ofereces-nos amplíssima matéria para fazer muitas perguntas.

MIGUEL — Matéria para perguntas não faltará, mas há que aguardar a ocasião própria, para que se respeite a ordem devida, e a confusão da exposição não engendre a obscuridade. E que, se tivermos que responder já a cada pergunta, afastar-nos-

mendacii suspicione sublata multae falsae opiniones de Europaeis rebus a nostris conceptae omnino ex animis tollerentur.

LEO — Egregia sane ratio. Eam tamen ut melius intelligamus, explica, quaeso, quaenam regio Europae nomine significetur.

MICHAEL — Peropportuna interrogatio et ad res sequentes cognoscendas accommodata.

Cum enim nos Iaponenses in his insulis, ab illo alio, ut ita dicam, orbe remotissimis habitemus, et exiguum nobis cum illis gentibus sit commercium rerumque contractio, hactenus tantum nostrae Iaponiae, et Sinici Siamiique regnorum propinquorum notitia apud nos certa et explorata erat, praeter obscuram quandam, ut dixi, famam de Nambangin, [5] id est, Australium hominum regno, quod nos Namban, Sinae Nanfan, id est, partem Australem uocant; unde mercatores et patres Societatis ad nos aduentare audiebamus.

Nunc autem nos, qui eo usque peruenimus, uelut apertis oculis et quasi quadam caligine ex illis discussa, cognoscimus plura alia esse regna pluresque prouincias per orbem terrarum sparsas magnitudine celebres, numero prope infinitas, adeo ut hae tres regiones Iaponica, Sinica et Siamia cum illis omnibus collatae instar exiguae cuiusdam orbis particulae uideantur.

Atque ut breuiter uobis praecipuas orbis partes proponam, scitote ex studiosissimorum hominum scientia in quinque praecipuas portiones uniuersam terram diuidi, nimirum Europam, Africam, Asiam, Americam, terram denique eam quae ab scriptoribus incognita dicitur. Quamuis enim nautae ab occasu ad ortum solis nauigantes, et aliquando ad Austrum cursum nimis flectentes eam terram conspexerint, longissimoque spatio productam fuerint praeteruecti, nondum tamen certo constat quae gentes eam incolant, quibus sint moribus, quae caeli, solique natura, ideoque communi nomine incognita appellatur.

Ad eam autem partem, quae Asia dicitur, pertinent hae tres regiones nobis notae Iaponica, Sinica, et Siamia, ultra quas multas alias prouincias, et regna continet, quae numerare longum esset. Etsi autem nos in hac nostra nauigatione in aliquibus Asiae regnis hinc longe distantibus, aliquandiu fuimus, et Africae oram maritimam praetergressi sumus, quia tamen Europa illa nobilissima regio fuit nostri itineris terminus optatissimus, eius peculiarem mentionem in prima reddenda causa non immerito feci.

LINVS — Mira equidem dicis, Michaël, offersque nobis istis orbis terrarum partibus enumeratis amplissimam materiam multa interrogandi.

MICHAEL — Interrogandi materia non deerit, sed expectanda est opportunitas, ut debitus ordo seruetur, nec confusio dicendi obscuritatem pariat. Si enim singulis interrogationibus statim satis faciendum erit, toties a proposito digrediemur, ut

emos tantas vezes do nosso propósito, que será muito difícil fazer voltar a ele a nossa exposição. Por isso, temos que estabelecer que cada coisa deve ser dita em seu lugar, e que o narrador, na medida do possível, deve ser ouvido pacientemente, segundo o plano que gizou.

Agora, portanto, seja suficiente ter referido as tais cinco partes do orbe terrestre; aliás, eu vos apresentarei como que a representação de todo o orbe.

LEÃO — Falou Miguel muito bem: com efeito, [6] se quisermos a cada frase sua juntar interrogações nossas e nesta altura inquirir sobre a forma de todo o mundo, como será possível que ele responda à nossa interrogação inicial sobre as causas desta expedição?

MIGUEL — À primeira causa juntou-se a segunda, a saber: tendo os padres da Companhia vindo ao Japão, para nos comunicarem a luz da verdade divina, outrora recebida de Deus, e promulgarem a lei apresentada pelo supremo legislador; e sendo esta lei e doutrina completamente ignorada dos nossos homens, porque as suas almas estavam imbuídas da falsa religião dos camios[5] e fotoquios, foi sempre coisa dificílima para os padres desviar os homens japoneses das suas vãs crenças e persuadi-los de que a doutrina cristã está inteiramente de acordo com a verdade. E embora os dogmas desta doutrina, ouvidos da boca dos padres, exprimissem com força admirável o assentimento da inteligência, a inclinação deles, há muito formada, dificilmente os impelia a que trocassem a antiquíssima lei dos vãos deuses pela veríssima doutrina de Deus, principalmente não sabendo eles ainda então como esta se encontrava divulgada ao longe e ao largo, quais os povos que dispersos pelo orbe a tinham aceitado, que esplendor ou que honra acompanhava os que a seguiam.

Por outro lado, apresentando-se entre nós os padres que até agora vieram ao Japão de maneira modesta e pouco brilhante e rica, de acordo com a sua regra de vida, e não dispondo de qualquer poder e autoridade, como homens estrangeiros que são, não podia o nosso povo, pela sua apresentação e maneira de vida, conhecer a majestade e grandeza do nome cristão. Pelo contrário, se julgasse pelas aparências, antes concluiria que a lei que eles apregoavam continha em si um estilo de vida abjecto, e seria induzido em outras suspeitas ainda, assim como está averiguado que aconteceu. Daí que, distraídas as almas por cogitações variadas, retardava-se não pouco o progresso do Cristianismo.

Convinha, por isso, que alguns homens de ilustre linhagem viajassem da nossa terra para aquela parte do orbe onde floresce a religião cristã, para que eles alcançassem compreender quanto é o esplendor e o ornamento que a luz da divina verdade acrescenta à mente dos homens, quantas vantagens para viver bem e com felicidade a religião cristã traz à raça humana, quanta finalmente é a diferença entre aqueles a quem esta luz ilumina e aqueles que ainda vivem nas trevas. E isto não pelos rumores vagos de uma fama longínqua e por palavras obscuras, mas com os olhos, pela conversa, pelo convívio e pela experiência certa. E para que deste conhecimento [7] adquirido com toda a evidência, ao regressarem à pátria, fizessem participar todo o nosso povo.

orationem ad illud reuocare ualde sit difficile. Quapropter illud statuendum est, singula suis locis esse dicenda, narratoremque, quoad fieri possit, ordinem obseruantem patienter esse audiendum.

Nunc igitur satis sit partes illas quinque orbis terrarum retulisse; alias uobis totius orbis quasi quandam formam proponam.

LEO — Egregie locutus est Michaël: si enim [6] singulis eius dictis singulas interrogationes adiungere uoluerimus, et hoc loco formam illam totius uniuersi exquirere, qui fieri poterit ut nostrae primae interrogationi de causis huius expeditionis fiat satis?

MICHAEL — Ad primam causam illa secunda accessit, quod cum patres Societatis in Iaponiam ideo uenerint, ut lumen ueritatis diuinae, olim a Deo acceptum, nobiscum communicarent, legemque a supremo legislatore latam, promulgarent; huiusmodi autem lex et doctrina nostris hominibus esset admodum ignota, eorum animis falsa Camiorum et Fotoquiorum religione imbutis, difficillimum patribus semper fuit Iaponicos homines de uana opinione depellere, illisque persuadere esse doctrinam suam cum ueritate omnino consentientem. Quamuis enim eius doctrinae dogmata ex eorum ore audita intelligentiae assensum admirabili quadam ui exprimerent, uoluntas tamen iam a longo tempore assuefacta uix eo impellebatur, ut uetustissimam deorum inanium legem cum uerissima Dei doctrina commutaret, praesertim cum nondum esset exploratum quam longe lateque esset propagata; quae gentes per orbem terrarum sparsae illam suscepissent, quis splendor, quodue ornamentum in eius sectatores redundaret.

Cum enim patres, qui hactenus in Iaponiam uenerunt, iuxta institutum uiuendi modum tenuiter et parum laute ac splendide inter nos fuerint, et tamquam externi homines nullam potestatem nullumque dominatum exercuerint, non poterat gens nostra ex eorum habitu uiuendique ratione maiestatem et amplitudinem Christiani nominis cognoscere. Immo si externa signa sequens, iudicium aliquod faceret, potius coniiceret legem ab illis promulgatam abiectum aliquod uiuendi genus continere, et in uarias alias suspiciones incideret, sicut re ipsa euenisse certum est. Ex quibus, animis in uarias cogitationes distractis, non parum Christianarum rerum progressus retardabatur.

Oportuit igitur ex hac nostra regione aliquos illustri genere homines in eam orbis partem, ubi floret Christiana religio, traiicere, ut quantum splendoris et ornamenti lux diuinae ueritatis humanis mentibus addiderit, quantum commodi ad bene et beate uiuendum Christiana religio humano generi attulerit, quantum denique discrimen sit inter eos qui hac luce sunt illustrati, et illos qui adhuc in tenebris uersantur, non iam famae longinquae rumusculis et obscura auditione, sed oculis, sermone, consuetudine et certo experimento consequerentur. Huiusque [7] euidentissimae cognitionis in patriam redeuntes uniuersam gentem nostram facerent participem.

MÂNCIO — Não posso conter-me que não aprove imediatamente com o meu testemunho a força desta razão apresentada por Miguel. Com efeito, se não tivéssemos contemplado com os próprios olhos a grandeza das coisas cristãs, nunca poderíamos conceber algo digno de tanta magnificência. E coisa que muito nos angustia: tal é a excelência da Cristandade, que não podemos expô-la, de modo algum, por palavras, mas só esboçar uma sombra da realidade.

LINO — Facilmente sou levado a crer que assim é, quando com tanta firmeza vós o asseverais, e esta segunda causa muito me satisfaz.

MIGUEL — A esta, como em cúmulo, se junta uma terceira que também te não desagradará. Deve recordar-se aquilo que entretanto já ouvistes, que há um supremo prelado ou Pontífice de todo o povo cristão, que na terra tem as funções do Cristo, verdadeiro Deus, autor da fé cristã, e em Roma, numa nobilíssima e muito célebre cidade da Europa, que quase sempre possuiu o domínio sobre a maior parte da terra, tem a sua sede, fixada há muitos séculos já. Deste lugar, como de um oráculo certíssimo do mundo inteiro, prescreve o direito, dá resposta às questões de grande peso, governa a universal República Cristã, à semelhança de supremo pastor. A este recorrem de vez em quando os varões principais, a este os sacerdotes de mais peso, a este os próprios reis, se podem, submetendo-se eles próprios como suplicantes ao supremo pai, em pessoa; se não têm a possibilidade de comparecer, reconhecem por embaixadores seus a suprema majestade dele na terra e a sua santidade, e assim se mantém a devida comunhão entre os membros e a cabeça, entre o pastor e o seu rebanho.

Ora, por divino favor, tendo uma parte não diminuta do nosso povo, depois de ouvir e aceitar a lei cristã, passado à religião do mesmo Senhor e do seu supremo vigário, e sendo contada no número de tão feliz gente, mas pela enorme distância, chegando a nós só uma espécie de obscura fama de Roma e do Romano e Sumo Pontífice, e aos ouvidos deste, por sua vez, um menos que ténue rumor do Japão e dos príncipes nipónicos, não era possível saber-se, a tão grande distância, que espécie de homens eram os nossos japoneses, se de lento ou vivo engenho, se interessados em honra e fama, ou nada cuidadosos da glória e celebridade do seu nome, se dados às artes liberais ou completamente ignorantes delas; e desconhecidos muitos outros pormenores, se exceptuarmos as informações colhidas das cartas dos padres. [8] Pareceu, por isso, muito necessário que, não podendo os príncipes japoneses que já tinham aderido à fé cristã visitar o Sumo Pontífice e, segundo o costume dos restantes príncipes da mesma religião, lançar-se aos pés do Sumo Pontífice, para os beijarem com grande alegria de alma, que ao menos enviassem alguns jovens a si ligados pelo sangue que, na missão de embaixadores, prestassem essa homenagem em nome dos príncipes, e assim o nome japonês, até há pouco obscuramente conhecido, fosse mais célebre em Roma, teatro famosíssimo do mundo inteiro. E que o mesmo pai supremo pudesse abraçar os filhos recém-nascidos, com o seu paterno amor e desejado favor, ainda que ausentes, e assim induzir, com tais provas de benevolência e paterna caridade, outros, ainda não ilustrados na fé cristã, a recebê-la com a maior presteza.

MANCIVS — Continere me non possum quin huius rationis uim a Michaële propositam testimonio statim approbem. Nisi enim oculis ipsis Christianarum rerum statum fuissemus contemplati, nunquam aliquid tanta magnificentia dignum concipere possemus. Quodque admodum nos angit, ea est harum rerum excellentia, ut oratione illam nequaquam assequi, sed adumbrare tantum liceat.

LINVS — Facile adducor ut ita se rem habere credam, uobis praesertim tam firmiter id asseuerantibus, et ista secunda causa mihi summopere placet.

MICHAEL — Ad eam quasi cumulus adiungitur tertia quae etiam tibi non displicebit. Repetendum uero memoria est quod interdum iam audiuistis, totius Christiani populi esse quendam supremum praesulem, siue pontificem, qui Christi ueri Dei Christianae fidei auctoris, uices in terris gerit, et Romae in nobilissima quadam et celeberrima Europae urbe, quae maximae orbis terrarum partis fere semper dominatum tenuit, sedem iam a multis saeculis fixam habet, et ex eo loco, quasi ex quodam certissimo orbis terrae oraculo, iura praescribit, responsa in rebus magni ponderis reddit, uniuersamque Rempublicam Christianam instar summi pastoris moderatur. Ad hunc principes uiri, ad hunc sacerdotes grauissimi, ad hunc ipsimet reges adeunt nonnunquam, si possunt, ipsi summo parenti se supplices abiicientes; interdum, si eundi facultas non datur, per legatos suos ipsius supremam in terris maiestatem sanctitatemque recognoscunt, et ita debita communio inter membra caputque, inter pastorem gregemque conseruatur.

Cum ergo diuino beneficio non exigua nostrae gentis pars Christi lege audita, ac suscepta, ad eiusdem Domini illiusque supremi uicarii partes transierit, et in tam beati populi numerum fuerit relata, et propter longissimam locorum intercapedinem tantum ad nos obscura quaedam Romae Romanique ac Supremi Pontificis fama peruenisset, ad eius item aures uix tenuissimus quidam rumor Iaponiae Iaponicorumque principum accessisset, nec in tam remota regione omnino sciri posset quinam homines essent nostri Iaponenses, tardone, an acuto ingenio, honorisne ac famae studiosi, an de nominis gloria ac celebritate nequaquam solliciti, ingenuis artibus dediti, an prorsus earum rudes et imperiti; nec denique alia permulta, iis exceptis quae ex patrum litteris colligebantur. [8] Visum est summopere necessarium ut quando principes ipsi Iaponenses, qui iam Christo nomen dederant, non poterant supremum illum antistitem adire, et iuxta reliquorum eiusdem religionis principum consuetudinem ad sacros eius pedes osculandos magna animi alacritate se proiicere, saltem iuuenes aliquos sibi sanguine coniunctos mitterent, qui legatorum munus obeuntes, id ipsum principum nomine praestarent, et ita Iaponense nomen Romae, in orbis terrae clarissimo theatro, obscura hactenus auditione cognitum, celebrius esset, et idem supremus parens filiolos hos recens natos, paterno amore optatoque fauore absentes complecteretur, aliosque nondum Christiana fide illustratos talibus beneuolentiae, et paternae caritatis signis, ad eam quam citissime suscipiendam alliceret.

E estas foram as principais causas por que o padre Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus, falando com Francisco e Protásio, reis do Bungo e de Arima, e com Bartolomeu, príncipe de Omura, tratou da organização desta embaixada, e dando estas razões, fez que estes príncipes enviassem como legados ao Sumo Pontífice ao nosso querido Mâncio e a mim juntamente com os muito amados companheiros Martim e Julião.

E para mais facilmente levar a cabo este propósito, juntou-se a nós ele próprio, como guia da futura excursão, e o padre Diogo de Mesquita como mestre e preceptor; o irmão Jorge de Loyola, homem da nossa raça, para melhor conservarmos o idioma japonês, juntou-o ele por companheiro com grande satisfação de todos. E assim, com estes felicíssimos auspícios ficou planeada a nossa viagem marítima.

LEÃO — Agradam-nos as causas da excursão. Agora gostaria que te ocupasses da própria viagem.

MIGUEL — Não vês, caríssimo Leão, como a conversa entra pela noite adentro? Se estás de acordo, recolhamo-nos para dormir e amanhã prosseguiremos a narração começada.

LINO — Tem razão Miguel. Por isso, interrompendo esta noite a conversa, repousemos um pouco, para que amanhã com mais interesse esta reunião seja retomada. Desejo-vos uma noite sossegada.

MIGUEL — Eu também vos desejo uma noite de descanso e um dia de amanhã muito feliz.

Atque hae fuerunt praecipuae causae quare pater Alexander Valignanus societatis Iesu uisitator cum Francisco et Protasio Bungi Arimaeque regibus, et cum Bartholomaeo Omurae principe loquens, hanc legationem faciendam curauerit, iisque rationibus redditis effecerit ut ii principes Mancium nostrum meque cum sociis amantissimis Martino et Iuliano ad Summum illum Pontificem legarent.

Quod ut facilius perficeretur, ipse se futuri itineris ducem, patrem Iacobum Mesquitam paedagogum ac praeceptorem, fratrem Georgium Loyolam nostrae gentis hominem, ad Iaponicum idioma melius conseruandum, conuictorem cum summa omnium iucunditate nobis adiunxit. Et ita his felicissimis auspiciis nauigatio nostra instituta est.

LEO — Placent nobis itineris faciendi causae, nunc ad ipsum iter accedas uelim.

MICHAEL — Non uides, carissime Leo, sermonem ad multam noctem protractum? Immo si placet, recipiamus nos cubitum, et crastino die institutam narrationem prosequemur.

LINVS — Recte ait Michaël. Quapropter sermone hac nocte intermisso, paulisper requiescamus, ut auidius cras a nobis congressus hic repetatur. Placidam igitur quietem uobis precor.

MICHAEL — Nos quoque uobis et noctem placidissimam et crastinum diem felicissimum exoptamus.

[9] COLÓQUIO SEGUNDO
Trata-se da viagem feita do Japão até o porto de Macau do reino da China, e daí até o estreito de Singapura.

LEÃO — Tanto foi o gosto do colóquio de ontem, que a noite de ontem e o dia de hoje nos pareceram mais longos do que é hábito, enquanto esperávamos com ansiedade a hora desta nossa reunião.

MIGUEL — Assim acontece muitas vezes que, por força do desejo, uma demora brevíssima nos parece longa. Mas essa avidez faz também que fiquem melhor guardadas na memória as últimas acções.

LINO — Tratou-se das causas da vossa expedição. Segue-se agora que comecemos a tratar do início da vossa viagem.

MIGUEL — Começarei hoje pela nossa partida, mas direi antes alguma coisa dos obstáculos que nos foram postos. Ora, tendo o inimigo do género humano compreendido que desta nossa viagem resultariam ricos frutos para as almas de muitos, coisa que ele sofre com a maior indignação, tratou de, com a manha e a astúcia nele inveteradas, nos criar não poucos obstáculos no momento mesmo da partida. Os principais foram aqueles que, sob uma espécie de manto do dever e da piedade, provinham do amor dos nossos pais por nós e do nosso para com eles. É que não há ciladas mais ocultas do que as que se escondem sob a simulação do favor. Assim, as nossas mães que, a princípio, pensando que a empresa não devia realizar-se, nos tinham dado facilmente o seu assentimento, vendo que já estávamos de abalada e que tudo estava pronto para dar as velas ao vento, tentaram dissuadir-nos da viagem programada, com rogos, lágrimas e por outros meios. Acrescia a esta solicitação das mães um pesado temor que não poucos em nós incutiam, pondo diante dos nossos olhos os perigos de uma longuíssima navegação, as dificuldades, os incómodos, a perda da esperança [10] do regresso à pátria, e finalmente a morte certa.

Estes argumentos punham cerco às nossas almas, mas nós, defendidos pelo divino auxílio, que é início e perfeição de todo o bem, não pudemos ser vencidos de modo algum. É que Deus costuma, àqueles que empreendem grandes empresas, levados pelo amor d'Ele, aumentar a coragem com que vencem todas as dificuldades. O mesmo Deus, pela Sua Divina Providência, que tudo governa, fez que todos os

[9] Agitur de itinere e Iaponia facto usque ad Macaënsem portum Sinici regni, et inde usque ad fretum Sincapurense. COLLOQVIVM SECVNDVM.

LEO — Tanta fuit hesterni colloquii iucunditas, ut et praeteritae noctis et hodierni diei spatium longius solito nobis uisum fuerit, designatam congressui nostro horam auidissime expectantibus.

MICHAEL — Ita plerumque accidit, ut prae desiderio temporis etiam breuissimi longa nobis mora uideatur. Sed auiditas ista efficit, ut etiam quae postremo loco acta sunt, melius memoria teneatis.

LINVS — Actum est de causis uestrae expeditionis. Sequitur ut de incepto itinere sermonis sit exordium.

MICHAEL — Exordiar hodierno die a profectione nostra, si tamen prius de oblatis impedimentis non nihil dixero. Cum enim humani generis hostis intellexisset ex hac nostra nauigatione in multorum animos fructus uberes, quod ille indignissime patitur, esse redundaturos, curauit (quae eius est uersutia et inueterata calliditas) non pauca impedimenta nobis iam iam nauigaturis inferre. Praecipua autem fuerunt ea quae ex parentum in nos amore, et nostro erga parentes quasi quodam officii et pietatis uelo tecta proficiscebantur. Nullae namque sunt occultiores insidiae, quam quae latent in simulatione officii. Matres igitur nostrae, quae primo rem institutam ad exitum non esse perducendam arbitratae, facile ad iter hoc faciendum assensum praebuerunt, uidentes nos iam in procinctu esse, omniaque ad uelificandum esse parata, precibus, lacrimis, aliisque modis nos a proposito itinere reuocare sunt conatae. Accedebat ad hanc maternam efflagitationem grauis quidam terror qui nobis incutiebatur a non paucis, pericula longissimae nauigationis, difficultates, molestias, reuertendi in patriam desperationem, [10] non dubiam denique mortem ante oculos proponentibus.

Oppugnare quidem haec animos nostros, sed diuino auxilio, quod initium perfectioque totius boni est, munitos expugnare nequaquam potuerunt. Solet enim Deus iis qui magna ipsius amore ducti aggrediuntur, animos addere magnitudinem difficultatum omnium superantes. Idem etiam diuina sua prouidentia, quae omnium est gubernatrix, effecit ut impedimenta a communi hoste interposita non difficile

obstáculos impostos pelo inimigo comum fossem levantados sem dificuldade. Na verdade, não só as mães, posteriormente, medindo a empresa pela razão e não pelo afecto privado, antepuseram a utilidade da nossa viagem à dor e à saudade, mas também a confiança em Deus e na Sua ajuda, em primeiro lugar, e a seguir igualmente no amor do padre visitador por nós, dissiparam e afastaram facilmente aquela como nuvem densíssima de todos os terrores. É que esse amor por nós, mais do que de um pai, era tal no padre visitador que, à sua vista, nos persuadimos de que era nosso dever acompanhá-lo alegremente em quaisquer perigos que ele incorresse.

Foi também causa não leve de persistirmos no nosso propósito a palavra por nós dada de fazer a viagem, que não podíamos trair sem ignomínia do nosso nome, principalmente se apenas os temores e os terrores que nos apresentavam fossem o pretexto de faltar ao nosso compromisso.

Portanto, no dia dez antes das Calendas de Março[6] do ano de mil quinhentos e oitenta e dois, tendo Deus por guia e o padre visitador por porta-bandeira, como se fôssemos lutar com as ondas do Oceano, embarcámos felizmente em Nagasáqui no navio de Inácio de Lima, nobre português, muito amigo do nosso padre. Lima, pela consideração que dedicava ao padre visitador e a todos nós, preparou-nos excelentes instalações, hospedagem para uma longa excursão.

Partimos, pois, o padre visitador e os seus companheiros, o padre Lourenço Mexia e o irmão Oliverio Toscanelli, e nós os quatro colegas, com o padre Diogo de Mesquita e o irmão Jorge Loyola, além daqueles que nos foram atribuídos como criados e auxiliares[7] para o nosso serviço. Soltas as velas e chegados ao mar alto, dirigimos o curso da navegação para o porto de Macau no reino da China, o qual, como sabeis, fica a ocidente em relação ao Japão, e pouco a pouco começámos a experimentar os incómodos da agitação do mar. É que, embora o navio fosse de grandeza, construção e armação não vulgares, todavia tão grande era o movimento do mar e das ondas sob a violência do vento, que a nau parecia de certa maneira não ser levada pelas águas e pela brisa, mas umas vezes ser arrastada e outras vezes [11] até saltar. Todavia, nada houve que nos fizesse desanimar, principalmente porque o padre visitador, com a suavidade das suas palavras, constantemente nos levantava os espíritos. Entretanto afligia-nos particularmente, na nossa inexperiência da navegação, o enjoo, do qual a maior parte dos viajantes, pelo menos no começo das viagens por mar, costuma sofrer. É um mal que oprime a cabeça e ataca o estômago tão profundamente que nada mais desgosta os doentes do que os alimentos. Acresce que os incomodam vivamente os humores que circulam espalhados pelo estômago e intestinos e que parecem não só eles mas as próprias vísceras sair com o vómito. Tudo isto nós sofremos, à excepção de Mâncio que passou melhor e que às vezes se ria das nossas queixas, embora tenha sentido algumas vertigens.

MÂNCIO — O meu sofrimento era de algum modo uma consolação para as vossas penas. Mas num ponto estáveis melhor do que eu, é que incomodados pelo enjoo sofríeis menos agudamente os perigos da viagem, ao passo que eu, menos atacado do estômago, sentia o meu peito não pouco abalado pelo temor da morte.

tollerentur. Nam et matres postea ratione et non priuato affectu rem metientes, utilitatem nauigationis nostrae dolori ac desiderio suo praeposuerunt, et illorum omnium terrorum uelut densissimam nubem, fiducia in primis in Deo eiusque ope, deinde etiam in patris uisitatoris amore erga nos, facile dispulit ac discussit. Is enim erat et plusquam paternus eiusdem patris in nos amor, ut eo perspecto nobis persuaderemus, in quaecumque pericula ille se inferret, nos laetissimos debere concurrere.

Non leuis etiam causa in consilio persistendi fuit fides de itinere faciendo praestita, quam non sine nominis nostri nota uiolare poteramus, praesertim si eius frangendae soli timores terroresque propositi occasionem dedissent.

Igitur decimo[4] Calendas Martii, anni millesimi quingentesimi octogesimi secundi Deo duce ac patre uisitatore uelut signifero quasi cum Oceano et undis pugnaturi Nangasaquii nauem Ignatii Limii patricii Lusitani cum eodem patre magno consuetudinis et amoris uinculo coniuncti feliciter conscendimus; Limio, quae erat eius in patrem uisitatorem, nosque omnes beneuolentia, optima nobis receptacula longique itineris hospitia praeparante.

Profecti igitur sumus pater uisitator, pater Laurentius Mexia fraterque Oliuerius Toscanelus eius peculiares socii, et nos quattuor collegae, cum patre Iacobo Mesquita et fratre Georgio Loyola, ultra eos qui nobis ad seruiendum pedisequi, et administri sunt adiuncti. Postquam uela data sunt et in altum prouecti sumus, ad Macaënsemque portum Sinici regni (quod, ut scitis, ad occasum, si cum Iaponia conferatur, magis uergit) cursum nauigationis direximus, paulatim maris aestuantis molestias experiri coepimus. Quamuis enim nauis magnitudine, opere structuraque esset non contemnenda, tanta tamen erat uento uehementius flante maris undarumque agitatio, ut nauis non undis et aura deferri, sed interdum raptari, interdum [11] etiam salire quodammodo uideretur. Nihil tamen fuit quod animos despondere ac demittere cogeret, praesertim patre uisitatore uerborum suauitate nobis assidue spiritus addente. Cruciabat tamen nos nauigationis insolentes nausea, qua plerique in primis saltem nauigationibus laborare solent, quae tam grauiter caput uexat stomachumque conflictat, ut nihil tunc magis, quam cibus refugiatur. Accedit quod cum humores per stomachum et intimas partes fusi omnino perturbentur, non solum ipsi, sed etiam uiscera euomi uideantur. Quae omnia nos passi sumus, Mancio tamen melius habente et interdum nostras querimonias irridente, quamuis etiam nonnullas capitis uertigines sit perpessus.

MANCIVS — Meus aliquantulus labor uestram afflictationem consolabatur. Sed hoc etiam melior erat uestra condicio, quod uos nausea laborantes minus aegre

---

[4] **decimo] uigesimo** *ed. 1590, post corr. Errata*

MARTIM — Como se o enjoo não fosse quase a própria morte e, ao sofrê-lo, não estivéssemos já a experimentar quase o nosso falecimento.

JULIÃO — Tem razão o Martim. Pela minha parte, que senti um pouco menos a náusea, por vezes tinha a impressão de que dava o último suspiro.

LEÃO — Haverá alguém que duvide de que vós, nessa altura, quando o estômago vos deixava mais livres, teríeis desejado por vezes ficar na pátria, em porto seguro, como é esta vossa fortaleza, e não tentar os incómodos do mar?

MIGUEL — Que nos vinha à mente por vezes a recordação da pátria ausente, no meio da opressão dos trabalhos, quem poderá negá-lo? Creio, todavia, que nenhum de nós tinha essa intenção, mas antes a de chegar ao porto de Macau, o mais depressa possível.

MARTIM — A mim a memória da pátria não me preocupou, de tal modo sofria o peso do enjoo e dores várias. É que a dor remove a dor, como um prego a outro prego, e um mal cura-se com outro mal, como é geralmente conhecido e averiguado.

MÂNCIO — Foi não pequena, então, a utilidade desse enjoo que te libertou da triste recordação da pátria e do temor dos perigos. Nós os restantes, que gozávamos de melhor saúde, mal podíamos contemplar o mar, agitado pelos ventos, e o navio furiosamente arrastado pelas águas, com o receio da morte que não pouco atormentava os nossos espíritos. De facto, sendo o mar da China e do Japão cheios de baixios, porque semeados de ilhas, ferve com mais violência e agita-se com mais rapidez do que aquela parte do mar, que é como uma planície extensíssima, sem qualquer intervalo de ilhas, a qual se estende por um espaço longuíssimo, [12] como nós conhecemos por experiência na viagem da Índia para a Europa, e por isso as naus neste nosso mar são sacudidas com maior violência.

LINO — É extraordinário o que dizes, que navios de tão grande tamanho sejam batidos pelas águas, com tanta violência!

MIGUEL — Não te admires da grandeza das naus, porque aquela em que seguíamos, se comparada com outras que observámos nesta viagem, bem pode ser considerada pequena e exígua.

LINO — Que dizes tu? Há ainda navios de maior tonelagem do que estes que vêm aos nossos portos todos os anos?

MIGUEL — Há sem dúvida muito maiores, por forma tal que assim como estes que vêm até nós superam em grandeza os pequenos navios japoneses, do mesmo modo são superados por aqueles outros que nós vimos.

LEÃO — Como é que tão grandes navios podem ser impelidos pelos ventos e pelo mar?

MÂNCIO — Estás admirado, caríssimo Leão, de que os navios sejam impelidos pelo vento e pelo mar? Muitos deles, de notável grandeza, não só são impelidos, mas até esmagados, ou mesmo, às vezes, afundam-se num rodopio ou, por fim, são devorados tristemente pelo abismo profundíssimo do mar, não mais aparecendo

itineris pericula ferretis, ego uero stomacho minus perturbato, pectore essem timore mortis non parum concusso.

MARTINVS — Quasi uero nausea non sit ipsa paene mors, nosque eam patientes non ipsum fere interitum fuerimus experti?

IVLIANVS — Recte iudicat Martinus. Ego namque, qui leuius aliquantulum nausea sum conflictatus, fere mihi interdum uidebar extremum spiritum emittere.

LEO — Quis dubitat uos eo tempore, dum per illam stomachi perturbationem liceret, optauisse nonnunquam in patria ac portu tuto, qualis est haec nostra arx, consistere, nec insolitas maris molestias tentauisse?

MICHAEL — Patriae memoriam subire interdum absentibus et labore oppressis, quis est qui neget? Credo tamen nullius nostrum eam mentem fuisse, sed potius ad Macaënsem portum citissime perueniendi.

MARTINVS — Me patriae memoria nequaquam sollicitum habuit nauseae grauitatem, doloresque uarios patientem. Dolor namque dolorem, quasi clauus clauum excludit, et malum malo curari, scitum et compertum est.

MANCIVS — Non parua sane fuit istius nauseae utilitas, quae te a tristi patriae recordatione et periculorum timore uindicauit. Ceteri namque, qui saniores eramus, uix mare uentis agitatum et nauem grauissime undis impetitam aspicere poteramus, timore mortis animos non parum cruciante. Cum enim mare Iaponicum et Sinicum uadosum sit, utpote insulis circumfusum, feruet uehementius agitaturque crebrius, quam ea pars maris quae quasi quaedam latissima planities nullo insularum interuallo per [12] longissimum spatium protenditur, ut in itinere ex India in Europam experti sumus, ideoque naues in hoc nostro mari uehementius concutiuntur.

LINVS — Mirum sane est quod dicis, naues tanta magnitudine tam uehementer undis concuti.

MICHAEL — Ne mireris magnitudinem, nam ea, qua uehebamur, si cum aliis a nobis in hoc itinere conspectis conferretur, parua et exigua dici posset.

LINVS — Quid asseris? Suntne adhuc capacioris magnitudinis naues iis quae ad hos nostros portus quotannis aduentare solent?

MICHAEL — Sunt absque dubio multo maiores, ita ut sicut hae ad nos aduentantes nostras Iaponicas nauiculas magnitudine superant, sic etiam hae ab illis aliis, quas uidimus, superentur.

LEO — Quanam igitur ratione tantae naues uentis et mari impelli possunt?

MANCIVS — Miraris, carissime Leo, uento et mari nauis impelli? Multae sane ex illis magnitudine praestantes non impelluntur modo, sed uel conquassantur, uel etiam interdum praecipites uoluuntur, uel denique a profundissimo maris gurgite, nullo unquam uectore amplius comparente, miserrime deuorantur. Vt autem

qualquer passageiro. E para que mais facilmente compreendais a agitação e o empolamento das águas, ocorre-me dizer-vos aquilo que algumas vezes nos aconteceu. Tão grande foi, em certas ocasiões, a agitação e o movimento das águas, que o batel que costuma acompanhar o navio, ligado à popa, muitas vezes desapareceu dos nossos olhos, devido à altura do mar embravecido, e de novo, quando as águas baixavam, emergindo do fundo do abismo, era restituído à nossa vista, e com esta série alternada de situações nos deixava profundamente preocupados.

LINO — Não era possível com tão grande violência do vento e das ondas descer as velas, para tornar mais sereno ocasionalmente o percurso do navio?

MÂNCIO — Tínhamo-las descido todas, com excepção de uma que era necessária a dirigir o curso do navio, e essa não estava de modo algum estendida, mas só as velas superiores[8] continuavam, para com elas se recolher alguma porção de vento. Pelo nome de «superiores», entendei a segunda parte da vela. Com efeito, as velas portuguesas têm duas partes, das quais a inferior pode separar-se da superior.

LEÃO — É tão complicada para mim a vista destas coisas, que com razão se disse que o mar deve ver-se em segurança, a terra abraçar-se como nossa mãe. E depois?

MIGUEL — Poucos dias passados, o ímpeto dos ventos começou a sossegar e o furor das ondas a perder intensidade. A verdade é que, se a tempestade retivesse sempre a sua força, o mar não seria navegável. Com esta variedade, o supremo Autor do mundo [13] estabeleceu a distinção das situações, entretecendo admiravelmente prosperidade e adversidade, de modo que nem a vida humana causasse um fastio profundo, nem atraísse totalmente o nosso amor com a sua prosperidade.

Regressando lentamente a serenidade, navegámos para o desejado reino da China; em seguida, no décimo sétimo dia após a nossa partida, vimos as ilhas da China que nesta região são quase infinitas, e finalmente no sétimo dia antes dos Idos de Março[9] entrámos no porto de Macau e fomos recebidos pelo prelado da cidade, pelo prefeito do rei, e pelos padres da Companhia, com grande satisfação de toda a gente.

LEÃO — desejo saber por ti: que gente é a que habita este porto e cidade de Macau?

MIGUEL — Em grande parte são portugueses que também navegam todos os anos até o nosso país. Os portugueses chegaram em anos passados[10] àquela parte da China; a princípio, faziam o seu negócio, como que fechados nos navios, porque os chineses são homens muito desconfiados que vivem no grande receio de perder o seu domínio. Pouco a pouco, todavia, aliviados deste medo pelo convívio com os portugueses, os chineses consentiram que eles construíssem residências num lugar que lhes foi indicado, as quais acabaram por tornar-se numa pequena cidade, com o passar do tempo, onde não só os portugueses habitam mas também muitos chineses convertidos à fé cristã, e aí acorrem muitos mercadores gentios, com as suas mercadorias, provenientes de todas as províncias daquele reino, por forma que recentemente se tornou aquela cidade um empório concorrido dos lusitanos, frequentado por muitos mercadores de todo o Oriente.

undarum agitationem tumoremque facilius intelligatis, illud in mentem uenit dicere quod aliquando nobis accidit. Tanta enim fuit nonnunquam maris undarumque commotio, ut scapha, quae a puppi religata nauem comitari solet, prae maris aestuantis altitudine saepe ex oculis fuerit sublata, et rursus undis decedentibus e profundo gurgite emergens aspectui fuerit reddita, et hac alterna uicissitudine nos uehementer perturbauerit.

LINVS — Non licebat in tanta uentorum undarumque ui uela demittere, ut quietior esset interdum nauis cursus?

MANCIVS — Omnia demiseramus, uno tantum excepto, quod necessarium erat ad cursum nauis dirigendum, idque non omnino extentum ferebatur, sed suppara tantum remanebant, quibus aliqua uenti pars exciperetur. Supparorum autem nomine intelligite alteram ueli partem, duas namque partes uela Lusitana continent, quarum inferior a superiori seiungi potest.

LEO — Adeo laboriosa istarum rerum species se mihi offert, ut merito dictum sit, mare e tuto uidendum, terram tamquam parentem amplectendam. Sed quid tum postea?

MICHAEL — Paucis elapsis diebus uentorum impetus remitti undarumque furor deferuescere coepit. Nec enim, si semper tempestas suam uim retineret, mare nauigabile esset, et hac uarietate omnia supremus ille auctor [13] distinxit, ut prospera aduersis mirabiliter contexerentur, et uita humana nec penitus odio esset, nec omnino amorem nostrum sua prosperitate alliceret.

Serenitate igitur redeunte paulatim ad optatum Sinarum regnum adnauigauimus; deinde decimo septimo a profectione die Sinicae terrae insulas, quae in eo tractu innumerabiles prope sunt, aspeximus, tandemque septimo Idus Martii in Macaënsem portum ingressi, ab ipsius urbis pontifice regioque praefecto, et Societatis patribus magna cum omnium alacritate excepti sumus.

LEO — Aueo ex te scire, quaenam gens portum istum urbemque Macaënsem incolat?

MICHAEL — Gens est magna ex parte Lusitana, quae etiam ad nos huc quotannis nauigat. Haec superioribus annis ad Sinarum illum portum delata, primo quidem nauibus uelut inclusa mercaturam faciebat, propterea quod suspiciosum admodum genus hominum sit Sinicum, et in magno amittendi regni timore uiuens. Paulatim tamen Lusitanorum consuetudine Sinae hoc metu releuati, passi sunt, ut ab illis assignato peculiari loco domicilia exstruerentur, quae in mediocrem quandam urbem progressu temporis euaserunt, ubi non Lusitani modo, sed Sinae etiam multi ad Christianam religionem traducti habitant, eoque multi ethnici mercatores ex omnibus illius regni prouinciis cum mercibus confluunt, ita ut modo sit urbs illa celebre quoddam Lusitanorum emporium, et ex toto oriente a multis mercatoribus frequentatum.

LINO — Uma vez que chegámos ao reino da China[11], gostaria muito que me informasses dos costumes e natureza dos chineses, dos quais nós vemos que alguns, por vezes, viajam até nós.

MIGUEL — Sobre o enorme reino da China tenho muito para dizer que reservarei para o nosso regresso da Europa. Agora bastará que se saiba que naquele porto ficámos nós dez meses, até chegar o tempo de partir.

LEÃO — Qual tempo de partir? Então não é possível deixar o porto em qualquer tempo?

MIGUEL — Absolutamente não. É tal a natureza de todo este céu oriental que nem sempre há oportunidade de navegar para onde se quiser, mas só em diversas épocas do ano, quando também sopram diversos ventos. Em certo tempo, quando sopra o austro, é possível navegar para o Japão; noutro tempo, quando sopra o setentrião, fica livre o caminho para a Índia, porque uma parte do percurso é dirigida para o sul, embora a seguir se vire para o norte.

LINO — Em que [14] gastastes então esses dez meses de ócio?

MIGUEL — Chama-lhes antes negócio. Quem vive com religiosos, nunca está menos ocioso, do que quando tem ócio, nem menos livre, do que quando cessam os negócios. Não nos faltava domicílio bem apropriado, não nos faltavam várias e honestas ocupações: ler, escrever, tocar instrumentos musicais com que o tempo se passava não sem proveito. Não nos faltava finalmente o agradabilíssimo convívio dos padres da Companhia, de que aproveitámos com muito prazer, enquanto aí estivemos.

LINO — Qual é a ocupação dos padres da Companhia nessa cidade?

MIGUEL — A mesma que nas outras, naturalmente, atrair à fé cristã aqueles que estão fora dela, e manter os costumes cristãos na antiga disciplina. Além disso, existe nesta cidade um alojamento para aqueles que vêm da Europa até nós, para utilidade nossa, fazendo esta viagem longuíssima e muito frequentemente perigosa.

LEÃO — Grandes são na verdade e graves os perigos que os padres incorrem para nossa salvação. Mas são felizes aqueles que têm em Deus a remuneração dos seus trabalhos.

MIGUEL — Para que melhor compreendais esses perigos a que temos de referir-nos muitas vezes, contentar-me-ei com um só exemplo acomodado a esta ocasião. Naquele ano[12] em que estivemos no porto de Macau, uma nau portuguesa que partiu do porto de Goa voltou a esse mesmo porto, e não havia outra que com mercadorias devesse navegar para o Japão. Foram escolhidos, portanto, pelos mercadores portugueses, naquele porto, dois navios chineses a que chamam juncos, os quais, como sabeis, na forma, construção, armação diferem muito dos portugueses e são menos capazes de suportar a violência das tempestades. Estando, pois, esses dois navios, carregados de mercadorias, de partida para estas ilhas, aconteceu que um deles que era o melhor em grandeza e robustez (tal é e tão variada a condição das navegações), por incúria do mestre, bateu nos rochedos da ilha a que chamam vulgarmente Formosa e se

LINVS — Quandoquidem ad Sinarum regnum uentum est, peruelim ex te scire mores naturamque Sinarum, quorum aliquos nonnunquam ad nos commeare uidemus.

MICHAEL — De Sinarum regno amplissimo multa dicenda habeo, quae ad nostrum ex Europa reditum reseruabo. Nunc satis erit scire nos in eo portu per decem menses fuisse commoratos, donec proficiscendi tempus appeteret.

LEO — Quod tempus proficiscendi? Non licet quocumque tempore portu soluere?

MICHAEL — Nequaquam, ea est enim huius totius caeli orientalis natura, ut non in quamcumque partem nauigandi semper sit opportunitas, sed uariis anni temporibus, uariis etiam uentis flantibus. Quodam enim tempore nimirum flante austro ad nos nauigare licet; quodam uero alio spirante scilicet septentrione, liberum est in Indiam iter, quod aliqua pars itineris ad austrum sit dirigenda, quamuis postea ad septentrionem reflectatur.

LINVS — Qua [14] ergo in re decem mensium otium contriuistis?

MICHAEL — Negotium potius appella. Qui enim cum religiosis hominibus uersantur, nunquam minus otiantur, quam cum sunt otiosi, nec minus uacui, quam cum a negotiis cessant. Non deerat nobis accommodatum admodum domicilium, non deerant uariae et honestae occupationes legendi, scribendi, musica instrumenta pulsandi, quibus tempus non inutiliter transigebatur; non deerat denique suauissima patrum societatis consuetudo, qua, dum ibi fuimus, iucundissime fruebamur.

LINVS — Quod est patrum societatis in ea ciuitate negotium?

MICHAEL — Idem quod in ceteris, allicere uidelicet ad Christianam fidem eos qui ab ea sunt alieni, et Christianos mores ad ueterem disciplinam reuocare. Ac commodatum est praeterea in ea urbe hospitium iis qui ex Europa ad nos usque nostrae utilitatis causa ueniunt, longissimum hoc iter ac periculosum frequentissime conficientes.

LEO — Magna sane sunt et grauia pericula quae patres nostrae salutis causa adeunt. Sed praeclare cum illis agitur qui laborum suorum Deum habent remuneratorem.

MICHAEL — Vt ista pericula facilius intelligatis, de quibus nobis saepe mentio facienda est, hoc uno exemplo huic loco accommodato contentus ero. Eo anno quo in illo Macaënsi portu fuimus, nauis Lusitana, quae portu Goënsi soluta fuerat, ad eundem portum rediit, nec erat ulla alia, qua cum mercibus ad Iaponiam esset nauigandum. Designatae sunt igitur a mercatoribus Lusitanis in eo portu duae Sinicae naues, quas illi Iuncos uocant, quae, ut scitis, forma, structura, armamentis a Lusitanis ualde differunt, minusque saeuientis maris impetum sustinere possunt. Cum ergo illae duae naues mercibus onustae ad has insulas proficiscerentur, accidit ut altera earum, quae magnitudine et robore erat superior (talis est, et tam uaria nauigationum condicio) magistri incuria ad scopulos insulae, quam uulgo Pulchram appellant, allisa frangeretur, ibique patres, qui ea uehebantur, cum ceteris Lusitanis,

partiu. Os padres que nele iam, com os restantes portugueses, foram lançados à costa como náufragos e sofreram os danos e incómodos gravíssimos dum naufrágio. Perdeu-se tudo que nesse navio era transportado, quer para sustento dos padres que vivem entre nós, quer para ornamento dos templos e do serviço sagrado. Mas por ajuda divina que costuma estar à mão dos que trabalham para Deus, aconteceu que dos fragmentos e restos do navio perdido, juntos e adaptados, não sem grande dificuldade [15] se construiu uma espécie de jangada na qual os infelizes passageiros foram levados ao porto de Macau que não está longe daquela ilha, com grande comiseração daqueles que os receberam assim mortos de fome e de sede, quase nus e consumidos de preocupações. Donde no ano seguinte, vindo mais padres da Índia, nove que tinham partido do porto da China aqui chegaram felizmente.

LEÃO — Renovaste a memória desse facto quase esquecido. Agora, na verdade, me recordo de que também neste lugar nesse ano, chegando uma das naus, foi não pequena a preocupação dos padres com a outra, todos receando a sua sorte, e que nove dos padres, numa viagem seguinte chegaram até nós, entre os quais se encontrava o padre Pedro Gomes, posteriormente prefeito dos que habitavam no território de Bungo.

MIGUEL — Exactamente. Mas, para voltarmos às nossas coisas. Percorrido esse caminho, voltámos a embarcar na nau de Inácio de Lima, a caminho da Índia.

MÂNCIO — Mas quanto não foi o cuidado e a providência de Deus Óptimo Máximo[13] para connosco, ao embarcarmos neste navio?

MIGUEL — Extraordinários, sem dúvida, e há um caso que merece referência e todos devemos estar gratos a Mâncio que dele nos refrescou a memória.

LINO — Aconteceu então nesta partida algo de novo, cuja recordação assim impressionou tanto o teu espírito?

MIGUEL — Havia três navios prontos a navegarem para a Índia, um chinês e dois portugueses. Dos portugueses um, que pertencia a um certo mercador, grande sem dúvida e de robustíssima construção, todos o consideravam superior ao navio de Lima. O comandante daquele navio, o mercador rico a quem ele pertencia, como já disse, teimava com a maior insistência com o padre visitador que embarcasse no seu navio, com a restante companhia e toda a bagagem, dizendo que o navio era grande, sem fendas, muito bem calafetado, com aposentos apropriadíssimos para todos.

O padre visitador, impressionado com os rogos desse homem, de quem era amigo, para que escolhesse o seu navio, começou a deliberar consigo mesmo e, depois de longa deliberação, decidiu que não era digno do seu prestígio abandonar o navio de Inácio de Lima, para mais um nobre, a quem muito devia, e escolher outro navio, ainda que preferível, por grandeza e robustez.

Agradece, portanto, ao mercador e para que se não queixe de que os padres abandonaram a sua companhia, dá-lhe dois da Companhia de Jesus por companheiros, um deles sacerdote e o outro ainda não ordenado, enquanto nós, com o próprio padre visitador, voltámos ao navio de Lima.

naufragi et ad litus eiecti naufragii damna et incommoda grauissima subirent; et eorum omnium iacturam facerent quae tum ad patrum, qui apud nos sunt, uictum, tum ad templorum reique diuinae ornamentum ea naui portabantur. Verum diuino adiumento, quod pro ipso Deo laborantibus praesto esse solet, factum est ut ex fragmentis ac reliquiis amissae nauis non sine magna difficultate aptis et conexis [15] noua quaedam ratis exstrueretur, qua calamitosi uectores ad Macaënsem portum, a quo non longe illa insula abest, relati sunt, magna commiseratione eorum qui fame sitique enectos, nudos prope, et aerumnis confectos exceperunt. Vnde sequenti anno, pluribus ex India patribus uenientibus, nouem e Sinico portu profecti feliciter huc sunt appulsi.

LEO — Renouasti memoriam istius rei prope deletam. Nunc enim recordor etiam in iis locis eo anno, altera naui aduentante, non minimam patrum de altera fuisse sollicitudinem, omnibus illius periculum reformidantibus, et nouem postea ex patribus subsecuta nauigatione ad nos uenisse, inter quos fuit pater Petrus Gomesius, iis, qui in Bungi finibus habitabant, postea praefectus.

MICHAEL — Recte meministi. Sed, ut ad nostra redeamus, eo transacto spatio rursus eandem Ignatii Limii ad Indos nauigaturi, nauem conscendimus.

MANCIVS — Sed quanta fuit in ista ascendenda naui Dei Optimi Maximi in nos cura, et prouidentia?

MICHAEL — Mira equidem, et dignum est hoc eius exemplum, quod referatur, et Mancio, qui illius memoriam refricuit, gratiam habere omnes debemus.

LINVS — Acciditne aliquid in ista profectione noui, cuius recordatio ita animum tuum perculit?

MICHAEL — Erant tres naues paratae ad Indicam nauigationem, una Sinica et duae Lusitanae. Ex Lusitanis altera, quae cuiusdam mercatoris erat, magna illa quidem et robustissimae structurae, quam omnes praestare Limii naui affirmabant. Nauarchus autem, cuius illa nauis erat, mercator, ut dixi, locuples summis precibus a patre uisitatore contendit, ut cum reliquo comitatu ac supellectili suam nauem conscenderet: esse eam amplam, rimarum omnino expertem, optime coagmentatam, receptacula accommodatissima omnibus in ea esse.

Pater uisitator hominis amici precibus commotus de eligenda naui deliberare secum coepit, diuque re agitata statuit non esse dignum sua auctoritate Ignatium Limium, uirum alioqui patricium, et optime de ipso meritum deserere, et alteram nauem etsi magnitudine et robore praestantiorem sibi deligere.

Agit igitur gratias mercatori, et ne se patrum societate destitutum conqueratur, duos illi e societate adiungit, alterum sacerdotem, alterum sacris nondum initiatum, nobis cum ipsomet patre uisitatore nauem Limii repetentibus.

Foi excelente esta decisão, que afinal se baseava num dever de cortesia. O nosso navio [16] chegou felizmente à Áurea Quersoneso[14]; o outro, quebrando-se nos rochedos, provocou um prejuízo de quatrocentas mil moedas de ouro[15] ao seu proprietário e aos passageiros. Quanto aos dois membros da Companhia, que nele viajavam, foram gravemente atingidos: um sofreu de uma doença gravíssima, o outro, como resultado daquele naufrágio e da febre assídua de que já antes sofria, logo que pôs o pé em terra, soltou o último suspiro no colégio de Malaca.

MARTIM — Foi assim que as coisas se passaram e, por isso, tivemos uma ocasião não pequena de dar graças a Deus, pela nossa salvação.

Mas, deixando agora os perigos do mar, não te esqueças duma coisa, de dizer como distraímos o espírito com a contemplação dos pescadores do estreito de Singapura.

MIGUEL — Di-lo-ei, com a condição de fazer também lembrança do próprio estreito.

Antes de chegar à cidade de Malaca, há muitas e variadas ilhas, algumas das quais, próximas do continente, fazem aquele estreito de Singapura, o mais célebre de todo o Oriente. E tão estreito que atravessá-lo pela primeira vez em navios de tão grandes dimensões parece inteiramente um exemplo de insânia e temeridade. E não é possível comparar com ele o célebre Helesponto, entre a Europa e a Ásia, nem o Bósforo Trácio ou Cimério, tão grandes são os desfiladeiros, tal o referver das águas, tão sinuoso o caminho que tem de fazer-se, pelo menos durante três milhas. Mas, se omitirmos o perigo que corremos (pouco faltou para deslisarmos das águas fundas para os baixios), foi extraordinário o nosso prazer, quando vimos os pescadores que habitam aquele estreito.

Chamei-lhes habitantes do estreito e eles não têm de facto melhor choupana ou quarto do que um batel exíguo que costumam cobrir com uma cobertura feita de folhas de palmeira, contra todas as ofensas do tempo e do céu. Quando se levanta uma forte tempestade, atiram o batel para a costa, considerando-se deste modo inteiramente a salvo.

São negros, de corpo quase nu, e ganham de um modo geral o sustento com a pesca. O método de pescar é o seguinte: são dois os que tripulam o batel e geralmente marido e mulher, porque as mulheres se desempenham perfeitamente deste serviço. Portanto, um deles fica na proa, procurando o peixe com um dardo de ponta de ferro na mão, enquanto o outro, segundo as instruções do pescador, da popa conduz em círculo o batel com uma velocidade incrível, perseguindo o peixe, até que, havendo uma oportunidade de lançar o dardo, aquele que está na proa, lança o ferro de tal modo que quase nunca falha o alvo e atravessa o peixe que recolhe, a seguir. Deste modo, sem rede nem anzol, aí apanham uma grande quantidade [17] de peixes que se assemelham a barbos que são vendidos aos viajantes que por aí passam. Daí resulta que os passantes gozam do prazer e da utilidade da pescaria.

LEÃO — Disseste que esses pescadores eram de cor negra, e eu gostaria de saber se também, de entre os portugueses, alguns são semelhantes a eles. Vemos, com

Optima fuit illa deliberatio, nempe quae urbanitatis officio nixa erat. Nostra [16] igitur nauis feliciter ad Auream Chersonesum appulsa est; illa uero altera ad scopulos fracta quadrigentorum millium aureorum damnum domino uectoribusque intulit: duo uero e Societate, qui ea uehebantur, grauiter eo naufragio conflictati sunt: alter enim grauissimo morbo laborauit, alter ex illa iactatione et assidua febri, qua antea iam premebatur, in collegio Malacensi, mox ut pedem in terra fixit, animam efflauit.

MARTINVS — Ita sane res se habuit, et inde nobis nostrae salutis causa non parua fuit Deo gratias agendi occasio.

Sed ne tibi excidat, omissis nunc maris periculis, aliquid dicere, quanta fuerit animorum nostrorum relaxatio ex aspectu piscatorum freti Sincapurensis.

MICHAEL — Dicam, dummodo tamen de ipso freto non nihil commemorem.

Antequam ad urbem Malacam accedatur, multae et uariae sunt insulae, quarum aliquae cum continente coniunctae celeberrimum illud in toto oriente fretum Sincapurense conficiunt. Quod ita est angustum, ut nauibus tantae magnitudinis illud primo traiecisse, insaniae et temeritatis exemplum prorsus uideatur. Nec enim celebrem inter Europam et Asiam Hellespontum, non Bosphorum Thracium, aut Cimerium cum illo licet conferre. Tantae sunt angustiae, talis aquarum feruor, tam flexuosum iter, quod saltem ad tria milliaria conficiendum est. Sed omisso periculo a nobis adito (parum enim abfuit quin e gurgite in uada laberemur) mira sane fuit animorum iucunditas, cum primum piscatores illius freti incolas conspeximus.

Vocaui freti incolas, nec enim aliud opportunius habent uel tugurium, uel deuersorium, quam cymbulam quandam admodum exiguam, quam tegumento quodam ex palmae foliis confecto operire solent, contra omnes temporis caelique iniurias, eam, graui tempestate excitata, ad litus impingentes, et ita se omnino securos iudicantes.

Hi colore nigro, corpore paene nudo ex piscatione sibi fere uictum parant. Piscationis autem haec est ratio: duo sunt, qui cymbulam circumferunt, et plerumque coniuges, feminae namque egregie munus etiam hoc obeunt. Alter ergo ex illis in prora est, hastili ferro praefixo in manibus piscem explorans; alter e puppi ad arbitrium exploratoris, celerius quam credi potest, cymbam circumducit, piscemque insectatur, donec iaculandi opportunitate capta, qui in prora est, ita ferrum mittit, ut fere nunquam non collineet, piscemque transfigat ac recipiat. Hoc modo, sine aliis retibus aut hamis, magna ibi piscium, [17] qui mululos imitantur, copia capitur, et uectoribus illac transeuntibus uenditur. Vnde fit ut qui transeunt piscationis uoluptate, et utilitate perfruantur.

LEO — Dixisti istos piscatores nigro esse colore, uelim scire an etiam ex Lusitanis aliqui similes illis sint. Vidimus enim multos nauibus ad nos uehi nigros illos quidem,

efeito, que muitos chegam até nós, trazidos nos navios, negros sem dúvida, mas escravos dos mercadores, e ouvimos que nesta raça dos portugueses os nobres são de cor branca e os de humilde nascimento são negros, como se fossem nascidos para a escravidão.

MIGUEL — Essa falsa opinião, e outras semelhanças, facilmente vos seria tirada, se navegásseis até Portugal. É que nem os portugueses, nem outros quaisquer homens em toda a Europa, são negros de rosto, de face torta ou de traços irregulares, mas é certo terem eles bela face, uma apropriada compleição dos membros com uma certa suavidade de cor e outros insignes dons da natureza e da arte, como posteriormente, no progresso da narrativa, ficará mais claro.

Quanto aos outros, ou africanos ou de qualquer outra cor escura, que com os mercadores vêm até nós, são escravos, comprados em diversos reinos do Oriente. E não é a nobreza ou a humildade da raça, mas a natureza do céu e da pátria que cria a cor dos homens. Com efeito, assim como são diversas as regiões da terra e os climas, assim também é extrema a variedade das cores, e do mesmo modo que a Europa não cria gente que não seja de bela cor branca, também a África quase todos e a Ásia muitos dos que cria, são de cor escura.

LINO — Mal podem chamar-se homens, decerto, aqueles que nunca puseram um pé fora do solo natal, tantas e tão diversas são as falsas opiniões que adoptam, tudo medindo pela aparência e pelo uso da sua pátria.

MIGUEL — É verdade o que dizes, e dessa verdade com muito mais certeza te persuadirias, se connosco tivesses atravessado tantos mares e terras. Mas resta-nos falar da chegada à Áurea Quersoneso. E porque essa matéria é mais longa, adiemos a conversa para amanhã.

LEÃO — Estamos de acordo com a tua opinião. Tu, entretanto, suspende a tua tarefa e nós todos recomponhamos os corpos com o repouso nocturno.

sed mercatorum seruos, et audiuimus in hoc Lusitanorum genere nobiles candido colore, obscuro loco natos nigros esse uelut ad seruitutem genitos.

MICHAEL — Ista falsa opinio cum aliis similibus facile uobis fuisset sublata, si ad Lusitaniam usque nauigassetis. Nec enim Lusitani, aut aliqui Europae totius homines uel nigra facie sunt, uel distorta, uel prauis lineamentis, sed illis egregiam faciem, aptam membrorum compositionem cum quadam coloris suauitate, aliaque insignia naturae et artis dona inesse certum est, ut ulterius in progressu narrationis magis patebit.

Illi autem uel Aethiopes, uel quocumque alio fusco colore, qui cum mercatoribus ad nos ueniunt, serui sunt ex uariis Orientis regnis coëmpti. Nec enim nobilitas, aut obscuritas generis, sed caeli patriaeque natura colorem hominibus fingit. Sicut ergo uariae sunt orbis terrarum regiones et climata, sic summa coloris uarietas, utque Europa nullam gentem creat quae non sit albo et egregio colore, sic fere omnes Africa, et multos Asia, obscuro colore procreat.

LINVS — Vix equidem dici homines possunt, qui natali solo pedem nunquam extulerunt, tot ac tam uariae sunt falsae opiniones quas imbibunt, omnia aspectu et patriae suae usu metientes.

MICHAEL — Vera quidem refers et haec quae dicis, multo certius tibi persuaderes, si nobiscum tot maria terrasque obiisses. Sed superest ut de accessu ad Auream Chersonesum dicamus. Quae materia quoniam longior est, sermonem in crastinum diem differamus.

LEO — Placet tua sententia. Tu interim labore supersedeas, nosque omnes nocturna quiete corpora reficiamus.

[18] COLÓQUIO TERCEIRO
Sobre a chegada à cidade de Malaca na Áurea Quersoneso, e daí à cidade de Cochim na Índia citerior.

LINO — Quero pôr de novo à tua consideração o lugar no qual ontem ficaste, para que a sua recordação seja um testemunho certo do nosso grande interesse. Tinhas tu chegado ao estreito de Singapura e começavas a falar da Áurea Quersoneso.

MIGUEL — Assim foi: nós chegámos, portanto, à Áurea Quersoneso, depois de termos percorrido aquele estreito.

Chamam os europeus Chersoneso, com uma palavra grega, em latim península, a alguma conhecida parte da terra que penetra no mar em longa extensão e quase forma uma ilha. Tal é esta região de que agora tratamos: em nenhum outro lugar, a Ásia corre como para um promontório, por forma tal que pouco dista daquele lugar que os astrónomos chamam linha equinocial ou equador, juntando-se as outras partes mais para o norte. Daí resulta que para quem navega, vindo do reino da China, a rota vem do norte para Malaca, e daí, se tem que navegar para a Índia Citerior, tem de rumar de novo para o norte, depois de concluída aquela circum-navegação que se faz, por causa daquele longuíssimo promontório. Chamam-lhe Áurea Quersoneso, por causa da abundância de mercadorias e de outras coisas preciosas. Fica situada naquela parte da Índia que é chamada «ulterior» para os que vêm da Europa, uma vez que se situa para além do rio Ganges, aquém do qual a outra parte se chama «citerior».

Na parte extrema deste celebérrimo promontório que corresponde à ilha que outrora se chamava Taprobana[16] e hoje Samatra, do nome da região, fica situada a celebradíssima cidade que se chama Malaca que, desde há anos, está em poder dos portugueses. Mas porque devo tratar depois, do domínio dos portugueses que se estendeu pela Índia, agora direi alguma coisa, neste lugar, sobre a nossa chegada à cidade de Malaca. Fomos recebidos pelo prelado [19] da cidade e pelo governador da fortaleza, com a maior simpatia, e com muita amizade pelos padres da Companhia com quem nos alojámos por oito dias.

LEÃO — Não te esqueças de dizer qual é a distância do nosso Japão ao porto de Macau do reino da China, e deste porto a Malaca; depois, qual é a gente que

[18] De accessu ad urbem Malacam Aureae Chersonesi, et inde ad urbem Cocinum Indiae citerioris. COLLOQVIVM TERTIVM.

LINVS — Subiicere tibi uolo locum in quo heri institisti, ut huiusmodi recordatio studii et auiditatis nostrae sit certum testimonium. Accesseras ad fretum Sincapurense, et de Aurea Chersoneso dicere aggrediebaris.

MICHAEL — Ita est: fretum igitur illud emensi Auream Chersonesum attigimus.

Appellant autem Europaei Graeco idiomate "chersonesum", Latino "paeninsulam", celebrem aliquam terrae partem quae in mare longo spatio protenditur et fere insulam efficit. Talis est hic tractus de quo modo agimus: nullo enim in loco sic Asia uelut in promontorium excurrit, adeo ut parum ab eo situ distet, qui ab astrologis linea aequinoctialis, siue aequator dicitur, reliquis partibus ad septentrionem magis se colligentibus. Vnde fit ut a Sinico regno nauigantibus sit cursus a septentrione Malacam usque, et inde si ad citeriorem Indiam sit nauigandum, rursus ad septentrionem redeatur circuitione illa peracta, quae causa illius longissimi promontorii efficitur. Vocata est autem haec Chersonesus Aurea, propter mercium aliarumque pretiosarum rerum abundantiam. Sita est in ea parte Indiae, quae ulterior ab Europa uenientibus est, ultra uidelicet Gangem fluuium, citra quem alia pars citerior uocatur.

In huius celeberrimi promontorii extrema parte, quae insulae olim Taprobane, nunc Samatrae e regione respondet, sita est ea urbs celebratissima quae Malaca dicitur, annis superioribus in Lusitanorum dicionem redacta. Sed quoniam de dicione a Lusitanis in India propagata inferius mihi agendum est, nunc pauca hoc loco de nostra ad eam urbem accessione dicam. Excepti sumus ab eius urbis [19] praesule et arcis praefecto perhumaniter, et apud Societatis patres amantissime per octo dies deuersati.

LEO — Ne praetermittas dicere quae sit e nostra Iaponia ad Macaënsem Sinici regni portum et ab eo portu Malacam usque distantia; deinde quae gentes praeter

além dos portugueses habita Malaca, uma vez que das tuas palavras se infere que os portugueses são gente de fora e como estrangeiros viajam em todo o Oriente.

MIGUEL — Do porto japonês de Nagasáqui ao porto de Macau os portugueses contam trezentas léguas, das quais cada uma é maior que as nossas cerca dum terço[17]. Donde resulta que as nossas devem contar cinquenta mais quatrocentas. Se quiseres fazer a conta em milhas, fará novecentas. Do porto de Macau até Malaca a distância é de seiscentas léguas que, como já disse, poderão facilmente converter-se nas nossas léguas e em milhas.

A cidade de Malaca é habitada por indígenas malaios de cujo nome se chama toda aquela região e a língua chama-se malaio. Todavia muitos dos habitantes já foram convertidos ao Cristianismo e vivem em comunhão e amizade com os portugueses.

LINO — Na viagem da China para Malaca não entrastes em nenhum outro porto?

MIGUEL — Os portugueses não costumam entrar em nenhum outro nesta navegação; não faltam, todavia, muitos que outros navios, vindos do mesmo porto, costumam procurar. Com efeito, pertencendo a China e a região de Malaca ao mesmo continente, isto é, à Ásia, ficam de permeio muitos reinos, ao longo dos quais os marinheiros necessariamente passam, a Cochinchina, o Champan, o Cambodja, o Sião e outros de que não há razão para tratar. Mais ainda, para neste momento fazer um acrescento, esta mesma terra, a que chamei a Ásia, corre até o golfo Arábico, pelo qual está separada da África. E a África daqui até à Europa, onde fica Portugal, estende-se por um longuíssimo espaço e dela está separada pelo mar Mediterrâneo. As partes exteriores de todas estas regiões são banhadas pelo Oceano, como se observa claramente na representação de todo o mundo que prometi mostrar-vos.

Na cidade de Malaca demorámos oito dias, como já disse, e, uma vez refeitas as forças, retomámos o nosso navio e navegámos para a Índia Citerior. Extraordinária a violência das doenças neste começo de navegação. Com efeito, estando Malaca, como atrás expus, situada quase na zona equinocial, embora o seu céu se torne mais suportável com as frequentes chuvas, se todavia chuvas e ventos faltam por algum tempo, nada mais incómodo pode imaginar-se do que aquela navegação. [20] Foi o que nos aconteceu no início da viagem. Na verdade, depois de termos avançado um pouco, em seguida à partida, tão grande foi a calmaria, por falta de vento, e tão elevada a temperatura do ar, tão violenta, que nem o navio pôde avançar nem nós pudemos evitar as graves doenças. Mas entre todos adoeceram com maior gravidade o padre Diogo Mesquita e o nosso Mâncio, a tal ponto que a situação deste chegou a ser desesperada. Mas o padre visitador na cura destas doenças pôs tanta diligência, tanta solicitude, que depois de Deus e dos divinos poderes, a ele só se deve a salvação de Mâncio. Uma coisa que então sobre todas nos preocupava, era que temíamos que o padre visitador pelo seu trabalho contínuo na cura dos doentes, caísse ao leito vencido por alguma enfermidade e todos os restantes ficassem

Lusitanos Malacam incolant, ut enim ex dictis a te constat, Lusitani externi homines et aduenae in toto hoc Oriente peregrinantur.

MICHAEL — Ex portu Nangasaquii Iaponici oppidi ad Macaënsem portum Lusitani trecentas leucas numerant, quarum unaquaeque tertia fere parte nostras superat; unde fit ut nostrae numerari debeant quinquaginta supra quadringentas. Si autem milliaria colligere uelis, nongenta efficient. A portu Macaënsi Malacam usque spatium est sexcentarum leucarum, quae, ut dictum est, facile ad nostras leucas et ad milliaria reuocari poterunt.

Vrbem Malacam incolunt indigenae Malaii, a quibus tota illa regio et lingua Malaia dicitur. Plerique autem ex incolis Christiana fide iam suscepta cum Lusitanis communiter et amice uiuunt.

LINVS — E portu Sinicu cum Malacam petebatis, nullumne alium portum tenuistis?

MICHAEL — Nullum alium tenere solent Lusitani in hac nauigatione; non tamen desunt multi, quos aliae naues ex eodem portu profectae petere consuescunt. Cum enim Sinica regio et Malacensis ad eandem continentem terram, hoc est, Asiam communi nomine, pertinent, multa interiiciuntur regna, quae nautas praetergredi necesse est, Cocinsinicum, Champanicum, Cambogicum, Siamicum et alia, de quibus non est quod agamus. Immo uero, ut hoc loco id adiiciam, haec eadem terra, quam Asiam dixi, usque ad Sinum Arabicum procurrit, quo ab Africa disiungitur. Africa autem inde usque ad Europam, in qua Lusitania est, longissimo spatio producitur, et ab ea Mediterraneo mari dirimitur. Omniumque harum regionum extremae partes Oceano alluuntur, ut in totius mundi forma, quam uobis me propositurum promisi, manifeste cernitur.

In urbe Malacensi, ut dixi, dies octo morati sumus, et uiribus refectis ad nauigationem Indiae citerioris rursus nauem eandem conscendimus. Mirum est quanta fuerit morborum uis in huius nauigationis ingressu. Cum enim Malaca, ut supra exposui, prope aequinoctialem plagam sita sit, quamuis frequentibus pluuiis caelum illud reddatur clementius, si tamen aliquo tempore pluuiae uentique desiderentur, nihil illa nauigatione molestius excogitari [20] potest. Id autem nobis initio nauigationis accidit. Postquam enim e portu aliquantulum prouecti sumus, nullo flante uento, tanta fuit maris malacia tantusque aëris ardor atque aestus, ut nec nauis progredi nec nos graues morbos uitare potuerimus. Inter omnes autem, praeter Patrem Iacobum Mesquitam, periculosissime aegrotauit noster Mancius adeo, ut prope fuerit eius desperata salus. Sed patris uisitatoris in eius morbo curando ea fuit diligentia ac sollicitudo, ut post Deum ac diuina, ei uni Mancii salus debeatur. Illud autem maxime nos sollicitos habebat, quod timeremus, ne pater uisitator ex assidua in aegrotos cura et labore, graui aliquo oppressus morbo decumberet, et reliqui omnes hoc uno uitae solatio destituerentur. Ille tamen sanus et integer perstitit, reliquis non leuiter periclitantibus.

privados da consolação única da vida, que era ele. Todavia, continuou rijo e são, enquanto os restantes estavam não pouco atrapalhados.

LEÃO — Então Mâncio, esteve doente com tanta gravidade?

MÂNCIO — É verdade sem dúvida, assim como aquilo que afirmou Miguel, que depois do divino remédio, o regresso da minha saúde deve atribuir-se ao trabalho contínuo do padre visitador. Ele, de nada mais curando, fazia-me companhia de noite e de dia; ele, com as palavras de que dispunha, sustentava a minha fraqueza; ele, com os seus rogos, superava o fastio profundo que se apoderara de mim. Que não faria eu, e que alimento não engoliria, com avidez, a seu pedido, embora o estômago o repudiasse com o maior fastio?

MIGUEL — Grande foi, de facto, a violência daquela canícula que a todos nos deixou o temor de cair de cama com doenças gravíssimas! Acrescia que, prolongando-se, para além do costumado, o tempo da navegação, começámos a ter dificuldades, por falta de alimentos, e principalmente por falta de água. Chegou a crise a tal ponto que o próprio comandante do navio, aquele nobre varão de quem falei, tomou a seu cargo a conservação e distribuição da água, não fosse alguém pouco prudente consumi-la em breve tempo, e daí resultar depois algum perigo gravíssimo que todos sofreríamos. Finalmente, foi tão grande e tão molesta aquela demora que muitos teriam preferido então regressar ao porto de Malaca, mas não soprando nem a mais ligeira brisa não éramos livres nem de avançar nem de voltar ao porto de Malaca.

Recorremos, pois, aos remédios divinos, dirigindo preces frequentes a Deus, à Santíssima Virgem e a todos os Santos do céu, invocando diariamente o nome de cada um, segundo o costume dos padres da Companhia nas viagens por mar. E assim aconteceu que seguidamente [21] o vento começou a soprar, e impelindo cada dia com mais força as velas, nós atravessámos as ilhas que estão perto de Taprobana[18], depois aquele longo mar que fica para além delas e finalmente chegámos ao porto da ilha de Ceilão que está na posse dos portugueses.

Aqui podia eu dizer-te muitas coisas sobre a amenidade desta ilha, se o meu discurso se não apressasse a dirigir-se ao continente indiano. Todavia, para de passagem alguma coisa dizer, ela é abundantíssima em muitos produtos, principalmente na famosa canela que daí é exportada pelos portugueses para várias partes da Europa. Esta canela é de longe muito superior à que chega até nós, proveniente do reino da China.

Deixando o porto de Colombo da ilha de Ceilão, éramos conduzidos, com velas e votos, para a costa da Índia, como já disse, quando incorremos no maior perigo de perder a vida e o navio. E foi deste modo.

Assim como entre a Áurea Quersoneso e Taprobana[19] o mar intermédio não é muito largo, também entre a ilha de Ceilão e o promontório da Índia, chamado Comorim, se interpõe um estreito com água baixa e perigoso, conhecido por uns rochedos e baixios mal afamados que em chinês se chamam baixios «Chilaicos», isto é, trabalhosos. Na verdade, é constante a fama de que os chineses navegaram

LEO — Itane grauiter aegrotasti, Manci?

MANCIVS — Ita sane, et quod Michaël asseruit, post diuina remedia patris uisitatoris operae et labori mea salus accepta referenda est. Ille enim de nulla alia recogitans mihi noctu interdiuque aderat; ille, uerbis quibus poterat, imbecillitatem meam sustentabat; ille fastidium grauissimum, quo tenebar, precibus suis superabat. Quid enim non facerem, et quem cibum etiam fastidiosissime a stomacho repudiatum eius rogatu auidissime non deuorarem?

MICHAEL — Magna equidem fuit illius aestus uis, quae nobis omnibus in grauissimos morbos incidendi timorem incussit. Accedebat eo quod cum nauigationis tempus diutius solito prorogaretur, uictus et praesertim aquae penuria laborare coepimus adeo, ut necesse fuerit ipsum nauarchum, nobilem illum uirum, de quo dixi, aquae conseruandae ac distribuendae curam suscipere, ne si forte ab aliquo parum prouido homine breui tempore consumeretur, periculum postea aliquod grauissimum omnes subiremus. Denique tanta fuit tamque molesta illius temporis mora, ut multi tunc ad portum Malacensem regredi optauerint, sed ne leuissima quidem aura ullam in partem spirante, nec ulterius prouehi, nec Malacam repetere nobis liberum erat.

Ad diuina igitur remedia confugimus, preces frequentes Deo, Beatae Virgini caelestibusque omnibus adhibentes, et singula eorum nomina quotidie inuocantes, seruato more quo Societatis patres in nauigationibus uti solent. Quo factum est ut deinceps [21] uentus paulatim flaret, eoque quotidie uehementius uela impellente insulas illas prope Taprobanem iacentes, deinde longum illud pelagus, quod ulterius interiectum est, traiicientes, tandem ad Zeilanae insulae portum, quem Lusitani possident, appelleremur.

Hic tibi ego multa de illius insulae amoenitate possem dicere, nisi ad Indiae continentem oram properaret oratio. Est tamen (ut praeteriens aliquid dicam) multarum rerum feracissima, praesertim illius egregii cinnamomi, quod inde a Lusitanis in uarias Europae partes exportatur. Et hoc, quod e Sinico regno ad nos affertur, ab illo longe multumque superatur.

Zeilanae insulae portu Columbensi relicto, ad oram Indiae, ut dixi, uelis uotisque ferebamur, cum in maximum uitae et nauis amittendae periculum incidimus, quod sic accipite.

Sicut inter Auream Chersonesum et Taprobanem non admodum latum mare interponitur, etiam inter Zeilanam insulam et Indicum promontorium nomine Comorinum uadosum quoddam ac periculosum fretum interiicitur, Syrtibus quibusdam et breuibus celebratissimis nobilitatum, quae Chilaica breuia, id est, laboriosa Sinico sermone dicuntur. Constans enim fama est Sinas olim usque ad Indiam multa regna

outrora até à Índia, submetendo ao seu domínio muitos reinos, e deles restam ainda não poucos vestígios e conservam-se alguns nomes da língua chinesa[19].

Dirigindo-nos, pois, a Cochim que fica para além do tal cabo Comorim, sem vermos ainda a costa, convenceu-se o mestre de que tinha dobrado já esse cabo e de velas pandas dirigia o curso para o porto de Cochim, como lhe parecia. Todavia, a situação era bem diferente, porque, estando nós aquém do promontório, nos dirigíamos em carreira veloz para baixios e penhascos.

Nesta altura, o padre visitador que considerava as preocupações com a navegação como obrigação sua, por causa da nossa segurança, estando na dúvida de termos dobrado o cabo, e preocupado, fala com o comandante e com o mestre e pede-lhes que lancem a sonda ao mar e experimentem a altura das águas. Riem-se o comandante e o mestre e garantem que não há perigo. Então o padre visitador diz: «Ao menos, para me fazeres esta vontade, Inácio, manda lançar a sonda; é que não sei o que o coração me pressagia». Ele, como respeitava muito o padre, manda que assim se faça; e o mesmo marinheiro que fez a primeira tentativa, descobriu que o mar tinha apenas quarenta braças de profundidade. Todos ficam espantados e a seguir, de novo, o marinheiro que recebeu ordem para explorar o fundo, descobre que o mar só tem quinze braças de altura. [22] Então todos ficam aterrados, porque por este sinal, principalmente, compreenderam que o promontório ainda não tinha sido ultrapassado e que nós nos dirigíamos velozmente para os baixios. Portanto, o mais depressa possível, dado o sinal, voltamos a proa para outro percurso, esforçando-nos por sair daqueles lugares cheios de escolhos, porque, se o não fizéssemos, dentro de uma hora e sem qualquer remédio, o navio devia quebrar-se nos rochedos.

LEÃO — Grande, sem dúvida, e evidente foi esse favor de Deus para convosco.

MÂNCIO — Grande e que nunca se apagará da memória, e tanto mais de apreciar, quanto mais os que dirigiam a rota do navio acreditavam que estávamos livres de perigo.

MIGUEL — Foi Deus sem dúvida que influiu no pensamento do padre visitador, para que naquelas circunstâncias nunca o seu espírito repousasse, se não se tomasse frequentemente a altura do mar. Portanto, nesse dia, da parte da tarde, vimos terra e soubemos que, apesar do esforço daquele dia, não tínhamos conseguido ultrapassar o cabo Comorim. O que teria acontecido, se não tivéssemos mudado de rota? Tão-pouco nos adiantou o trabalho daquele dia, porque a água corria com a maior rapidez para aqueles baixios, como por experiência mais tarde averiguámos.

Depois que as velas foram colhidas e as âncoras lançadas ao mar, compreendemos que aquela extensão de terra era a que vulgarmente é conhecida por Pescaria, nome que lhe foi posto, por causa da conhecidíssima pesca das pérolas. Porque naquelas partes, há muitos anos já, habitam os padres da Companhia, o padre visitador enviou uma carta a avisá-los da nossa chegada. E eles imediatamente nos enviaram com rapidez tudo quanto puderam em barcos carregados de arroz, carnes e variados géneros de frutas, e se congratularam com a chegada do padre visitador e de todos

sub suum imperium subiungentes nauigasse, eorumque non pauca adhuc exstant uestigia et nonnulla nomina Sinici sermonis conseruantur.

Cum igitur Cocinum peteremus, quod ultra illud Comorinum promontorium est, nondum conspecto litore, sibi persuasit nauis magister se illud iam promontorium flexisse, et passis uelis ad Cocini portum, ut sibi uidebatur, nauis cursum dirigebat. Longe tamen aliter se res habebat, nam citra promontorium adhuc positi in uada et Syrtes citissimo cursu ferebamur.

Hic pater uisitator, qui etiam rei nauticae curam, salutis nostrae causa a se non alienam putabat, de transitu promontorii dubius ac sollicitus cum nauarcho et magistro nauis colloquens orat, ut plumbeo instrumento in mare demisso maris altitudo tentetur. Arrident nauarchus et magister, nihilque periculi esse asserunt. Tunc ille: "Saltem ut uoluntati huic meae satisfacias, Ignati, iube bolidem demitti, nescio enim, quid animus meus praesagiat". Ille ut erat patri obsequentissimus, ita fieri iubet, et nauiculator, qui idem diligenter praestitit, mare quadraginta tantum ulnas altum esse comperit. Mirantur omnes, et mox iterum nauiculator iussus fundum explorate, mare quindecim tantum ulnas altum esse cognouit. [22] Tunc omnes timore magno sunt perterriti, hoc enim signo uel maxime intellexerunt promontorium nondum esse flexum, et nos ad uada uelocissime properare. Quam primum igitur signo dato proram et cursum alio uertimus, ex illis scopulosis locis euadere contendentes, quod nisi fecissemus, post horam absque ullo remedio nauis ad scopulos allidenda erat.

LEO — Magnum, profecto, et euidens fuit istud Dei in uos beneficium.

MANCIVS — Magnum et quod nunquam e memoria excidet, eoque pluris faciendum, quo magis periculi nos esse immunes credebant ii qui nauis gubernaculum moderabantur.

MICHAEL — Eam sane mentem iniecit Deus patri uisitatori, ut nunquam in eo euentu animus eius quiesceret, nisi frequenter uadum pertentaretur. Eo igitur die pomeridiano tempore terram aspeximus, cognouimusque etiam illius diei contentione non esse nos assecutos, ut promontorium Comorinum transgrederemur. Quid nisi cursum mutauissemus? Ideo autem tam parum processit illius diei labor, quod aqua in uadosa illa loca citatissime decurreret, ut experimento postea nobis fuit compertum.

Postquam uela contracta sunt, et ancorae in mare missae, intelleximus illum terrae tractum esse qui uulgo Piscaria dicitur, nomine ex celeberrima unionum piscatione imposito. Quoniam autem in eo tractu iam a multis annis Societatis patres habitant, pater uisitator missa epistula eos de nostro aduentu admonuit, qui statim quotquot potuerunt lintribus oryza, carnibus, uarioque fructuum genere onustis ad nos properarunt, et de aduentu magna animorum alacritate patri uisitatori, nobisque omnibus sunt gratulati. Quia uero longae nauigationis taedio omnes eramus affecti,

nós, com grande alegria dos seus corações. Entretanto, porque todos sofríamos do tédio duma longa viagem, pareceu bem ao padre que desembarcássemos e nalgumas daquelas aldeias, dispersas pela costa, nos entregássemos por breve tempo à recuperação das forças.

Despedindo-nos do comandante e dos restantes companheiros, descemos para os batéis e, pouco espaço percorrido, pusemos o pé na desejada costa da Índia Citerior, e com os padres e outros naturais daquela praia, convertidos ao Cristianismo, passámos alguns dias.

MARTIM — Mal pode dizer-se quanta foi a alegria (como é costume acontecer depois de uma longa viagem marítima) das nossas almas, quando primeiro fixámos os pés em terra, alegria que foi cumulada pela que experimentámos, ao saber do perigo a que escapámos na noite seguinte.

MIGUEL — Lembras bem. Com efeito, nessa noite [23] o navio de que desembarcámos esteve em grande perigo de ir contra os rochedos. Na verdade, como pouco antes contei, estando os rochedos não longe, aconteceu que as âncoras lançadas ao mar foram lentamente arrastadas pelo vento e pela força das correntes, e o navio, como que contrafeito, recuou uma légua inteira e quase foi lançado contra os rochedos. Além disso, das cordas que ligavam as âncoras, duas foram partidas pela agitação do mar e a salvação dos passageiros mal foi garantida pelas que ficaram inteiras. Foram, na realidade, duas cordas ligadas pelo cuidado dos marinheiros que retardaram a força com que o navio era arrastado. E nós, no dia seguinte, ao lançarmos os olhos sobre o navio, ficámos surpreendidos de que ele estivesse distante aquela légua de nós, na direcção dos penedos, e bem contentes de termos escapado àquele perigo e trabalho nocturno.

LEÃO — Foi muita sorte a vossa. Mas explica, por favor, que região é essa a que chamam Pescaria.

MIGUEL — Aquele promontório de Comorim penetra no mar, cerca de duzentas léguas. Dos seus dois lados, onde há bastantes aldeias de indígenas, o citerior chama-se Pescaria, o ulterior tem o nome de Travancor. Os habitantes dos dois lados, assim como de toda a região, chamam-se Malabares. A costa da Pescaria, recebeu o nome, como já disse, da célebre pesca das pérolas. Aí habitam pescadores que pescam aquelas conchas preciosas, nas quais se encontram as pérolas, em determinadas épocas do ano.

LEÃO — E qual é aí a ocupação dos padres da Companhia?

MIGUEL — A pesca, se assim posso dizer, das almas que eles consideram mais preciosas, com toda a razão, do que as pérolas. Quando podem, procuram residência entre os pagãos, mesmo com perigo de vida, para os atraírem à fé cristã, pela convivência, pelo colóquio e, o que é fundamental, pelo exemplo da vida. É assim que nas duas margens do cabo Comorim se contam oitenta mil cristãos, o que não é pouco em lugares onde exercem o domínio reis pagãos, cuja boa vontade, todavia, os padres conciliam de modo admirável.

uisum est patri ut e naui descenderemus, et in aliquo illorum pagorum, qui sunt per ea litora sparsi, uiribus redintegrandis breui tempore uacaremus.

Salute igitur nauarcho aliisque sociis dicta, in cymbas descendimus, et breui spatio confecto pedem in optatae Indiae citerioris litore fiximus, et cum patribus aliisque illius litoris incolis Christiana pietate imbutis dies aliquot peregimus.

MARTINVS — Vix dici potest quanta fuerit (ut solet post longam nauigationem euenire) nostrorum animorum laetitia, cum primum in terra uestigia impressimus, ad quam ut cumulus accessit ea quam ex uitato a nobis periculo sequentis noctis accepimus.

MICHAEL — Optime meministi. Ea namque nocte [23] nauis, e qua descenderamus, in magno incurrendi ad scopulos fuit periculo. Cum enim, ut paulo ante retuli, scopuli non longe essent, accidit ut ancorae in profundum iactae uento et aquarum fluentium ui paulatim traherentur, et nauis uelut inuita leucam totam regrederetur, et fere in scopulos incideret. Praeterea ex funibus, quibus ancorae appensae erant, duo sunt maris aestu confracti et comminuti, et uix reliquis integris uectorum salus seruata est. Duo namque funes inter se nautarum diligentia colligati nauis prolabentis impetum retardarunt. Nosque postero die oculos in nauem coniicientes, eam leucam scopulos uersus a nobis distare mirati sumus, nec parum illud effugisse periculum laboremque nocturnum laetati.

LEO — Praeclare sane uobis accidit. Sed explica, quaeso, quis sit ille tractus qui Piscaria nuncupatur.

MICHAEL — Promontorium illud Comorinum ducentis fere leucis in mare procurrit. Vtrumque autem eius latus uariis indigenarum pagis frequens, citerius quidem Piscariae, ulterius Trauancoris nomen habet. Incolae utriusque lateris, sicut totius regionis Malauares appellantur. Piscariae tractus ex celebri, ut dixi, unionum piscatione nomen obtinuit. In eo enim habitant piscatores, qui pretiosa illa conchylia, in quibus uniones reperiuntur, statis anni temporibus expiscantur.

LEO — Sed quaenam est ibi patrum Societatis occupatio?

MICHAEL — Piscatus, ut ita dicam, animarum, quas illi iure optimo unionibus pretiosiores iudicant. Quantum enim possunt, sedem sibi inter ethnicos, etiam cum capitis periculo quaerunt, ut eos consuetudine, colloquiis et uitae exemplo, quod caput est, ad Christianam fidem alliciant. Et ita in utroque Comorinensi litore octoginta hominum Christianorum millia numerantur, quod non parum est in illis locis, ubi ethnici reges dominatum teneant; quorum tamen animos patres mirabiliter sibi deuinciunt.

LINO — É extraordinário, sem dúvida, como também esses reis não se submeteram ainda todos, juntamente com os seus povos, por comum consenso, ao jugo de Cristo.

MIGUEL — Naturalmente, porque submissos a outro jugo, o dos seus prazeres e dos seus vícios, e cegos pelas trevas, não vêem o esplendor claríssimo da lei cristã. Acontece muitas vezes que os vícios espalham uma espécie de escuridão e noite sobre as nossas mentes, por causa da qual não é possível concentrar os olhos na luz celeste. É o que acontece no nosso Japão, para não falar daqueles lugares cujos habitantes, assim como têm a pele escura, do mesmo modo são de inteligência amolecida e de natureza [24] inclinada aos vícios. Todas estas dificuldades foram superadas por obra dos padres e muitos foram não só os cristãos que aí vimos, mas também alguns óptimos exemplos de vida cristã.

LEÃO — Ficastes por muito tempo nesta zona de Pescaria?

MIGUEL — Em breve daí partimos: estivemos primeiro numa aldeia chamada Trichandurio, depois fomos para outra dita Manapar, enquanto o padre Mesquita e outros doentes permaneceram numa colónia maior, de nome, Tutocorino.

MÂNCIO — Dado que mencionaste as diversas aldeias onde estivemos, não será fora de propósito explicar a maneira como viajámos, porque não fizemos o caminho a pé, nem a cavalo, mas por um outro meio, usado na região. Usam eles uma liteira que costuma ser transportada por quatro homens: coberta de um colchão e um travesseiro, quem quer que nela é transportado faz o caminho tão comodamente, que o próprio balanço convida ao sono e ao repouso. E porque às vezes o calor é intenso, faz-se o percurso de noite e, numa etapa, percorrem-se por vezes oito ou dez léguas.

MIGUEL — Foi por este processo descrito por Mâncio, que percorremos as aldeias do lado citerior e chegámos ao outro lado do promontório onde encontrámos um barco ligeiro[20] português e finalmente alcançámos Coulão, fortaleza dos portugueses. Aí em breve tomámos um navio que estava de partida para a cidade de Cochim, onde aportámos após um dia inteiro de viagem.

MÂNCIO — Não te esqueças, Miguel, daquele perigo de que, pela bondade divina, nos livrámos nesta navegação.

MIGUEL — Conta-o tu próprio, por favor, Mâncio, cuja lembrança indica bem que o teu temor foi então não pequeno.

MÂNCIO — O temor foi de todos, e muito maior no padre visitador que, embora menos receasse por si, estava muito preocupado connosco. A meio da noite em que devíamos tomar o navio em Coulão, o comandante mandou-nos chamar por um batel que havia de transferir-nos para o navio. O percurso do batel foi tão demorado que, ao romper do dia, o navio estava ainda longe, quando dois navios rápidos[21] de piratas malabares apareceram e a plenas velas se dirigiam para nós. Que remédio havia então?

O navio estava à distância de um terço de légua, a costa muito mais longe ainda, o batel com toda a força dos remos não podia escapar à velocidade dos piratas. Tivemos que refugiar-nos no auxílio divino: rezámos a Deus e ao mesmo tempo

LINVS — Mirandum sane est quomodo isti etiam reges omnes cum suis populis communi consensu Chisti iugum nondum subierint.

MICHAEL — Quia uidelicet alio uoluptatum suarum uitiorumque iugo pressi, tenebrisque obcaecati Christianae legis clarissimum splendorem non conspiciunt. Fit enim plerumque ut uitia quandam mentibus nostris caliginem noctemque offundant, qua oculos in caeleste lumen coniicere non licet. Idemque accidit in nostra Iaponia, nedum in locis illis quorum incolae, ut subnigro colore, sic hebeti ingenio et in uitia procliui [24] sunt natura. Quas tamen difficultates patrum opera superauit: multos enim ibi non solum Christianos, sed Christianae uitae exempla quaedam optima conspeximus.

LEO — Estisne diu in eo Piscariae tractu commorati?

MICHAEL — Breui inde discessimus: fuimus enim primum in quodam pago nomine Trichandurio, deinde alium dictum Manapar adiimus, dum pater Mesquita et alii aegroti in maiori colonia nomine Tutocorino commorantur.

MANCIVS — Quoniam uarios pagos, in quibus fuimus, retulisti, non alienum a narratione erit explicare qua ratione iter fecerimus. Nec enim pedibus uiam confecimus, nec equis uecti, sed quodam alio in ea regione usitato modo. Lectica quaedam apud illos usurpatur quae a quattuor hominibus gestari solet: ea puluinari culcitraque substernitur, et quicumque uehitur, tam commode iter facit, ut eadem illa succussatio ad somnum et quietem inuitet. Quoniam autem aestus nonnunquam est magna uis, noctu iter agitur, et uno cursu nonnunquam octo, aut decem leucae conficiuntur.

MICHAEL — Ea ratione a Mancio proposita, percursis citerioris tractus pagis ad alterum latus illius promontorii peruenimus, et Lusitano ibi myoparone inuento tandem ad Coulanensem arcem Lusitanorum deuenimus, ubi nauem cito ad Cocinensem urbem profecturam reperimus, cuius portum die integro elapso tenuimus.

MANCIVS — Ne omittas, Michaël, periculum illud quo diuina bonitate in ista breui nauigatione sumus liberati.

MICHAEL — Tu ipse refer quaeso, Manci, cuius recordatio timorem animi tui non paruum fuiffe satis indicat.

MANCIVS — Timor communis fuit, multoque omnium maximus in patre uisitatore, qui etsi minus de se, de nobis ualde sollicitus erat. Nocte fere media qua eramus Coulani nauem conscensuri a nauarcho ad scapham, quae nos transuectura erat, sumus euocati. Retardatus est ita scaphae cursus, ut die illucescente nauis adhuc longe distaret, et piratarum Malauarium myoparones duo comparerent, qui plenis uelis in nos inuehebantur. Quid tunc erat remedii?

Nauis tertiam leucae partem distabat, litus item multo maiori spatio, scapha tota remorum contentione myoparonum celeritatem effugere non poterat. Ad diuina nobis confugiendum fuit. Precati sumus Deum, simulque nautis, qui in naui erant,

fizemos sinal aos marinheiros do navio, do perigo em que nos encontrávamos. Eles ou devido ao sinal ou pela vista dos navios dos piratas [25] ou antes, levados por um divino instinto, levantam a âncora e dão as velas em direcção a nós. E assim, interpondo-se o navio entre nós e os piratas, por divino favor, nos livrámos das mãos quase e das espadas dos salteadores.

LINO — Muitos foram sem dúvida os favores de Deus para connosco.

MÂNCIO — Muitos sem dúvida e dignos de nunca serem esquecidos. Mas agora prossiga Miguel com a sua narração.

MIGUEL — Chegámos a Cochim, nobre cidade dos portugueses, no mês de Abril daquele ano de oitenta e dois[22] e aí estivemos, como que em quartéis de inverno, até o mês de Outubro, altura em que tivemos possibilidade de navegar para Goa. Mas não ficámos privados dos nossos exercícios habituais[23].

LEÃO — Explica um pouco mais em pormenor que cidade é esta de Cochim, qual a sua colocação, quem são os seus naturais.

MIGUEL — Está situada, como eu disse, a cidade na Índia citerior, na costa do Malabar e no reino de Cochim que recebeu esse nome da cidade. A cidade é, depois de Goa, a mais célebre, quer pela abundância das mercadorias, quer pela grandeza dos seus edifícios. Foi construída pelos portugueses, com permissão do rei de Cochim, que habita uma outra, um pouco mais afastada da costa do mesmo nome.

LINO — Com que propósito concedeu esse rei aos portugueses que construíssem esta cidade no seu reino?

MIGUEL — Aconteceu que o rei de Cochim fazia guerra constantemente a outro rei poderosíssimo da costa do Malabar, que se chamava Samorim, e que os portugueses, chegados da Europa para negociar, foram convidados pelo rei de Cochim a uma aliança de mútuo auxílio. Eram os portugueses tão superiores em coragem e ciência militar que o Samorim, depois de sofrer muitas derrotas, mal conseguia manter-se no seu território, e que o reino de Cochim se dilatou ao longe e ao largo. Obrigado pelos serviços recebidos, o rei de Cochim concedeu aos portugueses autorização para habitarem no seu reino.

LEÃO — Grande foi a confiança deste rei.

MIGUEL — Grande também a lealdade dos portugueses que, socorrendo o rei, nada guardaram para si daquilo que conquistaram com suor e com sangue, numa longa guerra.

LINO — Como puderam assumir essa atitude?

MIGUEL — Aliados do rei de Cochim e ligados por amizade com ele, olhavam apenas à utilidade do rei. E embora tivessem as cabeças em perigo, muitas vezes, e derramassem muito sangue pela segurança de um rei amigo e do seu reino, guardaram para si a glória tão-somente. Quanto às fortalezas e terras que conquistaram, deixaram-nas generosamente na posse do rei de Cochim.

LINO — Incrível essa lealdade dos portugueses!

MIGUEL — [26] Admirável e não muito usada entre os nossos. Isto mesmo pode mostrar-se por um outro exemplo: tendo os portugueses submetido grande parte

signum periculi nostri dedimus. Illi uel signo, uel myoparonum aspectu, [25] uel potius diuino instinctu commoti ancoram recipiunt, et uela ad nos faciunt. Atque ita naue inter nos piratasque interposita diuino beneficio e latronum prope manibus et mucronibus sumus erepti.

LINVS — Multa sane fuerunt in nos Dei beneficia.

MANCIVS — Multa quidem et digna quae nunquam e memoria excidant. Sed nunc prosequatur narrationem suam Michaël.

MICHAEL — Cocinum urbem nobilem Lusitanorum delati mense Aprili illius octogesimi secundi anni, ibi usque ad mensem Octobrem uelut in hibernis fuimus, quo tempore Goam nauigandi fuit facultas. Non tamen nostris solitis exercitationibus caruimus.

LEO — Altius aliquantulum explica quae sit ista Cocinensis urbs, quis situs, quiue indigenae?

MICHAEL — Sita est, ut dixi, urbs illa in India citeriori, in ora Malauarica in regno Cocinensi, quod ab urbe nomen accepit. Vrbs est post Goam in primis celebris tum multitudine mercium, tum magnitudine aedificiorum. Ea in illo loco, permissu Cocinensis regis, qui aliam remotius aliquantulum a litore eiusdem nominis incolit, a Lusitanis condita est.

LINVS — Quo consilio rex iste Lusitanis in suo regno urbem istam aedificandi copiam fecit?

MICHAEL — Accidit ut Cocinensis rex cum alio eiusdem Malauaricae orae potentissimo, qui Zamorinus dicitur, assiduum bellum gereret, et Lusitani eo ad mercaturam faciendam ex Europa delati a Cocinensi rege in societatem et auxilium uocarentur; adeoque fortitudine et rei militaris scientia proficerent, ut Zamorinus multis acceptis cladibus se suis finibus uix continuerit, et Cocinensis regis regnum longius, latiusque fuerit propagatum; iisque beneficiis obstrictus in suo regno habitandi Lusitanis facultatem concesserit.

LEO — Magna sane fuit istius regis fiducia.

MICHAEL — Magna etiam Lusitanorum fides, qui eidem opem ferentes nihil sudore et sanguine suo partum in eo diuturno bello sibi reseruarunt.

LINVS — Quomodo id sibi in animum inducere potuerunt?

MICHAEL — Foederati homines et Cocinensi regi amicitia coniuncti eiusdem regis utilitati tantum consulebant. Et quamuis capita saepe in grauissima pericula intulerint, multumque sanguinem pro amici regis regnique incolumitate profuderint, gloriam tantum sibi arrogarunt. Oppida autem, et loca comparata Cocinensi regi possidenda magnifice reliquerunt.

LINVS — Incredibilis est ista Lusitanorum fides.

MICHAEL — [26] Mira est, et apud nostros non ita usurpata. Quod etiam ex alio exemplo patere potest: cum enim Lusitani tam procul ab Europa magnam Indiae

da Índia, a tão grande distância da Europa, ainda não apareceu até hoje um só que, rebelando-se contra o seu rei, ocupasse ele o poder.

LINO — Essa gente dos Portugueses merece ser tida em grande conta pelo seu rei e por ele cumulada de honras.

MIGUEL — Com muita razão são os portugueses engrandecidos não só pelos seus reis mas também pelos estrangeiros, e todos os povos da Índia se consideram felizes, se nas suas fronteiras possuem ao menos uma feitoria de mercadores portugueses ou uma fortaleza. É que têm experiência de que daí tiram grandes proveitos, como nós próprios podemos testemunhar, depois da chegada dos portugueses ao nosso país.

LEÃO — Ora vamos lá, Miguel, uma vez que falamos dos portugueses e do seu domínio na Índia, recuando no tempo, explica-nos em que ocasião chegaram à Índia e qual o poder de que dispõem na Índia.

MIGUEL — Óptima matéria e campo para uma exposição, sem dúvida, que para nos ser mais agradável, deve ser adiada para amanhã.

LINO — Adie-se então, e por ela farás o exórdio da tua narração de amanhã.

partem sibi subegerint, nullus adhuc inuentus est, qui contra regem rebellione facta dominatum sibi occupauerit.

LINVS — Natio ista Lusitanorum digna quidem est, quae magni a suo rege fiat, multisque honoribus cumuletur.

MICHAEL — Iure optimo non solum a suis regibus, sed ab exteris etiam Lusitani magni fiunt, omnesque Indiae populi felices se arbitrantur, si in suis finibus Lusitanorum saltem mercatorum conuentum aliquem, uel oppidum habeant. Experiuntur enim, se inde magnas percipere utilitates, quod nos etiam ex Lusitanorum ad nos aduentu testari possumus.

LEO — Age uero, Michaël, quando de Lusitanis eorumque in India dominatu est sermo, longius repetito principio, qua occasione in Indiam uenerint, quaeue eorum in India sit potestas, nobis explica.

MICHAEL — Optima sane ad dicendum materia et seges, quae tamen, ut sit nobis iucundior, in crastinum diem differenda est.

LINVS — Differatur, ex eaque crastino die dicendi exordium sumes.

COLÓQUIO QUARTO
Da chegada dos Portugueses à Índia e da expansão do Império Português

LEÃO — Despertaste em nós, Miguel, na passada noite, o vivo desejo de saber de ti como foi a chegada dos portugueses à Índia e em que ocasião nela expandiram o seu império.

MIGUEL — Tudo quanto diz respeito à chegada dos portugueses à Índia e aos feitos que nela praticaram, exige uma longa história que podeis ler, escrita com verdade e elegância por Jerónimo Osório, bispo de Silves[24]. Eu, todavia, neste capítulo, [27] focarei os pontos principais.

Para começar pelo início do reino de Portugal, deve, em primeiro lugar, saber-se que Portugal é um extremo da Europa, situado a ocidente, banhado na sua maior parte pelo Oceano, cujo povo é celebrado sobretudo pela nobreza, poder, recursos, ciência militar. Ora, porque Portugal não dista muito de África, que está em poder dos sarracenos, inimigos figadais da religião cristã, nunca os príncipes portugueses deixaram de pensar que era de seu dever fazer incursões em África, vingar as ofensas feitas a Cristo, expulsar os inimigos do nome cristão para longe dos reinos vizinhos. E não lhes sucedeu mal. Com efeito, tendo posto em fuga o inimigo em muitos combates, edificaram algumas fortalezas em África, com o maior desdouro do nome sarraceno, e guardam-nas, há trezentos anos, com o maior louvor e glória.

Ora, de entre eles, o ilustríssimo príncipe Henrique, filho do rei João, primeiro deste nome, e irmão do rei Duarte, foi um varão notável, não apenas pelo sangue régio, mas também por sabedoria e fortaleza. Concebendo em seu espírito algo de maior do que uma incursão africana, e aceso do ardor de propagar a religião cristã, decidiu enviar navios e explorar toda a costa marítima de África até o promontório de Boa Esperança, que fica muito longe de Portugal, e abrir a navegação para a Índia, conhecida apenas teoricamente, mas desconhecida, e por tentar, na prática e na experiência, persuadido de que ela havia de ser útil e gloriosa para a religião cristã e para a fama lusitana. Dedicou-se, portanto, a esta empresa que começou com felizes auspícios e que, à sua morte, deixou em testamento aos reis portugueses

De aduentu Lusitanorum in Indiam,
et Lusitani Imperii propagatione.
COLLOQVIVM QVARTVM.

LEO — Excitasti nocte praeterita, Michaël, in nobis ardens studium sciendi ex te, qualisnam fuerit in Indiam Lusitanorum aduentus, et qua occasione in ea imperium suum propagauerint.

MICHAEL — Ea quae ad Lusitanorum in Indiam aduentum et res ab illis in ea gestas pertinent, longam historiam requirunt, quam uere et eleganter scriptam ab Hieronymo Osorio Siluensi Episcopo legere potestis. Ego tamen hoc [27] loco eius summa capita attingam.

Vt autem a Lusitaniae regno initium sumam, illud in primis sciendum est Lusitaniam esse quandam extremam partem Europae ad occasum solis sitam, quam magna ex parte Oceanus alluit, cuius gens nobilitate, potentia, opibus, rei militaris scientia in primis est celebrata. Quoniam autem Lusitania non longe ab Africa distat, quam Saraceni Christianae religionis hostes infestissimi possident, nunquam non Lusitani principes sui officii esse sunt arbitrati excursiones in Africam facere, iniurias Christo illatas uindicare, Christiani nominis hostes longe a finitimis regnis expellere. Nec res infeliciter cecidit. Nam hostibus multis proeliis fugatis, nonnullas arces, cum summa Saraceni nominis ignominia, in Africa aedificarunt, easque iam a trecentis annis cum summa laude et gloria sunt tutati.

Inter hos autem Henricus clarissimus princeps Ioannis primi hoc nomine regis filius, Eduardique regis frater, uir non solum regio sanguine, sed sapientia et fortitudine insignis, maius aliquid animo Africana expeditione concipiens, Christianaeque religionis propagandae ardore incensus, statuit missis nauibus totam Africae maritimam oram usque ad promontorium Bonae Spei, longissime a Lusitania distans explorare, Indicamque nauigationem arte tantum et scientia notam, usu et experientia ignotam et intentatam aperire, eam Christianae religioni et Lusitano nomini utilem et gloriosam fore sibi persuadens. Aggressus est igitur hoc negotium, felicibusque auspiciis inceptum morte impeditus, tamquam nobilissimum patrimonium Lusitanis regibus testamento reliquit. Illud prosecutus est Ioannes hoc nomine secundus quandiu uixit.

como se fosse o mais nobre património. Seguiu a empresa João, deste nome o segundo, enquanto viveu.

Manuel, porém, cuja memória é entre os portugueses celebérrima, levou a empresa a uma feliz conclusão. Na verdade, logo que recebeu as insígnias do reino, enviou, com quatro navios a explorar a Índia, Vasco da Gama, um homem nobre, sabedor e diligente, a fim de que, com a exportação para Portugal das mercadorias que nesta região são abundantes e preciosas, pudesse enriquecer o seu país e comunicar pia e amorosamente aos povos da Índia, por intermédio de varões honestos e religiosos, a luz da religião cristã que há muito brilhava para os europeus.

Portanto, este Vasco da Gama, depois de escapar a muitos perigos e de suportar as moléstias duma longa navegação, percorrendo as costas marítimas de toda a África e de grande parte da Ásia, finalmente chegou à desejada região da Índia e aportou ao reino de Samorim [28], rei que então era conhecido pela fama, mais do que os outros. A este, Gama apresentou a embaixada do rei Manuel e com ele tratou de assinar um tratado. A princípio foi recebido cordialmente. Depois, todavia, pelas fraudes dos sarracenos, de que há não poucos naquele reino, o espírito do rei passou ao campo oposto, e Vasco da Gama sofreu injustiças que, pela dignidade do nome de cristão e de português, apesar de ser de seu natural amigo da paz e concórdia, não pôde deixar de castigar.

A Vasco da Gama sucedeu na expedição do ano seguinte, um outro homem nobre, Pedro Álvares Cabral que, por ordem do rei Manuel, não omitiu nenhum género de serviço com que pudesse atrair o Samorim, apesar da sua deslealdade, a uma espécie de sincera boa vontade e mútuo respeito dos compromissos comerciais, como é costume entre reis honestos.

Valeu, porém, mais a fraude dos sarracenos e o mal da cobiça, como muitas vezes acontece em almas obcecadas pela falsa superstição dos deuses, por forma tal que, tendo o rei concedido antes a Cabral autorização para construir, à própria custa, uma casa onde guardar as mercadorias, e nela vivendo pacatamente setenta portugueses dedicados ao comércio, o rei, voltado agora contra os portugueses, não apenas conivente, mas mandante, ordenou que ela fosse atacada subitamente por uma força de seis mil sarracenos. Demoliram-na com todos os engenhos, a ferro e fogo, e espoliaram e mataram ímpia e criminosamente os portugueses que ali se reuniam por direito de hospitalidade que é o mais sagrado entre todos os povos. Neste gravíssimo incidente, Cristo a quem os portugueses prestam religiosamente culto, não abandonou os seus. Com efeito, daquela carnificina salvaram-se surpreendentemente vinte que, depois de fazerem grande destruição entre os inimigos, se refugiaram nos navios.

Foi então que o rei de Cochim, que há muito era inimigo do Samorim, chamou à sua aliança e favor todos os portugueses que estavam em reinos estrangeiros e andavam desprovidos de todo o auxílio e espontaneamente lhes ofereceu comércio, hospitalidade e todos os direitos da amizade. E Cabral, não desprezando em momento tão difícil o seu favor e benevolência, estabeleceu com ele, em nome do rei D.

Emmanuel uero, cuius memoria inter Lusitanos in primis celebris est, ad felicem exitum perduxit. Cum primum enim insignia regis suscepit, Vascum Gamam nobilem, sapientem et strenuum uirum cum quattuor nauibus ad Indiam explorandam misit, ut mercibus quae in ea regione multae sunt et pretiosae, in Lusitaniam exportatis, regnum suum locupletaret, et Christianae religionis lumen, quod iam diu Europaeis affulserat, cum Indiae gentibus per probos ac religiosos uiros pie et amanter communicaret.

Hic igitur Vascus Gama multis perfunctus periculis, longae nauigationis molestiis deuoratis, totius Africae et magnae Asiae partis ora maritima perlustrata, tandem aliquando ad optatam Indiae regionem, Zamorinique [28] regis, qui tunc fama praeter ceteros notus erat, regnum portumque peruenit. Huic ille legationem Emmanuelis regis proponens, et de feriendo foedere cum eo rege agens, primo quidem humaniter fuit exceptus. Deinde Saracenorum fraudibus, quorum in eo regno non exigua pars erat, regis animo in alteram partem uersato, eas accepit iniurias, quas pro Christiani ac Lusitani nominis amplitudine, uir alioqui pacis et foederis studiosissimus, non potuit non persequi.

Vascum Gamam in expeditione sequentis anni uir quidam alius nobilis Petrus Aluarus Capralis subsecutus est, qui ex mandato Emmanuelis regis nullum officii genus praetermisit, quo Zamorinum dolis implicatum ad germanam quandam beneuolentiam mutuamque rerum contractarum communionem et commercium, ut inter probos reges esse solet, posset allicere.

Valuit tamen magis fraus Saracenorum, et auaritiae malum, ut plerumque fit in animis falsa deorum superstitione obcaecatis, tantumque potuit, ut, cum antea rex domus ad merces seruandas propriis sumptibus aedificandae Caprali facultatem concessisset, in eaque iam Lusitani fere septuaginta ad coëmendas merces destinati pacate uiuerent, rege a Lusitanis abalienato, et non conniuente modo, sed iubente, in eam domum Saracenorum legio ex sex millibus hominum conflata subitam incursionem fecerit, eamque omnibus machinis, ferro ac flamma demoliendam, hominesque Lusitanos iure hospitii coniunctos, quod sanctissimum apud omnes gentes est, impie et nefarie suis bonis spoliandos et interficiendos[5] curauerit. In hoc grauissimo discrimine Christus, quem Lusitani religiose colunt, suos non destituit, nam ex illa caede uiginti mirabiliter sunt seruati, qui magna hostium strage facta ad naues salui se receperunt.

Tunc Lusitanos omnes in peregrinis regnis omni auxilio destitutos Cocinensis rex, cui cum Zamorino ueteres erant inimicitiae, in fidem suam gratiamque asciuit, eosque ad commercium, hospitium omniaque necessitudinis iura sponte sua uocauit.

---

[5] **interficiendos]** **interfiendos** *ed. 1590, corr. Errata*

Manuel, um tratado de amizade e eterna aliança, e declarou uma cruel guerra ao Samorim, figadal inimigo de ambos. Esta foi, portanto, a primeira ocasião da chegada dos portugueses à Índia, e o seu começo de dilatação do império português, por justas causas.

LEÃO — Merecidamente, pois, e com justiça, incorreu o Samorim [29] no ódio e hostilidade dos Portugueses, visto que por nenhuma outra causa a não ser as intrigas dos sarracenos e o impulso da cobiça própria, cometeu um tão grave crime de perfídia e mereceu inteiramente que os portugueses, declarando-lhe guerra, o perseguissem.

MIGUEL — Dizes bem. E pela mesma causa mereceu o rei de Cochim, ao receber estrangeiros com tanta hospitalidade, que os portugueses o tratassem com todo o amor e simpatia.

LEÃO — Não tinham então os portugueses fortalezas que pudessem habitar na Índia?

MIGUEL — Absolutamente nenhuma. E só chegavam com mercadorias aos portos da Índia e aí se demoravam breve tempo para fazer negócio. Logo que tinham oportunidade de navegar, voltavam a Portugal.

LINO — Foi só para negociar que os portugueses abriram o caminho para a Índia, lá chegando com tantos e tais perigos de vida?

MIGUEL — Essa foi, naturalmente, a preocupação dos mercadores que tratavam dos seus negócios. Os reis, porém, a quem (principalmente se são imbuídos de piedade cristã) Deus costuma influir espíritos de longe mais largos e mais sublimes, tiveram a intenção a que já me referi: propagar o império de Cristo, a quem eles se consagraram inteiramente, mais longe e mais largo; aperfeiçoar com a piedade cristã os povos de toda a Ásia, multidão quase infinita, de bárbara ferocidade, que passa a vida sem lei certa, nem certa religião, à maneira dos rebanhos, e conformá-los à educação num melhor género de vida.

LINO — Agora, pelo que toca aos mercadores, gostaria de saber que mercadorias levam eles da Europa para a Índia e quais as que, de volta, transportam da Índia para Portugal.

MIGUEL — De Portugal levam principalmente prata para comprar as mercadorias indianas, vinho espremido das uvas, azeite feito de azeitonas, líquidos que abundam na Europa e alcançam grandes preços na Índia; além disso, muitos géneros de vestuário em linho, seda, lã, tecidos bordados a ouro e outras coisas semelhantes que a Europa, continente fertilíssimo e muito desenvolvido nas artes, costuma produzir.

Da Índia, por sua vez, são trazidos para a Europa a pimenta, o gengibre, a canela, o cravo da Índia e outras especiarias, e grande quantidade de vestidos de algodão. Donde resulta que, trocando, de um modo ou de outro, mercadorias, os dois continentes, a Europa e a Índia, colhem grande proveito.

LINO — Maior proveito me parece tirar a Índia que recebe prata e mercadorias escolhidas[25].

Cuius fauorem beneuolentiamque Capralis in tanto discrimine non aspernatus cum eo Emmanuelis regis nomine iura amicitiae sempiternaeque societatis sanxit, et Zamorino utriusque infestissimo hosti crudele bellum indixit. Haec igitur fuit prima Lusitanorum in Indiam aduentus occasio, Lusitanique imperii iustis de causis propagandi principium.

LEO — Merito sane ac iure Zamorinus in odium [29] offensionemque Lusitanorum incurrit, quandoquidem nulla alia de causa, nisi Saracenorum dolo et propriae cupiditatis impulsu tam graue perfidiae scelus admisit, dignissimusque fuit, quem Lusitani indicto bello persequerentur.

MICHAEL — Recte ais, et eadem de causa dignus fuit Cocinensis rex, quem perhospitaliter aduenas homines excipientem Lusitani omni amore beneuolentiaque complecterentur.

LEO — Nullane erant tunc Lusitanis oppida in India, quae incolerent?

MICHAEL — Nulla prorsus. Solumque cum mercibus ad Indiae portus peruenientes ibidemque ad mercaturam faciendam breui tempori commorati, data nauigandi opportunitate Lusitaniam repetebant.

LINVS — Soliusne mercaturae causa Lusitani nauigationem Indicam aperuerunt, tot ac tanta capitis uitaeque pericula adeuntes?

MICHAEL — Mercatorum quidem suas utilitates curantium ea mens fuit. Regum autem, quibus (praesertim si Christiana pietate sint imbuti) longe altiores et sublimiores spiritus Deus ingenerare solet, is fuit animus, quod iam dixi, ut Christi imperium, cui illi se totos addixerant, longius latiusque propagarent, gentesque totius Asiae multitudine prope infinitas, immanitate barbaras, uitam sine certa lege, sine certa religione instar pecorum degentes Christiana pietate excolerent, et ad melius uiuendi genus instituendum condocefacerent.

LINVS — Nunc quod ad mercatores attinet, scire uelim, quae merces ex Europa in Indiam apportentur, quaeue rursus ex India in Lusitaniam deferantur.

MICHAEL — E Lusitania uehitur in primis argentum ad merces Indicas coëmendas, deinde uinum ex uuis expressum, oleum ex oliuis confectum, quorum liquorum, qui magni in India fiunt, Europa est feracissima; praeterea multa genera uestis lineae, sericae, gausapinae, auro Phrygio opere intextae, aliaque similia, quae Europa regio fertilissima multisque artibus exculta ferre solet. Ex India uero piper, zinziber, cinnamomum, garyophyllum aliaque aromata, et magna gossypinae uestis copia in Europam deportatur. Vnde fit ut mercibus ultro citroque quodammodo commutatis, utraque regio et Europa et India ex hac nauigatione uberrimos fructus colligat.

LINVS — Vberiores sane fructus uidetur India colligere, quae argentum egregiasque merces recipit.

MIGUEL — Os mercadores portugueses não consideram certamente as contas desvantajosas, ao percorrerem tantos mares para fazer negócio. Com efeito, as especiarias da Índia que tu não consideras de grande importância, uma vez levadas de Portugal, por causa da [30] sua raridade, suavidade e outras utilidades, para as diversas partes da Europa, e vendidas a bom preço, proporcionam grande lucro aos portugueses, e assim o dinheiro nelas colocado volta aos mercadores aumentado umas vezes no dobro e outras no triplo.

LEÃO — Ora vamos, explica-nos agora como os portugueses começaram a possuir fortalezas e colónias na Índia.

MIGUEL — A primeira colónia dos portugueses na Índia foi a cidade chamada Cochim, situada no país do rei de Cochim. Foi o caso que o Samorim, aquele pérfido rei, aceso em ódio contra os portugueses, incitou o rei de Cochim à perfídia e à fraude, e não o tendo conseguido com os seus rogos, recorreu às armas e promoveu uma guerra feroz contra o rei seu vizinho. Este, sob o peso dos prejuízos da guerra, mal podendo defender o seu território, implorou o auxílio e colaboração dos portugueses e concedeu-lhes livre autorização de construírem no seu território uma fortaleza e uma pequena cidade.

Esta cidade, de modestos fundamentos, com o decorrer do tempo, alcançou um tal progresso que agora é justamente considerada entre as principais da Índia. Frequentam-na mercadores portugueses, a multidão das gentes indianas, com a sua variedade de mercadorias, por tal forma que o próprio rei, das suas portagens e impostos, colhe não pequeno proveito.

LEÃO — E das outras colónias qual foi a causa e origem?

MIGUEL — O exemplo de lealdade e amizade dado pelo rei de Cochim aos restantes, e do proveito que daí tirava, foi não pequena demonstração.

Quando os restantes reis compreenderam qual o resultado que o rei de Cochim tirava da sua lealdade, não hesitaram em receber os portugueses na sua amizade e em convidá-los a construir cidades nos seus territórios, com rogos e promessas. Deste modo foram edificadas as fortalezas de Cananor, Coulão, Cranganor, Chaul nos territórios de diversos reis, e o nome dos portugueses, que antes era obscuro e suspeito na Índia, começou a ser agradável e simpático àqueles povos, a tal ponto que o próprio Samorim, consciente da sua anterior conduta criminosa, acabou por desejar vivamente aliar-se com eles. E os sarracenos, para quem o nome cristão era especialmente odioso, expulsos dos territórios de muitos reis, depois de perderem algumas das suas cidades, foram forçados a sofrer o jugo lusitano, e Goa, a mais ilustre cidade da Índia, domicílio outrora certo da impiedade sarracena, se tomou a capital famosa do nome cristão e português, donde as bandeiras da coragem e da religião são levadas para todos os povos restantes.

[31] LINO — Goa, essa cidade muito célebre, que tu proclamas cabeça do império português na Índia, a que rei obedecia anteriormente?

MIGUEL — Estava sob o domínio dum rei dos sarracenos que fez uma aliança com o Samorim e com outros sarracenos, inimigos do nome cristão, para a destruição

MICHAEL — Non inutilem sane rerum suarum rationem Lusitani subducunt, tot maria mercaturae causa obeuntes. Nam Indiae aromata, quae tu non tanti facienda ducis, propter [30] eorum pretium, suauitatem aliasque utilitates a Lusitania in uarias Europae partes delata, et magno argenti pondere diuendita mirum pariunt Lusitanis emolumentum, et ita argentum in illis collocatum nonnunquam dupla, interdum etiam tripla sui parte auctum ad mercatores redit.

LEO — Age nunc explica quomodo Lusitani oppida et colonias in India habere coeperint.

MICHAEL — Prima Lusitanorum colonia in India fuit ea urbs quae Cocinum dicitur in regno Cocinensis regis sita. Cum enim Zamorinus ille perfidus rex Lusitanorum odio incensus Cocinensem regem ad perfidiam et fraudem sollicitaret, nec id precibus assequi posset, ad arma confugit bellumque grauissimum finitimo regi intulit. Ille belli damnis oppressus, cum fines suos difficile tueri posset, Lusitanorum auxilium opemque implorauit, illisque in finibus suis arcem et oppidum aedificandi liberam facultatem concessit. Quod quidem opppidum paruis coeptum fundamentis ea incrementa progressu temporis habuit, ut nunc inter praecipuas Indiae urbes merito numeretur. Frequentatur enim mercatorum Lusitanorum aduentu, Indicarum gentium appulsu, mercium uarietate, adeo ut rex ipse ex eius portoriis, et uectigalibus non mediocres utilitates capiat.

LEO — Ceterarum coloniarum quaenam fuit causa et origo?

MICHAEL — Exemplum sane fidei et amicitiae a Cocinensi rege omnibus aliis propositum, utilitatisque ab eo collectae non minima demonstratio.

Cum enim ceteri reges intelligerent quos fructus fidei suae Cocinensis rex percepisset, non dubitarunt Lusitanos in gratiam etiam suam recipere, et ad oppida in suis finibus exstruenda promissis et precibus inuitare. Hoc modo Cananorii, Coulani, Cranganorii, Chaulii in finibus uidelicet diuersorum regum uariae arces sunt aedificatae, et Lusitanum nomen, quod antea obscurum erat et suspiciosum in India, gratum et iucundum illis gentibus esse coepit, ita, ut ipse Zamorinus ante acti sceleris sibi conscius cum illis etiam societatem inire uehementer exoptauerit. Et Saraceni, quibus Christianum nomen in primis infensum erat, multorum regum finibus expulsi, nonnullaque propria oppida amittentes, Lusitanorum iugum subire sint coacti, et Goa praeclarissima Indiae urbs Saracenae impietatis quondam certum domicilium, Christiani Lusitanique nominis sit clarissimum quoddam caput, unde fortitudinis et religionis signa in reliquas omnes gentes inuehuntur.

[31] LINVS — Goa ista celeberrima urbs, quam caput Lusitani in India imperii praedicas, sub cuius regis dicione antea fuit?

MICHAEL — Sub dicione regis cuiusdam Saracenorum, qui cum Zamorino aliisque Saracenis Christiani nominis inimicis de Lusitanis omnino exstinguendis societatem

total dos portugueses, e causou muitos prejuízos à gente lusitana que, atacada por eles, sob o comando do invencível Afonso de Albuquerque, não só expulsou os sarracenos de Goa, mas ainda submeteu ao seu domínio Ormuz, nobilíssima cidade do golfo Pérsico, e Malaca, luzeiro claríssimo da Áurea Quersoneso. Praticou ainda muitos outros feitos ilustres que nem a brevidade do tempo de que dispomos nem a minha pouca eloquência podem abranger numa só palavra. Direi apenas que o nome português, em todos os povos da Índia, por ilustres feitos e virtudes singulares, goza do maior respeito e veneração e todos o reverenciam como algo de santo e augusto.

LEÃO — É extraordinário, sem dúvida, que os portugueses, um povo estrangeiro e distante, tivessem obrado na Índia tão ilustres feitos.

MIGUEL — Muito mais surpreendido ficarás, caríssimo Leão, se de algum modo te familiarizares com a história de Portugal. De todos estes feitos, gostaria que reconhecesses três causas, a fidelidade para com o seu rei, a invencível fortaleza de ânimo e a dedicação profunda à religião cristã. Ornados destas virtudes, nada houve de árduo ou difícil que não tentassem, nada tão grande que não concluíssem com êxito.

LEÃO — Há uma pergunta que me parece oportuna: quem administra os portugueses na Índia, se o rei está a tão grande distância?

MIGUEL — As virtudes lusitanas, assim como todas as outras, são regidas pela prudência, graças à qual os povos se distinguem, de maneira admirável, pela ciência de governar. Com efeito, para não falar de outras circunstâncias, em tempo determinado previamente, esse rei, distante da Índia, envia um varão da nobreza, conhecido por sua experiência militar e fortaleza, como vice-rei e seu representante, a quem todos os portugueses, como ao próprio rei, veneram com a maior lealdade e respeito, por forma que a ausência do rei não constitui impedimento a que se guardem o direito e as leis sagradas. A este vice-rei estão subordinados muitos outros generais e prefeitos, estabelecidos nas diversas cidades e fortalezas da Índia, que não se desviarão da devida ordem de governar, nem sequer a largura de uma unha.

LEÃO — Convém que sejam grandes a dignidade e o prestígio [32] do vice-rei.

MIGUEL — Grandes sem dúvida, porque ele próprio é sempre de ilustre nascimento e em toda a Índia vela com grande autoridade por aquele cargo que o rei lhe conferiu.

LINO — E não há o perigo de que esse vice-rei, provido de tão grande autoridade e majestade, se revolte e se separe do rei, e consiga o domínio e como que a tirania de toda a Índia?

MIGUEL — Nenhum perigo, sem dúvida, se tivermos em conta a virtude dos portugueses, há muitíssimo tempo reconhecida e averiguada. De onde acontece que nem sequer lhes venha ao pensamento a ideia de estabelecer a tirania; nem, se tão grande atentado lhes ocorresse ao espírito, haveria alguém, manchado de tão grande perfídia, que desse a sua concordância a um vice-rei que maquinava a traição. Por outro lado, entre os príncipes cristãos não é costume que magistrados inferiores atraiçoem o seu rei, nem há quem ouse alimentar e apoiar a traição.

iniit, et multis damnis Lusitanam gentem affecit, quibus ad bellum lacessita duce inuictissimo Alfonso Albuquercio non solum Goa Saracenos expulit, sed etiam Ormucium nobilissimam Persici sinus urbem, et Malacam Aureae Chersonesi clarissimum lumen sub suum imperium subiunxit. Et alia multa praeclara facinora edidit, quae nec huius temporis breuitate, nec tenui meae orationis genere ad unum percenseri possunt. Illud tantum dicam, Lusitanum nomen apud omnes Indiae gentes, propter praeclara facinora singularesque uirtutes, in summa quadam esse ueneratione et cultu, omnesque illud ueluti aliquid sanctum, et augustum reuereri.

LEO — Mirum sane est Lusitanos gentem externam et peregrinam tam praeclara facta in India patrauisse.

MICHAEL — Multo magis admiraberis, carissime Leo, si aliqua ex parte in Lusitanorum historiis fueris uolutatus. Harum tamen omnium rerum gestarum tres tibi causas compertas esse uelim, fidem uidelicet erga regem suum, animi inuictam fortitudinem, Christianae denique religionis ardens studium, quibus uirtutibus cum essent ornati, nihil fuit arduum, aut difficile, quod non aggrederentur, nihil tantum, cui non optatum fastigium imponerent.

LEO — Vnum illud opportune occurrit interrogandum, quisnam Lusitani populi in India administrationem obtineat, cum rex longissimo sit disiunctus interuallo?

MICHAEL — Lusitanarum uirtutum, sicut ceterarum omnium moderatrix est prudentia, qua ornati mirum in modum populi gubernandi scientia pollent. Nam, ceteris omissis, praefinito quodam tempore rex ille procul ab India semotus, uirum aliquem patricium rei bellicae experientia et fortitudine notum, proregem et uicarium suum mittit, quem omnes Lusitani tamquam ipsum regem cum summa fide et pietate reuerentur, ita ut regis absentia nulli sit impedimento, quominus iura sanctissimaeque leges seruentur. Huic autem proregi subsunt multi alii duces et praefecti per uarias Indiae urbes arcesque constituti, et ita a debito gubernandi ordine ne latum quidem unguem disceditur.

LEO — Magnam oportet esse istius proregis dignitatem, [32] et amplitudinem.

MICHAEL — Magna sane est, cum ipse claro semper et illustri loco sit natus, et in tota India personam illam a rege sibi impositam magna auctoritate tueatur.

LINVS — Nullumne est periculum, ne prorex iste tanta potentia et maiestate praeditus rebellione facta a rege suo deficiat, et totius Indiae dominatum, uel tyrannidem obtineat?

MICHAEL — Nullum sane, si Lusitanorum uirtus diutissime comperta et explorata spectetur. Vnde fit ut de tyrannide occupanda ne cogitatio quidem in mentem ueniat; nec, si forte tantum scelus animo ocurreret, esset aliquis tanta notatus perfidia, qui eidem proregi proditionem machinanti assentiretur. Nec enim inter Christianos principes in more positum est, ut inferiores magistratus proditionem contra regem suum conflent, nec est qui conflatam alere, corroborareue audeat.

LEÃO — Oxalá no nosso Japão, assim como na Europa, florescesse a religião cristã, para que mais facilmente fossem contidos os ânimos dos homens japoneses, inclinados à traição e à rebelião, e finalmente gozássemos dessa paz e tranquilidade, depois da extinção de tantas guerras!

MIGUEL — Queira Deus imortal que com tanta felicidade assim aconteça aos nossos, porque não pode descobrir-se remédio algum que seja melhor para extinguir o incêndio das guerras do Japão!

LINO — Tal é a condição das nossas coisas, que com razão pode duvidar-se que seja suficiente o remédio que receitas. Com efeito, estando o nosso Japão dividido em tantas e tão diversas dominações de reis, príncipes e chefes, necessariamente acontece com frequência que, movendo-se os ódios e incendiando-se as tochas da inveja, eles lutam entre si em guerras intestinas.

MIGUEL — A minha opinião não está errada. Tal é a força da religião cristã que liga entre si, por uma espécie de admirável vínculo, as almas dos cristãos e os torna respeitadores dos seus reis e fiéis aos príncipes vizinhos. Acresce que a religião cristã reprime em grande parte a cobiça com que costumamos incendiar-nos no desejo do alheio, e com muitos preceitos ensina que cada um viva contente com o que tem, e põe constantemente diante dos olhos dos cristãos, para que o imitem, a Cristo, autor de toda a paz e concórdia. Daí resulta que todo o povo cristão, governado por tantos reis e príncipes cristãos, vive na maior paz e na segura posse dos seus bens.

LEÃO — Faça Deus de novo, que essa dourada paz, anunciada pelo celeste mensageiro, no santíssimo nascimento de Cristo, [33] nasça para nós com o aumento da religião cristã e que os inúmeros tumultos das guerras, com que somos repetidamente atormentados, finalmente se aquietem. Mas expõe agora, quanto tempo ficastes em Cochim e porque vos não dirigistes imediatamente a Goa, grande capital do vice-rei português?

MIGUEL — A causa foi que, com a mudança dos ventos e com a abundância das chuvas, nos faltou o tempo conveniente, e por este motivo fomos obrigados a ficar em Cochim, como que em quartéis de inverno. Desde o sétimo dia antes dos Idos de Abril[26] em que lá chegámos até ao mês de Setembro inteiro aí repousámos. Nessa altura, por carta enviada de Goa, em velocíssimo barco ligeiro, o próprio vice-rei saudou o padre visitador, com expressões de grande simpatia, e ordenou por carta aos magistrados régios que nos fornecessem de tudo em abundância.

LEÃO — Dizes tu que no mês de Abril chegastes ao porto e por essa razão, apesar de ser primavera, ficastes hibernando?

MIGUEL — É que, com excepção de outro tempo de inverno, em que algum frio predomina na Índia, chama-se também inverno àquele tempo, em que a natureza, com correcta providência, tempera o calor excessivo com chuvas assíduas, e soprando os ventos, com força, do mar, a navegação fica completamente interrompida. Ora este tempo tem seu início, geralmente, no mês de Maio e dura três ou quatro meses inteiros. Terminado, pois, este tempo, no começo de Outubro, embarcámos e,

LEO — Vtinam in nostra Iaponia sicut in Europa Christiana religio floreret, quo facilius Iaponensium hominum animi ad proditionem et rebellionem faciles comprimerentur, et ista pace et tranquillitate tam multis bellis exstinctis tandem aliquando frueremur.

MICHAEL — Faxit immortalis Deus, ut tam feliciter nostris eueniat, nec enim ullum aliud remedium excogitari potest melius, ad Iaponicorum bellorum incendium restinguendum.

LINVS — Ea est nostrarum rerum condicio, ut merito dubitari possit, sufficiatne istud remedium a te assignatum. Cum enim nostra Iaponia in tot ac tam uarios regum, principum ducumque dominatus sit distributa, frequenter accidere necesse est, ut commotis odiis inuidiaeque facibus inflammatis intestinis bellis inter se decertent.

MICHAEL — Equidem non mea me fallit opinio. Ea est enim Christianae religionis uis, ut admirabili quodam uinculo Christianorum animos inter se obstringat, et regibus suis obsequentes finitimisque principibus fideles reddat. Accedit quod Christiana lex cupiditates, quibus ad aliena appetenda incendi solemus, magna ex parte reprimat, et unumquemque bonis a se partis contentum uiuere multis praeceptis doceat, Christumque totius pacis, et concordiae auctorem Christianis hominibus imitandum assidue proponat. Quo fit ut uniuersus Christianus populus a tam multis regibus et principibus Christianis gubernatus, in summa pace et secura rerum suarum conseruatione uiuat.

LEO — Faxit iterum Deus, ut pax ista aurea in Christi sanctissimo ortu a caelesti nuntio [33] praedicata cum Christianae religionis incremento nobis oriatur, et tam multi bellorum tumultus, quibus assidue perturbamur, tandem conquiescant. Sed explica nunc, quandiu Cocini fueritis commorati, et cur non statim Goam proregis Lusitani sedem amplissimam petieritis?

MICHAEL — Causa ea fuit quoniam uentorum mutatione et imbrium fluxu tempestas nobis idonea defuit, et hac de causa Cocini quasi in hibernis consistere sumus coacti. Septimo enim Idus Aprilis eo appulsi, usque ad totum Septembrem ibidem conquieuimus. Quo tempore per litteras uelocissimo myoparone Goa allatas, prorex ipse patri uisitatori, non sine magna amoris significatione fuit gratulatus, et, uti omnia nobis abunde suppeditarentur, regios magistratus per litteras admonuit.

LEO — Ais mense Aprili uos portum tenuisse. Qua igitur ratione uere tunc uigente in hibernis fuistis?

MICHAEL — Quoniam praetermisso alio brumali tempore, quo frigus aliquod uiget in India, etiam hiems dicitur tempus illud quo natura recte prouidente, nimii calores assiduis imbribus temperantur, et uentis e mari uehementer flantibus nauigatio omnino praecluditur. Hoc autem tempus mense Maio, ut plurimum, initium habens, tres, aut quattuor menses integros perseuerat. Eo igitur tempore exacto, ineunte Octobri nauem conscendimus, et paucis diebus elapsis ad optatissimam illam urbem

passados poucos dias, chegámos àquela ambicionada cidade, celebérrimo domicílio da gente lusitana, com favoráveis ventos e votos. Aí fomos recebidos com o maior ajuntamento dos padres da Companhia e as felicitações de toda a cidade e do vice-rei. E, depois de breve repouso, visitámos o próprio vice-rei que connosco falou com a maior gentileza, e oferecemos-lhe as cartas dos reis Francisco e Protásio e do príncipe Bartolomeu, com grande satisfação do próprio vice-rei e significação da sua alegria.

LINO — Gostaria de saber nesta altura que vestuário usáveis na Índia e nos outros lugares onde vos demorastes, principalmente quando visitáveis o vice-rei e os outros príncipes.

MIGUEL — Por prudente decisão do padre visitador, aconteceu que, mantendo o uso das regiões em que nos encontrávamos, usávamos o seu vestuário e a sua língua, na medida do possível, todavia por forma que, quando tínhamos de visitar os homens principais da Europa e mostrar perante eles a posição e a conduta japonesas, usávamos o nosso vestuário japonês que lhes não era menos agradável. Assim trajados, visitámos o vice-rei da Índia, o cardeal Alberto de Portugal[27], sobrinho pelo lado da irmã, do rei de Espanha, o próprio rei Filipe, sua irmã, mulher do falecido imperador, e finalmente [34] o Sumo Pontífice, em pessoa, a quem principalmente era enviada a nossa embaixada. Todavia, juntávamos algumas outras roupas portuguesas, como estas camisas, gibões e chapéus habilmente feitos de pêlo de lã, para maior ornato.

LINO — Algum maior ornamento vos permitia o acrescento desse vestuário europeu?

MIGUEL — O maior, sem dúvida. Sendo na Europa considerado impróprio caminhar de cabeça, pescoço e ombros descobertos, algumas roupas europeias contribuíram não pouco para uma boa apresentação.

LINO — Aos meus olhos este género de vestuário não é desagradável, se exceptuarmos apenas o incómodo de que o corpo parece de certo modo apertado dentro dele.

MIGUEL — Esse incómodo nasce da falta de hábito. Se bem pensares, muitas são as vantagens que resultam deste vestuário: em primeiro lugar, nenhum movimento do corpo é impedido; depois, contra a violência do frio é muito grande a sua utilidade, porque não será necessário juntar com frequência os braços e as mãos no interior da clâmide a que chamamos quimono; a camisa, mudada quase todos os dias, como geralmente acontece, não deixa acumular a sujidade no colarinho do quimono, de modo que o uso desta peça de vestuário deve ser considerado, de todas as maneiras, adequado, quer se considerem o efeito exterior quer a limpeza.

LINO — São excelentes as tuas razões e só me admiro de que no nosso Japão não se faça uso deste vestuário.

MIGUEL — Repugnando ao nosso Japão os costumes dos outros povos, fica limitado por estas ilhas remotíssimas, donde resulta que, quase não tendo contacto com outras nações, só usamos do que é nosso que, pelo próprio uso, nos parece

celeberrimum Lusitaniae gentis domicilium, secundis uentis ac uotis delati sumus, ubi maximo patrum Societatis conuentu, totius urbis proregisque gratulatione sumus excepti. Et post breuem quietem ipsum proregem humanissime nobiscum colloquentem inuissimus, litteras Francisci Protasiique regum, Bartholomaeique principis magna ipsius proregis alacritate gaudiique significatione offerentes.

LINVS — Velim scire hoc loco, qua ueste in India aliisque locis commorantes usi fueritis, praesertim cum proregem aliosque principes adiretis?

MICHAEL — Prudenti patris uisitatoris consilio factum est, ut earum regionum, in quibus morabamur, usum tenentes, earum etiam ueste et lingua, quantum fieri posset, uteremur, ita tamen, ut cum ad principes Europae uiros esset adeundum, et Iaponicus tum status, tum habitus illis esset proponendus, nostram Iaponicam uestem non minus illis gratam gestaremus. Hac ueste induti proregem Indiae, Albertum Lusitaniae Cardinalem regis Hispaniae ex sorore nepotem, regem ipsum Philippum, eius sororem mortui imperatoris coniugem, [34] denique ipsum Summum Pontificem, ad quem praecipue legatio mittebatur, inuissimus. Ita tamen ut aliquas alias uestes Lusitanas, subuculas uidelicet has, thoraces galerosque ex lanae uellere egregie confectos, causa maioris ornatus, adiungeremus.

LINVS — Quemnam maiorem ornatum ista Europaeae uestis additio afferebat?

MICHAEL — Maximum sane. Cum enim in Europa indecorum iudicetur, capite, collo, et bracchiis detectis incedere, non parum conduxerunt aliquae Europae uestes ad ornamentum.

LINVS — Meis etiam oculis istud genus uestis non est iniucundum, illo tantum excepto incommodo, quod corpus ea constrictum quodammodo et colligatum uideatur.

MICHAEL — Incommodum istud ex insolentia ac desuetudine oritur. Si enim recte consideres, multa sunt commoda quae ex hac ueste proueniunt: nulla in primis corporis actio ea impeditur; deinde contra frigoris uim maximum est adiumentum: nec enim opus erit assidue bracchia manusque intra sinum chlamydis, quam quimonum dicimus, colligere; denique subucula quotidie fere, ut fieri solet, mutata, chlamydis collum nullas sordes contrahit, atque ita undequaque huius uestis usus accommodatissimus censeri debet, siue ornatum, siue munditiam spectes.

LINVS — Optimae sane sunt a te rationes redditae, illudque solum miror in nostra Iaponia istarum uestium nullum esse usum.

MICHAEL — Iaponia haec nostra longe ab aliarum gentium consuetudine abhorrens, his remotissimis insulis terminatur, unde fit ut cum aliis nationibus nullum fere habentes commercium, nostris tantum utamur, quae uel ipso usu, pulchra nobis

belo e vistoso, ao passo que na Europa, estando juntos povos variados, por direito consuetudinário e pelo uso, cada um aproveita das descobertas e artes dos outros e junta muitas vantagens, como no vestuário se pode ver.

LINO — Já me parece que preferes o vestuário europeu ao nosso.

MIGUEL — Não me vem ao pensamento, de forma alguma, preferir um vestuário a outro, mas deixar isso ao vosso juízo, uma vez que observastes os trajes europeus convenientes, sérios e belos. Entretanto, aprovo o uso do gibão e da camisa, e estas duas peças de vestuário julgo que devem ser acrescentadas às nossas, para que o corpo fique mais belo e mais protegido contra as ofensas do tempo.

LEÃO — Tem, decerto, razão Miguel. E se de mim dependesse, facilmente essas duas vestes seriam acrescentadas às nossas.

MÂNCIO — Se esse é o pensamento de ambos, poderá sem dúvida conseguir-se uma solução, se Leão, irmão de Protásio, de Arima, Lino irmão de Sancho, [35] de Omura, persuadirem os irmãos a introduzir este costume tanto no território de Arima como no de Omura.

LEÃO — Antes, vós que há pouco chegastes da Europa, facilmente podeis persuadir disso os nossos príncipes e irmãos.

MIGUEL — O decurso do tempo indicará o que nos parece que devemos fazer nesta e noutras coisas semelhantes. Mas são horas do repouso, que os nossos companheiros, já quase dormitando, exigem.

LEÃO — a mim, o agrado da conversa, tão forte como o sono, me distraía, mas ponha-se já fim ao colóquio de hoje.

et speciosa uidentur: in Europa autem, cum uariae inter se gentes consuetudinis iure, et usu sint coniunctae, aliae ex aliarum inuentis, et artibus multas sibi utilitates colligunt, ut in uestibus uidere licet.

LINVS — Iam uideris Europaeas uestes nostris praeponere.

MICHAEL — Nequaquam in mentem uenit unam uestem alii praeferre, sed id uestrum iudiciis relinquere, qui modo has Europaeas uestes, decoras, graues, ornatas estis intuiti. Thoracis tamen et subuculae usum ualde probo, et hanc utramque uestem nostris addi debere iudico, quo ornatius sit corpus et contra frigoris iniurias magis munitum.

LEO — Equidem recte dicit Michaël. Quod si per me staret, facile utraque illa uestis nostris adderetur.

MANCIVS — Si ea est amborum mens, effici id sane poterit, si Leo Protasio Arimensi, Linus [35] Sanctio Omurensi fratribus suis hoc persuadeant, ut ita tam in Arimenses, quam in Omurenses fines haec consuetudo inducatur.

LEO — Immo uero uos, qui ex Europa nuper aduenistis, facile nostris principibus et fratribus id persuadere potestis.

MICHAEL — Temporis progressus indicabit quid nobis hac in re et similibus faciendum uideatur. Sed iam nunc ad quietem nos recipiamus, quam ipsi socii iam fere dormitantes exigunt.

LEO. Me sermonis dulcedo instar somni recreabat, sed iam finis hodierno colloquio imponatur.

COLÓQUIO QUINTO
Sobre a raça dos homens indianos e as residências construídas pela Companhia na Índia.

LINO — Ao colóquio de ontem à noite pôs termo a conversa sobre as diferenças entre o vestuário japonês e o europeu, com que algum tanto nos desviámos do propósito da narração. Agora é justo, Miguel, que a tua narração volte ao ponto de onde partiu.

MIGUEL — Essa digressão não nos trouxe qualquer desvantagem. Pelo contrário, sempre que se meta de permeio alguma digressão semelhante, ela tornará mais agradável a narração, variando-a com interrogações e respostas[28]. E assim acontecerá que o fastio, que costuma nascer de uma exposição contínua, tem o seu remédio apropriado.

LEÃO — Afirmo que a variedade agrada aos ouvintes, mas nego terminantemente que fastio algum possa resultar das tuas palavras. Por isso, continua a expor o que se segue.

MIGUEL — Estávamos antes na visita ao vice-rei da Índia, funções que então desempenhava Francisco de Mascarenhas[29], conde da Vila de Horta, da ilustre família dos Mascarenhas, nobilitada por muitos feitos na paz e na guerra. Ele, com a cordialidade e gentileza de que era dotado, recebeu-nos com boas maneiras e alegria, e depois de nos abraçar com simpatia, colocou gentilmente ao pescoço de cada um de nós [36] um colar de ouro com uma caixa primorosamente feita, onde se guardavam relíquias sagradas[30], e por este presente nos deixou na obrigação singular de guardar a sua memória. Depois, ordenou aos magistrados da coroa que nos fornecessem com abundância tudo quanto nos fosse necessário na viagem para Portugal, quer em matéria de vitualhas quer de acomodação. E a soma de dinheiro despendido não foi pequena, uma vez que cerca de três mil cruzados foram gastos para diversas finalidades.

LEÃO — Grande favor ficastes devendo a este vice-rei que assim usou de tão grande liberalidade com estrangeiros.

MIGUEL — Grande, sem dúvida, mas não foi o único a ganhar direito ao nosso reconhecimento, e a maioria dos restantes príncipes europeus, por cujos territórios viajámos, nos obrigou com semelhante magnificência.

De genere hominum Indicorum,
et domibus a Societate in India exstructis.
COLLOQVIVM QVINTVM.

LINVS — Hesternae noctis colloquio finem dedit sermo de Iaponicae, Europaeaeque uestis discrimine, quo aliquantulum a proposito narrationis digressi sumus. Nunc aequum est ut eodem, unde egressa est, tua redeat, Michaël, oratio.

MICHAEL — Digressio illa nihil incommodi nobis attulit, immo quotiescumque fuerit aliqua alia similis interposita, narrationem suauiorem reddet, interrogationibus et responsionibus uariatam. Quo fiet ut fastidium, quod ex continuata dictione gigni solet, remedium habeat accommodatum.

LEO — Fateor uarietatem iucundam esse auditoribus, fastidium tamen ullum ex oratione tua gigni posse, prorsus infitior[6]. Nunc igitur perge ad ea, quae sequuntur, explicanda.

MICHAEL — Eramus antea in accessu nostro ad proregem Indiae, quod munus eo tempore gerebat Franciscus Mascarenius Villa Dortae comes, ex illustri Mascareniorum familia, multis domi militiaeque rebus gestis nobilitata. Ille, qua erat humanitate et comitate praeditus, nos benigne et hilariter accepit, et beneuole amplexus, in singulorum [36] colla catenas aureas cum sacrarum reliquarum thecis affabre factis perhumaniter immisit, nosque ad sui memoriam conseruandam eo beneficio singulariter obstrinxit. Praeterea regiis magistratibus praecepit ut omnia, quae tum ad uictum, tum ad habitationem in Lusitanica nauigatione nobis essent necessaria, abunde impertirent. Nec uero parua pecuniae summa expensa est, cum ad tria millia aureorum in uarios usus fuerint insumpta.

LEO — Multum sane uos sibi deuinxit prorex iste, tanta in externos homines liberalitate usus.

MICHAEL — Multum equidem, sed non solus ille ea uincula nobis iniecit, sed plerique alii Europaei principes, per quorum fines nobis iter fuit, simili magnificentia nos obligarunt.

---

[6] **infitior]** **inficior** *ed. 1590*

LINO — É extraordinário como os príncipes europeus usam de tão grande liberalidade com estrangeiros que nem conhecem nem podem esperar que venham a retribuir os favores recebidos.

MIGUEL — Nasce esta magnificência, quer da abundância de dinheiro e suas reservas, quer ainda da grandeza de alma que nada tem em menor consideração do que o ouro e a prata. Mas dos príncipes europeus não há razão para que neste lugar tratemos com mais pormenor, uma vez que sobre eles falaremos mais largamente noutra ocasião, para que conheçais a sua largueza e dignidade.

LINO — Fazes muito bem em adiar este assunto, rico, como creio, e abundante, para outra ocasião. Agora o momento pede que fales dos povos da Índia, uma vez que já nos ocupámos das cidades de Cochim e de Goa.

MIGUEL — Os habitantes destas cidades são em grande parte portugueses, quer mercadores, quer soldados, que todavia não devem ser considerados, de modo algum, indígenas, a não ser talvez aqueles que, oriundos de gente portuguesa, nascem na Índia, porque muitos portugueses casados habitam em várias cidades da Índia.

LEÃO — Quem são então os que devem ser chamados propriamente indígenas?

MIGUEL — Com este nome devem ser considerados os homens indianos que, naturalmente, antes da chegada dos portugueses à Índia, habitavam várias regiões da Índia. É uma raça de homens de cor um tanto escura, de face não desagradável, de ânimo abjecto, é verdade, mas não pouco inclinado às armas, além dos sarracenos em guerra permanente com os portugueses, os quais provêm também de outras regiões como a Pérsia e a Arábia e são melhores nas práticas da guerra.

LEÃO — Se fizermos bem as contas, em relação à tua narração anterior, é grande a multidão dos povos de cor negra. Com efeito, se bem me lembro, tu disseste que os malaios e os habitantes da costa da Pescaria nasciam com essa cor. Donde concluo que muitos são os povos caracterizados [37] por tal cor.

MIGUEL — De Malaca até Goa, como eu já disse, há uma distância de seiscentas léguas, toda habitada por gentes de face negra. Mas além destes povos, há muitos outros. Com efeito, para omitir os restantes lugares, da Índia até Portugal, toda aquela extensão da África, que se prolonga por três mil léguas, é habitada por homens a quem os latinos chamaram etíopes[31] e vulgarmente são chamados cafres, os quais pela face muito negra, pelo cabelo encaracolado, e por outros traços fisionómicos, são diferentes dos indianos. Isto para deixar em silêncio, entretanto, os longuíssimos territórios, que se estendem pelo meio da Ásia e da África, habitados por homens da mesma cor. Donde resulta que não devem ser considerados menos numerosos do que aqueles que nasceram com a face branca.

LINO — Dúvida não pequena se me oferece acerca da cor destes povos: se, na verdade, todos os homens têm a sua origem nos primeiros pais, Adão e Eva, e eles, como parece certo, nasceram de cor branca e bela, como terá podido acontecer que tantos povos lentamente se cobrissem de cor negra?

MIGUEL — Bem chamas dúvida não pequena àquilo que poderias apelidar também de complicada questão. Todavia, confio-a por inteiro a Mâncio, ou a algum

LINVS — Mirum quidem est principes Europaeos in externos homines ea liberalitate uti, quos nec nouerunt nec sibi gratiam relaturos esse, sperare possunt.

MICHAEL — Oritur huiusmodi magnificentia, tum ex pecuniae peculiique abundantia, tum etiam ex amplo excelsoque animo nihil minoris, quam aurum, et argentum faciente. Sed de Europaeis principibus non est, quod hoc loco latius agamus, alibi de illis ampliorem mentionem facturi, ut eorum amplitudinem dignitatemque cognoscatis.

LINVS — Merito rem istam uberem, ut credo, et copiosam in aliud tempus differs. Nunc, ut de Indicis gentibus aliquid dicas locus postulat, quandoquidem de Cocinensi Goënsique urbibus sermo est habitus.

MICHAEL — Istarum urbium incolae magna ex parte sunt Lusitani, siue mercatores, siue milites, qui tamen indigenae nequaquam sunt censendi, nisi forte illi qui ex Lusitano genere oriundi in India nascuntur, multi namque Lusitani matrimonio coniuncti in uariis Indiae urbibus habitant.

LEO — Quinam igitur sunt qui proprie dicendi sunt indigenae?

MICHAEL — Hoc nomine censeri debent Indici homines qui uidelicet ante Lusitanorum in Indiam aduentum uarias Indiae regiones incolebant. Est autem genus hominum subnigro colore, facie non inuenusta, animo quidem abiecto, sed ad arma non parum prompto, ultra Saracenos, cum quibus Lusitanis bellum est, qui etiam aliunde ex Perside scilicet et Arabia originem ducunt, et rei militaris scientia magis ualent.

LEO — Si recte superioris tuae narrationis ratio habeatur, magna est gentium multitudo nigro colore praedita. Nam, si memini, et Malaios et Piscariae incolas tali esse colore natos affirmasti. Vnde colligo, multas esse gentes isto colore [37] affectas.

MICHAEL — Malaca Goam usque, ut iam dixi, sexcentarum leucarum spatium interiicitur, quod totum a gentibus nigra facie incolitur. Sed ultra eas, multo plures sunt aliae. Nam, ut cetera loca omittam, ab India Lusitaniam usque totus ille Africae tractus, qui tria millia leucarum continet, a quibusdam hominibus habitatur qui a Latinis Aethiopes, uulgo Cafares appellantur, nigerrima facie, crispo capillo aliisque lineamentis Indicorum hominum dissimiles, ut interim silentio praeteream longissima locorum spatia, per mediam Asiam Africamque porrecta, quae ab eiusdem coloris hominibus incoluntur. Vnde fit ut non pauciores iudicandi sint, quam illi qui candida facie sunt nati.

LINVS — Dubitatio non parua se mihi offert circa istarum gentium colorem: si enim omnes homines a primis parentibus Adamo et Eua originem habent, et illi, ut certum uidetur, candido et pulchro colore nati sunt, qui fieri potuit ut tam multae gentes paulatim nigrum colorem induerent?

MICHAEL — Recte uocas non paruam dubitationem quam etiam implicatam quaestionem posses appellare. Eam tamen ego totam Mancio, uel alii ex sociis

dos nossos companheiros, para que a expliquem. Pela minha parte, descansarei um pouco, antes de retomar a narração.

MÂNCIO — Na verdade, já ouvi muita coisa sobre esta importante questão, mas tudo isso é por igual conhecido de Miguel, e por isso, ele, que é o narrador, assuma também o papel de filósofo, e exponha-nos todas as causas.

MIGUEL — Uma vez que Mâncio recusa o encargo, confiemo-lo a Martim que guardou na memória, e por escrito, a argumentação de toda esta matéria e a sua solução.

MARTIM — Vamos lá, Miguel. Não conserves os teus ouvintes na expectativa. Todos esses assuntos pertencem inteiramente à personagem que desempenhas.

MIGUEL — Começarei, e far-vos-ei a vontade, propondo várias opiniões que sobre esta questão ouvi. Em primeiro lugar, há aqueles que afirmam que o excessivo calor é a causa da cor negra. Afirmam, com efeito, numerosos geógrafos e filósofos que a parte central do mundo, conhecida por zona tórrida, situada na região equinocial, entre os dois trópicos, é queimada por tão intenso calor do sol, que, por isso, todos os povos que vivem nessa região, ganham aquela cor negra.

LINO — Bem se vê, Miguel, que tu estiveste na Europa, mãe de todas as boas artes[32], ao mencionares a região equinocial e os trópicos. Mas todas estas questões [38] têm de ser expostas, um tanto mais profundamente.

MIGUEL — Para ir buscar a questão de mais longe, tomando por início a figura do céu, tem que admitir-se como coisa certa que ela é redonda, e não quadrangular, ao contrário do que os japoneses acreditam. E esta verdade, para omitir outras razões, pode ficar evidente, quer pela observação feita com os olhos, quer ainda pelo movimento dos corpos celestes. Com efeito, assim como os astrónomos bem observaram, o céu move-se em círculo à imagem dum perfeitíssimo globo, e apoia-se em dois eixos ou pólos, dos quais um se chama Árctico e o outro Antárctico, o primeiro situado ao Norte e o segundo ao Sul. Este mesmo céu é dividido pelos mais peritos astrónomos em cinco partes principais ou círculos. O primeiro é aquele que do nome do pólo Árctico se chama também círculo Árctico; o segundo, o trópico de Câncer; o terceiro é a linha do Equinócio que corta o céu ao meio; o quarto é o trópico de Capricórnio; e o quinto, finalmente, chama-se círculo Antárctico.

Entretanto, o lugar que fica entre os dois trópicos, e é dividido ao meio pela linha equinocial, é o caminho próprio do sol, que ele faz em cada ano, aproximando-se ora de Câncer ora de Capricórnio, nunca porém saindo destes limites que a natureza lhe estabeleceu. Além disso, o poder deste curso do sol é tal que dele depende a sucessão dos tempos e a variedade dos dias e das noites. Com efeito, todas as vezes que o sol dirige o seu curso para o trópico de Câncer, que fica ao Norte, outras tantas vezes, na parte Austral, não só os dias são mais breves mas também o frio costuma ser mais intenso. E o mesmo acontece na parte Setentrional, quando o sol volta o seu curso para o Austro. E de acordo com o acesso maior ou menor às duas partes, assim sucede a quádrupla variedade do ano, a saber, Primavera, Verão, Outono e Inverno.

explicandam committo. Ipse autem aliquantulum conquiescens narrationem rursus contexam.

MANCIVS — Ego quidem multa de quaestione ista graui audiui, quae tamen omnia Michaëli sunt ualde nota, ideoque idem, qui narrator est, philosophi etiam personam suscipiat, et causas omnes nobis exponat.

MICHAEL — Quandoquidem Mancius munus hoc recusat, Martino illud committamus, qui et argumenta omnia huius materiae, et totius quaestionis expeditionem memoriae litterisque mandauit.

MARTINVS — Age iam, Michaël, ne auditores suspensos habeas. Ista enim omnia ad eam personam, quam sustines, omnino pertinent.

MICHAEL — Incipiam, et uestrae uoluntati morem geram, proponamque uarias opiniones quas de hac quaestione audiui. In primis ergo sunt qui asserant nimium calorem huius nigri coloris causam esse. Affirmant enim plerique geographi et philosophi, mediam illam mundi partem, quae torrida zona dicitur, sub aequinoctiali plaga inter utrumque tropicum constituta, tam uehementi solis ardore torreri, ut inde gentes omnes quae in ea regione habitant nigrum illum colorem obtineant.

LINVS — Satis indicas, Michaël, te Europam bonarum artium altricem attigisse, cum aequinoctialis plagae et tropicorum mentionem facis. Sed ista omnia [38] altius aliquantulum sunt nobis exponenda.

MICHAEL — Vt altius petito principio ista exponam, e caeli figura initium sumam, quam rotundam esse, non autem quadrangulam, ut Iaponici sibi persuadent pro comperto habendum est. Haec autem ueritas, ut alias rationes omittam, tum ex ipso oculorum obtutu, tum etiam ex calestium orbium conuersione patere potest. Vt enim egregie ab astrologis notatum est, caelum instar alicuius perfectissimi globi in orbem mouetur, duobusque axibus siue polis nititur, quorum alter Arcticus, alter uero Antarcticus appellatur, ille ad septentrionem, hic uero ad austrum situs. Iidem autem peritissimi astrologi caelum in quinque praecipuas partes et circulos diuidunt. Primus est qui ab axe Arctico, Arcticus etiam circulus dicitur; secundus tropicus Cancri; tertius linea aequinoctii, quae medium caelum secat; quartus tropicus Capricorni; quintus denique circulus Antarcticus appellatur.

Locus uero ille qui inter utrumque tropicum interponitur, et a linea aequinoctii media sui parte diuiditur, proprium iter solis est, quod singulis annis conficit, nunc ad Cancrum, nunc ad Capricornum accedens, nunquam tamen his finibus sibi a natura praestitutis egrediens. Ceterum huius solis cursus ea est uis, ut ex eo temporum omnium uicissitudo, et noctium dierumque uarietas omnino pendeat. Quoties enim sol ad tropicum Cancri, qui ad septentrionem uergit, cursum suum flectit, toties in australi parte, et dies breuiores et frigus uehementius esse solet. Quod similiter in septentrionali parte accidit, cum primum sol ad austrum cursum suum reflectit, et iuxta maiorem minoremue ad has duas partes accessum, quadruplex illa anni uarietas, ueris, aestatis, autumni brumaeque consequitur.

Quando, porém, o sol guarda aquele círculo médio, a que chamei linha equinocial, então verifica-se que a duração das noites e dos dias é igual. Do mesmo modo, os astrónomos distribuem a terra, que é sólida e em forma de globo, em cinco partes, correspondentes àquelas cinco partes celestes. Todavia, nesta matéria, os antigos astrónomos enganaram-se, porque calcularam que aquela porção média da Terra que está colocada abaixo da região equinocial, sofria tão intensos calores do sol que não podia de modo algum ser habitada pelos homens; e que aquelas duas que estão nos círculos Árctico e Antárctico, logo abaixo dos pólos, eram tão perseguidas pelos frios que nem uma nem outra eram lugar de habitação dos homens.

E eu digo que os antigos astrónomos [39] se enganaram, porque pela experiência[33] se descobriu que essas três regiões, que eles julgavam estarem desertas de homens, são habitadas por vários povos, e a que fica no meio e junto à zona tórrida é ocupada pelos etíopes, isto é, por homens de cor negra. Na verdade, embora, dessas três partes, uma esteja exposta ao calor e as outras duas expostas ao frio, todavia, atendendo a natureza à conveniência dos homens, acontece que, por vários remédios que ela própria concedeu, esses inconvenientes ficam em grande parte atenuados.

Mas porque esta matéria é algo difícil, submeterei à vossa observação a figura do céu de que os astrónomos se servem. Nesta esfera que vedes[34], eis que é possível observar aqueles dois pólos nos quais o céu, apoiando-se de certo modo, se revolve, e a seguir aqueles cinco círculos a que me referi, dos quais o orbe que conduz os signos ou zodíaco, cortando o círculo do meio, e atingindo os dois círculos de Câncer e Capricórnio, manifestamente nos mostra o curso do sol. Como já atrás disse, o sol não trespassa os términos que lhe foram predefinidos no Câncer e no Capricórnio, e ao ficar no círculo equinocial a meio, iguala o dia à noite, e aproximando-se daqueles dois términos, ou afastando-se deles, produz a variedade do tempo.

LEÃO — Muito prazer nos dá a observação deste modelo celeste, que foi feito por mão de algum notável artista e tu nos apresentas. Donde facilmente concluímos com que pouca cultura e pouca ciência os nossos sacerdotes japoneses, a quem chamamos bonzos, se metem a filosofar. São eles quem afirma que o céu é quadrado e que o sol se move em torno de uma pedra semelhante a uma clepsidra, e que a partir da sua subida e descida, garantem eles, se seguem as variedades dos dias e das noites e a sucessão do calor e do frio.

MIGUEL — Verdadeiramente não sei se tal opinião deve encarar-se antes com riso que com admiração, porque ser o céu redondo e em forma de globo os próprios olhos disso são testemunhas. Quanto à tal pedra em torno da qual o sol gira, segundo eles dizem, é completa fantasia e imaginação, e não pode mostrar-se, com razão alguma, em que lugar ou sítio se encontra. Mas não há de que admirar-se: onde as disciplinas de cultura e ciência não florescem, há lugar para os erros que, embora se oponham à razão e aos sentidos, com o passar do tempo, de tal maneira ganham força na mente dos homens incultos, que muito dificilmente podem ser arrancados e à maneira de verdades certíssimas recebem a confirmação popular.

Cum uero sol medium illum circulum, quem dixi lineam aequinoctii, tenet, tunc noctium dierumque aequale esse spatium comperitur. Pari item ratione iidem astrologi terram, quae solida et globosa est, in quinque partes, illis quinque caelestibus correspondentes, distribuunt. Ea tamen in re ueteres astrologi sunt allucinati, quod existimauerint mediam illam terrae portionem, quae plagae aequinoctiali supposita est, tam uehementes solis ardores pati, ut nequaquam ab hominibus incoli posset; et utramque illam, quae circulis Arctico et Antarctico usque ad polos subiicitur, ita esse frigoribus infestam, ut in neutra hominum habitationi locus esset.

Dico autem, ueteres astrologos [39] deceptos esse, quoniam experientia compertum est tres illas regiones, quas illi hominum cultu desertas esse sunt opinati, uariis gentibus habitari, eamque quae media est, et zonae torridae subest, ab Aethiopibus, id est, nigro colore hominibus, occupari. Quamuis enim tres ille partes, una quidem calori, reliquae uero frigori sint obnoxiae, natura tamen bene hominum utilitati prospiciente, factum est ut uariis remediis ab ipsa inditis, incommoda illa magna ex parte leuarentur.

Sed quoniam materia haec est aliquantulum difficilis, formam caeli, qua astrologi utuntur, sub aspectum uestrum subiiciam. Ecce in hac sphaera, quam cernitis, uidere licet duos illos axes quibus caelum quodam modo nixum circumuoluitur, deinde quinque illos circulos, quorum mentionem feci, ex quibus medium signifer orbis siue zodiacus secans, et utrumque Cancri et Capricorni circulum attingens, solis cursum manifeste nobis demonstrat. Vt enim iam superius dixi, terminos in Cancro et Capricorno sibi praefinitos sol non transgreditur, et in medio circulo aequinoctiali consistens, noctem diei aequat, et ad illos terminos accedens, uel ab illis recedens, temporum uarietatem efficit.

LEO — Vehementer oblectamur istius caelestis formae aspectu, quam egregii alicuius artificis manu confectam nobis proponis unde facile coniicimus, quam parum docte scienterque nostri Iaponici sacerdotes, quos bonzos dicimus, philosophentur, qui caelum quadratum esse autumant, solemque circa quendam lapidem clepsydrae similem circumuolui, ex eiusque ascensu, ac descensu dierum, noctiumque uarietatem, caloris frigorisque uicissitudinem subsequi affirmant.

MICHAEL — Equidem nescio, risune potius, an admiratione prosequenda sit eorum opinio, caelum namque rotundum et globosum esse, ipsi oculi testantur. Lapis autem ille, circa quem solem circumuolui dicunt, fictus et commenticius est omnino, nec quo loco, quoue situ sit, ratione ulla ostendi potest. Mirandum tamen non est, ubi bonae artes, disciplinaeque non florent, erroribus locum patere, qui quamuis et rationi et sensibus aduersentur, progressu tamen temporis ita in hominum imperitorum mentibus corroborantur, ut difficillime euelli possint, et instar certissimarum ueritatum a populo comprobentur.

LINO — É exactamente assim. Mas de tudo o que disseste, concluo que não há dúvida de que o calor é a causa da cor negra.

MIGUEL — Não há dúvida é coisa [40] que não direi, visto que contra essa opinião há não poucos argumentos e de peso.

LINO — Ficar-te-ei agradecido, se referires também esses argumentos.

MIGUEL — Referirei só dois ou três que me parecem os principais. O primeiro é que, se essa cor negra fosse provocada apenas pelo excesso de calor do sol, aconteceria de certo que apenas os habitantes da zona tórrida nasceriam com esta cor, e que, quanto mais as partes daquela zona se aproximam da linha equinocial, tanto mais os povos que nelas habitam seriam negros, porque sofrem mais breves ausências de sol. E isto é falso, como consta por experiência. Assim, os habitantes de Malaca e outros semelhantes, que vivem quase na linha do equinócio, são muito menos negros do que alguns que vivem junto aos trópicos. E isto é bem evidente, pois que está averiguado que os africanos que vivem no cabo da Boa Esperança, que se estende até trinta e cinco graus e está colocado inteiramente fora da zona tórrida, são de cor nigérrima e de cabelo bastante encaracolado.

E não é possível recorrer ao argumento do excesso de calor, visto que os navegadores portugueses que dobram aquele cabo experimentam frio violento e dias mais breves naquelas paragens. Daí resulta que a cor negra não deve ser atribuída ao excesso de calor.

LINO — Boa razão, sem dúvida, mas que pode ser respondida com outra: se eu quisesse discutir contigo, diria que os africanos que viviam na zona tórrida, dela se mudaram para o Sul e que aí procriaram filhos a si semelhantes.

MIGUEL — Antes a razão, que acabas de aduzir, confirma a minha. Se essa cor fosse causada apenas pelo excesso de calor, desaparecida a causa, necessariamente desapareceria o efeito. Donde resultaria que quanto mais tempo esses africanos vivessem na região austral, tanto mais essa cor negra seria aliviada, o que não acontece de modo algum: depois de muitos séculos e gerações, os negros geram negros, da mesma maneira. Por essa causa, a cor deve ser atribuída não só ao calor mas também à semente e à natureza dos pais, de acordo com o axioma dos filósofos que o semelhante nasce do semelhante. A esta razão proposta por mim confirma a experiência seguinte: se dois cônjuges africanos partirem para Portugal ou para qualquer outra região habitada por homens de cor branca, e com o decurso do tempo aí gerarem filhos, estes nem nascem menos pretos nem com outros traços fisionómicos. Mas se, pelo contrário, um dos cônjuges, de cor branca, casar com uma cônjuge africana, os filhos apresentam muito menos a cor da mãe e, com o andar do tempo, lentamente acontece que netos, bisnetos e sucessivos descendentes [41] pouco a pouco diluem aquela mancha deixada pela primeira mãe e voltam completamente à cor branca. Finalmente, se cônjuges de cor branca emigrarem para terras de África e aí propagarem a sua raça, toda ela nasce, dotada da mesma cor branca. Todavia, se os brancos se juntarem com os negros em matrimónio, aquela mancha de cor negra como uma marca aparece, e de novo, com o matrimónio

LINVS — Ita est prorsus. Sed ex iis quae a te dicta sunt, coniicio calorem nigri coloris causam esse minime dubiam.

MICHAEL — Minime dubiam [40] non dixerim, cum aduersus eam sententiam non pauca et grauia sint argumenta.

LINVS. Gratum facies, si etiam ista argumenta retuleris.

MICHAEL. Referam tantum duo, uel tria, quae praecipua se mihi offerunt. Primum est quoniam si ater ille color ex nimio tantum solis calore induceretur, fieret profecto ut soli zonae torridae incolae hoc colore nascerentur, et quo magis zonae huius partes ad lineam aequinoctii accedunt, eo gentes, quae sub illis habitant, essent nigriores, quod breuiores solis recessus patiantur. Quod tamen falsum esse, experimento constat. Malacenses enim, et alii similes, qui fere lineae aequinoctii subsunt, multo minus atri sunt aliquibus qui sub tropicis uiuunt. Quod ex eo manifeste patet, cum exploratum sit eos Aethiopes qui in promontorio Bonae Spei ad austrum triginta quinque gradibus porrecto, et omnino extra torridam zonam collocato, degunt, nigerrimo esse et crispo admodum capillo. Nec uero ad nimium calorem confugi potest, cum nautae Lusitani illud promontorium flectentes, uehemens frigus, breuioresque dies in eo tractu experiantur. Quo fit ut non soli calori, atque aestui niger color sit tribuendus.

LINVS — Bona sane ratio, sed quae alia repelli possit: si enim tecum disputare uellem, dicerem homines Aethiopes sub plaga torrida uiuentes ex ea ad austrum domicilium mutauisse, ibique filios sibi similes procreasse.

MICHAEL — Immo ista ratio a te adducta meam confirmat: si enim color ille a solo nimio calore efficeretur, sublata causa, rem etiam effectam tolli necesse erat. Vnde fieret, ut quo diutius illi homines Aethiopes in australi plaga degerent, eo magis niger ille color remitteretur, quod nequaquam fit: multis namque saeculis atque aetatibus nigri aeque nigros gignunt. Qua de causa non calori tantum, sed parentum semini ac naturae color ille tribuendus esse uidetur, iuxta philosophorum axioma, quo asserunt simile a simili procreari. Hanc a me propositam rationem corroborat illud etiam experimentum: quoniam si duo coniuges Aethiopes in Lusitaniam, uel aliam ab hominibus albo colore cultam regionem proficiscantur, ibique filios progressu temporis in lucem edant, hi non minus nigri, nec aliis lineamentis praediti nascuntur. Si uero contra alter coniugum albo colore coniugem Aethiopissam in matrimonium ducat, filii colorem matris multo minus prae se ferunt, et diuturno tempore paulatim fit ut nepotes pronepotesque, et reliqui [41] posteri maculam ab illa prima matre inustam paulatim eluant, et omnino ad candidum colorem redeant. Denique si albo colore coniuges ad Aethiopum terras commigrent ibique genus propagent, totum illud eodem candido colore praeditum oritur. Si tamen candidi cum nigris matrimonio iungantur, nota illa atri coloris ueluti litura quaedam contrahitur, quae rursus matrimonio cum albis coniugibus inito paulatim tollitur. Vnde prorsus fit, non calori, sed genitali alicui causae colorem esse ascribendum.

contraído com cônjuges brancos, lentamente desaparece. Donde resulta que não é ao calor mas a qualquer causa de ordem racial que a cor deve ser atribuída.

LINO — Já me inclino agora para a tua opinião; tenho, porém, dúvidas sobre qual seja essa causa racial, sendo todos os homens descendentes dos primeiros pais Adão e Eva, como de um tronco inicial. E esses não sofreram de modo algum dessa mancha. Como teria, então, podido acontecer que os descendentes, sem a interferência de uma força celeste, se tornassem negros em algumas regiões?

MIGUEL — Aí é que está a dificuldade, isto é, em apresentar a causa desta nova cor introduzida em qualquer raça de homens. Há quem atribua esta causa à justiça divina e ao castigo de pecados, e afirme que, depois do dilúvio, quando Noé foi tratado com menos consideração por um dos filhos, de nome Cham, ele justamente indignado amaldiçoou o filho, e dessa maldição contra este e sua descendência resultou aquela mancha que não mais deve apagar-se.

LEÃO — Se isso tivesse acontecido, certamente nos teria sido transmitido nas escrituras sagradas, nas quais se não faz menção nenhuma desse castigo.

MIGUEL — Se tal nos tivesse sido transmitido pelas letras sagradas, não haveria ocasião de duvidar, mas assim como não é inteiramente certo, por isso que se não encontra nas letras sagradas, assim também não deve rejeitar-se por completo, porque não foi registado nos livros sagrados. Sabemos, com efeito, que muitas coisas aconteceram, e essas descritas por autores de toda a gravidade, que os escritos da literatura sagrada omitiram. Mas que houve um castigo de qualquer género conclui-se do facto de os africanos não só serem de cor escura, mas também geralmente de face triste e torcida, e duma espécie de natureza agreste e inculta e propensa a toda a falta de humanidade e a toda a fereza, por tal forma que é crível que, por qualquer culpa de um antepassado, essa raça humana foi de certo modo alvo duma maldição. Com razão pode dizer-se também que a causa oculta dessa cor e desses traços fisionómicos é uma força celeste proveniente quer do ardor do sol, quer de causas desconhecidas, pela qual acontece que não só os africanos são de corpo negro, mas [42] também os povos se distinguem uns dos outros pela variedade dos traços físicos. Com efeito, nós os japoneses e os chineses distinguimo-nos dos europeus quer pelos olhos menores e mais profundos, quer pelos narizes achatados e deprimidos. Não é portanto de admirar se por qualquer oculta causa celeste, juntamente com o calor do sol, algumas raças começaram a enegrecer paulatinamente, e os seus cabelos a encaracolarem-se, e isto, como um vício da natureza, foi transmitido de pais para filhos. Esta parece até uma excelente razão, porque não exclui inteiramente o calor do número das causas, e também se não encosta ao milagre divino como um refúgio comum, mas refere a presença desta cor em parte ao calor, em parte a uma causa oculta e à semente dos pais.

LINO — Realmente, dessa maneira, as opiniões discordantes dos autores podem conciliar-se. Mas explica agora porque é que os antigos filósofos e astrónomos pensaram que não havia lugar para a habitação humana nem na zona tórrida nem dentro dos círculos árctico e antárctico.

LINVS — Iam nunc in sententiam tuam inclino, dubito tamen quae sit ista genitalis causa, cum omnes homines a primis parentibus Adamo atque Eua tamquam a prima stirpe sint propagati, qui tamen tali macula omnino caruerunt. Qui ergo fieri potuit ut posteri nulla alia demissa e caelo ui, Aethiopes in quibusdam regionibus redderentur?

MICHAEL — Hoc opus, hic labor est, reddere uidelicet causam huius noui coloris in genus aliquod hominum introducti. Sunt ergo qui ad diuinam iustitiam peccatorumque supplicium huius rei causam referant, affirmentque, cum primum post communem eluuionem Noënus ab uno filiorum nomine Cham minus reuerenter est habitus, eum iusta indignatione commotum male filio fuisse precatum, ex eaque imprecatione in eum eiusque posteros maculam illam nunquam omnino delendam redundasse.

LEO — Si istud ita se habuisset, profecto sacris litteris fuisset nobis traditum, in quibus nulla istius poenae fit mentio.

MICHAEL — Si sacris litteris traditum nobis hoc fuisset, nulla superesset dubitandi occasio, sed sicut non est omnino certum, eo quod in sacris monumentis non reperiatur, ita etiam non est omnino reiiciendum, eo quod iisdem sacris libris non sit mandatum. Scimus enim, multa euenisse, eaque a grauissimis auctoribus scripta, quae a sacrarum litterarum scriptoribus fuerunt praetermissa. Supplicii tamen genus quoddam fuisse, inde coniicitur, quod Aethiopes non solum atro sint colore, sed tristi et distorta ut plurimum facie, et agresti quadam incultaque natura, et ad omnem inhumanitatem feritatemque propensa, ita ut credibile sit propter aliquam alicuius parentis culpam genus illud hominum diris quodammodo esse deuotum. Dici etiam merito potest causam illius coloris lineamentorumque esse occultam aliquam et caelestem uim tum ex solis ardore, tum ex occultis causis conflatam, qua efficitur ut non solum Aethiopes atro sint corpore, uerum [42] etiam aliae gentes ab aliis lineamentorum uarietate secernantur. Nos enim Iaponenses Sinaeque ab Europaeis, oculis tum minoribus, tum profundioribus, et naribus simis ac depressis differimus. Non igitur mirum est, si ex occulta aliqua caelesti causa cum calore solis coniuncta, aliquae gentes nigrescere paulatim coeperint, capillique earum torqueri, et hoc ueluti naturae uitium a parentibus ad posteros fuerit traductum. Immo haec uidetur optima ratio: nec enim omnino calorem e numero causarum excludit, nec ad diuinum miraculum quasi ad commune asylum confugit, sed partim calori, partim occultae causae, et parentum semini, colorem hunc acceptum refert.

LINVS — Isto sane modo discrepantes auctorum sententiae conciliari possunt. Sed explica nunc quare antiqui philosophi et astrologi nec intra zonam torridam, nec intra circulos Arcticum, et Antarcticum habitationi humanae locum esse fuerint arbitrati.

MIGUEL — Não devemos admirar-nos de que os famosos antigos, limitando-se a contemplar a natureza, sem fazerem uso da experimentação, adquirissem essa crença. Com efeito, se quanto mais o sol se aproxima dum lugar, tanto mais esse lugar arde com intenso calor, e os dias são maiores, ao passo que a parte oposta arrefece e tem dias menores, não foi de todo irracional pensar que a zona tórrida, da qual o sol não se afasta, e os lugares que estão junto aos dois pólos, aos quais o sol nunca chega, quer ele dirija o seu curso para o Norte ou para o Sul, não podiam oferecer aos homens qualquer habitação conveniente. Todavia, o Autor da Natureza, que costuma prover e dar solução com a maior sabedoria a todos os incómodos humanos, empregou remédios tais que, moderada por eles a força do calor e do frio, não excluiu os homens da habitação daqueles lugares.

LINO — Enumera os remédios com que o Autor da Natureza moderou o calor da zona central.

MIGUEL — Em primeiro lugar, os ventos que refrigeram toda essa zona tórrida com o seu sopro quase contínuo, e são tão frequentes, leves e salubres, que o calor da zona tórrida quase é superado pelo calor de verão da Europa e do Japão. Por outro lado, em determinada época do ano, em alguns lugares da zona tórrida, os ventos são tão frios, principalmente os que sopram do interior das terras, que é necessário juntar à roupa usual outra mais quente. E a água arrefece de tal maneira que proporciona a sua bebida agradabilíssima aos habitantes da região, principalmente da parte da tarde, quando, abatendo-se o vento, o dia aquece algo mais, enquanto a água conserva o frio da manhã.

[43] Em segundo lugar, os habitantes daquela região têm chuvas intensas, principalmente no tempo em que o sol, subindo acima do vértice, poderia inflamar as terras com mais calor, se não se opusessem a ele as chuvas que caem. Em terceiro lugar, têm rios muito mais caudalosos do que noutros lugares, que com o seu curso muito ameno de tal modo irrigam a terra que não consentem que ela se inflame com o calor do sol. Finalmente, para omitir outras razões, têm bosques de árvores tão cerrados que o ardor do sol é por elas afastado, principalmente sendo as árvores quase todas de natureza tal que em tempo algum do ano perdem a folha, mas caindo umas produzem outras, e assim com a sua amenidade e a suavidade dos frutos, os habitantes se recreiam de modo surpreendente.

LEÃO — Graças a estes remédios extraordinários, empregados por Deus, a famosa zona bem pode chamar-se não tórrida mas temperada. Mas quais são as vantagens com que a natureza compensou nos círculos árctico e antárctico a violência e aspereza do frio?

MIGUEL — Nós a esses lugares não fomos, mas por tradição oral e pela leitura de livros ficámos a saber que a essa gente não faltam as suas comodidades. Pelo que toca à duração das noites, que em certos lugares é dum mês, dois meses, três meses, e até de seis meses junto aos dois pólos, em primeiro lugar, este incómodo é aliviado nas ocasiões a que chamam os crepúsculos e que entre eles são mais longos. Depois, enquanto o sol está ausente por muito tempo, o esplendor da lua

MICHAEL — Non est mirandum ueteres illos rerum tantum naturam contemplatos, et nullo experimento ductos, illud sibi persuasisse. Cum enim, quo propius sol ad aliquem locum accedit, eo ardentiori calore locus ille torreatur diesque sint longiores, opposita parte frigescente, eosdemque dies habente contractiores, non fuit omnino a ratione alienum existimare zonam torridam, a qua sol non recedit, et loca quae sub utroque axe sunt, ad quae nunquam accedit, siue ad aquilonem, siue ad austrum cursum flectat, nullam commodam hominibus habitationem praebere posse. Auctor tamen naturae, qui sapientissime omnibus humanis incommodis prouidere et consulere solet, ea adhibuit remedia, quibus caloris et frigoris uis temperata, homines illorum locorum habitatione non excluderet.

LINVS. — Enumera remedia quibus naturae auctor calorem mediae plagae moderatus est.

MICHAEL — Primo loco numero uentos, qui totam illam zonam torridam assiduo fere flatu refrigerant, et adeo sunt frequentes, lenes ac salubres, ut torridae zonae calor ab Europae et Iaponiae aestiuo calore paene superetur. Iam uero certo anni tempore in aliquibus torridae zonae locis, ita uenti sunt frigidi, praesertim e mediterranea parte flantes, ut necesse sit ad communes uestes alias calidiores adhibere. Et aqua ita frigescit, ut suauissimum sui potum illius regionis incolis praebeat, praesertim pomeridiano tempore, quo uento remissiore dies aliquanto magis incalescit, aqua tamen frigus matutinum conseruante.

[43] Secundo loco habent illius regionis habitatores uehementes pluuias eo praesertim tempore quo sol supra uerticem conscendens ardentius terras inflammare posset, nisi imbres illi decidentes obsisterent. Tertio habent fluuios multo quam in aliis locis frequentiores, qui amoenissimo decursu ita terram irrigant, ut eam calore solis torreri non patiantur. Denique, ut alia omittam, habent opacissima arborum nemora, quibus solis ardor optime prohibetur, praesertim cum fere omnes eius sint naturae, ut nullo anni tempore foliis omnino careant, sed aliis decidentibus alia emittant, et ita earum amoenitate, fructuumque suauitate incolae mirum in modum recreantur.

LEO — Istis egregiis a Deo adhibitis remediis zona illa non torrida, sed temperata dici potest. Sed quae sunt illa commoda quibus natura intra circulos Arcticum et Antarcticum frigoris uim asperitatemque compensauit?

MICHAEL — Nos ea loca non adiuimus, auditione tamen et librorum lectione accepimus nec etiam illis gentibus sua commoda deesse. Quod enim attinet ad noctium diuturnitatem, quae in quibusdam locis menstruae, bimestres, trimestres, immo et semestres sub polo utroque sunt, in primis leuatur haec molestia iis temporibus quae crepuscula dicuntur, quaeque illis longiora sunt; deinde sole diu absente lunae; stellarumque splendor multo magis uiget; denique propter magnam

e das estrelas é muito mais visível; finalmente, graças à quantidade de árvores, há tais incêndios e tais fogueiras que parecem superar a luz diurna.

Por outro lado, a dificuldade do frio tem também as suas compensações: além daquela contínua combustão de madeira e do calor do fogo doméstico, não faltam muitos e variados animais, dos quais se fazem peles e destas, tecidas em conjunto, luxuosas vestes para repelir a força do frio. Isto para não falar dos fornos, grutas e outros lugares semelhantes nos quais, mantendo-se o lume sempre aceso, se consegue viver não sem conforto.

Finalmente, não há lugar tão exposto ao calor ou ao frio, que não tenha uma compensação dos seus incómodos, oferecida pela natureza ou obtida pelo engenho. Foi isto que não compreenderam os antigos filósofos e matemáticos e, por isso, nos transmitiram que essas zonas a meio da terra, e nas extremidades, isto é, colocadas na zona tórrida e nos círculos polares, eram inteiramente vazias de homens.

LEÃO — Não há dúvida de que experimentamos um grande prazer, do conhecimento destes tão variados sítios da terra, e suas qualidades, por forma que podemos comunicar estas informações com outros a cujos ouvidos ainda não chegaram. Mas, por favor, expõe quais são as leis, qual a religião [44] que ligam e mantêm todos esses povos que, em tão grande número, como tu dizes, nasceram de cor negra?

MIGUEL — Podemos dizer, de um modo geral, que todos estes povos não têm nem lei nem religião, uma vez que não são contidos no cumprimento do dever, nem por leis determinadas nem por determinada religião, mas à maneira dos animais que a natureza fez inclinados para a terra e obedientes ao ventre[35], vivem em grande parte entregues à sua cupidez e aos seus vícios, desprovidos de toda a cultura e sensibilidade humanas. Donde, com razão, disse um filósofo europeu que esta gente nascera absolutamente para a servidão.

E pelo que diz respeito à religião, são tais as suas fantasias em torno dos deuses, tais os seus delírios, que principalmente deste testemunho se pode coligir em que grande engano todos os pagãos se encontram, eles que imaginaram tão vãs fábulas e fantasias. E isto pode ver-se até entre os nossos japoneses que ainda são pagãos.

LEÃO — É isso mesmo, Miguel! Com os nossos próprios olhos, vemos que no nosso Japão tão grande é e tão multíplice a variedade das vãs seitas, que justificadamente os nossos homens parecem viver como no caos.

MIGUEL — É da maior importância, sem dúvida, esse argumento da falsidade pagã e da verdade cristã. Os pagãos, sejam eles quantos forem que estão dispersos por variadas regiões, compõem a religião a seu gosto e juízo e têm quase tantos deuses quantos são os seus gostos e juízos; ao passo que os cristãos, olhando o que à religião pertence, não tanto com a luz da sua inteligência mas principalmente com o divino esplendor, embora dispersos por várias e remotas províncias e regiões, embora dissonantes na língua e discrepantes nos costumes, todavia proclamam um só Deus pela palavra e dão testemunho d'Ele com o exemplo da sua vida. É que a verdade é uma só, e é simples, e não pode dividir-se nem separar-se em muitas.

arborum copiam talia fiunt incendia talesque pyrae, ut lucem diurnam superare uideantur.

Frigoris autem difficultas habet etiam sua leuamenta: nam praeter illam assiduam lignorum combustionem domesticique ignis calorem, non desunt multa et uaria animalia, ex quorum uelleribus[7] consectis et contextis egregiae uestes fiunt ad uim frigoris depellendam. Vt interim omittam hypocausta, cryptas aliaque similia loca, in quibus igne semper asseruato non incommode uiuitur.

Denique nullus est locus adeo aestu frigoreue infestus, qui non habeat suarum molestiarum leuationem a natura inditam, uel arte comparatam. Quod non assequentes antiqui philosophi et mathematici terras illas medias et extremas, hoc est sub zona torrida, et ultimis circulis collocatas, hominibus omnino uacuas esse nobis tradiderunt.

LEO — Magnam sane ex istis tam uariis terrarum sitibus et qualitatibus cognoscendis uoluptatem capimus, ut cum aliis, ad quorum aures nondum peruenerunt, communicare ista possimus. Sed quaeso, expone, quibus legibus, [44] quaue religione obstrictae teneantur gentes omnes istae, quae tam multae, ut dicis, nigro colore sunt natae.

MICHAEL — Istas quidem gentes exleges et irreligiosas omnino dicere possumus, cum nec certis legibus, nec certa aliqua religione in officio contineantur, sed instar pecorum, quae natura prona, et uentri oboedientia finxit, magna ex parte uiuant, cupiditatibus suis uitiisque addictae, omni prorsus cultu et humanitatis sensu carentes. Vnde merito dictum est a philosopho quodam Europaeo gentem illam ad seruitutem prorsus esse natam.

Et quidem quod ad religionem attinet, ea sunt harum gentium circa Deos figmenta eaque deliramenta, ut ex hoc uel maxime testimonio colligi possit quanto in errore omnes ethnici uersentur, qui tam inanes fabulas et somnia confixerunt. Quod etiam in nostris Iaponicis adhuc ethnicis uidere licet.

LEO — Ita prorsus est, Michaël. Oculis enim ipsis cernimus in nostra Iaponia tantam esse ac tam multiplicem inanium sectarum uarietatem, ut merito nostri homines ueluti in chao uersari uideantur.

MICHAEL — Maximum sane est hoc argumentum ethnicae falsitatis et Christianae ueritatis. Ethnici enim quotquot per uarias regiones sunt sparsi, religionem ad suum sensum iudiciumque componentes, tot fere habent Deos, quot sunt eorum sensus ac iudicia; Christiani uero non suae intelligentiae tantum lumine, sed diuino splendore praecipue, ea, quae ad religionem pertinent, spectantes, uariis quidem ac remotis prouinciis regionibusque dissiti, linguis dissoni, moribus discrepantes unum tamen Deum et ore praedicant, et uitae suae exemplo testantur. Veritas enim una, ac simplex est, nec in plura distrahi diuellique potest.

[7] uelleribus] pellibus *ed. 1590, corr. Errata*

LINO — Oxalá os nossos japoneses sigam, com unânime consenso, essa verdade única e simples! Mas eu gostaria de saber: quais são as residências dos padres da Companhia na Índia ou qual é a sua maneira de habitar?

MIGUEL — Na Índia, os padres da Companhia têm muitos colégios e casas e residências privadas. Com efeito, em Cochim têm um colégio muito bem construído, no qual vivem vinte e cinco da Companhia ou mais, além de que no território do mesmo reino de Cochim possuem outros domicílios menores, principalmente entre aqueles que são vulgarmente chamados cristãos de São Tomé, os quais, já desde o começo da comunidade cristã, São Tomé, um dos santíssimos apóstolos de Cristo, trouxe da falsa superstição à piedade cristã. Todavia, com a longa passagem do tempo [45], entregaram-se à lassidão disciplinar e os padres da Companhia chamam-nos agora à norma antiga da doutrina cristã e aí têm um seminário para crianças onde os rapazes são exemplarmente educados. Depois de iniciados nos sacramentos, estes rapazes podem ensinar ao seu povo os princípios da religião cristã. Além disso, neste mesmo território, os padres da Companhia ocupam-se da salvação e interesses daqueles a quem com o seu trabalho assíduo persuadiram a fazer-se cristãos, os quais são numerosos e dispersos por toda aquela costa marítima até à fortaleza de Coulão, onde também existe uma residência da Companhia. E daí toda aquela extensão seguinte aquém do cabo Comorim, chamada Travancor, e aquela outra, para além do mesmo cabo, a qual, como dissemos, se chama Pescaria, abunda em residências privadas dos padres da Companhia, em cada uma das quais vivem pelo menos dois e toda aquela gente, outrora ignorante, agora muito versada no culto cristão, eles a mantêm no seu dever.

Além disso, possuem dois seminários, um em Coulão, outro na costa da Pescaria, de ambos os quais deve esperar-se que os rapazes, neles educados na cultura e na religião, venham com o correr do tempo a sair excelentes sacerdotes e ministros da religião.

Quanto a Goa, onde fica a capital do domínio português, aí têm os padres três residências muito boas, nas quais vivem cento e sessenta da Companhia. A primeira é a casa professa, cuja obra, embora ainda recente e não de todo concluída, apresenta uma forma e estrutura tais que facilmente pode comparar-se com os edifícios europeus, amplos e magníficos. Já agora alberga comodamente quarenta da Companhia que vivem das esmolas generosamente pagas pelos cidadãos.

A segunda é o colégio de São Paulo, cuja obra é antiga e magnífica. Possui um templo de tal modo imponente, que é conhecido em toda a Índia, pela celebridade do seu nome, e supera em grandeza todos os restantes templos da Índia. Neste colégio habitam aqueles que ainda estudam as belas-letras e são em número de oitenta.

A terceira é a casa dos caloiros ou noviços onde aqueles que antes renunciaram aos bens e prazeres desta vida, se exercitam zelosamente na milícia cristã e ganham ânimo e forças para destruir o poder do diabo, para que, mais tarde, formados nos colégios nas belas-letras, saiam perfeitos soldados e afastem o jugo do pecado da cerviz dos infelizes homens.

LINVS — Vtinam Iaponenses nostri istam unam simplicemque ueritatem uno consensu conspirationeque sequantur. Sed scire uelim quaenam sint in India patrum Societatis domicilia, quisue habitandi modus?

MICHAEL — In India multa sunt patrum Societatis tum collegia, tum domus, tum priuata domicilia. Nam Cocini optime constructum habent collegium, in quo uiginti quinque ex Societate et eo plures uiuunt, ultra quod in eiusdem Cocinensis regni finibus alia minora habent domicilia, praesertim inter eos qui uulgo Diui Thomae Christiani nuncupantur, quos iam inde a Christianae reipublicae exordio Diuus Thomas, unus ex sanctissimis Christi Apostolis, a falsa superstitione ad Christianam pietatem traduxit. Quos tamen temporis diuturnitate [45] laxiori disciplinae deditos patres Societatis ad ueterem illam Christianae doctrinae normam reuocant, ibique puerorum habent seminarium, ubi pueri egregie educati, et postea sacris initiati gentem suam possint diuinis institutis imbuere. Praeterea in iisdem finibus patres Societatis eorum saluti et utilitati consulunt, quibus ipsi suo labore ac industria Christo nomen dare persuaserunt, qui multi sunt per illam maritimam oram sparsi usque ad Coulanensem arcem, ubi etiam Societatis est domicilium. Et inde totus ille sequens tractus citra Comorinum promontorium, qui Trauancoris dicitur, et ille alter ultra idem promontorium, qui Piscaria, ut diximus, appellatur, multis priuatis patrum Societatis domibus abundat, in quorum singulis duo saltem degunt, et totam illam gentem olim rudem nunc optime Christiano cultu perpolitam in officio continent.

Ad haec duo habent seminaria, alterum Coulani, alterum in Piscariae tractu, in quorum utroque sperandum est pueros ingenue et religiose educatos progressu temporis optimos sacerdotes diuinarumque rerum ministros euasuros.

Iam uero Goae, ubi caput Lusitanae dicionis est, tria optima habent patres domicilia, in quibus centum et sexaginta Societatis uiuunt. Primum est domus professorum, cuius opus quamuis adhuc nouum sit nondumque omnino exaedificatum, eius tamen formae est ac structurae, ut facile cum Europaeis aedificiis amplis et magnificis conferri queat, et iam nunc quadraginta Societatis ex eleemosynis a ciuibus magnifice erogatis uiuentes percommode capiat. Secundum est collegium Diui Pauli, cuius opus antiquum est ac magnificum, templumque habet ita nobile, ut per totam Indiam nominis celebritate sit conspicuum, et reliqua omnia Indiae templa magnitudine superet. In hoc autem collegio habitant illi qui bonis artibus adhuc operam nauant, et numero sunt octoginta. Tertium est domus tironum, siue nouiciorum, ubi qui primo uitae huius bonis uoluptatibusque nuntium remiserunt, in Christiana militia se gnauiter exercent, et ad euertendam diaboli potestatem spiritus ac uires sumunt, ut postea in collegiis bonis artibus imbuti perfecti milites euadant, et a miserorum hominum ceruicibus peccati iugum depellant.

LINO — Qual é o interesse de tantas casas numa só e mesma cidade? Não seria preferível que esses padres fossem distribuídos por diversas cidades e vilas, por forma tal que pudesse colher-se melhor fruto da multidão das obras?

MIGUEL — Com prudência [46] e sentido prático, provêem os padres a este negócio. Aqueles que hão-de ser distribuídos pelas várias cidades e regiões, primeiro despem na casa dos noviços os maus costumes que vestiram na sociedade dos homens profanos e habituam-se a manusear as armas de Cristo; depois, são transferidos para colégios onde, educados na cultura das Humanidades, finalmente acabam como óptimos doutores e mestres da lei cristã e ensinam facilmente aos restantes homens ignorantes os divinos preceitos. Por outro lado, estes padres não ficam perpetuamente em Goa, mas depois de se fortificarem em duas residências com as armas da sabedoria e da virtude, ou passam à casa dos professos, para poderem ser úteis aos cidadãos de Goa, ou saem para várias províncias da Índia, mesmo muito remotas, para as ilhas Malucas, mesmo até para a China e para o nosso Japão, e frequentam toda a região Oriental. Contam-se também outras residências dos padres na parte setentrional da Índia, mas porque não fomos lá, deixo-as em silêncio. Mas já é tempo de voltar à navegação para Portugal, depois de um intervalo de descanso, antes de retomarmos a narração.

LINO — Assim seja, embora a tua continuada exposição nos desse não mediano prazer. Mas reservemo-la para amanhã.

LINVS — Quorsum tam multa in una eademque urbe domicilia? Nonne melius esset istos patres per uarias urbes oppidaque distribui, ut ita uberior fructus operarum multudine colligi posset?

MICHAEL — Sapienter [46] et utiliter a patribus huic negotio prouidetur. Qui enim per uarias urbes regionesque dispergendi sunt, primum in tironum domo prauos mores, quos ex profanorum hominum societate induerunt, exuentes, et Christi armis tractandis assuescentes, postea ad collegia transferuntur, ubi praeclaris artibus doctrinisque exculti, tandem Christianae legis optimi doctores magistrique euadunt, et reliquos homines ignaros facile diuinis praeceptis instituunt. Nec enim perpetuo hi patres Goae commorantur, sed prius in duobus domiciliis uirtutis et sapientiae praesidiis muniti, uel ad professorum domum transeunt, ut ciuibus Goënsibus possint esse emolumento, uel in uarias Indiae prouincias etiam ualde remotas, ut ad Malucas insulas, immo et ad Sinas, nostramque Iaponiam excurrunt, et totam Orientalem plagam frequentant. Plura etiam alia patrum domicilia in Indiae parte septentrionali numerantur, quae quoniam non adiuimus, silentio praetermitto. Sed iam nunc ad Lusitanicam nauigationem accedamus, si tamen prius quiete interposita narrationem intermiserimus.

LINVS. Sit ita, etsi tua continuata dictio non mediocrem nobis uoluptatem afferebat, sed illam in crastinum diem reseruemus.

COLÓQUIO SEXTO
Da navegação feita da Índia para Portugal.

MIGUEL — É tempo que a nossa narração passe da Índia para Portugal, uma vez que nos demorámos nas coisas da Índia mais do que moderadamente e muita outra coisa falta para vos dar conta de toda a nossa viagem. Por isso, omitindo alguns assuntos que mais relevam do prazer do que da necessidade, na reunião desta noite parece bem que tratemos da navegação para Portugal.

LEÃO — Tudo o que tens vindo a referir nestes colóquios, provoca-nos e excita-nos o desejo de fazer muitas perguntas. Todavia, deixemo-las e ouçamos sobre a navegação para Portugal, para que finalmente o teu discurso chegue aos temas europeus como a um campo [47] amplíssimo.

MIGUEL — Depois daquela breve demora de poucos dias em Goa, chegada a ocasião oportuna, dissemos adeus ao padre visitador e aos outros padres da Companhia, não sem muita efusão de lágrimas, de parte a parte; e acompanhando-nos eles com a expressão da sua grande saudade, finalmente embarcámos num navio português.

LEÃO — Por que razão afirmas tu que vocês disseram adeus ao padre visitador? Não o tivestes como companheiro e guia da navegação, assim como ele aqui prometeu que havia de fazer?

MIGUEL — Sempre foi esse o pensamento do padre visitador e não o mudou por qualquer motivo ligeiro. Mas quando já a nossa viagem estava preparada, uma carta chegada de Roma no-lo arrebatou. Com efeito, nessa carta o padre geral da Companhia impôs-lhe o encargo de geral da Província da Índia Oriental, que ele nem podia recusar nem transferi-lo para outro nem finalmente, para o desempenhar, podia sair da Índia. Daí aconteceu que as nossas esperanças de que ele nos conduzisse e nos acompanhasse ficaram anuladas.

LINO — Essa decisão constituiu uma diminuição não pequena do vosso prazer, de tal modo tínheis de partir com menos alegria para a Europa, como para um outro mundo, sem um tal guia e porta-bandeira, principalmente quando o próprio padre vos recebera na sua fiel tutela!

MIGUEL — Quem poderá negar que sofremos uma enorme perda de prazer, assim privados da presença e companhia do padre com quem estávamos ligados

De nauigatione facta ab India usque in Lusitaniam.
COLLOQVIVM SEXTVM.

MICHAEL — Tempus postulat ut ab India ad Lusitaniam nostra transferatur narratio, quandoquidem in Indicis rebus plus modico sumus immorati, et multa alia supersunt ad totius nostri itineris rationem uobis reddendam. Ideo omissis aliquibus, quae non tam necessitati, quam uoluptati inseruiunt, in huius noctis congressu de nauigatione in Lusitaniam usque nobis agendum uidetur.

LEO — Quae a te in his colloquiis referuntur, studium nobis mouent atque excitant multa interrogandi. Illis tamen praetermissis, de Lusitanica nauigatione audire cupimus, ut tandem ad Europaeas res, tamquam in campum amplissimum tua prouehatur [47] oratio.

MICHAEL — Post breuem illam paucorum dierum Goae commorationem temporis opportunitate aduentante patri uisitatori aliisque Societatis patribus, non sine multis lacrimis ultro citroque fusis salutem diximus; iisque demum magna desiderii significatione nos prosequentibus nauem Lusitanam conscendimus.

LEO — Qua ratione asseris uos patri uisitatori salutem dixisse? Non habuistis illum nauigationis socium atque ducem, sicut ipse se facturum hic recepit?

MICHAEL — Semper ea fuit patris uisitatoris mens, neque illam leui aliqua de causa mutauit. Sed cum iam expeditio nostra parata esset, litterae Roma allatae nobis illum abripuerunt. Quoniam pater praepositus generalis Societatis illis litteris prepositi prouincialis in India Orientali munus ei imposuit, quod neque recusare, nec in alterum reiicere, nec denique eo fungens ex India proficisci poterat. Quo factum est, ut nostrae spes de eius ductu et comitatu nobis praeciderentur.

LINVS — Non minimum sane fuit istud tantae uoluptatis temperamentum, sic enim in Europam, quasi in alium orbem sine tali duce ac signifero minus iucunde uobis erat proficiscendum, praesertim cum pater ipse in suam tutelam fidemque uos recepisset.

MICHAEL — Quis neget nos maximam uoluptatis fecisse iacturam patris praesentia societateque carentes, cum quo non minori quam filiorum erga parentem

por um amor não inferior ao de filhos para com o pai? Mas a própria razão, que prescrevia necessariamente o dever da obediência ao padre geral, foi o que mais nos consolou neste caso; por outro lado, nós sabíamos, por experiência, que os padres da Companhia estão por tal modo ligados pelo vínculo da caridade, que é o mesmo o pensamento de todos, a mesma a sensibilidade, e que nós, mesmo sem o padre visitador, ao iniciarmos tal viagem, não sentiríamos a falta de qualquer sinal de benevolência e amor nos padres europeus. E a nossa opinião não nos enganou porque, embora nesta nossa longuíssima viagem nos tenhamos encontrado com muitos padres, diferentes na língua e na nação, e separados pelo intervalo dos lugares, todavia experimentámos manifestamente a mesma disposição de espírito em todos, como se fossem homens da mesma língua e do mesmo lugar. Além disso, embora muito sentíssemos a falta do padre visitador (tínhamos, entretanto, a presença do padre Diogo de Mesquita, caríssimo preceptor e pedagogo), foi-nos ajuntado um outro guia de toda aquela companhia, a saber, o padre Nuno Rodrigues, varão de grande virtude e autoridade, que então desempenhava as funções de reitor do colégio de Goa. A sua presença compensou, em boa parte, a ausência [48] do padre visitador e, embarcando sob o seu comando, em breve chegámos ao porto de Cochim para onde são conduzidas as mercadorias indianas e aí embarcadas nos navios portugueses. Foi deste porto que, posteriormente, a dez antes das Calendas de Março do ano de 1584[36], felizmente levantámos âncora e nesse mesmo ano, a quatro dos Idos de Agosto[37] ancorámos no famosíssimo porto de Lisboa em Portugal.

LEÃO — Em breves palavras encerraste toda a navegação, apesar de na realidade ela ter sido longa. Com efeito, se fizermos contas ao tempo, gastastes seis meses, menos dez dias.

MIGUEL — Assim foi, caríssimo Leão. A navegação da Índia para Portugal supera em duração todas as outras que até agora foram descobertas, e também na multidão dos perigos e na dificuldade dos incómodos. Deus, porém, que nesta viagem marítima usou para connosco, como filhos queridos, de grande indulgência, tornou este periculosíssimo trajecto tão seguro e livre de perigos, que nós o concluímos sem qualquer dificuldade, com os ventos soprando sempre prosperamente, com as velas recolhidas apenas uma vez ou outra. Todavia no regresso à Índia, como soldados mais robustos, vimo-nos envolvidos em muitas dificuldades e vários perigos.

LINO — É extraordinário e quase como um sonho, que um homem seja transportado, durante seis meses inteiros, num navio, no qual as acomodações não podem ser suficientemente capazes e espaçosas, e muitas outras dificuldades têm de ser suportadas, principalmente aquela reclusão no navio como se fosse num cárcere. E decerto ninguém, a quem fosse oferecida uma casa, ainda que mobilada com régio aparato, para nela viver fechado durante seis meses contínuos, poderia aguentar-se tanto tempo nela detido e encerrado; muito menos num navio, cheio de tantos e tão variados incómodos.

amore coniuncti eramus? Sed ratio ipsa quae necessario parendum patri generali praescribebat, nos in eo casu maxime est consolata; praesertim cum experimento assequeremur Societatis patres ita esse caritatis uinculo colligatos, ut omnium eadem sit mens, idem animus, idemque sensus, nosque etiam sine patre uisitatore iter illud aggredientes non esse ulla beneuolentiae et amoris signa in Europaeis patribus desideraturos. Nec nostra nos fefellit opinio, quamuis enim in hoc nostro longissimo itinere cum multis patribus lingua et natione distinctis, locorumque intercapedine disiunctis fuerimus congressi, eundem tamen animum in omnibus, quasi in eiusdem linguae et loci hominibus manifeste sumus experti. Praeterea quamuis patre uisitatore non sine magna iactura careremus (praeterquam quod aderat nobis pater Iacobus Mesquita praeceptor, et paedagogus carissimus) adiunctus est nobis alius totius illius comitatus dux pater uidelicet Nonius Rodericus magnae uirtutis, et auctoritatis uir, qui tunc collegii Goënsis rectorem agebat, cuius praesentia patris uisitatoris [48] absentiam bona ex parte suppleuit, eoque duce nauem conscendentes breui ad Cocinensem portum peruenimus, quo Indicae merces comportari et in naues Lusitanas imponi solent. Vnde ulterius decimo Calendas Martii anni 1584 feliciter soluimus, eodemque anno quarto[8] Idus Augusti celeberrimum Lusitaniae portum Olysipponensem tenuimus.

LEO — Breuibus quidem uerbis totam nauigationem complexus es, cum tamen re ipsa longum eius fuerit spatium. Si enim recte istius temporis ratio subducatur, sex a uobis menses decem diebus exceptis consumpti sunt.

MICHAEL — Ita est, Leo carissime. Nauigatio enim ab India in Lusitaniam ceteras omnes, quae hactenus sunt inuentae, temporis diuturnitate superat, immo et periculorum multitudine molestiarumque difficultate. Deus tamen, qui in eo itinere uelut erga teneros filios magna indulgentia in nos usus est, eam periculosissimam uiam ita tutam periculisque omnibus uacuam reddidit, ut sine ulla difficultate, uentis semper prospere flantibus, uelis semel atque iterum tantum demissis eam confecerimus. Quamuis in Indiam redeuntes tamquam robustiores milites, in multarum rerum difficultate, uariisque periculis fuerimus uersati.

LINVS — Mirum equidem est, et uelut instar somni, hominem sex menses integros naue aliqua uehi, in qua receptacula non admodum capacia et spatiosa esse possunt, et aliae multae difficultates tolerandae sunt, praesertim illa in nauem uelut in carcerem inclusio. Nec enim esset aliquis, cui etiam si domus regio apparatu ornata sex menses continenter incolenda proponeretur, tandiu in ea retentus atque inclusus contineri posset; nedum in naui tot, tamque uariis molestiis referta.

[8] quarto] sexto *ed. 1590*, *corr. Errata*

MIGUEL — Dizes a verdade, Lino. Os incómodos do navio superam as dificuldades do próprio cárcere. Mas assim como nas restantes acções humanas a prossecução de um objectivo diminui a dureza dos meios com a esperança e expectativa do dulcíssimo êxito (como se pode ver na guerra com generais e soldados que suportam todos os riscos de vida e do incerto Marte com a esperança da vitória), assim também nos aconteceu a nós. Aquela chegada a Portugal e à Europa aliviava não importa que moléstias e tédios do mar e da navegação, e quanto mais nos demorávamos no caminho, tanto mais nos reconfortava a esperança de chegar ao porto de desembarque.

LEÃO — Em que coisas e ocupações gastáveis nesta navegação o tempo e os dias que não podiam deixar de parecer longuíssimos?

MIGUEL — [49] O tempo da navegação, se assolado de tempestades e procelas, passa-se com dificuldade e extremo trabalho. Se, porém, reina a calma e o sopro de ventos favoráveis, muitas coisas há com que os navegantes podem entreter-se, para sofrerem com menor má disposição a longa passagem do tempo. Foi o que principalmente nos aconteceu: ora estudávamos a língua latina, ora tocávamos instrumentos musicais, ora, finalmente, não poucas vezes relaxávamos o espírito com a pesca de peixes variados ou com a conversa amena com os outros passageiros, sem nos esquecermos das costumadas orações a Deus e aos santos.

LINO —Aconteceu então que nestes seis meses, consumidos no mar, nunca tocastes em terra, nem a vistes, ao passar?

MIGUEL — Nesta viagem marítima para Portugal não se toca porto algum, nem se vai a terra alguma, a não ser uma ilha que tem o nome de Santa Helena, e está muito distante do cabo da Boa Esperança na rota da linha equinocial. Deus, na sua infinita providência, colocou-a no meio do mar como oportuna estalagem para os que fazem esta navegação. Aí costumam os viajantes fazer aguada, refazer as forças e renovar as provisões de carnes e frutos em abundância.

LEÃO — É portanto verdade que frequentemente a terra não é vista? Corno pode então acontecer que os mestres dos navios saibam em que lugar do mundo se encontram e para que lugar devem dirigir o seu curso? Principalmente, se alguma violenta tempestade impedir a vista do céu e dos astros, e não havendo referências fixas pelas quais o curso possa ser dirigido com cálculo seguro.

MIGUEL — Em coisa tão necessária serve de socorro aos marinheiros a arte de navegação que, pouco a pouco aperfeiçoada, levou à descoberta de alguns instrumentos de que eles se servem, alcançando um método de navegar tão certo e prático que em qualquer dia sabem com toda a certeza onde estão e para onde devem dirigir-se e que lugares devem evitar. Servem-se principalmente do astrolábio ou do planisfério, da carta de navegação e da agulha, instrumentos graças aos quais facilmente dominam a maneira de navegar. Com efeito, com o astrolábio eles calculam a distância a partir do ponto do sol, e a seguir, do polo e da linha do equinócio; na carta, onde estão descritas as extensões de toda a costa marítima, eles designam com o compasso o lugar a que chegaram; finalmente, com a agulha,

MICHAEL — Vera refers, Line. Nauis enim molestiae carceris ipsius difficultates superant. Verum quemadmodum in ceteris humanis rebus optati alicuius finis consectatio mediorum acerbitatem dulcissimi exitus spe et expectatione minuit (ut uidere licet in belli ducibus et militibus, qui spe obtinendae uictoriae nulla non pericula capitis incertique Martis euentum subeunt) non secus nobis accidit. Optatissimus enim ille ad Lusitaniam Europamque accessus quascumque maris nauigationisque molestias taediaque alleuabat, quoque diutius in itinere morabamur, eo portum tenendi spe maiori reficiebamur.

LEO — Qua in re occupationeue tempus diesque, qui non possunt non longissimi uideri, in ista nauigatione conterebatis?

MICHAEL — [49] Tempus nauigationis, si tempestatibus et procellis sit infestum, difficile et cum summo labore transigitur. Si tamen adsit serenitas et secundorum uentorum flatus, multa sunt quibus nauigantes distineri possunt, quo minus aegre temporis diuturnitatem ferant. Quod praecipue nobis usu uenit, nonnunquam linguae Latinae operam dantibus, interdum instrumenta musica pulsantibus, denique non raro piscatu uariorum piscium, siue dulcissima aliorum uectorum consuetudine animos relaxantibus, non tamen solitis ad Deum diuosque precibus omissis.

LINVS — Itane sex istos menses in mari consumpsistis, ut nunquam terram, uel attigeritis, uel praeteruecti conspexeritis?

MICHAEL — In hac Lusitanica nauigatione nullus alius aditur portus, nullaque terra attingitur, nisi insula quaedam, quae a Diua Helena nomen habet, et a promontorio Bonae Spei aequinoctii lineam uersus longe distat, quam in medio mari uelut opportunum quoddam illam nauigationem obeuntibus deuersorium Deus prouidentissimus constituit, ubi et aquari et uires reficere et ex carnibus fructibusque non paucis uictum instaurare uectores solent.

LEO — Itane est, ut terra frequenter non conspiciatur? Qui ergo fieri potest ut nauium magistri intelligant, quam mundi plagam teneant, et quam in partem cursus sit dirigendus? praesertim saeua aliqua tempestate caeli, astrorumque conspectum impediente, nullisque mari metis aut limitibus defixis, quibus cursus certa ratio haberi possit.

MICHAEL — In re tam necessaria ars illis opitulatur, ea enim paulatim exculti nonnulla instrumenta inuenerunt, quibus utentes ita certam exploratamque habent nauigandi rationem, ut quocumque die ubi sint, quo tendere, quae loca cauere debeant certissime cognoscant. Vtuntur autem praecipue astrolabio, siue planisphaerio, charta nauiculatoria atque acu, quibus instrumentis nauigandi modum facile assequuntur. Astrolabio namque distantiam a puncto solis, moxque a polo, et linea aequinoctii comperiunt; charta, ubi orae totius maritimae tractus sunt descripti, locum, quo peruenerunt, circino designant; acu denique septentrionem et austrum demonstrante, in quam partem flectendus sit cursus, intelligunt. Quibus animaduersis et aliorum nautarum siue magistrorum obseruationibus, quas litteris traditas secum afferunt,

que indica o norte e o sul, compreendem para que parte deve ser dirigido o curso. Feitas estas observações, e lidas outras informações escritas, de marinheiros ou de mestres que trazem consigo, e empregando o seu julgamento e experiência, nada é tão difícil que na maioria dos casos não alcancem, e raramente costumam afastar-se da rota marcada.

LEÃO — São coisas admiráveis essas que contas e que até agora ignorávamos. Todavia, para que melhor as conheçamos, explica-nos [50] o poder e o uso de cada instrumento.

MIGUEL — Fá-lo-ei com muito gosto e porei diante dos vossos olhos cada um deles.

Traze, rapaz, os instrumentos que no meu quarto estão dependurados de pregos e com os quais eu costumo frequentemente distrair o espírito. Nós, de facto, compreendendo como ia ser grande e profundo o interesse dos nossos homens em conhecer tudo quanto na viagem nos aconteceu, comprámos todos os instrumentos que pensámos conduzirem a uma mais fácil compreensão. Eis que em primeiro lugar vos apresento o astrolábio, o qual, como eu disse, contribui para que os navegantes conheçam a altura do pólo e o recesso ou acesso à linha do equinócio, pela observação da subida e descida do sol. Para que melhor conheçais a sua prática, deve notar-se que os matemáticos, que professam a ciência das coisas celestes, dividem todo o âmbito do céu em quatro partes. Cada uma delas, estendida de qualquer pólo até à linha do equinócio, tem noventa porções às quais eles chamam graus, por forma tal que todo o âmbito que decorre do pólo árctico, passando pela linha do equinócio, até o pólo antárctico, e do mesmo pólo antárctico pela linha do equinócio regressa de novo ao pólo árctico, contém trezentos e sessenta graus. E daquelas quatro partes principais, cada uma, do pólo à linha do equinócio, abrange noventa graus. Elas são iguais entre si. Ora cada grau divide-se ainda em porções menores, isto é, em sessenta minutos. De igual modo, todo o âmbito da terra que fica sob o céu, os mesmos matemáticos o dividem em outros tantos membros, e por observação certa entendem que cada grau da terra, se é feito o recto percurso do setentrião ao austro, contém dezassete léguas e meia, as quais podem reduzir-se facilmente, como atrás dissemos, às nossas léguas japonesas ou às milhas itálicas, fazendo as contas. Donde resulta que toda a terra que é redonda e em forma de globo, e abrange trezentas e sessenta porções, em todo o seu âmbito tem seis mil e trezentas léguas.

Sendo, pois, conhecidas as porções do céu e da terra, foi este astrolábio concebido tão artificiosamente que apresenta, diante dos olhos, todos aqueles graus celestes, e este ponteiro [mediclina] ao centro, com dois orifícios, designa cada grau. Para designar o grau certo, num qualquer dia, os marinheiros, segurando na mão o astrolábio ao meio dia, dirigem o ponteiro para o raio do sol, por forma tal que o raio penetra nos orifícios em linha recta e aquele é o grau certo que dista do ponto do sol que então a parte superior do ponteiro ou mediclina designa. Donde facilmente [51] concluem quanto distam do sol. Depois, feitas as contas, concluem

perlectis, iudicioque et usu adhibito, nihil est tam difficile, quod plerumque non assequantur, et raro ab instituto itinere aberrare solent.

LEO — Mira sane narras, et quae hactenus nobis fuerunt ignota. Vt tamen ea melius cognoscamus, singulorum instrumentorum [50] uim usumque nobis explica.

MICHAEL — Faciam libenter; eaque ante uestros oculos singula proponam.

Affer, puer, ea instrumenta quae in meo cubiculo clauis sunt appensa, quibus ego frequenter relaxare animum soleo. Nos equidem intelligentes quantum futurum esset, et quam ardens nostrorum hominum studium in cognoscendis iis quae nobis in itinere euenerunt, omnia comparauimus, quae ad faciliorem intelligentiam conducere sumus opinati. Ecce in primis uobis propono astrolabium, quod, ut dixi, nauigantibus conducit ad altitudinem poli, et recessum, aut accessum ad lineam aequinoctii cognoscendum, solis ascensu, ac descensu obseruato. Vt autem eius usum facilius cognoscatis, aduertendum est mathematicos, qui caelestium rerum scientiam profitentur, totum caeli ambitum in quattuor partes diuidere. Quarum unaquaeque a quouis polo ad aequinoctii lineam producta nonaginta habet portiones, quas ipsi gradus appellant, ita ut totus ambitus, qui a polo Arctico per lineam aequinoctii usque ad polum Antarcticum producitur, et ab eodem polo Antarctico rursus per lineam aequinoctii ad eundem polum Arcticum regreditur, trecentos et sexaginta gradus contineat. Et singulae illae quattuor partes praecipuae a polo ad lineam aequinoctii, nonaginta gradus complectantur: sunt enim inter se aequales. Singuli autem gradus adhuc in minutiores portiones, hoc est sexaginta minuta distribuuntur. Pari ratione totum terrae ambitum, qui sub caelo iacet, iidem mathematici in totidem membra secant, et obseruatione certa intelligunt, unumquemque terrae gradum, si rectum iter a septentrione ad austrum fiat, decem et septem leucas cum dimidia continere, quae facile siue ad nostras leucas, siue ad Italica milliaria, ut diximus superius, supputando reduci possunt. Vnde fit ut tota terra, quae rotunda et globosa est, ac trecentas et sexaginta portiones amplectitur, toto suo ambitu sex millia leucarum supra trecentas habeat.

Cum ergo notae sint caeli terraeque portiones, confectum est hoc astrolabium ita artificiose, ut omnes illos caelestes gradus ob oculos proponeret, et stylus hic media sui parte foramen illud utrumque habens singulos gradus designaret. Vt autem certus sit gradus uno quoque die designandus, nautae manu astrolabium meridiano tempore tenentes, ita stylum ad solis radium applicant, ut solis radius recto cursu foramen penetret, et ille sit certus gradus a solis puncto distans, quem tunc superior pars styli, siue mediclinii designat. Vnde facile [51] coniiciunt, quantum a sole distent. Deinde subducta ratione, accessus

a aproximação ou o distanciamento do lugar[38] em relação ao austro ou ao aquilão, a que intervalo se encontram da linha equinocial. Conhecido ele, pegam nesta carta e nela marcam o ponto ou o espaço do lugar em que estão e a distância da linha do equinócio, porque na mesma carta estão escritos igualmente os círculos celestes e os graus, como vedes, juntamente com as extensões das costas marítimas; e, fazendo as contas, eles alcançam por que intervalo se encontram separados das costas. Assim procedendo diariamente, eles concluem que percurso fizeram e quanto estão distantes de qualquer lugar.

Para dirigir o curso do navio, muito contribui também a agulha que estais vendo: feita de ferro, ela sustém-se, balançando na ponta de um eixo; as duas partes são friccionadas com uma pedra chamada magnete, por forma que desta fricção, comunicado o poder da pedra à própria agulha, uma ponta fica voltada para o norte e a outra para o sul, sempre e sem qualquer mudança. Guiados por este instrumento, os marinheiros, embora se encontrem nas profundezas do mar, com céu nebuloso e escuro, dirigem o curso do navio quer para o norte, quer para o sul, se necessário for. Notadas estas duas linhas principais, juntam-se também outras linhas, como vedes, desenhadas em círculo, pelas quais se conhecem não só os quatro principais ventos, o aquilão, o austro, o soão e o zéfiro, mas se observam os restantes ventos intermédios. E assim, de acordo com a variedade dos ventos, e o término da viagem preestabelecido pelos navegadores, o navio é impelido ora para aqui ora para ali, com o auxílio do leme, as velas são adaptadas e acomodadas deste ou daquele modo para receberem a força dos ventos. A tudo isto se junta o hábil juízo dos navegantes, e a sua longa experiência, as observações escritas, e frequentemente lidas, de outros mestres igualmente peritos, tudo elementos que, tomados em conjunto com a mesma finalidade, não deixam que facilmente se desviem da sua meta.

LEÃO — Senti extraordinário prazer na observação destes instrumentos e, embora os tenha visto pela primeira vez, não tenho dificuldade em conceber qual seja a sua utilidade. Mas há algumas dúvidas que se me oferecem, às quais gostaria que respondesses.

MIGUEL — Tratarei de fazê-lo, na medida das minhas forças, e a minha insuficiência será suprida pelo talento e inteligência aguda dos companheiros que investigaram todas estas coisas com a sua mente penetrante, melhor do que eu, segundo creio, e estou convencido de que guardaram com mais firmeza aquilo que ouviram.

LEÃO — Em primeiro lugar, desejo saber o que fazem os marinheiros nas ocasiões em que o céu está coberto de nuvens, com um tecto de negra escuridão, e o mar agitado de ventos diversos e de tempestades. Então, [52] não estando o sol visível, não posso perceber como podem eles avaliar a distância certa do sol e a medida dos graus.

loci[9], uel recessus siue ad austrum, siue ad aquilonem colligunt, quanto sint a linea aequinoctii interuallo. Quo cognito chartam hanc in manus sumunt, et in eadem punctum siue spatium loci, in quo sunt, distantiamque a linea aequinoctii ibidem notant: nam in eadem charta circuli caelestes et gradus similiter, ut uidetis, sunt scripti simul cum maritimarum orarum tractibus, a quibus quanta intercapedine sint disiuncti, supputatione[10] facta assequuntur. Idque quotidie facientes quid itineris confecerint quantumque a loco aliquo sint remoti, coniiciunt.

Vt autem nauis cursus dirigatur, multum etiam conducit acus, quam uidetis, quae ex ferro confecta styli cuiusdam cuspide librata sustinetur; et utraque eius pars ita cum lapide quodam, qui magnes dicitur, confricatur, ut ex eo attritu lapidis uirtute ipsi acui, siue regulae communicata, altera pars septentrionem, altera austrum nulla mutatione facta assidue spectet. Quo instrumento moniti nautae quamuis in profundo pelago et caelo nubilo et caliginoso uersentur, nauis cursum siue ad septentrionem, si opus sit, siue ad austrum dirigunt. His autem duobus praecipuis signis notatis adiunguntur etiam aliae lineae, ut uidetis, ad circulum deductae, quibus non solum quattuor praecipui uenti aquilo, auster, subsolanus, et zephyrus cognoscuntur, sed reliqui interiecti obseruantur. Ita ut iuxta uentorum uarietatem, terminumque itineris a nautis praestitutum nunc huc, nunc illuc nauis gubernaculo impellatur, nunc hoc, nunc illo modo uela ad excipiendam uentorum uim aptentur accommodenturque. His accedit solers nautarum iudicium, longumque experimentum, aliorum item peritorum magistrorum scriptae et frequenter lectae obseruationes, quibus omnibus simul conducentibus non facile ab scopo declinatur.

LEO — Mirum equidem in modum aspectu istorum instrumentorum sum recreatus, et quamuis nunc primum eorum notitiam habeam, non difficile tamen concipio qualis sit eorum usus. Verum aliquae se mihi offerunt dubitationes, quibus satis facias uelim.

MICHAEL — Satis facere curabo, quantum in me fuerit, meamque incuriam supplebit ingenium acumenque sociorum, quos haec omnia mentis acie multo melius peruestigasse, credo, et audita multo firmius retinere mihi persuadeo.

LEO — In primis aueo scire quid faciant nautae tempore quo caelum nubibus est obductum et atra caligine circumtectum, et mare uariis uentis tempestatibusque agitatum. Tunc [52] enim sole non apparente assequi non possum quomodo distantiam ab eo certamque graduum mensuram comperire queant.

---

[9] loci] solis *ed. 1590*

[10] supputatione] suppuratione *ed. 1590, corr. Errata*

MIGUEL — Se o tempo da navegação for áspero e difícil, tal como há pouco descreveste, põe-se de parte temporariamente o uso do astrolábio. Há o grande refúgio da agulha que mostra sempre as duas partes que eu disse e junta-se-lhe a velha experiência dos marinheiros que sabem de cor os graus, calculados no tempo da precedente serenidade atmosférica. Raciocinando sobre o caminho percorrido depois do início da tempestade, quer a partir do termo fixo a que dirigiram o navio, quer da força ou suspensão do vento, que sopra da popa ou se inclina para os lados, quer, finalmente, de outras circunstâncias que a própria prática ensina, compreendem sem dificuldade em que ponto do mar estão ou para onde devem dirigir-se, até que, desaparecidas as nuvens, o sol, que de novo volta, mostra o caminho certo, averiguado com o instrumento.

LEÃO — Está bem, mas que acontece se não se dirigem por caminho direito ao Norte ou ao Sul? Fora deste caso, não vejo como possa calcular-se facilmente o número de léguas contido em cada grau, a não ser que seja um só e o mesmo, seja qual for a parte para que o navio se dirija.

MIGUEL — O número de facto não é o mesmo mas, mudado o término da navegação, também o número de léguas muda, e tanto mais cresce quanto mais flecte obliquamente do Norte e do Sul. Mas como os marinheiros compreendem muito bem qual é número de léguas em cada grau, de acordo com a variedade dos términos para que se tende, seja qual for o ponto a que se dirijam, facilmente compreendem quanto progrediram em cada dia. Se todavia o percurso se fizer a direito, do nascente para o ocaso, ou inversamente, sendo sempre igual o intervalo em relação ao polo e à linha do equinócio, eles refugiam-se no uso e assídua experiência, por forma tal que cada um entende, quer o vento sopre com força quer de vagar, quanto caminho percorreu em cada dia. E aqueles, entre os marinheiros, que mais valem, pela prática, pelo julgamento e pela exercitação, são os que menos costumam afastar-se do objectivo.

LINO — Também me ocorre perguntar como pode acontecer que, tendo cada grau dezassete léguas e meia, seja circunscrito a tão breve espaço e representado nesta carta.

MIGUEL — É coisa que facilmente se concebe, se notares que o espaço da terra e do mar é igualado por esta figura com uma grandeza não verdadeira mas fingida e artificiosa. Com efeito, o intervalo que se mete entre dois pontos, embora seja brevíssimo, no pensamento todavia é concebido como se contivesse dez, vinte ou trinta léguas. Donde [53] que, seja esta medida dos pontos grande ou pequena, permanece sempre certa, e com ela medimos não importa que grande extensão da terra. É como se pintares um homem de dez palmos de estatura numa tábua de um palmo: com a mais breve medida que concebes no teu espírito, representarás o seu verdadeiro tamanho, sem julgar que a tábua é igual ao homem. Não de outra maneira nesta carta ou mapa, feito de papel, as extensões do mar e das terras são descritas por forma que, da sua desigual grandeza, se imaginam ambos aqueles espaços. Deve também observar-se que, segundo a medida das cartas, assim a proporção

MICHAEL — Si tale sit nauigationis tempus asperum et difficile, quale modo descripsisti, intermisso astrolabii usu, in acu semper duas illas caeli partes quas dixi designante, magnum est perfugium, adiuncto ueteri experimento periclitationeque nautarum, qui gradus praeterita serenitate cognitos memoria tenentes, et quantum post coortam tempestatem itineris confecerint ratiocinantes, tum ex praefixo sibi termino, ad quem nauim direxerunt, tum ex ui aut remissione uenti, siue a puppi flantis, siue ad latera inclinantis, tum denique ex aliis circumstantiis, quas ipse usus docet, non obscure intelligunt quo in loco maris sint, quoue tendere debeant, donec discussis nubibus sol iterum comparens certam illam uiam instrumento cognitam demonstret.

LEO — Bene habet, sed quid, si non recto cursu ad septentrionem, aut austrum tendatur? extra quem non uideo quam facile leucarum numerus, qui unoquoque gradu continetur, colligi possit, nisi forte unus idemque est, in quamcumque partem nauis prouehatur.

MICHAEL — Numerus quidem non est idem, sed mutato nauigationis termino, leucarum etiam numerus mutatur, eoque magis accrescit, quo a septentrione atque austro in obliquum deflectitur. Cum autem nautae optime intelligant qualis sit in unoquoque gradu leucarum numerus, iuxta terminorum, ad quos tenditur uarietatem, quocumque cursum teneant, quantum singulis diebus fuerint progressi, facile assequuntur. Si tamen ab ortu ad occasum, uel contra, rectum iter fiat, cum semper eadem sit a polo et linea aequinoctii intercapedo ad usum assiduumque experimentum confugiunt, ut unusquisque intelligat, uento siue uehementer, siue remisse flante, quantam singulis diebus uiam confecerit. Qui autem inter nautas magis usu, iudicio et exercitatione ualent, ii multo minus ab scopo declinare consuescunt.

LINVS — Mihi etiam occurrit interrogandum qui fieri possit ut cum unusquisque gradus decem et septem leucas cum dimidia contineat, tam breui termino circumscriptus in hac charta comprehendatur?

MICHAEL — Illud sane facile concipitur, si aduertas, terrae marisque spatium ab hac figura, non uera sed ficta et artificiosa quadam magnitudine coaequari. Intercapedo enim illa, quae duobus punctis interiicitur, quamuis breuissima sit, mente tamen concipitur quasi decem, uiginti, uel triginta [53] leucas continens. Vnde fit ut siue magna, siue parua sit haec punctorum mensura, certa semper maneat, eaque quantumuis amplam terrae magnitudinem metiamur. Sicut enim si hominem decem palmorum statura in unius palmi tabula depingas, animo concepta palmorum breuiori mensura, ueram eius magnitudinem exprimes, non tamen tabulam homini esse aequalem iudicabis. Non secus in hac charta, siue tabula ex membrana confecta, ita maris terrarumque tractus describuntur, ut ex dissimili magnitudine utraque illa spatia colligantur. Illud tamen obseruandum est, iuxta chartarum mensuram graduum etiam accommodatam esse proportionem. Vnde fit ut si normam spatii, quae gradibus huius

dos graus deve ser acomodada. Donde acontece que, se quiseres acomodar a outras a norma do espaço que foi calculada para medir os graus desta carta, facilmente cairás em erro. Portanto, seja a tábua grande ou pequena, uma vez aplicados os graus ao seu tamanho, a medida é sempre certíssima, e certa a razão do cálculo do número das léguas.

LEÃO — Explicaste-nos muito bem o funcionamento da carta. Mas explica agora em mais pormenor o poder da agulha de marear e por que causa ela indica sempre o Norte e o Sul.

MIGUEL — Disse atrás que isto provinha da força de uma pedra chamada magnete: friccionada com uma parte dela, uma ponta da agulha indica o Sul, friccionada com a outra parte, a outra ponta indica o Norte. E todas as vezes que esta força, recebida da pedra, se perde, outras tantas pelo seu contacto e atrito se restaura. Ora este método oculto de aplicar o magnete à agulha, descobriu-o para nosso proveito a observação atenta dos homens, sob a guia da natureza. E não há que estranhar que o magnete possua esta força inata, porque Deus provê com abundância a todas as coisas necessárias à vida humana, entre as quais ocupa sem dúvida um lugar não despiciendo a navegação.

LEÃO — Não é este o cabo da Boa Esperança que nesta carta assim se mostra a entrar pelo mar dentro?

MIGUEL — Sim, este é aquele celebérrimo cabo da Boa Esperança, muito conhecido pelos gravíssimos perigos e tempestades que nele frequentemente ocorrem, o qual, todavia, pela graça de Deus, nós dobrámos a seis dos Idos de Maio[39] com a mais completa serenidade do céu e favor do vento, e celebrámos essa passagem, como se fosse para outro mundo, com grande aplauso e alegria.

LINO — Qual é a causa do aplauso e da alegria, pela passagem deste promontório?

MIGUEL — É esta: enquanto este promontório não foi ultrapassado pelos marinheiros, estes não se prometem como coisa certa a chegada à Europa, por causa dos ventos adversos que muitas vezes costumam soprar antes da sua ultrapassagem, principalmente [54] se a partida da Índia foi algo tardia. Acontece então que, soprando muitas vezes o vento da proa, os navios são forçados a ficar muito tempo no mesmo lugar e a suportar mal e com dificuldade o ímpeto dos ventos e das águas. E se esta situação se mantém por muito tempo, ou se partem ou são arrastados de través, ou finalmente abrem enormes fendas, não sem grande perigo de vidas e mercancia. Por isso, muitas vezes acontece que os marinheiros, não ousando tolerar por mais tempo a força do mar e dos ventos, regressam com grande dispêndio a uma fortaleza dos portugueses, chamada Moçambique, que dista do cabo da Boa Esperança seiscentas léguas, e aí são forçados a esperar a oportunidade de navegar, durante seis meses inteiros, gastando assim ano e meio de navegação.

Há também a juntar um incómodo e trabalho que é o de ser o céu de Moçambique muito insalubre e prejudicial, pelo calor e outras moléstias, aí perigando a saúde dos viajantes, e de muitos, consumidos pela doença, aí terminarem primeiro o

tabulae metiendis est aptata, ad alias accommodare uelis, facile in errorem iudicaris. Siue ergo tabula sit magna, siue parua, gradibus ad illius magnitudinem applicatis, semper certissima est mensura, certaque ratio numeri leucarum colligendi.

LEO — Optime nobis chartae rationem explicasti. Sed nunc acus nauiculatoriae uim latius explica, et qua de causa semper septentrionem, austrumque designet.

MICHAEL — Dixi superius, id ex ui cuiusdam lapidis nomine magnetis procedere, ad cuius alteram partem una acus cuspis attrita austrum ostendit, ad alteram uero altera cuspis allisa septentrionem indicat. Et quoties uis haec a lapide accepta remittitur, toties appulsu attrituque eiusdem instauratur. Hanc autem occultam acus ad magnetem applicandi rationem, natura duce notatio hominum animaduersioque nobis peperit. Nec mirum si ea magneti sit innata uis, cum omnibus humanae uitae necessariis abunde Deus prouiderit, inter quae sane non minimum locum obtinet nauigatio.

LEO — Hocne est Bone Spei promontorium, quod ita in hac charta in mare porrectum esse ostenditur?

MICHAEL — Hoc est illud celeberrimum Bone Spei promontorium grauissimis periculis et tempestatibus frequenter in eo coortis magnopere nobilitatum, quod tamen nos diuino beneficio sexto Idus Maii summa caeli serenitate uentique opportunitate fleximus, transitumque illum, uelut in ulteriorem regionem magno applausu iucunditateque celebrauimus.

LINVS — Quae est, flexo hoc promontorio, applausus iucunditatisque causa?

MICHAEL — Ea est: nam quandiu hoc promontorium a nautis non est transmissum, nondum certum sibi transitum in Europam nautae pollicentur, propter aduersos uentos, qui saepe ante illius flexionem flare solent, praesertim [54] si serius aliquantulum ex India sit profectio. Vnde fit ut saepe, uentis a prora spirantibus, naues cogantur diu eodem loco consistere, et uentorum undarumque impetum aegre ac difficile sustinere. Si enim longo id tempore eueniat, uel conquassantur, uel in transuersum feruntur, uel denique non sine magno periculo uitae merciumque rimas ingentes agunt. Quapropter saepe euenit ut nautae non audentes maris uentorumque uim diutius tolerare, in quandam arcem Lusitanorum nomine Mozambiquium, quae a promontorio Bonae Spei sexcentas leucas distat, cum magno dispendio regredi, ibique sex integros menses opportunitatem nauigandi expectare cogantur, et ita annum cum dimidio nauigatione consumant.

Illud etiam molestiae et laboris accedit, quod cum Mozambiquii caelum admodum sit insalubre, et calore aliisque incommodis infestum, uectorum ibi salus magnopere periclitatur, multique morbo absumpti prius uitae, quam nauigationis cursum conficiunt.

percurso da vida que o da viagem. E esta é a causa por que, atravessado o cabo da Boa Esperança, todos julgam que têm razão para se alegrar. Pela nossa parte tivemos causa justíssima de alegria e de dar muitas graças a Deus, porque, sem correr perigo algum, sem qualquer perturbação do mar ou oposição dos ventos, atravessámos o famoso cabo.

LINO — Dizes bem: os que não experimentaram perigo algum devem ser não menos gratos do que os que do perigo saíram, não sem grande terror.

MÂNCIO — Quanto Deus nos protegeu neste lugar, facilmente compreendereis daquilo que agora ocorreu, a saber, que os restantes navios que faziam parte da nossa companhia foram muito afrontados pelas procelas. Dos quais um foi tão violentamente batido pela agitação do mar que a força das vagas que se levantaram arrastou consigo, na totalidade, a varanda que costuma existir à popa e arrebatou, de um modo desgraçado, o comandante e um sobrinho que aí se encontravam. Depois, enquanto eles gritavam por socorro, os marinheiros não puderam lançar-lhes as cordas que eles pediam, nem valer-lhes de modo algum, devido à violência do mar. E assim, os dois, não sem grande dor dos que assistiam à cena, foram escondidos no profundo turbilhão do mar como num sepulcro[40].

MIGUEL — Foi essa infelicidade tão digna de compaixão, que naturalmente não saiu da memória de Mâncio, e a todos os que a ela assistiram causou profundíssima dor. Ao verem os desgraçados homens em luta com as ondas, e ouvirem as suas vozes e gritos, sem poderem socorrê-los no momento da morte, [55] gemiam sentidamente.

LEÃO — Bom Deus! Creio que esse espectáculo foi digno da maior compaixão e daí infiro como são graves os riscos que nestas viagens marítimas se correm.

MIGUEL — Compreendê-lo-ás também do nosso perigoso regresso à Índia, mas agora voltemos ao nosso propósito. Depois de passarmos o cabo da Boa Esperança, no décimo sétimo dia após a passagem, isto é, no sexto dia antes das Calendas de Junho[41], ancorámos no porto da ilha de Santa Helena que dista do cabo da Boa Esperança quinhentas léguas, situada no meio do mar, na direcção da linha do equinócio, a dezassete graus. Foi o primeiro e único porto em que entrámos nesta navegação, antes de chegar à Europa.

LINO — Creio bem que grande é a alegria e boa disposição, tanto de marinheiros como de viajantes, quando chegam a esta ilha situada no meio do mar, como a uma estalagem muito oportuna, depois de tão longa viagem, e a um refúgio de tantos sofrimentos, principalmente se ela é cultivada pelos homens e abunda nas restantes coisas necessárias à navegação.

MIGUEL — A ilha é completamente deserta de homens, a não ser por ventura algum daqueles que outrora se chamavam anacoretas, que, entretanto, ficando na ilha, leva vida solitária e nela cultiva (como muitas vezes acontece) aquilo de que os portugueses que aí chegam podem necessitar. A não ser, portanto, um ou dois que por vezes aí habitam, é proibido por ordem régia que mais residam nesta ilha. Com efeito, poucos bastam para a cultivar e promover a sua fertilidade. Na verdade, se

Atque haec est causa, quare transmisso Bonae Spei promontorio, omnes sibi merito laetandum esse iudicent. Nos uero praecipue laetandi et multas Deo agendi gratias causam dignissimam habuimus, quod nullo periculo adito, nullaque maris commotione, aut uentorum reflatu promontorium illud fuerimus transgressi.

LINVS — Recte dicis, qui enim omnino periculorum sunt expertes non minus grati esse debent, quam qui ex illis non sine magna formidine euaserunt.

MANCIVS — Quantum in hoc loco fuerit Dei in nos beneficium, ex eo, quod occurrit, facile intelligetis, quod ceterae naues, quae ex nostro erant comitatu, magnopere procellis fuerint conflictatae. Ex quibus una maris agitatione tam uehementer est pulsata, ut undarum insurgentium uis pergulam, quae in puppi esse solet, integram auulserit, et nauarchum cum fratris filio ibidem inuentum miserandum in modum abripuerit. Nec postea nautae illis opem implorantibus, funesque deprecantibus propter maris impetum ulla ratione potuerint subuenire. Et ita uterque non sine maximo intuentium dolore in profundum maris gurgitem quasi in sepulcrum fuerit reconditus.

MICHAEL — Fuit ille casus ita miseratione dignus, ut merito Mancio e memoria non exciderit, et omnibus, qui aderant, grauissimum dolorem incusserit. Cum et miseros homines cum undis colluctantes uiderent, et eorum uoces eiulatusque exaudirent, nec se opem illis ferre posse in extremo spiritu [55] grauiter ingemiscerent.

LEO — Deus bone! Miserrimum sane credo fuisse istud spectaculum, et inde coniicio quam grauia pericula in istis nauigationibus adeantur.

MICHAEL — Intelliges etiam ex nostro in Indiam satis periculoso reditu, sed nunc ad propositum reuertamur. Transuecti Bonae Spei promontorium decimo septimo a transmissione die nimirum sexto Calendas Iunii portum insulae Diuae Helenae tenuimus, quae insula a promontorio hoc quingentis leucis seiuncta est, in medioque mari aequinoctii lineam uersus, sedecim gradibus sita, ad cuius primum atque unicum portum ante Europam in ea nauigatione sumus appulsi.

LINVS — Credo equidem magnam esse tam nautarum, quam uectorum laetitiam, et animorum alacritatem, cum ad istam insulam in medio mari sitam tamquam ad peropportunum aliquod tam longi itineris deuersorium et tot molestiarum perfugium adueniunt, praecipue si ea sit ab hominibus culta, et aliis rebus ad nauigationem necessariis abundet.

MICHAEL — Insula est hominum habitatione omnino carens, nisi sit aliquis ex illis, qui olim anachoretae dicebantur, qui interdum in ea insula manens solitariam uitam agit, et ei talem adhibet culturam (ut saepe accidit) qualem Lusitanorum eo deuenientium necessitas postulat. Vno ergo, uel duobus ad summum exceptis, qui ibi aliquando manent, regio iussu prohibitum est ne plures in ea insula commorentur. Pauci namque sufficiunt ut eam colant fertilitatemque eius promoueant. Plures

os habitantes forem muitos, facilmente consumirão tudo o que nela nasce, por causa da exiguidade da sua superfície. Mas pelo que toca ao que aí se produz: abunda sobretudo em águas perenes muito apropriadas para fazer a aguada, abunda em gado, principalmente miúdo, como cabras, em aves tanto domésticas, por exemplo, galinhas, como selvagens, por exemplo, perdizes e outras semelhantes que, de início, aí deixadas pelos portugueses, deram a maior descendência, com a passagem do tempo. Abunda finalmente em muitos e suavíssimos frutos de diversas árvores, tudo vitualhas de que os portugueses se servem com fartura, enquanto aí estão, e delas transportam a maior carga para os navios, para relaxação e alimento dos corpos. Além das utilidades mencionadas, há também nesta ilha a grande comodidade da caça e da pesca, com a qual não só se restabelecem os corpos, mas também se faz não pequena provisão de carnes salgadas para a alimentação na viagem.

Nós, portanto, depois de usarmos de todas as comodidades [56] e delícias desta ameníssima ilha, durante onze dias, e de comprarmos não pequena quantidade de alimentos para o restante tempo da navegação, embarcámos de novo e no quarto dia antes dos Idos de Agosto[42], sempre com os ventos a soprarem favoravelmente, chegámos ao desejadíssimo porto de Lisboa.

Quanta foi a alegria que se apossou de nós, ao entrarmos neste porto, mal pode exprimir-se! Em primeiro lugar, porque, ao fim de seis meses de navegação, púnhamos termo aos incómodos e dificuldades da viagem; depois também, porque os nossos olhos se compraziam na extraordinária variedade das coisas novas. Com efeito, antes de mais nada, chegados ao célebre porto daquela cidade, causou-nos grande admiração a multidão quase infinita dos navios que no mesmo porto estavam ancorados, dos quais nós contámos mais de trezentos de maior calado. Pelo que toca à sua variedade, alguns deles eram navios de guerra com esporão, outros sem esporão, uns compridos, outros curtos, alguns de carga, muitos ligeiros, para não falar das galés, dos bergantins, caravelas e da infinita multidão de batéis e barcas, variedade que, junta à multidão, nos causou a maior admiração.

Quem poderá explicar o aspecto daquela grandíssima cidade? Tão magníficas são as casas, tão altos os edifícios, tão grandes as construções de muros e torres que se oferecem aos olhos dos observadores, que dificilmente eles podem dizer o que mais admiram, se a amplidão da cidade, a grandiosidade das obras, a magnitude dos templos, a multidão infinita do povo. Com efeito, tal é a estrutura das cidades europeias e a mole e grandiosidade dos seus edifícios, que aqueles que estão habituados a observar as nossas muralhas e obras não podem deixar de contemplar as europeias com a maior admiração.

Deixando por agora os pormenores da grandeza de Lisboa e das coisas europeias, que depois explicarei, foi extraordinária a nossa alegria quando, lançadas as âncoras, muitos padres da Companhia que tinham sido informados por outras naus do mesmo comboio, a respeito da nossa chegada, fazendo-se transportar em batéis velocíssimos, vieram ao nosso encontro e com extraordinários sinais de amor e simpatia se

uero si sint incolae, facile omnia quae in ea nascuntur, consumentur, propter soli ambitusque exiguitatem. Sed quod attinet ad ea quae ibidem proueniunt: abundat in primis aquarum perennitate ad aquationem ualde accommodata, abundat pecore praesertim minore ut capris, deinde auibus, siue domesticis ut gallinis, siue agrestibus ut perdicibus, aliisque similibus quae initio a Lusitanis ibi relictae maximum progressu temporis fetum ediderunt; abundat denique multis suauissimisque diuersarum arborum fructibus, quibus omnibus rebus ad uictum pertinentibus, Lusitani quandiu ibi sunt, abundantissime utuntur, et maxima earum onera in naues comportant ad corporum relaxationem et alimentum. Vltra superiores utilitates est etiam in hac insula uenatus et piscatus magna commoditas, ex qua non solum corpora recreantur, uerum etiam carnibus salsis ad nauigationis uictum non mediocre fit incrementum.

Nos igitur his omnibus commodis, [56] oblectamentisque huius amoenissima insulae per undecim dies utentes, nec parum alimenti ad nauigationis reliquum tempus comparantes, nauem rursus conscendimus, et quarto[11] Idus Augusti secundissimis uentis semper spirantibus optatissimum Olysipponis portum tenuimus.

Iam uero quanta in huius portus ingressu uoluptate fuerimus perfusi, uix dici potest, tum quod semestris nauigationis tempore transacto tandem aliquando itineris molestiis, difficultatibusque finem imponeremus, tum etiam quod nouarum rerum mira quadam uarietate oculi nostri pascerentur. In primis enim ad celebrem illius urbis portum appulsis magnam mouit admirationem infinita prope nauium, quae in eodem portu ad ancoras religatae consistebant, multitudo, ex quibus plusquam trecentas maiores numerauimus. Quod uero ad uarietatem attinet, ex illis aliquae rostratae erant, aliae sine rostris, multae longae, aliae breuiores, quaedam onerariae, multae actuariae, ut interim triremes, myoparones, celoces, infinitamque lintrium cymbarumque multitudinem praetermittam, quae sane uarietas cum multitudine coniuncta summam nobis admirationis ansam praebuit.

Age uero quis explicare queat illius amplissimae urbis aspectum? ubi tam magnificae domus, tam celsa aedificia, tam aeditae murorum turriumque machinae se oculis intuentium obiiciunt, ut quid prius mirentur, amplitudinem urbis, an operum magnificentiam, templorum magnitudinem, populique infinitam frequentiam uix sane statuere possint. Ea est enim Europaearum urbium, in primisque huius structura, eaque aedificiorum moles, et excelsitas, ut qui nostris conspiciendis moenibus atque operibus sunt assuefacti, non possint non illa cum maxima animi admiratione intueri.

Omissis tamen his quae ad Olysipponis et Europae in rebus omnibus amplitudinem pertinent, mox a me explicandam, mira fuit nostrorum animorum iucunditas, cum primum ancoris in mare iactis multi Societatis patres, qui de nostro aduentu per

[11] quarto] sexto *ed. 1590, corr. Errata*

congratularam vivamente com a nossa desejadíssima chegada. E embora nos fosse anunciada uma grande e aparatosa procissão solene que se preparava para nos receber, ao desembarcar do navio, nós, todavia, fatigados da longa viagem, preferimos nessa primeira noite hospedar-nos junto dos padres da Companhia, que haviam de receber-nos com toda a hospitalidade [57] e amor, a aguardar o comum aplauso do povo. E a nossa esperança não nos enganou. Com efeito, compreendemos que os padres da casa professa usavam para connosco da mesma caridade e simpatia que tínhamos experimentado nos padres da Índia e do nosso Japão, e observámos nas acções que era igual o comum sentir das suas almas.

LINO — Logo que chegastes a Lisboa, visitastes algum varão principal, com encargo de governo, como tínheis feito em Goa?

MIGUEL — Visitámos o cardeal Alberto, governador de todo Portugal, sobrinho de Filipe, rei de Espanha, por sua irmã que foi mulher do imperador[43] e que vive agora em Espanha, depois da morte do marido.

LEÃO — Lembro-me de que em narração anterior te referiste ao imperador, aos reis, aos príncipes, aos duques e condes e, além destes, aos prelados e antístites. Ser-nos-á muito agradável, se explicares a significação destes nomes e a variedade das suas funções, e nos declarares se na Europa se encontram os nomes do nosso dayri[44], dos cubos, cungos, yacatas, cunixuos, e se finalmente tratares com clareza toda esta questão dos magistrados.

MIGUEL — Fá-lo-ei de boa vontade e tratarei de todo o sistema da nobreza europeia e da sua dignidade, se transferirmos para amanhã toda essa longa exposição, uma vez que o tardio da hora assim o pede.

LINO — É justo que a sessão fique por aqui e que nos separemos todos para o descanso nocturno.

alias eiusdem comitatus naues certiores facti fuerant, scaphis uelocissimis uecti nobis obuiam processerunt, et mirificis amoris beneuolentiaeque signis de nostro optatissimo appulsu iucundissime sunt gratulati. Et quamuis nobis nuntiaretur, magnum aliquem, ac solemnem apparatum, pompamque exstrui, qua e naui descendentes exciperemur, nos tamen nauigationis diuturnitate defessi, maluimus ea prima nocte ad patres Societatis perhospitaliter [57] et amanter nos excepturos diuertere, quam communem populi applausum opperiri. Nec nos nostra fefellit spes. Patres enim domus professorum ea in nos caritate et beneuolentia esse intelleximus, quam in Indiae et Iaponiae nostrae patribus fueramus experti, eundemque omnium animorum esse consensum re et opere perspeximus.

LINVS — Cum primum Olysipponem peruenistis, adiistisne aliquem principem uirum et gubernatorem, sicut Goae feceratis?

MICHAEL — Adiimus Albertum Cardinalem Lusitaniae totius gubernatorem, Philippi Hispaniae regis ex sorore nepotem, quae imperatoris fuit uxor, et nunc mortuo coniuge in Hispania uiuit.

LEO — Memini te in ante acta narratione imperatoris, regum, principum, ducum et comitum, praeterea praesulum et antistitum mentionem fecisse. Pergratum nobis erit, si istorum nominum significationem et munerum uarietatem explicaueris, et utrum in Europa nostri dayri, cuborum, cungorum, yacatarum, cunixuorum nomina reperiantur, exposueris, totam denique hanc magistratuum materiam distincte fueris prosequutus.

MICHAEL — Faciam libenter, uniuersamque Europaeae nobilitatis dignitatisque rationem persequar, si tamen longam hanc tractationem in crastinum diem distulerimus, elapsi temporis mora iam id postulante.

LINVS. Aequum est ut narratio iam intermittatur, et omnes ad nocturnam quietem discedamus.

[58] COLÓQUIO SÉTIMO
Trata-se genericamente das coisas europeias e principalmente da monarquia sacra ou eclesiástica, e de outras dignidades inferiores.

LINO — O interrogatório de ontem à noite, feito pelo nosso companheiro Leão, foi tal e tão oportuno, que na expectativa da resposta que deves dar-lhe me pareceu mais longo do que o usual o tempo deste dia até à presente reunião. Começa, pois, agora a contar-nos sobre a variedade das dignidades e funções da Europa.

MIGUEL — As coisas europeias são tão grandes e tais, que embora eu tenha considerado repetidamente com os meus companheiros a forma e o modo de as explicar, creio, todavia, nunca ter conseguido um plano perfeito de as expor. Na verdade, diferindo as coisas europeias das nossas em todo o género e forma (como dizem)[45], não é fácil apresentar aos nossos homens uma ideia desenvolvida delas. Falarei, todavia, de acordo com as minhas forças e a fragilidade do meu juízo, e em todo o colóquio desta noite tratarei convosco do duplo sistema de governo. Seja portanto este o fundamento: há uma dupla jurisdição de todo o governo e poder na Europa, uma a que podemos chamar sacra ou eclesiástica, outra a que pode chamar-se profana ou, na designação comum, secular.

Ao domínio da jurisprudência eclesiástica pertence dispor tudo aquilo que conduz a prestar pia e religiosamente culto a Deus Óptimo Máximo[46], discutir e repelir os erros concebidos e promulgados, quer de homens heréticos, quer de homens ignorantes, a respeito da religião, finalmente, com as leis aprovadas por Cristo e com outras redigidas no correr dos tempos, dirigir pelo recto caminho as almas dos homens, almas imortais e felizes e capazes da vida eterna, para um mesmo fim, erguido acima de toda a natureza.

À outra [59] jurisdição, a que chamo profana e temporal, comum a todos os povos, até aos privados da verdadeira religião, mas muito melhor estabelecida entre os cristãos, pertence conter no dever da sólida justiça e das outras virtudes os homens ligados pela sociedade civil e política, por forma tal que a comunidade humana se conserve na maior paz e tranquilidade, eliminadas as sedições, latrocínios, mortes, adultérios e outros crimes públicos e atentatórios do bem comum. Donde resulta

[58] Agitur generatim de rebus Europaeis, et in primis de monarchia sacra, siue ecclesiastica, et dignitatibus aliis inferioribus. COLLOQVIVM SEPTIMVM

LINVS — Interrogatio hesterna nocte a nostro Leone facta talis fuit ac tam opportuna, ut responsionis a te reddendae expectatione, plus solito mihi uisum sit diurnum tempus, usque ad hunc congressum fuisse productum. Nunc igitur de Europae dignitatum, ac munerum uarietate tuae narrationis sit exordium.

MICHAEL — Tantae profecto sunt ac tales res Europaeae, ut quamuis cum sociis saepe eas explicandi formam modumque fuerim contemplatus, nunquam tamen certam aliquam rationem perfecte exponendi me fuisse assecutum existimem. Cum enim res Europaeae toto (ut aiunt) genere ac forma a nostris dissideant, non facile est earum explicatam notionem nostris hominibus proponere. Dicam tamen pro uiribus et iudicii mei tenuitate, ac de duplici gubernandi ratione toto huius noctis colloquio uobiscum agam. Illud igitur sit fundamentum, totius Europaeae gubernationis ac potestatis duplicem esse iurisdictionem: alteram, quam sacram, siue ecclesiasticam uulgari nomine dicere possumus; alteram uero, quam profanam, siue, ut communi nomine utar, saecularem appellare licet.

Ad sacram iurisdicendi rationem pertinet, ea omnia, quae ad cultum Deo Optimo Maximo pie religioseque adhibendum conducunt, disponere, errores siue prauorum siue imperitorum hominum de religione conceptos ac promulgatos coarguere ac depellere, denique tum legibus a Christo sancitis, tum aliis progressu temporis conditis, animos hominum immortales, et beatae atque aeternae uitae capaces in eundem finem supra totam naturam sublatum rectis etiam itineribus dirigere.

Ad alteram [59] iurisdictionem, quam profanam et temporariam dico, cum ceteris gentibus etiam uerae religionis expertibus communem, multo tamen melius inter Christianos dispositam, pertinet, homines ciuili ac politica societate deuinctos in solidae iustitiae aliarumque uirtutum officio continere, ita ut humana communitas sublatis seditionibus, latrociniis, caedibus, adulteriis aliisque publicis et in commune damnum uergentibus criminibus, in summa pace, ac tranquillitate conseruetur. Ex

que o primeiro poder preside às almas, ao passo que o segundo se diz prover aos corpos. E embora as duas formas de administrar as coisas humanas derivem daquela fonte pleníssima de todo o bem e ordem que é Deus Óptimo Máximo, todavia a que preside à conservação dos corpos e da comunidade humana foi inventada a partir da luz da natureza, inata nas mentes dos homens, ao passo que a outra, muito mais nobre e elevada, foi estabelecida por uma luz mais alta, acima da natureza, comunicada especialmente aos homens por Deus. Daqui se segue que entre os homens, sejam de que nação forem, mas não bárbara e impolida, sempre há alguém que olha pela sociedade civil e induz o povo a respeitar o dever, alguém que costuma chamar-se rei ou príncipe ou ter outro qualquer nome semelhante. E este poder, embora comum a outros povos, conserva-se no povo cristão muito melhor e muito mais adequadamente para o bem comum.

Quanto ao poder sagrado e instituído para as almas, é próprio apenas e peculiar da comunidade cristã que Cristo, verdadeiro filho de Deus, descendo do céu à terra e propondo aos homens uma forma de bem viver, perfeita em todos os pormenores, instituiu, ao designar como seu vigário um dos seus apóstolos, de nome Pedro, e ao querer que o mesmo poder se conservasse perpetuamente noutros que se sucederam sem interrupção. Este é pois o vigário de Cristo que se chama Papa, isto é, pai dos pais, Sumo Pontífice e Supremo Antístite, de quem, como da mais alta cabeça, toda a restante governação deriva para os membros do povo cristão. A este todos os restantes, mesmo os homens principais do poder profano, reconhecem como colocado no lugar de Cristo e livremente se confessam inferiores a ele.

Além deste Sumo Pontífice e monarca eclesiástico, há outros agentes do poder divino que se distinguem pela sacra dignidade e autoridade, entre os quais no primeiro lugar se apresentam os que, como se fossem os eixos de todo o edifício sagrado, são vulgarmente chamados Cardeais com quem, como com [60] irmãos e conselheiros, aquele supremo pontífice comunica todas as matérias de mais peso e importância. São eles os únicos que, por morte do Sumo Pontífice, fornecem outro do seu número e círculo, por sufrágio, para o lugar dele. Por isso, estes padres purpurados, a que chamei cardeais, ocupam o segundo lugar depois do Sumo Pontífice, e a eles é conferida a maior honra pelos outros homens, e os filhos de reis e príncipes consideram como a mais alta distinção, se são chamados a esta gravíssima e distintíssima ordem pelo Sumo Pontífice, embora este tenha em conta em tal escolha e proclamação, não tanto sangue e nobreza quanto grandes virtudes, sabedoria notável e méritos insignes.

LEÃO — Grande é sem dúvida a dignidade destes padres de cujos sufrágios depende aquele supremo poder e de cujo número é escolhido aquele que chega ao cume supremo. Mas gostaria de saber se é grande e certo o número dos padres daquela ordem e em que lugar têm a sua residência.

MIGUEL — O número não está inteiramente definido, todavia, de um modo geral, contam-se até sessenta cardeais que, por pertencerem ao conselho do Sumo Pontífice, quase sempre têm domicílio fixo com ele em Roma, embora ocasionalmente

quo fit ut prior illa potestas animis praesit, posterior uero corporibus prouidere dicatur. Quamuis autem utraque administrandi res humanas ratio ex plenissimo illo totius boni ac ordinis fonte, Deo Optimo Maximo ortum habeat, illa tamen, quae corporibus hominumque communitati conseruandae praeest, a lumine naturae mentibus hominum insito inuenta est; altera uero multo nobilior ac praestantior altiori quodam lumine supra naturam hominibus peculiariter a Deo communicato instituta est. Hinc sequitur ut inter homines cuiuscumque sint nationis non tamen barbarae et omnino impolitae, semper sit aliquis qui ciuilem societatem tueatur, et populum ad officium seruandum inducat, qui rex, uel princeps, aut alio simili nomine nuncupari solet. Quae tamen potestas cum aliis gentibus communis, in Christiano populo multo melius multoque accommodatius ad commune bonum conseruatur.

Illa autem sacra, atque ad animos instituta potestas solius Christianae Reipublicae propria est ac peculiaris, quam Christus uerus Dei filius, e caelo in terras descendens, et hominibus recte uiuendi omnibus numeris absolutam formam proponens, instituit, unum ex apostolis nomine Petrum sui uicarium designans, eandemque potestatem, aliis atque aliis mutuo succedentibus perpetuo conseruari uolens. Hic igitur Christi uicarius est, qui Papa, id est, pater patrum, Summus Pontifex, et supremus antistes appellatur, a quo uelut a summo capite tota alia gubernatio in Christiani populi membra deriuatur. Hunc omnes alii profana etiam potestate praestantes uiri tamquam Christi loco positum recognoscunt, seque eo inferiores esse, ingenue confitentur.

Vltra hunc Summum Pontificem et ecclesiasticum monarcham, sunt etiam alii diuinarum rerum administri, qui sacra dignitate et auctoritate pollent, inter quos se primo loco offerunt illi qui quasi cardines totius huius sacri aedificii, cardinales uulgo nuncupantur, cum quibus uelut [60] cum fratribus et consiliariis Supremus ille Pontifex res omnes magni ponderis et momenti communicat. Qui soli, Summo Pontifice e uiuis excedente, alterum ex suo numero et conuentu suffragiis in eius locum sufficiunt. Ideoque hi purpurati patres, quos cardinales dixi, secundum post Summum Pontificem locum obtinent, illisque maximus a ceteris hominibus honor defertur, summique beneficii regum ac principum filii loco numerant, si ad hunc grauissimum et sanctissimum ordinem a Summo Pontifice cooptentur, quamuis non tam sanguinis ac nobilitatis, quam magnarum uirtutum, praestantis sapientiae insigniumque meritorum in hac renuntiatione et cooptatione a Summo Pontifice ratio habeatur.

LEO — Magna sane est dignitas istorum patrum, ex quorum suffragiis suprema illa potestas pendet, et ex quorum numero deligitur ille qui ad supremum culmen euehitur. Sed scire uelim sitne magnus ac certus istius ordinis patrum numerus, et in quo loco sedem habeant?

MICHAEL — Numerus non est omnino definitus, plerumque tamen ad sexaginta cardinales numerantur, qui, quoniam Summo Pontifici a consiliis sunt, fere semper cum eodem Romae domicilium fixum habent, quamuis aliquando ad res magni

sejam enviados, em nome do Sumo Pontífice, para tratar de assuntos de grande importância a outras províncias e reinos, onde são recebidos pelos reis e príncipes cristãos com a maior honra e reverência e, concluídos os negócios, regressam ao Sumo Pontífice, não se afastando do seu lado senão por uma grave causa.

A seguir vêm os patriarcas, arcebispos, bispos ou prelados que seguem uns aos outros em ordem decrescente. Os prelados recebem do Sumo Pontífice as dioceses e poderes que ele lhes distribui para governar, de cada um dos quais é possível recorrer, em causas mais graves, para os arquiprelados ou arcebispos, aos quais por sua vez presidem os patriarcas cujo poder abrange muitas províncias e reinos. Todos eles, como eu já disse, veneram aquela primeira cabeça da República Cristã, isto é, o Sumo Pontífice e a sua vontade e comando, por cuja autoridade, depois de ouvido o conselho dos cardeais, são substituídos na dignidade pontifícia os próprios cardeais, os patriarcas, os arcebispos e os bispos. E sendo a dignidade de todos estes a mais alta, ornada com muitas honras e rendimentos, daí pode inferir-se como é grande a majestade daquele supremo poder de que dependem o cuidado, administração e confirmação de todas as coisas.

Além de todos estes, há ainda muitos outros graves sacerdotes, submetidos aos pontífices, distintos por funções e cuidados, quais são abades, cónegos, e entre os cónegos, [61] os deões, os arciprestes, os mestres-escola e muitos outros dos quais cada um tem o seu grau, função e dignidade. E todos eles, de acordo com a variedade da sua classe, abundam em amplos rendimentos e necessários para manter a gravidade da sua posição. E além dos sacerdotes desta nomenclatura, que são chamados da ordem de São Pedro, há também muitos outros varões religiosos, dedicados às coisas sagradas e divinas, cujo dever é não tanto mostrar aquela majestade e autoridade eclesiástica, quanto renunciar a todos os bens exteriores e obrigar-se pelos solenes votos de pobreza, castidade e obediência, e nos conventos ou colégios levar vida comum e religiosa, de acordo com regras que professam, diferenciando-se por elas uns dos outros. Todos, porém, têm os seus superiores, de casas, de conventos e de províncias, e cada ordem obedece ao seu prefeito geral, os quais todos, finalmente, estão submetidos ao Sumo Pontífice como à suprema cabeça de todos. E não há nenhum membro deste corpo, isto é, do povo cristão, por muito coberto de honras e muito alto, cujo governo não dependa daquela suprema cabeça. E a estas famílias e ordens de homens religiosos pertencem os padres da Companhia que da Europa vêm aqui até nós, porque a Companhia de Jesus é uma das famílias de religiosos que maravilhosamente se exercitam em seguir o perfeito género da vida cristã.

LEÃO — De maneira extraordinária me alegro e contento, caríssimo Miguel, quando te ouço expor, com competência e a propósito, estas matérias importantíssimas, mas para que este assunto nos seja melhor conhecido, explica-nos se estes religiosos, que costumam proferir os três conhecidos votos, obedecem também aos prelados de cada diocese.

MIGUEL — Dedicando-se os religiosos, de que vimos falando, inteiramente ao serviço divino, e vivendo à parte da multidão dos outros homens, convém que tenham

momenti in prouincias alias et regna nomine supremi antistitis destinentur, ubi a regibus, et principibus Christianis perhonorifice et reuerenter excipiuntur, confectisque negotiis ad Summum Pontificem redeunt, ab eius latere non nisi graui de causa discedentes.

Post hos sunt patriachae, archipraesules, praesules siue pontifices, qui mutuo alii aliis subsunt. Pontifices enim dioeceses ac diciones a Summo Pontifice distributas gubernandas suscipiunt, a quorum singulis ad archipraesules siue archiepiscopos in causis grauioribus prouocari potest, quibus rursus praesunt patriarchae, quorum potestas ad multas prouincias et regna pertingit. Omnesque hi, ut dixi, primum illud Christianae Reipublicae caput, hoc est, Summum Pontificem, eiusque nutum et imperium intuentur, cuius auctoritate, adhibito cardinalium consilio, in pontificia dignitate ipsi cardinales, patriarchae, archiepiscopi et episcopi reponuntur. Quorum dignitas cum sit maxima, multisque tum honorum, tum redituum ornamentis decorata, inde coniici potest quanta sit illius supremae potestatis maiestas, unde omnium cura, administratio et confirmatio pendet.

Vltra hos omnes sunt etiam multi alii graues sacerdotes pontificibus subiecti, muneribus et curis distincti, quales sunt abbates, canonici, et inter canonicos [61] decani, archipresbyteri, scholarum magistri, aliique complures, quorum unusquisque suum gradum, curam dignitatemque tenet. Qui omnes iuxta ordinis uarietatem amplis reditibus ad grauitatemque sui ordinis tuendam necessariis abundant. Praeter hos autem huius nomenclaturae sacerdotes, qui Diui Petri ordinis nuncupantur, sunt etiam multi alii religiosi uiri sacris ac diuinis rebus addicti, quorum munus non tam est ecclesiasticam illam maiestatem auctoritatemque prae se ferre, quam omnibus externis bonis nuntium remittere, et paupertatis, castitatis atque oboedientiae uotis solemnibus se obstringere, atque in coenobiis siue collegiis communem et religiosam uitam agere iuxta uarium institutum, quod alii ab aliis distincti profitentur. Omnes tamen habent suos moderatores domuum, coenobiorum et prouinciarum, singulique ordines suos generales praefectos recognoscunt, qui omnes tandem Summo Pontifici tamquam omnium supremo capiti subsunt. Nullum namque huius corporis, id est, Christiani populi, membrum est, quantumuis honorificum et sublime, cuius moderatio ex illo summo capite non pendeat. Atque ad has religiosorum hominum familias, atque ordines pertinent Societatis patres, qui ex Europa ad nos huc usque ueniunt, est enim Societas Iesu una, ex religiosorum hominum familiis, quae in Christianae uitae perfecto genere consectando mirifice se exercent.

LEO — Mirum in modum recreor ac reficior, carissime Michaël, cum te de istis rebus grauissimis apte et apposite disputantem audio, sed ut magis ista materia nobis sit perspecta, expone num religiosi isti uiri, qui uota illa tria solemnia nuncupans, pontificibus etiam singularum dioecesum pareant?

MICHAEL — Cum religiosi uiri, de quibus agimus, se totos diuino obsequio mancipauerint et extra ceterorum hominum turbam uiuant, oportuit ut suos peculiares

os seus governantes e prefeitos particulares, como disse, que estão submetidos aos seus prepósitos gerais, a quem pertence mantê-los no seu instituto de vida. Todavia, prestam a maior reverência e honra aos prelados comuns e eclesiásticos, como seus coadjuvantes: por eles são iniciados nas ordens sacras para celebrarem o augusto sacrifício da sacrossanta Eucaristia, deles recebem a faculdade de falar ao povo e ensiná-lo, de ouvir as confissões dos pecadores, deles finalmente, em tudo o que é necessário para ensinar o povo, como de seus pastores próprios, são colaboradores e coadjuvantes. Mas no género de vida institucional e doméstica, naquilo que é próprio das suas famílias [62] religiosas, eles reconhecem como seus peculiares governantes os prefeitos e prepósitos e, finalmente, o próprio Sumo Pontífice.

LINO — Destas famílias ou ordens religiosas, os homens que fazem os três votos têm a mesma regra de vida quanto à alimentação e vestuário ou diferem uns dos outros em qualquer coisa?

MIGUEL — Assim como os membros do corpo humano têm a mesma finalidade preestabelecida de conservar a vida, todavia desempenham funções diversas, de igual modo todas as ordens de homens religiosos seguem o objectivo da perfeita vida cristã, todavia usam de meios diversos. Donde acontece que assim como aquelas duas santas irmãs Marta e Maria, por forma diferente, ambas todavia receberam muito bem Cristo, quando outrora vivia na terra, assim também destes religiosos uns, depois daquilo que respeita ao fim comum, se entregam inteiramente à acção, outros têm o espírito concentrado por inteiro na contemplação das coisas divinas, alguns ainda abraçam, quanto podem, as duas partes, e ora voltados para a acção ora para a contemplação, empregam meios diversos no que toca ao sustento e cuidado do corpo. E esta variedade de meios, produzindo também a variedade das ordens religiosas, não causa qualquer perturbação mas uma espécie de beleza do seu corpo.

LEÃO — Certamente da maneira de viver destas ordens, concluo que os nossos sacerdotes no Japão, ministros da falsa religião, são muito semelhantes aos religiosos da Europa, se olharmos à maneira de viver em conventos e aos seus hábitos e práticas exteriores.

MIGUEL — Se olhares, de facto, ao exterior, confesso que há uma certa aparência de semelhanças entre eles, mas se penetrarmos na intimidade, compreenderemos que os cristãos e europeus distam dos religiosos do Japão como o píncaro do céu dista do centro da terra. E isto concluí-lo-eis facilmente daquilo que segue. Com efeito, para apresentar algumas diferenças entre ambos, há uma sobretudo que é esta: os nossos homens, sob a pressão da pobreza e da falta de meios, iniciam-se na religião para viverem lautamente e na abundância, e por este motivo escolhem a vida, quanto deles depende, nos mais opulentos conventos e nos mais ricos templos, e não se abstêm das coisas passageiras e caducas desta vida tanto como, ao consagrarem-se à vida religiosa (segundo eles falsamente julgam), as perseguem com mais avidez e apetite. Donde resulta que, se por outro meio pudessem alcançar amplos rendimentos, títulos de honra e dignidades, riquezas e um grande pecúlio, de forma alguma se fechariam dentro das paredes [63] dos mosteiros.

moderatores praefectosque haberent, ut dixi, qui generalibus suis praepositis subsunt, quorum est omnes in instituto uitae continere. Communibus tamen et ecclesiasticis pontificibus utpote eorum adiutores summam reuerentiam honoremque deferunt: ab illis sacris ordinibus initiantur ad augustum sacrosanctae Eucharistiae sacrificium faciendum, ab illis contionandi ad populum ac docendi, peccatorumque confessiones audiendi facultatem accipiunt, illis denique in omnibus ad populum erudiendum necessariis tamquam propriis pastoribus constituti sunt administri et adiutores. In institutae autem ac domesticae uitae genere, et in his quae propria ipsarum religiosarum [62] familiarum sunt, peculiares moderatores, praefectos et praepositos, ipsum denique Summum Pontificem recognoscunt.

LINVS — Istarum familiarum siue ordinum uiri qui tria uota profitentur, habentne eandem quoad uictum uestitumque uiuendi rationem, an alii ab aliis aliqua re distinguuntur?

MICHAEL — Quemadmodum humani corporis membra eundem conseruandae uitae finem sibi praefixum habent, diuersis tamen muneribus funguntur, non secus omnes religiosorum hominum ordines perfectae uitae Christianae finem consectantur, diuersis tamen mediis utuntur. Vnde fit ut quemadmodum duae illae sorores sanctissimae Martha et Maria, diuersa quidem ratione, utraque tamen optime Christum olim in terris agentem exceperunt, sic etiam ex his religiosis uiris alii, post ea quae ad communem finem pertinent, actioni omnino se dedant, alii in diuinarum rerum contemplatione animos omnino defixos habeant, nonnulli utramque partem, quantum possunt, amplectantur; rursusque tum ad actionem, et contemplationem diuersa media quoad uictum et cultum corporis adhibeant. Quae mediorum uarietas ordinum etiam uarietatem efficiens non perturbatam aliquam rationem huius corporis, sed quandam pulcherrimam eius formam reddit.

LEO — Equidem ex istorum ordinum uiuendi ratione coniicio nostros sacerdotes in Iaponia falsae religionis ministros Europae religiosorum hominum quam simillimos esse, si modus habitandi in coenobiis et eorum externus habitus cultusque spectetur.

MICHAEL — Si externa quidem respicias, fateor utrorumque similem esse quandam speciem ac formam, si tamen intima quaeque penetrentur, a Iaponiae religiosis uiris Christianos atque Europaeos, ut caeli fastigium a centro terrae distare, intelligemus; quod ex iis, quae sequuntur, facile colligetis. Nam ut aliqua inter utrosque discrimina proponam, illud in primis est quod nostri homines paupertate et rerum penuria oppressi ideo sacris suis initiantur, ut lautius et abundantius uiuant, et hac de causa in opulentissimis quibusque coenobiis et locupletissimis templis, quantum in ipsis est, sibi uitam deligunt, nec tam cum uitae huius rebus fluxis et caducis diuortium faciunt, quam eas sacris (ut falso existimant) se addicentes, auidius atque appetentius consectantur. Vnde prouenit ut si alia ratione amplos reditus, honorum, ac dignitatum titulos, diuitias et magnum peculium consequi possent, nequaquam se intra coenobiorum [63] parietes includerent.

Mas nas famílias religiosas dos homens europeus a situação é muito diferente. Na verdade, os homens mais ricos e mais nobres, que podiam levar uma vida laica com a maior honra, e na abundância das coisas humanas, libertam-se de todos os bens caducos, como de impedimentos certos da vida perfeita, e fogem da enxurrada dos homens, como de um pego turbulentíssimo, para o porto da vida religiosa. E aí, pronunciando aqueles três votos de castidade, pobreza e obediência, vivem modesta, casta e humildemente e não permitem que as suas almas sejam poluídas pelas manchas de vício algum, ao passo que com os nossos bonzos acontece inteiramente de modo diverso. E embora na Europa, como eu disse, várias sejam as ordens de religiosos, plenas de homens muito nobres e muito ilustres, porque ao Japão chegaram só os padres da Companhia, e nós fomos entre eles educados e enviados nesta embaixada juntamente com eles, darei alguns exemplos, tirados apenas dos homens da Companhia, com os quais poderá confirmar-se a diferença de que atrás falei.

Com efeito, durante a nossa permanência em Roma, fomos testemunhas oculares de que alguns nobres varões, que antes floresciam em riquezas, influência e nobreza, e podiam alimentar a esperança de chegar às maiores honras, foram recebidos na Companhia. Entre eles, contou-se um clérigo da Câmara, daqueles que usufruem dum posto tão elevado, que das suas funções são muitas vezes promovidos ao importantíssimo círculo dos cardeais. Ora este, desprezando grandes rendimentos e rejeitando a esperança não duvidosa de uma dignidade mais alta, entregou-se inteiramente a Deus e à Companhia.

O segundo foi o filho do duque de Terra Nova e governador de Milão que, desprezando também todos os prazeres da vida e riquezas, entrou na Companhia e se consagrou inteiramente à vida religiosa.

Vimos como terceiro exemplo certo marquês ilustríssimo, da distinta família Gonzaga, nobre pela sua origem, que, calcando aos pés honras, grandeza do nome e outras vantagens, se dedicou profundamente a ganhar o cume da perfeita vida cristã. Aqui também posso referir-vos o reverendo padre prepósito de toda a Companhia, o geral Cláudio Acquaviva, ainda vivo[47], cuja caridade, benevolência e outras egrégias virtudes, nós próprios pudemos testemunhar, quando estivemos com ele em Roma. Sendo filho do duque de Atri e gozando de favor e autoridade, em grau elevado, junto do Sumo Pontífice Pio V, não havia dúvida de que muito brevemente seria chamado ao número dos cardeais [64], uma vez que um seu sobrinho, filho de seu irmão, foi depois elevado a essa ordem, em seu lugar. Repudiando, todavia, todas essas possibilidades, escolheu vida mais sossegada na Companhia e tais progressos fez em virtude e cristã piedade, que foi escolhido para as funções de geral, com grande consenso dos seus confrades.

E não menos digno da memória dos anais é o exemplo dum outro geral, Francisco de Borgia que, há não muitos anos[48], segurava o leme de toda a Companhia: sendo o ilustríssimo duque de Gandia, cidade de Espanha, rico de todos os bens da fortuna, e governador de toda a Catalunha, foi tocado de divina inspiração e renunciou

At uero in Europaeorum hominum religiosis familiis longe aliter se res habet. Ditissimi namque et nobilissimi uiri, qui profanam uitam cum summo honore et humanarum rerum abundantia agere poterant, omnibus caducis bonis tamquam certis perfectae uitae impedimentis se expediunt, et ex hominum colluuione tamquam ex turbulentissimo pelago ad religiosae uitae portum confugiunt. Ibique tria illa uota castitatis, paupertatis et oboedientiae profitentes, tenuiter, caste ac summisse uiuunt, nullisque uitiorum maculis animos suos pollui patiuntur, cum tamen in nostris Bonzis aliter prorsus eueniat. Et quamuis in Europa, ut dixi, uarii sint religiosorum hominum ordines nobilissimis et clarissimis uiris referti, quia tamen ad Iaponiam patres tantum Societatis peruaserunt, et nos inter eos educati et cum hac legatione in eorum comitatu missi sumus, ex ipsius tantum Societatis hominibus nonnulla exempla in medium proferam, quibus superius discrimen a me assignatum poterit confirmari.

Nam cum Romae ipsi, qui oculati testes sumus, commoraremur, aliquos uiros nobiles, qui diuitiis, opibus, nobilitateque antea florebant, seque ad magnos honores euehendos esse sperare poterant in Societatem uidimus cooptatos. Inter quos fuit quidam ex clericis Camerae, qui tantae sunt dignitatis, ut ex eo munere ad grauissimum illum cardinalium senatum saepissime ascribantur. Hic autem magnis reditibus spretis, et amplioris dignitatis spe non dubia reiecta, se totum Deo Societatique addixit.

Secundus fuit ducis Terrae Nouae, Mediolanensisque gubernatoris filius, qui omnibus uitae uoluptatibus opibusque similiter contemptis, eandem Societatem ingressus, se totum religiosae uitae mancipauit.

Tertium uidimus quendam illustrissimum Marchionem clarissimae familiae Gonzagae natalibus nobilitatum, qui honoribus, nominis amplitudine, aliisque prorsus conculcatis ad perfectae uitae Christianae culmen obtinendum se penitus consecrauit. Hic etiam referre possum uobis totius Societatis reuerendum patrem praepositum generalem Claudium Aquauiuam, cuius adhuc uiuentis caritatem, benignitatem aliasque egregias uirtutes nos ipsi, qui simul cum eo Romae fuimus, testari possumus. Qui cum ducis Atriae filius esset, et apud Summum Pontificem Pium quintum gratia et auctoritate summopere ualeret, cumque non dubium esset eum quam citissime in cardinalium numerum esse referendum [64] quandoquidem eius ex fratre nepos ipsius loco in eundem ordinem postea est ascriptus. His tamen omnibus repudiatis tutiorem uitam in Societate delegit, et eos fecit in uirtute Christianaque pietate progressus, ut ad praepositi generalis munus magno patrum consensu fuerit euectus.

Nec uero minus memoria annalibusque dignum est exemplum praepositi alterius generalis Francisci Borgiae, qui non multos ante annos totius Societatis gubernaculum tenuit, cumque Gandiae urbis in Hispania dux esset illustrissimus, omnibusque copiis atque opibus circumflueret, totiusque Cataloniae gubernationem clauimque teneret,

a tudo isto que os homens amam tão ardentemente, procurando na Companhia o ancoradouro seguro, onde, comportando-se da forma mais notável em todo o género de virtudes, finalmente foi eleito geral pelo comum sufrágio dos padres, e nestas funções, e quando resolvia outros negócios de grande peso, deixou a vida gloriosamente.

LINO — Pode acontecer que homens tão ricos e nobres anteponham a pobreza aos recursos e a submissão à nobreza?

MIGUEL — Não preciso, decerto, de ir buscar longe as testemunhas, quando estão presentes os meus companheiros que viram a maior parte destes homens que aqui recordei.

MÂNCIO — Para que é necessário o nosso testemunho, quando por toda a Itália e Espanha falámos com os mais nobres varões, filhos de duques, marqueses e condes que santamente vivem na Companhia, e admirámos a sua grandeza de ânimo, ao desprezarem todas estas vantagens passageiras e caducas da vida?

MARTIM — Tudo isto é tão corrente e comum, que não precisa de maior testemunho, mas se quisermos ir buscar os exemplos à própria antiguidade, nós lemos, transmitido pelas memórias dos antigos, que muitos foram os príncipes, reis, imperadores que, desprezados principado, reinos e impérios, empregaram todo o seu cuidado e esforço em obter apenas a riqueza celeste.

JULIÃO — A confirmar o mesmo argumento ocorre também o seguinte, que não só os homens que, por natureza, possuem espírito mais robusto, mas também as mulheres que são um sexo mais frágil e fraco, muitas e da maior nobreza se encontram na República Cristã, as quais, declarando guerra às coisas deste mundo, sujeitas a mudança, todas se dedicam e consagram a Deus e ao seu serviço, e oferecendo alegremente a flor da sua virgindade a Cristo, celeste esposo, vivem em conventos para o efeito estabelecidos [65], santa e religiosamente, longe do convívio e comunhão dos homens, a tal ponto que dificilmente se deixam ver mesmo dos parentes. E passam todo o tempo em divinas preces e cânticos, e na contemplação das coisas celestes, nada concedendo ao ócio, nada aos vãos e inúteis colóquios, mas com os olhos postos no exemplo de Cristo senhor que quis ser obediente até à morte, permitem que as governem e dirijam, como suas superioras, mulheres chamadas vulgarmente abadessas, a cuja vontade se submetem. O número destas mulheres e dos seus conventos mal pode dizer-se quanto é grande em toda a Europa, e como é bem administrado tudo quanto a estas virgens sagradas respeita, quer pelos prelados a cujo cuidado foram confiadas, quer pelos religiosos da mesma ordem e família. E para que não penseis que estas virgens são daquelas que por causa da pobreza de bens familiares não poderiam casar-se, nós próprios somos testemunhas de como a filha do imperador, a quem pertence o primeiro e mais alto lugar entre as dignidades laicas, pondo de parte todos os títulos e riquezas desta vida, se recolheu a um convento com outras mulheres ilustríssimas e deixou da sua virtude um singular exemplo não só aos contemporâneos mas a toda a posteridade. E querendo, de algum modo, imitá-la, sua mãe, mulher do imperador e irmã do rei

diuino afflatu instinctus, his omnibus quae tam ardenter ab hominibus amantur, nuntium remisit, et ad Societatis tutissimam stationem contendit, ubi praeclarissime in omni uirtutum genere se gerens, tandem generalis praepositus communibus patrum suffragiis electus est, in eoque munere aliisque magni ponderis negotiis obeundis e uita gloriose excessit.

LINVS — Fierine potest ut homines tam diuites nobilesque paupertatem opibus, summissionem nobilitati anteponant?

MICHAEL — Non longe sane accersendi sunt mihi testes, cum socii mei praesentes adsint, qui plerosque ex his a me commemoratis sunt intuiti.

MANCIVS — Quorsum nostra necessaria est testificatio? cum per totam Italiam Hispaniamque nobilissimos uiros ducum, marchionum comitumque filios in Societate sanctissime conuiuentes fuerimus allocuti, et eorum amplitudinem animi in contemnendis omnibus his uitae fluxis ac caducis rebus admirati.

MARTINVS — Ista omnia ita trita et communia sunt, ut maiori testimonio non indigeant, sed si uelimus ab ipsa antiquitate exempla repetere, ueterum monumentis traditum legimus multos fuisse principes, reges, imperatores, qui principatu, regnis imperiisque neglectis ad caelestes tantum opes comparandas, omnem operam curamque insumpserunt.

IVLIANVS — Ad confirmandum idem argumentum illud etiam occurrit, quod non solum uiri, qui natura ipsa robustiores habent spiritus, sed etiam feminae, quae sexu fragili et imbecilli sunt praeditae, multae illaeque nobilissimae in Christiana Republica reperiantur, quae mundi huius rebus temporis mutationi subiectis bellum indicentes, Deo eiusque obsequio totas se deuouent atque consecrant, floremque uirginitatis Christo caelesti sponso iucundissimum offerentes, in parthenonibus [65] ad hoc designatis sancte religioseque longe ab hominum communione et consuetudine uiuunt; adeo, ut uix etiam a cognatis se uideri patiantur, totumque tempus in diuinis precibus, cantibus, caelestiumque rerum contemplatione consumant, nihil otio, nihil uanis inutilibusque colloquiis impendentes, sed Christi domini exemplum, qui ad mortem usque oboediens esse uoluit, intuentes, se totas praepositarum, quae uulgariter abbatissae nuncupantur, arbitrio nutuque regi ac dirigi permittant. Harum autem mulierum coenobiorumque numerus uix dici potest quantus sit per totam Europam, et quam bene ea, quae ad easdem sacras uirgines pertinent, uel a pontificibus quorum curae commissae sunt, uel a religiosis uiris eiusdem nominis ac familiae, administrentur. Ne autem existimetis huiusmodi uirgines eas esse quae propter inopiam rei familiaris matrimonio commode iungi non possint, nos ipsi testes sumus quemadmodum imperatoris filia, cuius inter profanas dignitates summus ac primus locus est, omnibus huius uitae titulis opibusque posthabitis se in parthenonem cum aliis illustrissimis feminis receperit, et non solum uiuentibus, sed etiam toti posteritati uirtutis suae singulare exemplum prodiderit. Quam etiam aliqua ex nparte imitari uolens eius mater, imperatoris coniux, regisque Philippi soror, coniuge extincto in idem coenobium se contulit, et quamuis solemnia uota

Filipe, depois da morte do marido, recolheu-se a este mesmo convento e, embora não pronunciasse solenes votos, aí todavia decidiu viver pia e religiosamente até o último dia da sua vida.

LEÃO — São maravilhosas, sem dúvida, as coisas que contais dos varões e mulheres religiosos da Europa. Nós, medindo as coisas da Europa pelo conhecimento das nossas, pensávamos que só os fracos e os oprimidos pela pobreza se refugiavam na vida religiosa como um remédio. Agora, porém, instruídos por vós, compreendemos que a situação é muito diferente.

MIGUEL — Esse era também o juízo que fazíamos, na nossa ignorância das coisas europeias, mas percorrida a Europa, e observadas as coisas dela, e como que tocadas com as nossas mãos, por assim dizer, mudámos inteiramente de opinião e concebemos outra, ficando a saber que os exemplos admiráveis desta mudança de vida devem atribuir-se ao poder da fé cristã. O seu poder é tão grande que facilmente liberta os espíritos, implicados em não importa que negócios e riquezas da vida, e os impele a ocuparem-se apenas das coisas divinas, à imagem de Mateus, apóstolo do santíssimo Cristo, que deixando as mesas e sacos do vil lucro e dinheiro, foi conduzido pelo Cristo senhor ao modo de vida [66] perfeita e apostólica.

Mas ocupemo-nos da segunda diferença entre os homens religiosos europeus e os nossos que é a seguinte. Os nossos, assim como diferem entre si no aspecto, tratamento do corpo e maneira de viver, assim também na religião. Na verdade, quantas são as famílias de religiosos, disseminadas pelo Japão, outra tanta é a variedade de opiniões, ou melhor, de erros a propósito da religião e do culto divino.

Mas na Europa, os homens religiosos, embora, distintos pelo aspecto do corpo e maneira de viver, vistam as insígnias peculiares de diversos santos, contemplam todavia um só Deus, um só Cristo, filho de Deus, prestam culto à mesma fé e à mesma lei, professam os mesmos votos de pobreza e de obediência, aspiram a um só e mesmo fim, com toda a força das suas almas. E deste argumento, sobretudo, poderá compreender-se como é certa a verdade da religião cristã que por tantas e tão variadas ordens e graus de pessoas é observada de uma só e mesma maneira, sem discrepância. E assim como num só corpo há um só espírito, e um só coração, assim também em toda a República Cristã, um só é o espírito, uma só a concórdia. Por isso acontece que sempre que os santíssimos padres, algumas vezes chamados das diversas nações para extirpar os erros, se reuniram, por unânime consenso sempre foram da mesma opinião e julgaram da mesma forma e retiveram a mesma fé, transmitida por Cristo e os Apóstolos, sem lhe fazerem qualquer mudança, a mesma fé íntegra e constante.

LINO — A mim de certo muito me agrada esta doutrina e parece-me ser um argumento firmíssimo da religião cristã. Mas pelo que toca à confirmação da religião cristã, tudo isto se encontra muito bem tratado na catequese que os padres compuseram. Por isso, deixemos este assunto e voltemos ao nosso propósito.

MIGUEL — A terceira diferença entre os nossos e os europeus religiosos e dedicados ao culto divino é a seguinte: os nossos japoneses não professam a pobreza

non nuncupauerit, ibi tamen pie, religioseque usque ad extremum uitae diem uiuere constituit.

LEO — Mira equidem narratis de Europae religiosis uiris ac feminis. Nos enim Europae res nostrarum usu metientes existimabamus inopes tantum et egestate oppressos ad religiosam uitam quasi ad aliquod remedium confugere. Nunc autem a uobis edocti longe aliter se rem habere intelligimus.

MICHAEL — Istud iudicium nos etiam Europaearum rerum ignari ferebamus, sed Europa perlustrata, rebusque eius perspectis, et manibus, ut ita dicam, contrectatis, prorsus de sententia decessimus, in aliamque inducti sumus, cognouimusque huiusmodi mutandae uitae mirabilia exempla Christianae fidei robori esse tribuenda. Cuius tanta uis est, ut facile animos quibuscumque uitae negotiis atque opibus implicatos expediat, et ad diuina tantum curanda impellat, instar sanctissimi Christi apostoli Matthaei, qui ab isto quaestu et pecunia, relictis mensis ac saccis, a Christo domino ad perfectae et Apostolicae uitae rationem ductus [66] est.

Sed accedamus ad secundum discrimen inter religiosos uiros Europaeos, atque nostros, quod quidem est huiusmodi. Nam nostri sicut habitu et cultu corporis, ac uictu, ita etiam religione inter se differunt. Quot enim sunt religiosorum hominum per totam Iaponiam proseminatae familiae, tam multiplex etiam est circa religionem diuinumque cultum, opinionum, uel errorum potius uarietas.

At uero in Europa religiosi uiri etsi cultu corporis uictuque distincti, uariorum diuorum insignia peculiaria gestant, unum tamen Deum, unum Christum Dei filium intuentur, eandem fidem et legem colunt, eadem paupertatis et oboedientiae uota nuncupant, ad unum eundemque finem tota animorum contentione aspirant. Ex quo uel maxime argumento colligi poterit quam certa sit Christianae religionis ueritas, quae a tam multis ac tam uariis ordinibus personarumque gradibus unica et eadem ratione neutiquam discrepante obseruatur. Ita ut sicut in uno corpore unus est spiritus unumque cor, sic etiam in tota Christiana Republica unus sit spiritus unaque conspiratio. Quo fit ut quoties sanctissimi patres ex diuersis nationibus ad euellendos errores aliquando excitatos conuenerunt, unanimi quodam consensu semper idem senserint idemque iudicauerint, et eandem fidem a Christo et Apostolis traditam, nulla ex parte mutatione facta, integram et constantem retinuerint.

LINVS — Mihi profecto ista ratio perplacet, firmissimumque uidetur Christianae religionis argumentum. Sed quod attinet ad Christianae religionis confirmationem, istud totum catechesi a patribus composita optime tractatum, missum faciamus, et ad institutum redeamus.

MICHAEL — Tertium discrimen inter nostros, Europaeosque uiros religioni diuinoque cultui addictos illud est: quod nostri Iaponenses nec paupertatem, nec

nem a castidade nem a obediência. Pelo que diz respeito à maneira de viver e aos bens pessoais, desejam viver como ricos e afluentes, acima de tudo, e pelo que diz respeito à castidade do corpo, não é possível contar em que lamaçal e sujidade de torpezas eles vivem. Finalmente, pelo que respeita à obediência, cada um ambiciona ser livre e independente. Daí resulta que os bonzos não se apoiam numa sólida e verdadeira virtude mas na sua sombra e imitação, isto é, em ritos e cerimónias exteriores. Mas na República Cristã, os homens dados ao culto divino buscam não uma imitação contrafeita e uma sombra, mas a sólida e verdadeira raiz da virtude. E gravando-a [67] no fundo das suas almas, não podem deixar de apresentar dela no seu aspecto exterior muitos sinais e provas, as quais todas, porém, provêm e proliferam daquela raiz implantada nas almas.

Tudo quanto disse dos homens, entendei-o também das mulheres que na Europa, recolhidas nos seus conventos, superam por tal forma as nossas mulheres religiosas, isto é, as bicunisas, que destas se deve dizer que são sombra apenas, aquelas têm a autêntica verdade e a sólida virtude.

LINO — Dizes bem e eu estimo que há a mesma diferença entre ambas que entre as duas religiões, a cristã, verdadeira e certa, mas a pagã sombra vazia apenas[49].

LEÃO — É isso mesmo, mas gostaria de saber de onde é que estes religiosos, que professam a pobreza, ganham o seu sustento.

MIGUEL — Baseiam-se na divina promessa que nas letras sagradas nos foi feita por Cristo, de que nada lhe faltaria, antes tudo teria em abundância, aquele que, por Cristo, rejeitasse completamente os bens passageiros e caducos. Vivem, portanto, os religiosos na pobreza e na abundância, na modéstia e na afluência, finalmente nada tendo, segundo o testemunho de São Paulo, e tudo possuindo.

Mas para que não pareça que digo coisas contraditórias, vou explicar as minhas palavras em pormenor. Os religiosos, quanto está em seu poder, repudiam tudo o que de direito possuíam. Todavia, os príncipes e reis, formados na religião cristã, não consentem que eles morram de fome e de sede, mas atribuem generosamente amplíssimas rendas aos conventos em que eles vivem, por forma tal que cada um por si nada possui de seu, mas toda aquela sociedade e convento abunda em todas as coisas. E assim acontece que nem cada um tem de preocupar-se com o seu sustento, nem sofre a penúria comum de alguma coisa. E o mesmo deve pensar-se daquelas casas e conventos que, embora não tenham rendimentos anuais, todavia vivem conveniente e satisfatoriamente das esmolas que recebem em abundância.

LEÃO — O que tu afirmas, facilmente admitimos que assim aconteça na Europa, mas como é que, estando os padres da Companhia tão longe da Europa e nada possuindo no Japão, fazem tão grandes despesas, construindo tantos colégios, templos, seminários, alimentando o tão grande número dos seus membros e dos rapazes que estão nos seminários?

castitatem, nec oboedientiam profitentur. Cum omnes, quod ad uictum et peculium attinet, dites locupletesque uiuere maxime cupiant, et quod ad corporis integritatem pertinet, non est quod modo referam, in quo caeno turpitudinisque sordibus uersentur. Quod denique ad oboedientiam spectat, unusquisque sui iuris esse uehementer expetit. Vnde fit ut Bonzi non solida ueraque uirtute, sed umbra et imaginibus, hoc est externis ritibus, caeremoniisque nitantur. At diuino cultui in Christiana Republica dediti uiri, non quidem fucatam speciem umbramque, sed solidam ueramque uirtutis radicem consectantur, [67] quam in intimis animis infigentes, non possunt non multa signa ac documenta externo habitu cultuque praebere, quae tamen omnia ex illa radice in animis insita proueniunt ac pullulant.

Idem autem, quod de uiris dixi, de feminis etiam intelligite, quae in Europa in parthenonibus reconditae ita nostras religiosas feminas, hoc est Bicunisas, superant, ut hae umbram tantum, illae germanam ueritatem, solidamque uirtutem tenere dicendae sint.

LINVS — Profecto recte dicis, idemque existimo esse utriusque[12] uitae discrimen, quod est inter utramque religionem, Christianam quidem ueram ac certam, ethnicam uero umbratilem ac inanem.

LEO — Ita prorsus est, sed uelim scire unde religiosi isti uiri paupertatem profitentes uictum sibi comparent?

MICHAEL — Diuina promissione nituntur, quae sacris litteris nobis a Christo prodita est, nihil uidelicet ei defuturum, sed omnia cumulate habiturum, qui pro Christo bona fluxa ac caduca prorsus abiiceret. Viuunt igitur religiosi uiri in paupertate et in abundantia, in tenuitate et affluentia, nihil denique teste Diuo Paulo habentes et omnia possidentes.

Ne autem uidear pugnantia loqui, id latius explicabo. Religiosi quidem uiri, quantum in ipsis est, omnia, quae suo iure possidebant, repudiant. Principes tamen ac reges Christiana religione imbuti non patiuntur ipsos fame sitique enectos perire, sed amplissimos reditus coenobiis, in quibus ipsi uiuunt, magnificentissime attribuunt ita, ut unusquisque[13] nihil proprium habeat, sed tota illa societas et conuentus rebus omnibus abundet. Quo fit ut nec singuli uitae sustentandae cura implicentur, nec communem ullarum rerum penuriam patiantur. Idem etiam censendum est de iis domibus et coenobiis quae, quamuis reditus annuos non habeant, tamen ex suppeditatis abunde, eleemosynis commode atque apte uiuunt.

LEO — Istud quidem, quod asseris, ita se in Europa habere nos facile coniicimus, sed quid, quod Societatis patres tam procul ab Europa positi, in Iaponia nihil possidentes tam multos sumptus faciunt, tot collegia, templa, seminaria erigentes, tantum sociorum et puerorum, qui in seminariis sunt, numerum alentes?

---

[12] utriusque] inter utriusque *ed. 1590, corr. Errata*

[13] unusquisque] unusquique *ed. 1590, corr. Errata*

MIGUEL — Estes gastos e despesas que tu vês aos padres fazer, são do dinheiro tirado do divino tesouro, que o próprio Senhor prometeu nunca haver de esgotar-se. Com efeito, não possuindo no Japão quaisquer bens, todavia levantam residências, alimentam um tão grande número de membros e [68] de adolescentes, e expendem tanto dinheiro noutras coisas, que justificadamente deve atribuir-se à Divina Providência que o dinheiro chegue. E nesta matéria também não falta o cuidado e solicitude dos Sumos Pontífices, principalmente de Gregório XIII, de feliz recordação, e do ainda vivente (Deus no-lo guarde por muito tempo!) Sisto V [50] que, daquele alto ponto de observação, olhando às necessidades do Japão, magnificamente atribuíram aos padres seis mil moedas de ouro para serem gastas em cada ano. E sendo as despesas em cada ano maiores pelo menos no dobro, é certo que Deus olha com o maior interesse pelos padres. E nesta parte também nos não falta a magnificência dos reis portugueses que, à maneira régia, socorrem com esmolas concedidas generosamente do seu erário os padres que vivem no Japão.

LINO — Qual é a causa por que os Sumos Pontífices e os reis assim olham pelos padres que vivem tão longe?

MIGUEL — A causa principal é a comum caridade cristã tão recomendada por Cristo e que deve ser remunerada no céu com prémios excepcionais. Depois, o zelo da comum utilidade. Entendendo, com efeito, os príncipes cristãos como são ricos os frutos que se tiram da chegada e residência dos padres no Japão, não é sem motivo que dos bens que Deus lhes concedeu, na sua benignidade, eles dão boa parte aos religiosos. Acresce que, sendo o Sumo Pontífice a cabeça suprema, por assim dizer, dum corpo que é a República Cristã, cabeça de onde parte tudo quanto é de interesse para os restantes membros, ele não só vela pelos cristãos que tem perto de si, mas também por outros que estão de si afastados por longuíssimo intervalo, quais os japoneses, a cujas necessidades socorre como se os visse presentes e a seu lado. E pela mesma causa olha também com particular favor pelos padres que se dedicam a tratar dos interesses do povo japonês.

Daqui acontece que nós, os japoneses, devemos não pouco envergonhar-nos. Com efeito, estando prescrito, pela própria lei da natureza e pelo divino preceito, que aqueles que trabalham nalgum lugar, daí mesmo devem colher frutos suficientes para sustentar a vida, todavia os padres da Companhia viajam até nós dos mais remotos países e reinos por tal forma que não só colocam todo o seu trabalho e actividade na nossa salvação e proveito, mas ainda, para as despesas que necessariamente devem fazer, trazem consigo de alhures os alimentos e o dinheiro, e dele dedicam não pequena porção aos nossos homens e adolescentes. Mas esta situação deve atribuir-se, quer à penúria da nossa [69] gente, quer ainda às perturbações das guerras que assiduamente nos afligem.

LEÃO — Mas bem compreendo quão pouco a messe até agora recolhida do campo nipónico corresponde ao trabalho e diligência dos padres, e isto creio que deve ser atribuído às causas que apontaste. Virá um dia o tempo, se Deus anuir às nossas preces, em que muitos príncipes poderosíssimos hão-de receber a religião

MICHAEL — Sumptus isti, atque expensae quas uides a patribus fieri, sunt ex pecunia e diuino thesauro deprompta, quem nunquam exhauriendum Dominus ipse est pollicitus. Cum enim in Iaponia nulla praedia possideant, tot tamen domicilia exstruunt, tam amplum sociorum adolescentumque [68] numerum alunt, eamque aliis in rebus pecuniam expendunt, ut merito diuinae prouidentiae tribuendum sit, quod peculium suppetat. Nec uero ea etiam in re desideratur Summorum Pontificum cura ac sollicitudo, praesertim felicis recordationis Gregorii decimi tertii, et eius (quem Deus diu incolumem conseruet) adhuc uiuentis Xisti quinti, qui ex illa alta specula Iaponicae necessitati prospicientes, sex aureorum millia patribus quotannis expendenda magnifice attribuerunt. Cumque singulis annis duplo saltem maiores sint expensae, certum est Deum patribus summopere prouidere. Nec etiam deest hac in re Lusitanorum regum magnificentia, qui patribus in Iaponia degentibus ex aerario suo large suppeditatis eleemosynis regio more opitulantur.

LINVS — Quaenam est causa, quare Summi Pontifices regesque patribus tam longe uiuentibus ita prouideant?

MICHAEL — Causa est in primis communis Christiana caritas tantopere a Christo commendata et egregiis in caelo praemiis remuneranda; deinde utilitatis communis studium. Cum enim Chistiani principes intelligant quam uberes fructus ex patrum in Iaponiam aduentu habitationeque colligantur, non immerito ex iis bonis, quae a Deo ipsis sunt benignissime concessa, bonam partem cum religiosis uiris communicant. Accedit, quod cum Summus Pontifex totius Reipublicae Christianae quasi cuiusdam corporis sit supremum caput, unde omnia commoda in cetera membra deriuantur, non solum consulit his Christianis quos sibi loco coniunctos habet, sed etiam aliis qui longissimo sunt interuallo remoti, quales sunt Iaponenses, quorum tamen necessitatibus ita subuenit, quasi praesentes et ad latus positos intueatur. Et eadem causa patribus, qui Iaponici populi utilitati curandae sunt intenti, magna etiam prouidentia prospicit.

Hinc fit ut non mediocri pudore nos Iaponenses affici debeamus. Cum enim lege ipsa naturae diuinoque praecepto praescriptum sit ut qui in aliquo loco laborant, ex eodem ad uitam sustentandam fructus capiant sufficientes, Societatis tamen patres ita ex remotissimis prouinciis regnisque ad nos se conferunt, ut non solum omnem operam et industriam in nostra salute et utilitate collocent, uerum etiam ad expensas necessario faciendas aliunde secum alimenta peculiumque exportent, eiusque non mediocrem portionem nostris hominibus adolescentibusque impertiant. Sed id nostrae gentis tum penuriae, tum etiam [69] bellorum commotionibus, quibus assidue conflictamur, tribuendum est.

LEO — Equidem satis intelligo quam parum hactenus quoad hoc, messis ex agro Iaponico collecta patrum labori diligentiaeque respondeat, idque istis causis a te assignatis ascribendum esse iudico. Erit aliquando tempus, Deo nostris precibus annuente, cum multi potentissimi principes Christianam religionem suscipiant. Et

cristã. E apagados os tumultos das guerras, com a paz a reinar por toda a parte, será possível remunerar, também com essa ajuda das rendas anuais, os padres que tão bem nos têm servido, e proceder com eles, do modo que antes se procedia com os sacerdotes da falsa religião, com a mesma generosa abundância. Mas gostaria de saber se destas famílias de religiosos, de que nos falaste, há alguns que venham a ser designados cardeais, bispos ou arcebispos.

MIGUEL — Na verdade, a estes religiosos, de que falei, está aberto o acesso não só a essas dignidades que mencionaste, mas também ao sumo pontificado que agora ocupa o santíssimo pontífice Sisto V, da ordem Franciscana, que ascendeu por todos os degraus da hierarquia a esse, o mais alto, com o maior louvor. E pelo mesmo processo, há muitos outros das famílias de religiosos, eleitos às cadeiras de cardeais e de pontífices. É que, sendo os homens que se distinguem por virtude e letras, escolhidos para obterem os lugares destas dignidades eclesiásticas, e existindo esses homens sempre com abundância nas ordens religiosas, é fácil subir delas para estes importantíssimos lugares.

LINO — E não está vedado o acesso a estas honrosíssimas funções a nenhuma ordem religiosa?

MIGUEL — A nenhuma, que eu saiba, excepto à Companhia de Jesus que foi ela a querer fechar a si própria o acesso a estes graus honoríficos. Daí resulta que, sendo nela proferidos os três votos solenes, de que atrás falei, se junta um outro, a saber, a proibição de aspirar a estas honras e títulos de dignidades, e a obrigação de os recusar firme e tenazmente, se forem oferecidos, a não ser que os padres da Companhia a isso sejam compelidos por mandado do Sumo Pontífice, que a ninguém é lícito quebrar ou violar. E abundando a Companhia, até agora, em tantos homens notabilíssimos em virtude, e tendo-lhes sido oferecidas tão frequentemente dignidades deste género, não houve até hoje nenhum que tenha aceitado alguma delas, com a excepção daqueles que foram designados para a expedição à Etiópia, os quais puseram sobre os seus ombros missão bem carregada, não de recursos nem de riquezas, mas rica de trabalhos e dificuldades. Tal era [70] o reverendíssimo D. Sebastião de Morais[51], escolhido para o pontificado do Japão, de quem todavia ouvimos dizer que falecera no caminho, com dor de todos e prejuízo do nosso Japão. E sendo o campo nipónico, neste tempo, rico não tanto de recursos e possibilidades materiais, como de trabalhos, moléstias e perigos, quem quer que for anunciado seu prelado, não há dúvida de que dele deve dizer-se que obteve antes um gravíssimo encargo do que uma agradável honra.

LEÃO — Muito desejo saber porque é que, estando aberto o caminho para estas honras aos homens notáveis, por virtude e sabedoria, das restantes ordens religiosas, só a Companhia fecha a si própria a via para essas honras e barra completamente o acesso a elas.

MIGUEL — Durante a nossa permanência em Roma e noutros lugares, investigámos, com frequentes perguntas, as causas deste procedimento, de que vos farei um sumário. Seja a primeira causa a seguinte: embora de todas as ordens religiosas

sedatis bellorum tumultibus, pace ubique parta liceat hoc etiam redituum annuorum adiumento patres tam bene de nobis meritos remunerare, et ita cum illis agere, quemadmodum cum falsae religionis sacerdotibus tam abunde affluenterque olim actum est. Sed scire aueo num ex istis religiosorum hominum familiis, quas nobis tradidisti, sint aliqui qui uel cardinales, uel praesules, uel archipraesules designentur?

MICHAEL — His equidem religiosis uiris a me commemoratis patet aditus non solum ad istas dignitates, quas dixisti, uerum etiam ad summi pontificatus supremam sedem, qualem modo tenet sanctissimus Pontifex Xistus quintus ex Franciscana familia per omnes honorum gradus ad illum altissimum summa cum laude sublatus. Parique ratione multi sunt alii ex religiosorum hominum familiis ad cardinalium pontificumque sedes euecti. Cum enim ad huiusmodi ecclesiasticarum dignitatum loca obtinenda uiri uirtute et litteris praestantes deligantur, quibus hae religiosorum familiae semper abundant, facile est ex illis ad eas ornatissimas sedes ascendere.

LINVS — Nulline religiosorum hominum ordini ad ista amplissima munera aditus praecluditur?

MICHAEL — Nulli, quem sciam, excepta Societate Iesu, quae ipsa sibi ad hos honorificos dignitatum gradus uoluit aditum obstruere. Vnde fit ut cum in ea tria solemnia uota, de quibus superius diximus, nuncupentur, aliud etiam addatur nequaquam ad istos honores dignitatumque titulos aspirandi, sed oblatos firmiter, ac tenaciter recusandi, nisi forte Maximi Pontificis mandato, quod frangere, aut uiolare nulli licet, ipsius Societatis patres ad id compellantur. Cumque hactenus Societas tam multis uirtute praestantibus hominibus abundauerit, et eis saepissime huiusmodi dignitates fuerint delatae, nullus tamen huc usque fuit qui aliquam ex illis admiserit, exceptis iis qui ad Aethiopicam expeditionem sunt designati, prouinciam quandam grauissimam non opibus aut copiis, sed laboribus difficultatibusque affluentem suis umeris imponentes. Qualis etiam [70] erat reuerendissimus D. Sebastianus Moralis ad Iaponicum pontificatum delectus, quem tamen cum omnium dolere et Iaponiae nostrae detrimento in itinere diem obiisse audiuimus. Cum enim Iaponicus ager non tam opum et facultatum, quam laborum, molestiarum et periculorum sit hoc tempore ferax, quicumque illi colendo fuerit praepositus antistesque renuntiatus, non dubium est quin potius grauissimum onus, quam iucundum aliquem honorem obtinere dicendus sit.

LEO — Magnopere scire cupio quare cum ex ceteris religiosorum hominum familiis uiris uirtute et sapientia conspicuis ad honores istos locus pateat, Societas sibi ad eosdem uiam intercluserit aditumque omnino obsaepserit?

MICHAEL — Nos equidem cum Romae, tum aliis in locis commorantes, istius rei causas crebris interrogationibus peruestigauimus, quarum summam uobis breuiter exponam. Atque illa prima sit causa: quamuis enim ex omnibus ordinibus religiosi

sejam elevados frades a estas honras e dignidades, nas quais eles dão frutos não pequenos à Cristandade, não obstante, a Companhia fechou o seu acesso a estes cargos para poder ocupar-se com mais sossego e liberdade das suas funções próprias, e melhor alcançar a perfeição da sua profissão, livre de solicitações de mudança do seu estado em outro, principalmente porque para as tais dignidades se encontram não poucos homens competentíssimos e que as aceitam da melhor vontade. E por outro lado, se não encontram muitos que às ocupações e exercícios da Companhia apliquem o seu espírito.

A segunda causa é que, embora destas honrosas funções a Cristandade receba muito fruto, e nelas se apoiem a grandeza e majestade da mesma Cristandade, todavia por sua própria natureza, como graus excelsos, são objecto de cobiça e facilmente excitam os desejos dos homens à sua obtenção. Ora como as preocupações deste género se opõem profundamente à submissão das almas e às outras virtudes que a Companhia professa, justificadamente a Companhia fechou o caminho a estes sentimentos que são próprios da ambição, receando que, se deixasse aberto o acesso a estas honras, ficasse também acessível uma estrada larguíssima para a ambição, e assim se criasse um impedimento à perfeição da submissão e das outras virtudes.

Constitui a terceira causa que, embora os religiosos elevados à ordem pontifical prestem excelentes serviços à República Cristã, cada família religiosa, todavia, despojada de varões excepcionais por sabedoria e virtude, sofre não pequeno prejuízo e lamenta ver-se privada daqueles [71] sobre cujos ombros devia suster-se e apoiar-se. Vendo, pois, a Companhia esta desvantagem, e tirando do prejuízo alheio um exemplo, não admite de modo algum ver-se privada daqueles por quem, como por uma guarda de velhos soldados, pode ser defendida dos ataques dos inimigos, e por cujas forças, como se de filhos já excelentemente educados se tratasse, pode a velhice da mãe ser sustentada.

E estas são, além de outras, as causas principais pelas quais foi levado o famoso fundador da Companhia, o santíssimo Inácio[52], a não consentir de modo algum aos seus filhos o acesso aos postos honoríficos.

LEÃO — Embora tal princípio me pareça correcto, receio, entretanto, que a Companhia se inferiorize um tanto a outras ordens religiosas a quem não é proibida a via para as maiores honras, e que poucos sejam os que queiram ser recebidos numa ordem que tanto se opõe a honras e dignidades.

MIGUEL — Sucede inteiramente o contrário. Sendo o desprezo das honras completamente oposto aos apetites e desejos da natureza humana, os quais com grande força nos arrebatam para a glória e para as altas situações, daqui concluem sem dúvida os homens, em geral, quão grande e quão sólida é a virtude da Companhia que rejeita absolutamente as honras. E uma vez aceite esta opinião acerca da Companhia, tão longe estão magnates e príncipes de desprezá-la, que, por esta razão mesma, tão-só, eles admiram a sua virtude em desprezar as coisas humanas. Sobre esta ideia que se faz da Companhia, nós somos testemunhas plenas, nós que não só ouvimos dizer maravilhas da Companhia a muitos nobres e prelados, mas também ficámos

uiri ad huiusmodi honores dignitatesque efferantur, in quibus non mediocres fructus Reipublicae Christianae pariunt, nihilominus Societas ad ea munera sibi aditum praeclusit, ut quietius liberiusque in instituti sui occupationibus uersari posset, et suae professionis perfectionem melius assequi, nulla status sui in alterum mutatione sollicitata, praesertim cum ad has dignitates non pauci uiri aptissimi reperiantur, quique eas non inuiti suscipiant, et aliunde non admodum multi inueniantur qui ad Societatis occupationes exercitationesque animum applicent.

Secunda causa est quoniam, quamuis his honoribus muneribusque multum fructus Reipublicae Christianae afferatur et illis eiusdem reipublicae amplitudo maiestasque fulciatur, natura tamen ipsa, utpote excelsi gradus appetuntur, et facile hominum uoluntates ad sui assecutionem excitant. Cum autem huiusmodi studia magnopere animorum summissioni aliisque uirtutibus, quas Societas profitetur, aduersentur, merito ipsa Societas his affectibus, qui ambitionis proprii sunt, uiam interclusit, timens ne si aditus his honoribus pateret, ambitioni etiam uia latissima muniretur, et ita summissionis aliarumque uirtutum perfectio impediretur.

Facit tertio, quod, quamuis ex religiosis familiis ad pontificum ordinem assumpti uiri de Republica Christiana optime mereantur, singulae tamen familiae uiris sapientia[14] et uirtute excultis spoliatae non mediocrem iacturam faciant, eosque sibi eripi lamententur, [71] quorum umeris sustineri fulcirique deberent. Hoc ergo incommodum conspiciens Societas, et ex alieno damno documentum capiens, nequaquam patitur se illis orbari quorum quasi iam ueteranorum militum praesidio potest quoscumque hostiles impetus propulsare, quorumque uelut iam optime educatorum filiorum uiribus potest parentis senectus sustentari.

Atque hae sunt praeter alias praecipuae causae quibus ductus primus ille Societatis sanctissimus institutor Ignatius filiis suis ad huiusmodi honorum gradus aditum patere nequaquam passus est.

LEO — Quamuis huiusmodi institutum rectum mihi uideatur, uereor tamen ne Societatis ordo ceteris aliquanto maneat inferior, quibus ad amplissimos honores uia non est prohibita, paucique sint qui ad hunc ordinem tantopere ab honoribus et dignitatibus dissidentem cooptari[15] uelint.

MICHAEL — Prorsus aliter se res habet. Cum enim honorum despicientia maxime cum humanae naturae appetitionibus et cupiditatibus pugnet, quae ad gloriam et excelsam sedem magno impetu nos rapiunt, hinc sane coniiciunt uniuersi homines quanta sit et quam solida Societatis uirtus, quae honores prorsus abiecit. Et hac opinione de Societate concepta tantum abest, ut optimates et principes uiri eam contemnant, ut uel hac unica ratione eius uirtutem in contemnendis humanis rebus

[14] sapientia] sapientiae *ed. 1590, corr. Errata*

[15] cooptari] cooptatari *ed. 1590*

estupefactos com a divulgação dos elogios sobre a virtude da Companhia, e a sua como que alegre aclamação, pelos Sumos Pontífices Gregório XIII e Sisto V.

LINO — De quanto disseste, também tiro outra conclusão, a de como se enganam os nossos homens, convencidos de que os padres da Companhia emigraram até nós, forçados pela pobreza e falta de meios, ou pelo menos, de que com o zelo de divulgar a religião cristã, eles escondem, como com um véu, o pensamento e a intenção de obter no Japão qualquer poder supremo, a fim de realizar a defecção do povo em relação aos nossos príncipes e, à maneira do bonzo Vozaca, habilmente encobrir o propósito de perturbar espíritos e corações. E a suspeita de tal intenção é destruída, e arrancada dos espíritos, principalmente por este louvadíssimo costume da Companhia, de repudiar mesmo as honras sagradas.

MIGUEL — Esse erro, de que fizeste menção, resulta inteiramente da ignorância quer da doutrina cristã, quer ainda da constância dos padres da Companhia, em desprezar cargos [72] e concomitantes vantagens. Com efeito, aqueles que ignoram que a caridade é a raiz de todos os benefícios, e quantos trabalhos Cristo, o supremo mestre, sofreu pela salvação de todos nós, e quanto é o desejo que os religiosos têm, de imitá-lo e de explicar os seus actos, não podem persuadir-se de que homens, sem qualquer esperança e avidez de riquezas ou de honras e chefias, se tenham preocupado em vir de longínquos reinos até nós, percorrendo tantos caminhos por terra e por mar.

Nós, porém, que não só vimos e ouvimos tudo o que há na Europa, mas o esculpimos e gravámos na intimidade dos nossos sentidos, sabemos de certeza, em primeiro lugar, que os padres da Companhia vivem muito melhor e satisfatoriamente na Europa, sem nada que lhes falte (rejeitando, por vezes, as maiores riquezas para entrar na Companhia, e nela vivendo em grande abundância, graças a rendas e esmolas); depois, que vieram ao Japão, apenas para procurarem a nossa salvação; finalmente, que, residindo aqui, carecem, por amor de Cristo, de muitas comodidades da vida às quais estavam habituados desde tenra idade, para colherem outros frutos mais desejáveis, isto é, a salvação das nossas almas.

E se os nossos homens, depois de um pouco dissipada a escuridão deste erro, quisessem aplicar o vigor da sua mente a estas coisas, decerto compreenderiam que os padres da Companhia que trazem para o Japão dinheiro e alimentos, de outras partes, e aliviam até a pobreza dos nossos, não tratam no Japão de qualquer utilidade para os seus corpos e de nenhuma carecem nas suas terras de origem. E quanto às honras e ao poder diz respeito, quem há que creia que estrangeiros e peregrinos mudam de solo e se castigam com tão grave exílio para alcançarem aquilo que, se quisessem na sua pátria, onde – disso somos testemunhas – gozam do maior respeito, mais fácil e agradavelmente podiam obter, principalmente quando, como já vimos, muitíssimas vezes recusam as ofertas que lhes fazem? Uma coisa deve

demirentur. Huius autem opinionis de Societate conceptae nos locupletes testes esse possumus, qui non solum plerosque optimates et antistites mira de Societate narrantes audiuimus, uerum etiam Summorum Pontificum Gregorii decimi tertii et Xisti quinti de Societatis uirtute editis praeconiis et iucunda quadam ueluti acclamatione sumus obstupefacti.

LINVS — Ex istis, quae dixisti, ego aliud etiam coniicio, quanto uidelicet in errore uersentur nostri homines, qui sibi persuadent Societatis patres egestate et rerum inopia coactos ad nos commigrasse, uel saltem Christianae religionis propagandae studio quasi quodam uelo, supremae alicuius potestatis in Iaponia obtinendae, populique ad defectionem a nostris principibus faciendam, instar Bonzi Vozacae, calide sollicitandi mentem animumque obtegere. Cuius rei suspicionem maxime tollit et ex animis euellit Societatis iste laudatissimus mos in honoribus etiam sacris repudiandis.

MICHAEL — Error iste, de quo mentionem fecisti, ex ignoratione tum Christianarum rerum, tum etiam constantiae patrum Societatis in muneribus adiunctisque facultatibus [72] despiciendis omnino prouenit. Qui enim radicem omnium benefactorum caritatem prorsus nesciunt, quantumque laboris Christus supremus doctor pro omnium nostrum salute susceperit, quantumque religiosorum hominum in eodem imitando eiusque factis exprimendis sit studium, non possunt sibi persuadere, homines ex longinquis regnis sine ulla aut opum aut honorum principatusque spe atque auiditate, ad nos usque tot obitis maris, terraeque itineribus properare.

Nos autem, qui omnia quae in Europa sunt, non solum uidimus aut audiuimus, sed intimis sensibus insculpsimus et impressimus, certissime scimus, primum Societatis patres multo commodius et ad uitae iucunditatem aptius in Europa degere, nulla rerum necessariarum inopia pressos (cum interdum amplissimas facultates ad Societatem ingrediendam reiiciant, et in eadem Societate siue ex reditibus siue ex eleemosynis abunde et copiose uiuant); deinde solum in Iaponiam nostrae salutis procurandae causa contendere; denique hic uiuentes multis uitae commoditatibus, quibus a tenera aetate assuefacti erant, pro Christo carere, ut fructus alios optatiores, nostrorum uidelicet animorum salutem, colligant.

Quod si nostri homines erroris huius caligine aliquantulum discussa uellent aciem mentis in huiusmodi res intendere, profecto intelligerent, Societatis patres, qui peculium et alimenta aliunde exportant, et nostrorum etiam inopiam subleuant, nullam corporis utilitatem in Iaponia curare, nec ulla in suis prouinciis carere. Quod uero ad honores et potestatem attinet, quis est qui credat homines externos et peregrinos ideo mutare solum, et tam graui se exilio mulctare, ut ea consequantur quae si uellent in patria sua, ubi nobis testibus in magno honore sunt, facilius et iucundius possent obtinere, praesertim cum, ut iam diximus, oblata saepissime recusent? Hoc igitur tamquam luce meridiana clarius inter nos debet statui: patres nihil humanum, fluxum et caducum, sed immortale, perpetuum et sempiternum in

ficar, portanto, assente entre nós, com luz mais do que meridiana, que os padres, nesta sua vinda ao Japão, não têm em vista nada de humano, passageiro e caduco, mas imortal, perpétuo e sempiterno, uma vez que eles procuraram não só o nosso Japão, mas se dirigiram a infinitas outras partes da terra, para realizarem o bem comum. E que nelas, sem as vantagens e delícias da sua pátria, que por natureza costuma ser a mais agradável para todos, não já como europeus, mas assumindo os costumes do japonês, do chinês, do indiano, e de todos os povos com os quais habitam, eles vivem santa e religiosamente, com os olhos postos no bem comum. [73] E isto pode ficar-se a conhecer, daquilo que eu disse atrás. Com efeito, afirmei eu que por toda a Índia muitos padres edificaram residências e que vivem ao uso dos vários povos, para que, uma vez aceite pelos indígenas um comum modo de vida, lhes transmitam a religião cristã. E neste processo mal pode dizer-se que incómodos suportam, que dificuldades engolem, ao habituar-se a gente bárbara e incivilizada, ao aprenderem com grande trabalho os idiomas de tantas nações. E os que assim procedem em tão diversos lugares, agredidos frequentemente com muitas injustiças, ao mesmo tempo que na pátria recusam honras, devem receber o crédito de assim proceder, não em vista da dignidade, poder, de riquezas e influências, mas pelo interesse de um bem mais elevado.

Todavia nem sequer é necessário apresentar testemunhos das ofensas que toleram em reinos e províncias longínquos, quando no Japão nós vemos de que maneira os padres, para conciliarem o favor e a boa vontade dos nossos homens, se acomodam no viver, no vestuário, na língua e noutros costumes ao uso japonês, e como mudam a sua natureza, habituada a outras coisas, para uma segunda natureza muito diversa, e sofrem tempestades e perseguições variadas contra si movidas pelos pagãos. E a tolerância de todas estas dificuldades, como eu disse, surge da raiz da caridade, à maneira dum ramo. Nós experimentámos que os padres europeus que se apoiam no mesmo fundamento da caridade, nada mais ambicionam senão sofrer muitas asperezas e contrariedades por Cristo. Na verdade, todas as vezes que recebem cartas que lhes foram enviadas do Japão, nas quais se faz menção de trabalhos suportados, perigos incorridos, moléstias passadas, outras tantas se inflamam extraordinariamente no desejo de suportar trabalhos, perigos e moléstias por Cristo. E ao compararem-se com os padres que estão entre nós, alegram-se de que estes estejam no recto caminho para o céu que pela cruz de Cristo é muito bem dirigido, mas profundamente sofrem de se encontrarem eles nas comodidades da vida, como numa espécie de estalagem que os retarda daquela celeste e desejadíssima meta. Nós, porém, deleitados com esta agradabilíssima matéria, já prolongámos a conversa pela noite a dentro. Interrompamo-la agora para repousar.

LEÃO — O prazer da conversa arredara da nossa memória o repouso. Basta, por agora. Amanhã, repetiremos o colóquio e o encontro.

hoc suo ad nos aduentu aspicere, cum non solum Iaponiam nostram petierint, sed etiam in infinitas alias orbis terrae partes huius communis utilitatis causa contenderint, ubi sine patriae suae, quae natura omnibus iucundissima esse solet, commodis oblectamentisque non iam ut Europaei, sed ut Iaponici, Sinae, Indici, omniumque gentium cum quibus habitant, mores induentes, sancte et religiose et ad commune bonum accommodate [73] uiuunt. Atque hoc ex superius a me dictis cognosci potest. Per Indiam enim uniuersam multos patres aedificasse domos et usu uariarum gentium uiuere affirmaui, ut communi uiuendi ratione ab indigenis accepta, illis religionem Christianam traderent. Qua in re uix dici potest quas deuorent molestias, quas difficultates exorbeant, barbaris et impolitis gentibus sese assuefacientes, et tam multarum nationum idiomata cum magno labore perdiscentes. Quae qui faciunt in tam uariis locis, multis saepe iniuriis appetiti, et in patria honores oblatos recusantes, non dignitatis aut potestatis, siue opum et facultatum causa, sed altioris alicuius boni studio hoc praestare censendi sunt.

Sed nec eorum quae in externis regnis et prouinciis tolerant testimonia proferre necesse est, cum in Iaponia ipsi uideamus qua ratione patres, ut nostrorum hominum gratiam animosque concilient, uictu, uestitu, lingua aliisque moribus se ad Iaponicum usum consuetudinemque accommodent, et naturam suam aliis rebus assuetam in alteram longe diuersam quodammodo transferant, uariasque tempestates et insectationes contra ipsos ab ethnicis excitatas patiantur. Quarum omnium difficultatum tolerantia, ut dixi, ex radice caritatis, tamquam ramus emittitur. Nos enim experti sumus Europaeos patres, qui eodem fundamento caritatis sunt nixi, nihil praecipue in uotis habere, nisi ut multa aspera et acerba pro Christo perferant. Quoties enim ex Iaponia missas ad se litteras recipiunt, in quibus de toleratis laboribus, aditis periculis, molestiis exantlatis mentio fit, toties ad eosdem labores, molestias et pericula pro Christo subeunda mirabiliter exardescunt, seque cum patribus, qui apud nos sunt, conferentes, hos quidem in recto ad caelum cursu, qui per Christi crucem optime dirigitur, esse laetantur, se autem in uitae commodis, uelut in quodam deuerticulo, a caelesti illa et optatissima meta eos retardante esse uehementer dolent. Sed nos hac iucundissima materia oblectati, iam sermonem in multam noctem produximus, nunc quiete illum intermittamus.

LEO — Suauitas sermonis quietem e memoria sustulerat. Sed sit satis. Cras colloquium congressumque repetemus.

[74] COLÓQUIO OITAVO
Sobre a monarquia profana
e as várias dignidades que lhe pertencem.

LEÃO — Tanto nos deleitámos com a conversa de ontem sobre a monarquia sacra ou eclesiástica, e com tanta satisfação ouvimos a variedade das suas funções, que de modo extraordinário desejamos a reunião e colóquio de hoje, no qual deves tratar da monarquia profana. E dele esperamos receber não menor prazer de espírito.

MIGUEL — Espero bem que assim será. E porque o conhecimento das coisas europeias é não pouco vantajoso para os nossos homens, deve pensar-se que não pequeno se torna o fruto desta nossa navegação, se da Europa trouxermos para a nossa pátria a notícia de tão desconhecidas e inauditas coisas. Também por esta causa fomos enviados à Europa, para que, além da legação mandada ao Sumo Pontífice, conhecêssemos bem, por uso e experiência, as coisas europeias e partilhássemos esse conhecimento com os nossos homens.

Portanto, para ligar a conversa de hoje com a de ontem, convém lembrar que na República Cristã, além da monarquia eclesiástica, que é divina, e está acima de toda a natureza, há uma outra profana ou temporal, que é comum com as restantes nações, privadas da religião cristã. Essa, todavia, dirigida ao seu fim, por inspiração da outra, a eclesiástica, é de longe superior às monarquias e poderes dos restantes povos, como da conversa seguinte ficará claro.

Ora, para retomar toda esta matéria como da cabeça e raiz primeiras, há que advertir do seguinte, que a primeira origem do mando e poder introduzidos na terra foi a precedência dos varões ilustres sobre os outros, e a reverência dos homens de categoria mais baixa para com outros que se distinguiam pelo seu valor. Com efeito, propagando-se a raça humana, ao longe e ao largo, distribuindo-se por muitos povos e nações, [75] cada nação ou povo, por comum consenso, designou como seu governador e administrador aquele que compreendeu ser superior aos restantes por valor e fortaleza. Este administrador de todo o povo e república, com o passar do tempo, foi chamado senhor ou príncipe, finalmente rei ou de qualquer maneira semelhante.

[74] De monarchia profana,
et uariis dignitatibus ad eam pertinentibus.
COLLOQVIVM OCTAVVM.

LEO — Tantopere hesternae diei sermone de monarchia sacra siue ecclesiastica oblectati sumus, tamque iucunde illorum munerum uarietatem audiuimus, ut mirum in modum hodiernum congressum colloquiumque optauerimus, in quo de monarchia profana tibi agendum est. Ex quo non minorem animi iucunditatem nos percepturos speramus.

MICHAEL — Equidem ita fore mihi persuadeo. Et quoniam Europaearum rerum cognitio non parum nostris hominibus conducit, non leuem nostrae huius longissimae nauigationis fructum esse censendum est, si ex Europa tam nouarum inauditarumque rerum notitiam in nostram patriam reportauerimus. Hac enim etiam de causa in Europam missi sumus, ut ultra legationem ad Summum Pontificem delatam Europaeas res usu et experientia pernosceremus, earumque cognitionem cum nostris hominibus communicaremus?

Vt ergo sermonem hodiernum cum hesterno contexam, meminisse oportet, in Republica Christiana ultra ecclesiasticam monarchiam, quae diuina est, ac supra totam naturam, esse etiam alteram profanam, siue temporalem, quae cum ceteris nationibus Christianae religionis expertibus communis est. Quae tamen cum a sacra illa diuino spiritu afflata ad finem suum dirigatur, longe multumque ceterarum gentium monarchiis et potestatibus praestat, ut ex sequenti sermone liquido constabit. Vt autem materiam hanc totam uelut a primo capite ac radice repetam, illud aduertendum est, primam originem imperii, ac potestatis in orbem terrarum introductae, fuisse clarorum uirorum inter alios praecellentiam et infimae sortis hominum erga alios uirtute praestantes reuerentiam. Cum enim genus humanum longe lateque propagaretur, et in multos populos nationesque distribueretur, [75] unaquaeque natio siue gens eum, quem prae ceteris uirtute ac fortitudine pollere intellexit, communi consensu sui gubernatorem, administratoremque designauit. Hic totius populi reipublicaeque administrator temporis progressu interdum dominus, nonnunquam princeps, denique rex, uel alia simili ratione dictus est.

Na designação deste príncipe ou rei, as gentes usaram de costumes variados, alguns entregando o principado e o reino a alguém, com a condição de que ele passasse aos filhos, netos e restantes descendentes, por qualquer espécie de direito hereditário, e que só os nascidos da mesma família e sangue obtivessem o principado; outros povos, porém, não recorreram a qualquer direito hereditário, mas somente ao costume de designar e eleger cada rei, após madura reflexão; por vezes, perturbando a violência, como acontece ocasionalmente, todo o direito, elevavam à suprema dignidade aqueles que tinham mais riqueza e força para ocupar esse lugar.

Nesta matéria, antes do advento da fé cristã, tanta foi nos reinos europeus a variedade e a mudança, quanta as coisas humanas, numa espécie de movimento circular, sofrem pela fragilidade da própria natureza e pelo castigo do pecado comum, como nós, que vivemos no Japão, experimentamos todos os dias.

Portanto, depois de sucessos variados e incertos acontecimentos, houve um determinado povo numa célebre província da Europa, chamada Itália, que edificou a ilustríssima e opulentíssima cidade de Roma, conhecida em todo o mundo. E esta cidade de tal modo começou a florescer em recursos, poder, força de cidadãos, prudência e indústria, que primeiro subjugou os diversos povos de toda a Itália e os submeteu ao seu poder. E conquistando essa província, como que luz brilhantíssima de todas as outras, pouco a pouco, ora contraindo a guerra com outros povos por causas variadas ora fazendo-a por violação dos tratados, submeteu ao seu jugo a generalidade das principais províncias da Europa, da Ásia e da África que nesse tempo lhe ficaram abertas, tornou muitos reis seus tributários e, finalmente, veio a ser como que a senhora do orbe da terra.

E no decurso destes sucessos, tão numerosos foram os feitos dos romanos na paz e na guerra, que deles estão cheios muitos livros dos antigos, ainda hoje existentes, e que se conserva muito viva a memória de tais vitórias.

Ora na administração desta cidade foi grande e maravilhosa a variedade. Com efeito, governada pelos reis nos primeiros duzentos e quarenta anos, depois conservando por cerca de [76] quatrocentos e cinquenta anos, com o maior louvor e glória de seu nome, o regime republicano, finalmente sofreu com a sua própria grandeza, e afligida por várias guerras civis, acabou por ser ocupada por um certo cidadão seu, Júlio César, homem de altíssimo valor, sem dúvida, mas ambiciosíssimo também. E depois dele, foi governada, juntamente com a grande parte do mundo que lhe estava submetida, por imperadores que sucederam uns aos outros. E esta dominação dos imperadores vigorou por muitos séculos, com o maior poder e felicidade, juntamente com o governo de muitas províncias e reinos. Mas nada de firme e estável encerrando as coisas humanas, cerca de novecentos anos depois do tempo em que Roma começou a dominar o mundo, o poder dos imperadores diminuiu lentamente, com a independência de numerosos reis que foram subtraindo territórios à sua jurisdição e exercendo eles, por sua vez, o próprio e supremo poder em várias províncias. Tal é o estado em que se encontra agora a famosa monarquia que tanto floresceu: a dignidade de imperador ainda existe com algumas províncias

In hoc uero rege, siue principe designando multiplex fuit a gentibus consuetudo introducta, quibusdam deferentibus principatum regnumque alicui ea lege, ut ad filios, nepotes ceterosque posteros hereditario quodam iure traduceretur, solique ex ea familia et sanguine nati principatum obtinerent; aliis uero gentibus nulli hereditario iuri, sed tantum consuetudini reges singulos maturo consilio designandi, ac deligendi locum concedentibus; interdum etiam ui, ut fieri nonnunquam solet, iura omnia perturbante, iis ad supremam illam dignitatem euectis, qui pluribus copiis et robore ad illam sedem occupandam abundarent.

Qua in re tanta fuit in Europaeis regnis, ante Christi fidem uarietas et uicissitudo, quantam res humanae, quae in orbem quodammodo uoluuntur, naturae ipsius fragilitate et supplicio communis peccati patiuntur, qualemque ipsi in Iaponia positi quotidie experimur.

Post uarios igitur casus incertosque rerum euentus, fuit quaedam gens in celebri prouincia Europae nomine Italia, quae clarissimam opulentissimamque urbem Romam toto terrarum orbe notam aedificauit. Quae quidem urbs ita opibus, potentia, ciuium robore, prudentia atque industria florere coepit, ut primum totius Italiae uarios populos subegerit, ac suae dicioni subiunxerit, eamque prouinciam, ceterarum omnium uelut illustrissimum lumen, obtinens, paulatim uariis de causis cum aliis gentibus contrahens, et ob fidem uiolatam cum illis bellum gerens, praecipuas fere Europae, Asiae atque Africae prouincias, quae eo tempore erant patefactae, sub suum iugum miserit, multos reges sibi stipendiarios reddiderit, denique uelut orbis terrarum domina effecta fuerit.

Quo in decursu rerum tam multa fuerunt Romanorum facinora tum in pace, tum in bello, ut illis plerique antiquorum libri, qui adhuc nostro tempore exstant, sint referti, et recens admodum talium recte factorum memoria conseruetur.

In huius autem ciuitatis administratione magna fuit ac mira uarietas. Nam in primis ducentis quadraginta tribus annis a regibus gubernata, deinde formam [76] reipublicae quinquaginta fere supra quadringentos annos cum summa laude et nominis gloria conseruans, tandem magnitudine sua laborans, uariisque ciuilibus bellis conflictata a quodam suo ciue, Iulio uidelicet Caesare fortissimo illo quidem, sed ambitiosissimo uiro occupata est, et in posterum simul cum magna illa orbis parte ipsi subiecta ab imperatoribus sibi mutuo succedentibus gubernata. Quorum imperatorum dominatus per multa saecula cum summa potentia et felicitate, multarumque prouinciarum, et regnorum gubernatione magnopere uiguit. Sed cum res humanae nihil firmum ac stabile contineant, anno fere nongentesimo ab eo tempore quo Roma per orbem dominari coepit, imperatorum potentia paulatim imminuta est, regibus plerisque ab eius iurisdictione uaria regna subtrahentibus, propriumque et supremum in uariis prouinciis dominatum exercentibus. Hoc in statu monarchia illa modo est, quae tantopere floruit: imperatoris enim dignitas adhuc exstat cum aliquibus prouinciis illi subiectis, non tamen illam pristinam amplitudinem potentiamque conseruat. Reges autem, etsi imperatorem tamquam primum dignitate recognoscunt, suo tamen iure et

que lhe são sujeitas, mas não conserva aquela antiga grandeza e poder de outrora. E os reis, embora reconheçam o imperador como o primeiro em dignidade, todavia vivem cada um em seu reino, segundo o seu direito e as suas leis, e na administração dele não dependem de modo algum da vontade do imperador.

Esta é portanto a primeira e suprema entre as dignidades laicas que, incontestavelmente, precede as outras. Segue-se-lhe a dignidade régia, ou dos reis que de pleno direito administram alguns reinos de certa grandeza ou províncias e que na administração deles não obedecem a qualquer príncipe laico, embora reverenciem o imperador como maior em dignidade. Sob o imperador e os reis, há quatro géneros de dominações, a saber, príncipes, duques, marqueses e condes. Juntarei ainda uma quinta dignidade, inferior a estas, a daqueles que são chamados viscondes e barões. Todos estes que com uma designação comum podemos apelidar pelo nome de magnates ou titulares, não estão submetidos uns aos outros, mas olham o imperador ou o rei, em cuja jurisdição têm os seus rendimentos, como seu superior, embora alguns pertençam ao número dos príncipes e duques que a tal ponto valem por poder e dominação, e dependem tão pouco do imperador, que só lhes falta o nome de reis, pois no restante, isto é, riquezas e grandeza de territórios e de bens são muito semelhantes aos reis. Destes há alguns em Itália e na França e noutras províncias, principalmente [77] na Alemanha, onde actualmente fica a capital do imperador a quem todos esses príncipes, duques e outros titulares veneram como ao primeiro de todos, segundo já expliquei.

Pelo que concerne às capitais régias, há muitíssimos reinos na Europa que outrora pertenciam aos seus próprios reis, e hoje, embora retenham o nome e as insígnias de reinos, todavia obedecem muitos deles a um só e mesmo rei, tendo chegado ao poder de um só pela variada série dos acontecimentos. Daí resulta que, não obstante contarem-se muitos reinos, são muito menos numerosos os reis que os administram[53].

LEÃO — Eis uma pergunta que te faço: essas dignidades de que maneira são agora obtidas pelos homens, por direito hereditário, ou por sufrágio popular? ou por qualquer meio violento?

MIGUEL — Quanto à violência, ela não tem, de modo algum, lugar entre os príncipes cristãos[54]. Sendo homens penetrados da religião cristã, que reprime os desejos desenfreados e os contém, o lugar está entre eles aberto ao direito e à justiça e não decerto ao apetite de reinar, ao passo que, pelo contrário, no nosso Japão nós vemos a perturbação de todos os direitos humanos e divinos, pela força das armas e pela cobiça de reinar.

Pelo que respeita à dignidade de imperador, depois de muita variedade acerca do modo de suceder, finalmente foi consagrado pelos Sumos Pontífices, e é observado neste nosso tempo, que, morto o imperador, o seu sucessor seja escolhido pelo sufrágio, não de todo o povo ou do exército, como outrora, mas de ilustríssimos titulares que se chamam eleitores do império. E para que isto se faça mais livremente de toda a perturbação, vivendo ainda o imperador, costuma ser designado aquele

suis legibus in singulis regnis uiuunt, nec in eorum administratione ab imperatoris arbitrio ulla ex parte pendent.

Haec est igitur prima ac suprema inter profanas dignitates, quam ceteris anteire certissimum est. Eam mox sequitur dignitas regia, regum uidelicet qui ampla aliqua regna, uel prouincias suo iure administrant, nec in eorum gubernatione ulli profano principi obtemperant, quamuis imperatorem tamquam dignitate maiorem reuereantur. Sub imperatore regibusque sunt quattuor dominatuum genera, nimirum principum, ducum, marchionum et comitum. Addam etiam quintam dignitatem his inferiorem eorum qui uicecomites et barones appellantur. Hi autem omnes, quos communi nomine dynastas appellare possumus, sibi mutuo nequaquam subsunt, sed uel imperatorem, uel regem eum, in cuius iurisdictione reditus suos habent, tamquam superiorem intuentur, quamuis nonnulli sint ex principibus et ducibus, qui usque adeo potentia et dominatu ualent, tam parumque ab imperatore pendent, ut solo regum nomine careant, aliis in rebus, diuitiis uidelicet, finium, redituumque amplitudine regum quam simillimi. Ex quibus nonnulli sunt in Italia, et in Gallia, aliisque prouinciis, [77] praesertim in Germania, ubi hoc tempore imperatoris propria sedes est, quem illi omnes principes, duces aliique dynastae tamquam primum omnium uenerantur, ut a me explicatum est.

Quod uero ad sedes regias attinet, permulta sunt in Europa regna quae aliis temporibus a propriis regibus obtenta, adhuc regnorum nomen, insigniaque retinent, multa tamen ex illis uni et eidem regi parent, uario rerum euentu ad unum deuoluta. Vnde fit ut quamuis complura regna numerentur, multo tamen pauciores modo sint reges, qui ea administrant.

LEO — Quaero ex te, dignitates istae qua ratione ab hominibus modo obtineantur, hereditarione iure, an suffragiis popularibus? an denique ui aliqua interiecta?

MICHAEL — Quod ad uim attinet, nequaquam inter Christianos principes locum habet. Cum enim sint homines imbuti Christiana religione, quae cupiditates animorum effrenatas comprimit et coërcet, non quidem regnandi appetitioni, sed iuri ac iustitiae locus inter eos patet, cum contra in nostra Iaponia omnia humana ac diuina iura ui, armis et regnandi cupiditate, perturbari uideamus.

Quod ergo ad imperatoris dignitatem spectat, post longam circa succedendi modum uarietatem, tandem a Summis Pontificibus sancitum est, et hoc nostro tempore obseruatur, ut extincto imperatore successor suffragiis deligatur, non quidem totius populi, aut exercitus, ut olim, sed septem clarissimorum dynastarum, qui imperii electores nuncupantur. Hoc ut liberius ab omni perturbatione fiat, uiuente adhuc imperatore, qui eius uices acturus est, designari solet, et rex Romanorum appellatur.

que há-de ocupar o seu lugar, e recebe o título de rei dos romanos. Com este nome é honrado, enquanto não exerce a dignidade e o poder de imperador. E embora seja livre aos eleitores escolher para esta suprema função aquele que consideram o mais digno, acontece, todavia, geralmente que eles proclamam algum filho do imperador vivente, se o tem, ou alguém próximo pelo sangue. Por isso, sucede que a dignidade de imperador, desde há muitos anos, não sai da ilustríssima família dos Áustrias e que muitos deste sangue a têm administrado com o maior louvor.

Depois que é anunciado aquele que há-de obter tão excelso lugar, pede-se ao Sumo Pontífice, vigário de Cristo nosso salvador, rei dos reis, senhor de todos os senhores, que ratifique o seu posto e lhe conceda o diadema imperial e as outras insígnias. E assim procede o Sumo Pontífice, depois de elucidado da sua suficiência para ocupar [78] tão alto cargo. Então o imperador é considerado estável e firme e recebe as insígnias de imperador, quer das mãos do Sumo Pontífice quer das de um substituto seu, e por todos considerado como o defensor de toda a República Cristã, fica constituído na mais alta honra e veneração.

Quanto aos reis, estes, em grande parte, recebem essa dignidade por herança de pais para filhos e netos, e não existindo estes, obtêm-na aqueles que mais se aproximam do rei extinto, por laços de família. E se nenhum existe de sangue real, fica livre aos povos e cidadãos, em conjunto, escolher o rei, de alguma família da mais alta nobreza.

LINO — Quem são aqueles que chamaste eleitores do império?

MIGUEL — São em número de sete, a saber, três dignitários laicos, três eclesiásticos, e o sétimo um rei. Os laicos são o duque de Saxónia, o marquês de Brandenburgo e o conde Palatino, por forma que de cada uma das principais dignidades se escolhe um votante para este sufrágio. Do lado eclesiástico, são os arcebispos ou arquiprelados das três maiores dioceses, nomeadamente, Mogúncia, Colónia e Trèves. A estes seis que, por vezes, discordam na votação, junta-se um sétimo, como árbitro do dissídio e solucionador de toda a controvérsia, o ilustríssimo rei da Boémia. E deste modo, com a maioria dos votos, eleito o augustíssimo Imperador, é ele venerado com o maior respeito por todos os príncipes cristãos.

LINO — Gostaria de perguntar-te, se também aqueles que ascendem à régia dignidade são confirmados nela pela concordância do Sumo Pontífice.

MIGUEL — Obtendo os reis, como eu já disse, as suas reais funções, ou por direito hereditário ou por sufrágio do povo, para ocuparem o seu cargo não precisam de nenhuma confirmação especial. Costumam, todavia, por vezes, receber com grande aparato e pompa insígnias régias que lhes foram enviadas pelo Papa. Por outro lado, ainda que não haja lugar para esta solene tradição, nem por isso ficam impedidos de desempenhar as suas funções. Todavia, em qualquer caso, sempre que começam o seu governo, enviam embaixadores ao Sumo Pontífice e por seu intermédio nele reconhecem a cabeça suprema da República Cristã. E o mesmo fazem, todas as vezes que, falecendo um Pontífice Máximo, um outro lhe sucede no lugar[55].

Hoc enim nomine insignitur, quandiu imperatoris dignitatem, potestatemque non exercet. Quamuis autem electoribus liberum sit, ad hoc summum munus eum, quem dignissimum iudicant, designare, fit tamen plerumque, ut aliquem uiuentis filium, si eum habeat, uel propinquum sanguine renuntient. Quo factum est, ut iam a multis annis e clarissima Austriacorum familia dignitas imperatoria non discesserit, eamque plerique ex eo sanguine summa cum laude administrauerint.

Postquam autem renuntiatur ille qui tam excelsam sedem obtenturus est, petitur a Pontifice Maximo uicario Christi seruatoris nostri, regis regum, dominique omnium dominantium, ut eius dignitatem ratam habeat, eique imperatorium diadema aliaque insignia impertiat. Quod, postquam de uirtutibus eius ad tantum obeundum munus [78] sufficientibus edoctus, facit Supremus Pontifex, tunc demum stabilis ac firmus imperator censetur, et insignia imperatoris uel a Summo Pontifice, uel ab alio in eius locum suffecto sibi tradita recipit, ab omnibusque tamquam totius Christianae Reipublicae propugnator in summo honore et ueneratione habetur.

Quod autem ad reges attinet, ii magna ex parte dignitatem eam hereditario iure a parentibus ad filios nepotesque deriuatam accipiunt, iisque non exstantibus, illi eam comparant, qui regem exstinctum propinquius genere attingunt. Quod si nullus omnino sit ex regio sanguine, populis et ciuitatibus in unum collectis liberum est, ex nobilissima aliqua familia regem sibi designare.

LINVS — Quinam sunt illi quos imperii electores appellasti?

MICHAEL — Septem illi numero sunt, uidelicet tres profanam, tres sacram dignitatem obtinentes, septimus regia maiestate insignis. Profana dignitate praestantes sunt dux Saxoniae, marchio Brandeburgensis, comes denique Palatinus, ut ita ex singulis praecipuis dignitatibus, singuli ad haec suffragia asciscerentur. Sacra dignitate fulgentes sunt archiepiscopi, siue archipraesules trium maximarum dioecesum uidelicet Moguntinae, Coloniensis et Treuerensis. Quibus sex nonnunquam in ferendo suffragio dissidentibus, septimus tamquam huius dissidii diremptor totiusque controuersiae disceptator accedit illustrissimus rex Bohemiae. Atque in hunc modum suffragiis pluribus augustissimus imperator inauguratur, ab omnibusque Christianis principibus cum summa ueneratione colitur.

LINVS — Scire uelim ex te, an etiam illi, qui ad regiam dignitatem ascendunt, Supremi Pontificis consensu in eadem stabiliantur?

MICHAEL — Cum reges, ut dixi, uel hereditario iure, uel populi suffragatione regium munus consequantur, ad idem obeundum nulla peculiari confirmatione indigent. Solent tamen aliquando regia insignia cum magno quodam apparatu, ac pompa a Summo Pontifice sibi data accipere. Quamuis autem solemni huic traditioni non sit locus, non proinde impediuntur quominus munere suo fungantur, semper tamen quocumque modo regium munus administrare incipiant, ad Summum Pontificem legatos mittunt, per illosque eum summum caput Christianae Reipublicae recognoscunt. Idemque faciunt, quoties Pontifice Maximo e uiuis ad superos excedente, alius in eius locum sufficitur.

Pode ainda o mesmo Pontífice erguer algum grande príncipe [79] ou titular à dignidade real. Mais ainda, pode fazer abdicar os próprios reis e o imperador, da sua régia ou imperial dignidade, se por qualquer defecção da parte deles, ou por outra justíssima e gravíssima causa, julgar que assim convém à República Cristã. Que isto alguma vez aconteceu, foi-nos transmitido por monumentos certíssimos dos europeus[56].

LINO — Grande, de certo, e incrível é a majestade do Sumo Pontífice que pode ab-rogar a dignidade dos reis e criar uma nova, e de cuja autoridade o imperador depende inteiramente para obter com segurança as suas altíssimas funções, e a quem, finalmente, os reis cristãos prestam tão grande culto e veneração.

MIGUEL — Quanta é a majestade do Sumo Pontífice, vós compreendereis daquilo que, com o andar dos colóquios, eu direi sobre a feliz chegada à cidade de Roma. Todavia, para não omitir algo que a presente matéria e exposição pedem, vale muito a pena saber como se comportam entre si o Sumo Pontífice, o imperador e os reis, todas as vezes que se reúnem, por algum motivo muito importante.

Com efeito, em primeiro lugar, quando o imperador e os reis vão à presença do Sumo Pontífice (para não falar já daquela alegria e satisfação comum com que são recebidos), antes de chegarem ao assento do Sumo Pontífice, dobram três vezes os joelhos, e à terceira vez inclinam-se para terra, em veneração, e com a maior submissão do corpo e do espírito imprimem beijos nos sacros pés do Sumo Pontífice e veneram-no e adoram-no pia e religiosamente como ao próprio vigário de Cristo. Depois, o Sumo Pontífice recebe-os nos seus braços e convida-os, com a maior gentileza, paternalmente, a ocuparem os lugares destinados. E se o Sumo Pontífice quiser também sentar-se à mesa com solene rito, é costume que os mesmos senhores, à maneira de ajudantes, lhe sirvam água para lavar as mãos, lhe passem uma toalha para as enxugar, finalmente lhe sirvam o primeiro serviço. E feitas estas mostras de veneração, são pelo Papa convidados para a refeição, de modo muito afectuoso, sentam-se reverentemente e, à maneira de filhos, banqueteiam-se alegremente com aquele pai comum.

E coisa mais admirável ainda: se acontecer que o Sumo Pontífice, montando a cavalo, queira fazer um passeio, em solene cortejo, na companhia da multidão dos nobres, e se estiverem presentes o imperador e os reis, eles seguram com as mãos os sacros pés do Sumo Pontífice quando monta no cavalo e com as mãos no freio reverentemente o acompanham por algum espaço, até que o mesmo Sumo Pontífice os convida muito amavelmente a subirem para os cavalos que os esperam. [80] Donde facilmente se pode concluir qual é a veneração dos restantes príncipes para com o Sumo Pontífice, quando o imperador e os reis por tal forma se lhe mostram submissos e tanto o veneram.

LEÃO — Contas coisas verdadeiramente extraordinárias sobre a autoridade do Sumo Pontífice e nós sentimo-nos do íntimo inclinados a venerá-lo, ao ouvirmos as tuas palavras.

MIGUEL — Quando eu me referir à nossa chegada a Roma, compreendereis mais facilmente quanta é a majestade e a grandeza do Sumo Pontífice, quais são a

Potest etiam idem Pontifex magnum aliquem principem [79] uel dynastam ad regiam dignitatem extollere, immo reges ipsos, et imperatorem regia siue imperatoria dignitate abdicare, si propter defectionem aliquam ab ipsis factam, uel aliam iustissimam et grauissimam causam Christianae Reipublicae expedire iudicauerit. Quod aliquando euenisse, certissimis Europaeorum monumentis proditum est.

LINVS — Magna profecto et incredibilis est Summi Pontificis maiestas, qui potest regiam dignitatem abrogare, nouamque creare, et ex cuius auctoritate imperator ad suum altissimum munus stabiliter obtinendum omnino pendet, quem denique Christiani reges tanto cultu et ueneratione prosequuntur.

MICHAEL — Quanta sit Summi Pontificis maiestas, ex iis intelligetis quae progressu colloquiorum dicam de felici ad urbem Romanam accessu. Vt tamen aliqua non omittam, quae praesens materia propositumque postulat, scire dignissimum est, qualiter se habeant inter sese, Summus Pontifex, imperator ac reges, quoties grauissima aliqua de causa conueniunt.

Nam in primis, cum imperator, regesque Summum Pontificem adeunt (ut interim sileam communem illam laetitiam et gratulationem, qua excipiuntur) antequam ad sedem Summi Pontificis accedant, ter genua flectunt et tertio loco uenerabundi in terram se uolutant et maxima tum corporis, tum animi summissione oscula Summi Pontificis sacris pedibus imprimentes, ipsum tamquam Christi uicarium pie religioseque uenerantur et adorant. Mox autem Summus Pontifex eos ad amplexum recipit et ad designatas sedes perhumaniter ac paterne inuitat. Quod si idem Supremus Pontifex ad mensam solemni ritu uelit accumbere, mos est ut iidem domini instar administrorum aquam illi ad manus abluendas infundant, mantile ad easdem extergendas porrigant, denique primas epulas ei subministrent. Quo uenerationis ritu exhibito, ad conuiuium ab eodem amantissime inuitati reuerenter accumbunt, et filiorum more cum parente illo omnium iucundissime conuiuantur.

Quodque magis mirandum est, si eueniat, ut ipse Summus Pontifex equo uectus uelit solemni pompa iter facere, omnium primatum turba comitante, ipse imperator regesque, si adsint, Summi Pontificis equum conscendentis sacros pedes manibus fulciunt, et frenum reuerenter tenentes per aliquod spatium illum incedentem comitantur, donec idem Summus Pontifex ad ascendendum in paratos equos illos humanissime inuitet. [80] Vnde facile licet colligere quae sit ceterorum principum erga Pontificem Maximum ueneratio, cum imperator regesque ita se illi submittant, tantopereque reuereantur.

LEO — Mira profecto narras de Summi Pontificis auctoritate, ad quem ex animo uenerandum nos ipsi ista audientes intimis sensibus commouemur.

MICHAEL — Cum de nostro ad urbem Romam accessu mentionem fecero, quanta sit Summi Pontificis maiestas et amplitudo, qualique humanitate et caritate, aliisque

humanidade e a caridade e as outras exímias qualidades que exornam a sua posição e a valorizam e abrilhantam, e com quanta elevação nestes dois predicados, a saber, a dignidade e suavidade de costumes, ele reproduz para nós Cristo Óptimo Máximo, de quem é o vigário.

L1NO — Disseste atrás que a cidade de Roma foi a primeira capital do império, e que finalmente o imperador costuma habitar na Alemanha. Gostaria de saber se o poder laico e a jurisdição da cidade de Roma pertencem a ele ou ao Sumo Pontífice.

MIGUEL — É uma boa pergunta e isso mesmo já era meu desejo explicar. Quando os antigos imperadores, depois de conhecerem a verdade da religião cristã, a receberam, houve um, nobilitado pela fama e celebridade acima dos outros, de seu nome Constantino, que ardeu em tal desejo de aumentar a religião cristã que, além da admirável construção de templos, da propagação do nome cristão por todos os reinos que lhe estavam subordinados, de enormes gastos na exaltação do Cristianismo, decidiu pessoalmente mostrar por obras em que lugar tinha a autoridade e a majestade do Sumo Pontífice. Por isso, concedeu-lhe graciosamente toda a cidade de Roma com muitas outras províncias da Itália, e para si edificou uma nova Roma na Trácia[57], deixando a antiga. Mais tarde, sendo esta capital perturbada por tumultos de guerra, estabeleceu-se finalmente a sede do imperador na Alemanha. E não foi só o imperador Constantino, mas muitos outros usaram de idêntica magnificência, aumentando muito mais a jurisdição temporal do Sumo Pontífice. Daí resultou que, não obstante a decadência do Império Romano, que veio a suceder com o tempo, todavia a cidade de Roma, desde que começou a dominar, obteve o domínio do mundo, quer laico, quer sagrado, assim que, merecidamente, o maior dos poetas latinos escreveu, apresentando Deus no uso da palavra: «Concedi-lhe um império sem fim» e noutro passo: «Do Capitólio», isto é o rochedo imóvel da cidade romana, «o rochedo que nenhuma força pode demolir»[58]. Mais ainda, bem feitas as contas, [81] Roma domina hoje muito mais na terra, uma vez que todos os povos da Cristandade dela recebem provas certas de religião[59].

LEÃO — É sem dúvida, assim, visto que nós próprios, os japoneses, situados nos confins do mundo, ao receber a religião cristã, veneramos Roma, sede do Sumo Pontífice, e o mesmo Pontífice, como se fosse o pai comum de todas as nações. Donde facilmente concluo que nunca a jurisdição do Império Romano foi tão propagada, ao longe e ao largo. Mas, vamos lá, explica agora as restantes dignidades mais miúda e desenvolvidamente.

MIGUEL — Além da dignidade régia, há também na Europa algumas repúblicas que possuem domínio não inferior ao dos reis e estão livres e imunes de toda e qualquer jurisdição régia. E vivendo com o seu direito e suas leis privadas, possuem igualmente grande autoridade na República Cristã. Entre elas ocupa o primeiro lugar a celebérrima República de Veneza que, fundada há muitos séculos já, é poderosa pelas maiores riquezas e pela sua potência por terra e por mar, e abrange sob a sua jurisdição ilustres titulares que governam províncias e ilhas. Por

eximiis uirtutibus eadem dignitas exornata multo magis uigeat ac fulgeat, et quam egregie utraque re, dignitate uidelicet, et morum suauitate Christum Optimum Maximum, cuius uicarius est, nobis referat, facilius intelligetis.

LINVS — Dixisti superius urbem Romam primam imperii sedem fuisse, deinde imperatorem in Germania locum tenere solitum. Scire uelim an Romae urbis profana potestas et iurisdictio ad eum, an ad Summum Pontificem pertineat?

MICHAEL — Recte rogas, idque ego ipse iam explicare appetebam. Cum primum antiqui imperatores, cognita Christianae religionis ueritate, eam susceperunt, fuit quidam fama et nominis celebritate praeter ceteros nobilitatus nomine Constantinus, qui eo amplificandae Christianae religionis studio exarsit, ut praeter templorum admirabilem exstructionem, Christiani nominis per omnia regna ipsi obtemperantia propagationem, amplissimosque sumptus factos in Christianis rebus extollendis, secum ipse statuerit, quo loco auctoritatem maiestatemque Summi Pontificis haberet, re atque opere ostendere. Qua de causa totam urbem Romam cum multis aliis Italiae prouinciis illi libentissime attribuit, et nouam Romam ipse suo loco cedens, in Thracia sibi aedificauit. Qua sede postea bellorum tumultibus perturbata, in Germania tandem imperatori locus constitutus est. Nec uero solus ille imperator Constantinus, sed plerique alii eadem magnificentia usi sunt, temporalem iuris dictionem Summi Pontificis multo magis amplificantes. Vnde factum est ut quamuis Romani imperii facta fuerit temporis progressu magna inclinatio, semper tamen urbs Roma, ex quo primum dominari coepit, dominatum orbis obtinuerit, siue profanum, siue sacrum, ut merito quidam Latinus poeta omnium praestantissimus dixerit, Deum loquentem introducens: “Imperium sine fine dedi”; et alibi: “Capitolii”, id est, Romanae arcis “immobile saxum”, hoc est, nulla ui demoliendum. Immo uero ratione [81] recte subducta, nunc multo magis Roma in orbe terrarum dominatur, cum omnes Christianae gentes inde religionis certa documenta accipiant.

LEO — Ita prorsus est. Cum nos ipsi Iaponenses Christiana religione suscepta, toto fere orbe dissiti, Romam Summi Pontificis sedem ipsumque Pontificem, quasi communem omnium nationum parentem ueneremur. Vnde facile coniicio nunquam tam longe lateque Romani imperii iurisdictionem fuisse propagatam. Sed age nunc reliquas dignitates minutius et enucleatius prosequere.

MICHAEL — Vltra regiam dignitatem, sunt etiam in Europa nonnullae Respublicae quae non minorem dominatum, quam regium habent, et ab omni regum iurisdictione sunt liberae atque immunes, suo ipsae iure suisque legibus priuatis uiuentes, quae magnam etiam auctoritatem in Christiana Republica habent. Inter has primum locum obtinet celeberrima Venetorum Respublica, quae iam a multis saeculis fundata summis opibus magnaque potentia, terra marique multum ualet, et sub sua iurisdictione clarissimos dynastas, prouinciarumque, et insularum gubernatores complectitur.

isso, esta e outras semelhantes repúblicas são cotadas ao nível da dignidade régia. Quanto, porém, ao que concerne Veneza, faremos dela mais ampla menção num outro colóquio[60].

LEÃO — Pergunto agora se as dignidades de príncipes, duques, marqueses e condes são obtidas por direito hereditário ou por sufrágio.

MIGUEL — Pelo que toca a estas dignidades, abaixo da real, os filhos dos reis, nascidos em primeiro lugar, são chamados príncipes; os restantes são conhecidos pelo nome vulgar de «infantes», como filhos de reis que pela autoridade e demais privilégios precedem a todos os outros que possuem títulos nobiliárquicos. A estes seguem os outros príncipes que, embora não sejam filhos de reis, são todavia tratados especialmente por este nome, devido à sua grandeza. Finalmente, os duques que têm uma dupla situação. Alguns, com efeito, não obedecem a rei algum, como atrás disse, e só carecem do nome de reis; no mais, em poder, riquezas e possibilidades, quase se igualam aos reis e têm sob o seu poder marqueses, condes e outros varões poderosos. Outros, porém, há que vivem sob a jurisdição de reis ou do Sumo Pontífice. Sendo, como já disse, amplíssima a jurisdição do Romano Pontífice, ela compreende duques, marqueses e condes. Entre eles, portanto, ocupam o primeiro lugar os príncipes, o segundo os duques, o terceiro os marqueses, o quarto [82] os condes, os quais, embora precedam uns aos outros pela grandeza do poder, observam todavia a ordem superior em dignidade de que já falei. Estes cargos, portanto, costumam transmitir-se de pais a filhos, por direito hereditário, embora ocasionalmente sejam conferidos, pela primeira vez, pelo Sumo Pontífice, imperador e reis a varões beneméritos, com as rendas apropriadas. Aos superiores todos de que atrás falei seguem-se viscondes, barões e outros nobres das famílias dos mesmos ou descendentes de qualquer outra família nobre.

LEÃO — Parece-me verdadeiramente que estes senhores europeus correspondem perfeitamente aos nossos japoneses: com efeito, aquele a que nós chamamos dayro, imita o imperador; os que nós conhecemos por yacatas, são semelhantes aos reis; os que designamos por cungos e cunixuos reproduzem os duques, marqueses e condes; finalmente, aqueles a quem damos os nomes de tonos e samburayos correspondem aos barões ou viscondes e aos restantes a quem chamaste nobres.

MIGUEL — É assim em grande parte, embora exista alguma diferença entre os reis europeus e os nossos yacatas japoneses. Na medida em que os yacatas possuem reinos inteiros, e têm sob o seu poder vários cunixuos que são semelhantes aos marqueses e condes, reúnem grandes exércitos, vivem segundo o seu direito e têm capacidade de mover guerras contra os seus inimigos, podem ser chamados reis. Mas na medida em que têm territórios menores sob a sua jurisdição e rendimentos muito menores e reconhecem como seu superior o dayro ou até o cubo que tem lugar de dayro, de modo algum reproduzem os reis europeus. Eu diria antes, portanto, que eles são semelhantes aos grão-duques que, embora sejam os principais entre os restantes titulares, estão de alguma forma abaixo do imperador e cedem o passo aos reis. E digo semelhantes, não em grandeza de rendimentos, mas pelo poder da

Haec igitur, et aliae similes Respublicae, ad dignitatem regiam pertinere censendae sunt. Quod uero attinet ad Venetam, de ea in colloquio alio ampliorem mentionem faciemus.

LEO — Quaero nunc, an principum, ducum, marchionum comitumque dignitates hereditario iure, an suffragiis comparentur?

MICHAEL — Quod attinet ad dignitates istas infra regiam, regum filii primo loco nati principes appellantur; reliqui uulgari nomine infantes, quasi regum pueri, qui auctoritate, ceteris omnibus, quoscumque honorum titulos habentibus antecellunt. Hos sequuntur principes alii, qui etsi non sunt filii regum, hoc tamen nomine, propter suam amplitudinem, peculiariter nuncupantur. Denique duces, quorum utrique dupliciter se habent. Quidam enim nulli omnino regi parent, ut superius dixi, sed solo regum nomine carentes, ad cetera potestate, uidelicet, opibus et facultatibus, regibus fere exaequantur, marchiones, comites et alios potentes uiros sub sua potestate habentes. Alii uero sunt, qui uel sub regum, uel Summi Pontificis iurisdictione uiuunt. Cum enim, ut dixi, Romani Pontificis dicio amplissima sit, duces, marchiones et comites amplectitur. Inter eos ergo qui uel Pontifici Maximo, uel regibus subsunt, primum locum obtinent principes, secundum duces, tertium marchiones, quartum [82] comites, qui quanquam alii aliis dicionis amplitudine praestent, dignitate tamen superiorem ordinem a me commemoratum obseruant. Hi ergo omnes honores hereditario iure a maioribus ad posteros traduci solent, quamuis nonnunquam noui a Summo Pontifice, imperatore et regibus, uiris benemeritis cum accommodatis reditibus deferantur. Superiores omnes a me relatos, consequuntur uicecomites, barones, aliique patricii uiri ex eorumdem familia uel alia nobili procreati.

LEO — Videntur sane mihi isti Europaei domini cum nostris Iaponensibus maxime conuenire: nam ille, quem nos dayrum appellamus, imitatur imperatorem; quos nos yacattas dicimus, similes sunt regum, quos nos cungos et cunixuos nominamus, referunt duces, marchiones et comites, quos denique tonos, et samburayos uocamus, exprimunt barones, aut uicecomites et reliquos, quos patricios dixisti.

MICHAEL — Est ita magna ex parte, etsi nonnullum interiicitur discrimen inter reges Europaeos et nostros Iaponicos yacattas. Quatenus enim yacattae regna integra possident, et sub sua potestate habent uarios cunixuos, qui marchionum et comitum similes sunt, magnos exercitus conflant, suo denique iure uiuunt, et bella aduersus hostes mouere possunt, reges appellari queunt. Quoad uero fines iurisdictionis suae angustiores habent, et reditus multo minores, et dayrum, immo et cubum, qui locum dayri tenet, superiorem agnoscunt, reges Europaeos nequaquam exprimunt. Potius ergo dixerim eos similes esse magnorum ducum, qui quamuis inter reliquos dynastas sint praecipui, imperatori aliqua ratione subsunt, et regibus cedunt. Similes autem dico non redituum magnitudine, sed iurisdictionis potentia et exercendi dominatus facultate. Dayri autem dignitatem certissime affirmare possumus esse

sua jurisdição e pela possibilidade de exercerem o domínio. Quanto à dignidade do dayro, podemos afirmar com certeza que ela é régia e que os cungos e cunixuos são como marqueses e condes, donde os chamamos pela comum designação de daymeoscuos, isto é, varões de grande nome, assim como designamos os europeus por titulares e nobres.

Além destas ordens de títulos, de que até aqui tratei, há muitos graus de funções e magistraturas, pertencentes quer à monarquia sagrada quer à laica, como são no nosso Japão os quambacundonos, os dayiodayginos, os cubos e muitíssimos outros que, embora todos gozem da maior honra, todavia se distinguem pelas suas várias funções, quer em curar do governo do povo, quer em administrar o palácio real, quer em dirigir as formações guerreiras.

[83] LINO — Desejo saber se estes reinos e estados europeus abundam em riquezas e recursos e superam os nossos japoneses pela largueza das suas possibilidades.

MIGUEL — Provocaste, evidentemente, o riso em mim e nos nossos companheiros, caríssimo Lino, com essa pergunta. Mas que admirar, se ainda não atravessaste os mares nem visitaste os reinos estrangeiros? Todavia, do progresso e frequência destes nossos colóquios compreenderás como são grandes os bens e recursos dos reinos europeus. Com efeito, para deixar o resto para outra ocasião, uma coisa é certa, que os mais pequenos reinos da Europa têm de extensão pelo menos oitenta ou cem léguas que correspondem às nossas cento e cinquenta. Donde resulta que todo o Japão, que está dividido em sessenta e seis reinos, se tomarmos em conta as dimensões dos reinos europeus, compreende apenas três reinos médios, havendo na Europa muitos outros de espaço maior. E pelo que toca à população das cidades e vilas e grandeza dos seus recursos, esta é tão grande na Europa, que nos causou a maior admiração, o que de algum modo pode compreender-se pelo aparato, de que usam os reis, e pelas despesas que fazem. Mas porque esta matéria é larga, passemo-la para amanhã, por favor, e concedamos tempo ao repouso.

LINO — De acordo. Embora estejamos cheios do prazer do colóquio e o repouso do corpo de modo algum nos preocupe.

regiam, cungos uero et cunixuos esse uelut marchiones et comites, unde communi nomine daymeoxuos appellamus, id est, magni nominis uiros, quomodo Europaeos primates et optimates uocitamus.

Vltra hos honorum ordines, de quibus hactenus egi, munerum magistratuumque gradus quamplurimi sunt, tam ad sacram, quam ad profanam monarchiam pertinentes, quales exstant in nostra Iaponia quambacundoni, dayiodaygini, cubi aliique permulti, qui omnes etsi honorificentissimi sunt, uariis tamen functionibus, uel in populi gubernatione curanda, uel in aula regia administranda, uel in bellicis ordinibus instruendis discernuntur.

[83] LINVS — Scire aueo regnane ista et status Europaei diuitiis atque opibus abundent, nostrosque Iaponenses facultatum amplitudine superent?

MICHAEL — Mouisti sane risum mihi et sociis, carissime Line, ista interrogatione facta. Sed quid mirum, cum nondum maria traieceris, nec alia externa regna adieris? Ex progressu tamen et frequentatione horum colloquiorum intelliges quantae sint Europaeorum regnorum opes et facultates. Nam, ut cetera in aliud tempus reiiciam, illud certissimum est minima Europae regna longitudine octoginta saltem, uel centum leucas continere, quae nostris centum et quinquaginta respondent. Vnde fit ut tota Iaponia, quae in sexaginta et sex regna diuisa est, si Europaeorum regnorum mensurae ratio sit habenda, tria tantum mediocria regna complectatur, cum in Europa sint alia multa, quae ampliori sunt spatio. Iam uero quod attinet ad urbium oppidorumque frequentiam, et opum amplitudinem, ea tanta in Europa est, ut nos in summam admirationem traduxerit, quod ex summo ornatu atque apparatu, quo utuntur reges, et ex sumptibus, quos faciunt, colligi aliqua ex parte poterit. Sed quoniam haec materia ampla est, in crastinum diem, quaeso, differatur, tempusque quieti debitum impertiamus.

LINVS — Placet. Etsi nos colloquii iucunditate perfusos, corporis quies nequaquam sollicitos habebat.

[84] COLÓQUIO NONO
Sobre o magnífico ornato de que os reis e titulares europeus fazem uso nas coisas que dizem respeito ao tratamento do corpo, maneira de viver e habitação. E a respeito dos seus grandes gastos e despesas.

LINO — Retomamos esta noite, com o maior prazer, a nossa habitual reunião, caríssimo Miguel, para te ouvir falar dos gastos que habitualmente fazem os príncipes europeus, e do seu ornato e tratamento brilhantíssimo.

MIGUEL — Falarei com grande gosto, tomando o início de um dito muito célebre de certa rainha de Sabá, dirigido a Salomão, rei de Jerusalém, o qual, como se admite nas letras sagradas, prefigurou em muitas coisas um esboço da efígie de Cristo, senhor e salvador nosso.

A rainha, tendo conhecido, por fama e outiva, a sabedoria e poder deste rei, ficou cheia do desejo de o ver. Numa grande viagem, partiu do seu reino para se encontrar com ele, informada do seu aparato magnificentíssimo, das suas riquezas e recursos incríveis, da multidão quase infinita e admiravelmente organizada dos seus escravos, enfim, da sabedoria inaudita do rei em tudo administrar, aliada à sua extrema felicidade.

Descobrindo que tudo isto era verdade, depois de fazer a experiência em muitas e variadas matérias, estupefacta de inusitada admiração, assim falou ao rei, para me servir das palavras das letras sagradas: «Verdadeira é a fala que ouvi na minha terra sobre as tuas palavras e a tua sabedoria, e não acreditava no que ouvia, até que eu própria vim e vi com os meus olhos que não me tinham contado nem a metade. Maior é a tua sabedoria e [85] são as tuas obras que o rumor que delas ouvi. Felizes os teus homens e felizes os teus criados que estão na tua presença e ouvem a tua sabedoria. Seja bendito o Senhor teu Deus, a quem agradaste e te colocou sobre o trono de Israel, porque o Senhor escolheu Israel para sempre e te constituiu seu rei, para fazeres julgamento e justiça.»[61]

Todas estas palavras assim como a rainha as pronunciou, segundo as letras sagradas, assim também nós podíamos tê-las pronunciado, quando observámos os príncipes europeus, a sua majestade e grandeza, a imensidão dos edifícios e

[84] De magnifico ornatu quo reges et dynastae Europaei utuntur in iis quae ad cultum corporis, uictum et habitationem pertinent, deque magnis sumptibus atque expensis. COLLOQVIVM NONVM.

LINVS — Repetimus hac nocte cum summa uoluptate solitum congressum, Michaël carissime, ut te de sumptibus a principibus Europaeis fieri solitis, et eorum ornatu et cultu apparatissimo dicentem audiamus.

MICHAEL — Dicam libenter, initium sumens ex dicto quodam celeberrimo cuiusdam Sabaeorum reginae ad Salomonem Hierosolymorum regem, qui, ut in sacris litteris habetur, Christi Domini ac Seruatoris nostri multis in rebus adumbratam quandam effigiem prae se tulit.

Cum enim regina illa sapientiam ac potentiam regis huius fama et auditione accipiens, eius uidendi studio uehementer commoueretur, ad ipsumque e regno suo profecta, magnis itineribus properaret, et magnificentissimum illius regis apparatum, diuitias, opesque incredibiles, seruorum ministrantium infinitam prope multitudinem egregie dispositam, inauditam denique regis in omnibus administrandis sapientiam, cum summa felicitate coniunctam re ipsa comperisset, multisque ac uariis argumentis fuisset experta, inusitata quadam admiratione obstupefacta, ad regem sic ait, ut sacrarum litterarum uerbis utar: “Verus est sermo quem audiui in terra mea super sermonibus tuis, et super sapientia tua, et non credebam narrantibus mihi, donec ipsa ueni, et uidi oculis meis, quod media pars mihi nuntiata non fuerit. [85] Maior est sapientia et opera tua, quam rumor quem audiui. Beati uiri tui, et beati serui tui hi qui stant coram te semper, et audiunt sapientiam tuam. Sit Dominus Deus tuus benedictus, cui complacuisti, et posuit te super thronum Israel, eo quod dilexit Dominus Israel in sempiternum, et constituit te regem, ut faceres iudicium et iustitiam.”

Quae omnia uerba sicut regina illa fecit, ut sacris litteris est proditum, ita etiam nos facere merito potuimus, cum primum Europaeos principes, eorum maiestatem et magnificentiam, aedificiorum moles, ac machinas, ministrandi fastum, atque

construções, o fasto aparatoso dos servidores, finalmente, a ordem perfeita em todo o processo de governação, e conhecemos, na própria realidade, que tudo isto era assim como aos padres ouvíramos, embora anteriormente não lhes prestássemos inteiro crédito.

E estou persuadido de que não havereis de julgar de modo diferente, daqui em diante, se meterdes no vosso espírito prestar fé às coisas que tenho a dizer. E uma vez que delas vou falar, a vosso pedido, gostaria que assentásseis no seguinte, que eu vou tratar das coisas europeias, mais ficando aquém da verdade do que transgredindo-a pela largura duma unha que seja. E que assim vai acontecer, estão aqui presentes os meus companheiros, para o garantirem. E para começar já, gostaria que em primeiro lugar soubésseis que a conta dos rendimentos anuais é calculada de modo muito diferente na Europa do que é usado no Japão.

Com efeito, no nosso Japão, a soma de todos os frutos que se colhem duma aldeia ou dum domínio, costuma ser feita e calculada, por forma tal que o senhor é creditado com a posse dos rendimentos anuais que são recebidos dos campos do seu domínio, quando, todavia, ele não se apodera de todos os frutos, mas distribui a maior parte deles por senhores inferiores como são os tonos e outros semelhantes. Portanto, todas as vezes que dizemos que um yacata colhe em cada ano tantos milhares de moios de arroz, não deve entender-se como se ele os recolhesse todos nos seus celeiros, mas que os divide por todos aqueles que obedecem à sua jurisdição, por forma que a divisão chega até aos próprios colonos dos campos. Daqui resulta que de todo o monte, cabe ao yacata cerca da oitava parte. Portanto, quem quer que entre nós é creditado com a posse de cinquenta mil das nossas medidas, a que chamamos góquios, apenas desvia para o seu uso seis ou sete mil. Por isso, a grandeza própria e genuína dos rendimentos de cada yacata ou titular não pode calcular-se correctamente do número de tantos módios, quando a maior parte pertence aos restantes senhores inferiores, [86] mas só deve ter-se conta da parte de que ele usufrui com a sua família.

Na Europa, porém, a situação é muito diferente. Com efeito, ao calcular os rendimentos, não se atende à quantidade das medidas de arroz ou de outro fruto, mas à soma de dinheiro contada. E os príncipes ou titulares que têm o povo sob o seu domínio, não distribuem os campos segundo o seu arbítrio, nem tirando-os a uns, os transferem para outros, mas do mesmo modo que os magnates têm um certo poder independente, assim também os senhores inferiores possuem alguns terrenos certos, cujos frutos colhem e guardam; e compram, vendem, trocam esses mesmos campos, enfim, usam deles a seu bel-prazer como próprios e de seu direito. Exceptuam-se, todavia, alguns campos, chamados régios, que, por serem concedidos pelos próprios reis com censo anual a varões que os mereceram, não podem de modo algum ser alienados por qualquer contrato, sem o consentimento dos próprios reis. Portanto, todas as vezes que dizemos que a soma dos rendimentos régios é tal, não temos, de modo algum, em conta os campos de todo o reino, pois estes nunca costumam entrar nesse cálculo, mas apenas aqueles rendimentos que

apparatum, in tota denique gubernandi ratione egregium ordinem conspeximus, et ea omnia re ipsa, ita se habere cognouimus, quemadmodum a patribus acceperamus, quamuis antea fidem non omnino illis haberemus.

Nec uero aliter uos posthac de iis rebus iudicaturos, mihi persuadeo, si omnino in animos induxeritis iis, quae a me dicenda sunt, fidem adiungere. De quibus quoniam uobis postulantibus sum dicturus, illud uelim statuatis, me potius citra rerum ipsarum dignitatem, de illis esse acturum, quam ueritatis terminum uel latum unguem transgressurum, idque ita fore socii, qui adsunt, praestare possunt. Atque ut iam inde exordiar, illud in primis uos scire uelim, redituum annuorum rationem longe aliter in Europa, atque in nostra Iaponia subduci.

In nostra namque Iaponia summa omnium fructuum, quot ex aliquo pago, uel alicuius domini dicione colliguntur, ita fieri ac supputari solet, ut eos reditus annuos ille dominus possidere censeatur, qui ex dicionis eius agris recipiuntur, cum tamen non omnibus ille fructibus potiatur, sed eorum maximam partem in inferiores dominos, quales sunt toni aliique similes, distribuat. Quoties ergo dicimus yacattam aliquem tot millia modiorum orizae singulis annis demetere, non ita intelligendum est quasi omnia illa in horrea sua recondat, sed in omnes eos qui ipsius iurisdictioni parent, ita diuidat, ut ad ipsos agrorum etiam colonos deueniat. Vnde fit ut ex toto cumulo octaua fere pars ad yacattam redeat. Quicumque igitur quinquaginta millia nostrarum mensurarum, quas goquios dicimus, possidere apud nos censetur, uix sex aut septem millia in suos usus conuertit. Qua de causa redituum amplitudo propria ac germana uniuscuiusque yacattae, uel dynastae, ex tam multorum modiorum numero recte coniici non potest, cum maxima pars ad ceteros inferiores [86] dominos pertineat, sed eius tantum partis est habenda ratio, qua ipse cum sua familia fruitur.

In Europa autem longe aliter se res habet. Nam in supputandis reditibus non mensurarum oryzae, aut alterius fructus multitudo, sed pecuniae numeratae summa attenditur. Nec principes, aut dynastae, qui populum sub sua dicione habent, agros pro arbitrio suo distribuunt, nec denique aliquibus ablatos, in alios transferunt, sed quemadmodum magnates integra aliqua dicione pollent, sic etiam inferiores domini certos aliquos agros possident, quorum collectis fructibus potiuntur, eosdemque agros emunt, uendunt, permutant, denique quasi propriis ac sui iuris illis ad libitum utuntur. Excipiuntur tamen aliqui agri, qui regii appellantur, qui quoniam ab ipsis regibus uiris bene meritis cum censu annuo sunt donati, sine ipsorum regum facultate, contractione aliqua facta, abalienari nullo modo possunt. Quoties ergo dicimus, regiorum redituum talem esse summam, nequaquam totius regni agrorum rationem habemus. Haec enim summa uix unquam supputari solet, sed tantum eorum redituum, qui ad regem ipsum proprio ac peculiari iure pertinent. Nullus tamen est rex, qui saltem quadringenties sestertium, hoc est decies centena millia aureorum

pertencem ao próprio rei, por direito próprio e peculiar. Todavia, não há rei que não receba em cada ano pelo menos quatrocentas vezes cem mil sestércios[62], isto é, dez vezes cem mil áureos[63]. Entretanto, neste mesmo reino, onde o rei usufrui tão amplos rendimentos, há muitos outros duques, marqueses e restantes titulares que recolhem quarenta, cinquenta, sessenta, até cem mil cruzados, todos os anos, dos seus rendimentos e impostos. Portanto, ao fazer a soma dos rendimentos de qualquer rei ou príncipe, não se olha à grandeza de todo o reino ou domínio, mas à quantia dos rendimentos peculiares de cada um.

Daqui facilmente podeis concluir que os nossos yacatas, embora tenham mais território sob a sua jurisdição e mais homens a si subordinados, do que muitos daqueles duques, marqueses e condes que estão submetidos aos reis, todavia são por estes facilmente superados em rendimentos e fortuna, e por muito que aqueles, a quem chamamos cunixuos e daymioxos, sejam semelhantes aos duques e aos outros titulares, todavia em recursos e fortuna são-lhes de longe inferiores. Finalmente, os reis europeus antecedem aos nossos yacatas em recursos e fortuna, por forma tal que, se exceptuarmos o monarca de todo o Japão, a quem nós chamamos senhor da Tenca, isto é, de tudo, estou convencido de que nenhum outro pode comparar-se com os reis da Europa.

LINO — São dignas de admiração, sem dúvida, as considerações [87] que fazes dos recursos e opulência dos reis europeus e da riqueza dos titulares que lhes obedecem. Todavia, considerando isso mesmo, uma coisa me deixa estupefacto, de maneira extraordinária: como pode acontecer que esses reis consintam que nos seus reinos vivam e exerçam o poder titulares tão poderosos, e não temam profundamente alguma defecção ou conjura?

MIGUEL — Ignoras a natureza e o carácter dos homens europeus e os costumes em vigor nesta região. Convém, portanto, recordar que os titulares possuem os seus rendimentos e campos, por forma tal que de modo algum podem ser defraudados deles pelos reis, a não ser que se verifique o crime de traição ao qual o espírito dos europeus é de todo estranho. Por outro lado, ainda que estes magnates engendrassem uma traição, nada poderiam realizar com êxito, limitados e contidos como estão pelo poder dos reis, e estes, conhecedores disso mesmo, recebem do número e abundância dos magnates antes ajuda que dano.

LEÃO — Da grandeza destas dominações, facilmente concluo como são opulentos os seus erários e como são guarnecidos de ouro e prata os seus tesouros.

MIGUEL — Os magnates europeus não estão muito preocupados com arrecadar dinheiro nos seus cofres, mas antes com gastá-lo de forma grandiosa, de modo que as despesas excedem todos os anos os frutos recebidos. Costumam, todavia, os reis, grão-duques e repúblicas livres, geralmente, acumular nos tesouros grande soma de dinheiro para despesas de guerra, se esta for declarada, ou para outras infelicidades semelhantes que, às vezes, podem ocorrer.

singulis annis non recipiat. In eodem tamen regno ubi rex tam amplis reditibus fruitur, sunt alii multi duces, marchiones, reliquique dynastae, qui quadraginta, quinquaginta, sexaginta, immo et centum millia aureorum, quotannis ex suis fructibus ac uectigalibus comparant. Non ergo in cuiuscumque regis aut principis fructibus ad summam redigendis, totius regni, siue dicionis amplitudo, sed pecularium unius cuiusque fructuum numerus spectatur.

Vnde facile colligere potestis, nostros yacattas, quamuis ampliores fines iurisdictionis suae habeant, pluresque homines ipsis[16] obtemperantes, quam multi eorum ducum, marchionum, et comitum qui regibus subsunt, tamen ab iis et reditibus et opibus facile superari, et quantumuis illi, quos cunixuos, et daymioxus diximus, illis ducibus et aliis dynastis sint ualde similes, facultatibus tamen et peculiis longe esse inferiores; denique reges Europaeos nostris yacattis copiis et opibus antecedere; adeo ut excepto totius Iaponiae monarcha, quem nos dominum Tenquae, id est, uniuersitatis appellamus, nullum alium cum regibus Europae posse conferri, mihi persuadeam.

LINVS — Miranda sane sunt ista, quae refers de facultatibus, [87] et opulentia regum Europaeorum, deque amplis copiis dynastarum qui ipsis parent. Illud tamen considerans mirum in modum obstupesco, qui fieri possit ut reges isti tam potentes dynastas in suis regnis uiuere et potestatem exercere patiantur, nec aliquam defectionem, aut coniurationem eorum pertimescant?

MICHAEL — Ignoras naturam et ingenium Europaeorum hominum, moresque in ea regione seruari solitos. Meminisse ergo oportet ita dynastas suos reditus, agrosque possidere, ut nequaquam a regibus fraudari illis possint, nisi forte proditionis crimen incurrant, a quo Europaeorum animi sunt alienissimi. Nec uero quamuis proditionem machinarentur hi optimates, quidquam ad exitum perducere possent, regum potestate illos omnino coërcente ac comprimente, cumque de hoc certi sint reges, ex huiusmodi optimatum numero, et abundantia potius adiumentum, quam damnum aliquod accipiunt.

LEO — Ex istorum dominatuum amplitudine facile ego colligo quam opulenta sint eorum aeraria, quamque auro atque argento referti thesauri.

MICHAEL — Europaei magnates non ualde sunt de recondenda in thesauros pecunia solliciti, immo de ea magnifice expendenda, adeo ut expensae quotannis receptos fructus superent. Solent tamen reges, supremi duces, et Respublicae immunes plerumque magnam pecuniae summam in thesauros conferre ad bellorum sumptus, si forte concitata fuerint, uel ad alios similes casus, qui nonnunquam euenire possunt.

[16] ipsis] ipsi *ed. 1590, post corr. Errata*

LEÃO — Falas das guerras, como se elas dissessem respeito apenas àqueles que mencionaste. Então os duques menores, marqueses e condes não fazem, de vez em quando, guerra uns contra os outros?

MIGUEL — De jeito nenhum, porque só aos príncipes supremos que a ninguém obedecem ou às repúblicas livres pertence mover as guerras. Mas os restantes titulares, que estão submetidos aos reis, se por acaso contenderem por qualquer motivo, apresentam toda a controvérsia ao senado régio e aos magistrados públicos, e pela sua decisão e arbítrio, a questão, por grave que seja, é dirimida, de acordo com o antigo direito e as leis estabelecidas com a maior maturidade e prudência pelos antepassados. Por isso, acontece que vivem na maior paz e tranquilidade e não há lugar para guerras e contendas. Todavia, explicarei isto posteriormente na sequência das conversas.

Mas para voltar às riquezas e abundância dos príncipes europeus, elas são de facto tão [88] grandes que dificilmente podem acreditá-las senão aqueles que as tiverem visto com os próprios olhos. E deste facto uma prova concludente é que, se um homem nobre tiver um rendimento anual de dois ou três mil cruzados, não é por esse motivo considerado rico, e esse rendimento dificilmente lhe chega para pagar as despesas anuais. E a quanto montam essas despesas, facilmente pode compreender-se do aparato de casas, vestuário, trem de vida e restantes coisas.

LEÃO — Será agradável para nós, se prosseguires na descrição dos custos de cada coisa, para mais facilmente alcançarmos com o pensamento a magnificência de tantas riquezas.

MIGUEL — Tratarei em primeiro lugar dos domicílios, construídos com grandeza e arte. Para não falar das mansões régias, ou palácios dos reis e dos titulares, também as casas dos restantes magnates são construídas com um trabalho maravilhoso, feitas de pedra polida e cal, e têm três ou quatro andares, e pórticos espaçosos, salas de reunião, átrios com colunas, balcões, e variados aposentos quer de homens quer de mulheres, e quartos de hóspedes, e tudo isto, tanto pelo seu número como pela elegância do trabalho, não pode ser conseguido sem a maior despesa. Nós próprios em muitas cidades vimos muitas residências que eram de tal modo edificadas que a construção de algumas custou quarenta, por vezes cinquenta, até mesmo sessenta mil cruzados. Donde facilmente compreendereis com que despesa terão sido construídos os palácios dos reis.

E não apenas nas cidades existem casas deste género, mas também nas vilas, às quais como costumam dirigir-se para distracção, aí também os magnates costumam preocupar-se com construir magníficos edifícios. Daqui resulta que o aspecto das cidades europeias é extremamente agradável, sendo tantas as casas que apresentam uma beleza e magnificência excepcionais. E os próprios terrenos e campos rústicos, ornados de excelentes vilas, exibem perante os olhos um cenário muito mais ameno.

Pelo que toca ao interior das casas, elas são também muito bem decoradas: os soalhos, além das tábuas ligadas em disposição admirável, são formados de tijolos

LEO — Ita de bellis loqueris, quasi ad istos tantum, quos commemorasti, ea pertineant. Nonne etiam duces minores, marchiones ac comites sibi aliquando mutuo bella inferunt?

MICHAEL — Nequaquam, ad solos namque supremos principes nulli parentes, uel Respublicas liberas bella mouere pertinet. Reliqui autem dynastae, qui regibus subsunt, si forte de re aliqua inter se contendant, totam illam controuersiam ad senatum regium, publicosque magistratus deferunt, eorumque nutu et arbitrio lis illa etiam grauissima dirimitur, spectato antiquo iure legibusque cum summa maturitate et consilio a maioribus sancitis. Quo fit ut inter eos in summa pace, et tranquillitate uiuatur, nec bellis et contentionibus ullus locus pateat. Haec tamen in processu sermonum a me latius sunt explicanda.

Sed ut ad diuitias copiasque Europaeorum principum redeamus, tantae profecto sunt, ut uix credi [88] possint nisi ab iis, qui eas oculis fuerint intuiti. Cuius rei uel maximum est illud argumentum, quod si nobili loco natus homo duorum, uel trium millium aureorum reditus quotannis colligat, non proinde diues censeatur, uixque ad annuos sumptus faciendos hi fructus suppetant. Quanti uero sint huiusmodi sumptus, ex apparatu aedium, uestium, uictus et ceterarum rerum facile intelligi potest.

LEO — Iucundum nobis erit, si singularum rerum expensas prosequaris, quo facilius tantarum opum magnificentiam cogitatione assequamur.

MICHAEL — In primis agam de domiciliis, quae sane magnifice et affabre constructa sunt. Nam, ut omittam domos regias, siue regum, et dynastarum palatia, reliquorum etiam optimatum aedes miro sunt opere exstructae, ex calce et polito lapide confectae, tresque, uel quattuor contignationes, habent, et spatiosas quasdam porticus, exedras, peristylia atria, pergulas, uariaque tum cubicula, tum gynaecea, atque hospitia; quae omnia, tum propter multitudinem, tum propter operis elegantiam non sine maximo sumptu confici possunt. Nos enim ipsi in multis urbibus multa uidimus domicilia, quae ita erant aedificata, ut quorundam exstructio quadraginta aureorum millibus interdum quinquaginta, immo et sexaginta millibus steterit. Vnde facile colligetis, quo sumptu sint regum palatia exstructa.

Nec uero in urbibus tantum huiusmodi sunt aedes, uerum etiam in uillis, ad quas, quoniam relaxationis animorum causa solent deuertere, ibidem etiam in exstruendis magnificentissimis aedificiis operam optimates collocare solent. Hinc fit ut urbium Europaearum aspectus sit iucundissimus, tam multis domibus egregiam quandam speciem et magnificentiam prae se ferentibus. Et ipsi agri, atque rura uillis optimis exornata multo maiorem quandam amoenitatem oculis exhibeant.

Quod uero attinet ad interiores partes domuum, illae etiam sunt ornatissimae: nam pauimenta praeter tabularum iuncturas admirabili ordine colligatas, lateribus

e de segmentos de mármore ou cobertos de mosaicos; e os tectos ou se apoiam em caixotões separados por linhas douradas e pintadas, ou são reforçados por uma abóbada composta de cal, gesso ou outra matéria semelhante, ornada de figuras e imagens variadas; as paredes, finalmente, são ornadas de ouro e cores diversas, por forma que tudo quanto na casa existe parece ostentar brilho, esplendor e ornamento.

LEÃO — Como pode acontecer que os magnates europeus [89] edificam casas tão preciosas, quando a sua construção pode esgotar-lhes completamente o tesouro?

MIGUEL — Foi por isso que atrás afirmei que não são quaisquer nobres os que são contados entre os ricos e endinheirados (embora tenham de rendimento anual, geralmente, dois ou três mil cruzados), porque essa quantia não chega sequer para fazer as despesas correntes. Por isso, quanto mais são ricos tanto maiores casas constroem, e todas as residências dos homens nobres podem ser chamadas magníficas e grandes obras.

LEÃO — Expõe agora se o mobiliário das residências corresponde à sua magnificência.

MIGUEL — Inteiramente; uma vez que este aparato provém da opulência dos rendimentos, as residências artisticamente construídas contêm um mobiliário riquíssimo e luxuosíssimo. Para começar, as paredes das residências costumam ser decoradas com excelentes tapetes e colchas que, de acordo com o tempo, no verão são feitos de fino couro e pintados a ouro com várias figuras, como estes que aqui vedes dependurados e nos foram trazidos para mostrarmos aos nossos homens alguma parte dos ornamentos europeus; e no inverno, são tecidos em parte de lã, em parte de seda, por forma que se distinguem por várias figuras de homens, animais, bosques, montes e rios em fio de ouro e de prata. E este trabalho, variado e agradável, é igualmente precioso, quer pelo material de seda, de ouro e de prata, quer também pela maravilhosa arte dos tecelões em tecerem as figuras. Daqui acontece que os nobres usam frequentemente destas tapeçarias. E querendo nós mostrar um espécime, trazíamos algumas que nos foram oferecidas pelo Arcebispo de Évora de quem falarei noutro lugar. Todavia, desapareceram no naufrágio duma nau da Índia que embateu e se partiu nos rochedos.

Fazem-se também tapeçarias deste género, de tecido de veludo, ou bordado com ouro ou de qualquer modo semelhante para distinta decoração das paredes. A este género de ornamento, vêm juntar-se os leitos que são feitos de excelente madeira revestida de ouro e cores várias. Cobrem-nos da maneira mais confortável com colchões de seda, lençóis de linho, cobertas de lã ou tecidas de ouro, com travesseiros e coxins muito apropriados para aconchegar a cabeça. E todas estas peças são usadas tanto de verão como de inverno, quer mais espessas para afastar o frio, quer mais leves para conservar o calor. Finalmente, são cobertos de véus pintados com a agulha ou de pavilhões de seda. Todo o ornamento do leito costuma custar, por vezes, três ou quatro mil cruzados.

et tesserulis sunt compacta, uel opere uermiculato confecta; tecta uero uel lineis laquearibus auro picturaque distinctis fulciuntur, uel fornice ex calce, gypso, aliaque simili materia composito, figuris et imaginibus uariis ornata muniuntur; parietes denique auro coloribusque diuersis ita exornantur, ut quidquid in domo sit, nitorem, splendorem atque ornamentum ostentare uideatur.

LEO — Qui fieri potest, ut Europaei magnates tam pretiosas [89] domus aedificent[17], cum earum exstructio thesaurum omnino exhaurire possit?

MICHAEL — Ideo affirmaui superius non quoscumque nobiles uiros (etsi duo, uel tria aureorum millia quotannis plerumque recipiunt) inter locupletes et pecuniosos numerari, quod totum id ad communes sumptus faciendos sit exiguum. Quapropter quo ditiores sunt, eo magnificentiores aedes exstruunt, omnes tamen nobilium uirorum domus magnificae atque operosae dici possunt.

LEO — Expone nunc an supellex domuum magnificentiae respondeat?

MICHAEL — Prorsus maxime; cum enim hic apparatus ex redituum opulentia proueniat, affabre confectae domus supellectilem etiam lautissimam et ornatissimam continent. In primis enim domuum parietes optimis aulaeis et peristromatis decorari solent, quae cuique tempori accommodata, uerna quidem ex tenui corio sunt confecta, et auro uariisque figuris depicta, qualia sunt haec, quae hic appensa uidetis, ideo a nobis allata, ut Europaeorum ornamentorum partem aliquam nostris hominibus proponeremus; hiberna autem partim ex lana, partim ex serico ita sunt contexta, ut aureo filo uel argenteo uariisque figuris hominum, animalium, siluarum, montium fluuiorumque distinguantur. Quod opus sicut uarium est et iucundum, ita etiam pretiosum, tum propter materiam serici uidelicet, auri et argenti, tum etiam propter miram opificum artem in figuris intexendis. Vnde fit ut plerumque nobiles his peripetasmatis utantur. Quorum specimen aliquod praebere cupientes, nonnulla ab Eborensi archipraesule, de quo alibi dicam, nobis dono data afferebamus, quae tamen naufragio cuiusdam Indicae nauis ad scopulos allisae, et fractae omnino deperierunt.

Fiunt etiam huiusmodi aulaea ex gausapino uel auro opere Phrygio contexto, uel alia simili ratione ad parietum eximium quoddam ornamentum. Ad hunc ornatum accedunt lecti, qui ex ligno optimo auro coloribusque uariis uestito sunt confecti. Sternuntur autem quam mollissime culcitris sericis, sindonibus byssinis, lodicibus gausapinis, siue auro intextis, cum ceruicalibus et puluinis ad fouendum caput ualde accommodatis. Quae omnia etiam uerno hibernoque tempore, uel ad depellendum frigus crassiora, uel ad sustinendum calorem leuiora praeparantur. Denique uel acu pictis uelis, uel sericis papilionibus operiuntur. Totus autem lecti ornatus nonnunquam tribus uel quattuor aureorum millibus constare solet.

[17] aedificent] aedificant *ed. 1590, corr. Errata*

[90] Porque os homens europeus têm por hábito, não só deitar-se mas também sentar-se em cadeiras altas, são ornamentados os átrios e quartos de excelentes cadeiras feitas de madeira incrustada de marfim. Estas cadeiras, para se tornarem mais cómodas, costumam ser feitas quer de peles bem pintadas, quer de seda e veludo, como as que vimos serem utilizadas pelos comandantes dos navios que vêm até nós, ou como aquela que, há anos, o padre visitador ofereceu a Nobunanga[64]. Apropriadíssimas para estas cadeiras são as mesas, feitas com a mesma arte, de que também usam, e ornadas de tapetes preciosíssimos. De todas estas coisas é surpreendente a quantidade de que estão recheadas as casa dos homens ricos.

A estas peças juntam-se cofres, arcas, estantes, bufetes, armários e muito outro mobiliário doméstico que costuma ornamentar em profusão a casa, e tudo tão artificiosamente e laboriosamente construído que até bacios, bacias, vasos do mais baixo uso se guardam em caixas revestidas de seda.

LINO — Disseste atrás que os europeus não costumam sentar-se no chão. De que maneira podem então prestar uns aos outros os deveres de gentileza, a menos que de todo os não pratiquem?

MIGUEL — Não faltam de modo nenhum na Europa vários modos e normas de urbanidade. Praticam-nos, todavia, de maneira diversa daquela que observam os nossos homens. Sendo a forma de sentar-se à mesa muito diferente e os hábitos de vida e de educação bem discordantes, não é de admirar se também os sinais de urbanidade diferem muito. E como não estamos habituados a eles, julgamos os portugueses que vêm até nós bárbaros e completamente desprovidos de educação.

LEÃO — Não podemos deixar de considerá-los bárbaros, ao vermos neles muita coisa que está fora da razão. Com efeito, entram nos templos, calçados de sapatos e botas, e dentro dos templos, cuspindo e escarrando, sujam facilmente e mancham as esteiras de palha de que usamos, e fazem outras coisas semelhantes que parecem de todo alheias às boas maneiras.

MIGUEL — Isso não é com certeza falta de boas maneiras, mas resulta de outras noções sobre o comportamento amável e educado. Na verdade, assim como nós, que não sabemos a língua dos portugueses, estamos convencidos de que é bárbara a sua maneira de pronunciar, e eles que, de modo semelhante, não conhecem o nosso idioma nos julgam completamente ignorantes e inexperientes de bem falar, assim também, sendo diversas as normas de urbanidade, e nós diferentes uns dos outros, reciprocamente nos consideramos rústicos e incultos.

Pelo que diz respeito aos actos [91] que nos templos eles parecem praticar, menos de acordo com a regra da limpeza, não pensarás do mesmo modo, se tiveres em conta a sua maneira de sentar-se: porque se sentam em cadeiras, não fazem uso daquelas nossas coberturas de palha, mas dum soalho construído apenas de pedra. Daí vem que cuspir e escarrar para o chão não lhes parece impróprio, principalmente porque até nisto costumam ser cautelosos e circunspectos, e as excreções nasais geralmente as recebem em lenços.

Quia uero [90] Europaei homines non solo decumbere, sed altis subselliis sedere solent, ornantur domuum atria et cubicula sellis optimis ex ligno intexto ebore confectis, quae sedes, ut molliores sint, siue ex pellibus egregie depictis, siue ex serico et gausapino fieri consuescunt, qualibus aliquando supremos nauarchos ad nos uenientes uti uidimus, qualemque superioribus annis pater uisitator Nobunangae dono dedit. Ad sellas autem appositissimae sunt mensae, quibus etiam utuntur eadem arte confectae et tapetibus pretiosissimis ornatae. Quibus omnibus mirum est quantopere cuiuscumque nobilis uiri diuitis domus exornetur.

Ad haec adiunguntur scrinia, arcae, plutei, abaci, armaria, multaque alia domestica ornamenta quae domum summopere exornare solent, omniaque ita artificiose atque operose sunt compacta, ut etiam ipsa lasana, matellae, aliaque similia uascula cuiuscumque abiectissimi usus capsis serico uestitis includantur.

LINVS — Dixisti superius Europaeos humi non solere decumbere. Qua igitur ratione urbanitatis officia erga se mutuo praestare possunt, nisi forte illorum omnino sunt expertes?

MICHAEL — Vrbanitatis uariae rationes, ac normae in Europa nequaquam desunt. Diuerso tamen modo ab eo quem nostri homines obseruant. Cum enim accumbendi longe alia sit ratio, uictusque et cultus ualde dissimilis, non est mirum, si urbanitatis etiam documenta multum differant. Quibus quoniam nos non sumus assuefacti, Lusitanos ad nos uenientes barbaros, et ab omni humano cultu alienos iudicamus.

LEO — Non possumus non eos barbaros iudicare, cum multa in illis uideamus longe a ratione abhorrentia. Ingrediuntur enim templa calceis et ocreis induti, et in illis libere ac temere expuentes atque excreantes, stramenticias storias, quibus utimur, facile foedant et commaculant, aliaque similia faciunt quae ab omni urbanitate prorsus uidentur aliena.

MICHAEL — Non sane ista ex inurbanitate, sed ex aliis officiose et urbaniter se gerendi praeceptionibus atque institutis oriri, certissimum est. Nam quemadmodum nos Lusitanorum linguam ignorantes, barbaram eorum pronuntiandi rationem credimus, illique nostrum similiter idioma non callentes, nos rudes omnino et imperitos recte loquendi iudicant, sic etiam diuersis urbanitatis rationibus alii ab aliis differentes, alii alios agrestes, et incultos esse censemus.

Quod uero attinet ad ea, quae in templis minus [91] iuxta munditiae normam facere uidentur, non ita esse arbitraberis, si eorum sedendi rationem spectes: cum enim in sellis sedeant, nostris illis tegetibus ex stramine constructis non utuntur, sed solo tantum lapidibus constrato. Vnde fit ut expuere et excreare in solum nequaquam apud eos indecorum uideatur, praesertim cum et in hoc cauti et circumspecti esse soleant, et pituitam defluentem plerumque sudariis excipiant.

LEÃO — Que eles sejam, pois, educados, à sua maneira, mas a mim agrada muito mais o nosso modo de sentar, porque eles são forçados a ficar como que com as canelas suspensas do assento e o corpo também não repousa tão comodamente, sentado na cadeira.

MIGUEL — Ó gracioso comentário e inteiramente de japonês! Uma coisa é certa, e é que os europeus são de opinião muito diferente e consideram insuportável estar sentado com as pernas encolhidas em arco. E se considerarmos o plano da natureza, parece muito mais conveniente a cadeira dos europeus, que exibe uma certa majestade e não impede o repouso de modo algum, visto que os pés se apoiam ou no chão ou numa travessa colocada na parte inferior da cadeira, e as restantes partes do corpo descansam muito convenientemente.

Quanto a estar sentado no chão, além de parecer abjecto, é não pouco trabalhoso, uma vez que o corpo fica sustentado em grande parte nas pernas. E disto podem ser testemunhas até os padres da Companhia que não conseguem suportar esta nossa maneira de estar sentado, sem dificuldade e incómodo.

LEÃO — Parece-me que despistes inteiramente a natureza nipónica, para vestir a europeia, quando até a maneira de sentar tanto vos agrada. Mas gostaria de saber como se comportam os restantes povos que vistes, para mais facilmente podermos formular um juízo.

MIGUEL — Se atendermos ao uso das restantes nações, a nossa maneira de sentar será menos aprovada, uma vez que, além dos europeus, só vimos os chineses como homens de mais refinada elegância, e os chineses sentam-se em cadeiras, ao modo dos europeus, ao passo que observámos que todas as restantes nações incultas se estendiam por terra. É certo que entre os nossos o pavimento está recoberto com mais gosto e nós costumamos sentar-nos por terra mais educadamente. Todavia, toda esta discussão pode ser suprimida, se dissermos que cada nação encontrou o costume que convinha ao seu reino e à sua região e o pôs em prática, há muitos anos. Com efeito, a nossa maneira de sentar está de acordo com a nossa economia e as nossas posses, ao passo que o modo dos europeus se acomoda bem com os seus amplos rendimentos e possibilidades, [92] porque exige muito maior despesa. Por isso, é vário o costume de cada nação e pode ser aprovado, por várias causas.

LEÃO — Estou de acordo com essa fórmula de concordância, mas agora tenho interesse que digas alguma coisa sobre o tratamento dos corpos.

MIGUEL — Do ornamento das paredes, pode supor-se o tratamento dos corpos entre os europeus. Para dizer algo a esse respeito, uma coisa em primeiro lugar é motivo de admiração, a saber, que os homens europeus não usam um e sempre o mesmo género de vestuário, mas quase em cada ano descobrem diverso vestuário e encontram novas maneiras de vestir, como se enfastiados do uso frequente de uma só maneira de vestir. Mas seja qual for o género de vestuário, é geralmente feito de pano de lã finíssimo e preciosíssimo, de seda, lã com pêlo, e muitas vezes bordado a ouro, de modo que na confecção destes ornamentos se gastam grandes quantias. E um é o género de vestuário que os europeus usam em casa, outro aquele

LEO — Sint illi quidem etiam urbani suo modo, sed mihi multo magis probatur nostra sedendi ratio, cum illi tibias, uelut e sede suspensas habere cogantur, neque tam accommodate corpus in sella conquiescat.

MICHAEL — O lepidum dictum, et hominis prorsus Iaponici! Illud equidem certissimum est, Europaeos longe aliud ferre iudicium, et uix tolerabile existimare, incuruatis et contractis cruribus sedere. Quod si ipsius naturae ratio spectetur, profecto multo magis idonea Europaeorum sedes uidetur, maiestatem quandam prae se ferens, nec aliqua quietis parte uacans, cum pedes solo, uel tabula in interiori sellae parte sita fulciantur, et reliquae corporis partes aptissime quiescant.

Humi autem recumbere praeterquam quod abiectum uideatur, non parum laboriosum est, cum corpus cruribus magna ex parte sustentetur. Cuius rei uel ipsi Societatis patres testes esse possunt, qui nostram hanc recumbendi rationem non possunt non aegre ac moleste sustinere.

LEO — Videmini prorsus Iaponicam naturam exuisse Europaeamque suscepisse, cum etiam ipsa sedendi ratio uobis tantopere placeat. Sed scire uelim qualiter se reliquae gentes et nationes gerant, quas uidistis, ut inde facilius iudicium ferre possimus?

MICHAEL — Si nationum ceterarum usus attendatur, nostra accumbendi ratio minus probabitur, cum enim praeter Europaeos, Sinas tantum politioris elegantiae homines uiderimus, alias uero gentes admodum impolitas, Sinas Europaeorum more in sellis sedere, reliquas omnes incultas nationes humi recubare conspeximus, quamuis apud nostros pauimentum ornatius substerni, nosque politius humi sedere soleamus. Facile tamen huiusmodi disceptatio tolli potest, si dicamus unamquamque nationem suo regno regionique conuenientem consuetudinem inuenisse, et a multis annis introduxisse. Nam nostra sedendi ratio nostro peculio et copiis apta est, Europaeorum uero modus ipsorum amplis reditibus et facultatibus ualde est accommodatus, [92] quod multo grauiores sumptus requirat. Quapropter cuiusque nationis mos etsi uarius, uariis etiam de causis probari potest.

LEO — Placet ista concordia, sed nunc de cultu corporum aliquid te dicere studeo.

MICHAEL — Ex parietum ornatu, corporum cultum apud Europaeos licet coniicere. Vt tamen aliqua de eo dicam, illud in primis mirandum est, Europaeos homines non uno eodemque uestis genere semper uti, sed singulis fere annis uarias excogitare atque inuenire uestium rationes, quasi unius frequentem usum fastidientes. Quodcumque autem uestis genus illud sit, ex laneo panno tenuissimo ac pretiosissimo, ex serico, gausapino et auro Phrygio opere intexto plerumque fit, ita ut maxima eorum summa in his ornamentis conficiendis expendatur. Iam uero aliud est genus uestis quo Europaei intra priuatos parietes, aliud quo in publicis locis utuntur. Domi namque induuntur ueste talari, quam chlamydem appellant, eamque

que usam em público. Em casa, com efeito, vestem um fato talar a que chamam roupão e é feito de pano de lã, de seda ou de lã com pêlo, com ouro e prata artisticamente tecido nos rebordos. Além disso, há certos géneros de vestuário de inverno e outros de verão. Os de inverno são geralmente feitos de peles de vários animais especialmente de arminhos, em vulgar, zibelinas. Esta roupa é tão preciosa que, por vezes, se compra por dois, três ou quatro mil cruzados.

Pelo que toca às mulheres, seria longo referir as despesas que fazem em trabalhos de ouro e de prata e outros ornamentos do corpo que, sempre novos e desusados, elas, como os homens, inventam, por forma tal que nesta matéria parecem rivalizar com os homens. E a magnificência do vestuário não se observa apenas nos senhores, mas também nos criados e mandaretes. Quanto mais os homens são ricos, com efeito, tanto mais se gloriam no vestuário luxuoso e elegante dos criados, de jeito que, algumas vezes, costumam dar nas vistas pela igualdade com os senhores ou até por se apresentarem com mais luxo do que eles. Enfim, tal é a elegância no vestir e tal o dispêndio de dinheiro, que frequentemente é necessário conter os gastos imoderados neste capítulo com leis sumptuárias. Mas dificilmente podem os homens europeus ser contidos por quaisquer multas ou ameaças, deste aparato no vestir, principalmente porque eles costumam aproveitar avidamente qualquer ocasião que se lhes oferece, ou de núpcias concorridas, ou de dias festivos. Nessas ocasiões, não contentes com nenhum género comum de ornamentar o corpo, costumam mandar fazer fatos com pedras preciosas variadas, pérolas e outras coisas semelhantes, com ornamentos de ouro e prata [93], suspendendo do pescoço correntes e colares preciosíssimos, trazendo nos dedos anéis artisticamente fabricados, nos quais estão engastadas, muitas vezes, jóias que custam muitos milhares de cruzados. Isto, para não falar de grevas, coxais, saios, couraças, capacetes e restante indumentária que, tecida de fio de ouro e de prata, variada de pedraria e pérolas, exibe um notável esplendor e beleza. E nestas obras feitas de ouro e prata, excede-se para além da medida a elegância das mulheres, em colares, braceletes, cintos, brincos e muitas jóias preciosíssimas com que costumam decorar os corpos. As quais juntam gemas ou pérolas, de que falei, de um preço quase incrível; e entre estas nós próprios vimos umas a que chamam diamantes e berilos que, embora fossem de exíguo tamanho, se dizia custarem quatro ou seis, mesmo dez e vinte milhares de cruzados. E para que façais ideia do preço destas pedras preciosas, contentar-me-ei com um só exemplo. Quando o ilustríssimo duque de Sabóia e príncipe de Turim[65] casou com a filha mais nova de Filipe, rei de Espanha, estando nós ainda na Europa, enviou à noiva apenas cinco trabalhos em ouro, decorados de pedras preciosas, que valiam quinhentos mil cruzados, e além destes muitos outros que ofereceu ao rei e aos filhos do rei e a outros magnates do reino. Deste presente podeis conhecer qual é a opulência das riquezas europeias.

LINO — São sem dúvida coisas extraordinárias, as que nos dizes sobre gemas e pérolas e o seu preço, a tal ponto que, para ser franco, me parece quase tolice e temeridade comprar por tanto dinheiro pedras tão pequenas.

uel ex panno laneo, uel ex serico, aut gausapino conficiunt, aurum argentumque ad fimbrias affabre attexentes. Praeterea sunt quaedam genera uestium hibernarum, alia aestiuarum. Hibernae autem plerumque conficiuntur ex pellibus uariorum animalium praesertim quorumdam quae mures Ponticos, uulgo Zebellinos uocant. Hae autem ita sunt pretiosae, ut nonnunquam duobus, tribus aut quattuor millibus aureorum coëmantur.

Quod uero attinet ad feminas, longum esset recensere quas faciant expensas in operibus aureis et argenteis, aliisque corporum ornamentis, quae semper noua et nondum usitata ipsae instar uirorum inueniunt, adeo ut cum uiris hac in re decertare uideantur. Nec uero in dominis tantum huiusmodi uestium magnificentia conspicitur, uerum et in famulis et pedisequis. Quo enim homines nobiliores sunt, eo politiori atque elegantiori seruorum cultu gloriantur, ita ut nonnunquam uel dominis hac in re pares, uel etiam ornatius culti conspici soleant. Denique ea est in gestandis uestibus elegantia, eaque pecuniarum profusio, ut saepe necesse sit, huiusmodi immoderatos sumptus legibus coërceri. Vix tamen poenae ullae, aut minae Europaeos homines ab hoc induendi apparatu cohibere possint, praesertim cum oblatam quamcumque occasionem, uel celebrium nuptiarum, uel festorum dierum auidissime uenari consuescant. In quibus temporibus nullo communi genere ornandi corpora contenti, uestes uariis gemmis, unionibus aliisque similibus, aureis [93] atque argenteis ornamentis componere solent, torques et monilia pretiosissima ad colla suspendentes, annulos artificiosissime fabricatos digitis gestantes, quibus inclusae margaritae multis aureorum millibus saepe constant; ut interim omittam tibialia, femoralia, tunicas, thoraces, galeros, ceteraque indumenta quae filo aureo atque argenteo intexta, et gemmis atque unionibus uariata, egregium quendam splendorem ac decorem prae se ferunt. Quibus in operibus ex auro et argento confectis praeter modum sese effert feminarum elegantia, cum monilibus, armillis, cingulis, inauribus aliisque multis pretiosissimis operibus corpora decorare soleant. Ad quae gemmas, siue margaritas, de quibus dixi, adiungunt incredibilis prope pretii, inter quas nos ipsi nonnullas nomine adamantes berillosque conspeximus, qui cum essent exigua quadam magnitudine, quattuor tamen, uel sex, immo decem, ac uiginti aureorum millibus constare dicebantur. Vt autem huiusmodi gemmarum pretium facilius intelligatis, uno tantum exemplo ero contentus. Cum clarissimus Allobrogum dux, idemque Taurinensis princeps minorem filiam Philippi Hispaniae regis uxorem duceret, dum adhuc in Europa moraremur, ad sponsam quinque tantum opera aurea gemmis ornata misit, quae quingentis aureorum millibus steterant, praeter alia multa, quae regi regisque filiis, aliisque regni optimatibus dono dedit. Ex quo munere cognoscere potestis quae sit Europaearum diuitiarum opulentia.

LINVS — Mira sane sunt ista quae de gemmis et margaritis earumque pretio narras, adeo ut mihi sane stultum propemodum ac temerarium uideatur tanti tam paruos lapillos emere.

MIGUEL — Evidentemente, se o preço dessas pedras e pérolas não fosse corrente na Europa e grande parte da Ásia e da África, seria inteiramente irracional comprar coisas tão pequenas por tanto dinheiro. Mas, como eu disse, sendo esse preço vulgaríssimo em quase todo o mundo, não há ninguém que duvide do valor destas pedras preciosas. Acresce que a razão deste facto nos é dada pela própria natureza. Exibindo as gemas um esplendor e brilho extraordinários, de tal forma que algumas cintilam com longa duração e muitas delas possuem uma força admirável para afastar as doenças ou para outros remédios da vida humana, daí resulta que não é de admirar se são tidas em tão grande conta pelos europeus e pelos outros homens. Assim acontece que, se quisermos considerar as nossas coisas, [94] é muito mais de admirar que obras nossas feitas de barro, argila e ferro, como são escudelas, tripés e aquelas vasilhas de que usamos para misturar e servir a água quente à nossa maneira, chamadas chanoyu, sejam tão apreciadas pelos nossos homens que aquelas que são celebradas, ou pela antiguidade ou por outras razões se compram por quatro, seis, dez e quinze mil cruzados. O mesmo pode julgar-se de algumas folhas ou pedaços de papel nos quais está pintada uma única árvore ou ave ou qualquer coisa semelhante, de uma só cor. Observando tudo isto, os homens europeus não podem deixar de sentir admiração de como são coisas preciosas para nós, visto que nem a matéria nem a execução do artista, nem qualquer outra coisa existe, interna ou externa, que possa igualar a grandeza do preço. Resta, portanto, que deixemos isto tudo ao variado juízo das nações e suas várias opiniões, para quem é livre e justo seguir a sua sensibilidade e gosto e conservar o seu costume. Se, todavia, atendendo à natureza das coisas, e não às opiniões de nações e povos, tivermos de fazer um juízo, não há dúvida de que as pedras preciosas devem ser tidas em grande preço, por causa daquele seu esplendor e fulgor, depois, pela sua duração, em seguida, pelo poder variado que contêm dentro de si, útil á vida humana, finalmente, pelo comum consenso de tantas nações, que é difícil que elas estejam enganadas. Ao passo que os nossos objectos de barro ou ferro em parte alguma costumam ser tidos em tanta conta, senão no nosso Japão. Ora o juízo de uma só nação facilmente pode admitir-se que seja erróneo, o de muitas, porém, que está certo.

LEÃO — Admitindo embora que assim seja, se eu pudesse escolher, preferiria as nossas coisas quaisquer que fossem, mesmo objectos de barro, às pedras preciosas e pérolas desse outro mundo.

MIGUEL — Dizes bem, se apenas no Japão tivesse que exercer-se a permuta ou compra ou venda. Mas dando os portugueses grande importância a essas pedras, se esta nossa região nelas abundasse, vendendo-as, seria fácil comprar muitos dos nossos vasos.

LEÃO — Vê-se que os portugueses ignoram o valor destes artefactos e a sua superioridade e por isso deixemos a cada nação o seu juízo. Tu, porém, dize-nos se essas pedras são em grande número.

MIGUEL — Há muitas sem dúvida na Europa, região celebérrima do mundo, para a qual são levadas da África e da Ásia as coisas mais preciosas, e nós vimos

MICHAEL — Equidem si pretium illud margaritarum et unionum non esset ita per Europam, et magnam Asiae atque Africae partem in more positum, alienum prorsus a ratione esset res tam exiguas tanto pretio comparari. Verum cum hoc pretium, ut dixi, sit iam in toto fere orbe uulgatissimum, nemo est qui de huiusmodi gemmarum aestimatione dubitet. Accedit quod a natura ipsa huius rei ratio petita esse uidetur: cum gemmae mirum quemdam splendorem, ac nitorem prae se ferant. Adeo, ut aliquae longo admodum interuallo luceant, et multae ex illis admirabilem uim ad morbos depellendos, uel ad alia humanae uitae remedia habeant, unde sequitur ut non sit mirum, si ab Europaeis, atque aliis hominibus tanti fiant. Quo fit ut si nostra considerare [94] uelimus, multo admirabilius sit opera nostra ex luto, argilla et ferro confecta, quales sunt scutellae, tripodes et illae testae quibus utimur ad aquam calidam nostro more condiendam et propinandam nomine chanoyu, a nostris hominibus tanti fieri, ut ea, quae uel propter uetustatem, uel propter cetera sunt celebrata, duobus, quattuor, sex, decem, et quindecim aureorum millibus emantur. Idem iudicari potest de quibusdam chartis, siue papyraceis tabellis, in quibus unica arbor, uel auis, uel quiduis simile ex solo atramento depictum est. Quae omnia quam pretiosa sint apud nos, Europaei homines considerantes, non possunt non in admirationem adduci, cum nec materia, nec artificis manus, nec quicquam aliud sit, siue interius, siue externum, quod pretii magnitudinem aequare possit. Superest igitur, ut haec omnia ad nationum uaria iudicia uariasque sententias referamus, quibus suum sequi sensum atque arbitrium, suamque consuetudinem seruare, integrum ac liberum est. Si tamen spectata rerum natura, et non nationum ac gentium opinionibus, iudicium faciendum sit non est dubium quin gemmae magni fieri debeant propter splendorem illum, ac fulgorem, deinde perdurandi diuturnitatem, praeterea uariam insitam uim humanae uitae ualde conducentem, denique tam multarum nationum communem consensum, quas falli, uix credibile est. At uero nostra opera lutea, uel ferrea nullo in loco tanti aestimari solent, praeterquam in nostra Iaponia. Vnius autem tantum gentis iudicium facile credi potest decipi, plurium uero certum esse.

LEO — Tametsi ista ita se habeant, si mihi tamen detur optio, potius uelim nostra quaecumque, etiam figlina opera, quam gemmas, aut uniones istius alterius orbis.

MICHAEL — Recte ais, si tantum in Iaponia earum rerum permutatio, aut emptio, siue uenditio exercenda esset. Verum cum Lusitani huiusmodi lapillos magnifaciant, si nostra haec regio eorum esset ferax, illis uenditis facile multa ex nostris uasculis comparare liceret.

LEO — Ignorant uidelicet Lusitani horum operum pretium et praestantiam, quapropter sua cuique nationi relinquatur opinio. Tu autem expone, an isti lapilli in magno aliquo sint numero?

MICHAEL — Multa sane sunt in Europa, ad quam celeberrimam mundi plagam ex Africa atque Asia pretiosissimae res comportantur, nosque ex illis summi pretii

na Europa objectos do mais elevado preço, feitos delas. Mas ponhamos fim a esta matéria do vestuário europeu [95]. Pelos que nós trouxemos, de pano tão diverso, de seda, e de cor junta com o ouro, facilmente podeis conjecturar como são os restantes.

LINO — Sem dúvida, pelo que respeita às vossas vestes, admirámos a variedade, preço e artifício de todas elas, nem de outra maneira podia acontecer que nós conhecêssemos o modo de vestir da Europa e a sua magnificência, sem os como que sinais que nos trouxestes.

MIGUEL — E quando ouvirdes falar dos ornamentos dos cavalos e da maneira de cavalgar? Esta matéria, porque é muito da nossa simpatia de japoneses, deixo-a para amanhã, quando falarei também dos criados e do modo de servir na Europa, se entretanto primeiro concluir o presente colóquio, deixando esta noite de permeio, e eu puder dedicar algum tempo ao repouso.

LEÃO — De acordo.

opera confecta sumus in Europa intuiti. Sed ut huic materiae de uestibus Europaeis [95] finem imponamus, ex iis quae a nobis allatae sunt, tam uarii generis panni, serici, et coloris auro coniuncti facile de reliquis coniecturam facere potestis.

LINVS — Equidem quod ad uestras uestes attinet, omnes earum uarietatem, pretium, artificium sumus demirati, nec aliter fieri poterat, ut Europaeae uestis rationem magnificentiamque pernosceremus, nisi his uelut signis ad nos perlatis.

MICHAEL — Quid cum de equorum ornamentis equitandique ratione audieritis? Quam materiam, quoniam nobis Iaponensibus iucundissima est, in sequentem diem reseruo, de famulatu, ministrandique modo in Europa usurpato etiam dicturus, si tamen prius nox haec interposita finem huic colloquio faciat, et tempus aliquod quieti impertire liceat.

LEO — Placet.

COLÓQUIO DÉCIMO
Sobre a multidão e aparato dos servidores de que fazem uso os príncipes europeus, dentro e fora de casa.

LEÃO — De tal maneira, na conversa de ontem sobre as práticas de vida dos europeus nos deleitámos, que com o maior interesse nos apresentamos hoje ao colóquio sobre o aparato da criadagem.

MIGUEL — Eu sei como é pesada e difícil a tarefa que assumi, de vos explicar por miúdo as coisas europeias. Mas uma vez assumido o encargo, não posso recusá-lo. Por isso, antes de prosseguir, há que observar o seguinte, que a criadagem na Europa é fixa e estável, desempenhando criados e servidores tarefas determinadas e não mudando facilmente de lugar ou posição, como costuma acontecer no nosso Japão. Com efeito, os que servem os nossos yacatas ou outros principais, nem estão sempre no mesmo lugar, nem vivem à custa dos príncipes, nem finalmente [96] têm funções administrativas firmes, mas todos eles, movendo-se de certo modo em círculo, ocupam-se da administração, ora estes ora aqueles, e sucedem-se continuamente uns aos outros.

Entre os europeus o costume é muito diferente: ninguém está no campo ou na sujeição de qualquer titular, não são obrigados por lei alguma a prestar-lhe serviço de criados, mas apenas a pagar o costumado censo. Daí acontece que os próprios magnates, ou nos seus palácios ou ali perto, sempre têm criados para os servirem, ou contratados por dinheiro ou obrigados pela esperança de algum benefício maior.

Desta situação seguem-se duas vantagens. A primeira é que a casa do príncipe ou titular nunca está vazia de servidores palacianos, mas cheia, e todos estão sempre prontos a cumprir as suas funções. A segunda é que, entre senhores e criados há uma espécie de mútuo e extraordinário amor, visto que os criados, geralmente, são educados a dentro das paredes privadas dos senhores, desde a mais tenra idade, e não podem deixar de ser amados pelos senhores, como se estes fossem pais, e eles, por sua vez, de retribuir o amor como a seus pais. Por isso, servem-nos com o maior amor e boa vontade e deles recebem não pequena paga do seu trabalho. Daqui podeis concluir quanta é a sua diligência em servir, qual a sua assiduidade em prestar assistência ou qual a sua prática em cada coisa.

De famulorum multitudine et apparatu quo Europaei principes utuntur domi forisque. COLLOQVIVM DECIMVM.

LEO — Adeo hesterno sermone de Europaeo cultu atque habitu oblectati sumus, ut ad hodiernum colloquium de famulari apparatu habendum ardenti studio accedamus.

MICHAEL — Scio quam grauem difficilemque prouinciam susceperim explicandi uobis minutissima quaeque de Europaeis rebus, sed susceptum semel onus non existimo recusandum. Ideoque, ut ulterius progrediar, illud in primis animaduertendum est, Europaeum famulatum fixum esse ac stabilem, famulis et administris certo munere fungentibus, nec facile locum ac uelut stationem suam mutantibus, ut in nostra Iaponia usu uenire solet. Qui enim nostris yacattis, aut aliis principibus ministrant, nec in eodem semper loco sunt, nec principum annona aluntur, nec denique [96] firmum habent ministrandi munus, sed omnes in gyrum quodammodo uoluti nunc ii, nunc illi ministrandi negotium sustinent, aliique aliis continenter succedunt.

Inter Europaeos uero longe alia est consuetudo: non enim quicumque in finibus aut dicione alicuius dynastae sunt, famulatum illi praestandi lege aliqua tenentur, sed tantum solitos census persoluendi. Vnde fit ut ipsi optimates in palatiis ipsis, uel finitimis locis famulos ad seruiendum destinatos, uel mercede conductos, uel spe maioris alicuius beneficii obligatos semper habeant.

Qua ex re duo commoda sequuntur. Prius est, domum principis aut dynastae nunquam esse aulicis uiris uacuam, sed refertam, omnesque ad suum obeundum munus semper esse paratos. Alterum uero est, inter dominos famulosque mutuum esse quendam atque incredibilem amorem, cum enim famuli plerique ab ineunte aetate intra dominorum priuatos parietes educentur, non possunt non a dominis ut a parentibus diligi, eosque rursus ut parentes redamare. Quapropter ipsis cum summo amore beneuolentiaque obsequuntur, et ab eisdem non paruum laboris sui pretium recipiunt. Vnde colligere potestis quanta sit eorum in ministrando diligentia, quae in assistendo assiduitas, quaeue in singulis rebus exercitatio.

E não deve pensar-se que estes criados nasceram de família obscura e baixa, mas de acordo com a variedade dos senhores, assim também a graduação dos criados que os servem, e os varões principais e supremos magnates não têm senão nobres na sua criadagem. E além destes está sempre prestes a companhia de guardas e acompanhantes, com cujo séquito saem à rua com o maior aparato.

LINO — Temem, por ventura, a traição de algum émulo, e por isso, usando esta guarda, se acautelam de um perigo iminente?

MIGUEL — De forma nenhuma assim procedem, por esse motivo, pelo contrário vivem sem qualquer suspeita de traição, mas observam um antigo hábito, iniciado já há muitos anos, e não só os reis assim procedem, mas os vice-reis e os governadores das fortalezas e os supremos comandantes navais. Com efeito, todos estes sempre usam da companhia de guardas, para mostrar figura e importância. E nesta questão, e em outras respeitantes à criadagem, mal posso explicar-vos a pompa e fasto dos homens europeus.

LEÃO — Muito me apraz este processo dos servidores, mas gostaria de saber se também celebram os seus banquetes e que rito neles usam.

MIGUEL — Para que introduzes a conversa sobre os [97] banquetes, quando tal assunto pede justamente um colóquio inteiro? Se nos ocupamos das refeições e dos pratos, são todos opíparos, lautos e requintados, confeccionados com condimentos diversos, além disso em tão grande quantidade que os homens principais parecem frequentar assiduamente banquetes, os quais, geralmente, mesmo quando particulares, são tão magníficos e preciosos, que custam quatrocentos, quinhentos e ainda mais cruzados. Isto para não falar de outros celebrados pública e solenemente, principalmente em ocasião de núpcias ou outra semelhante, cujos custos dificilmente podem ser calculados. Costumam os príncipes convidar outros da mesma categoria para estes banquetes, porque, quanto aos reis, e os que não têm igual, em situação e jurisdição, costumam sentar-se à mesa sozinhos, enquanto os outros assistem.

Pelo que respeita ao recheio dos bufetes, é extraordinário o número de vasos simples e cinzelados de que estão repletos. A estes junta pratos, escudelas, taças, copos e outros vasos em número quase infinito para uso da mesa, todos eles feitos de ouro ou de prata e cinzelados com obra extraordinária. A própria bacia em que eles costumam ser lavados, vimos algumas vezes que era feita de prata. Uma coisa, entretanto, é comum entre os nobres de todas as categorias, a saber, que todos têm pelo menos as galhetas e bacias para lavar as mãos, juntamente com as colheres, garfos, saleiros, castiçais e outros instrumentos semelhantes, feitos de prata. Finalmente, é tão grande a abundância de ouro e de prata na Europa, que merecidamente nos causou admiração quer a sua grande quantidade, quer a magnificência do seu uso e como que profusão.

LEÃO — A nós também a tua descrição nos enche de espanto, porque vemos que os portugueses que aqui chegam para mercadejar, na maneira de viver e de servir-se, se apresentam de modo muito diferente. Com efeito, à sua mesa não parecem observar a prática da limpeza, não fazem qualquer selecção dos alimentos,

Nec uero existimandum est huiusmodi famulos obscuro et abiecto loco natos esse, sed iuxta dominorum uarietatem, sic etiam famulantium ministrorum esse gradus, principesque uiros et supremos magnates non nisi homines nobiles in suo famulatu habere. Praeter hos autem satellitum, et stipatorum custodia semper adest, qua comitati cum summo ornatu in publicum prodeunt.

LINVS — Timent fortasse alicuius aemuli proditionem, ob quam custodia ista sibi adhibita imminenti periculo prospiciunt?

MICHAEL — Neutiquam ista de causa id faciunt, immo uero sine ulla proditionis suspicione uiuunt, sed antiquam consuetudinem iam a multis annis introductam obseruant, nec solum reges id faciunt, sed proreges et arcium duces, siue supremi nauarchi. Hi enim omnes satellitum custodia causa ornatus ac maiestatis ostendendae semper utuntur. Qua in re atque aliis ad famulatum attinentibus uix possum uobis Europaeorum hominum pompam ac fastum explicare.

LEO — Valde mihi iste ministrorum ordo probatur, sed scire cupio an etiam sua celebrent conuiuia, et quo ritu illis utantur?

MICHAEL — Quorsum sermonem de conuiuiis infers? cum materia [97] ista integrum sibi colloquium iure postulet. Si enim de dapibus ac ferculis agimus, sunt omnia opipara, lauta atque exquisita, uariisque condimentis confecta, tanta praeterea multitudine, ut principes uiri assidue conuiuia inire uideantur, quae plerumque etiam priuata adeo sunt magnifica et pretiosa, ut quadringentis, quingentis, et eo pluribus aureis constent; ut alia publica et solemnius inita omittam, praesertim quae nuptiarum tempore, uel alio simili celebrantur, quorum sumptus difficile aestimari possunt. Solent autem principes alios sibi aequales ad huiusmodi conuiuia inuitare, nam reges ipsi, et qui parem in eodem loco ac iurisdictione non habent, soli, ceteris astantibus, accumbere consuescunt.

Quod uero attinet ad abacorum ornatum, mirum est quibus uasis toreumatisque sint referti. His adde lances, scutellas, scyphos, pocula, et alia propemodum infinita uascula ad mensae usum, quae omnia ex auro, uel argento miro opere caelata, conficiuntur. Immo et peluim, qua haec ablui solent, ex argento conflatam aliquando uidimus. Illud tamen inter cuiusque ordinis nobiles commune est, ut saltem guttos pollubruaque ad abluendas manus simul cum coclearibus, fuscinulis, salinis, lychnuchis, similibusque aliis instrumentis ex argento factis habeant. Denique tanta est auri argentique copia in Europa, ut merito admirationem nobis mouerit tum abundantia, tum etiam in consumendo magnificentia et uelut profusio.

LEO — Nos etiam tua narratio in admirationem traducit, cum Lusitanos huc mercaturae causa uenientes, in uictu et ministrandi usu, longe aliter se habere uideamus. Nec enim in suis mensis munditiae normam seruare uidentur, nullum ciborum delectum habentes, sed passim bubula, suilla, aliisque similibus carnibus,

mas comem a cada passo carne de vaca, de porco e outras carnes semelhantes de que sentimos repugnância, e não lhes tocam com paus mas de modo feio com as próprias mãos, exibindo ainda outras práticas do mesmo género que desagradam à nossa natureza e costumes.

Além disso, vemos que os servem à mesa etíopes ou outros homens de cor preta que parecem alheios a todas as práticas de civilização. Tu, pelo contrário, exaltas a suprema limpeza e o sumo requinte da Europa com palavras tais que nada pode superar.

MIGUEL — Não é de admirar se os nossos japoneses estão possuídos dessa opinião que formaram, por não terem saído ainda do Japão. E não lhes faltam causas que os levam justificadamente a pensar assim. Conhecendo, na verdade, apenas aqueles que até aqui chegam [98], por eles julgam os outros e medem todos pela mesma bitola, o que está muito longe da verdade.

A verdade é que os homens que vêm ao Japão, se exceptuarmos os comandantes dos navios e alguns mercadores, são geralmente agentes dos mercadores que, não estando habituados a uma conduta mais educada, facilmente caem em algumas culpas e erros de falta de educação. Acresce que, transportados até nós nos seus navios, não podem tão convenientemente trazer consigo aqueles objectos de que fazem uso em suas casas e olham mais à necessidade, do que aos pátrios costumes e à boa educação. E assim sendo, ainda há que admirar que estes homens se comportem com tanta largueza nas despesas que fazem, que parecem dar nenhuma importância ao dinheiro. E não há dúvidas de que em suas casas eles se conduzem com mais limpeza e urbanidade. E pelo que concerne aos alimentos de que se servem, cujos sabor e odor nos desagradam, o mesmo se passa com os portugueses em relação aos nossos próprios alimentos. Portanto, nesta matéria, nada pode levar-se à conta de erro, mas tudo deve atribuir-se a uso e costume.

Se todavia desviarmos os olhos dos costumes, e os voltarmos para a própria natureza, estou convencido de que os alimentos europeus são muito mais convenientes para sustentar a natureza e mais delicados para satisfazer a gula, visto que são confeccionados ora de diversas carnes de aves de capoeira, de animais selvagens, de aves tomadas na caça, ora de peixes cuidadosamente escolhidos, e todos estes alimentos maravilhosamente condimentados, além de uma admirável variedade de sobremesas. Mas, para resumir numa palavra toda esta questão dos alimentos, estou convicto de que a alimentação japonesa é acomodada ao nosso pobre e magro solo, ao passo que a europeia é própria duma terra fértil e fecunda. E assim se resolve toda esta controvérsia sobre a alimentação.

LEÃO — Não deixarei de admitir que os nossos alimentos são menos caros, mas que sejam inferiores em sabor, isso inteiramente nego.

MIGUEL — Se tu admites que o preço dos outros é maior, não nos resta quase dúvida sobre o sabor, uma vez que toda a avaliação depende do uso e costume, o qual, de acordo com o conhecido provérbio, é uma segunda natureza. Pelo que respeita ao que atrás disseste, que os portugueses tocam com as mãos as carnes e

a quibus nos abhorremus, uescentes, easdemque non paxillis, sed propriis manibus foede contrectantes, aliaque huius generis praestantes quae nostra refugit natura et consuetudo. Praeterea uidemus, ipsis ad mensam ministrantes quosdam Aethiopes, uel alios nigro colore homines, qui ab omni humanitatis cultu uidentur alieni. Tu autem Europae summam munditiam, summumque ornatum ita uerbis extollis, ut nihil supra.

MICHAEL — Non est mirum, si eam opinionem mente conceptam habeant nostri Iaponenses qui nondum e Iaponia sunt egressi. Nec desunt causae quibus non immerito in istam sententiam impellantur. Cum enim solos eos nouerint qui huc usque adueniunt, [98] ex ipsis de ceteris iudicium faciunt, omnes eadem regula metiuntur, quod tamen a uero multum aberrat.

Nam homines hi, qui in Iaponiam ueniunt, praeter nauarchos et paucos mercatores, ut plurimum mercatorum sunt actores, qui cum non ita politiori cultui sint assuefacti, facile in aliquas inurbanitatis culpas et errores incidunt. Accedit quod hi nauibus huc ad nos uecti non possunt ea secum tam commode exportare, quae in propriis domiciliis usurpare solent, et potius necessitati, quam patriae consuetudini et urbanitati seruiunt. Quae cum ita sint, adhuc mirandum est huiusmodi homines tam magnifice se in sumptibus faciendis gerere, ita ut argentum nihili facere uideantur, quos in propriis domiciliis lautius et urbanius se habere, non dubium est. Quod uero attinet ad cibos quibus uescuntur, quorum saporem odoremque nos auersamur, pari ratione Lusitani nostrorum ciborum modum admirantur. Nihil ergo hac in re uitio uerti potest, sed totum usui et consuetudini tribuendum.

Si tamen a consuetudine oculos auertamus, et in ipsam naturam eos coniiciamus, profecto mihi persuadeo Europaeos cibos multo ad naturam sustentandam esse aptiores, et ad gulae satis faciendum delicatiores, cum modo ex uariis carnibus altilium, ferarum, auium aucupio captarum, modo ex piscibus diligenter conquisitis, iisque omnibus mirifice conditis, conficiantur adhibita bellariorum admirabili uarietate. Sed, ut uno uerbo totam ciborum rationem complectar, in animum prorsus induco Iaponicos cibos esse exiguo ac macro solo nostro accommodatos, Europaeos uero fertili atque fecundae terrae idoneos, atque ita totam de cibis controuersiam dirimi.

LEO — Non diffitebor nostros cibos minus esse pretiosos; sapore autem inferiores esse, omnino infitior[18].

MICHAEL — Cum pretium illorum maius fatearis, de sapore nulla fere relinquitur dubitatio, cum tota eius ratio ex usu et consuetudine pendeat, quae communi

[18] infitior] inficior *ed. 1590*

as restantes iguarias, também observámos que na Europa isso não costuma ser a prática entre a gente mais educada, mas que têm por hábito pegar nos cozinhados com garfos e colheres de prata, além de que os portugueses, se por acaso tocam as carnes com a mão, são dignos de desculpa, porque usam toalhas e guardanapos e, ao sentarem-se à mesa e ao levantarem-se, lavam as mãos e secam-nas com panos e não suportam que fique qualquer vestígio [99] de mau cheiro.

Quanto a tocarem as carnes com as mãos, essa prática parece resultar da vida militar, que é comum na Índia, vida na qual não se olha tanto às boas maneiras como à rapidez e à necessidade. Finalmente, para alguma coisa dizer dos criados, estes, que são trazidos até nós, são escravos obtidos por dinheiro ou por qualquer outro direito, na Índia ou noutros países fora da Europa. Mas aqueles de que se servem na Europa, são livres e educados liberal e cortesmente. Por isso, é justo que penseis, a partir de agora, que os portugueses são muito dados às boas maneiras.

LEÃO — Esforçar-nos-emos por abandonar a opinião até agora concebida a respeito deles e por admitir outra de longe melhor. Mas já que falaste da criadagem, estou interessadíssimo em que digas alguma coisa sobre o modo de cavalgar.

MIGUEL — Pelo que diz respeito aos cavalos, mal pode dizer-se qual é e quão elegante a forma dos cavalos, quanta a sua agilidade na corrida e em cada movimento do corpo, a sua natureza pronta a obedecer ao freio e às esporas. Acresce ainda a prática e a teoria em que são educados, graças às quais, governando o cavaleiro o freio com uma só mão, é extraordinário como se deixam facilmente dirigir e são conduzidos como que em círculo. E não julgueis que há qualquer hipérbole no que digo: nós vimos com os nossos olhos os cavalos fechados em círculo, e a uma ordem moverem-se em roda, realizando tais circunferências e tais circuitos em que se não afastavam a largura duma unha da meta marcada, coisa que, se não tivéssemos visto diante de nós, dificilmente teríamos acreditado. E não costumam apenas correr, mas trotar de vez em quando, às vezes saltar, e empregar outros vários movimentos que manifestamente revelam como estão bem treinados em tudo o que pertence ao domínio do cavalo.

E que dizer das fáleras e ornamentos dos cavalos? Tanto os peitorais como os atafais, as cintas, as albardas e todos os restantes ornamentos dos cavalos abundam em seda e ouro, e eles não são menos decorados do que os corpos dos donos. E neste capítulo não pouco admiráveis são os arreios equestres que o ilustríssimo rei de Portugal, Sebastião, mandou fazer e custaram quinhentos mil cruzados.

LEÃO — Decerto, quer tudo o mais que tu disseste, quer principalmente o que aos cavalos pertence, enche-nos de admiração, e agradar-nos-ia não ouvir somente, mas ter visto com os olhos. Dando nós tanta importância à arte de cavalgar, nunca até hoje pudemos alcançar a arte de conduzir os nossos cavalos com uma só mão, apesar de tu afirmares que ela é comum. Donde eu concluo que na Europa também se pode combater a cavalo [100] com o inimigo.

prouerbio est altera natura. Quod autem pertinet ad id quod superius dixisti, Lusitanos carnes et reliquas dapes manibus contrectare, illud etiam obseruauimus in Europa non ita inter politiores solitum fieri, sed fuscinulis et coclearibus argenteis fercula solere capi, praeterquam quod Lusitani, si interdum carnes manu contingant, uenia digni sint, quod toralibus mappisque utantur, et accumbentes assurgentesque manus abluant, et mantilibus extergant, nec ullum mali odoris [99] uestigium reliquum esse patiantur.

Quod uero carnes manibus contrectent, e militari uita, quae in India communis est, sumptum uidetur, in qua non tam urbanitati, quam celeritati ac necessitati consulitur. Denique, ut aliquid de famulis dicam, hi, qui ad nos adducuntur, serui sunt pretio, uel alio iure ex India, uel aliis regnis extra Europam comparati. Illi uero, quibus in Europa utuntur, liberi sunt, et ingenue atque urbaniter educati. Quapropter aequum est ut Lusitanos urbanitati deditissimos esse post hac censeatis.

LEO — Curabimus ut opinionem hactenus de ipsis conceptam deponamus, aliamque longe meliorem in animos inducamus. Sed quoniam de famulatu dixisti, de equitandi ratione aliquid dicas, uehementer studeo.

MICHAEL — Quod ad equos attinet, uix dici potest quae sit quamque elegans equorum forma, quanta in currendo agilitas, et in singulis motibus corporis prompta ad obtemperandum freno et calcaribus natura. Accedit etiam usus et doctrina, qua exculti equite una tantum manu frenum moderante, mirum est quam facile gubernentur, et in gyrum ueluti flectantur. Nec per hyperbolem id a me dictum putetis: nos enim ipsi uidimus equos circulo conclusos, iussosque circumuolui, eos conficientes gyros easque circuitiones, ut ne latum quidem unguem, metam sibi praefixam transgrederentur, quod nisi oculis uidissemus, creditu difficillimum nobis fuisset. Nec uero solum currere et in orbem uolui solent, sed succussare interdum, nonnunquam salire, et aliis uariis motibus uti, qui quantopere ad omne equitis imperium condocefiant, manifeste ostendunt.

Quid de equorum phaleris, et ornamentis dicam? cum tam antilenae eorum, quam postilenae, cingulae, ephippia, et reliqua omnia corporum ornamenta serico atque auro abundent, nec minus quam ipsorum dominorum corpora decorentur. Qua in re non parum admirabile exstitit equestre ornamentum quod Sebastianus clarissimus Lusitaniae rex confici iussit, et quingentis millibus aureorum stetit.

LEO — Equidem cum cetera omnia a te dicta, tum praesertim quae ad equos pertinent, nos admiratione afficiunt, et non audire tantum, sed uidisse oculis iuuaret. Cum enim nos tantopere artem equitandi profiteamur, nunquam hactenus nostros equos una manu moderandi rationem assequi potuimus, quam tamen communem esse affirmas. Vnde colligo etiam in Europa ex equo pugnam [100] iniri posse cum hoste.

MIGUEL — E concluis bem, porque nos combates se dá grande importância aos cavaleiros que são extraordinariamente expeditos em combater e em cavalgar. Com efeito, é possível ver um cavaleiro desembaraçado num cavalo velocíssimo, segurando numa mão a espada ou a lança, na outra o escudo, e com a mesma mão dirigindo as rédeas com tanta rapidez e liberdade de movimentos, que o cavalo, a um sinal do cavaleiro, corre, salta, pára, volta a correr e faz outros movimentos necessários, por tal forma que, para um homem dado à arte militar e equestre, eu penso que nada há de mais agradável do que observar os cavaleiros europeus, cavalgando ou exercitando-se num combate fingido.

LEÃO — Sou inteiramente da mesma opinião. Que há na verdade de mais agradável para um cavaleiro do que ver e possuir cavalos velozes, expeditos na corrida, bem obedientes ao freio, e prontos a tudo o necessário à arte de cavalgar? Mas isto, como disse, só visto com os próprios olhos.

MIGUEL — Não pode negar-se que essa presença que desejas, em grande parte foi suprida pela vista de dois cavalos que nós próprios conseguimos que o padre visitador trouxesse, depois de muitos rogos nossos. E embora muitos tivessem sido de opinião que não podia conseguir-se que a tão remotas terras pudessem ser transportados de navio, por causa das muitas e variadas dificuldades que se ofereciam, todavia a todas elas venceu a vontade do padre visitador, favorável ao nosso Japão e a todos nós. E estes cavalos, embora não sejam europeus, mas árabes, que não podem de modo algum comparar-se com os europeus, em muitas coisas, porém, tanto eles como os seus ornamentos, muito bem elaborados, podem mostrar, ao menos em parte, aquilo que atrás eu disse dos cavalos europeus e do seu aparato.

LINO — Confesso que assim é. Se não tivéssemos visto estes cavalos trazidos da Índia, mal poderíamos conceber a robustez dos cavalos europeus e o seu treino singular em correr e em lutar. Mas ocorrem-me duas perguntas: uma é, qual a causa por que os ornamentos destes cavalos são tão variados? A outra, como é que são adaptadas aos seus pés as ferraduras que, apesar de fixas com pregos, são construídas por tal forma que não prejudicam a saúde dos cavalos nem a velocidade dos seus pés?

MIGUEL — No que diz respeito à variedade dos ornamentos, ela tem origem na diversa maneira de cavalgar. Com efeito, os europeus costumam usar duas maneiras de cavalgar, uma a que chamam de estribos, de rédeas curtas e expeditas para correr; outra, de rédeas soltas e acomodadas ao passeio. E para qualquer dos estilos, quer de corrida, quer de passeio, adaptam arreios e restantes ornamentos dos cavalos, ao passo que nós sempre [101] usamos o mesmo género. Não é, portanto, de estranhar se na Europa o modo de arrear os cavalos é diferente daquele que vemos seguir entre nós.

Quanto às ferraduras que admiraste, a tua admiração provém da falta de hábito e da novidade. Realmente, na Europa para que os cavalos possam pisar com mais firmeza e as solas durar por mais tempo em frequente corrida, costumam ser habilmente feitas de ferro e adaptadas aos seus pés. E não lhes incomodam os pés, porque aqueles

MICHAEL — Recte colligis, in proeliis namque magna ratio habetur equitum qui quidem mira expeditione in pugnando et equitando utuntur. Videre namque est equitem equo uelocissimo expeditum altera manu uel gladium uel hastam gestantem, altera uero parmam, eademque habenas moderantem tam celeriter et expedite, ut ad nutum sessoris equus currat, assiliat, consistat, recurrat, aliosque necessarios motus ostendat, adeo, ut nihil homini equestri ac militari arti dedito iucundius existimem, quam equites Europaeos equitantes et ludicra pugna se exercentes conspicere.

LEO — Idem prorsus censeo. Quid enim equiti iucundius, quam uidere et habere ueloces equos ad cursum expeditos, freno bene parentes, reliquaque ad equitandi rationem necessaria praestantes? Sed haec, ut dixi, oculis uideri debuissent.

MICHAEL — Negari non potest istam praesentiam, quam optas, magna ex parte suppletam esse aspectu duorum equorum quos nos ipsi, ut pater uisitator afferret, multis precibus impetrauimus. Et quamuis multis fieri non posse uisum fuerit ut in tam remotas terras naui ueherentur propter multas ac uarias difficultates, quae sese offerebant, eas tamem omnes uicit patris uisitatoris propensa admodum in Iaponiam nostram nosque omnes uoluntas. Qui quidem equi etsi non sunt Europaei, sed Arabici, nequaquam cum Europaeis conferendi, in multis tamen rebus tam ipsi, quam eorum ornamenta optime composita ostendere possunt aliqua ex parte, quae de Europaeis equis, et eorum apparatu superius dixi.

LINVS — Fateor id ita esse. Nisi enim istos ex India allatos equos uidissemus, uix concipere possemus Europaeorum equorum robur, et in currendo, ac in pugnando singularem exercitationem. Sed duo mihi occurrunt roganda: unum est, quae sit causa quare ornamenta istorum equorum sint tam uaria? alterum est, quomodo eorum pedibus soleae ferreae substernantur, quae clauis affixis ita muniuntur, ut tamen equorum saluti, pedumque celeritati non officiant?

MICHAEL — Quod attinet ad ornamentorum uarietatem, ea ex equitandi etiam diuerso genere originem habet. Solent enim Europaei duplici specie equitandi uti: altera stapedum, ut uocant, loris contractis et ad currendum expeditis; altera uero, loris productis et ad deambulandum accommodatis. Vnicuique autem modo siue currendi siue deambulandi ephippia et reliqua equorum ornamenta aptant, cum nos [101] semper eodem genere utamur. Non est igitur mirum, si in Europa alius sit ornandi equos modus ab eo, quem apud nostros obseruari uidemus.

Quod uero miratus es soleas ferreas, id etiam ex desuetudine et insolentia prouenit. In Europa namque ut equi fortius uestigium imprimant, et diutius in frequenti cursu soleae perdurare possint, ex ferro fabrefactae eorum pedibus affigi solent. Nec uero id pedibus nocet, nam clauiculi illi, quibus huiusmodi soleae figuntur, nequaquam

pregos miúdos com que estas solas são adaptadas aos pés, não ferem a carne mas só perfuram a cartilagem que é desprovida de sensibilidade. E deste modo sem dor e sem sangue é-lhes aplicada esta espécie de calçado, graças ao qual eles poderão correr melhor por diversos terrenos, mesmo por montes e bosques. Junte-se a isto a maravilhosa perícia dos artífices europeus na realização deste serviço, enquanto nós, ignorantes, não podemos reforçar os pés dos cavalos senão com solas, feitas de palha. Mas podem os europeus que conhecem perfeitamente os costumes uns dos outros e aprendem com a maior satisfação as artes e inventos uns dos outros e não se envergonham de mutuamente receberem alguma coisa uns dos outros. E este é o mal que acima de tudo domina na nossa nação que, para além do que ela própria descobre, de certo modo se envergonha de receber de empréstimo seja o que for dos outros povos.

LEÃO — Tocaste muito bem, como natural e da casa, o vício do nosso povo. Mas explica-nos como as senhoras nobres viajam, pois não é crível que elas façam a pé longas viagens.

MIGUEL — Tens razão. Os homens europeus, embora detenham o domínio da administração de toda a família, todavia dão grande importância a suas esposas e procuram diligentemente o seu ornato e aparato. Portanto, as mulheres nobres não andam a pé fora de casa, mas são transportadas ou em cadeiras convenientíssimas ou em liteiras, às vezes também em cavalos ou mulas, com o dorso dos animais albardado de coxins. Frequentemente, todavia, costumam usar de coches. São estes coches como que casinhas de madeira, cobertas de um tecto à maneira de abóbada, nos quais entram as mulheres nobres que deitadas ou sentadas em almofadas fazem a sua viagem. Estas carruagens costumam ser puxadas por bigas e quadrigas. Com efeito, às vezes atrelam-se ao carro dois cavalos, outras vezes quatro, como desta figura que vos apresento, podeis compreender. E não só ilustres matronas, mas também homens nobres e importantes, às vezes sacerdotes e pontífices, usam o carro e as liteiras.

LEÃO — Desta figura[66] pode bem compreender-se como são cómodas estas liteiras nas quais [102] sentada ou deitada ou encostada qualquer pessoa, homem ou mulher, com seis ou oito companheiros pode viajar. Mas tenho dúvidas sobre como quatro ou cinco cavalos podem ser governados e dirigidos simultaneamente.

MIGUEL — Isso é muito fácil, porque os cavalos europeus são muito dóceis e muito bem instruídos para as viagens. E depois que se habituam a estes coches, fazem o percurso, correndo, a trote ou a passo. Acrescenta ainda a arte dos cocheiros, a sua ciência. Sentados na boleia, levam numa mão as rédeas, na outra o chicote e conduzem admiravelmente os cavalos.

Os cavalos, dois ou quatro, costumam ser escolhidos: belos, semelhantes na cor e no tamanho, de tal modo que dificilmente se distinguem um do outro, são decorados com mantas, de maneira diferente dos outros cavalos. Quanto aos carros são cobertos e ornados interiormente de tapetes e de colchas de seda, bordadas a ouro e de tecidos de lã espessa, tal como numa casa esplêndida e bem ordenada em que nada mais se requer.

carnem laedunt, sed cartilaginem tantum eam occupant quae sine sensu est. Atque ita sine dolore, aut sanguine huiusmodi quodammodo calcei eis induuntur, quo melius discurrere huc atque illuc etiam per montes et siluas possint. Accedit mira Europaeorum artificum solertia in hoc munere praestando, quod nos ignorantes, non nisi soleis ex palea confectis, equorum pedes munire possumus. Possunt autem Europaei, qui alii aliorum mores optime callent, et alii aliorum artes et inuenta iucundissime perdiscunt, nec hos ab illis uicissim aliquid accipere ulla ratione pudet. Quod tamen malum in nostra natione maxime dominatur, quae, ultra id quod ipsamet inuenit, aliquid ab aliis gentibus mutuo accipere quodammodo uerecundatur.

LEO — Egregie tamquam domesticus et indigena uitium gentis nostrae attigisti. Sed explica, quomodo matronae nobiles iter faciant, nec enim uiam longam pedibus eas ingredi credibile est.

MICHAEL — Recte dicis. Europaei namque homines quamuis totius administrandae familiae dominatum teneant, tamen uxores suas magnifaciunt, et earum ornatum atque apparatum diligenter procurant. Non ergo iter pedibus extra domum nobiles feminae conficiunt, sed uel sellis aptissimis, uel lecticis uehuntur, nonnunquam etiam equis siue mulabus, puluinis dorso iumentorum substratis. Plerumque tamen lecticis curulibus uti solent. Sunt autem lecticae curules ueluti quaedam ligneae domunculae, tecto quasi fornice coopertae, in quas inclusae nobiles feminae siue iacentes, siue puluinaribus sedentes uehuntur. Huiusmodi autem lecticae bigis et quadrigis portari solent. Nonnunquam enim duo equi adhibentur ad currum, interdum quattuor, ut ex hac forma, quam uobis propono, colligere potestis. Nec uero solum illustres matronae, sed etiam uiri nobiles, grauesque interdum sacerdotes et Pontifices curru ac lecticis utuntur.

LEO — Ex ista sane forma colligere licet quam accommodatae sint istae lecticae, in quibus [102] optime siue sedens, siue iacens, uel accubans, quicumque uir, aut femina nobilis cum sex, uel octo sociis iter facere potest. Sed dubium est, quomodo quattuor simul equi gubernari et dirigi possint?

MICHAEL — Istud sane facillimum est, cum Europaei equi admodum dociles sint et optime ad iter faciendum instructi, qui postquam assueti sunt huiusmodi lecticis curulibus iter, uel currentes, uel deambulantes, uel pedetentim conficiunt. Adde etiam aurigarum artem et scientiam, qui in temone sedentes, altera manu habenas, altera flagellum gestant, et egregie equos moderantur.

Equi autem duo, siue quattuor deligi solent pulchri, colore et magnitudine similes, adeo ut uix unum ab altero discernas, stragulis alterius rationis ab aliis equis decorati. Lecticae autem ipsae tapetibus et aulaeis sericis, auro intextis, et gausapinis operiuntur, iuteriusque ornantur, ita ut in splendida, et bene composita domo nihil aliud requiras.

LINO — E há muitos destes coches na Europa?

MIGUEL — Sim, grande número e digno de admiração, porque os cavalos são na Europa quase infinitos e, além disso, lindíssimos, principalmente os espanhóis, napolitanos e mantuanos que são conhecidos como superiores aos outros em beleza e velocidade. Os homens nobres e as damas são igualmente inúmeros e os seus rendimentos, para despesas deste género, são os mais largos. Daí resulta claro qual é o número dos coches que só em Roma, segundo ouvimos, são cerca de três mil. E este é o modo frequente de viajar de que costumam servir-se os nobres europeus. E porque muito resta para dizer sobre os mesmos costumes europeus e nós já gastámos muito tempo neste colóquio, passemos para amanhã o que segue.

LEÃO — Estou de acordo, embora todas as vezes que interrompes a narração, outras tantas suspendes o curso suavíssimo do prazer que nela experimentamos.

LINVS — Istarum lecticarum curulium estne in Europa magnus numerus?

MICHAEL — Magnus profecto, et admirabilis, sunt enim in Europa equi prope infiniti, iique pulcherrimi, praesertim Hispani, Neapolitani et Mantuani, qui praeter ceteros forma et uelocitate sunt nobilitati. Patricii autem uiri et matronae sunt sine numero, reditusque eorum ad huiusmodi sumptus faciendos amplissimi. Vnde patet quis sit lecticarum curulium numerus, quem Romae tantum tria fere millia continere audiuimus. Atque hic est frequens faciendi itineris modus ab Europaeis nobilibus obseruari solitus. Et quoniam plura restant dicenda de iisdem Europaeis moribus, nosque diu in hoc colloquio morati sumus, in crastinum diem, quae sequuntur reiiciamus.

LEO — Assentior, etsi quoties sermonem praecidis, toties uoluptatis, qua afficimur, cursum suauissimum intermittis.

[103] COLÓQUIO UNDÉCIMO

Sobre os agradáveis e honestos exercícios de que fazem uso os nobres europeus, e da educação liberal dos seus filhos.

LINO — Falaste na noite anterior sobre a criadagem dos nobres e patrícios europeus. Segue-se que trates também dos seus exercícios, porque não é de crer que tão prudentes varões gastem o seu tempo em vão.

MIGUEL — Sem dúvida é isso que está de acordo com a prudência deles e os nobres europeus portam-se de tal forma que não consentem que o tempo passe sem qualquer honesto exercício. Ora são vários os géneros, dos principais dos quais tratarei hoje convosco.

E em primeiro lugar, os europeus, para começar por aqui, educam notavelmente os seus filhos, confiando-os a pedagogos e preceptores, para que sejam formados em todas as honestas disciplinas. Por outro lado, tratam principalmente, quer por si próprios quer ainda por intermédio destes pedagogos, de que eles sejam aperfeiçoados na piedade cristã, imprimindo nas suas almas o temor de Deus e a observância dos seus mandamentos. E tintos desta cor inicial, depois exercitam-se em toda a urbanidade e disciplina políticas.

Costumam também aprender algumas boas artes, apropriadas ao estado de cada um. Comuns a todos são ler, escrever e, de qualquer modo, conhecer bem a língua latina. Feito este fundamento, os que devem entrar na vida religiosa, ou assumir a figura de magistrados, aprendem muitas outras artes, por muito tempo e diligentemente. Mas tratarei dos exercícios dos nobres que professam a vida profana que lhes convém na ordem equestre e na senatorial.

O primeiro exercício é o das armas, de cujos vários géneros eles se acostumam a usar com a maior velocidade e destreza, quer para daí colherem distracção e alívio dos outros trabalhos, quer ainda para se tornarem mais aptos e mais ágeis, quer para os combates a sério, quer para as lutas desportivas. [104] Em seguida, vem a prática de cavalgar a que dedicam a maior atenção, habituando os cavalos a todos os estilos de correr e de caminhar, porque pensam que assim convém à guerra e à paz.

Além disso, costumam aprender a arte de tocar diversos instrumentos musicais, à qual juntam também a harmonia suavíssima das vozes, e até o exercício agradabilíssimo

[103] De iucundis atque honestis exercitationibus quibus Europaei nobiles utuntur, deque ingenua filiorum educatione. COLLOQVIVM VNDECIMVM.

LINVS — Dixisti superiore nocte de famulatu Europaeorum patriciorum ac nobilium. Sequitur ut etiam de eorum exercitationibus agas, nec enim tam prudentes uiros tempus frustra conterere credendum est.

MICHAEL — Ita sane cum prudentia eorum consonat, et sic se gerunt Europaei optimates, ut tempus sine aliqua honesta exercitatione praeterire non patiantur. Exercitationum autem harum uaria sunt genera, de quorum praecipuis hodierno die uobiscum agam.

Atque in primis Europaei, ut inde exordiar, egregie filios suos educant, paedagogis et praeceptoribus eos tradentes, ut in omni honesta disciplina instituantur. Curant autem praecipue tum per se ipsos, tum etiam per huiusmodi paedagogos, ut Christiana pietate excolantur, Dei timorem, et mandatorum ipsius obseruantiam in animis imprimentes. Quo primo colore tincti, ulterius in omni politica urbanitate et disciplina exercentur.

Solent etiam nonnullas bonas artes ad cuiusque statum accommodatas perdiscere. Communes autem omnibus sunt legere, scribere, linguam latinam aliqua ex parte callere. Quo fundamento iacto, qui uel sacris sunt initiandi, uel magistratuum personam suscepturi, plures alias artes diu diligenterque discunt. Sed agam de nobilium exercitationibus, qui profanam, et equestri ac senatorio ordini conuenientem uitam profitentur.

Prima igitur est armorum, quorum uariis generibus uti cum summa uelocitate et dexterirate consuescunt, tum ut inde oblectationem et aliorum laborum leuamentum capiant, tum etiam ut ad proelia pugnasque ineundas aptiores agilioresque euadant. [104] Deinde sequitur equitandi usus, quem studiosissime tenent ad omnem currendi et incedendi rationem equos assuefacientes, quod ita et militiae et paci conducere arbitrentur.

Praeterea solent diuersa musica instrumenta pulsandi artem discere, cui etiam suauissimum uocum concentum adiungunt, immo et saltandi ac tripudiandi

da dança e do baile. E a todos eles não pospõem a caça em terra e no ar e outras distracções rústicas semelhantes, de que são entusiastas.

LEÃO — Ser-nos-á agradável, a Lino e a mim, se tratares em pormenor desses exercícios, de que fizeste um sumário, e expuseres mais claramente o seu processo, para que nós, que não pudemos vê-los, os conheçamos, ao menos de outiva, e sintamos o prazer da sua agradável descrição.

MIGUEL — Sinto prazer em vos fazer a vontade e repetir de memória e referir de palavra aquilo que vimos. E tenho esperança de que a mim próprio não será desagradável ao contá-lo. Deixando para outra altura os processos de fazer a guerra e de travar combate, e calando o jogo das armas de portas a dentro, que reveste muitas formas, isto é, com o emprego de espada e punhal, espada e escudo, com duas espadas, às vezes só com a machada de dois gumes ou a lança, e de outros modos semelhantes, eu sairei do exercício doméstico e à sombra para o campo e pó e combates públicos que, embora se façam por jogo, todavia neles colocam grande trabalho e esforço os homens europeus. E não tocarei em todos os pontos que respeitam a esta matéria, porque requerem uma longuíssima narração, mas apenas aflorarei os capítulos principais.

LEÃO — Por muito longa que seja a narração deste assunto, não tenho dúvidas em afirmar que ela não há-de causar nenhum fastio.

MIGUEL — Pelo que diz respeito a estes desafios públicos e desportivos, são eles sobretudo equestres, porque os cavalos europeus são apropriadíssimos para o efeito, graças à sua velocidade e agilidade extremas. Os certames principais e muito celebrados são aqueles a que em vulgar se chama torneios, nos quais cavaleiros em armadura, levando numa mão a lança e na outra o escudo, descem a campo, correm uns contra os outros e finalmente com as lanças, que no mesmo ímpeto quebram, se atacam com força. E quanto mais notável é o golpe com que um atinge o outro, por exemplo, se alguém atinge o adversário na fronte, tanto mais ilustre é o nome que ele alcança.

LEÃO — Esses certames podem verdadeiramente chamar-se mais instrumentos certíssimos da morte, do que distracções da vida. De dois pontos capitais, na verdade, vejo nascer o perigo, um é que, sendo os cavalos [105] robustíssimos e correndo os cavaleiros um contra o outro, eles podem facilmente não só ferir-se mas dilacerar-se completamente; o outro é que, essas pancadas das lanças hão-de ser muitas vezes mortíferas, letais.

MIGUEL — Não há nenhum jogo sério e útil sem algum risco, mas para esses dois perigos que mencionaste, emprega-se um remédio oportuno. O primeiro é que no hipódromo entre os dois cavalos que correm em sentido contrário costuma haver uma barreira divisória, vulgarmente chamada tela, graças à qual, os corpos dos cavalos não se tocam. Depois, se por acaso o combate se trava sem barreiras, é tal a confiança na destreza dos cavalos que, sem que os cavalos se toquem, os cavaleiros todavia, aproximando-se um do outro, se batem. Finalmente, embora os corpos dos cavalos mutuamente colidam, no choque o perigo é todo dos cavalos,

iucundissimam exercitationem. Quibus omnibus non postponunt uenatum, aucupium, et alia similia rusticana oblectamenta, cum illis etiam admodum dediti sint.

LEO — Iucundum erit Lino nostro, mihique, si istas exercitationes, quarum summam collegisti, sigillatim persequaris, et earum rationem planius explices, ut quas uidisse non licuit, audiendo saltem cognoscamus, et iucundae narrationis uoluptate afficiamur.

MICHAEL — Placet uobis morem genere, et ea quae uidimus tum memoria repetere, tum oratione referre; quod mihi ipsi dicenti non iniucundum fore spero. Vt autem belli gerendi proeliique committendi rationem in aliud tempus reiiciam, taceamque armorum intra priuatos parietes ludum, qui multiplex est, uidelicet adhibito gladio, et pugione, gladio et parma, gladio item ancipiti, nonnunquam sumpta solum bipenni uel hasta, aliisque similibus modis, egrediar extra domesticam et umbratilem exercitationem in campum, et puluerem et publicas concertationes, quae quamuis sint ludicrae, in illis tamen magnam operam industriamque Europaei homines collocant. Nec tamen omnia persequar quae ad hanc materiam pertinent, quod longissimam narrationem requirant, sed tantum praecipua capita perstringam.

LEO — Quantumuis longa sit de hac re narratio, nullum tamen fastidium parituram, praestare non dubito.

MICHAEL — Quod ad haec publica et ludicra certamina attinet, ea plerumque equestria sunt, quod Europaei equi propter uelocitatem et agilitatem summam ad ea sint accommodatissimi. Praecipua autem certamina et ualde celebrata illa sunt quae uulgo torneamenta appellantur, in quibus cataphracti equites hastas altera manu gestantes, altera clypeos, in campum descendunt, mutuo singuli in singulos incursionem faciunt, demumque hastis, quas eodem impetu confringunt, grauiter se impetunt. Quoque aliquis illustriori ictu alterum percutit, utpote si aduersam frontem attingat, eo clarius nomen reportat.

LEO — Ista sane certamina, potius mortis certissimae instrumenta, quam uitae oblectamenta dici possunt. Duplici enim ex capite periculum oriri uideo: alterum est, quod equi [105] sint robustissimi, et mutuo in se equites ipsi incurrentes, facile non solum se laedere, sed omnino dilacerare possunt: alterum uero est, quod ictus illi hastarum sint saepe futuri mortiferi ac letales.

MICHAEL — Nullus est grauis et utilis ludus sine aliquo discrimine, sed istis duobus periculis, quae attigisti, remedium opportunum adhibetur. Primum quidem, quod in catadromo inter ipsos equos hinc et inde currentes quaedam repagula, quae telae uulgo appellantur, interiici solent, quo fit ut corpora equorum se non contingant. Deinde si forte sine repagulis pugna ineatur, ita dexteritati equorum fiditur, ut equis se non contingentibus, equites tamen mutuo appropinquantes se percutiant. Denique quamuis ipsorum equorum corpora uicissim collidantur, in conflictu totum est equorum, non equitum periculum. Vitatur autem ictuum discrimen

não dos cavaleiros. Por outro lado, evita-se o risco dos golpes, de uma dupla maneira, quer porque as armas de que os cavaleiros se revestem são tão resistentes e firmes que podem aguentar e repelir não só a pancada da lança mas também da espingarda, ou da bala lançada da espingarda, e ainda porque as colunas das lanças, terminadas por um ferro embotado, de que eles então usam, são de um material que pode quebrar-se facilmente. E como são as armas europeias podeis julgar pelas que trouxemos.

LINO — Vimo-las, sem dúvida, e admirámos a sua beleza e brilho, aliados a tanta firmeza e resistência. Mas também pensámos que são tão pesadas que o corpo humano de forma alguma pode transportá-las.

MIGUEL — Assim aconteceu outrora a David, ainda adolescente, segundo o testamento das letras sagradas, quando, estando ele para fazer frente ao gigante Golias, o rei Saul tentou vestir-lhe as armas reais. «Não posso» – disse ele – «marchar assim, porque não estou habituado.»[67] Saul, porém, que estava habituado àquelas armas, considerava o seu peso tolerável, e o próprio David, com o andar do tempo, habituando-se a transportar outras armas semelhantes, veio a ser da mesma opinião. De igual modo a vós e a outros homens nossos, por falta de prática, as armas europeias podem parecer mais pesadas do que o Etna[68], como é costume dizer-se, mas aos europeus, habituados a usá-las, e notáveis pela força, não acontece assim.

LEÃO — Se se eliminar o obstáculo do peso, não duvido de que os cavaleiros revestidos de armadura não possam encontrar iguais no combate.

MIGUEL — A não ser outros armados da mesma maneira, de que há grande número na Europa. Mas para voltar aos combates a fingir: algumas vezes são ordenados por forma que os cavaleiros, que vão ao encontro uns dos outros, desembainham as espadas e se digladiam com arte digna de admiração. Nesta maneira, é um espectáculo agradabilíssimo para os olhos ver como [106] se atacam: este avança, aquele recua ou desvia o corpo, vai de novo contra o adversário; ele, coberto do escudo, evita o golpe e ataca de novo o rival, e fazem-se vários desvios e circuitos, com os cavalos a obedecerem ao menor sinal. O mesmo se faz, por vezes, com o escudo redondo ou oval, e a lança, mas esta diferente daquela com que os combatentes vão ao encontro um do outro e se chocam. Outras vezes, o certame trava-se também com canas ou laranjas ou dardos feitos de barro, e aí de igual modo os ataques, as fugas, as fintas, os retornos e outros movimentos semelhantes criam um prazer extraordinário. Costumam de igual modo os cavaleiros disputar sobre o lançamento dos dardos a um alvo e destruí-lo. Neste jogo são tão ágeis e robustos que muitas vezes, no início da corrida, seguram a lança pela ponta, depois atiram-na ao ar e voltam de novo a recolhê-la e, apontando-a ao lugar designado, a destroem. Costumam também atacar vasos suspensos de cordas, disputando sobre atravessá-los com a lança que está fixa ou inserida numa cana por forma tal que todas as vezes que a lança atravessa, uma vez passada a ponta, o vaso facilmente cede e se desprende, não impedindo a corrida do cavaleiro. Finalmente, por vezes, suspendem dum lugar alto um pato ou qualquer outra ave semelhante, e entre

duplici ratione, tum quod arma, quibus se equites tegunt, ita sint ualida et firma, ut non solum hastae, sed sclopi ictum, siue glandem sclopo iactam sustinere ac repellere possint, tum etiam, quod hastilia obtuso ferro praefixa, quibus tunc utuntur, eius sint materiae, ut facile confringi queant. Qualia autem sint Europaea arma, ex iis, quae a nobis sunt allata, coniicere potestis.

LINVS — Vidimus illa quidem, et pulchritudinem ac nitorem cum tanta firmitate ac duritia sumus admirati. Sed simul etiam iudicauimus ita grauia esse, ut corpore humano gestari nequaquam possint.

MICHAEL — Ita olim accidisse Dauidi adhuc adolescenti sacris litteris proditum est, cum ei gigantem Goliath nomine aggressuro, a Saule rege regia arma aptarentur. “Non possum”, inquit, “sic incedere, quia non usum habeo”. Saul autem, qui illis armis assuefactus erat, onus illud tolerabile reputabat, et Dauid ipse progressu temporis similia alia arma gestare solitus, idem omnino sibi persuasit. Non aliter uobis aliisque nostris hominibus prae desuetudine arma Europaea Aetna, ut aiunt, grauiora uideri possunt, Europaeis autem et gestare solitis et robore praestantibus non ita accidit.

LEO — Si impedimentum oneris tollatur, non dubito, quin cataphracti equites nullos pares in pugna reperire possint.

MICHAEL — Nullos nisi alios cataphractos, quorum magna est apud omnes Europaeos copia. Sed ut ad ludicra certamina redeam, aliquando ita fiunt, ut equites mutuo concurrentes eductis e uagina ensibus inter se mira arte digladientur. Qua in re aspectui iucundissimum est uidere quomodo [106] se impetant: hic adoriatur, ille refugiat aut corpus declinet, rursus in aduersarium feratur, ille ictum parma tectus uitet, rursusque aemulum petat, et ita uariae fiant flexiones et circuitiones, equis semper ad nutum parentibus. Idem interdum sit parma uel clypeo, et hasta alterius modi ab ea qua se congredientes percutiunt. Nonnunquam etiam arundinibus, uel malis Maedicis, uel pilis ex luto confectis certamen committitur, in quo similiter aggressiones, effugia, corporum declinationes, regressus, aliique similes motus miram iucunditatem pariunt. Solent item huiusmodi equites de collineandis ad aliquem scopum hastis, et confringendis decertare. Qua in re ita sunt agiles et strenui, ut saepe initio cursus cuspide hastam teneant, mox in aërem proiiciant, rursusque hastile apprehendant, et ad designatum locum collineatam hastam confringant. Solent etiam armilla transuerso fune suspensa contendere, de hasta per eam transmittenda, quae tamen ita arundini infixa et inserta est, ut quoties hasta transmittitur, cuspide traiecta armilla facile cedat ac deferatur, et ita equitis cursum non impediat. Denique interdum ex alto loco anser uel similis aliqua auis suspenditur, et inter equites decertatur quisnam eorum in medio cursu promptius a corpore caput possit auellere et obtinere. Qua in re euenire aliquando solet ut eques anseris guttur frangere nequaquam ualens, manu ipse sua suspensus, et ex equo transcurrente desiliens, spectatoribus risum

os cavaleiros disputa-se sobre quem no meio da corrida é capaz de arrancar com maior precisão a cabeça do corpo e ganhá-lo. Neste jogo, acontece por vezes que o cavaleiro, não sendo capaz de quebrar o pescoço do pato, fica suspenso com a própria mão e, ao saltar do cavalo em movimento, provoca o riso dos espectadores. São estes e semelhantes exercícios, que os europeus praticam, para se habituarem à arte equestre e exercitarem os cavalos no combate. E deles se tira não só utilidade mas também o maior prazer.

LINO — É bem certo que considero estes desafios tão agradáveis que só para os ver julgo que valeu a pena o trabalho da vossa navegação. Mais ainda: ao ouvir-te falar, fico profundamente impressionado com o desejo de os ver, e querendo voar daqui para fora para assistir a esses espectáculos. Mas vamos, explica-nos quais são os prémios atribuídos aos vencedores e quem são os juízes que decidem os resultados?

MIGUEL — São muitos e variados os prémios oferecidos pelos príncipes ou titulares que organizam os concursos. Na generalidade, são trabalhos de ouro ou de prata, adornados de pedras preciosas, ou de seda ou de veludo ou outros estofos preciosos. Por seu turno, os juízes ou árbitros são outros nobres cavaleiros, grandes especialistas nos mesmos certames, que instalados num palco elevado [107] observam atentamente todo o combate, notam os golpes mutuamente infligidos, reparam diligentemente nos erros, mesmo nos mais leves, se porventura são cometidos. Finalmente, depois de considerados todos os pormenores, proclamam os vencedores e atribuem-lhes os prémios com o maior aplauso de todos os espectadores. E para que estes solenes concursos se realizem com maior concorrência e brilho de vestes, além desses prémios que são oferecidos aos vencedores, costumam também ser anunciados outros dois, um para aquele que aparecer em público mais ricamente vestido, outro para o que vestir com mais elegância. E assim acontece que, por vezes, um só e o mesmo cavaleiro ganha os três prémios: o primeiro, de vencedor; o segundo, de mais ricamente vestido; o terceiro, do mais elegante. E deste modo, decorado por todos os lados de prémios e louvores, concentra sobre si os olhos de toda a gente. E sendo tão grande a afluência de pessoas a estes certames e tal o concurso dos espectadores, facilmente pode concluir-se que despesas se fazem e que abundância de dinheiro se gasta na celebração destes jogos. E sobre esta matéria, porque não há lugar para dizer mais, qual é o aparato destes jogos pode conhecer-se pela lição variada dos livros, principalmente pela história da vida de João II[69], ilustríssimo rei de Portugal, na qual se trata em grande pormenor dos certames e jogos celebrados com o maior aparato no casamento do príncipe Afonso, seu filho, com Isabel, filha do rei Fernando de Castela.

Mas para vos não remeter apenas para histórias contadas nos livros, ficai sabendo que, estando nós ainda na Europa, se realizaram com a maior afluência certames deste género nas núpcias do ilustríssimo duque de Sabóia[70] e da filha segunda de Filipe, rei de Espanha, os quais, na opinião de toda a gente, poderiam comparar-se com quaisquer outros magnificentíssimos. Entretanto, para que os nossos japoneses

moueat. Hae sunt, et aliae similes exercitationes, quibus Europaei ad se rei equestri assuefaciendos equosque ad pugnam exercendos operam nauant. Ex quibus non solum utilitas, sed etiam uoluptas maxima percipitur.

LINVS — Equidem ita iucunda ista certamina arbitror, ut ad illa tantum spectanda, uestrae nauigationis laborem recte susceptum esse iudicem. Immo uero ego ipse te loquentem audiens, toto animo commoueor illa uidere gestiens, et ad ista spectacula intuenda hinc auolare cupiens. Sed age explica, quaenam praemia uictoribus deferantur, et quorum arbitrio contentio tota dirimatur?

MICHAEL — Praemia quidem uaria et multiplicia a principibus uel dynastis certamina instituentibus proponuntur. Sunt autem plerumque opera aurea, uel argentea gemmis distincta, uel serica, aut gausapina, uel alia pretiosa. Iudices uero uel arbitri sunt alii nobiles equites, in iisdem certaminibus exercitatissimi, qui in sublimi aliquo theatro [107] constituti pugnam totam attente conspiciunt, ictus mutuo inflictos notant, errores, uel leuissimos, si forte committantur, diligenter animaduertunt. Denique rebus omnibus examinatis, uictores renuntiant, et praemia cum summo omnium spectantium applausu illis attribuunt. Vt autem huiusmodi solemnia certamina maiori celebritate et uestium ornatu fiant, praeter illa praemia quae uictoribus proponuntur, solent etiam et alia duo indici, alterum quidem ei qui omnium pretiosissima ueste, alterum ei qui elegantissima indutus in publicum prodierit. Quo fit ut interdum unus idemque eques tria praemia ferat: primum uictoris, secundum pretiosissime induti, tertium elegantissime exornati. Atque ita undique praemiis et laudibus decoratus omnium in se oculos conuertat. Cum autem ad huiusmodi certamina tanta sit hominum frequentia talisque spectantium concursus, facile colligere licet quinam sumptus fiant, et quae pecuniae copia in his ludis celebrandis expendatur. De qua re, quoniam prolixius dicendi non est locus, quisnam horum ludorum sit apparatus, ex librorum uaria lectione cognosci potest, praesertim ex historia de uita Ioannis secundi clarissimi Lusitaniae regis conscripta, in qua de certaminibus, ac ludis in nuptiis Alfonsi principis filii eius, et Elisabethae Ferdinandi Castellae regis filiae apparatissime celebratis, luculentur agitur.

Ne autem uos tantum ad historias libris traditas remittam, scitote, nobis ipsis in Europa commorantibus, celeberrime fuisse inita huiusmodi certamina in nuptiis illustrissimi Allobrogum ducis, et secundae Philippi Hispaniae regis filiae, quae omnium iudicio cum quibuscumque aliis magnificentissimis conferri poterant. Vt tamen melius huiusmodi apparatus et uariarum uestium, quae in Europa gestari solent,

melhor conhecessem todo este aparato e a elegância e ornato do vestuário variado que na Europa é costume usar-se, trouxemos da Europa um livro notável[71] no qual estão impressas imagens perfeitíssimas de insignes príncipes, especialmente da antiquíssima e nobilíssima família de Filipe, rei de Espanha.

LEÃO — De facto, outro dia folheámos este livro com a maior admiração. Na verdade, não pareciam impressas aquelas imagens, mas viver e respirar. Continua, porém, a tratar dos restantes exercícios equestres dos europeus.

MIGUEL — Tratar de todos é trabalho para muito tempo, mas acrescentarei o seguinte, que é extraordinário o interesse que os europeus põem nos exercícios equestres. Certo é que as cavalariças de condes [108], marqueses e duques contêm quarenta, cinquenta, mesmo até sessenta ou oitenta cavalos; quanto aos estábulos dos reis e príncipes contêm muitos mais, em cujo treino se gasta grande parte do tempo. Na verdade, os nobres costumam sair para o campo, geralmente de manhã, para treinar os cavalos e habituá-los a um alegre combate, por meio da fadiga da corrida e do variado comando dos freios. Ao cair da tarde, transportados pelos mesmos cavalos, passeiam pelo meio das praças das cidades, ou pelas amplíssimas esplanadas fora de portas ou pelos largos que se encontram diante dos muros e dos palácios, e a todos os que os observam proporcionam uma bela vista de si próprios, e deste modo nunca interrompem o exercício equestre.

LINO — Tudo o que tu lembraste merece sem dúvida que não importa que estudioso das artes honestas o deseje profundamente ver com os próprios olhos, porque revela o extraordinário aparato e a majestade dos europeus. Mas explica-nos, por favor, se eles também se exercitam na caça por terra e no ar.

MIGUEL — No que toca à caça aos animais e às aves, creio bem que os homens europeus facilmente precedem todos os outros povos, porque esses dois tipos de caça cultivam-nos eles, diligentemente, como se fossem uma espécie de artes liberais. E na sua prática há também grande variedade, segundo a variedade das províncias. Todavia, é comum às gentes de todas essas províncias, procurar diligentemente, comprar por grande preço e criar com o maior cuidado todas as aves que pertencem ao género dos falcões e águias do mar e são aptas para caçar outras aves. Na verdade, existem na Europa muitas aves que podem ser caçadas no ar, como as cegonhas, os grous, as garças e outras, quer de grande beleza, quer de agradável e variado sabor.

Para caçar, costumam também os europeus adquirir cães de caça de todo o género, como são os lebreiros, os molossos, os corsos, os galgos e outros semelhantes com os quais caçam animais selvagens também de vária espécie, a saber, ursos, javalis, lobos, veados, gamos, coelhos, lebres e muitos outros que nascem na Europa. E de acordo com a diversidade da caça, assim usam de diversos cães. Alguns fazem saltar a caça, outros fatigam-na, correndo, e alcançam-na, outros lutam com ela corajosa e vigorosamente, e muitas vezes a fazem em pedaços e dilaceram eficazmente. E todas estas diversidades de caça enchem de extraordinário prazer os europeus que, montados em cavalos velocíssimos, ao mesmo tempo que perseguem as feras maiores,

elegantiam et ornatum nostri Iaponenses cognoscerent, librum quendam egregium ex Europa detulimus, in quo eximiae imagines insignium principum, praesertim ex uetustissima et nobilissima Philippi Hispaniae regis familia, sunt excusae.

LEO — Equidem praeteritis diebus librum istum cum summa admiratione uolutauimus. Nec uero imagines illae typis mandatae, sed uiuae et spirantes uidebantur. Sed ulterius reliquas exercitationes equestres Europaeorum hominum prosequere.

MICHAEL — Illas omnes persequi diuturnum opus est, sed illud adiiciam, miram esse operam quam Europaei in equestri exercitatione ponunt. Certum enim [108] est comitum, marchionum et ducum equilia quadraginta, quinquaginta, immo et sexaginta, uel octoginta equos continere; regum uero et principum stabula multo plures, in quibus exercendis magna pars temporis insumitur. Solent namque plerumque nobiles matutino tempore, ad exercendos equos in campum prodire, eosque cursus defatigatione, frenorumque uaria moderatione, ad pugnam ineundam assuefacere. Vespertino uero tempore per medias plateas urbium, uel amplissima pomoeria et areas quae ante muros uel magnificas domos sunt, eisdem equis uecti deambulant, omnibusque spectantibus egregiam sui speciem praebent, atque ita equestrem exercitationem nunquam intermittunt.

LINVS — Digna sunt sane ista a te commemorata, quae quiuis honestarum rerum studiosus oculis intueri uehementer cupiat, quod mirum quendam apparatum Europaeorumque hominum maiestatem prae se ferant. Sed age explica, num etiam uenatione et aucupio se exerceant?

MICHAEL — Quod ad uenationem et aucupium attinet, credo equidem Europaeos homines facile reliquis omnibus gentibus antecellere, has enim duas res, quasi quasdam ingenuas artes diligenter profitentur. In quibus exercendis, iuxta prouinciarum uarietatem, magna etiam est uarietas. Commune tamen est omnium illarum prouinciarum gentibus, omnes aues quae ad accipitrum haliaeetorumque genus pertinent, et ad aucupandum sunt aptae, diligenter conquirere, magno pretio emere studiosissimeque alere. Sunt namque in Europa multae aues quae aucupio capi possunt, quales sunt ciconiae, grues, ardeae, aliaeque uel mirae pulchritudinis, uel iucundi et multiplicis saporis.

Causa autem uenationis solent etiam Europaei canes uenaticos cuiuscumque generis conquirere, quales sunt uertagi, Molossi, Corsici, Gallici, aliique similes, quibus uarii etiam generis feras uenantur, nimirum ursos, apros, lupos, ceruos, damas, cuniculos, lepores, multasque alias animantes quae in Europa nascuntur, et iuxta uenationis diuersitatem diuersis etiam canibus utuntur. Quidam enim feris excitant, alii eas cursu fatigant et consequuntur, alii cum illis fortiter et strenue pugnant, et saepe mirabiliter eas discerpunt ac dilacerant. Quae omnia uenationis genera mira iucunditate Europaeos homines perfundunt, qui equis uelocissimis uecti, simul et maiores feras insequuntur easque frequenter uenabulis suis transfodiunt, et

as trespassam frequentemente com os seus dardos, e levam para casa uma presa notável, com a maior alegria [109]. E nesta questão de caça no ar e na terra, não há dúvida de que os homens europeus fazem grandes gastos. Para conservarem com cuidado estes animais, costumam os príncipes e magnates ter nos bosques e florestas certas zonas reservadas, de grandes dimensões, circundadas por um fosso ou um muro, dentro das quais guardam feras de toda a espécie que caçam, quando lhes apetece, com grande deleite de espírito. Além destas tapadas, têm frequentemente outras mais próximas das cidades, nas quais constroem muitos tanques, aviários e outros semelhantes lugares de prazer aos quais se dirigem frequentemente para se distraírem. Isto, para não tratar neste lugar de jardins muito amenos, junto das próprias casas, dos quais falarei nas páginas seguintes. Todavia, porque quisemos pôr diante dos olhos dos nossos homens japoneses, na medida do possível, tudo quanto vimos na Europa, de lá trouxemos vários livros[72] relativos à caça em terra e no ar, nos quais estão desenhados aves e animais de vário género que a notável habilidade na pintura e na gravura aí nos permite contemplar.

LINO — Nos dias passados, o nosso Martim mostrou-me esses livros nos quais vi tal variedade de figuras e tão expressas ao vivo, que parece não que a arte imitava a natureza, mas que a reflexão humana inventou todas essas figuras. Mas não creio que sejam produto da fantasia, porque das aves e animais que existem aqui no Japão, conjecturo que as outras se encontram também na Europa.

MIGUEL — Que nada aí se encontra de fantasioso, é coisa certa, uma vez que esses livros foram compostos para uso dos próprios europeus e não dos estrangeiros que podem ser enganados. E o mesmo deve entender-se de outros livros nos quais estão pintados edifícios, reinos, cidades, províncias.

LEÃO — Não há dúvida de que confiamos em todos eles, visto que nos trazeis tais indícios e argumentos e estais presentes vós próprios, as testemunhas mais seguras. Mas fala-nos ainda de outros géneros de exercícios agradáveis.

MIGUEL — Longo seria recordá-los todos, mas além daqueles que lembrei, há também as artes do canto, da música instrumental e da dança.

LEÃO — Os europeus possuem muitos instrumentos musicais?

MIGUEL—Muitos e extremamente agradáveis, como são saltérios, harpas, liras, cítaras, para não falar de outros que pertencem à plebe e se tocam soprando, como flautas, sambucas, gaitas de beiços, trombetas e outros do mesmo género que fazem parte da orquestra e que todos eles tocados ou soprados com arte produzem uma suavíssima [110] harmonia.

LINO — A verdade é que na noite de ontem, quando vos ouvimos tocar os instrumentos musicais, nos distraímos muitíssimo, embora não tenhamos apreendido essa tão grande suavidade que apregoas.

MIGUEL — Do que já foi dito, convém lembrar quanto pode a prática continuada ou, pelo contrário, a falta de prática e de hábito, como também costuma acontecer por igual no canto. Vós, na verdade, que não estais habituados ao canto e à sinfonia da Europa, não experimentais ainda a sua suavidade e doçura. Nós, porém, cujos

egregiam praedam cum summa [109] uoluptate domum reportant. Qua in re tam ad aucupium, quam ad uenatum pertinente, non dubium est, ab hominibus Europaeis magnos sumptus fieri. Vt autem haec studiosius conseruent, in more est ut plerique principes et optimates in nemoribus et siluis habeant saepta quaedam longissimi spatii, uallo, aut muro circumdata, intra quae cuiusque generis belluas continent, quas, cum libet, magna animi oblectatione uenantur. Praeter quae, alia etiam habent saepe urbibus propinquiora, in quibus multa stagna, auiaria, similiaque uoluptatis loca conficiunt, ad eaque frequenter relaxandi animi causa diuertunt; ut omittam hoc loco hortos amoenissimos ipsis domibus coniunctos, de utrisque in sequentibus dicturus. Quoniam autem quaecumque in Europa uidimus, sub aspectum nostrorum Iaponensium hominum subiicere optauimus, quantum fieri posset, attulimus ex Europa uarios libros ad uenationem et aucupium attinentes, in quibus aues et animantes uarii generis sunt expressae, quas pingendi et excudendi egregium artificium ibidem licet conspicere.

LINVS — Superioribus diebus libros istos Martinus noster mihi ostendit, in quibus talem tamque ad uiuum expressam figurarum uarietatem conspexi, ut non ars imitata naturam, sed humana cogitatio illa omnia finxisse uideatur. Non tamen commenticia illa esse credo, sed ex auibus et animalibus quae sunt in nostra Iaponia, illa etiam in Europa esse, coniicio.

MICHAEL — Nihil ibi commenticium contineri, certissimum est, cum libri illi ad usum ipsorum Europaeorum, et non externorum, qui falli possunt, sint compositi. Idemque de aliis libris in quibus depicta sunt aedificia, regna, urbes, prouinciae, intelligendum est.

LEO — Non est dubium quin ipsis omnibus fidem habeamus, cum talia ad nos indicia et argumenta attuleritis, et uos ipsi certissimi testes praesentes sitis. Sed propone adhuc alia iucundarum exercitationum genera.

MICHAEL — Longum esset omnia alia recensere, sed ultra illa quae a me sunt commemorata, sunt etiam canendi, instrumenta musica pulsandi et saltandi artes.

LEO — Habentne Europaei multa musica instrumenta?

MICHAEL — Multa, eaque iucundissima, qualia sunt nablia, siue psalteria, testudines, lyrae, citharae, ut omittam ea quae ad ignobiles pertinent, et inflando pulsantur, ut sunt tibiae, sambucae, fistulae, tubae, aliaque eiusdem generis ad symphoniam pertinentia, quae omnia artificiose siue pulsata, siue inflata suauissimum [110] concentum edunt.

LINVS — Equidem superiori nocte, cum musica instrumenta uos pulsantes audiremus, sumus uehementer recreati, non tamen istam tantam suauitatem, quam praedicas, assecuti.

MICHAEL — Meminisse e superioribus oportet quantum ualeat inueterata consuetudo, uel contra desuetudo atque insolentia, quod similiter in cantu euenire solet. Vos enim, qui nondum Europaeo cantui et symphoniae estis assuefacti, nondum eius suauitatem et dulcedinem experimini. Nos autem, quorum aures iam

ouvidos já estão acostumados, acreditamos que nada há mais agradável de ouvir-se. E se quisermos não considerar o hábito, mas a natureza da coisa em si, descobriremos certamente que o canto europeu é composto de uma arte requintada. Nele, com efeito, ao contrário do que acontece com o nosso, não se conserva perpetuamente o mesmo tom de todas as vozes, mas uns tons são agudos, outros graves, outros intermédios, os quais, emitidos ao mesmo tempo artisticamente, produzem uma admirável harmonia. Junta a tudo isto as notas suaves a que chamam falsas, e aquelas que são produzidas acima do tom costumado, as quais todas, quer observando a regra, quer elevadas, por vezes, acima dela, e ao mesmo tempo em conjunto com os sons dos instrumentos musicais, deleitam maravilhosamente os ouvidos da audiência. Donde acontece que, sendo tão grande a variedade destes tons, tão variada a sua modulação, se elaborou uma arte completa e uma das artes nobres para compor estes tons e harmonizá-los entre si, arte que os europeus aprendem cuidadosamente desde a mais tenra idade e se nela fizerem grandes progressos, consideram-na um modo de vida não inferior.

Entre nós, porém, porque no canto não há nenhuma diversidade de tons, mas um só e mesmo modo de emitir a voz, não existe até agora nenhuma arte e nenhum método em que estejam contidos os preceitos da sinfonia, ao passo que os europeus, graças à múltipla variedade dos sons, ao hábil fabrico de instrumentos e à multidão admirável de livros musicais e de figuras, ilustraram com grande relevo esta arte.

LINO — Considero que tudo o que acabas de dizer é inteiramente verdadeiro, porque a variedade dos instrumentos que trouxestes e a variedade dos livros, e a modulação do canto e da sinfonia revelam uma forma de arte admirável. E não tenho dúvidas de que o hábito de ouvir o nosso canto sirva de impedimento a que sintamos a suavidade do canto europeu. Mas conta-nos agora alguma coisa sobre as maneiras de dançar e bailar, usadas na Europa.

MIGUEL — Bastará saber que elas também são muitas e diversas, ao som variado das liras, das quais depende toda a dança. Ora estes modos são vários e adaptados também às várias idades e [111] pessoas. Donde resulta que, embora as danças infantis sejam mais ligeiras, todavia as que praticam homens entre si e mulheres umas com as outras ou homens com mulheres, principalmente em bailes solenes e da realeza, revelam um movimento do corpo ao mesmo tempo gracioso e grave.

LEÃO — Dizes tu que as mulheres dançam com os homens. Isto parece tirar muito à gravidade europeia.

MIGUEL — Não tira absolutamente nada, porque é feito com tanta perfeição e com tanta circunspecção, que a dança costuma alegrar os espíritos, mas de modo algum provocá-los à sensualidade. E porque se me oferece a oportunidade de dizer alguma coisa sobre a honestidade e seriedade das mulheres europeias, direi que ela é tal que provoca justificadamente a admiração de qualquer homem estrangeiro. Costumam, na verdade, os homens europeus pensar que no vestuário, elegância, habitação e todo o estilo de vida das mulheres, que exala o perfume da sua extraordinária honestidade, reside o ponto mais alto da honra. Assim acontece

sunt assuetae, nihil auditu iucundius esse credimus. Quod si a consuetudine animum auertere uelimus, et rei ipsius naturam considerare, inueniemus profecto Europaeum cantum miro quodam artificio esse compositum. Nec enim in eo, sicut in nostro, idem omnium uocum tonus perpetuo conseruatur, sed quidam toni sunt acuti, alii graues, alii intermedii, qui simul artificiose emissi, mirum quendam concentum reddunt. His adiunge falsas, quas dicunt, uoculas, et eas, quae supra solitum tonum efferuntur, quae omnes siue regulam obseruantes, siue supra eam nonnunquam elatae, simulque cum musicorum instrumentorum sonis coniunctae, aures audientium mirifice delectant. Vnde fit ut, cum tanta sit horum tonorum uarietas, tam uariaque modulatio, integra quaedam ars atque una ex ingenuis ad huiusmodi tonos componendos et inter se temperandos fuerit conflata, quam Europaei ab ineunte aetate studio se addiscunt, magnosque in ea progressus facientes, non infimam uiuendi rationem tenent.

Inter nos autem quoniam in cantu nulla est tonorum diuersitas, sed unus atque idem uocis emittendae modus, nulla est hactenus ars nullaque disciplina, qua symphoniae praecepta contineantur, cum Europaei sonorum multiplici uarietate, instrumentorum artificiosa fabricatione, librorum musicorum et figurarum admirabili multitudine hanc artem summopere illustrauerint.

LINVS — Ista omnia quae affirmas uera esse prorsus existimo, nam et instrumentorum, quae attulistis, et librorum uarietas, et cantus ac symphoniae modulatio mirum quoddam artificium ostendunt. Nec dubito quin nostri cantus audiendi consuetudo sit impedimento quominus Europaei concentus suauitatem sentiamus. Sed dic nunc aliquid de saltandi ac tripudiandi modis in Europa usurpatis.

MICHAEL — Satis erit scire eos etiam esse uarios ac multiplices, iuxta lyrarum uarium concentum, ex quibus tripudiatio tota pendet. Sunt autem ii modi uarii, ad uarias etiam aetates [111] personasque accommodati. Vnde fit ut quamuis pueriles saltationes leuiores sint, illae tamen quas uiri ac feminae inter se, uel uiri cum feminis exercent, praesertim in solemnibus ac regiis tripudiis iucundum simul et grauem gestum prae se ferant.

LEO — Affirmas feminas cum uiris saltationem exercere. Istud sane uidetur multum de Europaea grauitate detrahere.

MICHAEL — Nihil omnino detrahit, cum tanta maturitate atque oris modestia id fiat, ut saltatio laetificare quidem animos, sed nequaquam ad lasciuiam prouocare consuescat. Et quoniam opportune se offert locus de feminarum Europaearum honestate et grauitate aliquid dicendi, illa sane talis est, ut cuicumque externo homini admirationem merito moueat. Solent enim Europaei homines in feminarum habitu, cultu, habitatione, et tota uiuendi ratione miram honestatem redolente, honoris sui summam collocatam esse, arbitrari. Quo fit ut nulla maior dedecoris nota alicuius nomini inuri possit, quam si uel leuissima suspicio de fide et castimonia uiolata ab

que nenhuma marca maior de desonra pode manchar o nome dum homem, do que surgir a suspeita, mesmo a mais leve, da violação da fidelidade e da castidade, por parte da esposa, ou de qualquer outra mulher próxima pelo sangue, mesmo não sendo casada. Essa mancha não hesitam eles em lavá-la, até com a efusão do sangue das mulheres, embora esteja acautelado por direito que as pessoas privadas não possam fazê-lo, mas só os magistrados.

LEÃO — A maneira de dançar na Europa difere muito da que nós seguimos ou é inteiramente superior à nossa?

MIGUEL — A comparação entre povos diversos e o confronto de hábitos costuma sempre gerar a ofensa, se umas nações são preferidas a outras. Por essa razão, nunca foi meu propósito exaltar com louvores excessivos os costumes europeus ou diminuir os japoneses, a menos que houvesse algum condenado e rejeitado pela lei divina ou pelo comum consenso de todos os povos. Portanto, pelo que toca à dança, dir-se-ia que a nossa imita e exprime facilmente a europeia, se do nosso género de dançar se tirassem alguns pormenores que pouco têm que ver com a dança, de acordo com o juízo dos europeus.

LEÃO — Quais são essas práticas que pouco se coadunam com a dança?

MIGUEL — São duas principalmente: uma é que os que entre nós dançam, frequentemente aparecem em público mascarados ou representando a personagem triste de qualquer mulher que já morreu, com os cabelos caídos e vulto choroso, ou de modo semelhante reproduzindo a alma dum homem já falecido. Estas práticas parecem gerar antes a tristeza e a lamentação do que a satisfação e alegria que são próprias da dança.

Outra objecção é a de que quem dança costuma por vezes [112] parar no meio da dança e soltar a voz, a modo de quem se lamenta e os espectadores respondem-lhe com o mesmo som. Donde resulta que aos europeus isto parece mais uma espécie de gritaria confusa do que uma festiva e alegre dança. Se, portanto, os nossos japoneses pusessem de parte aquelas máscaras tristes e dançassem sempre ricamente vestidos e seguissem o som que costuma usar-se na Europa, dominariam completamente a norma da dança europeia. Mas deixemos a cada nação o seu costume próprio.

LEÃO — Há só uma pergunta que me resta fazer nesta matéria, a saber, se os europeus nas festas solenes usam alguma acção teatral ou drama.

MIGUEL — Os dramas europeus, em nossa opinião, são superiores aos restantes de todas as nações, pois são vários e múltiplos como diálogos, comédias, tragédias, tragicomédias e outras acções semelhantes, nas quais há muito que admirar. Com efeito, para não falar do ornato das vestes, são admiráveis as obras que por vezes se fazem para exprimir qualquer acontecimento. Aos espectadores é apresentada a figura duma cidade, duma fortaleza ou de qualquer outro lugar, construída com tanta arte, que se julga tratar-se não de uma imagem mas da própria cidade ou fortaleza de que se fala. Por outro lado, as personagens dos homens ou das mulheres que falam, de acordo com a matéria, soltam a voz de modo variado, ora alegre ora chorosa, por vezes grave, outras vezes mais lenta, enfim, variada de todas as maneiras, por forma

uxore, uel quacumque alia sanguine propinqua, etsi innupta, cooriatur. Quam notam illi, etiam ipsarum sanguine profuso eluere non dubitant, quamuis iure cautum sit ne id a priuatis personis sed a magistratibus exerceatur.

LEO — Tripudiandi in Europa ratio differtne multum ab ea quam nos obseruamus, an omnino hanc nostram superat?

MICHAEL — Solet semper uariarum gentium comparatio morumque collatio offensionem gignere, si aliae nationes aliis praeferantur. Qua de causa non ea fuit mihi unquam mens, ut uel Europaeos mores praeter modum laudibus extollerem, uel Iaponicos deprimerem. Nisi forte esset aliquis diuina lege uel communi omnium gentium consensu explosus et improbatus. Quod ergo ad saltationem attinet, nostra quidem Europaeam facile imitari et exprimere diceretur, si nonnulla parum ad rem pertinentia iuxta Europaeorum indicium ex nostro saltandi genere tollerentur.

LEO — Quae sunt ista quae parum ad rem facere dicis?

MICHAEL — Duo praecipue: alterum est quod qui inter nos tripudiant, frequenter personati in publicum prodeunt, uel feminae alicuius iam demortuae tristem personam passis capillis ac maesto uultu induentes, uel animum similiter hominis corpore iam solutum referentes. Quae quidem potius tristitiam ac lamentationem, quam iucunditatem et laetitiam, quae saltationis propria est, parere uidentur.

Alterum est quod qui tripudiat solet interdum [112] in media saltatione consistere et uocem in modum eiulantis edere, cui reliqui spectatores eodem sono respondent. Vnde fit ut Europaeis potius quaedam confusa conclamatio, quam festa et iucunda saltatio esse uideatur. Si ergo nostri Iaponenses personas illas tristes deponentes, semper splendido ornatu induti tripudiarent, sonumque in Europa usurpari solitum obseruarent, plane normam Europaeae saltationis tenerent. Sed sua cuique nationi consuetudo relinquatur.

LEO — Vnum superest interrogandum in hac materia, an uidelicet Europaei in solemnibus festis actione aliqua uel dramate utantur?

MICHAEL — Dramata Europaea iuxta sententiam nostram ceteris omnium nationum antecellunt, quae uaria et multiplicia sunt, nimirum dialogi, comoediae, tragoediae, tragicomoediae, et aliae similes actiones, in quibus multa sunt admiranda. Nam, ut ornatum uestium omittam, mira sunt opera quae fiunt aliquando, ut euentus aliquis exprimatur. Spectatoribus enim proponitur urbis, arcis, uel alicuius alterius loci tam artificiose fabricata species, ut non imago, sed illa ipsa urbs, aut arx, de qua agitur, esse iudicetur. Iam uero personae uirorum, uel mulierum, quae loquuntur, accommodate ad materiam, uariam uocem edunt, nunc laetam, nunc flebilem, interdum grauem, nonnunquam remissiorem, denique modis omnibus uariatam, ita ut ea non ab artificio aliquo, sed ab ipsa tantum natura proficisci uideatur. Non enim quasi canendo uocem

que parece nascer não de um artifício, mas tão-só da própria natureza. Realmente, não erguem a voz quase cantando, como entre os nossos costuma acontecer. Todavia, depois de cada acto, faz-se ouvir um canto suavíssimo. Junta-lhes os «intermezzos», como lhes chamam, gracejos e facécias com que toda a acção é notavelmente temperada. Assim que, frequentemente, nenhuma é tão longa que possa gerar o fastio, embora o povo tenha de assistir por muitas horas à representação. Por tudo isto, podeis conhecer como são grandes as despesas feitas nestas representações que estão calculadas muitas vezes em quatro ou cinco mil cruzados.

LEÃO — Reconheço que todas as coisas europeias são admiráveis, visto que nelas se gasta uma grande quantidade de dinheiro, graças ao qual nada é tão difícil que não se consiga. Fica perfeitamente claro que, mesmo tudo quanto é difícil, os europeus o realizam com êxito.

L1NO — Pergunto se tens ainda mais jogos para referir.

MIGUEL — Não faltam muitos outros jogos para relaxar os espíritos entre aquelas nobres e ricas nações que vivem em tão grande paz e tranquilidade. Muito corrente é também o jogo da pela, com a qual [113] os europeus costumam jogar num grande pátio, e com este jogo não só recreiam o espírito e gastam o tempo honesta e não ociosamente, mas também cuidam da saúde, consumindo no exercício físico e no suor os maus humores que costumam resultar da alimentação rica e variada, ao mesmo tempo que tornam o mesmo corpo diligente e ágil para o trabalho.

Há ainda outros jogos como o xadrês (que embora seja semelhante ao nosso, todavia dele difere algum tanto), damas, dados, cartas, dos quais alguns se usam também entre nós. Mas porque na descrição dos exercícios agradáveis, insensivelmente e sem darmos por isso, passou muito tempo, interrompamos a narração com o repouso e adiemos para o próximo dia o que segue sobre a maneira de governar.

extollunt, ut apud nostros fieri consueuit. Singulis tamen actibus cantus suauissimi intermiscentur. His adde intermedios quosdam, ut uocant, sales et facetias, quibus tota actio egregie temperatur; adeo ut plerumque nulla sit tam longa, quae fastidium gignere possit, etiam si per multas boras populo spectanda exhibeatur. Ex quibus omnibus cognoscere potestis quanti etiam sint sumptus in his actionibus agendis, qui frequenter quattuor, aut quinque aureorum millibus aestimantur.

LEO — Fateor omnes Europaeas res esse admirabiles, cum enim in illis magna pecuniae copia expendatur, qua nihil est tam difficile, quod non obtineatur. Manifeste constat etiam difficillima quaeque ab Europaeis ad exitum perduci.

LINVS — Quaero, an etiam alii supersint ludi, a te commemorandi?

MICHAEL — Ludi alii multi ad animos relaxandos non desunt inter nationes illas nobiles, diuites, et quae in tanta pace ac tranquillitate uiuunt. Vsitatissimus autem est ludus pilae, qua ludere [113] Europaei solent in aliquo magno atrio, et hoc ludo non solum animos recreant, tempus honeste et non otiose terentes, sed etiam saluti consulunt, malos humores, qui ex lautis et uariis cibis gigni solent, corporis excitatione et sudore absumentes, eademque corpora ad laborem impigra et agilia reddentes.

Sunt etiam alii ludi, ut scachiae (quae licet nostrae sit similis, tamen ab ea non nihil differt), tabellarum, taxillorum, chartarum pictarum, quorum nonnulli etiam apud nos sunt in usu. Sed quoniam iucundis exercitationibus recensendis sensim, et sine sensu longum tempus est elapsum, quiete narrationem intermittentes, in crastinum diem, quae sequuntur de gubernandi ratione, differamus.

COLÓQUIO DUODÉCIMO
Da ordem e prática dos europeus na administração de reinos e repúblicas.

LEÃO — Pareceu-nos bastante longo o intervalo dum dia, enquanto aguardávamos com interesse a reunião de hoje e a tua exposição sobre a maneira de governar, usada entre os europeus,

MIGUEL — Tratarei de bom grado desta matéria, para abrir caminho para outra que é muito do vosso agrado, a saber, a ordem de conduzir o exército ao combate. Mas o governo pacífico antecede em ordem a prática de travar combate.

Em primeiro lugar, portanto, deve observar-se o seguinte na administração europeia, que os reis e governadores das repúblicas têm como objectivo e como primeiro fundamento estabelecido nesta matéria, que os varões principais, que têm nas mãos o leme do reino, do povo ou da república, devem servir não os interesses privados mas os públicos e cuidar de que o conjunto do povo se mantenha na suma paz e tranquilidade e as recompensas sejam distribuídas em razão dos méritos e virtudes. [114] Finalmente, que a norma da verdadeira e genuína justiça se aplique em tudo. A este alvo se dirigem todas as leis, todos os regulamentos e todas as decisões. Por esta causa também, reis e principais varões juntam todos os censos e os mais amplos rendimentos de todo o povo ou república, naturalmente, para que, salvando o povo e o protegendo, de acordo com as regras do direito e da justiça, lhe paguem igual favor. Por outro lado, não é apenas a luz da natureza que exorta os reis a conter o povo em paz e justiça, mas também a própria divina lei, transmitida por Cristo, supremo mestre, avisa os homens sobre a mesma matéria, ensinando-lhes claramente que quanto mais poder se confia ao cuidado de alguém, tanto mais severamente se deve exigir-lhe conta dele, como na parábola evangélica dos talentos pode ver-se, donde resulta que aqueles que medem o governo pelos seus apetites desenfreados e não pela utilidade do povo, pela violência e não pelo direito, não se chamam verdadeiros reis e príncipes, mas tiranos.

Ora para considerar, um por um, os vários géneros de governo europeu, está determinado, na filosofia que se ocupa dos costumes, que a forma de governar a multidão é tríplice. A primeira é quando um só príncipe detém o leme supremo de

De ordine usuque Europaeorum hominum in regnorum, rerum publicarumque administratione.
COLLOQVIVM DVODECIMVM.

LEO — Longa admodum nobis uisa est diei unius mora hodiernum congressum, orationemque tuam de gubernandi ratione apud Europaeos usurpata, studiose expectantibus.

MICHAEL — Agam libenter de hac materia, ut ad aliam uobis iucundissimam uiam muniam, de ordine exercitus in aciem educendi, cum pacifica gubernatio pugnae commitendae usum ordine antecedat. Primo igitur illud in Europaea administratione obseruandum est, regibus et rerum publicarum gubernatoribus eum esse scopum propositum, et ueluti primum fundamentum in hac materia iactum, principes uiros, qui regni, populi, aut reipublicae gubernaculum tenent, debere non priuatis sed publicis commodis inseruire, curareque ut tota populi uniuersitas in summa pace et tranquilitate conseruetur, et munera pro ratione meritorum, uirtutumque [114] distribuantur. Denique uerae germanaeque iustitiae norma in omnibus attendatur. Ad quem scopum attingendum omnes leges omniaque instituta et consulta diriguntur. Hac etiam de causa reges, principesque uiri ex uniuerso populo, uel republica census omnes amplissimosque reditus colligunt, ut uidelicet in populo conseruando et iuxta iuris iustitiaeque regulas tuendo, parem illi gratiam referant. Nec uero lumen naturae tantum reges, ad populum in pace ac iustitia continendum, adhortatur, uerum etiam ipsa diuina lex a Christo supremo magistro tradita de eadem re homines admonet, manifeste docens, quo plura alicuius curae committuntur, eo rationem ab illo seuerius esse exigendam, ut in euangelica illa parabola de talentis uidere licet, unde fit ut illi, qui effrenatis appetitionibus suis et non populi utilitate, ui et non iure gubernationem metiuntur, non ueri reges et principes, sed tyranni nuncupentur.

Vt autem sigillatim Europaeae gubernationis uaria genera persequar, certum est, in ea philosophia quae ad mores pertinet, multitudinis gubernandae rationem triplicem esse. Prima est cum unus tantum princeps totius multitudinis supremum

toda a multidão: esta forma de governar, se o príncipe governa o povo por direito, chama-se Monarquia, como aquela a que nós chamamos Tenca, isto é, administração universal. Se, porém, é exercida com violência e excesso de poder, não com direito e justiça, os sabedores costumam chamar-lhe tirania.

A segunda forma é quando o leme do poder é manejado por muitos, o que, se acontecer de acordo com o direito, se chama República, mas se for ocupado pela violência, tem o nome de Democracia[73].

A terceira é quando toda a administração da multidão depende de poucos. Se estes forem homens notáveis por virtude, e pela obediência do direito e das leis, o modo de governar costuma chamar-se Aristocracia[74]; mas se eles forem dos que pervertem o direito, tem o nome de Oligarquia[75]. Por isso, acontece que em cada forma de governo, pode encontrar-se a boa e a má administração: boa, se respeita os direitos e as leis, má, pelo contrário, se tem em vista a violência, o excesso de poder e as ambições privadas, É de acordo com o primeiro e recto modo de administrar, que se conduzem os reis e príncipes europeus; mas de acordo com o segundo ou terceiro, todavia recto e justo, comportam-se algumas Repúblicas livres que não obedecem a nenhum rei ou príncipe, como é a ilustríssima República de Veneza, de que atrás fiz menção e posteriormente farei menção mais extensa[76].

Ora os reinos e repúblicas são administrados [115] na Europa, com respeito não só do direito comum, haurido da própria natureza, e explicado pelas leis cesáreas e antigas, mas também pelos institutos privados de cada reino, província e república, que moderam por vezes o direito comum e o adaptam à necessidade dos diversos reinos, províncias e repúblicas. E para que não haja em todo o reino ou república um lugar que não participe da justa administração, não só na cidade principal ou metrópole do reino ou república foram estabelecidos magistrados que aplicam o direito aos cidadãos, mas também se encontram distribuídos por todas as cidades e vilas, outros menores, como são os corregedores, juízes, expedidores, edis, triúnviros e outros semelhantes que todos examinam com diligência as causas que a cada um competem, de acordo com a variedade das funções, e ouvidas e ponderadas as razões das partes, decidem as controvérsias e litígios. E além destes a quem pertence a ordem de administrar a justiça, há outros conselheiros a quem são distribuídos outros negócios mais graves, como são a declaração de guerra, a celebração de tratados, a remissão dos crimes, a atribuição de benefícios aos que o merecem, finalmente, a conservação e aumento dos rendimentos do reino.

LEÃO — Notável, sem dúvida, me parece essa ordenação na administração do direito, mas gostaria que nos expusesses mais em pormenor a ordenação que costuma manter-se num julgamento.

MIGUEL — Tratarei apenas daquilo que ouvi, porque não nos coube assistir a julgamentos. Portanto, para começar, todas as vezes que entre dois há uma disputa sobre obter qualquer coisa por direito, é marcado o dia em que deve apresentar-se ao juiz àquele que é chamado a juízo, e contra ele o autor do processo expõe o texto da sua queixa. A este texto ou libelo o réu refuta com outro. A seguir, o

gubernaculum tenet: haec autem gubernandi ratio, si princeps iure populum moderetur, Monarchia uocatur, qualis est ea quam nos Tencham, id est, uniuersalem administrationem, appellamus. Si uero ui ac potentia, non iure et iustitia exerceatur, tyrannidem dicere sapientes solent.

Secunda est cum a multis idem gubernaculum tractatur, quod si sit iure constitutum, Politia, si uero sit per uim occupatum, Democratia nominatur.

Tertia est cum a paucis tota multitudinis administratio pendet. Qui si sint homines uirtute praestantes, iurisque et legum obseruantes, gubernandi ratio Aristrocatia appellari solet; si uero sint qui iura peruertant, Oligarchiae nomen habet. Quo fit ut in singulis gubernandi rationibus bona et mala administratio possit reperiri: bona quidem, si iura et leges attendat, mala uero si uim, potentiam, priuatasque cupiditates respiciat. Iuxta primum eumque rectum administrandi modum se gerunt Europaei reges ac principes; iuxta secundum uero, uel tertium, rectum tamen et iustum se habent aliquae Respublicae liberae, nulli regi aut principi parentes, qualis est illa clarissima Venetorum Respublica, cuius superius aliquam mentionem feci, et ulterius maiorem faciam.

Administrantur [115] autem regna et respublicae in Europa, spectato non solum communi iure ab ipsa natura hausto, et Caesareis atque antiquis legibus explicato, sed etiam priuatis singulorum regnorum, prouinciarum, et rerum publicarum institutis, quae commune ius interdum moderantur, et ad diuersorum locorum, prouinciarum, nationumque necessitatem accommodant. Vt autem nullus sit in toto regno, uel republica locus qui rectae administrationis non sit particeps, non solum in praecipua regni uel reipublicae urbe, aut metropoli supremi magistratus ius ciuibus dicentes sunt constituti, uerum etiam per omnes urbes, atque oppida alii minores distributi, quales sunt praetores, iudices, expeditores, aediles, triumuiri, aliique similes, qui omnes suas quique causas iuxta munerum uarietatem diligenter examinat, et auditis ponderatisque utrimque rationibus controuersias ac lites expediunt. Praeter hos autem, ad quos iustitiae administrandae ordo pertinet, sunt alii consiliarii, ad quos etiam alia grauiora negotia deferuntur, qualia sunt de bello inferendo, de foedere percutiendo, de criminibus remittendis, de beneficiis in benemeritos conferendis, denique de regni reditibus conseruandis et augendis.

LEO — Egregius sane iste ordo iuris administrandi mihi uidetur, sed uelim ut minutius nobis exponas ordinem in iudicio seruari solitum.

MICHAEL — Attingam tantum id quod audiui, nec enim nostrum fuit iudiciis interesse. In primis ergo quoties inter duos de iure alicuius rei obtinendae disceptatur, dicitur dies ei, qui in iudicium uocatur, in quo se iudici sistere debeat, et aduersus eum auctor litis querimoniae suae libellum proponit, quem reus alio proposito refutat. Mox auctor litis rationes aduersarii impugnat aliis tabulis, quarum refellendarum reo

autor do processo impugna as razões do adversário com outro texto escrito de cuja refutação é dada possibilidade ao réu. E assim, com as razões apresentadas duma parte e doutra, a dificuldade da causa se toma melhor conhecida do juiz. Depois, procede-se à confirmação, por meio de testemunhas, das coisas afirmadas. E de um lado e doutro são citadas testemunhas e as suas afirmações registadas por escrito. E se alguma testemunha for suspeita de ocultar a verdade ou de a exagerar ou diminuir, é lícito aos contendores, com autorização do juiz, excluí-la.

Apresentados, pois, os testemunhos das duas partes para conhecimento da controvérsia, de novo é dada ao acusador e ao réu a possibilidade de apresentar algumas razões para conclusão do processo. Tudo isto que atrás disse, relatado nos autos, é meditado com tempo e diligência pelo juiz que por fim interpõe a sua sentença e, consignando-a por escrito e assinando-a, [116] promulga-a em juízo. E depois desta promulgação, se a causa for de menor importância, depois de certos dias, que ainda são concedidos para propor alguma objecção, se não for apresentada de novo qualquer escusa, é lícito executar a decisão do juiz. Feito isto põe-se termo à questão.

E se a causa for de maior peso, o acusador ou o réu são livres de recorrer a um magistrado de categoria superior. E este, promovendo uma reunião dos seus companheiros ou assessores, ainda é livre ou de confirmar a sentença proferida por um juiz inferior e dá-la como aprovada ou de rescindir por completo as suas decisões. Observando esta ordenação, acontece que todos são mantidos no mais alto direito, e os patrícios e nobres não fazem qualquer violência aos plebeus mas todos vivem com igual direito e é dado o seu a seu dono.

LINO — Esta sequência que nos apresentaste está inteiramente de acordo com a razão, se porventura não resulta daí uma oportunidade para que os homens de inferior condição desprezem os de classe equestre e senatorial.

MIGUEL — Nenhuma, nem a mais leve oportunidade, porque os nobres são sempre honrados pela gente do povo. E se entre uns e outros surgir um conflito, sem omitir um ponto sequer da veneração e reverência devida aos nobres, um processo é-lhes intentado, e eles não se apresentam pessoalmente perante os juízes, mas a sua causa é tratada por meio dos seus advogados e agentes. A não ser que se trate de alguma causa de acusação gravíssima, da qual em breve falaremos.

MÂNCIO — Não te admires, caríssimo Lino, se também os nobres são chamados a juízo pelos plebeus na Europa, porque até os próprios reis estão submetidos à mesma lei. Com efeito, todas as vezes que acontece que um particular qualquer reconhece que o rei ou príncipe o prejudicou nos seus interesses, é lícito que ele leve a tribunal a figura do rei que entre os europeus é tão venerável, e nem então a dignidade real é salpicada de qualquer mancha. Por este motivo, em cada reino está constituído um advogado régio que pode legalmente ser chamado a juízo em nome do rei, e que pode também fazer comparecer, perante os juízes, os que de algum modo diminuem ou roubam sub-repticiamente a fazenda real. E pela sua opinião, e não apenas pela vontade do rei, são decididas as causas que a este dizem

copia fit. Atque ita rationibus ultro citroque allatis, multo melius a iudice causae difficultas cognoscitur. Vlterius ad huiusmodi res testimoniis confirmandas proceditur, et hinc atque inde testes citantur, eorumque dicta litteris mandantur. Quod si quis testis ueritatis occultandae, uel exagerandae, aut minuendae nomine suspectus sit, licet disceptantibus auctoritate iudicis eum excludere.

Testimoniis hinc atque inde ad controuersiae cognitionem productis, rursus ad rationes aliquas ad calcem litis afferendas, accusatori reoque facultas conceditur. Haec omnia superius dicta in tabulas relata, iudex diu diligenterque perpendit, atque ultimo sententiam suam interponit, litterisque mandatam et obsignatam [116] in iudicio promulgat. Post hanc autem promulgationem si quidem res minoris sit ponderis, licet post certos dies, qui adhuc alicui rationi obiiciendae conceduntur, nulla deintegro excusatione proposita, rem a iudice statutam exequi. Quo facto toti liti finis imponitur.

Quod si res maioris sit ponderis, liberum est accusatori, siue reo ad superiorem magistratum prouocare. Cui adhibito sociorum uel assessorum consilio, etiam est integrum, uel sententiam ab inferiori iudice latam confirmare ratamque habere, uel eius acta omnino rescindere. Hoc ordine obseruato fit ut omnes in summo iure conseruentur, nec patricii et nobiles uiri plebeiis hominibus uim aliquam inferant, sed omnes aequo iure uiuant, et unicuique suum tribuatur.

LINVS — Iste quidem ordo a te propositus maxime cum ratione congruit, nisi forte inde hominibus inferioris condicionis uiros equestris et senatorii ordinis contemnendi occasio praebeatur.

MICHAEL — Nulla ne leuissima quidem, nobiles enim uiri a popularibus semper in honore habentur. Quod si inter utrosque oriatur contentio, ne puncto quidem uenerationis et reuerentiae nobilibus debitae praeterito, lis illis intenditur, nec ipsi per se iudicibus se sistunt, sed per aduocatos et actores eorum res agitur. Nisi forte sit aliqua grauissimi criminis causa, de qua mox dicemus.

MANCIVS — Ne mireris, Line amantissime, si etiam nobiles a plebeiis in Europa in iudicium uocentur, nam etiam ipsi reges eandem legem subeunt. Quoties enim accidit ut priuatus quicumque homo a rege uel principe facultatibus suis detrimentum allatum esse cognoscat, licet ei etiam regium nomen, quod apud Europaeos tam uenerabile est, in iudicium deferre, nec tunc eius dignitati macula ulla aspergitur. Quam ob causam in singulis regnis est quidam regius aduocatus constitutus, quem nomine regis in iudicium uocare licet, quique regias facultates aliqua ex parte uel minuentes, uel suffurantes potest etiam iudicibus sistere, quorum arbitrio, non autem solo regis nutu causae ad illum pertinentes dirimuntur. Cum enim Europaei reges sint iustissimi, nolunt aliquem uel a se iniuste uexari, uel ab aliquo facinoroso

respeito. E sendo os reis europeus justíssimos, não querem ou que alguém seja injustamente prejudicado por sua causa ou que a sua fazenda seja gasta ou roubada por qualquer criminoso. Por isso, todas as controvérsias e causas respeitantes aos reis são julgadas, não segundo a sua ganância desenfreada, mas por leis justíssimas e segundo o direito antigo.

MARTIM — Acrescentarei ainda o seguinte, acerca da justiça observada pelos reis, a saber, que todas as vezes que alguém [117] quer na guerra quer noutros negócios bem merece da real majestade e é digno de que o rei lhe aumente com honras a fortuna, ou lhe conceda alguma mercê, este homem benemérito tem a liberdade de tratar com o rei do aumento da sua honra ou mercê, mostrando documentos e testemunhos da sua actividade e trabalhos, e de apresentar os seus requerimentos aos magistrados reais. E estes decidem qual o prémio ou qual a remuneração que ele merece, e fazem que o rei lhos conceda. Mais ainda: se por acaso este homem que bem mereceu do rei, compreender que o trataram com menor justiça do que a devida, ele pode ainda apresentar as suas queixas aos magistrados, e discutir com eles sobre a exiguidade da sua recompensa ou estipêndio, até alcançar ou o lugar ou o prémio ou a mercê, devidos à sua dignidade.

LEÃO — Esta ordenação não pode deixar de parecer admirável e, observada ela, não há duvida de que fica suprimida toda a ocasião de ofensa e injustiça, tanto em punir como em remunerar os homens.

JULIÃO — É extraordinária a ordenação que os reis europeus costumam observar em todas as coisas, não só naquelas de que falámos, mas também em qualquer outro género de obrigações; respeitando o lugar e o grau de cada um, comportam-se de tal modo com os magnates e com os outros homens, que não omitem a mínima parte sequer da sua obrigação.

MIGUEL — Direi também alguma coisa das causas que dizem respeito aos crimes. Estas, com efeito, são movidas por acusação ou por denúncia ou finalmente pelo inquérito dum juiz: em todas estas modalidades, como atrás disse, são apresentadas as razões e testemunhos oferecidos por ambas as partes. E se de algum modo se revela que existiu um crime, o réu é lançado na prisão ou é dado a guardar algures, de acordo com a dignidade de cada um, para que assim mais seguramente possa discutir-se o seu crime. E ninguém é condenado à morte ligeiramente ou sem reflexão, mas depois de considerado o seu caso profunda e longamente. Daí acontece que, compreendendo os homens europeus que têm de ser tratados com justo direito, não sofrem tão gravemente serem conduzidos ao cárcere, uma vez que eles vêem com frequência que daí alguns são levados para serem castigados, mas outros saem sem castigo e em liberdade, de acordo com o que cada um merece, segundo o justo exame dos juízes.

LEÃO — Os nossos japoneses estão muito longe da paciência dos europeus: estes, como tu dizes, não suportam tão dificilmente serem metidos na cadeia, ao passo que os nossos homens têm tal orgulho que muitas vezes redimem com o derramamento de sangue e com a vida a demora no cárcere, mesmo dum só dia.

homine suas facultates atteri, uel subripi. Quocirca omnes controuersiae, causaeque ad reges attinentes non eorum effrenatis cupiditatibus, sed iustissimis legibus et iure antiquo iudicantur.

MARTINVS — Illud etiam ego addam circa iustitiam a regibus obseruatam: nimirum quotiescumque aliquis [117] siue in bello, siue in aliis negotiis de regia maiestate benemeretur, dignusque est cuius fortunam rex honoribus amplificet, uel illi mercedem aliquam persoluat, liberum esse huiusmodi homini benemerito operae ac laboris sui testimoniis ac tabulis propositis cum rege de amplificatione honoris, aut mercedis agere, et postulata sua ad regios magistratus deferre. Qui, quo praemio quaue remuneratione ille dignus sit, statuunt, atque ut a rege illi praestetur, efficiunt. Immo uero, si forte huiusmodi uir de rege benemeritus minus iuste ac debite secum actum esse intelligat, licet adhuc illi querimonias ad magistratus deferre, et de muneris ac stipendii exiguitate cum illis expostulare, donec uel debitum dignitatis locum, uel praemium, aut mercedem impetret.

LEO — Iste quidem ordo non potest non admirabilis uideri, eoque seruato, non dubium est quin totius offensionis iniustitiaeque tam in puniendis, quam in remunerandis hominibus occasio omnino auferatur.

IVLIANVS — Mirus sane est in rebus omnibus ordo ab Europaeis regibus seruiri solitus non solum in iis quae dicta sunt, uerum etiam in quocumque alio officiorum genere; sic enim spectato cuiusque loco atque gradu cum optimatibus aliisque hominibus se gerunt, ut ne minimam quidem officii partem praetermittant.

MICHAEL — Dicam etiam aliquid de causis quae ad crimina pertinent. Hae enim, uel accusatione, uel denuntiatione, uel denique iudicis inquisitione mouentur: quibus omnibus modis, ut superius dictum est, rationes utrimque allatae, et testimonia proferuntur. Quae si aliqua ex parte crimen commissum esse ostendant, reus in carcerem coniicitur, uel alibi, iuxta uniuscuiusque dignitatem, in custodiam datur, ut ita tutius de eius crimine disceptari possit. Nec enim quisquam temere, aut immature, sed re diu multumque considerata capitis damnatur. Vnde fit ut, cum Europaei homines intelligant secum recto iure agendum esse, non adeo moleste se in carcerem duci patiantur, cum inde nonnullos ad poenam uocari, alios impunitos ac liberos abire, iuxta uniuscuiusque merita a iudicibus recte examinata, frequenter uideant.

LEO — Longe sane absunt nostri Iaponenses ab Europaeorum patientia: isti enim, ut ais, se in carcerem condi, non ita acerbe ferunt: nostri uero homines eos habent spiritus, ut etiam unius diei moram in carcere, sanguinis et uitae profusione saepe redimant.

MIGUEL — Não é de admirar que os nossos homens assim procedam, visto que no nosso Japão [118] a administração dos reinos e a aplicação do direito não seguem a ordenação europeia. Os nossos japoneses que são presos sabem que caminham para uma morte certa e que a sentença de morte contra eles já está passada, e por isso não hesitam em antecipar o perigo de vida e repelir, pela força das armas, a violência que vai ser-lhes feita, para não experimentarem em si próprios o desrespeito do direito e da justiça que vêem suceder a cada passo a outros que foram injustamente condenados à morte ou cruelmente assassinados.

MÂNCIO — É sem dúvida essa a causa pela qual os nossos japoneses sofrem com tanta indignação que lhes sejam postas algemas. Com efeito, os nossos titulares e tonos, ou outros príncipes, medindo frequentemente os erros dos restantes homens, não com o direito ou as leis, mas pelas afeições e perturbações das suas almas, isto é, pela ira, pelo ódio, pelo temor e outros sentimentos semelhantes, vomitam sobre eles o veneno do seu despeito e castigam inocentes com os mais graves suplícios.

LEÃO — É bem verdade que a culpa tem de ser lançada, de algum modo, contra os titulares e príncipes, mas dela participam também os restantes homens que estão submetidos aos príncipes. Tal é, com efeito, a sua natureza, que nascida no seu espírito até a suspeita mínima de alguma pena que vai ser-lhes aplicada, facilmente abandonam os próprios príncipes e passam-se para outros. Por isso, não deve ser motivo de admiração se os príncipes, depois de fazerem com brevidade, e em segredo, os julgamentos de questões capitais, e do conhecimento dos crimes, castigam pesadamente os homens sob o seu domínio.

MIGUEL — Não sou da opinião que devam ser desculpados os ânimos da gente do povo, propensos à rebelião, mas estou convencido de que a causa de toda a perversidade nasce inteiramente da irregularidade na aplicação do direito. Na verdade, se os príncipes no julgamento das causas respeitassem o direito e as leis, facilmente os homens que vivem sob a sua jurisdição se submeteriam à força das leis, por compreenderem que os castigos lhes deviam ser aplicados, não pelo espírito perturbado dos reis mas pela recta legislação. Quando, porém, vêem que lhes não é dada oportunidade de repelir ou atenuar a acusação, e que não é ab-rogada a confiança posta em testemunhos suspeitos e que, finalmente, não há qualquer meio de mostrar a inocência, repelem com as armas a violência e as injustiças que devem ser-lhes aplicadas.

LINO — Em qualquer caso, de acordo com a vossa narração, creio que também na Europa toda a questão dos suplícios depende dos príncipes e reis, visto que é a eles, como supremos juízes, que é conferida a última solução de todos os negócios.

MIGUEL — A situação é muito diferente na Europa da que existe no Japão. Com efeito, na Europa, como eu já disse, os reis têm magistrados legalmente designados, todos eles grandes peritos de Direito, que diligentemente despacham todas as causas, quer capitais, quer as chamadas civis [119], depois de conhecerem as razões e testemunhos dos dois lados. Por isso, as raivas ou a fúria dos reis não têm qualquer importância, mas tudo se circunscreve à aplicação do justo Direito.

MICHAEL — Non est mirum, si id nostri homines faciant, cum in nostra Iaponia in [118] administratione[19] regnorum, et in iure dicendo Europae ordo non seruetur. Scientes enim nostri Iaponenses, qui ad uincula uocantur, se ad non dubiam mortem ire, capitisque sententiam iam in ipsos esse latam, non dubitant periculum uitae anteuertere et uim sibi inferendam, ui armisque repellere, ne in se experiantur eam iuris iustitiaeque perturbationem quam aliis immerito ad mortem damnatis, uel crudeliter necatis passim euenire uident.

MANCIVS — Ea est sane causa quare nostri Iaponenses tam indigne uincula sibi iniici patiantur, dynastae namque nostri et toni, siue alii principes saepenumero non iure aut legibus, sed suorum animorum affectionibus ac perturbationibus, nimirum ira, odio, timore, aliisque similibus, ceterorum hominum errores metientes, in eos acerbitatis suae uirus euomunt, grauissimisque suppliciis innocentes mulctant.

LEO — Verum quidem est culpam aliqua ex parte in dynastas principesque esse coniiciendam, sed eius etiam participes sunt reliqui homines qui principibus subsunt. Eius enim sunt naturae, ut etiam minima suspicione de poena aliqua sibi inferenda in animis exorta, facile a propriis principibus ad alios defectionem faciant. Quo fit ut non sit mirum, si principes rerum capitalium quaestionibus breuiter ac latenter habitis, criminibusque cognitis, in suae dicionis homines grauiter animaduertant.

MICHAEL — Non ego eius sum sententiae, ut popularium animos ad rebellionem faciendam propensos, excusandos arbitrer, sed totius peruersitatis causam, ex perturbatione iuris dicendi prorsus oriri, mihi persuadeo. Si enim principes in iudicandis causis ius legesque obseruarent, facile homines sub ipsorum iurisdictione uiuentes se legibus coërceri paterentur, intelligentes non regum perturbatis animis, sed recto iure debitas poenas a se esse repetendas. Cum autem uideant, nec sibi depellendi, aut diluendi criminis locum dari, nec suspectis testimoniis fidem derogari, nec denique innocentiae ostendendae ullum esse remedium, uim iniuriasque sibi inferendas armis a se propulsant.

LINVS — Credo sane, iuxta uestram narrationem, etiam in Europa suppliciorum totam rationem a principibus regibusque pendere, cum ad illos tamquam ad supremos iudices omnium negotiorum summa deferatur.

MICHAEL — Longe aliter se res habet in Europa, ac in Iaponia. In Europa nanque, ut iam dixi, reges constitutos ac designatos habent magistratus, eosque uiros iuris peritissimos, qui causas omnes, [119] siue capitales, siue eas, quae ciuiles appellantur, cognitis utrimque rationibus et testimoniis, diligenter expediunt, quam ob rem regum

[19] administratione] administrationis *ed. 1590, post corr. Errata*

Daí resulta que os reis não costumam castigar nem com a pena capital, nem com o exílio, nem com a confiscação dos bens, nem com outra semelhante seja quem for, se essa não tiver sido a sentença do conselho dos juízes ou magistrados, mesmo se os réus forem acusados de ter conspirado para matar o rei ou ocupar o reino.

Pelo que diz respeito aos testemunhos, quais os que devem ser suficientes para aplicar esta ou aquela pena, a regra não depende tanto do juízo dos magistrados, mas das sanções das antigas leis que os próprios juízes devem observar íntegra e incorruptamente. Finalmente, as próprias penas com que cada crime deve ser castigado, estão fixadas pelas leis e pelos institutos dos senadores.

LEÃO — Esta ordenação que apresentaste deve ser considerada não só congruente com a razão mas até divina e celeste. Mas pergunto ainda se os reis estão tão limitados pelas leis que nunca contra elas possam, e sem consultar os magistrados, matar os homens.

MIGUEL — Podem certamente, se quiserem abandonar o papel de reis e assumir um outro, muito diferente, o de tiranos. Com este nome, de facto, como eu disse, são infamados os que, desprezando as leis, regulam a administração pela sua cobiça desenfreada. E não apenas os reis, se quisessem governar os seus reinos, violando as leis, assumiriam esse infelicíssimo nome de tiranos, mas pelos sacerdotes que recebem as suas confissões privadas de pecadores, e pelos bispos e arcebispos que dirigem a administração sagrada de todo o reino, seriam acusados desse crime, com a maior vergonha e desonra. Muito mais, neste caso poderiam ser os reis tão imoderados que, ofendendo o povo, concitassem contra si os seus ânimos e as suas armas, ou mais ainda, que o próprio Sumo Pontífice lhes ab-rogasse poder e domínio. De tudo isto se segue que na Europa há muitas circunstâncias que contêm os reis, mesmo os mais poderosos, no seu dever.

LINO — Tudo isto está muito bem, se entretanto não diminui e enfraquece a reverência e veneração dos súbditos para com os reis.

MIGUEL — Nada há que possa, de entre estas práticas, detrair da veneração para com os reis, sendo tantas as razões que, por todos os modos, recomendam esta observância e respeito, por exemplo, a lei divina que comanda isso mesmo; depois, a majestade e poder dos mesmos reis; finalmente, o próprio amor dos homens europeus, ínsito em suas almas, para com os reis, [120] principalmente quando vêem que são governados com tão grande benevolência e afecto. E tudo isto impele no mais alto grau os europeus ao respeito pelos seus reis. Mas se quiserdes de algum modo conhecer quanta é a boa vontade dos europeus para com os seus príncipes, podeis manifestamente compreendê-la por aquilo que acontece no Japão, porque os exemplos opostos, comparados entre si, costumam entender-se muito melhor.

No Japão, com efeito, vemos que a cada passo os senhores são assassinados pelos servidores, os príncipes e titulares são expulsos brutalmente do seu lugar por aqueles que estão sob a sua jurisdição e que para esse efeito se forjam frequentíssimas conspirações. Na Europa, todavia, tudo se passa de modo muito diferente, porque aqueles que estão sob o poder de alguns príncipes, os respeitam com muito amor,

iracundiae aut furori nullus locus datur, sed omnia recto iure circumscribuntur. Vnde fit ut reges nec poena capitis, nec exilii, nec proscriptionis bonorum, nec alia simili quemquam mulctare soleant, nisi id iudicum uel magistratuum consilio sanciatur, etiam si ipsi rei de rege occidendo et regno occupando conspirasse dicantur.

Quod uero attinet ad testimonia, quaenam sufficientia ad has, uel illas poenas infligendas, esse debeant, non tantum magistratuum iudicio, sed antiquarum legum sanctionibus praescribitur, quas ipsi iudices integre et incorrupte obseruare debent. Denique ipsaemet poenae, quibus singula crimina plectenda sunt, legibus et patrum institutis taxantur.

LEO. Iste quidem ordo a te propositus non solum cum ratione congruens, sed etiam diuinus ac caelestis censeri debet. Sed quaero ultra, an reges ita legibus teneantur, ut nunquam contra eas possint, et inconsultis magistratibus, homines interficere?

MICHAEL. Possunt quidem, si uelint regum personam deponere, aliamque longe diuersam tyrannorum induere. Hoc enim nomine, ut dixi, notantur qui contemptis legibus, suis effrenatis cupiditatibus administrationem metiuntur. Nec uero tantum reges, si legibus uiolatis regna gubernare uellent, illud infestissimum tyrannorum nomen assumerent, uerum etiam a sacerdotibus qui eorum priuatas peccatorum confessiones excipiunt, et ab episcopis archiepiscopisque, qui totius regni sacram administrationem obtinent, cum summo rubore ac dedecore criminis notarentur. Immo uero ita hac in re immoderati esse possent, ut in popularium hominum offensionem incurrentes, eorum animos ac arma in se concitarent, quin et ipse Summus Pontifex eorum potestatem dominatumque abrogaret. Vnde fit ut multa sint in Europa quae reges etiam potentissimos in officio contineant.

LINVS — Ista quidem recte se habent, si tamen subiectorum hominum erga ipsos reges reuerentiam uenerationemque non minuant, atque extenuent.

MICHAEL — Nihil eorum est, quod de ueneratione erga reges possit detrahere, cum tam multa sint quae huiusmodi obseruantiam et cultum omni ex parte commendent, nimirum lex diuina, id ipsum praecipiens. Deinde eorundem regum maiestas et potentia; demum amor ipse Europaeorum hominum animis erga reges [120] insitus, praesertim cum uideant se tam beneuole atque amanter gubernari; quae omnia ad regum reuerentiam Europaeos maxime impellunt. Si autem uelitis aliqua ex parte cognoscere quanta sit Europaeorum hominum erga suos principes beneuolentia, ex his quae in Iaponia eueniunt potestis manifeste colligere; nam solent sibi mutuo aduersantia inter se collata multo melius perspici.

In Iaponia enim uidemus passim dominos a famulis interfici, principes ac dynastas ab iis, qui sub eorum iurisdictione sunt, loco suo pelli et exturbari, et ad haec frequentissimas coniurationes conflari. In Europa autem omnia longe secus se habent, nam qui sub dicione aliquorum principum sunt, eos tamquam parentes peramanter obseruant, et nullus est qui de coniuratione ac factione cogitet. Principes autem

como a seus pais, e nenhum há que pense em conjuração e facção. Os príncipes, por sua vez, são de tal brandura de costumes, que tratam os súbditos com indulgência como a filhos, e vivem em tal segurança e tranquilidade de espírito que nunca lhes passa pela cabeça que alguém vai ser tão criminoso que maquine uma traição. Finalmente, os particulares e gente do povo não estão preocupados com qualquer receio de que os príncipes subitamente lhes provoquem a morte, porque sabem que, se em alguma coisa claudicarem, há-de haver primeiro um interrogatório segundo as normas do direito, depois, se tal for a decisão da justiça, que devam ser encarcerados, do cárcere é lícito a cada um defender a sua causa, ou mesmo estar em liberdade, sob custódia, e apresentar-se aos juízes. E se os réus e criminosos alguma coisa temem, isso será certamente a duração do cárcere, a dificuldade em diluir o crime, finalmente, a própria morte que, mesmo sentenciada de pleno direito, costuma abalar os homens com pesado temor. Pelo contrário, no nosso Japão, nem os príncipes nem os sujeitos ao seu poder, vivem descansados: os primeiros, no temor de qualquer pérfida maquinação, os segundos no terror de que, pela dureza do príncipe ou por calúnia dos inimigos, lhes seja infligido injustamente um castigo. Daí acontece que muitas vezes no meio dos banquetes abundam as efusões de sangue e os cantos e músicas se convertem em lutos e gritaria.

MÂNCIO — É assim mesmo que tudo se passa. Por isso, quando na mente recordo a paz e a segurança da Europa, não posso deixar de sentir uma profunda admiração; mas quando considero os costumes dos nossos homens, compreendo perfeitamente que eles pouco se preocupem com o amor, com a lealdade, finalmente com o convívio amigável. Daqui vem que não há lugar, situação, família que não estejam em grande perigo, e que são tais as mudanças de estados e de famílias que dificilmente [121] a dominação passa de bisavós e avós para netos e bisnetos, ao passo que na Europa, por muitos séculos, o poder e a posição honorífica se transmitem muitas vezes dos antepassados até os últimos descendentes e se propagam sem qualquer intermissão.

LEÃO — Ó venturosa terra essa e continente feliz, onde tanto florescem a paz, tranquilidade e segurança, e felizes os príncipes que tais homens têm sob o seu poder, e finalmente, afortunado o povo que é governado pelos seus príncipes com tanto amor e simpatia! Mas gostaria de saber como procedem os juízes europeus, quando os crimes não são manifestamente conhecidos, mas apenas investigados por suspeita.

MIGUEL — Em todos estes e em outros acontecimentos, há certas normas tradicionais. Procede-se contra os réus duma forma, se os testemunhos são indiscutíveis, de outra maneira, se é obscuro o conhecimento do crime, de outra finalmente, se as suspeitas são leves. Todavia, por vezes, a confissão do crime, feita pelo réu, ou espontaneamente, ou arrancada pelas torturas, supre a parte dos testemunhos. E no caso de homens tais que sobre eles não pode agir-se com tormentos, de acordo com a gravidade das suspeitas e dos indícios, são castigados com alguma pena mais leve.

ipsi ea sunt morum suauitate, ut sibi subditos homines tamquam filios indulgenter tractent, et in ea securitate, atque animi tranquillitate uiuunt, ut nunquam sibi persuadeant aliquem tam facinorosum fore, qui proditionem machinetur. Denique ipsi priuati ac populares uiri nullo mortis sibi subito a principibus inferendae timore sollicitantur, sciunt enim, si in aliquo deliquerint, primum seruato iuris ordine quaestionem esse habendam, deinde, si iustum sit, se in carcerem esse coniiciendos, unde licet unicuique suam causam defendere, uel etiam in libera esse custodia, et iudicibus se sistere. Quod si rei et criminosi homines aliquid reformident, illud sane erit diuturnitas carceris, molestia criminis diluendi, denique mors ipsa, quae etiam iure optimo illata, solet homines graui timore concutere. Contra uero in nostra Iaponia nec principes, nec eorum iurisdictioni subiecti securi uiuunt: illi quidem timentes perfidiae machinationem aliquam; ii uero poenam ex iracundi principis acerbitate, uel aduersariorum calumnia sibi iniuste infligendam. Vnde fit ut media saepe conuiuia sanguinis profusione redundent, et cantus symphoniaeque in luctus et ululatus conuertantur.

MANCIVS — Ita prorsus omnia se habent. Quapropter cum Europaeam illam pacem securitatemque mente repeto, non possum non summopere mirari; cum uero nostrorum hominum mores considero, plane intelligo, de amore, de fide, de amica denique consuetudine, parum nostros homines esse sollicitos. Hinc autem fit ut nullus sit locus, nullus status, nulla familia, quae non magnopere periclitetur, statuumque ac familiarum tales sint mutationes, ut uix dominatus [121] a proauis et atauis, ad nepotes et pronepotes transferatur, cum tamen in Europa per multa saecula potestas honorificusque locus saepe a maioribus ad ultimos usque posteros traducatur, et sine ulla intermissione propagetur.

LEO — O beatam terram istam, felicemque regionem, ubi pax, tranquillitas et securitas tantopere efflorescit, felicesque principes qui tales homines sub sua dicione habent, fortunatum denique populum qui tam amanter et beneuole a principibus gubernatur! Sed scire uelim quoties crimina non sunt manifeste nota, sed suspicione tantum inuestigata, quomodo se Europaei iudices gerant?

MICHAEL — In omnibus istis aliisque euentibus certae sunt normae traditae: aliter enim integris testimoniis, aliter obscura criminis cognitione, aliter denique leuibus suspicionibus in reos agitur. Supplet tamen interdum testimoniorum partem ipsa criminis confessio a reo uel sponte prolata, uel cruciatibus extorta. Quod si uiri sint tales, ut in eos tormentis agi non liceat, iuxta suspicionum indiciorumque grauitatem poena aliqua leuiori plectuntur.

L1NO — Quem dera que no nosso Japão se observasse uma ordenação semelhante! Assim, não seriam castigados inocentes ou levissimamente suspeitos, com a pena de morte ou de exílio! Mas explica-nos se quem na Europa é condenado à morte, é levado à cruz, segundo o nosso costume, ou metido num caldeirão e torrado ou, finalmente, para experimentar a lâmina das espadas, é cortado em pedaços.

MIGUEL — Porque na Europa se age por justiça e não por vingança, todos os que são condenados à morte, experimentam em si a maior humanidade de príncipes e magistrados. Com efeito, não são conduzidos subitamente à morte, mas antes são aconselhados benevolentemente por um sacerdote, se acontecer que, pelo crime cometido, sejam condenados à morte. Por esse motivo, convém que lavem as manchas da alma pela confissão e façam preces a Deus para obter o perdão dos pecados e implorem a protecção de todos os santos. E encorajados por estas palavras, ouvem com paciência a sentença contra si proferida; em seguida, são conduzidos do cárcere, com grande acompanhamento de homens e de alguns religiosos, para o lugar do castigo, que chamamos patíbulo, onde, segundo a variedade das províncias e das pessoas, ou são enforcados ou são decapitados ou são punidos com outro género de morte, mas sem crueldade infamante. Todavia, nem são queimados no caldeirão nem erguidos na cruz, uma vez que a cruz é o símbolo da nossa salvação e, por isso, é por todos respeitada como santa e augusta. [122] E não é lícito experimentar o fio das espadas em corpo de vivo ou de morto. Pelo contrário, os cadáveres, mesmo os dos inimigos, são piedosamente sepultados.

LEÃO — Ocorre-me ainda perguntar de que maneira se comportam os magistrados para com os filhos e esposas dos condenados à morte, isto é, se na Europa também estes sofrem a pena de morte, de confiscação dos bens, e de escravidão, como costuma acontecer no nosso Japão.

MIGUEL — Pelo que concerne aos filhos e esposas dos condenados, eles não podem ser castigados com a pena de morte ou de escravidão, por causa dos crimes dos pais. E também não há qualquer venda pública dos seus bens, a não ser que tenham cometido o crime de traição ou outro muito atroz. E mesmo neste caso, as esposas conservam parte dos bens, mas a parte que era dos maridos reverte para o tesouro régio, porque os europeus não consideram justo que as esposas, nada tendo a ver com o crime, sofram a mesma pena que os maridos. Com efeito, as leis são aprovadas com vista a eliminar o crime, e não para favorecer a crueldade e a ganância dos príncipes.

LINO — Tudo isso está inteiramente de acordo com a razão, a saber, que aquele que tem culpas, sofra o devido castigo, mas fiquem imunes a segurança e os bens dos inocentes. Mas é o contrário que nós vemos acontecer aqui no Japão, onde, aproveitando a oportunidade de crimes mesmo leves, são eliminadas as cabeças e os bens de muitos inocentes, e o direito que é devido a cada um é muitíssimas vezes pervertido.

MÂNCIO — Que admira se entre os nossos japoneses, ainda pagãos, vigora esta forma de direito, ou antes de injustiça, se não se preocupam com a vida futura

LINVS — Vtinam in nostra Iaponia ordo iste seruaretur; nec enim innocentes, uel leuissima criminis suspicione commota, capitis, aut exilii poena plecterentur. Sed explica, an qui in Europa capitis damnantur, in crucem nostro more agantur, uel lebete inclusi torreantur, uel denique ad experiendam gladiorum aciem in partes concidantur?

MICHAEL — Cum in Europa iustitia, non irae perturbatio attendatur, quicumque capitis condemnantur, summam in se principum ac magistratuum humanitatem experiuntur. Nec enim subito ad mortem rapiuntur, sed prius beneuole ab aliquo sacerdote admonentur, fore, ut propter commissum crimen capitalis poena ab illis repetatur. Qua de causa expedire ut animorum maculas confessione abluant, et supplices Deo preces pro peccatorum uenia adhibeant, omniumque diuorum patrocinium implorent. Quibus uerbis bene animati patienter sententiam in se promulgatam audiunt, deinde e carcere cum magno hominum aliquorumque religiosorum comitatu ad poenae locum, quod patibulum dicimus, educuntur, ubi pro uarietate prouinciarum et personarum, uel e furca suspenduntur, uel obtruncantur, uel alio mortis genere, absque crudelitatis nota, puniuntur. Non tamen lebete concremantur, nec in crucem tolluntur, cum illa sit nostrae salutis signum, et ideo sancte augusteque [122] ab omnibus colatur. Nec fas est in alicuius corpore siue uiuentis, siue mortui gladiorum aciem tentari. Immo uero cadauera, etiam ab hostibus, cum pietate sepelienda traduntur.

LEO — Rogandum adhuc occurrit, qua ratione magistratus erga filios et uxores capite damnatorum se gerant, nimirum an etiam hi mortis, bonorum proscriptionis et seruitutis poenam, ut in nostra Iaponia fieri solet, in Europa patiantur?

MICHAEL — Quod attinet ad damnatorum filios et uxores, nec mortis nec seruitutis poena ob parentum crimina mulctari possunt, nulla item est bonorum publicatio, nisi commisso crimine proditionis, uel alio atrocissimo, quo tamen admisso, uxores bonorum partem retinent, pars autem illa, quae maritorum erat, in regis aerario reconditur, nec enim iustum esse censent Europaei, ut uxores nullius criminis affines, eandem cum maritis criminosis poenam subeant. Leges enim ea de causa sanciuntur ut crimina de medio tollantur, non ut crudelitati et auaritiae principum locus detur.

LINVS — Ista omnia cum ratione maxime conueniunt, ut uidelicet ille qui culpam commisit, debito supplicio plectatur, innocentium uero salus et peculium immunia permaneant. Secus tamen in nostra Iaponia fieri uidemus, ubi occasione ex criminibus etiam leuibus captata, multorum innocentum capita et bona proscribuntur, iusque unicuique debitum saepissime peruertitur.

MANCIVS — Quid mirum, si inter nostros Iaponenses adhuc ethnicos ista iuris uel iniustitiae potius ratio habeatur, qui nec futurae atque aeternae uitae consulunt,

nem podem ser coagidos pelas leis a restituir o alheio, nem finalmente referem a administração do povo ao bem comum mas à utilidade privada. Rezemos, portanto, a Deus para que um dia, finalmente, brilhe para todos os nossos japoneses a luz da fé cristã, de modo que, iluminados por ela, eles venham a conhecer facilmente o que o direito natural exige ou o que é consentâneo com o bem comum.

LEÃO — Deus queira que assim aconteça. Na verdade, a utilidade da religião cristã, na administração da república, já em grande parte a experimentamos naqueles príncipes que são contados no número dos cristãos, cujo estilo no governo do povo é de longe diverso do que seguem os homens pagãos. Virá um dia o tempo em que os nossos homens abandonarão todos os costumes contrários ao direito juntamente com a falsa religião, e as práticas cristãs de par com a verdadeira piedade serão profundamente introduzidas no Japão! Mas agora gostaria de saber se os reis europeus, [123] ocasionalmente também oprimidos por grave necessidade, ocupam a propriedade alheia, e se, no caso de alguns homens nobres lhes serem porventura menos gratos, eles podem derrubá-los da sua posição e colocar outros em seu lugar.

MIGUEL — Isso é, sem dúvida, completamente alheio ao costume dos europeus: nem reis nem príncipes, sem a existência dum crime ou sentença passada contra os réus, podem esbulhar alguém das suas possessões. Todas as vezes que um perigo grave ameaça o reino e que, para o repelir, é necessária grande soma de dinheiro, os reis marcam assembleias dos cidadãos e, reunindo os procuradores de todas as cidades, pedem ao povo algum subsídio. E o povo, pelos seus agentes e procuradores, decide a soma de dinheiro que é reunida em paz e tranquilidade, e por cabeça, sem ofensa para ninguém. Mais ainda: às vezes, o rei sofre uma recusa, quando o povo julga que o perigo não é assim tão grave e tão intolerável a necessidade, que deva reunir-se dinheiro para socorrer o rei.

Pelo que toca àqueles que não são tanto do agrado do rei, podem, decerto, os reis não os tratar com tanta simpatia, conceder-lhes menos honras, finalmente, afastá-los do acesso e conversa com a sua pessoa. Mas se eles não estão relacionados com qualquer crime, não têm os reis a liberdade de lhes tirar os bens nem de transferi-los para outrem. Daí resulta que a vida decorre, entre os europeus, com grande segurança.

LEÃO — Admiro-me, sem dúvida, de que, sendo tão grande o poder dos reis europeus, não haja lugar para cobiças privadas e afeições pessoais.

MÂNCIO — Os reis europeus fogem tanto de afeições privadas, na administração, que nem sequer dão ordem de se pagar e distribuir dinheiro do seu erário pessoal, senão depois de feita uma cuidadosa investigação e de examinados os méritos daqueles que devem ser presenteados com o dinheiro.

LEÃO — Notável, sem dúvida, esse modo de administrar. Mas no fim deste colóquio faço esta pergunta: se o poder dos reis é tão grande que, às vezes, podem absolver da pena das leis os condenados à morte e mandá-los embora, sem castigo.

MIGUEL — Essa possibilidade está compreendida no poder real e por isso não é tirada aos reis europeus por qualquer direito. Todavia, sendo aqueles reis

nec ad restituendum alienum legibus coërceri possunt, nec denique administrationem populi ad commune bonum, sed ad priuatam utilitatem referunt. Precemur ergo Deum, ut tandem aliquando omnibus nostris Iaponensibus lumen Christianae fidei affulgeat, quo illustrati, quid ius naturae postulet, quidue communi bono sit consentaneum, facile cognoscent.

LEO — Faxit Deus ut ita eueniat. Christianae namque religionis utilitates in republica administranda, iam magna ex parte experimur in his principibus qui in Christianorum numerum sunt relati, quorum modus in populo gubernando longe diuersus est ab eo quem ethnici homines obseruant. Erit aliquando tempus, cum omnes mores iuri contrarios simul cum falsa religione nostri homines omnino exuant, et Christianae consuetudines una cum uera pietate in Iaponiam penitus introducantur. Sed nunc scire uelim, an Europaei [123] reges interdum etiam graui necessitate oppressi, alienas possessiones occupent, et si forte aliqui uiri nobiles minus ipsis sint grati, possintne eos de statu deiicere, aliosque in eorum locum substituere?

MICHAEL — Istud sane longe ab Europaeorum consuetudine alienum est: nec enim reges, aut principes absque crimine commisso, aut ante sententiam in reos latam, aliquem possunt e possessionibus suis exturbare. Quoties uero graue aliquod periculum regno imminet, ad quod depellendum pecuniae magna summa necessaria est, ciuiles conuentus indicunt, omniumque ciuitatum procuratoribus congregatis, aliquod subsidium a populo postulant, qui per actores et procuratores suos pecuniae summam decernit, et per singula capita, nulla offensione alicui illata, tranquille et quiete corrogatur. Immo interdum rex repulsam patitur, populo iudicante non tam graue periculum tamque intolerabilem necessitatem esse, ut coacta pecunia illi subueniri debeat.

Quod uero attinet ad eos qui non ita grati regibus sunt, possunt quidem reges minus cum illis familiariter agere, pauciores honores deferre, denique ingressu ad se et colloquio prohibere. Si tamen nullius criminis sint affines, nec bona illis auferre, nec in aliorum usum conuertere liberum est. Vnde fit ut cum magna securitate inter Europaeos uita traducatur.

LEO — Miror equidem, in tanta potentia Europaeorum regum, nullum, quoad haec, priuatis cupiditatibus et animi affectionibus locum patere.

MANCIVS — Tantopere Europaei reges priuatas affectiones in administrando fugiunt, ut ne pecuniam quidem ex proprio aerario depromi iubeant ac distribui, nisi diligenti habita deliberatione examinatisque meritis eorum qui pecunia sunt donandi.

LEO — Egregius profecto est iste administrandi modus. Sed illud ad calcem huius colloquii interrogo, regumne potentia tanta sit, ut nonnunquam capite damnatos possint poena legum absoluere, et impunitos dimittere?

MICHAEL — Ista quidem facultas in regiam potestatem cadit, et ideo regibus Europaeis non est ullo iure sublata. Cum tamen iustitiae iurisque reges illi ualde

muito respeitadores das leis e do direito, só com profundas razões anulam a pena estabelecida pelos juízes. A não ser que, porventura, haja no réu, alguma vez, tais dons da natureza ou méritos para que deva confirmar-se a sua vida, por causa da comum utilidade, ou haja outra justa razão de o isentar da pena. Mas todas as vezes que o crime cometido por um réu é tal que implica um prejuízo para alguém, nunca os reis costumam libertá-lo da pena, sem que primeiro [124] o prejuízo seja reparado.

LEÃO — Ainda me resta perguntar se podem os duques, marqueses e condes, em lugares sujeitos ao seu domínio, também castigar com a morte os criminosos, e se, do mesmo modo, é lícito a qualquer homem nobre exigir a pena de morte para um criado inculpado de algum crime.

MIGUEL — Pelo que respeita a duques, marqueses e condes ou outros titulares que possuem algum domínio ou jurisdição, mas obedecem aos reis, esta é a ordenação seguida: que os magistrados estabelecidos por estes duques e senhores, os quais devem ser jurisconsultos, possam em certos casos também condenar os réus à pena capital, desde que todavia haja lugar de recorrer para o senado régio e para os supremos juízes, como nas restantes cidades que estão submetidas aos reis, sem jurisdição dos magnates, é costume fazer-se. Entretanto, pela autoridade dos supremos juízes, a sentença ou é confirmada, ou é comutada na sua totalidade ou em parte. E assim o direito sempre é respeitado na ordenação devida. Quanto aos restantes homens, por muito nobres que sejam, se não exercerem uma jurisdição que lhes foi conferida pelo rei, de modo algum podem condenar com a pena capital os seus súbditos, mas apenas aplicar-lhes uma espécie de castigo paternal, sem efusão de sangue.

LINO — Das tuas palavras claramente compreendo que não há nenhum chefe de família que possa matar um criado seu, por ter cometido algum crime, como é costume corrente aqui no Japão.

MIGUEL — É isso mesmo, Lino. Este costume, corrente no nosso Japão, é inteiramente contrário à razão, porque é justo que só aqueles que possuem o poder supremo, ou a quem ele foi cometido, apliquem a pena de morte aos súbditos, ao passo que aos restantes, como são os pais de família, é-lhes concedido corrigir os crimes dos criados, apenas com chicotadas e outras penas mais leves. E se os criados, atingidos com estas penas, se não convertem a melhor vida e a um modo mais honesto de procedimento, é fácil expulsá-los da família e da casa e assim avisar os outros sobre os seus deveres. Todavia, é princípio fundamental entre os europeus o de aliciar para a prática da virtude mais com o amor, do que com o temor do castigo.

MÂNCIO — Acrescentarei um último pormenor para compreensão desta matéria da aplicação do direito, um pormenor que deve mover-nos a não menor admiração. Todas as vezes que os magistrados terminam as suas funções, são-lhes pedidas severas contas da administração finda, havendo a possibilidade de que aqueles que sofreram algum prejuízo, os acusem. Terminada a sua actividade, referidos por escrito

sint obseruantes, consideratissime poenam a iudicibus taxatam omnino tollunt. Nisi forte aliquando talia sint in reo siue naturae dona, siue merita, ut causa communis utilitatis uita eius conseruari debeat, uel alia sit iusta ratio illum poena eximendi. Quoties autem crimen a reo commissum eiusmodi est, ut alicui damnum [124] fuerit iniunctum, nunquam solent rei, nisi prius resarciatur damnum, poena liberari.

LEO — Adhuc quaerendum superest possintne duces, marchiones et comites in locis suae dicioni subiectis etiam criminosos homines morte mulctare? Itemque an liceat cuicumque nobili uiro poenam mortis a famulo culpam aliquam committente reposcere?

MICHAEL — Quod attinet ad duces, marchiones et comites, siue alios dynastas qui dicionem aliquam, uel iurisdictionem habent, regibus tamen parent, is ordo seruatur: ut magistratus ab his ducibus et dominis constituti, qui quidem iuris consulti esse debent, possint quidem in aliquibus euentibus reos etiam capite damnare, dummodo tamen ad senatum regium supremosque iudices locus prouocandi detur, ut in reliquis ciuitatibus quae regibus absque dynastarum iurisdictione subsunt, fieri consueuit. Supremorum uero iudicum auctoritate, uel sententia confirmatur, uel omnino aut ex aliqua parte commutatur. Atque ita debito semper ordine ius attenditur. Reliqui autem uiri quantumuis nobiles, si iurisdictionem a rege sibi datam non exerceant, nequaquam possunt capitis supplicio homines sibi subiectos plectere, sed solum uelut paterna aliqua poena citra sanguinis effusionem eos afficere.

LINVS — Ex dictis tuis ego manifeste colligo nullum esse patrem familias qui domesticum famulum commisso aliquo crimine interficere possit, ut in nostra Iaponia in more positum est.

MICHAEL — Recte colligis, Line. Mos enim iste in nostra Iaponia usurpatus a ratione prorsus abhorret, solos namque illos qui supremam, uel commissam sibi potestatem habent, in homines sibi subiectos necis poenam exercere, iustum est. Reliquis autem, quales sunt patres familias, uerberibus tantum aliisque leuioribus poenis famulorum crimina corrigere datum est. Quod si famuli his poenis affecti ad meliorem frugem, honestioremque uiuendi rationem se non recipiant, facile est illos e familia, domoque expellere, et ita reliquos officii admonere. Illud tamen praecipuum est inter Europaeos, ut amore potius, quam poenae timore ad bonum uirtutis sectandum alliciantur.

MANCIVS — Addam etiam ego illud ultimum ad hanc iuris dicendi materiam intelligendam, quod uobis non minorem mouere debet admirationem. Quoties enim magistratus muneribus suis sunt perfuncti, seuera ratio ab illis exigitur praeteritae administrationis, data etiam his, qui detrimento aliquo sunt affecti, accusandi facultate: actis uero confectis, [125] testimoniisque in tabulas relatis, de magistratibus uel ad

os testemunhos, [125] é feita uma deliberação sobre a promoção dos magistrados a um posto mais alto ou sobre a sua punição. É que os reis cristãos não querem que estes lugares honrosos sejam atribuídos ao acaso e irreflectidamente a homens perversos, como espadas entregues a furiosos, e que da sua nomeação, sob capa do direito e da justiça, resulte algum dano para o povo.

LEÃO — Muito nos agrada toda esta ordenação do governo, e ela parece estar plenamente de acordo com a razão e com a piedade cristã e merece que nós, os japoneses, a abracemos de todo o coração.

Mas o nosso espírito inclina-se para as armas e máquinas de guerra que nos deves expor, a não ser que tu penses dever adiar este assunto, como necessitando de mais longa conversa, para amanhã.

MIGUEL — É o que penso e assim o creio necessário, quer para nos entregarmos um pouco ao repouso, quer também, para que não pareça tratada com brevidade excessiva matéria de tanta importância.

altiorem dignitatem euehendis, uel puniendis deliberatur. Nec enim uolunt reges Christiani temere et inconsulto prauis hominibus huiusmodi honores, tamquam furiosis gladios, deferri, ab eisque obtentu iuris, ac iustitiae populo damnum aliquod importari.

LEO — Placet summopere nobis totus iste gubernandi ordo, planeque uidetur cum ratione et Christiana pietate conuenire, dignusque est quem nos omnes Iaponenses totis animis complectamur.

Sed ad arma bellicosque apparatus a te explicandos tendit animus, nisi forte rem hanc tamquam longiori sermone indigentem in posterum diem differendam iudicas.

MICHAEL — Iudico et ita necessarium esse arbitror, tum ut quieti aliquantulum uacemus, tum etiam ne breuius tanti ponderis materia tractata esse uideatur.

COLÓQUIO DÉCIMO TERCEIRO
Sobre as guerras que costumam fazer-se na Europa,
e a ordem na composição do exército e os combates terrestres.

LEÃO — Visto que já trataste da administração dos reinos, Miguel, e daquilo que diz respeito à paz e repouso públicos, segue-se que te ouçamos, com muito prazer, falar da ordenação das guerras e da disposição, usada na Europa, dos exércitos e dos combates.

MIGUEL — Falarei de tal assunto com tanto mais gosto, quanto é certo que os nossos japoneses têm a reputação de se interessar pelas coisas militares e eu espero que vós sejais ouvintes muito atentos.

Em primeiro lugar, na Europa, parece digno de louvor e recomendação o facto de que não está ao alcance de quaisquer nobres e de homens de boa família, e nem mesmo dos grandes magistrados, fazer guerra entre si, mas apenas de reis e de príncipes livres, e de repúblicas independentes que não obedecem a qualquer superior. Pelo contrário, os restantes magnates [126], sejam eles duques, marqueses e condes que vivem sob a jurisdição de reis ou de repúblicas, estão absolutamente proibidos de guerras provocadas por sua vontade e arbítrio. E a partir desta situação podeis compreender a diferença manifesta entre os europeus e os nossos japoneses: com efeito, dos nossos, quase todos aqueles a quem chamamos conixuos e yacatas têm o poder de fazer a guerra uns aos outros, ou, para dizer com mais verdade, reivindicam esse poder. Ora sendo grande o número deles no Japão, não pode deixar de ser grande a frequência das guerras e como que o incêndio em que se abrasa toda esta região. Na Europa, porém, acontece de modo diferente, e aí poucos são os que dispõem do poder de fazer a guerra, e todos eles tão entregues à piedade cristã e à comum tranquilidade, que não iniciam guerras senão por causas justíssimas e longamente examinadas.

LEÃO — Qual é a causa por que duques, marqueses e condes não podem envolver-se em mútuas guerras e vingar com o ferro e com as armas as ofensas mutuamente cometidas?

MIGUEL — A causa que perguntas pode manifestamente concluir-se do colóquio anterior. Uma vez que duques, marqueses e condes não têm poder de vida ou de

De bellis in Europa geri solitis,
et ordine exercitus componendi, proeliisque terrestribus.
COLLOQVIVM DECIMVM TERTIVM.

LEO — Quandoquidem de regnorum administratione a te actum est, Michaël, et de his quae ad pacem quietemque publicam pertinent, sequitur ut de bellorum ordine, exercituum proeliorumque dispositione in Europa usurpata te dicentem iucundissime audiamus.

MICHAEL — Dicam hac materia eo libentius, quo Iaponenses nostros rei bellicae studiosiores esse constat, uosque auidius audituros esse, spero.

Primo igitur illud dignum laude et commendatione in Europa uidetur, quod non quicumque nobile et honesto loco nati uiri, nec etiam magni magistratus inter se bella mouere possint, sed tantum reges principesque liberi, et respublicae immunes, nulli alii superiori parentes. Reliqui autem [126] dynastae, duces, marchiones, et comites sub regum uel rerum publicarum iurisdictione uiuentes, a bellis suo nutu et arbitrio concitandis omnino prohibentur. Atque ex hoc loco potestis perspicere discrimen manifestum inter Europaeos nostrosque Iaponenses, ex nostris namque fere omnes illi, quos conixuos et yacattas dicimus, belli sibi mutuo inferendi potestatem habent, uel, ut uerius dicam, eam ipsi sibi uindicant. Cum autem horum numerus magnus sit in tota Iaponia, non potest non esse magna bellorum frequentia, et uelut quoddam incendium, quo haec regio conflagrat. In Europa autem secus accidit, ubi belli commouendi facultatem habentes pauci sunt, illique tantopere Christianae pietati communique tranquillitati dediti, ut non sine iustissimis causis diuque examinatis bella suscipiant.

LEO — Quid causa est cur duces, marchiones et comites nequeant mutuis bellis secum decertare, et iniurias ultro citroque illatas ferro atque armis persequi?

MICHAEL — Causa, quam requiris, ex superiori colloquio colligi manifeste potest. Cum enim duces, marchiones et comites in homines dicionis suae non habeant

morte, de maneira nenhuma, sobre os homens que deles dependem, mas é possível recorrer duma sentença capital, proferida por eles ou pelos seus magistrados, para os reis ou para o senado régio, muito menos terão estes magnates a liberdade de ferir outros seus iguais ou semelhantes, declarando-lhes guerra. E isto está, sem dúvida, de acordo com a natureza.

Assim como no corpo humano, é da cabeça, na qual reside principalmente a força dos sentidos e da inteligência, que deriva para os restantes membros o comando dos movimentos, assim também é justo que no reino seja dos reis, que têm o lugar da cabeça, para os magnates, que são os membros conjuntos, que deriva toda a direcção da guerra e da paz. Por isso, se acontecer que estes magnates mutuamente se ataquem, é para o rei que se recorre como um vingador e garante comum, e não se luta, dando largas a ódios privados. E daqui resulta que, à excepção dos reis, dos mais altos príncipes e das repúblicas livres, nenhuns outros magnates, a não ser que tal lhes tenha sido mandado e confiado, podem sustentar um exército, munir fortalezas ou manter soldados em guarnições. E quantas vezes assim procedem, costumam fazê-lo, não como senhores livres, mas como generais nomeados pelos reis e pelos mais altos príncipes ou repúblicas. E desta prática usual também se colige a utilidade seguinte, a saber, que dificilmente os magnates podem atraiçoar os reis e fazer revoluções, uma vez que [127] lhes foram tiradas as oportunidades nas quais, como tochas, se inflamam frequentemente as imoderadas ambições da natureza. Mas no nosso Japão, tudo acontece de modo diferente. Tendo os tonos[77] soldados em guarnições, e municiando fortalezas em seu próprio nome, facilmente provocam guerras e sedições contra os yacatas e, por isso, nunca gozamos de paz, mas tudo se perturba com conjurações e tumultos de guerras, ao mesmo tempo que os tonos frequentemente incorrem na suspeita de traição e os yacatas de modo nenhum se crêem seguros.

LINO — É verdade o que referes. Com efeito, muitas vezes também os senhores de todo o nosso universo a que chamamos «tenca», quiseram coibir estes tonos e magnates inferiores, para não viverem em tão grande possibilidade de fazer a guerra, e confiscar-lhes guarnições e fortalezas, mas nada puderam conseguir, porque este perverso costume de manter guarnições e fortalezas em nome próprio, já ganhara raízes no Japão entre os tonos.

MIGUEL — Eu estou convencido de que este costume surgiu quando o próprio e legítimo rei do Japão, a quem chamamos «dayro», foi expulso do seu antigo poder pelos «cubos»[78] Guenguio e Féquio que lutavam entre si pela posse do império nipónico, e quando tantas e tão variadas jurisdições foram introduzidas. Daí resultou que há já quinhentos anos que vivemos nesta confusão e perturbação geral. Ora isto não se encontra na Europa, porque os reis, sucedendo geralmente a seus pais, por direito hereditário, possuem um assento real, firme e estável, e são senhores de tal poder que dificilmente podem ser afastados do seu lugar pelos magnates.

MÂNCIO — Considerando eu as causas das nossas perturbações, três principais me ocorrem, pelas quais acontece que tão frequentemente os magnates iniciam as guerras, a seu bel-prazer.

omnino liberam uitae, necisque potestatem, sed a capitali sententia, ab ipsis uel eorum magistratibus lata, ad reges aut regium senatum prouocari possit, multo minus liberum erit huiusmodi dynastis alios sibi pares uel similes concitato bello lacessere. Atque hoc sane cum natura maxime congruit.

Sicut enim in humano corpore a capite, in quo sensuum et intelligentiae uis maxime uiget, ad cetera membra motus moderatioque deriuatur, ita etiam aequum est ut in regno a regibus, qui capitum locum obtinent, ad ceteros primates, tamquam ad coniuncta membra, tota administratio siue belli siue pacis reuocetur. Quapropter, si eueniat ut huiusmodi optimates iniurias sibi mutuo inferant, ad regem quasi ad communem ultorem et uindicem concurritur, non autem priuatis odiis exercitis decertatur. Atque hinc fit ut praeter reges, supremos principes, respublicasque liberas, nulli alii primates, nisi ipsis mandatum fuerit et commissum, exercitum alere, arces munire, aut milites in praesidiis habere possint. Quoties uero id faciunt, non tamquam liberi domini, sed tamquam duces a regibus et supremis principibus, aut rebus publicis designati, id praestare consuescunt. Ex qua consuetudine illud etiam utilitatis colligitur, quod non facile dynastae defectionem [127] a regibus facere, rebellionemque exercere possint, sublatis his occasionibus, quibus ueluti facibus naturae immoderatae cupiditates saepissime inflammantur. In nostra uero Iaponia secus omnia accidunt. Habentes enim toni milites in praesidiis, arcesque suo nomine munientes, facile contra yacattas bella, seditionesque concitant, atque ideo nulla pace fruimur, sed omnia coniurationibus ac bellorum tumultibus perturbantur, dum toni frequenter in suspicionem proditionis ueniunt, et yacattae nequaquam se esse securos credunt.

LINVS — Vera sane refers. Nam saepissime, etiam totius nostrae uniuersitatis, quam “tencham” dicimus, domini, huiusmodi tonos, et inferiores dynastas cohibere uoluerunt, ne in tanta bellorum gerendorum occasione uersarentur, praesidiaque et arces illis auferre nec tamen omnino assequi potuerunt, eo quod haec praua consuetudo praesidia arcesque proprio nomine tuendi, iam diu in Iaponia inter tonos inueterauerit.

MICHAEL — Ego sane mihi persuadeo hanc consuetudinem iam inde ortum habuisse cum primum proprius ac legitimus Iaponiae rex, quem “dayrum” dicimus, a cubis Guengio et Fequio de Iaponico imperio acquirendo inter se certantibus, e possessione sua antiqua deiectus est, et tam multae uariaeque iurisdictiones sunt introductae. Vnde factum est ut iam a quingentis annis in hac rerum omnium confusione perturbationeque uersemur. Hoc autem in Europa ideo non reperitur, quod reges parentibus hereditario iure plerumque succedentes stabilem ac firmam regiam sedem obtineant, eaque sint potentia praediti, ut difficillime a dynastis loco suo moueri possint.

MANCIVS — Mihi quidem nostrarum perturbationum causas consideranti, tres potissimae occurrunt quibus fit ut tam frequenter dynastae suo nutu atque arbitrio bella commoueant.

A primeira é que, na governação do povo e na condução da guerra, os nossos tonos não dependem dos yacatas tanto como os magnates europeus dependem dos reis. Depois, porque a plebe europeia que vive sob a jurisdição de condes, marqueses ou duques, embora os venere e respeite, todavia reverencia muito mais o senhor comum, isto é, o próprio rei. Donde resulta que, se os magnates quisessem por acaso fazer defecção, não só os não seguiriam mas deles viriam a afastar-se inteiramente como de violadores da lealdade devida aos reis.

Pelo contrário, no nosso Japão, o povo que está submetido aos tonos e a outros senhores semelhantes é-lhes tão aderente, que todo se adapta à vontade deles e lhes está submisso, [128] naturalmente, nos bens e muito mais na administração da justiça. Por isso, quando os tonos se passam para outros yacatas, também os populares, sem hesitação, se passam.

Finalmente, os magnates europeus que estão submetidos aos reis, além do facto de que guardam uma dignidade que receberam dos próprios reis, e como que transmitida pelas mãos de seus maiores, comprometem a sua fidelidade por meio de um juramento. E, obrigados por este compromisso, não consideram nada mais vergonhoso do que a defecção e a conspiração contra os seus reis. Os nossos tonos, porém, quer estejam submetidos aos yacatas por um direito inicial e antigo, quer se juntem ao serviço deles por livre vontade, não se consideram obrigados pelo escrúpulo de qualquer juramento. Portanto, se pensam nisso ter vantagem, facilmente ou provocam guerras ou se passam para outros yacatas, e desse procedimento não crêem que redunde para si qualquer desonra ou infâmia.

LEÃO — Tudo isto faz sentido. Mas gostaria de que agora falasses das fortalezas europeias e do seu municiamento.

MIGUEL — Havendo uma grande diferença entre a maneira de edificar europeia e japonesa, fácil é também reconhecer que há grande diferença na construção e municiamento das fortalezas. Entre nós as fortalezas são defendidas mais pela natureza do que pela ciência, ao passo que entre os europeus elas são reforçadas com muralhas e máquinas de extraordinária invenção, graças às quais as cidades são muito bem defendidas, é contido o ímpeto violentíssimo da artilharia, e finalmente os inimigos são atacados e sofrem grandes derrotas. Nem de outro modo os europeus poderiam defender as suas cidades contra as peças de artilharia que são tão grandes e feitas de tal matéria, isto é, de bronze e metais variados, e tão pesado é, finalmente, o seu ataque pelo lançamento de bolas esféricas e de enxofre, que só as firmíssimas estruturas dos edifícios podem suportar e repelir tão grande violência. Na verdade, são dispostas algumas vezes estas peças de artilharia, puxadas em veículos, por tão diversas partes e batem os muros das cidades com tanta força e ruído que o céu parece romper-se, a terra tremer e todo o universo cair em pedaços. Por isso, é necessário que as cidades sejam rodeadas de tais muros, torres, baluartes e barreiras que não sejam facilmente arruinadas, quando marteladas pela violência de tais canhões. E costuma haver, além de muros, antemuralhas e obras de defesa, algumas fortalezas altíssimas, como se fossem a principal segurança da cidade, à

Primum, quod in popularium gubernatione, bellique administratione, non ita nostri toni a yacattis sicut Europaei dynastae a regibus pendeant. Deinde quia Europaei populares qui sub comitum, marchionum, aut ducum iurisdictione uiuunt, quamuis illos uenerentur et obseruent, multo tamen magis communem dominum, hoc est, regem ipsum reuerentur. Vnde fit ut dynastas, si forte defectionem facere uellent, non solum non sequerentur, sed ab illis, tamquam a fidei regibus debitae uiolatoribus, summopere abhorrerent.

In nostra uero Iaponia populus qui tonis aliisque similibus dominis est obnoxius, eis ita adhaeret, ut ad ipsorum nutum se totum fingat [128] quibus uidelicet in bonis, iurisque administratione multo magis subest. Quapropter tonis ad alios yacattas deficientibus ipsi etiam populares absque dubio deficiunt.

Denique Europaei dynastae qui regibus subsunt, praeterquam quod acceptam dignitatem ab ipsis regibus et per maiorum uelut manus traditam tueantur, singuli cum primum huiusmodi honores recipiunt, iure iurando interposito fidem suam ipsis regibus obstringunt. Qua religione obligati nihil ignominiosius defectione et coniuratione in reges esse credunt. Nostri uero toni, siue antiquo iure et origine yacattis subditi sint, siue sponte sua ad eorum obsequium se adiungant, nulla iurisiurandi religione obligantur. Vnde facile, si commodius sibi esse ducant, uel bella concitant, uel ad alios Yacattas desciscunt, nihilque inde dedecoris, aut infamia in se redundare credunt.

LEO — Ista omnia recte se habent. Sed nunc de arcibus Europaeis, earumque munitione, uelim disseras.

MICHAEL — Cum inter Europaeam, Iaponicamque aedificandi rationem multum intersit, facile est etiam cognoscere, quodnam arcium aedificandarum muniendarumque sit discrimen. Inter nos enim arces potius natura, quam arte sunt munitae, inter Europaeos uero molibus et machinis miro artificio exstructis roborantur, quibus urbes optime defenduntur, grauissimus tormentorum bellicorum impetus sustinetur, denique ipsi hostes maximis acceptis cladibus offenduntur. Neque uero aliter Europaei homines urbes suas tutari poterant contra tormenta bellica, quae tam uastae sunt magnitudinis et ex tali materia, hoc est, aere uariisque metallis, conflata, tam grauis denique eorum impetus emissione globorum, puluerisque sulphurei, ut non nisi firmissimae aedificiorum moles tantam uim sustinere et repellere possint. Disponuntur enim aliquando huiusmodi bellica tormenta, uehiculis quibusdam portata per tam uarias partes tantaque ui ac sonitu muros urbium concutiunt, ut caelum disrumpi, terra contremiscere totusque orbis labefactari uideatur. Quocirca opus est ut urbes talibus muris, turribus, propugnaculis et molibus cingantur, ut non facile huiusmodi tormentorum ui oppugnatae corruant. Solent autem praeter muros, atque antemuralia, et fortissima propugnacula, arces quaedam esse editissimae, quasi praecipua urbium munimenta, instar eorum quae nos Iaponice “Tenxu” dicimus, quamuis longe aliter sint aedificatae, in quibus assidue sunt praesidiarii milites ad arma semper accincti,

maneira daquelas que em japonês chamamos «Tenxu», embora sejam edificadas de maneira muito diferente, nas quais estão continuamente guarnições de soldados, sempre armados [129], que fazem sentinela por turnos, dia e noite, com tal cuidado e diligência como se as cidades estivessem sob cerco, embora não esteja à vista nenhum perigo iminente.

LEÃO — A que visa essa tão grande diligência das sentinelas nas fortalezas, tanta prontidão para as armas, quando os príncipes europeus não receiam traições contra o seu domínio, nem o território dos seus reinos está infestado por incursões de inimigos, e necessariamente fica muito caro manter essas guarnições de soldados?

MIGUEL — Querem os príncipes europeus que a disciplina militar esteja em pleno vigor nos seus reinos e que os ânimos dos soldados se não tornem lentos e preguiçosos, mas sempre ágeis e prontos para o combate e, por isso, sentem gosto em que a arte militar seja praticada nos seus reinos, como se o perigo estivesse sempre presente e iminente. Com razão se persuadem de que aqueles que, gozando da paz e tranquilidade descuidam os exercícios bélicos, não podem facilmente, em tempo de guerra, habituar-se de novo às armas. E assim como ninguém em pouco tempo se familiariza com o conhecimento das outras disciplinas, nem se torna o melhor de repente, segundo testemunho de S. Jerónimo, do mesmo modo também ninguém pode ser insigne na arte bélica, se não for nela muito versado e por muito tempo, principalmente quando o ócio, de que tanto se foge na Europa, costuma amolecer e enfraquecer os ânimos dos adolescentes.

LEÃO — Se tal é na Europa a prática, os habitantes desta região tornam-se bons soldados, sem dúvida. Mas desejo saber se, todas as vezes que soa a trombeta de guerra, todos os homens do povo e cavaleiros são forçados a seguir com as armas o rei ou um general nomeado pelo rei.

MIGUEL — A pegar em armas ninguém é forçado entre os europeus, porque os cavaleiros e os nobres obtêm os seus rendimentos, com a obrigação apenas de pagar ao rei um censo anual, e no mais são livres e isentos; e porque, de igual modo, os homens do povo se dividem pelas suas ocupações, por forma que cada um é livre de ganhar o sustento com a sua arte. Os nobres, portanto, e principalmente aqueles que costumam ser chamados homens da casa real, podem ser designados e enviados a combater pelos próprios reis em certa ocasiões e perigos gravíssimos, principalmente se o rei em pessoa partir para a guerra. Todavia, nas perturbações comuns das guerras, todas as vezes que é dado o alarme, só pegam em armas aqueles que querem ganhar um estipêndio, porque são alimentados não à custa própria, mas pela distribuição de um estipêndio régio, cada um de acordo com a sua graduação. Daí resulta que os soldados europeus não abandonam facilmente as armas, nem regressam a casa, por qualquer leve pretexto, como costuma acontecer no nosso Japão; pelo contrário, ficam muito tempo na mesma actividade, principalmente porque não só recebem um estipêndio [130], mas também são cumulados de honras, se se portarem corajosamente na guerra. Por isso, mesmo se a guerra durar dez ou quinze anos, os mesmos soldados estão sempre ocupados no exercício militar

[129] excubias interdiu noctuque uicissim agentes, ea cura ac diligentia, quasi urbes obsidione premantur, cum tamen nullum praesens periculum immineat.

LEO — Quorsum tanta est in arcibus uigiliarum diligentia tantaque ad arma alacritas, cum Europaei principes nullas dicionis suae hominum insidias reformident, nec regnorum fines hostium incursionibus sint infesti, et ad huiusmodi militum subsidia conseruanda magnos sumptus fieri, necesse sit?

MICHAEL — Volunt Europaei principes militarem disciplinam in suis regnis summopere uigere, nec animos militum segnes desidesque reddi, sed semper alacres et promptos ad pugnam esse, atque ideo, ita gaudent militarem artem in suis regnis exerceri, quasi praesens periculum semper impendeat. Persuadent enim sibi merito, eos qui pace et tranquillitate fruentes bellicam exercitationem intermittunt non posse facile tempore belli rursus ad arma assuefieri. Sicutque nemo aliaram bonarum artium scientia breui tempore imbuitur, nec repente, teste Diuo Hieronymo, fit summus, ita etiam nullum posse in bellicis rebus insignem esse, nisi diu multumque in eisdem sit uersatus, praesertim cum otium, quod tantopere in Europa fugitur, adolescentium animos emollire et eneruare soleat.

LEO — Si talis est in Europa exercitatio, boni sane milites incolae istius regionis euadent. Sed scire aueo, quoties bellicum canitur, coganturne omnes populares atque equites uiri regem uel ducem a rege constitutum cum armis subsequi?

MICHAEL — Ad arma sumenda inter Europaeos nemo cogitur, cum equites ac nobiles uiri ita suos reditus obtineant, ut annuos tantum census regi persoluere debeant, ad alia liberi atque immunes; cum item populares homines ita occupationibus suis distineantur, ut liberum unicuique sit suo artificio uictum quaerere. Nobiles igitur, et praesertim illi qui regiae familiae homines appellari solent, ab ipsis regibus ad arma in aliquibus euentibus grauissimisque periculis designari et mitti possunt, praesertim si rex ipse ad bellum proficiscatur. In communibus tamen bellorum tumultibus, quoties signum datur, illi tantum arma sumunt qui stipendium mereri uolunt, non enim suis sumptibus, sed regio stipendio distributo pro suo quique gradu aluntur. Vnde fit ut milites Europaei non facile arma relinquant, nec leui aliqua de causa domum repetant, quemadmodum in nostra Iaponia fieri solet; sed diu in eadem exercitatione permaneant, praesertim cum non solum stipendium [130] comparent, sed etiam, si strenue se in bello gerant, multis honoribus cumulentur. Quaproter, etiam si per decem aut quindecim annos bellum perseueret, iidem milites rei bellicae sunt semper intenti, et e tironibus ueterani in bello exercitatissimi euadunt; et ex ueteranis tandem emeriti fiunt et rude donantur, ita ut ad senectutem usque extremam domi agentes stipendia mereant.

e de soldados bisonhos acabam por tornar-se veteranos experimentadíssimos na guerra; e de veteranos alcançam finalmente a reforma e são licenciados, de modo que recebem a paga até à velhice extrema, vivendo em sua casa.

LEÃO — Não há dúvida de que, desta maneira, os soldados que praticam a arte militar alcançam a ciência e a prática da milícia. Mas como pode acontecer que os reis alimentem do seu erário grandes exércitos por muito tempo?

MIGUEL — Os reis europeus facilmente dispõem dos meios necessários, por causa da opulência dos seus rendimentos e dos seus erários cheios a abarrotar de ouro e de prata. Daí vem que têm em armas e acampamentos durante muitos anos uma enorme multidão de soldados.

LINO — Desejamos saber qual costuma ser o número de soldados em cada exército e qual a maneira de lhes pagar o estipêndio.

MIGUEL — Em cada exército não pode estabelecer-se o número certo de soldados, visto que umas vezes atinge quinze mil, outras vinte, trinta, até cinquenta e mesmo cem mil, de acordo com o perigo da guerra e o poder dos reis que lutam entre si. E a estes soldados que são naturalmente de infantaria, juntam-se alas de cavaleiros que correspondem à multidão dos soldados de pé e contêm ora dois, três, seis, oito ou dez mil e ainda mais cavaleiros. E estando estes cavaleiros e infantes munidos das armas apropriadas, é extraordinário o quadro e a vista agradável aos olhos que um exército em correcta formação apresenta.

Quanto aos soldados, a qualidade pode compreender-se da sua escolha, feita com todo o cuidado. Com efeito, não são escolhidos uns quaisquer, rudes e fracos, mas os valentes de forças e, de algum modo, afeitos às armas. Costuma, em primeiro lugar, ser nomeado o general supremo do exército, que é sempre de família nobre e ilustre; depois, outros comandantes inferiores, cujas designações seria longo enumerar, de entre os quais alguns que hão-de proceder à selecção dos soldados, são enviados por todas as partes do reino e contratam todos os soldados principais, pagando-lhes imediatamente parte do salário, e os reúnem num lugar designado. E os que, depois de receberem o estipêndio, se ocultam e procuram uma escapatória e injusta oportunidade de se evadir, são condenados à morte.

Ora entre estes soldados, há várias categorias e graus. É que, além da variedade de cavaleiros e de infantes, uns usam espingardas, outros lanças ou machadas duplas ou dardos, outros arcos ou outro género de flechas. Isto para não falar das armas que pertencem à defesa do corpo [131] como capacetes, elmos, peitorais de aço, couraças habilmente feitas de placas levíssimas, e outras coisas do mesmo género. Entre os cavaleiros, uns são ligeiros, ou de armadura leve, outros couraçados ou de armadura pesada; aqueles usam um só cavalo, estes usam dois e mudam-nos frequentemente. Aqueles transportam lanças mais leves, estes mais pesadas, e depois de as lançarem contra o inimigo, combatem com espadas de vário género e lutam, com a maior dureza corpo a corpo.

E sendo várias as classes destes soldados e vários os géneros de armas, variado é também o estipêndio conferido a cada classe. Com efeito, os que combatem com

LEO — Non dubium est quin isto modo milites bellicam artem exercentes scientiam atque usum rei militaris assequantur. Sed qui fieri potest ut reges diu magnos exercitus ex suo aerario alant?

MICHAEL — Facile id praestant Europaei reges propter redituum opulentiam, aerariaque auro atque argento refertissima. Vnde fit ut multos annos ingentem militum multitudinem in armis, et castris habeant.

LINVS — Cupimus scire quaenam esse soleat in unoquoque exercitu militum multitudo, quisue stipendii soluendi modus?

MICHAEL — Multitudo militum in exercitibus certa statui non potest, cum nonnunquam quindecim millia, interdum uiginti, triginta, immo et quinquaginta et centum millia expleat, iuxta belli periculum ac regum inter se pugnantium potentiam. His autem militibus, quos pedites esse intelligite, adiunguntur equitum alae, peditum multitudini respondentes, et modo duo millia, tria, sex, octo, aut decem millia, et eo plura equitum continentes. Cumque hi equites et pedites accommodatis armis sint muniti, mirum est quale ornamentum quamque iucundam oculis speciem exercitus recte dispositus prae se ferat.

Quales uero sint huiusmodi milites, ex delectu diligentissime habito intelligi potest. Non enim quicumque rudes et imbecilles, sed uiribus ualentes et aliqua ex parte armis assueti deliguntur. Solet namque in primis dux supremus militiae designari, qui semper est nobili atque illustri loco natus; deinde inferiores alii praefecti, quorum nomina longum esset enumerare, ex quibus aliqui delectum militum habituri, per omnes regni partes mittuntur, et praecipuos quosque milites, parte stipendii statim soluta, conducunt, et ad designatum locum cogunt. Qui uero stipendio accepto sese occultant, uel effugium aliquod euadendique iniustam occasionem quaerunt, capitali poena plectuntur.

Inter hos autem milites uarii sunt ordines et gradus. Nam praeter uarietatem equitum et peditum, quidam sclopis utuntur, alii hastis uel bipennibus aut pilis, alii arcubus uel alio telorum genere. Vt omittam arma quae ad defensionem [131] corporum pertinent, ut galeas, cassides, thoraces ferreos, loricas hamis tenuissimis optime confectas, et alia huiusmodi. Inter equites quidam sunt uelites, siue leuis armaturae, alii cataphracti, siue grauis armaturae; illi unico equo, hi duobus illisque frequenter mutatis utuntur, illi leuiores hastas, hi grauiores gestant, quibus postquam hostem petunt ad gladios uarii etiam generis uenitur, et comminus acerbissime pugnatur.

Cum autem horum militum uarii sint ordines uariaque armorum genera, stipendiorum etiam unicuique ordini designata est uarietas. Nam hastarii communibus

a lança estão à frente[79] dos soldados comuns, os que usam espingardas à frente dos soldados de lança, aos espingardeiros precedem os cavaleiros levemente armados, a estes os couraçados, por forma tal que nenhum soldado ganha menos de três cruzados de estipêndio por mês, e alguns, naturalmente os cavaleiros de armadura pesada, chegam mesmo a um ordenado mensal de dez cruzados. E além deste estipêndio pago a cada um, aos comandantes de cada companhia, cujo estipêndio é muito maior, são ainda entregues duzentos ou trezentos cruzados para distribuir pelos soldados, de acordo com a grandeza dos seus méritos. E os reis não se limitam a pagar estes estipêndios, mas aos generais e comandantes conferem grandes honras e atribuem amplíssimos rendimentos, para assim mais incitarem os outros às armas e aos feitos de guerra.

LINO — Trata agora, Miguel, das classes de militares e dos oficiais.

MIGUEL — Pelo que respeita às classes dos militares, são eles perfeitamente divididos pelos seus regimentos[80], batalhões, companhias, esquadras, unidades a cada uma das quais comanda um chefe. Isto, além dos ajudantes de batalhão, e dos alferes ou porta-bandeiras que a seguir aos comandantes ocupam o lugar próximo nos batalhões. E além destes há outros que comandam vários batalhões, acima dos quais está um que comanda a infantaria, outro que comanda a cavalaria, quer ligeira, quer pesada, os quais todos têm influência pelo seu posto, conselho e autoridade. Além destes existe também um que é chamado o mestre de campo, e outro o pagador, dos quais o primeiro designa o lugar onde estabelecer o acampamento e o fortifica com trincheiras e paliçadas, quando é necessário, e o segundo preside ao pagamento dos estipêndios. A todos estes, cada um no seu posto, preside o general supremo que, distinguindo-se por sangue, fortaleza e outros dotes, e representando a régia majestade, goza da maior autoridade sobre todos os comandantes.

E em todos os soldados para com coronéis, capitães e restantes oficiais, de quem falei, e destes para com o supremo comandante, há um respeito e uma obediência tais [132] que mal podem explicar-se com palavras. Primeiro, porque todos aqueles que professam a vida militar, acreditam que prestar este respeito e obediência é da maior importância para a sua própria dignidade e honra; depois, também porque aqueles que, por ausência de brio, talvez menos receiem a acusação de falta de coragem, são afastados de qualquer leve culpa, pelo temor de um castigo inevitável. Com efeito, a disciplina militar costuma entre os europeus ser tão forte que castiga grave e severamente os militares que, por qualquer razão, se desviam do seu dever ou do seu posto. Seja, portanto, no acampamento, seja em marcha, seja no ataque ao inimigo e no combate corpo a corpo, é extraordinário como mantêm a ordem e a formação. Para este comportamento contribui muitíssimo o cuidado e diligência do mestre de campo que, por incumbência do comandante supremo, prescreve a posição que cada um deve guardar e não consente, de modo algum, que os soldados indiscriminadamente e ao acaso dela se afastem.

LEÃO — Trata já, Miguel, da formação da linha de combate, segundo o costume europeu!

militibus praeponuntur, hastariis qui sclopis utuntur, his uelites, uelitibus cataphracti, ita ut nullus sit qui saltem singulis mensibus trium aureorum stipendium non obtineat, et aliqui, scilicet grauis armaturae equites, ad decem aureorum mercedem menstruam perueniant. Vltra hoc autem stipendium singulis persolutum, singularum cohortium praefectis, quorum stipendia sunt multo maiora, ducenti uel trecenti aurei traduntur in milites distribuendi, iuxta meritorum magnitudinem. Nec uero his stipendiis contenti sunt reges, sed ducibus praefectisque magnos honores deferunt, et amplissimos reditus attribuunt, quo magis ceteri ad arma et bellicas laudes excitentur.

LINVS — Age nunc, Michaël, de militum ordinibus eorumque magistratibus.

MICHAEL — Quod attinet ad militum ordines, disponuntur illi quidem optime per suas legiones, cohortes, centurias, manipulos, quibus singulis singuli praefecti adiunguntur, ultra cohortium dispositores et signiferos, siue uexillarios, qui post praefectos, proximum in cohortibus locum obtinent. Praeter hos autem sunt alii pluribus cohortibus praepositi, supra quos quidam peditatui, alius uero equitatui, siue uelitum, siue cataphractorum praeest, qui omnes pro sua dignitate, consilio et auctoritate ualent. Vltra hos etiam est quidam, qui castrorum metator dicitur, alius quaestor, quorum prior locum castris metandis designat, aggeribusque et uallis, cum necesse est, munit; alter stipendiis soluendis praeficitur. His ergo omnibus suum ordinem tenentibus supremus dux praesidet, qui cum sanguine, fortitudine aliisque dotibus praecellat, regiamque maiestatem referat, apud omnes praefectos summa quadam auctoritate pollet.

Est autem in omnibus militibus erga tribunos, centuriones et reliquos magistratus, de quibus dixi, et in his erga supremum ducem reuerentia [132] atque oboedientia talis, ut uix uerbis explicari possit; tum quod omnes ii qui rei bellicae dant operam, huiusmodi uenerationem obseruantiamque praestare, dignitatis et honoris sui maxime esse credant; tum etiam quod illi qui ex abiectione animi minus dedecoris notam fortasse pertimescunt, timore certissimae poenae, a quacumque leui culpa arceantur. Solet enim inter Europaeos ita disciplina militaris uigere, ut grauiter et seuere in milites quacumque ratione ab officio, uel ab statione sua declinantes animaduertatur. Siue igitur sint in castris, siue iter faciant, siue denique hostem aggrediantur et manum conserant, mirum est qualis ordo qualisque omnium dispositio seruetur. Ad quod praestandum maxime conducit castrorum magistri siue metatoris cura et diligentia, qui e supremi ducis mandato stationes singulis seruandas praescribit, et nequaquam patitur milites passim, ac temere de illis decedere.

LEO — Accede iam, Michaël, ad aciem Europaeo more instruendam.

MIGUEL — Pelo que toca à linha de combate e à disposição de todo o exército, embora seja diverso o costume das várias províncias e reinos, todavia, na maior parte dos casos, os exércitos costumam ter dois cornos, à maneira da lua em seus quartos, os quais são ocupados pelas alas de cavalaria, ficando a infantaria no centro e conservando cuidadosamente a sua ordem. Todavia, em todo o exército se observa o critério das três partes, a saber, da primeira, da última e da do meio. A primeira é aquela que, limitada pelas alas dos cavaleiros nos dois extremos, leva consigo as peças de artilharia. Na do meio, o comandante de todo o exército e o rei, se porventura está presente, têm o seu posto, com todos os principais magnates. Na última, que contém também grande força de soldados, são transportadas todas as coisas necessárias à alimentação do exército. É extraordinário quantas e quão variadas coisas, quer para a vida corrente, quer para o aparato do exército, principalmente se ele é grande, são transportadas, e quantos mercadores ali se juntam para vender a sua mercadoria, por forma tal que mais se lhes chamaria uma feira ou mercado público do que parte dum exército. E as lojas estão dispostas com tal ordem que o lugar não parece estar num acampamento mas em qualquer cidade afamada. Mas que dizer então do exército no seu conjunto, ornado de tão variadas tendas, feitas com tão grande artifício? Pudestes observar a sua imagem na tenda que trouxemos e que, há dias, vistes não sem grande aplauso e admiração. E além deste ornamento, acrescentam não pequena beleza ao exército as várias bandeiras e estandartes [133] que acompanham cada batalhão, vendo os quais, os soldados reconhecem o seu porta-bandeira e o seu posto; as armas esplêndidas que brilham à luz do sol, e enfim, os trajos preciosíssimos com que alguns costumam cobrir a armadura, para maior brilho.

LINO — Tudo isso que acabas de recordar é muito agradável. Mas vá, expõe agora a maneira de iniciar o prélio e de travar o combate.

MIGUEL — Quando, com os exércitos frente a frente, tem de travar-se o combate, antes de mais nada, o supremo comandante exorta os soldados a combater com coragem e firmeza, pondo-lhes ante os olhos a esperança da vitória, e recordando-lhes a divina glória que os cristãos, ao combaterem com os inimigos do nome de Cristo, costumam ter diante dos olhos.

Uma vez estimulados os soldados à luta, primeiro combate-se com a artilharia e, lançando pelouros de grande volume, dispersam-se as filas do inimigo. Depois, os cornos da primeira fila, isto é, os cavaleiros das duas asas atacam os adversários com lanças, com grande ímpeto, e fazem a maior destruição que podem. A eles se seguem os soldados de infantaria com espingardas que lançam balas de ferro contra os inimigos, até que se chega por completo, devido à proximidade dos inimigos, a desembainhar as espadas e a lutar corpo a corpo.

Entretanto, o comandante supremo, vigilante mais que todos os outros, toma providências rápidas sobre o lugar a que deve prestar-se socorro e para onde têm de ser enviados pelotões de soldados. E manda seguir soldados de reforço ora para aqui, ora para ali. E assim se persevera no combate, até que, estando todas

MICHAEL — Quod attinet ad aciem, totiusque exercitus dispositionem, quamuis uariarum prouinciarum regnorumque uaria sit consuetudo, tamen plerumque exercitus instar lunae media sui parte lucentis, duo cornua habere consuescunt, quae equitum alis muniuntur, peditibus in medium locum reiectis, iisque ordinem suum diligenter seruantibus. Verum enimuero in toto exercitu trium partium ratio habetur, primae uidelicet, postremae et mediae. Prima est illa quae alis equitum utrimque cincta, tormenta bellica secum gestat. In media dux totius exercitus, et rex, si forte adsit, stationem habet, cum praecipuis quibusque optimatibus. In postrema, quae etiam magnam uim militum continet, portantur ea quae ad alendum exercitum sunt necessaria. Mirum est enim quam multae uariaeque res tum ad uictum, tum ad cultum pertinentes in exercitu, praesertim amplo, deferantur, quam multique mercatores ad merces suas uendendas eo cofluant, ita ut non partem exercitus, sed nundinas et publicum mercatum esse dixeris. Tabernae autem eo ordine disponuntur, ut locus ille non in castris, sed in nobili aliqua urbe situs esse uideatur. Iam uero quid dicam de toto exercitu tam uariis tentoriis tantoque artificio confectis exornato? quorum speciem intueri potuistis in eo a nobis allato, quod superioribus diebus non sine maxima commendatione et admiratione uidistis. Vltra quod ornamentum, decorem etiam non paruum addunt exercitui uaria signa et [133] uexilla, quae in singulis cohortibus deportantur, quaeque milites intuentes, signiferum suum stationemque recognoscunt; arma item splendidissima solis luce coruscantia, uestes denique pretiosissimae quibus nonnulli arma tegere causa maioris ornatus solent.

LINVS — Omnia ista a te commemorata iucundissima sunt. Sed age iam modum committendi proelii, conserendaeque manus expone.

MICHAEL — Cum primum exercitibus ad congressum accedentibus confligendum est, ante omnia supremus dux milites ad pugnam fortiter et strenue committendam adhortatur, tum proposita spe uictoriae, tum etiam reuocata in memoriam diuina gloria, quam Christiani homines cum Christiani nominis hostibus pugnantes, ante oculos habere consuescunt.

Militibus iam ad pugnam exercitatis, primo bellicis tormentis pugnatur, globisque mirae magnitudinis iactis, hostium ordines dissipantur. Vlterius anterioris partis cornua, id est, utriusque alae equites aduersarios magno impetu hastis aggrediuntur, quantamque possunt stragem edunt. Hos sequuntur pedites sclopis utentes, glandesque ferreas in hostes iacientes, donec omnino propter hostium propinquitatem ad stringendos gladios manumque conserendam deueniatur.

Interim autem dux maximus praeter ceteros omnes uigilans, cui loco subueniendum sit, et quo praesidia militum sint mittenda, diligenter prouidet. Et nunc huc, nunc illuc subsidiarios milites ire iubet. Atque ita in proelio perseueratur, donec omnibus copiis inter se commissis et commistis quasnam partes uictoria sequatur, cognosci

as tropas envolvidas na luta, seja possível conhecer-se para que lado se inclina a vitória. Deixo de mencionar alguns factos que aumentam a seriedade do combate, como são os sons frequentes dos clarins, trombetas e tambores e semelhantes instrumentos, com cujo toque assíduo muito são incitados ao combate os ânimos dos soldados. Deixo também de lado, as várias incursões e duelos privados, antes da conflagração geral, com que os soldados frequentemente experimentam o valor do adversário. Calo, finalmente, a ordem que é mantida, quando toca a recolher e cada um volta ao seu ponto. Em tudo isto costuma ver-se a arte junta com muita prática.

LEÃO — Admirável, sem dúvida, esta maneira de combater, e eu não diria que são de carne e nervos, mas como que de ferro e diamante, os homens que não hesitam em suster a violência da artilharia e das balas, para alcançar louvor e vitória.

MIGUEL — Muito mais admirável é, sem dúvida, o ataque às fortalezas e muito mais [134] na sua conquista se luta com risco de vida e de perda de sangue. Quem há que não admire homens tão corajosos e desprezadores da morte, que atacam uma fortaleza circundada de muros e trincheiras, defendida por artilharia, guarnecida de multidão de soldados, como se fossem combater contra a morte certa, e não hesitam em arrombar portas, lançar escadas e de todos os modos possíveis abrir a entrada para a fortaleza? E isto, quando os que estão dentro se não comportam com desleixo ou fraqueza mas, com quanta força e energia podem, repelem o ataque dos inimigos com o fogo da artilharia, das espingardas e com outras armas? Num combate destes, não há dúvida de que é abundante o sangue derramado e que o caminho para a fortaleza e para a vitória se abre pelo meio dos cadáveres. Contribui para a defesa das fortalezas, feita nestes moldes, o seguinte, que dentro das muralhas não estão soldados quaisquer mas os mais selectos.

Com efeito, se a guerra é entre cristãos, apenas recebem guarnições militares as cidades e fortalezas que podem resistir ao ataque dos inimigos. Mas as restantes vilas, que não são tão fortificadas, entregam-se, sem que sejam acusadas de traição. Nem daí corre perigo a liberdade ou a vida dos cidadãos, porque mesmo no meio das desordens das guerras que, por diferentes circunstâncias, não podem deixar de levantar-se, brilham sinais não pequenos de mútua caridade e fraternidade cristã.

LEÃO — Julgo que é extraordinária a grandeza de ânimo dos homens europeus que suportam tão graves cercos e com tanta coragem atacam as cidades. Mas pergunto se esses cercos costumam ser de longa duração.

MIGUEL — Sendo as fortalezas tão reforçadas e tão corajosos os soldados e notáveis pela lealdade aos seus reis, não podem os combates deixar de prolongar-se por muito tempo, principalmente quando o nosso costume japonês de meter nas fortalezas homens e mulheres de toda a espécie, não existe entre eles, mas na guarnição ficam apenas, como já disse, os soldados de eleição, escolhidos de entre a flor da robustez. Por esse motivo, no nosso Japão, pela penúria dos alimentos,

possit. Praetereo aliqua quae etiam ad proelii grauitatem faciunt, quales sunt crebri sonitus classicorum, tubarum, tympanorum atque similium instrumentorum, quibus assidue pulsatis magnopere militum animi ad pugnandum concitantur. Mitto item, ante commune proelium, uarias excursiones et priuata certamina quae saepissime ineuntur ad militum uirtutem periclitandam. Taceo denique eum ordinem qui seruatur dum receptui canitur et singuli in suas stationes redeunt. In quibus omnibus artificium cum magno usu coniunctum spectari solet.

LEO — Admirabilis est sane iste congrediendi modus, nec enim istos homines ex carnibus neruisque compositos, sed ueluti ferreos et adamantinos dixerim, qui talium tormentorum globorumque uim non dubitant sustinere, ut laudem et uictoriam consequantur.

MICHAEL — Multo admirabilior est sane oppugnatio arcium, multoque [134] magis in illis expugnandis de uita et sanguine decertatur. Quis enim non miretur homines ita fortes mortisque contemptores, ut arcem muris propugnaculisque circumuallatam tormentis bellicis munitam, multitudine militum stipatam, ita adoriantur, ut uelut cum certissima morte sint pugnaturi, nec dubitent portas perrumpere, scalas admouere et quocumque modo sibi aditum ad arces patefacere? cum tamen qui intra eas sunt, non segniter aut molliter se gerant, sed quantis possunt uiribus neruisque hostium impetum tormentis, sclopis aliisque armis a se repellant. Quo congressu non dubium est quin maxima copia sanguinis profundatur, et per media cadauera uia ad arcem uictoriamque aperiatur. Facit ad huiusmodi arcium propugnationem illud etiam, quod non quicumque milites, sed selectissimi quique intra moenia retineantur.

Si enim inter Christianos homines sit bellum, illae tantum arces urbesque militum praesidiis muniuntur quae hostium impetum sustinere possunt. Reliqua uero oppida quae non ita munita sunt, absque proditionis crimine, deditionem faciunt. Nec proinde incolarum libertas, aut uita periclitatur, cum in mediis etiam bellorum tumultibus, qui propter uarios casus non possunt non concitari, mutuae caritatis Christianaeque germanitatis non mediocria signa eluceant.

LEO — Miram sane animorum magnitudinem esse iudico in Europaeis hominibus, qui tam graues obsidiones sustinent, tam fortiterque urbes oppugnant. Sed quaero, an istae obsidiones soleant esse diuturnae?

MICHAEL — Cum arces ita sint munitae, fortesque milites et fide in reges praestantes, non possunt certamina non in longum tempus produci, praesertim cum noster Iaponicus mos inter eos non seruetur, cuiusque generis uiros ac feminas intra arcem includendi, sed primarios milites, ut dixi, ex flore et robore conductos. Quam ob causam in nostra Iaponia propter uictus penuriam facile a tuendis arcibus desistitur, etsi cum huiusmodi non est inopia, saepe in propugnatione diu multumque

facilmente se desiste de defender as fortalezas, embora, quando não se verifica esta inópia, muitas vezes no ataque se persevere por muito tempo e com muita energia. Mas agora, se estás de acordo, descansemos e, depois do repouso desta noite, ocupar-nos-emos amanhã dos combates navais.

LINO — De acordo.

perseueratur. Sed nunc, si placet, requiescamus, et huius noctis quiete interposita, ad naualia certamina cras accedemus.

LINVS — Placet.

[135] COLÓQUIO DÉCIMO QUARTO
Sobre os combates navais que costumam travar-se na Europa.

LINO — Foi grande, sem dúvida, a admiração que em nós causou a tua narrativa de ontem, sobre os combates que costumam travar-se na Europa. Mas como disseste que eles se dão na terra e no mar, aguardamos com avidez a tua narração que hoje vai ser sobre os combates navais.

MIGUEL — Prosseguirei de boa vontade o curso iniciado da narração e falarei do que pertence aos combates navais. Uma primeira observação é a de que, sendo a Europa banhada em parte pelo Oceano e em parte pelo mar Mediterrâneo, e sendo ambos infestados frequentemente de esquadras de piratas e de inimigos, necessário é que os reis e príncipes europeus armem também esquadras bem aparelhadas para repelir os ataques dos inimigos e castigar os piratas que grassam aventurosa e audazmente. Por este motivo, uns são os navios que contribuem para levar as cargas de mercadorias para aqui e para ali e se chamam navios de carga, outros, porém, os que servem para travar batalhas e combates. E estes últimos, sendo variados, muitas vezes têm uma dupla forma. Uns, com efeito, são muito altos, longos e providos de esporão e acomodados apenas para navegar à vela; a estes chamam os europeus, em língua vulgar, «galeões». Costumam os navios deste tipo transportar muitas e muito grandes peças de artilharia. De entre eles, em anos passados, foi celebradíssimo um deste tipo, construído no tempo de Sebastião, ilustríssimo rei de Portugal, que costumava transportar tantos canhões quantos os dias do ano.

LINO — Bom Deus! Qual será a esquadra tão grande que poderá conquistar e afundar um destes navios?

MIGUEL — Os nossos navios, pelo menos, não seriam capazes disso, por causa da sua fraca e frágil construção. Mas os navios europeus, porque robustíssimos, embora não sejam da mesma grandeza, podem vencer e repelir qualquer força, por pesada que seja [136].

MÂNCIO — De facto, segundo o que ouvimos, foi de extraordinária grandeza esse navio de guerra do rei Sebastião; mas muito maior foi outro mandado construir pela ilustríssima república de Veneza, do qual se dizia transportar quinhentos canhões.

[135] De naualibus certaminibus in Europa committi solitis. COLLOQVIVM DECIMVM QVARTVM.

LINVS — Magnam sane nobis mouit admirationem hesterna tua narratio de proeliis in Europa committi solitis. Sed quoniam terra marique illa iniri dixisti, de naualibus certaminibus narrationem tuam hodie futuram auidissime opperimur.

MICHAEL — Prosequar libenter institutum narrationis cursum, dicamque de iis quae ad naualia certamina pertinent. Illudque in primis admonebo, cum Europa partim Oceano, partim Mediterraneo mari alluatur, et utrumque saepe praedonum atque hostium classibus sit infestum, necessario Europaeos reges ac principes classes etiam suas munitissimas apparare, quibus hostiles impetus propulsent, et in piratas temere atque audacter grassantes animaduertant. Hanc ob causam aliae sunt naues quae oneribus ac mercibus huc atque illuc portandis conducunt, onerariaeque dicuntur; aliae uero quae certaminibus ineundis proeliisque committendis inseruiunt. Atque hae quidem cum uariae sint, tum frequentissime duplicem habent formam. Quaedam enim excelsae admodum sunt, longae atque rostratae, et solum ad uelificandum accommodatae; has Europaei uulgari sermone “galeones” uocant. Solent autem huiusmodi naues multa et maxima bellica tormenta portare. Ex illis uero superioribus annis celebratissima fuit quaedam huius formae, tempore Sebastiani clarissimi Lusitaniae regis confecta, et tot tormenta bellica portare solita, quot dies in anni periodo numerantur.

LINVS — Deus bone! quae classis tanta erit, quae possit unam ex istis nauibus expugnare ac deprimere?

MICHAEL — Nostrae quidem naues non possent propter imbecillem et fragilem earum structuram. Europaeae autem quoniam robustissimae, etsi non eiusdem magnitudinis sunt, quamcumque grauissimam uim uincere, ac repellere [136] possunt.

MANCIVS — Equidem iuxta id quod audiuimus, mirae magnitudinis fuit illa rostrata nauis Sebastiani regis; sed multo maior alia ab illustrissima Republica Venetorum fieri iussa, quae quingenta bellica tormenta portare dicebatur.

LEÃO — A grandeza desse navio deve ter sido, sem dúvida, incrível. É que nem as grandes cidades contêm um tal número de canhões.

MIGUEL — O que disse Mâncio é inteiramente verdadeiro. Mas não penseis que todos os navios de guerra são desse tamanho. Há outros menores que geralmente transportam trinta ou quarenta canhões, embora por vezes sejam construídos alguns daqueles de enormes dimensões, para incutir terror aos inimigos. Navios militares de outro aspecto são os longos, mas menos altos, nos quais se faz uso não apenas das velas mas também dos remos, de que o número é tão grande que em cada lado se contam vinte e cinco e mais remos, dos quais cada um é movido e impelido por três ou quatro remadores. Donde também os navios são chamados trirremes ou quadrirremes. Estes navios são aptíssimos para combater. Com efeito, servindo apenas aqueles navios mais altos para a navegação à vela, todas as vezes que o vento assenta, e no mar reina a calmaria, a sua utilidade é nula para atacar os inimigos, ao passo que as trirremes ou quadrirremes, mesmo sem soprar o vento, de tal modo são conduzidas pelos remos que podem umas vezes atacar os inimigos e persegui-los com a artilharia, às vezes recuar e fugir, finalmente, mover-se e dirigir-se para um e outro lado. Por esta causa, este género de navios é frequentíssimo entre os europeus nos combates navais e os príncipes europeus, de acordo com as suas necessidades, costumam ter às vezes dez, trinta, sessenta e ainda mais navios sempre preparadíssimos para defender a costa marítima dos seus reinos.

Houve há dezanove anos um notável combate[81] destes navios, no tempo em que dos príncipes cristãos, Filipe, rei de Espanha, e a República Véneta fizeram um solene tratado de aliança com o Sumo Pontífice contra os sarracenos, inimicíssimos do nome cristão, e armaram duzentas e dez trirremes. De toda esta poderosíssima esquadra, de acordo com o tratado de aliança, foi comandante o preclaro João de Áustria, irmão[82] do rei Filipe, sendo segundo comandante o general Marco António Colonna, que conduzia as trirremes do Sumo Pontífice, e o nobilíssimo varão Sebastião Veniero[83], dirigindo a armada de Veneza. [137] Este último, depois daquela notável batalha, foi eleito doge da República Véneta.

O número das trirremes dos sarracenos era muito mais elevado, mas sob o comando de Cristo (que costuma sempre socorrer-nos, se os nossos pecados não são impedimento), os cristãos alcançaram uma vitória, digna de memória sempiterna, capturando cento e setenta trirremes e vinte navios ligeiros dos inimigos, afundando quarenta outras trirremes, trucidando trinta mil dos sarracenos, aprisionando cerca de quatro mil, restituindo à liberdade quinze mil cristãos[84], feitos prisioneiros pelos sarracenos em diversas regiões e, finalmente, regressando à pátria, carregados de excelente presa. Esta vitória é digna de comparar-se com as mais famosas da história, e os que lêem a sua descrição escrita não podem deixar de admirar profundamente a multidão das trirremes, o aparato bélico, a destruição feita nos inimigos, e outras coisas estupendas que nessa batalha aconteceram, principalmente porque tantos foram os inimigos mortos e tão poucos os cristãos, apenas cinco mil, perdendo-se uma das nossas trirremes. E este número foi gloriosamente compensado por tantos

LEO — Istius profecto nauis magnitudo incredibilis esse debuit nec enim etiam ipsae magnae urbes talem tormentorum numerum continent.

MICHAEL — Quod dictum est a Mancio uerissimum est. Ne tamen existimetis omnes rostratas naues eiusdem esse molis. Sunt enim aliae minores, et plerumque triginta, uel quadraginta bellica tormenta ferunt; quamuis interdum nonnullae conficiantur uastae illius figurae, quibus terror hostibus incutiatur. Alterius formae naues militares sunt longae illae quidem, sed minus excelsae, in quibus non uelorum tantum, sed etiam remorum est usus, quorum tantus est numerus, ut in singulis lateribus uiginti quinque et complures remi numerentur, quorum singuli a tribus, uel quattuor remigibus agitantur et impelluntur. Vnde et ipsae naues triremes uel quadriremes dicuntur, suntque huiusmodi nauigia ad dimicandum accommodatissima. Cum enim excelsiores illae naues uelificationi tantum conducant, quoties uentus residet et in mari est malacia, earum nullus est usus ad hostes aggrediendos, at uero triremes, uel quadriremes, etiam nullo flante uento, ita remis aguntur, ut interdum hostes adoriri et tormentis uexare, nonnunquam regredi et refugere, denique huc atque illuc concursare, et commeare possint. Hac de causa huiusmodi nauigia frequentissima sunt apud Europaeos in certaminibus committendis; solentque principes Europaei iuxta rei necessitatem nonnunquam decem, triginta, sexaginta et eo plures triremes ad defendendam regni sui maritimam oram paratissimas habere.

Fuit autem undeuiginti ab hinc annos horum nauigiorum insigne quoddam certamen, quo tempore ex Christianis principibus, Hispaniae rex Philippus, et Respublica Veneta, cum Summo Pontifice solemnem societatem contra Saracenos Christiani nominis infestissimos hostes inierunt, et triremes ducentas ac decem instruxerunt. Huic toti classi potentissimae, ex ipsius foederis condicionibus, praefectus fuit clarissimus Ioannes Austriacus Philippi regis frater, eius locum proximum tenente illustrissimo duce Marco Antonio Columna Summi Pontificis triremibus praeposito, et nobilissimo uiro Sebastiano Venerio Venetam classem ductante, [137] qui postea ob insignem illam pugnam dux Reipublicae Venetae fuit creatus.

Erat triremium Saracenarum multo maior numerus, sed Christo duce (qui nobis, nisi peccata nostra impedimento sint, semper opitulari solet) Christiani sempiterna memoria dignam uictoriam reportarunt, centum et septuaginta hostium triremes cum uiginti myoparonibus capientes, quadraginta alias triremes deprimentes, triginta Saracenorum millia trucidantes, quattuor fere millibus uincula iniicientes, quindecim Christianorum millia ab hostibus per diuersas regiones capta in libertatem uindicantes, praeda denique optima onusti in patriam redeuntes. Quae quidem uictoria digna est quae cum praecipuis olim memoriae proditis conferatur, et qui historiam de ea scriptam legunt non possunt non summopere demirari triremium multitudinem, bellicum apparatum, stragem in hostibus editam, aliaque stupenda quae in eo proelio contigerunt, praecipue autem quod tam multi ex hostibus sint interfecti et tam pauci ex Christianis, quinque enim tantum millia fuerunt, una ex nostris triremibus desiderata. Qui numerus tot millibus captiuorum, qui ex hostili

milhares de prisioneiros que foram libertados do cativeiro do inimigo, e tantas trirremes que caíram em poder dos cristãos.

LEÃO — De facto, penso que essa batalha naval foi extraordinária: na verdade, se ficamos admirados, ao ver um só navio de mercadorias que chega ao nosso país, e ao ouvir o som dos seus canhões, o que seria contemplar um combate de mais de quatrocentos navios? Mas desejamos saber que gente é essa dos sarracenos a que te referiste.

MIGUEL — É uma gente bárbara e cruel que habita parte da Ásia e da África. Foi outrora submissa ao imperador romano, mas na sequência de diversos acontecimentos, depois da decadência do império romano, tornou-se independente, sob a direcção dum chefe pestilencial, um homem chamado Maomé, cujos sequazes foram chamados maometanos. Ele, para mais facilmente induzir em erro esta gente ignorante e incivilizada, fingiu-se um homem enviado por Deus, e conjugando a vida livre com alguns ritos externos, misturou perversamente as três leis em conflito, a cristã, a pagã e a judaica, segundo a tradição dos judeus, e forjou uma seita falsa na qual corrompeu uma parte da nossa verdade com muitos erros. E imaginando Deus, segundo a sua conveniência, atribuiu-lhe muitas falsidades e fábulas. Contra os membros desta seita, que abandonaram o império romano e são inimigos do nome cristão, [138] fazem os cristãos perpétua guerra.

LEÃO — Pestilencial e facinorosa também eu considero essa gente que misturou tão diversas religiões e as reuniu numa só e juntou alguma parte de verdade com falsidade e erros.

Mas pergunto: há também guerras entre os príncipes cristãos e outras gentes?

MIGUEL — Contra os sarracenos a guerra dos príncipes cristãos é comum e assídua, porque não só eles são inimigos da religião cristã mas também praticam latrocínios e vivem do roubo na terra e no mar, e além disso são atreitos a outros costumes imorais, de tal modo que superam em perversidade de costumes os próprios pagãos que se entregam ao falso culto. Todavia, não faltam também outras guerras entre os mesmos príncipes cristãos, que às vezes surgem por certas justas causas que, aliás, são cuidadosamente pesadas, e não há recurso às armas por causa delas, se essas causas não forem julgadas dignas e justificadas, depois de madura reflexão.

LEÃO — Este assunto dá-me ocasião de perguntar: qual é a sorte que sofrem os cativos ou os que se rendem, a morte ou a perpétua escravidão, como costuma acontecer no nosso Japão?

MIGUEL — Nenhuma dessas sortes sofrem aqueles que são feitos prisioneiros na guerra entre cristãos, ou que por força da necessidade se renderam. Todos eles ou são trocados por outros prisioneiros, se estes porventura existem, ou são mandados em liberdade ou finalmente se redimem, pagando alguma soma em dinheiro. Com efeito, por um antigo costume que obtém força de lei entre os europeus, está estabelecido que nenhum cristão, prisioneiro de guerra, seja reduzido à situação de escravo. Acontece de modo diferente, todavia, àqueles que pertencem aos maometanos ou

seruitute liberati sunt, et tot triremibus in Christianorum potestatem redactis egregie fuit suppletus.

LEO — Equidem miram fuisse istam naualem pugnam existimo; si enim unam mercatorum nauem ad nos aduentantem uidentes, et bellicorum tormentorum sonitum percipientes admiramur, quid esset plusquam quadringentarum triremium pugnam intueri? Sed cupimus scire quaenam sit ista gens Saracenorum de qua mentionem fecisti?

MICHAEL — Gens est quaedam barbara et crudelis, partem Asiae Africaeque incolens, olim quidem Romano imperatori subiecta, sed uariis casibus subsecutis, post Romani imperii inclinationem sui iuris facta, duce pestilentissimo homine Mahometo, cuius asseclae Mahometani dicti sunt. Ille, ut facilius hanc gentem ignaram imperitamque in errorem induceret, finxit se hominem a Deo missum, et libertatem uiuendi cum quibusdam ritibus externis coniungens, tresque pugnantes inter se leges Christianam, ethnicam, et Iudaicam, pro ut modo a Iudeis traditur, peruerse commiscens, falsam quandam sectam confinxit, in qua aliquam nostrae ueritatis partem multis erroribus inquinauit. Et Deum ad suum arbitrium fingens, multa falsa et fabulosa illi attribuit. Contra huius sectae obseruatores, cum a Romano imperio defecerint et Christiani nominis sint hostes, [138] perpetuum Christiani bellum gerunt.

LEO — Pestilentem ego quidem et facinorosam istam gentem arbitror, quae tam diuersas religiones commiscuit et in unam contulit, ueritatisque aliquam partem cum falsitate et erroribus copulauit.

Sed rogo, an etiam Christianis principibus cum aliis gentibus sit bellum?

MICHAEL — Commune et assidue susceptum bellum Christianis regibus contra Saracenos est, quod non solum a Christi religione sint alieni, sed etiam terra marique latrocinia exerceant, et ex rapto uiuant, praeterea aliis perditissimis moribus sint dediti, adeo, ut etiam ipsos ethnicos deorum falso cultui addictos morum peruersitate superent. Non tamen deficiunt alia etiam bella inter ipsos Christianos principes iustis aliquibus de causis nonnunquam coorta, quae tamen causae diligenter perpenduntur, nec, nisi dignae ac debitae, maturo consilio adhibito, iudicentur, ab ipsis arma sumuntur.

LEO — Locus hic occasionem praebet mihi interrogandi quam condicionem subeant captiui, siue deditícii, mortisne an perpetuae seruitutis, ut in nostra Iaponia fieri consueuit?

MICHAEL — Neutram istarum condicionum subeunt illi, qui in bello inter Christianos gesto capiuntur, aut necessitate compulsi se dedunt. Omnes enim hi uel aliis captiuis, si forte sint, commutantur, uel liberi dimittuntur, uel denique persoluta aliqua pecuniae summa se redimunt. Antiqua namque consuetudine uim legis obtinente inter Europaeos statutum est ne quis Christianus in bello captus seruire cogatur. Aliter tamen res agitur cum illis qui ex Mahometanis, siue Saracenis sunt. Hi enim cum sint barbari et Christiani nominis hostes, post proelii conflictum capti in perpetua seruitute manent.

sarracenos. Estes, por serem bárbaros e inimigos do nome cristão, depois da guerra, permanecem prisioneiros em perpétua escravidão.

LEÃO — Não há então nenhum cristão, prisioneiro de guerra, que viva como escravo entre cristãos?

MIGUEL — Nenhum absolutamente sofre essa privação de direitos e isso, como já disse, por um certo e antigo costume.

Mais ainda, admiram-se os portugueses e os europeus, em geral, de que tão grande é a ganância dos nossos homens e a sua avidez de ganhar dinheiro, que eles se vendem uns aos outros e mancham o nome japonês de grave infâmia. Além disso, nós próprios, muitas vezes, por várias partes da nossa viagem, ao observarmos homens japoneses vendidos e reduzidos à escravidão, não pudemos deixar de nos inflamar em profunda indignação contra o nosso povo que, esquecendo todo o respeito e piedade, por tão vil preço se desfaz de compatriotas, do mesmo sangue e da mesma língua, como se [139] fossem cabeças de gado ou bestas de carga.

MÂNCIO — Com toda a razão, Miguel se queixa da nossa gente que, sendo aliás amiga da cultura e civilização, nesse ponto parece despir completamente toda a civilização e humanidade, e envia por quase todas as gentes um pregão infame da sua cobiça.

MARTIM — É sem dúvida assim. Quem há que se não comova, vendo tantos da nossa gente, homens, mulheres, meninos e meninas, serem levados e distribuídos por tão variadas partes do orbe, a tão baixo preço, para servirem em desgraçada escravidão? É que eles não são vendidos apenas aos portugueses, situação que talvez pudesse tolerar-se mais facilmente, porque a nação portuguesa é clemente e benigna para com os seus escravos e os instrui nos preceitos da doutrina cristã. Mas quem poderá suportar sem emoção que os nossos homens sejam distribuídos por tão diversos reinos, mesmo de gentes abjectas, dadas à falsa religião, e que aí não só entre bárbaros e homens de cor negra suportem uma triste escravidão, mas também sejam instruídos em erros e falsidades?

LEÃO — Disseste bem. Sempre no Japão costumámos considerar errado o hábito de assim vender os homens japoneses. Mas há quem lance toda essa culpa sobre os portugueses e os padres da Companhia, porque os primeiros compram tão avidamente os homens japoneses, enquanto os segundos não impedem, com a sua autoridade, essa compra.

MIGUEL — Os portugueses não têm qualquer culpa. Sendo mercadores, não deve considerar-se como falta deles, se compram os nossos homens com a esperança de lucro, e depois ganham com a sua venda na Índia e noutros lugares. Toda a culpa, portanto, é dos nossos, que até aos próprios filhos, que deveriam ser-lhes queridos, tão facilmente consentem em arrancar dos braços das mães, em troca de dinheiro.

Pelo que toca aos padres da Companhia, para que entendais como a sua mente é contrária a estas vendas e compras, convém que saibais também que eles

LEO — Nullus ergo est Christianus qui, quoniam sit in bello captus, inter Christianos seruitutis legibus teneatur?

MICHAEL — Nullus prorsus est ita capite minutus, atque id, certa et ueteri, ut dixi, consuetudine obseruatur. Immo uero mirantur Lusitani, atque Europaei omnes, tantam esse in nostris hominibus auaritiam pecuniaeque comparandae cupiditatem, ut mutuo se uendant grauemque Iaponico nomini infamiae notam imponant. Praeterea nos ipsi saepe per uarias itineris nostri partes Iaponenses homines uenditos, et in seruitutem redactos intuentes, non potuimus non graui iracundiae ardore in nostram gentem excandescere, quae totius pietatis oblita indigenas homines eiusdem sanguinis et linguae tam uili pretio a se abalienat, quasi [139] sint pecudes, uel iumenta.

MANCIVS — Iure optimo de nostra gente conqueritur Michaël, quae cum alioqui sit cultus et humanitatis studiosa, hac in re totam humanitatem, politioremque cultum exuere prorsus uidetur, et cupiditatis suae praeconium per omnes fere gentes mittit.

MARTINVS — Ita sane est. Quis enim non miseratione commoueatur, uidens tam multos nostrae gentis uiros ac feminas, pueros et puellas in tam uarias orbis partes, tam paruo pretio abripi ac distrahi, miseramque seruitutem pati? Nec enim solum Lusitanis uenduntur, id namque facilius tolerari posset, cum Lusitanorum natio erga seruos clemens sit ac benigna, eosque Christianae doctrinae praeceptis imbuat. Sed quis aequo animo ferat nostros homines per tam diuersa regna, abiectarum etiam gentium, falsaeque religioni deditarum dissipari, ibique non solum inter barbaros et nigro colore homines tristem seruitutem sustinere, sed etiam falsis erroribus imbui?

LEO — Equidem recte dixistis. Semper enim in Iaponia uitio uertere soliti sumus huiusmodi uendendi Iaponenses homines consuetudinem. Sed sunt qui culpam hanc totam in Lusitanos et patres Societatis coniiciant, quorum alii tam auide Iaponenses homines emunt, alii uero eiusmodi emptiones auctoritate sua non impediunt.

MICHAEL — Lusitanorum prorsus nulla culpa est. Cum enim sint mercatores, non est illis in uitio ponendum, si nostros homines spe lucri emant, et postea in India aliisque locis ex eorum uenditione quaestum faciant. Tota ergo culpa nostrorum est, qui etiam ipsos filios, quos carissimos habere deberent, paruo accepto pretio e matrum gremio diuelli tam facile patiuntur.

Quod uero ad patres Societatis attinet, ut intelligatis quam aduersa sit eorum mens ab eiusmodi uenditionibus et emptionibus, scire etiam uos oportet eos magna

obtiveram, com o maior cuidado e diligência, um decreto régio do rei de Portugal, no qual com graves penas se proíbe que algum mercador, vindo ao Japão, compre um escravo japonês.

Mas de que vale a severidade desse decreto, se os nossos homens são de tal ganância que levam irmãos, parentes, companheiros e outros, finalmente, raptados com violência e dolo, às escondidas e com subterfúgios, aos navios dos portugueses e em parte com rogos, em parte com a leveza do preço, solicitam os próprios portugueses à compra dos escravos. E é sobretudo com essa escusa que os portugueses encobrem a culpa de ter violado a lei, afirmando que os japoneses, com as suas preces importunas, de certo modo os forçaram. E, por outro lado, os portugueses [140] não tratam mal os nossos homens. Com efeito, estes, além de aprenderem as doutrinas do catolicismo, são tratados por eles com a maior boa vontade, como se fossem livres, e poucos anos passados são postos em liberdade. Mas nem, por isso, se apaga a mancha que os nossos homens contraem, dando ocasião a uma escravidão deste género e por isso deviam ser entre nós castigados, com uma pesada pena, todos os que se tornassem réus deste crime.

LEÃO — Entre outras leis sancionadas pelo Quambacundono[85], príncipe de todo o Japão, não é da menor importância aquela pela qual se proíbem as vendas de japoneses.

MIGUEL — Seria uma óptima lei, sem dúvida, se os magistrados inferiores, aos quais pertence fazê-la respeitar, não fossem coniventes em manter a ilegalidade, e não deixassem os vendedores sem punição. Por isso é necessário que os magistrados se esforcem por que a lei seja respeitada com todo o rigor e que os magistrados e senhores dos portos, onde os navios atracam, verifiquem isso mesmo e o ordenem sob as penas mais severas.

LEÃO — É justo que apresenteis a lei aos nossos magistrados e príncipes como útil e necessária ao Japão.

MIGUEL — De certo trataremos de apresentar o assunto e de nele insistir, mas receio que entre nós mais valha a esperança do lucro privado do que a razão do bem comum. Entre os europeus, como este está sempre diante dos seus olhos, de modo algum eles permitem que tais costumes perversos se introduzam nos seus reinos. Mas voltemos ao tema da nossa conversa.

LINO — Tratávamos da importância dos combates navais que, sendo tão grande, quer por terra, quer por mar, será certamente fácil arruinar e afundar até o reino mais poderoso num só combate.

MIGUEL — Não é de modo algum fácil que isso aconteça, até porque toda a força dum reino se não põe em juntar e armar um só exército e travar um só combate, mas grande parte dela se coloca em armar as fortalezas. E sendo estas numerosas e fortíssimas, é costume de reis e de príncipes que, sem combater, se recolham às fortalezas, e aí residam por muito tempo e sem perigo e façam a paz em condições justas com os seus adversários. Principalmente quando, se o conflito for entre cristãos,

cura ac diligentia a rege Lusitaniae regium diploma impetrauisse, quo graui poena prohibetur, ne quis mercator in Iaponiam ueniens, seruum Iaponensem emat.

Sed quid prodest huius edicti seueritas? cum nostri homines ea sint cupiditate, ut fratres, consanguineos, socios, alios denique ui ac dolo raptos, clam et latenter in naues Lusitanorum inferant, ipsosque Lusitanos partim precibus, partim pretii leuitate ad emptionem seruorum sollicitent. Qua potissimum excusatione Lusitani culpam uiolatae legis tegunt, affirmantes sibi ab ipsis Iaponensibus importunis precibus quodammodo uim inferri. Nec uero [140] inter Lusitanos cum nostris hominibus male agitur. Nam praeterquam quod Christianae doctrinae documenta perdiscunt, indulgentia summa quasi liberi inter eos habentur, et paucis elapsis annis liberi dimittuntur. Non tamen ideo eluitur macula quam huiusmodi seruituti ansam praebentes, nostri homines contrahunt, ideoque graui inter nos poena mulctandi essent, quicumque huius criminis rei fierent.

LEO — Inter alias leges a Quambacundono uniuersae Iaponiae principe sancitas, non est minima ea qua Iaponensium uenditiones prohibentur.

MICHAEL — Optima quidem lex ista esset, si inferiores magistratus, ad quos eius obseruatio pertinet, in ea seruanda non conniuerent nec uenditores impunitos abire paterentur. Quapropter necesse est ut tum ipsi magistratus legem seuerissime obseruandam curent, tum etiam dynastae, portuumque, ad quos naues appelluntur, domini id ipsum custodiri grauissimis indictis poenis praecipiant.

LEO — Aequum est ut id nostris dynastis ac principibus tamquam Iaponiae utile ac necessarium subiiciatis.

MICHAEL — Nos quidem subiiciendum inculcandumque curabimus; timeo tamen, ne apud nos plus ualeat priuatae utilitatis spes, quam communis boni ratio. Haec enim cum Europaeis ante oculos semper sit, nequaquam prauas has consuetudines in regna sua introduci permittunt. Sed redeamus ad ea de quibus nobis erat sermo.

LINVS — Agebamus de ui naualium certaminum, quae cum tanta sit, tum in maritimis, tum in terrestribus proeliis, facile profecto erit etiam amplissimum regnum uno proelio corruere et concidere.

MICHAEL — Nequaquam id facile est, nec enim tota uis regni in uno conflando muniendoque exercitu atque uno proelio committendo ponitur, sed magna etiam in muniendis arcibus collocatur. Quae cum multae sint, ac fortissimae, usitatum a regibus et principibus est, omisso proelio, in arces se recipere, et ibi diu absque periculo commorari, aequisque condicionibus cum aduersariis pacisci. Praesertim cum, si inter Christianos res agatur, Summus ipse Pontifex auctoritate sua interposita,

o Sumo Pontífice, interpondo a sua autoridade, à qual os reis principalmente se submetem, os reconcilia e resolve toda a controvérsia[86].

LEÃO — O quê? E se dificilmente puderem os recursos e possibilidades económicas dos reis bastar a tão pesadas despesas com combates navais e combates terrestres?

MIGUEL — As despesas são de facto grandes, mas as riquezas dos reis bastam, de tal modo são abundantes e opulentas! [141] Com efeito, só em cada trirreme gastam-se por ano cinco mil cruzados! Daí pode avaliar-se que gastos se fazem numa grande armada de trirremes, gastos que são superados em armar os galeões de guerra e outros navios de igual calado.

MÂNCIO — Mas que dizer das despesas que fazem em encher os depósitos de todo o aparato bélico? Estão de modo repletos de armas e de apetrechos militares, que parece que os príncipes europeus estão sempre prontos para a guerra. Desta abundância e riquezas extraordinárias, fomos testemunhas oculares nós próprios, que visitámos alguns armazéns de armas tão recheados que ficámos convencidos de que aí se podiam armar cinquenta mil ou mais homens.

LINO — Decerto não deixo de admirar-me comigo mesmo, ao considerar quais são os erários suficientes para tão pesadas despesas.

MIGUEL — No progresso dos nossos colóquios expor-vos-emos mais longamente muitas coisas da magnificência das despesas europeias e da abundância de meios militares, da qual Mâncio fez breve menção, há pouco.

LEÃO — Ora explica-nos como é que os reis se comportam com os soldados, uma vez acabadas as guerras, e qual a recompensa e prémio com que os remuneram.

MIGUEL — Remuneram-nos com o prémio que convém à magnificência dos príncipes europeus, principalmente se são soldados veteranos e com muitos anos de serviço. Com efeito, uma vez terminado o tempo de serviço, dão-lhes rendas anuais e, com as vantagens que podem, compensam os trabalhos e moléstias que eles sofreram na guerra. Enfim, não há nenhum que não beneficie da liberalidade régia[87]. E se deste modo se conduzem com simples soldados, facilmente podeis concluir qual será a sua generosidade em relação a nobres e cavaleiros e outros varões ilustres. Ela é tão grande que do favor dos reis para com homens que se distinguiram na guerra, é certíssimo que teve nascimento e origem, em grande parte, o senhorio de condes e outros magnates.

LEÃO — Uma vez que falaste de soldados que terminaram o serviço activo, desejamos saber se também na Europa os reis e outros príncipes abdicam do desempenho das suas funções e entregam aos filhos a administração do reino, como costuma acontecer no nosso Japão.

MIGUEL — Esse costume, seguido entre vós, não existe de forma alguma entre os europeus, nem eles consideram justo que o rei, depois de alguns anos gastos na administração do reino, logo que adquire experiência e conhecimento dos negócios, então abdique das funções régias [142], para confiar ao filho adolescente, sem conhecimento e experiência, o leme do reino. E sem dúvida, se quisermos indagar

cui maxime reges se submittunt, in gratiam eos reconciliet, et totam controuersiam dirimat.

LEO — Quid? quod difficillime admodum poterunt opes facultatesque regiae suppetere, ad tam graues sumptus faciendos, tum ad bella naualia, tum etiam ad terrestria.

MICHAEL — Sumptus quidem magni sunt, sed opes regiae sufficiunt, ita sunt uberes et opulentae! [141] Nam in singulis triremibus quotannis quinque aureorum millia consumuntur. Ex quo uidere licet quae expensae in magna triremium classe fiant, quas supperant, sumptus in rostratis nauibus aliisque eiusdem magnitudinis apparandis.

MANCIVS — Sed quid dici potest de his sumptibus quos item faciunt in armariis omni bellico apparatu referciendis? quae sane ita sunt armis militaribusque rebus instructa, ut semper Europaei principes ad bellum accincti esse uideantur. Huius abundatiae copiaeque admirabilis nos ipsi oculati testes sumus, qui in aliqua armorum promptuaria ita rebus bellicis ornata sumus introducti, ut quinquaginta hominum millia et eo plura ibidem armis muniri posse iudicaremus.

LINVS — Profecto mirari non desino mecum ipse considerans quaenam sint aeraria ad tam graues expensas suppetentia.

MICHAEL — In progressu nostrorum colloquiorum uobis latius explicabimus multa de magnificentia sumptuum Europaeorum, et copia earum rerum quae ad rem militarem pertinent, de qua modo Mancius breuem mentionem fecit.

LEO — Age nunc explica, bellis confectis et peractis, quomodo se reges cum militibus gerant, quaue mercede et praemio eos remunerent?

MICHAEL — Remunerant eos eo praemio quod Europaeorum principum magnificentiam decet, praesertim si sint milites ueterani et qui diu stipendia meruerint, eos enim iam emeritos annuis reditibus donant, et quibus possunt commodis labores molestiasque in bello susceptas compensant. Denique nullus est qui non regiam in se liberalitatem experiatur. Quod si erga milites ita se habent, facile colligere potestis quaenam sit erga nobiles atque equites, aliosque uiros illustres eorum beneficentia, quae quidem tanta est, ut ex propensa regum uoluntate in homines praeclare in bello se gerentes, comitum, aliorumque dynastarum dominatum magna ex parte ortum, et originem habuisse, certissimum sit.

LEO — Quandoquidem de emeritis militibus dixisti, scire cupimus an etiam in Europa reges et alii principes muneribus suis perfuncti sese abdicent, et filiis, ut in nostra Iaponia fieri solet, regni administrationem committant?

MICHAEL — Ista consuetudo, quae inter nostros obseruatur, prorsus inter Europaeos non est, nec enim aequum iudicant ut rex post aliquot anos in regni administratione consumptos, cum primum rerum experientia negotiorumque tractatione edoctus est, tunc regio munere sibi abrogato [142] filio adolescenti inexperto et minime in rebus uersato gubernaculum regni tradat, et sane si uelimus nostrorum Iaponensium

a causa das nossas guerras japonesas, descobriremos que não é a menor a seguinte, que reis e magnates, cheios de prestígio pela idade e conhecimento dos negócios, vivem como simples particulares, e que jovens, governando o reino, desprovidos de juízo maduro e da prática das coisas, tudo confundem e perturbam.

LEÃO — Essa razão que tu dás, muito me agrada, mas esse costume europeu deixa em mim um escrúpulo e uma dúvida. É que me parece que ele dá aos filhos dos reis a ocasião de se apoderarem do domínio e de maquinarem a traição. Com efeito, estando averiguado que por natureza os adolescentes, sobretudo os nascidos em tão nobre e elevada situação, dificilmente sofrem o jugo do mando e vivamente ambicionam o primeiro lugar, facilmente acontecerá que eles conspirem contra os pais e os eliminem pelo crime mais nefando.

MIGUEL — Não há perigo algum desse mal, sendo bem conhecidas as coisas da Europa. Em primeiro lugar, como já atrás disse, e devo repetir ainda algumas vezes, tanto é o amor dos filhos pelos pais e, inversamente, tanta a bondade dos pais para com os filhos, que nenhuma suspeita de tão grande crime tem lugar nos costumes europeus, como podeis ver até por este exemplo, transmitido pelos livros dos portugueses[88].

Sofrendo Afonso, rei de Portugal, deste nome o quinto, com cerca de cinquenta anos já, de melancolia, por causa de uma guerra importantíssima em que se envolveu e por causa da administração do reino, resolveu fazer uma peregrinação a Jerusalém ao Santo Sepulcro de Cristo. Deixou as rédeas do reino a seu filho João, jovem cumulado de prudência e outras qualidades naturais, e decidiu passar piedosa e santamente o tempo restante da vida naquela região, famosa pela passagem de Cristo, quando outrora vivia na terra. Mas tendo sido dissuadido da viagem começada, pelas preces de quase todos os reis europeus e do próprio Sumo Pontífice, levantou-se uma disputa oficiosa e cheia de respeito entre pai e filho. O pai queria viver no reino, como simples particular, sob a administração do filho; este, pelo contrário, recusava absolutamente exercer as funções de rei, enquanto o pai vivesse. E as preces do filho foram tão veementes, que forçaram o pai a receber de novo, embora hesitasse, o trono régio. Daqui podeis coligir como é alheia a mente dos europeus, do crime de traição.

Acresce a este propósito, que os príncipes, filhos dos reis, são pelos pais tratados com todo o amor e honra, de tal modo que, depois que chegam à adolescência, têm residência própria [143] e próprios funcionários do palácio, possuem amplos rendimentos, são chamados pelos pais a participar dos cuidados e decisões do governo, enfim, se treinam lentamente para o exercício da completa governação futura. Por isso, acontece que vivem no grande amor para com os pais e na boa vontade e respeito do povo.

LEÃO — Dão-nos grande prazer as tuas palavras, mas explica, por favor, como os filhos dos reis sucedem no lugar dos pais falecidos.

MIGUEL — Aqui se me oferecia ocasião para falar das práticas que costumam ser observadas quando os reis sofrem de doença e estão quase a expirar, das

bellorum causam exquirere, non minimam esse inueniemus quod reges et dynastae qui propter aetatem et negotiorum cognitionem auctoritate ualent, priuati uiuant, et iuuenes regni clauum tractantes, nondum maturo uidicio rerumque usu praediti, omnia commisceant et conturbent.

LEO — Ista ratio a te reddita ualde mihi placet, sed unum scrupulum dubitationemque mihi iniicit ista Europaea consuetudo. Videtur namque regum filiis dominatus occupandi proditionisque machinandae occasionem dare. Cum enim natura comparatum sit ut adolescentes, praesertim tam nobili et excelso loco nati, iugum imperii difficile patiantur et primam sedem uehementer appetant, facile erit aduersus parentes coniurationem conflare, atque eos per summum scelus de medio tollere.

MICHAEL — Nullum profecto istius mali est periculum, rebus Europae diligenter cognitis. Nam in primis, ut iam superius diximus, et aliquoties repetendum est, tantus est filiorum in parentes amor tantaque uicissim parentum erga filios benignitas, ut nulla tanti criminis suspicio in Europaeos mores cadat, quod uel ex eo exemplo perspicere potestis Lusitanorum monumentis tradito.

Cum enim Alfonsus Lusitaniae rex, huius nominis quintus, iam fere quinquagesimum annum agens, belli grauissimi, quod susceperat, administrandique regni taedio afficeretur, et iter Hierosolymam ad sanctum Christi sepulcrum institueret, filio Ioanni, iuueni prudentia aliisque naturae bonis cumulato, gubernaculum regni reliquit, statuens in ea regione, quae Christi in terris olim agentis est insignita uestigiis, reliquum uitae spatium pie sancteque traducere. Sed cum omnium fere Europaeorum regum, ipsiusque Summi Pontificis precibus ab incepto itinere reuocaretur, officiosa quaedam et pietate plenissima inter parentem filiumque orta est contentio. Dum parens priuatus in regno uiuere sub filii administratione cupit, filius contra regium munus exercere patre uiuente penitus recusat. Filii tamen preces adeo uehementes fuerunt, ut patrem ad locum regium rursus obtinendum, etiam tergiuersantem compulerint. Vnde colligere potestis quam aliena sit Europaeorum mens a crimine proditionis.

Huc accedit quod principes regum filii a parentibus peramanter et perhonorifice tractentur, ita ut postquam adolescunt, propria [143] domicilia, propriosque aulicos magistratus habeant, amplos reditus possideant, in partem curarum gubernandique consilium a parentibus uocentur, denique paulatim ad futuram integram gubernationem se exerceant, quo fit ut in magno erga parentes amore et populi beneuolentia et ueneratione uiuant.

LEO — Magna iucunditate nos ista a te dicta afficiunt, sed explica, obsecro, quomodo filii regum in parentum mortuorum locum succedant?

MICHAEL — Hic se mihi offerebat campus ad dicendum de consuetudine quae, regibus morbo oppressis et extremum spiritum profundentibus, obseruari solet de

distracções com que são aliviados os incómodos das doenças, das várias espécies de medicamentos, do funeral grandioso e magnífico com que os seus corpos são levados a enterrar, das preces dirigidas a Deus pelo povo todo em seu favor, do trajo triste e escuro que todos os homens vestem na sua morte, do aparato magnífico dos seus sepulcros, para conservar a sua perpétua memória. Mas tudo isto, para não alongar indevidamente a narração, passo em silêncio. Todavia, alguma coisa compreendereis do que acabo de dizer, por alguns quadros que trouxemos, nos quais o funeral do imperador Carlos V[89], pai do rei Filipe de Espanha, feito e celebrado pelo filho em honra do pai, é admiravelmente pintado. Daí será lícito conjecturar, como de um exemplo, a magnificência e a pompa dos funerais europeus. Todavia, porque alguns dos assuntos aqui tocados por mim, muito por alto, serão abordados nos colóquios seguintes, aqui direi apenas que é extraordinário o aplauso e a festa comum, quando os príncipes, filhos dos reis, por morte de seus pais, são proclamados reis pelas ruas das cidades e vilas, e o ajuntamento de todo o povo suplica para eles trono e vida por muitos anos. Tudo isto, porém, entendê-lo-eis em grande parte também do que segue. Agora ocupar-me-ei da magnificência das próprias cidades e vilas, se entretanto pudermos interromper a narração com o repouso desta noite.

LEÃO — Nós desejamos-te, depois de uma narração tão agradável, o repouso de uma noite feliz.

deliciis quibus morborum molestiae subleuantur, de uario medicamentorum genere, de funere amplo et magnifico quo eorum cadauera efferuntur, de precibus pro illis a toto populo ad Deum adhibitis, de lugrubi ac pulla ueste quam omnes homines in eorum morte induunt, de sepulcrorum magnifico apparatu ad eorum perpetuam memoriam conseruandam. Sed haec, ne plus debito narrationem proferam, silentio praetereo. Eorum uero partem aliquam intelligetis ex tabellis quibusdam a nobis allatis, in quibus funus Caroli quinti imperatoris et Philippi Hispaniae regis patris, eidem parenti a filio factum celebratumque mirifice depictum est. Vnde funerum Europaeorum magnificentiam et ornatum uelut ex signo quodam coniicere licebit. Quoniam autem nonnulla ex iis a me hic tantum per capita breuiter recitata in sequentibus colloquiis attingentur, solum illud dicam, mirum esse populi applausum communemque celebritatem, cum principes regum filii parentibus mortuis per medias urbes et oppida reges proclamantur, et totius populi conuentus diuturnam illis sedem uitamque precatur. Haec tamen etiam ex sequentibus magna ex parte intelligetis. Nunc ad ipsarum urbium oppidorumque magnificentiam accedam, si tamen narrationem huius noctis quiete intermiserimus.

LEO — Nos tibi tam iucunda narranti felicem noctem quietemque precamur.

[144] COLÓQUIO DÉCIMO QUINTO
Sobre a grandeza das cidades e a decoração dos templos e a magnificência de outros edifícios.

LEÃO — Vimos os quadros em que o funeral feito ao imperador Carlos V está pintado muito bem, e por eles facilmente concluímos como são magníficas as despesas dos europeus, ao honrar a morte dos príncipes. Daí também fica claro como são pesadas e largas as despesas que fazem em sustentar e conservar a vida. Mas desejamos ouvir de ti alguma coisa sobre a magnificência das cidades, dos templos e dos outros edifícios, pois suspeitamos de que ela é não menos admirável na Europa.

MIGUEL — Estando para me ocupar desta tão importante matéria, ocorre-me o exemplo de Timante[90], pintor ilustríssimo, que anda nos livros dos europeus. Pintando ele num quadro a morte de Ifigénia, uma mulher nobilíssima, filha de Agamémnon, rei de Argos, e conseguindo exprimir a tristeza e abatimento dos parentes que a rodeavam, ao chegar ao pai, pensando que não podia alcançar com o pincel a sua tristeza, com muita habilidade e prudência cobriu-lhe o rosto com um véu, para indicar com esta máscara uma situação de grande tristeza e luto. Assim também eu, no momento de dissertar perante vós das cidades e edifícios da Europa, construídos com arte e variedade maravilhosas, persuadindo-me de que, com as minhas palavras, não consigo esboçar sequer a sua graça, esplendor e elegância, julgaria preferível envolver tudo isto num véu de mutismo e silêncio, se vós mo consentísseis. Mas, uma vez que comecei a falar das coisas da Europa, tenho de ir audaciosamente mais além, e dizer alguma coisa da grandeza dos edifícios. À penúria e pobreza da minha narração [145] suprirão, todavia, em grande parte os livros que trouxemos sobre edifícios e cidades europeias, que em parte vimos, em parte conhecemos, por ouvir. Neles, quanto a arte tipográfica pode consegui-lo, está expressa a nobreza e a magnificência dos edifícios europeus. E para, de entrada, dizer algumas coisas gerais sobre as cidades, reservando os pormenores para o progresso da minha narração: há uma grande diferença entre as maneiras de habitar, usuais entre os europeus e os japoneses. Com efeito, os nossos japoneses, principalmente os nobres, não habitam em tão grande número nas cidades e vilas, mas geralmente costumam

[144] De magnitudine urbium, et templorum ornatu, aliorumque aedificiorum magnificentia.
COLLOQVIVM DECIMVM QVINTVM.

LEO — Vidimus eas tabulas, in quibus funus Carolo quinto Imperatori factum optime depictum est, et ex eis facile coniecimus quam magnifici sint sumptus Europaeorum in morte principum decoranda. Vnde etiam satis constat quam graues atque amplae sint eorum expensae in ipsa uita tuenda et conseruanda. Verum cupimus aliquid a te audire de urbium, templorum aliorumque aedificiorum magnificentia, eam enim non minus mirabilem in Europa esse suspicamur.

MICHAEL — Mihi quidem de ista tam graui materia dicere aggredienti occurrit illud Timantis clarissimi pictoris exemplum, quod Europaeorum libris proditum est, qui cum in tabula quadam mortem cuiusdam feminae nobilissimae, nomine Iphigeniae, Agamemnonis Argiuorum regis filiae depingeret, et consanguineos circumstantes tristes admodum et maerentes expressisset, ad patrem perueniens, eius luctum et tristitiam penicillo se assequi non posse existimans, artificiose simul et prudenter uultum uelo contexit, magnum aliquod maeroris atque luctus argumentum eo integumento indicans. Non secus ego de Europae urbibus aedificiisque mira arte et uarietate exstructis coram uobis dicturus, eorum uenustatem, splendorem atque elegantiam ne adumbrare quidem dicendo me posse, mihi persuadens, uelo quodam taciturnitatis et silentii haec omnia obuoluere satius esse ducerem, si per uos mihi liceret. Verum quoniam semel de Europae rebus dicere coepi, audacter iam ulterius progrediendum mihi est, et aliquid de aedificiorum magnitudine dicendum. Narrationis tamen meae penuriam ac ieiunitatem [145] supplebunt magna ex parte libri quos attulimus de aedificiis, atque urbibus Europaeis, quas partim uidimus, partim auditione accepimus, in quibus, quantum typorum ars attingere potest, aedificiorum Europaeorum nobilitas et magnificentia expressa est. Atque ut in primis de urbibus communia quaedam dicam, minutiora ad progressum narrationis reseruans, magnum sane discrimen est inter modos habitationis ab Europaeis et Iaponensibus usurpari solitos. Nostri namque Iaponenses praesertim nobiles non tanta frequentia in urbibus atque oppidis habitant, sed plerumque in suis agris atque praediis locum sibi deligere solent, ibique libentius

escolher um lugar nos seus campos e prédios, e aí morar com gosto e prazer. Ao contrário, os nobres europeus têm uma muito diversa maneira de habitar: embora, às vezes, se deleitem com a habitação agrária e rústico remanso, para poderem aliviar e relaxar os espíritos oprimidos pelos incómodos dos negócios, todavia, porque o seu modo de habitar comum e corrente é o urbano, costumam pôr não menos empenho em construir residências nas cidades do que nos rústicos retiros dos seus prazeres e delícias. Daqui vem que, estando os nobres e magnates tão interessados nos edifícios urbanos, as cidades são frequentadas não só por gente do povo e mercadores, como as nossas japonesas, mas também são valorizadas pela multidão nobilíssima de magnates e príncipes, de tal modo que não há só aquelas em que os reis habitam, mas também outras, dispersas por todo o reino, são muito célebres e populosas. E costumando os nobres neste ponto rivalizar por uma certa emulação e inveja, é admirável como são grandes as construções dos edifícios que, tendo frequentemente dois e três andares, tornam as cidades não só celebérrimas pela multidão dos edifícios, mas também belíssimas à vista. Junta-se, para nobreza das cidades europeias, o número elevado de casas religiosas e a grandeza extraordinária destas. Com efeito, em muitas cidades é possível contar cinquenta, cem, e em algumas, duzentos templos; em cidades menores, encontrar-se-ão, frequentemente, dez, vinte e trinta. Deve, entretanto, pensar-se que estas construções religiosas não têm apenas um templo para recitar as preces, mas sendo habitadas por homens e mulheres religiosos, contêm muitas salas e muitas celas para sua conveniente habitação, cujo número e qualidade, podeis conceber pelo número dos próprios religiosos. Vivem, na verdade, no mesmo cenóbio ou colégio, às vezes cem, e até mesmo, duzentos homens [146] e não é menor o número das mulheres religiosas, recolhidas em conventos femininos. Sendo esta quantidade de gente, em ambos os casos, muitas vezes composta de nobres e vivendo de amplos rendimentos ou de esmolas, facilmente compreendereis qual é a construção destes edifícios. Ora além dos conventos, há também outros templos, como que cabeças das paróquias urbanas, onde sacerdotes da ordem de S. Pedro[91], como lhes chamam, costumam recitar as preces divinas. A todos eles preside o bispo ou pontífice que tem no templo a sé própria. E eis porque se encontra nas cidades tão grande multidão de pessoas consagradas à religião.

LEÃO — A mim, não há dúvida de que esse número de religiosos e de templos causa admiração e estou convencido de que se podia fazer uma cidade só com estas pessoas religiosas e suas residências.

MIGUEL — Deste facto assim como de outros, tendes presentes testemunhas que não consentirão que eu diga mais do que a verdade

MÂNCIO — Nós confirmamos isso mesmo com o nosso testemunho e vamos até ao ponto de acrescentar que é tal a magnificência daquelas casas religiosas que, quando as recordamos, mal nos podeis dar crédito, a não ser que vos persuadais de que nesta descrição procuramos a verdade e só a verdade. Há muitos conventos na Europa cuja construção custou certamente cem e duzentos mil cruzados. Mais

et iucundius commorari. Europaei autem nobiles longe diuersum habitandi usum habent: quamuis enim interdum agraria habitatione et rustica quiete delectentur, ut animos negotiorum molestiis oppressos releuare et relaxare possint, quia tamen communis et usitata illorum habitatio est urbana, non minorem diligentiam ad exstruenda in urbibus domicilia, quam ad deliciarum et uoluptatum rustica deuerticula conferre consuescunt. Hinc fit ut, cum nobiles uiri, atque dynastae de urbanis aedificiis tantopere sint solliciti, urbes non solum popularibus et mercatoribus, ut nostrae Iaponenses, frequententur, uerum etiam nobilissima magnatum et primatum turba decorentur, ita ut non modo illae, in quibus reges habitant, sed etiam aliae per totum regnum sparsae ualde celebres et frequentes sint. Cum uero de hac re nobiles inter se aemulatione quadam, atque inuidia decertare soleant, mirum est quam magnae sint aedificiorum machinae, quae cum binas ac ternas contignationes habere soleant, urbes ipsae non solum multitudine domuum celeberrimae, uerum etiam aspectu pulcherrimae redduntur. Accedit ad nobilitatem urbium Europaearum multitudo religiosarum domuum, earumque mirabilis amplitudo. In multis enim urbibus quinquaginta, centum, et in aliquibus ducenta templa numerare licet; in oppidis autem minoribus decem, uiginti, et triginta passim reperies. Huiusmodi tamen templa non unicam tantum domum sacram ad preces recitandas habere existimandum est, sed cum a religiosis uiris et feminis incolantur, multa continent domicilia multaque receptacula, ad eorum opportunam habitationem; quae quot sint et qualia, ex numero ipsorum religiosorum hominum coniicere potestis. Viuunt enim in eodem coenobio uel collegio uiri aliquando centum [146] immo et ducenti, nec minor est numerus sacrarum uirginum quae in parthenonibus delitescunt. Cumque utraque multitudo ex nobilibus saepe confletur, et ex amplis reditibus, uel eleemosynis uiuat, facile intelligetis, qualis sit horum aedificiorum structura. Vltra haec autem coenobia, sunt etiam alia templa, uelut urbanarum paroeciarum capita, ubi sacerdotes ordinis Diui Petri, ut uocant, diuinas preces recitare solent. Quibus omnibus praeest episcopus, siue pontifex in summo templo propriam sedem habens. Atque hinc est, quod tanta sacris addictorum hominum multitudo in urbibus inueniatur.

LEO — Mihi sane iste religiosorum hominum templorumque numerus admirationem mouet, et ex istis tantum hominibus atque locis urbem integram constare posse, mihi persuadeo.

MICHAEL — Huius rei sicut aliarum habetis testes praesentes, qui me ultra ueritatem loqui non patientur.

MANCIVS — Nos id ipsum testimonio confirmamus, immo addimus illarum religiosarum domorum magnificentiam eam esse, ut nobis etiam commemorantibus uix ad fidem adiungendam, adduci possitis, nisi nos ante omnia in narratione hac ueritatem consectari omnino uobis persuadeatis. Sunt enim pleraque coenobia in Europa, quorum structuram centum et ducentis millibus aureorum constitisse, certum

ainda, alguns há, feitos levantar por reis e pontífices, conventos que alcançaram os cem a duzentos milhões de sestércios[92].

LINO — Ouço-vos contar esse dinheiro, como se contásseis grãos de arroz, e não creio que isso venha de outra razão, senão dessa grandeza das fortunas europeias que observastes com os próprios olhos.

MIGUEL — Tem graça o teu comentário de que nós contamos grãos de arroz, quando fazemos a soma dos gastos europeus. Mas que estes cálculos não estão longe da realidade, confirma-o uma outra coisa já dita, a saber, que até as casas dos homens particulares podem ser avaliadas, muitas vezes, em trinta a sessenta mil cruzados, como consta seguramente. Daqui, podeis fazer um juízo vós próprios a respeito dos palácios reais, e não ficar tão surpreendidos se ouvirdes que nos templos, que os europeus acarinham tão religiosamente, se gastou uma tão grande soma de dinheiro. Além dos templos e das casas sacras e profanas, há também outras designadas para uso de várias sociedades. E chamo sociedades aos grupos de homens piedosos que, embora não sigam a vida religiosa, todavia se dedicam à prática de obras de piedade para com pessoas necessitadas e infelizes. Algumas destas sociedades distribuem dinheiro pelos pobres que, nascidos de família honesta [147], coram de viver, pedindo esmola. Outras destinam-se a visitar pessoas doentes e a aliviar-lhes os sofrimentos; algumas a levar com solene cortejo e a sepultar os cadáveres; não poucas dedicam-se a casar raparigas, de família honesta mas pobre, para que a sua fama e virtude não corram perigo, e cada ano casam vinte, trinta e ainda mais com homens igualmente virtuosos e honestos; finalmente, outras ocupam-se diligentemente de outras obras piedosas, segundo o seu regulamento. Há ainda outras sociedades, principalmente em Itália, vulgarmente chamadas Montes de Piedade, que em grande parte se entregam ao empréstimo de dinheiro aos que dele precisam. E nesta actividade segue-se um plano tal que não só o dinheiro volta sem perigo ao Montepio, em troca dos penhores recebidos, mas também, com um juro anual de sete por cento, os funcionários que se ocupam deste negócio ganham a sua vida. Assim, acontece que, não em razão do empréstimo mas das despesas que costumam ser feitas, o dinheiro acumulado além do capital não gera nenhum perigo de usura.

Muitas destas sociedades também possuem templos ou outros lugares semelhantes, nos quais se reúnem todos os que são membros da fraternidade, por certo direito, e fazem reuniões utilíssimas sobre os negócios pertencentes ao seu regulamento. Daí se pode julgar com quantos lugares célebres se honram as cidades europeias.

Há ainda muitas outras habitações nas mesmas cidades, que muito merecem ser referidas por nós. Algumas chamam-se albergarias que se dedicam a receber com gentileza e hospitalidade os estrangeiros. Aí, por alguns dias, os estrangeiros podem refazer as forças e aliviar os incómodos duma longa viagem. Outras chamam-se hospitais nos quais os afligidos por qualquer doença são diligentemente curados e encontram com toda a facilidade, e sem pagar, todos os medicamentos e outros remédios. E porque são vários os géneros de doenças, vários são também os hospitais,

est. Immo nonnulla sunt a regibus et Summis Pontificibus confecta quae ad millies et bis millies sestertium peruenerunt.

LINVS — Ita sane pecuniam uos numerantes audio, quasi oryzae granorum numerum colligatis, nec aliunde id prouenire credo, nisi ex Europaearum diuitiarum amplitudine quam uestris oculis estis intuiti.

MICHAEL — Lepide sane dicis nos oryzae granorum esse supputatores, dum sumptuum Europaeorum summam facimus. Verum haec a fide non esse aliena, aliud iam dictum confirmat, quod etiam priuatorum hominum domicilia triginta saepe et sexaginta aureorum millibus aestimari posse, liquido constet. Vnde de regiis palatiis uos ipsi iudicium ferre potestis, nec tantopere admirari, si in templis, quae Europaei tam religiose colunt, tantam pecuniae summam consumptam audiatis. Praeter templa sacrasque et profanas domos, sunt etiam aliae uariarum societatum usui designatae. Dico autem societates, piorum hominum conuentus, qui etsi religiosam uitam non agunt, operibus tamen pietatis erga miseros et calamitosos homines exercendis se dedicant. Quaedam enim ex his societatibus pecuniam distribuunt in homines inopes, qui alioqui honesto [147] loco nati, emendicatis eleemosynis uiuere erubescunt; aliae aegrotis hominibus inuisendis eorumque molestiis subleuandis; nonnullae cadaueribus cum solemni pompa efferendis et sepeliendis distinentur; non paucae in puellis ex honesta sed inopi familia matrimonio iungendis, ne earum fama uirtusque periclitetur, operam collocant, et singulis annis uiginti et triginta, et eo plures, uiris etiam uirtute et honestate praeditis in matrimonium tradunt; denique aliae aliis piis operibus, iuxta cuiusque institutum, diligenter incumbunt. Sunt etiam aliae quaedam societates praesertim in Italia, uulgari nomine Montes pietatis appellatae, quae in pecunia indigentibus mutuo danda, magna ex parte occupantur. Qua in re ille ordo seruatur, ut et receptis pignoribus pecunia absque periculo ad Montem pietatis redeat, et pro centenario quoque numero, septenario ultra singulis annis comparato, administri, qui huic negotio sunt intenti, uitam alant. Quo fit ut non ratione mutui, sed sumptuum qui fieri solent, pecunia ultra sortem corrogata nullum usurae periculum pariat.

Pleraeque etiam ex his societatibus templa siue alia similia loca habent, ad quae omnes germanitatis quodam iure coniuncti, statis diebus confluunt, et de negotiis ad suum institutum pertinentibus utilissimos congressus habent. Ex quo colligere licet quam celebribus locis Europaeae urbes nobilitentur.

Sunt etiam alia multa domicilia in eisdem urbibus dignissima quae uobis referantur. Quaedam enim appellantur xenodochia, quae peregrinis hominibus benigne et perhospitaliter excipiendis sunt designata, ubi per aliquos dies externi homines uires reficere molestiasque longi itineris alleuare possunt. Alia dicuntur nosocomia in quibus quocumque morbo oppressi diligenter curantur, et medicamenta omnia aliaque remedia absque ullo sumptu paratissima inueniunt. Et quoniam uaria sunt morborum genera, uaria sunt etiam nosocomia, uel diuersis pergulis distincta, in quibus

mesmo separados em diversos pavilhões, nos quais se atende admiravelmente à ordem, limpeza e tratamento dos doentes. E estas residências distribuídas por boa ordem, acomodadas aos que sofrem de doenças, capazes de receber muitos doentes, proporcionam um espectáculo que todos os de fora observam com grande prazer. Há outras, que se chamam maternidades e orfanatos nos quais os recém-nascidos, abandonados por suas mães, devido a pobreza ou por outra infelicidade, são recebidos com todos os cuidados e confiados a várias amas, para que os alimentem. E este género de piedade é da [148] maior importância, quando a idade é tão frágil e exposta a tantos perigos.

Há ainda outras que, não merecendo o nome de mosteiros, podem designar-se pelo nome comum de recolhimentos de mulheres. Nelas se reúnem, com a devida permissão, muitas mulheres que, tendo vivido menos honestamente na sua vida passada, se convertem a melhor regra de vida e, imitando as freiras, passam o tempo em exercícios sagrados e outras obras.

LEÃO — Creio, sem dúvida, que são utilíssimos todos esses locais, com que na Europa se evitam tantos males que costumam acontecer no nosso Japão, como estupros de virgens, prostíbulos de mulheres perdidas, tristes abortos provocados por ervas ou outros medicamentos pestíferos, mortes atrozes causadas pelas próprias mães aos filhinhos indefesos, por asfixia ou qualquer outro género de crueldade, finalmente, a incúria desumana a respeito dos doentes e de outros infelizes que, a cada passo, morrem de fome. Comparados com estes males, os bens da Europa proclamam a verdade da religião cristã[93].

MIGUEL — Essa é uma boa comparação que fazes e pareces colher dos nossos colóquios não pequeno fruto, ao pesar com tão correcta balança as coisas europeias. Mas não omitirei as altas instituições das cidades europeias que agora comummente se chamam Academias e costumam ser edificadas nas cidades principais dos diversos reinos europeus. Estas Academias são edifícios muito grandes e palácios destinados ao ensinamento e cultura dos jovens estudiosos. Cultivando os europeus não só a disciplina militar muito necessária para fazer a guerra, mas também aprendendo muitas outras artes liberais necessárias para governar o povo e manter a paz e justiça, estão abertos aos muitos jovens que se dedicam às boas letras estes lugares concorridíssimos para os quais eles confluem de toda a parte e onde são ensinados nos preceitos de todas as disciplinas desde os seus elementos.

Os edifícios destas Academias são grandíssimos e cheios de magnificência, e neles, além de amplíssimos claustros e salas, há anfiteatros muito belos e de aspecto digníssimo que recebem comodamente a multidão dos discípulos reunidos, com bancos para sentar e carteiras para escrever, situados muito a propósito, e cátedras mais altas, colocadas em lugar conveniente, de onde os mestres ensinam e por todos são ouvidos.

LEÃO — O que é que estes mestres ensinam aos alunos?

MIGUEL — Boa pergunta, Leão! E ainda me dás a oportunidade de dizer alguma coisa, segundo a brevidade do tempo, a propósito das artes liberais que os europeus

ordini, munditiae, et curationi aegrotorum egregie consulitur. Quae sane domicilia recto ordine distributa, morbo laborantibus accommodata, magnamque hominum multitudinem capientia dignum praebent spectaculum, quod ab omnibus externis hominibus cum magna iucunditate uideatur. Sunt alia quae dicuntur brephotrophia, in quibus pueri infantes a matribus penuria uel casu alio expositi accurate recipiuntur, et uariis nutricibus alendi committuntur. Quod pietatis [148] genus magni ponderis est, cum ea aetas tam tenera sit, totque periculis obnoxia.

Sunt denique alia quae, cum parthenonum nomine non sint digna, gynaecea communi uocabulo appellari possunt, ad quae sese colligunt, facultate habita, feminae multae, quae, ante actae uitae annis minus pudice uiuentes, ad meliorem uiuendi normam se recipiunt, et sacras uirgines imitantes in diuinis laudibus aliisque operibus uitam traducunt.

LEO — Vtilissima ego profecto ista omnia loca esse iudico, quibus tam multa mala, quae in nostra Iaponia euenire solent, in Europa uitantur, qualia sunt stupra uirginum, turpium mulierum prostibula, herbis aut aliis pestiferis medicamentis adhibitis miserae abortiones, teneris infantulis, uel suffocatione, uel alio crudelitatis genere a propriis matribus atrocissimae neces allatae; de aegrotis denique, et aliis calamitosis hominibus passim prae inopia pereuntibus ab omni humanitate abhorrens incuria. Cum quibus malis Europae bona collata Christianae religionis ueritatem commendant.

MICHAEL — Praeclare ista confers, et non parum fructus ex nostris colloquiis uideris metere, res Europaeas iam recta lance perpendens. Sed non omittam alia urbium Europaearum loca, quae nunc communi nomine Academiae appelantur, et in uariis Europae regnis ac praecipuis urbibus aedificari solent. Sunt autem huiusmodi Academiae amplissima quaedam domicilia et palatia studiosorum iuuenum doctrinae cultuique designata. Cum enim Europaei non solum disciplinam militarem ad bella gerenda ualde necessariam colant, sed etiam multas alias ingenuas artes ad populum gubernandum, pacemque et iustitiam tuendam discant, eorundem studiosorum adolescentum bonis artibus uacantium multitudini, loca haec celeberrima patent, ad quae undique confluentes omnium disciplinarum praeceptis a primis elementis excoluntur.

Harum Academiarum in primis aedificia amplissima et magnificentissima sunt, in eisque praeter capacissima peristylia et exedras, atria sunt pulcherrima et aspectu dignissima, quae discipulorum conuenientium multitudinem percommode capiunt, scamnis ad sedendum, pluteisque ad scribendum aptissime collocatis, cathedris uero excelsioribus unde magistri docent, ab omnibusque audiuntur, opportuno loco repositis.

LEO — Quid est quod magistri isti discipulos docent?

MICHAEL — Recte rogas, Leo, praebesque mihi materiam dicendi tibi nonnulla, pro temporis breuitate, de ingenuis artibus quae ab Europaeis diligentissime

estudam com tanta diligência e empenho, embora [149] a matéria requeresse um colóquio inteiro, pelo menos. Mas, por agora é suficiente. Quando a conversa tratar principalmente da nossa viagem, todo o resto será incluído, como se dito de carreira. Todavia, antes que alguma coisa diga das artes liberais, farei uma introdução sobre as letras europeias que são o fundamento, primeiro e certo, das boas disciplinas, e que as crianças aprendem diligentemente desde a mais tenra idade.

Estes caracteres foram com muito engenho inventados pelos antepassados dos europeus e primeiros cultores da Europa. Ao contrário do que costuma acontecer com os chineses e, em grande parte, connosco, não são tantas as figuras das coisas e as letras quantas as próprias coisas. Este sistema, na verdade, se é certo que foi fácil de descobrir, é muito trabalhoso para os que aprendem as nossas letras e as chinesas, por tal forma que muitos anos são necessários para ler e escrever, mesmo medianamente, a não ser que queiramos usar aquelas sílabas que entre nós se chamam «canas», das quais todavia os mais doutos não fazem uso.

Os europeus, porém, têm somente vinte e três letras, e essas simples, que misturam e associam com tanto engenho e artifício, que com elas fazem primeiro sílabas, depois todos os vocábulos e expressões das coisas. Assim acontece que, depois do conhecimento destas letras, eles podem à sua maneira ler e escrever muito mais facilmente.

LINO — Dizes bem, porque descobriu-se nos seminários que algumas das nossas crianças, segundo o que ouvi, aprenderam a ler e a desenhar as letras europeias num mês ou dois. Mas os nossos caracteres e os chineses, como são em muito maior número, exigem longo tempo. Daí resulta que seria óptimo para nós, se os padres da Companhia nos ensinassem as letras europeias, desde que, por meio delas, se exprimisse correctamente a nossa fala japonesa, uma vez que há tanta facilidade no seu aprendizado!

MIGUEL — Tocaste, sem dúvida, numa questão do maior interesse. Com efeito, tão longo é o currículo das nossas letras e das chinesas, que o tempo não sobra para as outras artes e disciplinas que os padres se esforçam por nos ensinar. Mas há uma utilidade nos nossos caracteres que não deve desprezar-se. É que muitos vocábulos nossos que são ambíguos, por causa da semelhança do som, se exprimem com eles convenientemente e sem qualquer ambiguidade.

LINO — Não poderão, então, exprimir-se com estas letras europeias os nossos vocábulos de som semelhante e ambíguo?

MIGUEL — Confesso que é algo difícil que com as mesmas letras sejam explicadas palavras que produzem um som ambíguo, todavia não tenho dúvidas de que os padres, com o seu trabalho, hão-de conseguir que isso possa fazer-se, com o emprego de vários acentos e sinais. [150] Mas dos caracteres passemos às letras humanas.

LEÃO — Já o espero, e gostaria que nos apresentasses o número dessas artes humanas.

MIGUEL — É coisa, como eu já disse, que pedia um colóquio inteiro, ou mais ainda, mas num breve resumo, para vos ser agradável, eu referirei todas as artes, para que conheçais a multiplicidade dos estudos dos europeus.

studiosissimeque coluntur: etsi [149] materia haec integrum saltem colloquium requirebat. Sed eam in hunc locum inseruisse sit satis. Cum enim de itinere nostro praesertim institutus sit sermo, reliqua omnia quasi cursim dicta accipienda sunt. Antequam tamen aliquid de ingenuis artibus dicam, praefabor non nihil de Europaeis litteris, quae sunt primum ac certum bonarum disciplinarum fundamentum, quasque pueri ab ineunte aetate diligenter discunt.

Sunt autem huiusmodi characteres ab Europaeorum hominum maioribus, primisque Europae cultoribus artificiosissime inuenti. Nec enim, sicut apud Sinas, et nos magna ex parte fieri consueuit, tot sunt rerum figurae ac litterae, quot res ipsae. Hoc namque praeterquam quod facile fuerit inuentu, litteras nostras, Sinicasque discentibus est laboriosissimum, adeo ut multi anni ad legendum et scribendum uel mediocriter requirantur, nisi forte uti uelimus illis syllabis quae “canae” apud nos dicuntur, cuius tamen modi scribendi inter doctiores non est usus.

Europaei uero uiginti tres tantum habent litteras, easque simplices, quas ita ingeniose et artificiose commiscent et copulant, ut ex eis primum syllabas, deinde omnia rerum uocabula dictionesque conficiant. Quo fit ut post harum litterarum notitiam, multo facilius legere et scribere suo modo possint.

LINVS — Recte ais, nam nonnullos ex nostris pueris in seminariis inuentos fuisse, audiui, qui Europaea elementa perlegere et fingere, mense uno, aut duobus didicerunt. Nostri uero frequentiores characteres et Sinici longissimum tempus postulant. Vnde fit ut praeclare nobiscum agi posset, si litteras Europaeas, dummodo illis noster Iaponicus sermo recte exprimeretur, a patribus Societatis doceremur, quandoquidem in illis discendis est tanta facilitas.

MICHAEL — Attigisti sane rem commodissimam. Tam longum enim nostrarum litterarum, Sinicarumque est curriculum, ut ad alias artes disciplinasque, quas nobis patres tradere student, aetas non supersit. Quaedam tamen est in nostris litteris utilitas non contemnenda, quod multa nostra uocabula, quae ambigua propter similitudinem soni sunt, commode et sine ambiguitate aliqua illis significentur.

LINVS — Non ergo poterunt istis Europaeis litteris nostra similis ambiguique soni uocabula exprimi?

MICHAEL — Fateor aliquantulum difficile esse iisdem litteris uocabula, quae ambiguum sonum efferunt, declarari atque exprimi. Vt tamen id adhibitis uariis accentibus ac notis effici possit, patres labore suo assecuturos [150] esse non dubito. Sed ex litteris ad bonas artes transeamus.

LEO — Id iam exspecto, uelimque istarum Europaearum artium nobis numerum proponas.

MICHAEL — Res est, ut dixi, quae integrum colloquium, immo plura postulabat, sed in breuem quandam summam uestri gratia omnes artes referam, ut, quam multiplex Europaeorum studium sit, cognoscatis.

Ora eles dividem as artes em dois ramos muito amplos: um abrange as artes que tratam da fala, e outro aquelas que se ocupam das coisas. No primeiro ramo, compreendem a Gramática, a Retórica, a Dialéctica e todas as artes que dizem respeito ao discurso. O segundo ramo, que é ainda maior e mais abrangente, contém muito mais artes que, por brevidade e clareza, podem dividir-se em três partes: a primeira, que trata da natureza; a segunda, dos costumes; a terceira que disserta sobre coisas elevadas, acima da natureza.

À parte que trata da natureza, dizem respeito todas as disciplinas que consideram e contemplam a natureza das coisas só com a luz da razão. Que me seja permitido incluir aqui as artes que tratam da natureza.

A esta ordem pertencem, em primeiro lugar, as quatro que são chamadas Matemáticas, a saber, Geometria, Aritmética, Música e Astronomia, das quais a primeira trata da grandeza, a segunda dos números, a terceira dos sons, a quarta das coisas que se observam no céu. Se juntarmos estas com as três que se ocupam do discurso, isto é, Gramática, Retórica e Dialéctica, teremos o septenário das artes[94] que, por convirem ao homem livre, se conhecem pela designação comum de liberais. A esta ordem juntamos de igual modo, a Filosofia que comenta coisas constantes de forma e matéria, e aquela outra que se chama Primeira Filosofia ou, para usar do nome vulgar, Metafísica, a qual para si reclama as coisas separadas de toda a associação com o corpo. Finalmente, a arte de curar que trata dos géneros das doenças e da variedade dos remédios.

Ora a parte que trata dos costumes abrange não só a Filosofia a que muitos chamam Moral, com a Política e a Económica, mas também a exposição privilegiada dos dois Direitos, isto é, do Direito Cesáreo e do Direito Pontifício e aos dois costumam os europeus dedicar o espaço de muitos anos e assíduo trabalho com vista à governação da comunidade. Entre todas estas ciências e disciplinas obtém o lugar principal aquela que contempla com a luz da fé as coisas situadas acima da natureza, e nela, depois dos currículos da Filosofia, [151] se exercitam principalmente aqueles que professam a vida religiosa.

LINO — Dize alguma coisa da ordem de aprendizado e do tempo que se emprega nos currículos destas artes.

MIGUEL — Depois das letras de que falei, segue-se o estudo das artes respeitantes ao discurso, em seguida às quais os estudantes, de acordo com as suas propensões para os diversos géneros de vida, se dedicam ou ao Direito Cesáreo e Pontifício, ou, terminados os currículos de Filosofia, seguem a princesa de todas as artes, a Teologia; ou finalmente, se lhes agrada, dedicam-se à arte de curar.

E no estudo destas artes, os europeus gastam cinco, seis, dez e às vezes mais anos, depois da base da gramática latina, e finalmente, precedendo exame e prova da sua erudição, obtêm com o maior louvor as suas láureas ou três graus, o inferior, o médio e o supremo que se chama de doutor ou mestre, como posteriormente algumas vezes referiremos. Finalmente, desempenham funções públicas, quer sacras, quer profanas, segundo a capacidade de cada um, e dignidade da sua pessoa e a

Atque illi quidem in duo amplissima membra artes diuidunt: altero eas quae de sermone agunt, altero uero illas quae de rebus disserunt, complectentes. Sub primo membro Grammaticam, Rhetoricam, Dialecticam, et quascumque alias artes quae ad sermonem pertinent, comprehendunt. Posterius membrum maius adhuc est et capacius, multo plures artes continens, quae breuitatis et perspicuitatis causa in tres partes secari possunt: primam, quae de natura agit; secundam, quae de moribus; tertiam, quae de rebus supra naturam elatis disserit.

Ad eam partem, quae de natura agit, spectant omnes disciplinae quae solo rationis lumine naturas rerum considerant et contemplantur (sic enim liceat hoc loco artes, quae de natura agunt, accipere).

Huius ordinis sunt in primis quattuor illae quae mathematicae nuncupantur, nimirum Geometria, Arithmetica, Musica, et Astrologia, quarum prima de magnitudine, secunda de numeris, tertia de sonis, quarta de his quae in caelo notantur, disputat. Has autem si cum tribus illis quae in sermone uersantur, Grammatica uidelicet, Rhetorica et Dialectica, coniungatis, septenarium efficietis earum artium quae, quod ingenuum hominem deceant, liberales communi nomine appellantur. Ad hunc similiter ordinem adiungite Philosophiam, quae res forma et materia constantes commentatur, illamque aliam quae Prima Philosophia dicitur, siue, ut uulgari nomine utar, Metaphysice, quae res ab omni corporis concretione seiunctas sibi uindicauit. Denique medendi artem, quae morborum genera, medicinaeque uarietatem pertractat.

Iam uero pars illa quae de moribus agit non solum Philosophiam quae a plerisque Moralis dicitur, cum Politica et Oeconomica, sed etiam praecipuam utriusque iuris, Caesarei uidelicet et Pontificii tractationem amplectitur, et in utroque ad rerum publicarum gubernationem multorum annorum spatium, assiduamque operam Europaei collocare solent. Inter omnes has doctrinas disciplinasque locum principatumque obtinet illa quae res supra naturam positas fidei lumine intuetur, in qua post Philosophiae curricula, se [151] exercent, praesertim illi qui religiosam uitam profitentur.

LINVS — Dic aliquid de ordine discendi, ac tempore quo in curriculis istarum artium perseueratur.

MICHAEL — Post litteras de quibus dixi, sequitur earum artium studium quae in sermone uersantur, post quas auditores, iuxta propensas in uarium uitae genus uoluntates, uel iuri Caesareo et Pontificio operam nauant, uel peractis Philosophiae curriculis omnium artium principem Theologiam consectantur; uel denique, si placet, medendi arti se dedicant.

Atque in harum artium doctrina, quinque, sex, decem, et plures nonnunquam annos, post grammaticae Latinae fundamentum, Europaei consumunt, demumque antecedente examine, eruditionisque periclitatione, laureas suas, siue gradus tres, infimum, medium et supremum, qui doctoris, siue magistri dicitur, summa cum laude obtinent, ut ulterius aliquoties attingemus. Demum publicis muneribus, uel sacris, uel profanis, iuxta cuiusque captum, personae dignitatem, artiumque uarietatem,

variedade das artes. E fique isto dito a respeito das boas artes, até que percorramos os estabelecimentos célebres das cidades europeias.

LINO — Ficámos encantados de modo extraordinário com a enumeração de todas as artes liberais, em que instruídos os europeus, e ao mesmo tempo ilustrados com a luz da fé, se conduzem da forma mais elogiosa na administração de reinos e repúblicas. E não admira que os nossos homens, desprovidos de todas estas ajudas, tanto errem nas coisas pertencentes à governação e ao conhecimento da natureza.

MIGUEL — Pelo contrário, é antes de admirar que os nossos homens, carecidos desses dois tipos de auxílio, tenham alcançado um tal grau de nobreza e de urbanidade, que os julgamos neste ponto os mais semelhantes aos europeus entre todos os povos que vimos.

LEÃO — É muito agradável para nós esse vosso juízo, mas ocorre-me perguntar ainda, se estas cidades têm também abundantes oficinas de artífices, com as quais costumam valorizar-se não pouco os aglomerados desse género.

MIGUEL — Parece que queres, Leão, que nesta altura diga também alguma coisa acerca de artes fabris e de outras exercidas com as mãos. Também este ornamento não falta às cidades europeias, pelo contrário é um espectáculo agradabilíssimo, nas cidades populosas, ver tantas ruas destinadas a tão variados operários, nas quais uns tratam diligentemente o ouro, outros a prata, outros as cores, o couro, as pedras, o pano, o ferro e não importa que outra matéria da qual se fazem obras, e que cada um tenta tornar-se habilíssimo na sua arte [152], porque os artífices notáveis são muito apreciados por reis e príncipes, principalmente os que são especialistas das artes mais nobres. Nesta altura, poderia eu dizer-vos muita coisa da arte de tecer e das artes militar, náutica, agrária, da obra de lanifício, se me não parecesse que já falei muito. Mas voltemos às obras públicas.

LEÃO — São extraordinárias, sem dúvida, as coisas que disseste dos edifícios e lugares célebres das cidades europeias que certamente tornam as cidades não só populosas e nobres mas também proporcionam aos cidadãos a maior utilidade, ao atenderem às necessidades de tantos. Mas desejo saber com que dinheiro, se público, se privado, essas obras são construídas.

MIGUEL — As obras de que atrás falei são subvencionadas com fundos vários, umas com dinheiro pontifício, outras com dinheiro régio, algumas com dinheiro público ou até com o privado de magnates e de nobres. Sendo as dignidades europeias tão variadas, quer sacras, quer profanas, e fartos os rendimentos a elas conexos, e riquíssimos os erários dos príncipes, para fazer estas obras magníficas o dinheiro chega e sobra.

LEÃO — Essa magnificência das obras atribuo-a eu, não só à opulência europeia, mas também à tranquilidade. Oxalá o nosso Japão tivesse ficado na situação com que começara e o grande poder do rei comum a que chamamos «dayro» não estivesse disperso por tantos membros, porque não só as obras antigas, que também tiveram grande nome, se conservariam e permaneceriam de pé, mas também cresceriam todos

funguntur. Atque haec breuiter dicta sint de bonis artibus, dum celebriora loca urbium Europaearum percurrimus.

LINVS — Delectati sumus mirum in modum istarum omnium ingenuarum artium enumeratione, quibus Europaei exculti, simulque fidei lumine illustrati, in regnorum rerumque publicarum administratione laudatissime se gerent. Nec mirum est nostros homines his omnibus praesidiis destitutos in rebus ad gubernationem naturaeque cognitionem pertinentibus tantopere allucinari.

MICHAEL — Immo potius mirandum est nostros homines utroque hoc auxilio carentes, adeo nobilitatis urbanitatisque gradus et ordinem assecutos, ut hac in re Europaeorum quam simillimos inter omnes, quas uidimus gentes, esse iudicemus.

LEO — Iucundissimum nobis est istud uestrum iudicium, sed ulterius illud quaerendum occurrit, habeantne etiam istae urbes opificum frequentes officinas, quibus non mediocriter huiusmodi conuentus decorari solent?

MICHAEL — Videris uelle, Leo, ut uobis etiam aliquid de fabrilibus artibus aliisque manu exercitis hoc loco agam. Nec etiam hoc urbibus Europaeis ornamentum deest, immo uero aspectu iucundissimum est, in celebribus oppidis, tam multos uicos tam uariis fabris destinatos uidere, in quibus, quidam aurum, alii argentum, alii colores, corium, lapides, pannum, ferrum et quamcumque aliam materiam, ex qua opera fiunt, diligenter tractant, singulique in suis artibus praestantissimi euadere [152] conantur, eo quod insignes artifices a regibus et principibus magnifiant, praesertim illi qui in nobilioribus artibus uersantur. Hic ego multa uobis de arte texendi, et militari, nautica, agraria, de lanificii opere dicere possem, nisi iam multus mihi ipsi uiderer. Nunc ad publica opera redeamus.

LEO — Mira sane sunt quae de urbium Europaearum aedificiis celebribusque locis dixisti, quae non urbes tantum frequentes et nobiles reddere, sed etiam ciuibus maximam afferre utilitatem certissimum est, dum tam multorum necessitatibus subuenitur. Sed scire studeo, quo sumptu, publicone an priuato huiusmodi opera exstruantur?

MICHAEL — Opera superius a me dicta uario sumptu fiunt, quaedam pontificio, alia regio, nonnulla publico, uel etiam priuato optimatum ac nobilium uirorum. Cum enim, ut iam diximus, Europaeae dignitates tam uariae sint, siue sacrae, siue profanae, amplissimique reditus illis adiuncti, aerariaque principum locupletissima, ad haec magnificentissima opera exstruenda pecunia satis, superque suppetit.

LEO — Istam ego operum magnificentiam non tantum Europaeae opulentiae, sed etiam tranquillitati attribuo. Vtinam nostra Iaponia eo stetisset quo coeperat statu, nec regis communis, quem dayrum appellamus, amplissima potestas in tot membra dissecta esset, non solum enim antiqua opera, quae etiam magni nominis fuerunt, sarta tecta seruarentur permanerentque, uerum etiam quotidie excrescerent.

os dias! Estando, porém, perturbado o estado japonês, não admira se a maior parte caiu em ruínas e nós sentimos a falta da famosa grandeza antiga e magnificência das obras japonesas. Mas os vestígios que depois dos incêndios de tantas guerras ainda restam, mostram suficientemente, como foram grandiosas as almas dos nossos japoneses em levantar grandes construções de edifícios e edificar, com perfeição e arte, os templos da antiga superstição.

MIGUEL — Oxalá nos seja restituída a antiga tranquilidade que possuíram outrora os nossos e que a religião cristã penetre por todas as partes e membros do Japão! Então, se juntarmos aquela grandeza dos corações na construção das obras, com a piedade, não há dúvida de que nos aproximaremos da celebridade europeia!

Mas valerá a pena abordar o sagrado ornato[95] e reservar o restante desta matéria para outro lugar. Com efeito, não vejo outra melhor razão de explicar o sacro ornato, do que recordar o aparato dos reis ou dos outros príncipes, do qual falámos. [153] Na verdade, se os dois ornatos forem comparados entre si, mal poderá distinguir-se qual dos dois é superior ao outro, em grandeza e abundância. Se é verdade que, além do Sumo Pontífice e dos que pertencem ao número dos cardeais, muitos são os arcebispos, bispos, abades, cónegos e outros sacerdotes semelhantes, em não menor número do que os titulares profanos e providos de não menores rendimentos, dificilmente se pode julgar quais deles vivem com mais esplendor e abundância. A estes rendimentos junta o recheio dos templos e mosteiros, que costuma ser usado nas celebrações religiosas, no qual se emprega tanto ouro e prata, seda e outros tecidos preciosos, que neste tão magnífico ornato, de certo modo, resplandece a verdade da religião cristã. Na verdade, embora estas exterioridades, tomadas por si, nada contribuam para a solidez da verdade, esta todavia nelas brilha excelentemente como nas imagens, do mesmo modo que nós dizemos que o poder e a beleza de Deus resplandece nas coisas criadas. Donde acontece que assim como pelo testemunho dos homens sábios, aquele que observa com olhar certo a máquina do universo declara que é Deus quem a dirige, assim também é necessário que quem tenha contemplado o cerimonial habitualmente usado nos templos cristãos, a frequência e piedade do povo, a assiduidade dos sacrifícios, o ornamento das vestes sagradas e em tudo isto a ordem que costuma observar-se, confesse sem dúvida que esse é o culto do Deus vivo e verdadeiro.

Mas porque mais tarde ocorrerá a ocasião de tratar daquilo que pertence ao divino e ao sagrado e dos edifícios europeus, depois de apresentados, de um modo ou outro, estes tópicos das coisas europeias, abordaremos mais vantajosamente amanhã o prosseguimento da narração da nossa viagem.

Sed perturbato Iaponico statu, non mirum est, si pleraque labefactata corruerint, et antiquam illam Iaponicorum operum amplitudinem magnificentiamque desideremus. Sed uestigia illa quae ex tot bellorum incendiis sunt relicta satis ostendunt quam magnifici fuerint nostrorum Iaponensum animi in aedificiorum molibus exstruendis, templisque antiquae superstitionis apprime et affabre aedificandis.

MICHAEL — Vtinam non solum illa tranquillitas, qua olim nostri potiti sunt, nobis restituatur, sed etiam Christiana religio per omnes Iaponiae partes membraque peruadat. Tunc enim, si illam animorum magnitudinem in operibus conficiendis cum pietate coniunxerimus, non dubium est quin etiam ad Europaeam celebritatem accedamus.

Sed operae pretium erit sacrum ornatum attingere et reliquam huius materiae partem in alium locum reseruare. Equidem non aliam meliorem rationem sacri ornatus explicandi inuenio, quam si regum, uel aliorum principum apparatum, de quo dixi, [153] memoria repetamus. Si enim uterque ornatus inter se conferatur, uix discerni poterit uter eorum amplitudine atque abundantia alteri antecellat. Cum enim, praeter Summum Pontificem et eos qui sunt e cardinalium numero, multi sint archipraesules, praesules, abbates, canonici, aliique similes sacerdotes, non minori numero quam profani dynastae, nec minoribus reditibus abundantes, uix diiudicare licet quinam eorum splendidius et opulentius uiuant. His adiunge templorum coenobiorumque supellectilem quae in sacris peragendis usurpari solet, in qua tantum auri atque argenti, serici, et cuiusque alterius pretiosae uestis consumitur, ut in hoc ornatu tam magnifico ueritas Christianae religionis quodammodo splendeat. Quamuis enim ipsa externa per se sumpta nihil solidae ueritati conferant, haec tamen in illis ueluti in signis optime elucet, sicut Dei potentiam et pulchritudinem in rebus creatis enitere dicimus. Vnde fit ut quemadmodum ex sapientium hominum testimonio, qui totius huius orbis machinam rectis oculis intuetur, Deum eius moderatorem fateatur, necesse est sic etiam, qui cultum in Christianorum templis Deo adhiberi solitum, populi frequentiam et pietatem, sacrificiorum assiduitatem, sacrarum uestium ornamentum, et in his omnibus singularem ordinem seruari solitum fuerit comtemplatus, cultum illum ueri ac uiui Dei esse, absque dubio confiteri oporteat.

Sed quoniam de his quae ad diuina et sacra pertinent et de aedificiis Europaeis agendi locus ulterius occurret, his rerum Europaearum capitibus, utcumque propositis, ad itineris nostri narrationem prosequendam crastino die commodius accedemus.

[154] COLÓQUIO DÉCIMO SEXTO
Volta-se ao prosseguimento da viagem e descreve-se Lisboa, cabeça do reino Lusitano.

LINO — Tudo quanto até agora disseste, Miguel, resumidamente, das coisas europeias trouxe grande luz ao nosso espírito para conhecer a sua grandeza. Mas, se estás de acordo, avança já e dá-nos uma relação do vosso percurso até à Cúria Romana, nada omitindo, todavia, daquilo que respeita à nobreza das cidades e aos seus aspectos notáveis, quanto a brevidade destes colóquios o permita.

Ora, para voltares ao lugar donde saíste, lembra-te de que estavas no famosíssimo porto de Lisboa e na hospitalidade agradabilíssima da casa professa da Companhia de Jesus.

MIGUEL — Voltarei com prazer a esse lugar, do qual me afastei para outros assuntos, a fim de responder às vossas perguntas de carácter geral sobre coisas da Europa. Mas devemos pensar que não foi pequena a utilidade da nossa digressão, porque lançámos os fundamentos muito necessários de tudo o que vai seguir-se, sem os quais nada pode ser levado a bom remate. Contribuirá também para conhecer factos posteriores, nos quais se há-de tratar individualmente das cidades europeias, a observação dos livros que dias atrás vos mostrámos sobre as cidades e monumentos da Europa.

LEÃO — Agradaram-nos muitíssimo tais livros e deles compreendemos que a gente da Europa se distingue pelo gosto da elegância, pelo talento, pela arte e destreza das mãos, visto que se não limitam a construir obras magníficas mas sabem também representá-las tipograficamente, de maneira notável. Mas vem agora para a desejada descrição das coisas de Lisboa.

MIGUEL — É pesada a obrigação que colocais sobre os meus ombros, ao pedirdes-me que numa conversa tão breve exponha aquilo que exigia um livro inteiro. Mas uma coisa me impele e entusiasma, e é que, seja qual for o trabalho a que me submeter, é bem digno dele essa cidade ilustríssima e benemérita de todo o Oriente. Ela é, com efeito, a cabeça do reino lusitano, do qual, como de uma fonte copiosíssima, [155] a religião cristã se espalhou por todas estas regiões e províncias do Oriente. Daí resulta que os reis portugueses são dignos de imortal memória,

[154] Reditur ad processum itineris et describitur Olysippo, caput Lusitani regni. COLLOQVIVM DECIMVM SEXTVM.

LINVS — Quae hactenus dixisti, Michaël, summatim de rebus Europaeis, magnam mentibus nostris lucem ad earum magnitudinem cognoscendam attulerunt. Sed si placet, progredere iam ulterius, et uestri itineris ad Romanam usque curiam rationem redde, nihil tamen, quod ad urbium nobilitatem insignesque res pertineat, quantum horum colloquiorum breuitas patitur, praetermittens.

Vt autem ad eundem locum unde egressus es regrediaris, memineris te in portu illo celeberrimo Olysipponensi, et domus professorum Societatis Iesu gratissimo hospitio constitisse.

MICHAEL — Repetam libenter eum locum ex quo ad alia diuerti, de rebus Europaeis generatim a uobis rogatus. Sed non minimam utilitatem nostrae digressionis fuisse, existimandum est, cum omnium sequentium rerum ualde necessaria fundamenta iecerimus, sine quibus nihil ad culmen perduci potest. Conducet etiam ad ulteriores res pernoscendas, in quibus de urbibus Europaeis sigillatim agendum est, aspectus eorum librorum quos uobis de oppidis operibusque Europae superioribus diebus ostendimus.

LEO — Placuerunt nobis summopere illi libri, ex iisdemque intelleximus Europaeam gentem rerum elegantium studio, ingenio, manuumque arte et dexteritate ualere, cum non solum opera magnificentissima exstruant, sed etiam typis insignibus effingant. Sed iam ad optatam de Olysipponensibus rebus narrationem accede.

MICHAEL — Graue sane onus mihi imponitis, dum, quae librum integrum exigebant, tam breui sermone a me exponenda requiritis. Illud tamen me excitat atque erigit, quod quocumque labore a me suscepto urbs ista clarissima, de toto Oriente benemerita, digna sit. Est enim caput Lusitani regni, ex quo, uelut ex uberrimo fonte Christiana [155] religio per has omnes Orientis regiones et prouincias deriuata est. Quo fit ut immortali memoria digni sint Lusitani reges, cui non solum Mahometanam gentem, Christiano nomini aduersam, regni sui finibus cum tanta

eles que não só expulsaram do seu território com tanta glória a gente maometana, inimiga do nome cristão, mas trouxeram os símbolos da nossa salvação a terras remotíssimas, para lá enviando esquadras.

E ao primeiro deles, D. Afonso Henriques, rei invictíssimo, deve Lisboa muito mais do que a Ulisses, antiquíssimo comandante dos gregos que velhas tradições dizem ter sido o seu fundador[96]. Foi com efeito Afonso Henriques que a libertou[97] da opressão dos sarracenos e a trouxe duma como que morte para a liberdade e luz do cristianismo. A quem imitaram os sucessores que ocuparam depois o trono real e que, para honra sua, aqui nomeio: Sancho, seu filho, Afonso II, Sancho II, Afonso III; Dinis que teve por mulher Isabel, contada entre os santos[98]; Afonso IV, seu filho, nobilitado pela célebre vitória sobre os Mouros, junto ao rio Salado; Pedro, muito observador da justiça, Fernando, de singular mansidão; João I, que foi também o primeiro que passou a África e tomou pelas armas Ceuta, cidade muito fortificada. Duarte, notável por sua ilustre descendência: Afonso V que passou três vezes a África e juntou aos seus domínios muitas cidades; João II, de admirável vigor e fortaleza de ânimo, e não menor prudência e santidade[99]; Manuel sobre todos os seus antepassados, ilustre pela sua felicidade; João III, insigne pela religião; Sebastião, rei de coragem invencível que, no zelo de expandir o reino e a fé cristã, foi ao encontro da morte, com a maior bravura, em plena batalha; finalmente, Henrique, cumulado com todo o género de virtudes. A eles todos reconhece Lisboa merecidamente como seus pais e seus benfeitores egrégios. Ora tendo estes reis, com a maior paz na pátria, aumentado e enobrecido o reino de Portugal, fundado há quase quinhentos anos, e a cidade de Lisboa, cabeça de todo o reino, é fácil de conjecturar quais são a nobreza, extensão e população da urbe olisiponense na qual por tanto tempo os reis portugueses estabeleceram a sua capital.

Para essa nobreza contribui também a sua localização especialíssima: é que ela fica a meio da costa marítima da Península Ibérica, naquele trecho em que o Tejo, rio de nome ilustre, depois dum percurso extensíssimo por terras de Espanha, que ele irriga com a abundância das suas águas e a largura do seu leito, entra no Oceano e forma o famoso porto de Lisboa, frequentado por gentes de quase toda a Europa. Ali confluem, de facto, para não falar das armadas da Índia [156] e outras do Oceano Oriental, alemães, belgas, franceses, cântabros, asturianos, italianos, principalmente de Génova e Veneza, em tão grande número, quer para trazer quer para comprar mercadorias, que alguns destes estabeleceram capelas próprias nas quais assistem aos sacrifícios divinos. Assim, os belgas têm a sua capela e confraria na paróquia de São Julião; os alemães no mosteiro de São Domingos; na paróquia de Nossa Senhora do Loreto, os italianos; finalmente, todos os hispanos, com excepção dos portugueses, possuem capela própria no mosteiro de São Francisco onde são recitadas as preces divinas, acompanhadas de cânticos.

Os mesmos povos estrangeiros, devido ao seu número, têm magistrados próprios por quem são julgadas as suas causas.

laude exterminarunt, sed salutis nostrae signa missis classibus in remotissimas terras intulerunt.

Quorum omnium primo Alfonso Henrico inuictissimo regi multo plus Olysippo debet, quam Vlyssi uetustissimo Graecorum duci, a quo eam fuisse fundatam, ueterum monimentis traditum est. Ille enim eam a Saracenis oppressam, et ueluti exstinctam in Christianam libertatem lucemque uindicauit. Quem deinde imitati sunt posteri, sedem illam regiam obtinentes, quos honoris causa nomino, Sanctius uidelicet eius filius, Alfonsus secundus, Sanctius secundus, Alfonsus tertius; Dionysius, qui uxorem habuit Elisabetham, in sanctorum numerum relatam; Alfonsus quartus eius filius, celebri ex Mauris ad Salsum fluuium uictoria nobilitatus; Petrus iuris obseruantissimus, Ferdinandus singularis mansuetudinis; Ioannes primus, qui primus etiam in Africam traiecit Septamque urbem munitissimam armis cepit; Eduardus praeclara posterorum sobole insignis; Alfonsus quintus, qui in Africam ter transmisit, et multa oppida suae dicioni adiunxit; Ioannes secundus, admirabilis animi roboris fortitudinisque, et non minoris prudentiae et sanctitatis; Emmanuel felicitate praeter ceteros maiores clarus; Ioannes tertius religione insignis; Sebastianus inuictissimi animi rex, qui studio propagandi regni et Christianae fidei in ipso proelio fortissime mortem opperiit; denique Henricus omnium uirtutum genere cumulatus. Quos omnes Olysippo ueluti parentes et cultores egregios meritissimo recognoscit. Cum uero hi reges Lusitanum regnum iam fere a quingentis annis institutum, urbemque Olysipponem caput totius regni, summa pace domi fruentes, auxerint et nobilitauerint, facile est coniicere quae sit Olysipponensis urbis nobilitas, amplitudo, frequentia, in qua tam longo tempore Lusitani reges sedem sibi constituerunt.

Ad eandem nobilitatem facit etiam situs ille praeclarissimus: est enim in media Hispaniae ora maritima, in eo tractu in quo Tagus clari nominis fluuius, post longissimum Hispaniae spatium aquis irrigatum, magna aquarum abundantia alueique amplitudine in Oceanum influit, portumque Olysipponensem celeberrimum reddit, et ab omnibus fere Europae gentibus frequentatum. Eo enim confluunt, ut Indicas [156] classes aliasque Oceani Orientalis omittam, Germani, Belgae, Galli, Cantabri, Astures, Itali, praesertim Genuenses ac Veneti, quarum gentium tanta est multitudo ad merces uel conuehendas, uel coëmendas, ut nonnullae peculiaria sacella instituerint, in quibus rei diuinae interessent. Nam in paroecia Diui Iuliani Belgae suum habent sacellum et sodalitatem; in coenobio Diui Dominici Germani; in paroecia Beatae Virginis Lauretanae Itali; denique Hispani omnes extra Lusitaniam in coenobio Diui Francisci proprium sacellum obtinent, ubi diuinae preces cum suo cantu recitantur.

Eaedem externae gentes propter suam multitudinem peculiares habent magistratus, a quibus earum causae iudicantur.

Esta abundância de estrangeiros aumentou muito mais, depois que o reino de Portugal ficou em poder do rei Filipe, porque o comércio com outras partes da terra se tornou mais aberto e amplo. Portanto, embora na Europa existam muitas cidades ilustríssimas, cada uma superior às restantes por diferente motivo, todavia esta abunda de tal modo em tudo aquilo de que uma cidade pode orgulhar-se, que a nenhuma cede e à maioria das mais célebres leva a palma. Com efeito, costumando as cidades ser festejadas pelo sítio, antiguidade, defesa, densidade populacional, abundância de meios e amenidade de clima, – juntai-lhe, se vos apraz, o que é fundamental –, pela religião e culto divino, de tudo isto é esta florentíssima cidade tão provida, quanto vós próprios facilmente reconhecereis, daquilo que vou dizer.

Para começar por generalidades, compreende ela, de certo modo, duas cidades não medianas, com suas fortificações, muros e baluartes, onde se contam trinta e oito portas e setenta e sete torres. Tem para mais de cento e trinta templos, dos quais cerca de quarenta pertencem às paróquias e os restantes são anexos quer a conventos de frades ou de freiras quer a outras casas de congregações semelhantes ou de associações. Possui ainda seis magníficos palácios reais, dois junto à margem do rio, os outros quatro construídos em lugares no interior.

Pelo que respeita às residências da nobreza, dificilmente pode ser calculado o número exacto. Com efeito, costumam os magnates que, dispersos por todo o Portugal, exercem a sua jurisdição, levantar casas de muito lavor e grande custo nesta cidade que é a capital do reino e se distingue pela amenidade e salubridade do clima. Isto aconteceu principalmente no tempo dos soberanos portugueses, quando os grandes costumavam afastar-se deles raramente.

[157] Possui a cidade sete hospitais, do maior dos quais em breve tenho de falar, e muitos outros edifícios construídos a expensas do povo ou do rei, destinados à utilização da comunidade.

Por todos estes recursos, é extraordinária a celebridade, nobreza e grandeza populacional da cidade, a tal ponto que se conta que uma rainha de Portugal justificadamente afirmou que bastava o domínio desta cidade para que um rei pudesse contar-se entre os mais poderosos.

Ora, porque esta é a primeira cidade da Europa que me propus descrever, apresentar-vos-ei, com a brevidade possível, uma figura dela, para que mais facilmente possais conceber na imaginação a grandeza, variedade e número das obras e outras coisas notáveis desta cidade, mais ainda, das restantes cidades nobres de toda a Europa.

LINO — Dar-nos-ás com isso muito gosto, Miguel, se gravares no nosso espírito uma imagem em relevo dessa primeira cidade, cujo nome ouvimos tantas vezes mencionar aos padres. O que dela disseres, permitir-nos-á fazer mais facilmente uma ideia das outras.

MIGUEL — Farei o que pedes e tratarei primeiro da célebre foz do Tejo que, voltada ao ocaso, está diante da cidade, e dos dois lados é fechada seguramente por duas fortalezas poderosas, uma a de São Sebastião e outra a de Belém. Destas,

Haec autem externorum hominum frequentia, postquam Lusitaniae regnum penes Philippum regem esse coepit, multo maiora sumpsit incrementa, quod commercium cum aliis orbis terrarum partibus multo magis apertum et amplificatum fuerit. Quamuis ergo in Europa multae sint illustrissimae urbes, aliae aliis rebus praeter ceteras insignes, tamen haec ita omnibus, quibus urbs nobilitari potest, circumfluit, ut nulli cedat et plerisque celeberrimis palmam praeripiat. Cum enim ex situ, uetustate, munimento, frequentia, rerum abundantia et amoenitate, addite, si placet, quod caput est, religione et diuino cultu urbes celebrari soleant, his omnibus urbs haec florentissima tantopere ornatur, quantum ipsi ex iis, quae dicam, facile assequemini.

Vt autem a communibus incipiam, duas quodammodo urbes non mediocres, cum suis moenibus, muris et propugnaculis includit, ubi portae triginta octo et turres septuaginta septem numerantur. Habet templa ultra centum et triginta, quorum quadraginta fere ad paroecias pertinent, reliqua uel coenobiis religiosorum hominum, uel sacrarum uirginum parthenonibus, uel denique aliis similium conuentuum aut Societatum domibus sunt adiuncta. Continet praeterea sex magnificentissima regia palatia, duo ad oram maritimam, quattuor uero alia in locis mediterraneis exstructa.

Quod uero attinet ad dynastarum domos, uix certus numerus colligi potest. Solent enim omnes dynastae, qui per Lusitaniam dispersi iurisdictionem exercent, in ea urbe, quae metropolis regni est et amoenitate caeloque salubri maxime uiget, magnis sumptibus aedes operosissimas erigere, praesertim cum tempore Lusitanorum regum ab eorum latere uix discedere consueuerint.

Amplectitur septem [157] nosocomia, de quorum maximo mox mihi dicendum est, pluraque alia sumptu publico uel regio confecta loca, ad uarios usus reipublicae utiles designata.

Ex quibus omnibus mirum est quam celebris, nobilis, ac frequens urbs illa reddatur, ut merito regina quaedam Lusitaniae dixisse feratur, regem, qui illi tantum urbi dominaretur, inter potentissimos posse numerari.

Quoniam autem haec prima est Europaea urbs quam describendam suscepi, proponam uobis, qua breuitate potuero, quandam eius formam, ut facilius amplitudinem operum, uarietatem, numerum, aliasque huius urbis, immo et ceterarum nobilium totius Europae insignes res animo concipere possitis.

LINVS — Gratissimum nobis feceris, Michaël, si de ista prima urbe, cuius nomen toties a patribus usurpatum audiuimus, expressam imaginem nostris animis inculcaueris, ut ex iis quae de hac dixeris, etiam de aliis facilius iudicium ferre possimus.

MICHAEL — Exequar quod postulas, agamque primum de Tagi ostio celeberrimo, quod occasum uersus ante urbem est, et utrimque arcibus munitissimis, altera diui Sebastiani, altera uero Bethlemica tutissime clauditur. Ex iis Bethlemica, quae in

a de Belém que está na margem direita, e na área de Lisboa, é de fábrica admirável, porque os seus fundamentos se situam no próprio mar e está provida de tantos baluartes por toda a parte, que, graças ao número dos canhões e à guarnição atenta, protege toda aquela costa marítima da incursão dos inimigos. Com efeito, não há navio, português ou estrangeiro, que, ao entrar naquele porto, não dê sinal com tiros de artilharia e, às vezes, descendo as velas e até enviando um batel com alguns marinheiros à fortaleza, a não reconheça como senhora do mar. De outra forma, seria castigado e subitamente afundado com balas de ferro, lançadas da fortaleza.

Não longe deste forte encontra-se o celebradíssimo convento de religiosos da ordem de S. Jerónimo que é dedicado a Nossa Senhora de Belém, de onde também o forte tirou o nome. Entre os edifícios sagrados de Lisboa, pode considerar-se que ocupa o primeiro lugar.

Este convento foi mandado construir pelo ilustríssimo rei D. Manuel e ampliado com magnificência por seu filho, D. João III. Na verdade, como atrás disse, depois de muitas e célebres vitórias obtidas em África pelos reis anteriores, decidiu o poderoso rei D. Manuel a expedição à Índia, que foi descoberta no seu reinado felicíssimo. Por isso, nada lhe foi mais grato do que edificar à entrada do porto de Lisboa aquele [158] mosteiro, sacrário augustíssimo da santidade e da religião, onde todos os que partiam para as várias partes do orbe, celebrando o sacrifício sagrado e oferecendo as suas preces a Deus, pudessem iniciar a navegação com felizes auspícios.

Muitas são as coisas que dão nobreza a este convento. Em primeiro lugar, os aposentos dos padres são muito amplos e há neles um corredor tão comprido que da entrada, nem com a vista mais aguda se pode reconhecer um homem colocado no extremo oposto.

O claustro deste convento está apoiado numa abóbada e colunas tais, revestido de tal pavimento, e decorado de tais quadros a narrarem os sofrimentos de Cristo por nós, que manifestamente é um louvor à magnificência régia.

E que dizer do templo deste convento? Cada parte dele pede um colóquio inteiro. Delas sobressai a capela-mor, dedicada desde o começo do convento às sepulturas dos reis portugueses. É de mármore como o de Paros, polido de tal jeito, que brilha ao longe e ao largo, à maneira do jaspe.

Há nela quatro sepulcros de reis e de rainhas, cada um sustentado por dois elefantes de maravilhosa feitura, da mesma pedra preciosa, nos quais estão inseridos engenhosamente dentes de marfim. As coberturas dos sepulcros estão ornadas de coroas reais de ouro que sobressaem pela sua feitura invulgar.

Enriquecem ainda o mosteiro muitas relíquias sagradas, principalmente três cabeças das Onze Mil Virgens, com muitas outras relíquias ali reunidas com régia diligência e trabalho. Quanto às alfaias de ouro e de prata, as vestes sagradas, quer de seda, quer de bordado, são as que convinham à munificência dos reis aí sepultados. Entre estes objectos sagrados, está um cálice preciosíssimo, cinzelado com arte admirável, feito por ordem do rei D. Manuel, com o primeiro ouro trazido

citeriori ripa et Olysipponensi tractu est, admirabilis profecto est fabricae, cum in ipso mari posita sint eius fundamenta, et tam multis propugnaculis undique sit ornata, ut bellicorum tormentorum numero, assiduoque militum praesidio totam illam oram maritimam hostili incursione liberam tueatur. Nulla est enim nauis siue Lusitana, siue peregrina, quae portum illum ingressa, bellici saltem tormenti signo dato, et nonnunquam demissis uelis, immo et scapha cum aliquibus uectoribus ad arcem missa, eam tamquam toti mari dominantem non recognoscat. Aliter poenas datura, ferreisque globis ex arce coniectis subito demergenda.

Non longe ab hac arce situm est celebratissimum coenobium religiosorum ex Diui Hieronymi familia, quod Beatae Virgini Bethlemicae, unde etiam arx nomen habuit, dedicatum est, et inter Olysipponis sacra opera principem locum obtinere censeri potest.

Fuit autem exstructum hoc coenobium ab Emmanuele clarissimo rege, et ab eius filio Ioanne tertio magnifice amplificatum. Cum enim, ut superius dixi, post multas celebresque in Africa uictorias a prioribus regibus partas, ad Indicam expeditionem Emmanuel rex potentissimus animum appulisset, et eius felicissimo tempore India patefacta esset, nihil antiquius duxit, quam ut in primo Olysipponensis [158] portus ingressu, coenobium illud sanctitatis et religionis augustissimum sacrarium aedificaret, in quo omnes inde in uarias orbis terrarum partes soluentes, diuinis rebus peractis precibusque Deo oblatis, nauigationem suam feliciter auspicarentur.

Multa sunt sane quae coenobium hoc insigne nobilitant. In primis enim patrum domicilia amplissima sunt, et in eis pergula quaedam tantae longitudinis reperitur, ut a primo eius aditu hominem in ima parte constitutum acie acutissima nequeas cognoscere.

Eiusdem coenobii peristylium eo est fornice iisque columnis nixum, et eo pauimento substratum, illis denique pictis tabulis Christi pro nobis passi multiplicem imaginem exprimentibus decoratum, ut manifeste regiam magnificentiam commendet.

Quid dicam de eiusdem coenobii templo? cuius singulae partes integrum colloquium postulant, inter quas excellit sacellum maximum, sepulcris Lusitanorum regum a prima huius coenobii aedificatione dedicatum. Est illud quidem totum ex Pario lapide ita perpolitum, ut instar iaspidis longe lateque colluceat.

Sunt in eo quattuor regum reginarumque sepulcra, singula duobus elephantis miri artificii suffulta, quibus ex eodem pretioso lapide confectis, dentes ex ebore ingeniose sunt inserti. Sepulcrorum uero tegumenta regiis coronis auro, egregio opere distinctis sunt ornata.

Locupletatum est idem coenobium multis sacris reliquiis, praesertim tribus capitibus undecim millium Virginum, aliisque multis regum diligentia laboreque in eum locum collatis. Iam uero supellex ex auro et argento, uestis sacra, tum serica, tum Phrygio opere facta, talis est qualis regum ibidem sepultorum munificentiam decebat. Inter haec autem opera sacra, pretiosissimus est calix quidam, admirabili ingenio caelatus, ex primo auro ab Oriente deportato, iussu Emmanuelis regis

do Oriente e oferecido à Santa Virgem pelo mesmo rei, como primícias da navegação para a Índia[100].

Virei agora à descrição da cidade. Imaginai que ela se assemelha a um arco com a sua seta, se forem tomados em conta tanto os edifícios urbanos como os dos arredores. Com efeito, a costa marítima[101] estende-se como uma corda, ao passo que a parte do centro da cidade se alonga em frente, à maneira duma seta, enquanto dois montes muito grandes, situados de um e outro lado, realizam a forma do arco. Façamos, então, de qualquer modo, um passeio de três dias (tempo mínimo que é necessário para percorrer os lugares mais célebres), e vejamos como são notáveis os edifícios que embelezam a cidade.

E para começar pela costa. A partir do mosteiro de [159] Belém, percorrida uma milha, há a primeira entrada dos subúrbios de Lisboa, onde existe um templo dedicado a S. Mauro. A partir deste lugar, pouco a pouco, apresentam-se templos e lugares célebres que eu, por falta de tempo, omito, dirigindo-me ao estaleiro naval que fica ao lado do palácio real. É ele uma superfície amplíssima, fechada em parte pelo muro da cidade e em parte por construções régias, que se estendem até ao mar, na qual se constroem navios de todos os géneros, principalmente os conhecidos navios de grandes dimensões, com que foi iniciada a navegação para a Índia, e com que, ainda agora, todos os anos, ela continua sem intermissão, com o seu envio. A construção de cada unidade destas custa, segundo dizem, vinte mil cruzados.

É extraordinária, verdadeiramente, a abundância de todas as coisas que naquele lugar se encontram, para aparelhar uma armada. É que não falta ali cópia de mastros e vergas, de calabres muito ensebados e muito longos, não falta nenhum género de pez ou alcatrão, nenhum processo de moldar o ferro ou o aço, enfim, máquina alguma ou aparelho para erguer os pesos. De todos estes navios, ou fabricados em Portugal ou importados de alhures, é riquíssima aquela cidade.

Venho agora ao paço real que é tão superior em tamanho, magnificência e conveniência do lugar, que os reis de Portugal sempre tiveram por costume habitá-lo. Sobretudo, o seu terreiro, que se estende até à costa do mar, é tão espaçoso que proporciona aos cavaleiros e aos nobres portugueses nos seus carros um lugar muito apropriado para passear e relaxar o espírito, principalmente no Verão, quando, pela amenidade da brisa que sopra do mar, ou por ser regado todos os dias, com água, transportada em carros, a todos convida a visitá-lo.

Que direi agora da residência régia? Tem tais pórticos, pátios, colunatas, varandas e eirados, aposentos de todo o género, e muitíssimas outras salas, que costuma abrigar o rei e a rainha com o seu grandíssimo acompanhamento, os irmãos do rei e os filhos. E ainda tem por notável ornamento um baluarte muito reforçado que avança até à costa do mar e está municiado com artilharia e todos os engenhos de guerra. Não lhe falta também um jardim muito agradável, não só plantado de árvores e flores de grande perfume, mas também maravilhosamente embelezado por ruas calçadas de mosaico de cores diversas.

confectus, et instar primi fructus ex Indica nauigatione, ab eodem rege Beatae Virgini oblatus.

Accedam tamen ad urbis descriptionem. Quam instar arcus cum sagitta se habere fingite, si tam urbana opera, quam suburbana numerentur. Maritima namque ora uelut chorda protenditur, media uero urbis pars ad modum sagittae porrigitur, latera autem, quae amplissimos duos montes continent, arcus formam efficiunt. Faciamus ergo tridui quodammodo iter (nec enim breuiore tempore ad celebria percurrenda loca opus erit) et uideamus quam praeclaris aedificiis urbs illa decoretur.

Atque ut in primis ab ora maritima incipiamus, a [159] Bethlemico coenobio milliari interiecto, primus est aditus suburbiorum Olysipponensium, ubi Diuo Mauro templum dedicatum est. Ex quo loco paulatim templa celebriaque loca sese ostendunt, quae tamen prudens omitto, ad nauale, quod iuxta regium palatium est, accedens. Est illud quidem area quaedam amplissima, partim muro urbis, partim regii operibus conclusa, et ad ipsam usque maris aquam porrecta, in qua cuiuscumque generis nauigia conficiuntur, praesertim naues illae uastae magnitudinis, quibus primum Indica nauigatio aperta est, et adhuc singulis annis sine intermissione missis conseruatur. Quarum singularum structura uiginti aureorum millibus constare dicitur.

Mira est profecto in eo loco rerum omnium ad classem apparandam abundantia. Nec enim malorum antemnarumque copia, non crassissimi longissimique rudentes, nullum picis aut naphthae genus, nullus ferri aut chalybis molliendi modus, nulla denique tollendorum onerum machina artificiumue desideratur. His enim omnibus rebus uel in Lusitania inuentis, uel aliunde exportatis, urbs illa copiosissime abundat.

Venio iam ad regium palatium, quod amplitudine, magnificentia, locique commoditate ita excellit, ut illud semper Lusitani reges incolere sint soliti. Eius in primis area litus maris attingens ita est spatiosa, ut equitibus patriciisque Lusitanis equo uectis, deambulandi animosque relaxandi opportunissimum locum praebeat, praesertim cum aestiuo tempore tum amoenitate aurae e mari flantis, tum quotidiana aspersione aquae curribus delatae, ad se omnium animos inuitet.

Quid uero de regio domicilio dicam? quod tales habet porticus, atria, peristylia, solaria, cubicula totius generis, aliaque quamplurima receptacula, ut regem reginamque cum amplissima familia, regios fratres ac filios capere consueuerit. Nunc uero arce quadam munitissima, ad litus usque maris porrecta, bellicisque tormentis et machinis omnibus instructa magnopere exornatur. Nec etiam ei deest amoenissimus hortus, non solum arboribus herbisque maximi odoris consitus, sed etiam itineribus uariis diuersi coloris tessera constratis, miro opere ornatus.

Possui ainda uma capela dedicada ao culto divino, com muitos e importantes sacerdotes a quem preside geralmente um bispo de certa autoridade. Aí são recitadas as preces com tal ordem, tal suavidade de canto, tal variedade de instrumentos musicais, que bem poderá chamar-se um grande templo e não uma capela [160].

Perto do Palácio Real há lugares de grande fama. Entre eles, ocupa o primeiro lugar a Armaria Real, onde são guardados com o maior cuidado todos os instrumentos que dizem respeito à prática de guerra. Aí podem ver-se enormes peças de artilharia, feitas dos melhores metais, das quais algumas, tomadas aos inimigos, são mostradas como troféus de vitória. Outras, feitas à custa da fazenda régia, estão prontas para qualquer conflito militar.

Aí se vêem variadas salas de armas diversas, nalgumas das quais, arcabuzes, noutras lanças, noutras finalmente espadas, e se guarda todo o armamento pesado e leve, ofensivo e defensivo. Aí dão na vista estátuas perfeitas de cavaleiros com armadura, postas sobre cavalos de madeira, de tal modo feitas ao vivo, que os homens podem julgar-se armados para um verdadeiro combate. Finalmente, aqueles lugares estão tão repletos de armas do rei, que, pelo menos em anos anteriores, aí se podia armar para combate um exército de setenta mil homens, segundo é fama certa. Por isso, aquele lugar é muito célebre entre os portugueses, e há razão para isso. Com efeito, dele e desta cidade podemos afirmar que, como do cavalo de Tróia, partiram armados os gloriosos vencedores do Oriente. E o que é mais admirável: ainda hoje, todos os anos, cerca de três mil portugueses enviados do porto de Lisboa, para a Índia, Brasil e outras colónias dos portugueses, com excepção da expedição para África, guardam com a maior glória os territórios que os seus antepassados conquistaram.

Ao lado desta Armaria fica uma Casa, chamada da Índia, para onde são transportadas com o maior cuidado as mercadorias e todas as especiarias, trazidas do Oriente nos navios. E exportadas para a Bélgica, França, Alemanha e outras partes da Europa, e aí vendidas, muito enriquecem o erário régio.

No mesmo palácio real, vêem-se muitos locais atribuídos aos vários conselhos de senadores. Num reúnem-se muitos homens, peritos de direito e de leis, que se chamam desembargadores da corte e tratam com diligência das matérias mais graves, relativas ao direito e às leis, como as que dizem respeito ao perdão dos crimes e à remuneração dos méritos, e sobre elas decidem em nome do rei.

No segundo conselho juntam-se outros varões, não menos notáveis pelo conhecimento do direito e ciência das leis, que despacham matérias relativas às três principais ordens militares, existentes em Portugal, e que estão confiadas ao rei, como seu grão-mestre. Despacham e explicam ainda outras matérias peculiares, sobre as quais [161] algum escrúpulo pode surgir na consciência do rei que comprova o juízo e deliberação deles e assim desempenha o seu papel muito mais perfeita e seguramente.

Habet praeterea sacellum diuinis precibus dedicatum, multis grauissimisque sacerdotibus abundans, quibus plerumque praeest magnae alicuius auctoritatis episcopus, in quo sacrae preces eo ordine, ea cantus suauitate, ea musicorum instrumentorum uarietate recitantur, ut templum aliquod maximum, non sacellum [160] possis dicere.

Regio palatio finitima sunt alia mirae celebritatis loca. Inter quae primas partes obtinet regium armarium, in quo omnia instrumenta quae ad rem bellicam exercendam pertinent, diligentissime conseruantur. Ibi uidere licet uastissima quaedam tormenta bellica ex optimis metallis conflata, quorum quaedam hostibus erepta, tamquam uictoriarum monumenta ostenduntur. Alia regio sumptu confecta, ad quemcumque bellicum tumultum sunt paratissima.

Ibi diuersorum armorum uaria receptacula cernuntur, in quorum quibusdam sclopi, in aliis hastae, in aliis denique enses omnisque grauis et leuis, offendens ac defendens armatura concluditur. Ibi conspicuae sunt cataphractorum equitum mirae statuae equis ligneis impositae, ita ad uiuum expressae, ut ad ueram pugnam accincti homines existimari possint. Demum ita sunt loca illa regiis armis referta, ut superioribus saltem annis exercitum septuaginta hominum millia continentem ibi ad pugnam parari armisque instrui potuisse, certissima fama fuit. Quapropter locus ille magnae est inter Lusitanos celebritatis. Nec immerito, ex eo enim eaque urbe affirmare possumus, tamquam ex equo Troiano, clarissimos totius Orientis uictores armis munitos prodiisse. Quodque admirabilius est, etiam hoc tempore tribus fere Lusitanorum millibus quotannis ex portu Olysipponensi soluentibus, et in Indiam, Brasiliam, aliasque Lusitanorum colonias, excepta Africana expeditione, missis, quae a maioribus parta sunt, cum summa laude conseruantur.

Eidem armario coniuncta est domus quaedam, quae Indica dicitur, in quam merces et aromata omnia ex toto Oriente nauibus delata accuratissime inuehuntur; et in Belgium, Galliam, Germaniam, aliasque Europae partes importata et uendita, regium aerarium magnopere locupletant.

In eodem regio palatio spectantur multa domicilia, uariis senatorum conciliis designata. Ad quoddam enim conueniunt multi iuris legumque peritissimi uiri, qui aulici senatores appellantur, et grauissima quaeque ad ius legesque spectantia, ut ea quae ad criminum remissionem meritorumque remunerationem pertinent, diligenter agitant et nomine regis decernunt.

Ad secundum concurrunt alii non minus iuris prudentia legumque scientia praestantes uiri, qui res ad tres militares ordines clarissimos qui praecipui in Lusitania sunt, et regi ipsi tamquam eorum supremo magistro sunt commissi, aliasque omnes peculiares res, ex quibus regiae conscientiae [161] scrupulus aliquis iniici posset, expediunt atque explicant, rege eorum iudicium deliberationemque comprobante, atque ita multo melius et securius officii sui partes tuente.

Fazem parte do terceiro conselho três ilustríssimos magnates, com muitos outros magistrados, a cujo cuidado estão confiadas as receitas régias, os impostos, o erário e todos os recursos, e que deliberam oportunamente sobre o seu aumento, atribuição, recolha e distribuição, e decidem o que deve fazer-se.

O conselho supremo, e o mais honroso de todos, é aquele que se chama real, formado por ponderadíssimos magnates e sapientíssimos juízes, a que presidiam outrora os reis, e agora, quando eles acabaram, o ilustríssimo cardeal Alberto, que representa Filipe, rei de toda a Hispânia. Nele se trata, com toda a circunspecção, dos negócios de mais peso de todo o reino e estado e da jurisdição portuguesa e se tomam providências com toda a diligência sobre as coisas da África, da Índia e das outras províncias.

Além do palácio real e do seu terreiro, vêem-se muitas outras casas de grande magnificência, diante das quais há muitas praças distribuídas por seus lugares e limites, nas quais se vendem hortaliças, frutos quase incontáveis, em que o campo de Lisboa é excelente, animais de criação ou capturados na caça, aves quer domésticas quer caçadas, alimentos de vário género, feitos de leite, com que os europeus muito se deleitam, sobremesas cotidianas de muita variedade e sabor, e tudo o mais que pertence à alimentação, em número e abundância extraordinários.

Vindo às carnes, a sua fartura é tão grande que três enormes mercados de carnes estão cheios delas, e ficam em diferentes partes da cidade. Quanto aos peixes, quer frescos, quer salgados, tão abundante é a sua multidão e variedade, com o extraordinário requinte do seu sabor, que eles são levados para muitas localidades do interior de Portugal e exportados também, por terra e por mar, para inúmeras cidades da Europa.

Venhamos agora à casa do trigo que verdadeiramente pode chamar-se o celeiro de todo o Portugal, para a qual é transportado o trigo não só de muitas províncias de Portugal, principalmente de além-Tejo, mas também de muitas outras regiões. E não deve esquecer-se que assim como nós nos alimentamos de arroz, os europeus se alimentam de pães feitos de farinha de trigo amassada. E em Lisboa, confeccionados por mãos das padeiras mais experientes e peritas de toda a Península Ibérica, são dum sabor agradabilíssimo.

Não longe daqui, com um quarteirão de intervalo, oferece-se aos olhos dos observadores o templo[102] e a casa daquela célebre associação que na linguagem corrente [162] se chama a confraria da Misericórdia, porque se ocupa com a maior diligência das obras de misericórdia e piedade, quais são, aliviar a indigência dos pobres com esmolas, dar medicamentos aos doentes, sepultar os cadáveres dos mortos, redimir os cativos, pagando o resgate, casar as raparigas solteiras, finalmente, cumprir todas as outras obras de piedade. Ora esta confraria de Lisboa é como a mãe de todas as outras que por todo o império português e suas cidades e vilas estão dispersas.

Para não falar da fábrica do templo e da casa, que é verdadeiramente régia, é digno de nota que homens, não só da plebe, mas também os da maior nobreza,

Tertium frequentant tres clarissimi dynastae, cum aliis multis magistratibus, quorum curae regii reditus, uectigalia, aeraria, facultatesque omnes commissae sunt et concreditae, deque illis amplificandis, locandis, exigendis ac distribuendis mature deliberant, et quid facto opus sit, statuunt.

Supremum omnium honorificentissimumque concilium est illud quod regale dicitur, ex grauissimis dynastis sapientissimisque patribus conflatum, cui olim reges, nunc illis exstinctis, Albertus clarissimus cardinalis Philippi totius Hispaniae regis personam gerens, praesidet, in eoque de grauissimis totius regni statusque et iurisdictionis Lusitanae negotiis consideratissime agitur, Africaeque, Indiae, et aliarum prouinciarum rebus diligentissime prouidetur.

Vltra regium palatium eiusque aream, multae aliae magnificentissimae domus conspiciuntur, ante quas fora sunt quamplurima suis locis limitibusque distributa, in quibus olera, fructus prope innumeri, quibus Olysipponensis pagus summopere excellit, animantes siue cicures, siue ex uenatione captae, aues siue domesticae, siue aucupio comparatae, esculenta uarii generis ex lacte confecta, quibus Europaei magnopere delectantur, bellaria quotidiana multiplicis modi ac saporis, et reliqua omnia quae ad uictum pertinent, miro quodam numero abundantiaque uenduntur.

Iam uero carnium copia tanta est, ut tria amplissima macella illis impleantur, in diuersis urbis partibus constituta. Quod uero attinet ad pisces, eorum siue recentium, siue salsorum tanta est multitudo et uarietas cum mira saporis suauitate coniuncta, ut non solum in multa Lusitaniae mediterranea oppida, sed etiam quamplurimas Europae urbes terra marique exportentur.

Accedamus nunc ad domum frumentariam, quae uere totius Lusitaniae horreum dici potest, in quam non solum ex multis Lusitaniae partibus, praesertim transtaganis, uerum etiam ex pluribus aliis prouinciis frumentum confertur. Nec enim illud praetereundum est ut nos oryza, sic etiam Europaeos panibus ex tritici subacta farina confectis, uitam alere. Qui Olysippone ab exercitatissimis et peritissimis totius Hispaniae pistricibus suauissimi saporis fiunt.

Non longe hinc, uico interiecto, se oculis intuentium offert templum domusque celebris illius sodalitatis, quae communi [162] sermone Misericordiae societas nuncupatur, quod misericordiae pietatisque operibus diligentissime uacet, qualia sunt eleemosynis pauperum inopiam subleuare, aegrotis medicamenta adhibere, mortuorum cadauera sepelire, captiuos soluto pretio redimere, pupillas uirgines in matrimonium dare, denique omnia alia, quae ad pietatis officium pertinent, explere. Haec uero Olysipponensis sodalitas est ueluti mater ceterarum omnium quae per totam Lusitanicam dicionem eiusque urbes, atque oppida sparsae sunt.

Vt autem templi domusque fabricam, quae uere regia est, praeteream, illud animaduersione dignum est, homines non solum plebeios, sed etiam nobilissimos

são designados para gerir as funções desta casa, principalmente aquele que ocupa o lugar de supremo ecónomo e é eleito anualmente, por maioria de votos. Este é muitas vezes um titular ou filho de titular. É coisa digna de admiração que esta sociedade, não tendo rendimentos anuais, nem podendo tê-los, segundo o seu regulamento, todavia do dinheiro legado pelos testamentos dos defuntos, ou de qualquer outro modo pago, possui um tão grande pecúlio que distribui todos os anos trinta, quarenta, até às vezes sessenta mil cruzados por pobres, viúvas, raparigas menores, homens estrangeiros e quaisquer outros que sofrem de pobreza e miséria. Daí vem que é tão grande a confiança nesta confraria, que muitos, pondo de lado amigos e parentes, lhe entregam o cuidado e resolução dos seus testamentos, com muitos pedidos, e pensam ter tido sorte, se a confraria aceita essa incumbência.

A extensão do litoral, voltada ao Oriente, é ornada de muitas outras e preciosíssimas obras, como a daquele armazém ou casa real em cuja parte inferior se acumulam todas as mercadorias, excepto as da Índia, que têm a sua casa própria, para pagamento dos impostos.

E sendo o porto de Lisboa, como já disse, frequentado por tantos povos da Europa, é extraordinária a quantidade de mercadorias que aí se reúnem e quanto o tesouro régio aumenta com estas taxas do porto.

A parte superior deste edifício, que antes era destinada a um tribunal, ocupam-na agora os tesoureiros régios e os prefeitos do erário que todos os dias calculam receitas e despesas e as consignam em documentos fidedignos. E nesta actividade financeira ocupam-se muitos e ponderados homens.

LEÃO — Não posso coibir-me, Miguel, de interromper a tua exposição, que tanto gosto me dá, com admiração [163] por esses factos que até agora mencionaste. Quem, ao ouvi-los, se não admira, e não compreende que três qualidades superiores brilham acima de tudo nessa nobilíssima cidade que tu descreves, a saber, inteligência, prudência e piedade, juntamente com a maior magnificência e abundância de todas as coisas? A inteligência, com efeito, infiro-a eu claramente das armas e alimentos reunidos com tanto cuidado, a prudência, de tantas comissões consagradas a tudo tratar com sabedoria, e finalmente, a piedade, dessa tão famosa confraria, de que há pouco fizeste menção.

MIGUEL — É uma óptima inferência essa, Leão, e raciocinas com a maior prudência. Mas tudo isso e outras coisas semelhantes, digníssimas de admiração, tu concluirás do progresso desta narrativa.

LINO — Realmente, para falar também por mim, eu contemplo agora, como num espelho muito nítido, individualizados e em relevo, na descrição desta cidade, os méritos de que falaste a propósito das cidades europeias em geral. E se as restantes cidades da Europa mantêm a mesma ordem e conduta, deve nisso ver-se não uma invenção dos homens mas uma concessão do céu.

MIGUEL — Guardam sem dúvida, e bem o dizes, esta ordem dada do céu, uma vez que tudo o que pertence a esta cidade e as vantagens e ornamentos das restantes

quosque ad munera illius domus gerenda designari, praesertim eum qui supremi oeconomi personam gerit, et singulis annis pluribus suffragiis deligitur. Hic enim plerumque dynasta aliquis est, uel dynastae filius. Illud uero summa admiratione dignissimum est, sodalitatem eam, cum nullos annuos reditus habeat, nec habere ex suo instituto possit, ex pecunia tamen, uel uita functorum hominum testamentis legata, uel alias impensa, tam amplum peculium habere, ut annis singulis triginta, quadraginta, immo et nonnunquam sexaginta aureorum millia in pauperes, uiduas, pupillas uirgines, peregrinos homines et quoscumque alios penuria et egestate oppressos distribuat. Vnde fit ut tanta fides illi domui sodalibusque habeatur, ut plerique praeteritis amicis propinquisque, testamentorum suorum curam expeditionemque eis multis precibus commendent, praeclareque secum actum arbitrentur, si hanc curam sodalitas illa suscipiat.

Exornatur eiusdem litoris tractus ad Orientem uergens multis aliis pretiosissimisque operibus, quale est basilicae illius, siue domus regiae, in cuius inferiorem partem merces omnes, praeter Indicas, quae peculiarem aliam habent domum ad soluenda uectigalia, conferuntur.

Cumque Olysipponensis portus, ut dixi, a tam multis Europae gentibus frequentetur, mirum est quanta sit mercatorum eo confluentium frequentia, quantopereque regium peculiam his portoriis augeatur.

Superiorem huius domicilii partem, quae antea iuri dicendo dicata erat, occupant nunc quaestores regii aerariique praefecti, rationes suas accepti et expensi quotidie subducentes, et in tabulas fide atque auctoritate dignas referentes. Qua quidem re nummaria multi grauesque uiri distinentur.

LEO — Non possum me cohibere, Michaël, quin sermonem tuum, quo summopere recreor, interpellem, [163] istarum rerum, quas hactenus commemorasti, admiratione. Quis enim istis auditis non obstupescat, et tres eximias res, solertiam, prudentiam et pietatem simul cum summa magnificentia et rerum omnium copia coniunctas in ista nobilissima urbe, quam describis, maxime elucere, non intelligat? Solertiam namque ex armis et alimentis tam studiose comparatis, prudentiam ex tam multis conciliis ad res omnes sapienter pertractandas intentis, pietatem denique ex ista tam celebri sodalitate, cuius modo mentionem fecisti, ego manifeste colligo.

MICHAEL — Optime colligis, Leo, prudentissimeque ratiocinaris. Sed haec omnia aliaque similia admiratione dignissima ex progressu huius narrationis coniicies.

LINVS — Equidem ut de me etiam dicam, nunc uelut in speculo ualde lucido, quae de Europaeis urbibus generatim dixisti, sigillatim et perspicue in istius urbis descriptione intueor. Quod si reliquae Europae urbes eundem ordinem tenoremque seruant, non ab hominibus inuentus, sed e caelo datus uideri debet.

MICHAEL — Seruant sine dubio, recteque dicis, hunc ordinem e caelo datum, cum haec omnia huius urbis ac reliquarum commoda et ornamenta ex ipsa Christiana

resultaram, como de uma fonte abundantíssima, da religião cristã que provém do céu. Mas completemos a parte restante deste primeiro trajecto.

Venho, portanto, às fontes públicas, principalmente àquela que se chama do rei, na qual, artisticamente construída de mármore, se recebe a água, de que neste percurso há a maior quantidade, que brota não longe e flui por bocas muito largas, artisticamente fabricadas. Vêm buscá-la, criados e escravos, em número quase infinito, até durante as horas avançadas da noite. Tão grande é a multidão do povo! E a natureza daquela água, além da sua grandíssima abundância, é salutar aos homens, principalmente conservada em casa, por algum tempo.

Todavia, não faltam outras fontes, de que há abundância nos bairros de Lisboa. Há principalmente uma outra fonte próxima, de menor frequência, na qual se costuma fazer a aguada para as diversas viagens de navegação. Para além deste lugar, seguem-se outros muito frequentados que seria longo enumerar um por um, principalmente aquela parte da cidade, habitada pelos pescadores que têm uma paróquia própria, dedicada a Santo Estêvão. E embora paguem não pequenos impostos ao rei, são todavia tão ricos e endinheirados que a sua festa solene, celebrada no dia de Corpo de Cristo, rivaliza quase por igual, em magnificência, com a festa da cidade, porque aqueles homens que [164] se ocupam na pesca não hesitam em gastar nesse dia a maior soma de dinheiro.

Deixo por referir aqueles lugares nos quais se vende não importa que género de madeira, outros onde se fabricam canhões, e muitos outros semelhantes, cheios de povo. Deixo de mencionar conventos de homens e mulheres, vizinhos daquela margem, principalmente um muito célebre[103], em que vivem mulheres nobilíssimas e se guardam com a maior veneração as relíquias sagradas dos Santos Veríssimo, Júlia e Máxima, mártires de Lisboa; e um outro, consagrado à Mãe de Deus[104], no qual freiras observam com todo o rigor a regra de São Francisco; e acrescentarei apenas que a parte extrema daquela margem é nobilitada por outro palácio real[105] magnífico que o rei D. João III mandou construir, com grandes despesas, para que nele os reis de Portugal tivessem um refúgio comodíssimo quando, oprimidos pela imensidão de gravíssimos negócios, quisessem aliviar e recriar o espírito. Ser-vos-ia muito agradável, sem dúvida, se pudésseis contemplar com os olhos do espírito cada uma das obras daquele palácio, descrita por mim, porque assim compreenderíeis a grandeza daqueles edifícios, a largueza dos reis no dinheiro despendido, e, finalmente, o talento dos artífices.

Mas havendo tanta coisa em Lisboa, muito digna de ver-se, não tivemos tempo para observar cada uma delas com cuidado, e fixar na memória cada pormenor, esmagados, por assim dizer, pela grandeza e multidão dos edifícios.

Para além deste palácio, há dois outros famosíssimos conventos, um dedicado a São Francisco[106], outro a São Bento[107]. Além disso, um pouco mais longe, há um convento de freiras, notável pela antiguidade entre todos os de Lisboa, conhecido vulgarmente por Chelas[108], que é fama ter sido outrora habitado, no tempo da superstição pagã, pelas virgens Vestais; e que aí, outrora, Aquiles, um dos homens

religione, quae e caelo est, quasi ex uberrimo fonte profluxerint. Sed reliquam huius primi itineris partem conficiamus.

Venio igitur ad publicos fontes, praesertim eum qui regius appellatur, in quem artificiosissime ex marmore confectum, aqua, cuius in eo tractu maxima est copia, non longe scaturiens recipitur, et per ora latissima affabre elaborata fluit, ab infinitis prope seruis et famulis, nocte etiam concubia (tanta est illius populi multitudo!) confluentibus haurienda. Est autem illius aquae natura, praeter maximam abundantiam, hominum ualetudini ualde salutaris, praesertim aliquandiu domi seruata.

Etsi aliorum optimorum fontium in Olysipponensibus suburbanis non deest copia. Praecipue uero est quidam alius proximus fons minoris frequentiae, in quo ad uarias nauigationes ineundas fieri solet aquatio. Vltra hunc locum, sequuntur etiam alia celeberrima, quae sigillatim recensere longum esset, praesertim pars illa urbis a piscatoribus frequentata, qui peculiarem habent paroeciam Diuo Stephano dedicatam. Cumque non modicos census regi soluant, ita tamen diuites sunt et pecuniosi, ut eorum supplicatio eo die quotannis habita quo sanctissimi Christi corporis memoria recolitur, rerum omnium magnificentia cum ipsa urbana supplicatione [164] fere ex aequo contendat, quod homines illi piscatoriae rei dediti non dubitent eo die maximam pecuniae copiam insumere.

Praetereo loca illa in quibus quorumcumque lignorum materia uenditur, alia in quibus tormenta bellica conflantur, pluraque similia hominum multitudine refertissima. Praetermitto coenobia parthenonesque illi litori uicinos, praesertim quemdam celebratissimum in quo nobilissimae uirgines uiuunt et sacrae reliquiae sanctorum Verissimi, Iuliae, et Maximae Olysipponensium martyrum cum summa ueneratione custodiuntur, aliudque Dei Matri dedicatum in quo a sacris uirginibus Diui Francisci disciplina seuerissime obseruatur; solumque addam extremam illius litoris partem alio regio palatio magnificentissimo nobilitari, quod Ioannes tertius maximis expensis exstrui iussit, ut in eo Lusitani reges accommodatissimum haberent perfugium, quoties grauissimorum negotiorum mole oppressi, animos leuare, et recreare uellent. Iucundissimum uobis sane esset si palatii illius singula opera a me descripta animis intueremini, sic enim magnificentiam illorum aedificiorum, regum in sumptibus faciendis largitatem, artificum denique ingenium assequeremini.

Sed cum tam multa essent Olysippone aspectu dignissima, non fuit nobis otium, ut omnia opera sigillatim perscrutaremur et minutissima quaeque memoriae mandaremus, rerum quodammodo magnitudine et multitudine obruti.

Vltra hoc regium palatium sunt alia duo nobilissima coenobia, alterum Diuo Francisco, alterum uero Diuo Benedicto dedicatum. Praeterea remotius aliquantulum, parthenon quidam est, omnium Olysipponensium uetustate clarissimus, uulgari nomine Chelae, quem quondam tempore ethnicae superstitionis Vestales uirgines incoluisse fama est, ibique olim Achillem, unum ex fortissimis antiquae uetustatis uiris, adhuc

mais valentes da Antiguidade pagã, ainda criança, foi escondido em vestuário de rapariga por sua mãe, para que não soubesse duma guerra importantíssima que então se fazia com os troianos; e que, segundo é fama, aquele piedoso engano de sua mãe foi descoberto pela habilidade de Ulisses, fundador da cidade de Lisboa. Ora, tendo sido a guerra de Tróia mil anos, pelo menos, antes do nascimento de Cristo[109], daí concluem os portugueses quanto a cidade de Lisboa antecede em antiguidade às restantes cidades da Europa.

E aqui está em resumo, quanto me ocorreu dizer, nesta falta de tempo, a propósito da margem de Lisboa sobre o rio, povoada de edifícios e com uma extensão de seis milhas.

LINO — Considero belíssima de aspecto [165] essa costa marítima que tu percorreste em tão rápida exposição. E se tu nos expusesses agora o interior da cidade?

MIGUEL — Abordar o interior é mergulhar num abismo profundíssimo, se eu tiver que explicar precisamente cada coisa. Mas enquanto o tempo o permitir, façamos o segundo percurso, e em linha recta percorramos todo aquele espaço que eu disse ser semelhante a uma seta. Regressando, portanto, à Praça Real, entremos por muros e portas da cidade, para além dos quais se apresentam as ruas mais populosas. A primeira, chamada Rua Nova, é nobilitada, acima das restantes, pela amplidão e extensão e pela abundância de casas com muitos andares. Numa parte dela, separada por barras de ferro (tão grande é a largura da rua!) juntam-se todos os mercadores que exercem o comércio pelas várias cidades da Europa, principalmente com os de Sevilha, Burgos, Valhadolid, Medina, Veneza, Génova e muitíssimos mais que habitam outras cidades ou empórios da Europa. Na mesma rua, é extraordinário como são ricas as lojas dos mercadores, nas quais há a maior variedade de todos os panos mais preciosos, feitos de lã, mas também de tecidos de seda, de veludo, de damasco, tecidos bordados e de muitos outros géneros, em tanta quantidade, que o recheio de todos aqueles mercadores, exposto para vender, vale cem milhões de réis, algumas vezes repetidos ou, em linguagem vulgar, muitos milhões de ouro. Há nesta rua, além de outras coisas, casas admiráveis, de tantos andares, com tantos inquilinos, que se encontram alguns que não conhecem os outros nem sequer de face ou de nome.

A segunda rua é dos Ourives, na qual se fazem com arte obras de ouro preciosíssimas e são polidas muitas e variadas pedras preciosas ou para venda ou para serem engastadas em trabalhos de ouro. Neste capítulo, dificilmente pode dizer-se quanto a arte rivaliza com a abundância do ouro e das pérolas e com esta a multidão dos artistas. E não seria fácil dizer qual destas duas ruas é superior à outra, no preço e na multidão dos objectos em venda.

A terceira rua não é menos concorrida. Povoam-na cinzeladores, escultores, trabalhadores de cobre, canteiros. Mas, uma vez que eu disse que faria o caminho em linha recta, não me deterei a recordar outras ruas frequentadíssimas, cuja menção provocaria em vós não mediana admiração, principalmente a daquela rua em que se

puerum sub puellari habitu a matre fuisse celatum, ne belli cuiusdam grauissimi quod tunc cum Troianis gerebatur conscius esset, Vlyssisque Olysipponensis urbis conditoris industria piam illam matris fallaciam fuisse detectam. Cum autem bellum illud Troianum millesimo saltem ante Christi Domini ortum anno fuerit, colligunt Lusitani quantopere Olysippo ceteris Europae urbibus uetustate antecellat.

Atque haec breuiter sunt quae in Olysipponensi litore domiciliis frequentato et sex milliaria continente se pro temporis augustiis dicenda obtulerunt.

LINVS — Aspectu profecto iucundissimam [165] ego istam oram maritimam iudico quam tam celeriter oratione percurristi. Sed quid? cum intima quaeque urbis nobis exposueris.

MICHAEL — Intima quaeque adoriri est in profundissimum gurgitem inuehi, si singula enucleate sint explicanda. Sed dum per tempus licet, conficiamus secundum iter, et recta uia totum illud spatium, quod simile sagittae esse dixi, absoluamus. Regressi ergo in aream regiam, muros portasque urbis ingrediamur, ultra quas sese offerunt uici quidam omnium celeberrimi. Primus quidem nouus nuncupatus amplitudine, longitudine, domuumque multarum contignationum frequentia praeter ceteros omnes nobilitatus. In cuius partem clathris ferreis distinctam (tanta uidelicet est uici illius latitudo!) conueniunt mercatores omnes qui per uarias Europae urbes mercaturam exercent negotiumque habent cum aliis mercatoribus, praesertim cum Hispalensibus, Burgensibus, Vallisoletanis, Metimnensibus, Venetis, Genuensibus aliisque quamplurimis qui alias Europae urbes aut emporia incolunt. In eodem uiro mirum est quam locupletes sint mercatorum tabernae, in quibus non solum cuiuscumque panni ex lana confecti pretiosissimique summa uarietas, sed uestis sericae, gausapinae, Damascenae, Phrygio opere textae, multiplicisque generis tanta est copia, ut omnium illorum mercatorum supellex ad emptionem exposita, millies sestertium aliquoties repetitum, siue, ut uulgariter loquar, plurimos auri milliones contineat. Sunt in hoc uico praeter alia, admirabiles domus tot contignationum totque inquilinos capientes, ut alii alios ne e facie quidem aut nomine noscere inueniantur.

Secundus est aurificum, in quo aurea opera pretiosissima affabre artificioseque fiunt, multaeque ac uariae margaritae poliuntur, aut uendendae aut ipsis aureis operibus inserendae. Qua in re uix dici potest quantopere ars cum auri gemmarumque abundantia, et cum hac, opificum multitudo decertet. Nec facile dixerim uter horum uicorum alteri rerum uenalium pretio, multitudineque antecellat.

Tertius non est minus celeber, quem caelatores, sculptores, fabri aerarii, anaglyphicorumque operum effectores frequentant. Quoniam autem recta me iter facturum dixi, in aliis uicis celebratissimis commemorandis non immorabor, quorum sane mentio non mediocrem uobis moueret admirationem, praesertim eius uici in quo

vendem alimentos feitos de açúcar. Sendo todos os anos trazida, em muitos navios, ao porto de Lisboa imensa quantidade de açúcar alvíssimo, da [166] ilha de São Tomé que fica a mil léguas de distância, de muitos portos do Brasil, das ilhas Canárias e da ilha da Madeira, há nesta rua tantas coisas de comer, feitas de açúcar, que não só satisfazem plenamente o povo de Lisboa, mas ainda são exportadas para muitas outras cidades da Europa.

Não seria menor a vossa admiração, se eu percorresse os artífices da prata, do linho e da lã, a quem são destinadas três outras ruas. Com efeito, dar conta dos operários de todo o género, distribuídos pelas ruas e bairros, seria um nunca acabar. Mas, como disse, continuemos em linha recta para aquela praça celebradíssima e quase quadrada, a meio da cidade, rodeada de edifícios de grande lavor, entre os quais dois especialmente se distinguem.

Um é o Hospital Real, consagrado a Todos os Santos, e edificado notavelmente com o dinheiro do rei D. Manuel, e por ele provido de todas as rendas necessárias, e finalmente, muito acrescentado pelo rei D. João III, quer na estrutura dos edifícios, quer na grandeza dos rendimentos. O templo do hospital apoia-se nas abóbadas dos arcos inferiores, através dos quais há um amplo caminho. As abóbadas são tão altas que, à entrada do templo, se sobe por vinte degraus, pelo menos, feitos de excelente pedra. Neste templo que é de um só telhado, tanto o tecto em caixotões de madeira sarmática, notavelmente entalhada, como as próprias paredes, são ornados de muitas e insignes figuras, principalmente dos reis portugueses que atrás enumerei, em imagens em relevo, que são tão preciosas que nos dias comuns estão cobertas de véus e só nos dias festivos são apresentadas à vista.

O altar principal da capela-mor está colocado por tal forma e as janelas estão acomodadas dos três lados de tal maneira, que o sacerdote, ao imolar a hóstia sagrada, pode ser visto por quase todos os doentes deitados nos seus leitos. E não há apenas a missa diária, mas também sagradas preces são naquele templo recitadas por muitos sacerdotes a ele pertencentes, e nos dias festivos são entoadas por grande quantidade de cantores, com acompanhamento de instrumentos musicais.

No que diz respeito às galerias, três principalmente são muito longas, as quais, como disse, se dirigem ao altar-mor do templo. Numa delas, são tratadas as feridas e outras doenças pertencentes à cirurgia; na segunda, os homens atacados de febres; na terceira, deitam-se as mulheres que sofrem da mesma doença.

Além destas galerias, há outras duas destinadas aos que sofrem de doença contagiosa.

No rés-do-chão destas galerias, há um domicílio amplíssimo [167] que deve ser chamado verdadeiramente uma albergaria, no qual todos os pobres, quer da cidade quer de fora, têm conveniente hospício.

Há ainda um recolhimento, propriamente, um hospital para recém-nascidos, no qual, crianças que ainda não falam, quer expostas quer, por qualquer outro caso,

res ex saccharo confectae uenduntur. Cum enim ex multis locis, nimirum ex insula [166] Diui Thomae, quae inde mille leucas distat, ex multis Brasiliae portubus, ex insulis Fortunatis, et iis quae Materiae dicuntur, innumerabilis sacchari candidissimi copia multis nauibus in portum Olysipponensem quotannis importetur, tam multa in eo uno uico esculenta ex saccharo conficiuntur, ut non solum Olysipponensem populum expleant, uerum etiam in multas alias Europae urbes uendenda deferantur.

Non minor esset uestra admiratio, si argenti, lini, lanaeque opifices, quibus tres alii uici sunt destinati, percurrerem. Nam totius generis fabros uicis locisque disctinctos recensere infinitum prope esset. Sed ut dixi, recta pergamus ad plateam illam celeberrimam et fere quadratam in media urbe, aedificiis operosissimis cinctam, inter quae duo maxime excellunt.

Alterum est regium nosocomium, omnibus sanctis consecratum, et Emmanuelis regis sumptibus insigniter aedificatum ac reditibus omnibus necessariis donatum, denique a Ioanne tertio tum operis structura, tum redituum amplitudine summopere auctum. Eius templum tam editis arcuum inferiorum fornicibus, per quos amplum iter est, nititur, ut ad eius fores uiginti saltem scalarum gradibus ex optimo lapide confectis ascendatur. Templi huius, quod unius tecti est et receptaculi, tam laquear ex Sarmatico ligno egregie dolato, quam parietes ipsi, multis insignibusque figuris, praesertim Lusitanorum regum, quos supra numeraui, expressis imaginibus, ornantur, quae tam pretiosae sunt, ut communibus diebus uelis obtectae, festiuis tantum spectandae proponantur.

Sacelli uero maximi ara suprema eo est situ, easque fenestras ex tribus lateribus aptatas habet, ut sacerdos sacrosanctam hostiam immolans ab omnibus fere aegrotis lecto decumbentibus uideri possit. Nec uero solum quotidie sacrum fit, uerum etiam sacrae preces a sacerdotibus multis illi templo ascriptis recitantur, festisque diebus a magna cantorum copia, musicis instrumentis adiunctis, efferuntur.

Quod attinet ad pergulas, tres in primis sunt longissimae, quas ad summam templi aram pertingere dixi, in quarum una uulneribus aliisque morbis ad chirurgiam pertinentibus remedia adhibentur; in secunda homines febribus iactati, in tertia mulieres eodem morbo laborantes decumbunt.

Praeter has sunt aliae duae iis qui malo contagioso sunt affecti destinatae.

Sub harum pergularum contignationibus domicilium est quoddam amplissimum, [167] quod proprie xenodochium uocari debet, in quo pauperes omnes siue indigenae, siue aduenae peropportunum hospitium habent.

Est aliud receptaculum proprie brephotrophium, in quo pueri infantes siue expositi, siue casu alio, remedio carentes a nutricibus conductis aluntur, et postea,

necessitadas de remédios, são alimentadas por amas contratadas, e depois, quando mais crescidas, são entregues a diversos homens e mulheres, para serem educadas em qualquer arte honesta.

Há também uma outra casa, destinada à cura daqueles que são privados de juízo e que devem ser restituídos à primitiva saúde. Há ainda um domicílio para homens nobres que não podem curar-se convenientemente em casa, no qual lhes são proporcionados todos os medicamentos com abundância, todavia com a condição de que, se têm meios, paguem posteriormente as despesas, para que nada se desvie dos bens dos pobres.

À parte, existe, além disso, um asilo para os que sofrem de doença incurável, no qual até o fim da vida lhes é fornecido tudo o que precisam para viver. Finalmente, para os religiosos, principalmente os que seguem a disciplina mais severa de São Francisco, existe um lugar especial onde, separados dos restantes homens, se dedicam ao tratamento da saúde.

Que dizer da ordem em que todos estes doentes são tratados, admirável sem dúvida, quando homens se ocupam da cura dos homens e mulheres das mulheres? E quando os doentes estão de tal modo distribuídos por quartos, que os cadáveres dos que morrem são levados às escondidas por uma porta falsa, para que os restantes em perigo, receosos da morte, não percam coragem?

Pelo que diz respeito a médicos e cirurgiões e aos que chamam boticários, são escolhidos os melhores de toda a cidade, contratados por grande salário. As despesas de toda esta enormíssima casa fazem-se com os rendimentos que os reis D. Manuel e D. João III lhe atribuíram e, por isso, em tudo se podem ver a abundância, a limpeza, o ornato e o mais que é digno duma instituição real.

Vizinho deste régio hospital está um convento, muito merecedor duma lembrança, dos religiosos da Ordem de São Domingos, o qual, pela grandeza do edifício, pela virtude dos padres e pelo número dos que são notáveis em letras, pela frequência da gente que aí acorre, se compara com os maiores conventos de Lisboa. Para dele falar com mais pormenor, aí florescem grandemente os estudos de filosofia e teologia, por tal forma que nele se encontram muitos doutores teólogos ou, como lhes chamam, mestres. Mas oradores são muitíssimos que se dispersam por toda a cidade e arrabaldes de Lisboa. Ao todo, da mesma família, preenchem o número de cento e vinte, aos quais então honrava com a sua presença, [168] o religiosíssimo varão Luís de Granada[110], a quem visitámos, conhecido em todo o mundo, pela santidade de vida, pela erudição dos livros e pela força da eloquência.

As alfaias sagradas do templo são riquíssimas, entre outras, vinte e dois candelabros de prata, quarenta cálices, quinze lampadários da mesma prata.

Um outro lado da mesma praça é decorado por um sumptuosíssimo palácio régio e pelos seus ameníssimos jardins, mas não há lugar para descrever a sua grandeza e lavor artístico. Foi mandado construir este palácio pelo ilustríssimo Infante D. Pedro, filho de D. João I, para nele poderem ser recebidos cómoda e hospitaleiramente todos os embaixadores estrangeiros, e conta-se entre as sete obras principais de Lisboa[111].

cum grandiores natu sunt, honesta aliqua arte instituendi uariis hominibus ac feminis traduntur.

Est etiam alia domus iis qui mente capti sunt, curandis et ad pristinam sanitatem restituendis designata. Constitutum item est quoddam domicilium nobilibus uiris qui commode domi suae curari nequeunt, ubi illis omnia medicamenta abunde suppeditantur, ita tamen, ut si peculium habeant, sumptus illos postea pecunia compensent, ne quid de pauperum bonis detrahatur.

Separatum est praeterea aliud receptaculum insanabili morbo laborantibus, in quo usque ad extremum e uita exitum, quae ad uictum pertinent, illis administrantur. Denique religiosis uiris praesertim iis qui seueriorem Diui Francisci disciplinam sectantur, constitutus est peculiaris locus, in quo a ceterorum hominum multitudine semoti ualetudini curationique dant operam.

Quid dicam de ordine iis omnibus aegrotis administrandi? qui sane mirus est, cum uiri uiros, feminae feminas suae curae commissas habeant, cum ita aegroti cubilibus sint distincti, ut morientium cadauera latenter pseudothyro extrahantur, ne reliqui periclitantes mortis timore animos despondeant.

Quod uero attinet ad medicos, chirurgos et quos uocant seplasiarios, illi optimi quique ex tota urbe magno conducti pretio deliguntur. Totius huius amplissimae domus sumptus ex reditibus a regibus Emmanuele, et Ioanne tertio eidem adiunctis fiunt, ideoque omnibus in rebus abundantia, munditia, ornatus, ceteraque regia domo digna spectari possunt.

Huic regio nosocomio finitimum est coenobium quoddam commemoratione dignissimum, religiosorum hominum ex Diui Dominici familia, quod operis magnitudine, patrum uirtute, et litteris praestantium numero, populi eo confluentis frequentia, cum amplissimis quibusque Olysipponensibus coenobiis parem locum habet. Vt autem de eo minutius dicam, florent in illo magnopere Philosophiae, et Theologiae studia, adeo ut multi ibi theologici doctores seu, ut appellant, magistri reperiantur. Contionatores uero quamplurimi, qui per totam urbem et pagum Olysipponensem disperguntur. Omnes uero simul ex ea familia uicenarium [168] numerum supra centum implent, quos tunc praesentia sua exornabat religiosissimus uir, quem inuisimus, Ludouicus Granatensis, uitae sanctitate, librorum eruditione et contionandi ui per totum orbem notus.

Supellex sacra templi amplissima est, uiginti duas argenteas lampades, quadraginta calices, quindecim lychnuchos ex eodem argento inter alia continens.

Alterum eiusdem areae latus regio quodam sumptuosissimo palatio hortisque eius amoenissimis decoratur, cuius amplitudinem artificiumque describendi non est locus. Confectum est hoc palatium a clarissimo principe Petro Ioannis primi filio, ut in eo externi omnes legati commode et perhospitaliter exciperentur, et inter septem praecipua Olysipponensia opera numeratur.

A este palácio costumava estar anexa a cavalariça real que continha a multidão dos cavalos, a condizer com tão amplos rendimentos e opulência.

Não omitirei outro elemento de valorização que muito nobilita a praça, e cercanias, de que me venho ocupando. Trata-se do mercado que aí se faz de oito em oito dias, às terças-feiras, com tanta frequência de pessoas e as barracas de tal modo dispostas, com tão grande variedade e profusão de artigos, que se acreditaria que foi montado não para um dia, mas para um mês e um ano. E tal que não só os populares e patrícios, mas até as mulheres nobres, sem o aparato da companhia das criadas, aí vão e se diz que, uma vez, a rainha, desejosa de o ver, para lá de dirigiu.

Se avançarmos mais além, para fora dos muros da cidade, encontraremos alguns conventos muito florescentes, principalmente o consagrado à virgem da Anunciação que, construído por um particular, teve tal desenvolvimento com o progresso do tempo, que agora recebe todas as senhoras da maior nobreza. Nele sobressaem sinais de extraordinária santidade[112] que eu passo em claro, porque, estando nós impedidos de louvar os vivos, devem ser comemorados por outros no futuro e confiados à imprensa.

Depois deste lugar, segue uma rua muito larga, cujas casas, mais rústicas do que urbanas, são de extraordinária magnificência, por causa das hortas suavíssimas, e das vilas cheias de delícias que muitos nobres edificam neste lugar, já menos impedido pela multidão das casas.

Mas venhamos já à ponta da seta, de que falei, na qual há um mosteiro nobilíssimo de padres, chamados da Ordem de Cristo que há pouco foi aperfeiçoado, e que à custa da ilustríssima Infanta D. Maria, filha de D. Manuel[113], mulher solteira de sessenta anos, rica de bens da natureza e da alma, e de riquezas exteriores, falecida há doze anos [169], foi agora amplificado com novos edifícios. Contém este percurso que nós fazemos quatro milhas, isto é, uma légua e um terço, no qual em linha recta se percorrem as regiões de Lisboa, para o interior das terras.

LEÃO — Parece-me verdadeiramente, Miguel, que já descreveste duas grandíssimas cidades, e tais que muito despertaste o nosso interesse pelo seu aspecto.

MIGUEL — Que admira, se assim julgais, quando Lisboa vale por muitas cidades? Ouvi agora, a respeito da sua terceira parte que julgareis uma cidade muito maior, embora, pela estreiteza do tempo, eu tenha de a descrever talvez com mais brevidade do que é justo. Será este terceiro percurso que devemos fazer, não só a subir mas também sinuoso, e o mais longo de todos os anteriores, no qual, começando de novo da margem do rio, visitaremos em roda os lugares do interior. E a extensão deste caminho em círculo pode concluir-se das palavras seguintes: a corda da costa marítima compreende seis milhas, e a parte da seta quatro. Contemplai, pois, com os olhos do espírito, o intervalo que fica entre o Mosteiro de Belém e o Terreiro do Paço. Nesse intervalo, habitam as freiras o convento dedicado a Nossa Senhora da Esperança[114]. Aqui apresenta-se uma rua a subir para os montes do interior que rodeiam Lisboa em círculo que nós temos de percorrer em espírito.

Huic palatio iunctum esse consueuit regium equile, eam equorum multitudinem continens, quae cum tam amplis facultatibus opulentiaque congruebat.

Non omittam aliud, quod eandem aream et circum, de quo hactenus dixi, summopere nobilitat. Est autem mercatus, qui ibidem octauo quoque die uidelicet Martis habetur, tanta hominum frequentia tabernisque ita dispositis, rerum uenalium tanta multitudine et uarietate, ut non in diem, sed in mensem et annum institutum esse credas; adeo ut non solum populares et patricii, sed nobiles etiam feminae absque famularum apparatu illuc eant, immo et aliquando regina eius uidendi studiosa eo se contulisse dicatur.

Vlterius, si extra urbis muros progrediamur, nonnulla occurrent coenobia florentissima, praesertim illud quod Beatae Virginis Annuntiationi deuotum est, quod a priuato quodam homine exstructum, talia progressu temporis habet incrementa, ut nunc nobilissimas quasque uirgines recipiat, in eoque mirae sanctitatis signa exstaNt quae, quoniam uiuentes laudare prohibemur, ab aliis in posterum commemoranda typisque mandanda praetermitto.

Post hunc locum uicus sequitur longissimus, cuius aedes rusticanae potius, quam urbanae mirae sunt magnificentiae, propter hortos amoenissimos uillasque deliciis refertissimas, quas plerique nobiles in eo loco minus iam domuum multitudine impedito aedificant.

Sed ueniamus iam ad sagittae, quam dixi, cuspidem, in qua coenobium quoddam nobilissimum patrum, qui Christi ordinis dicuntur, nuper elaboratum est, et sumptibus clarissimae principis Mariae Emmanuelis regis filiae, quae sexagenaria uirgo multisque bonis naturae animique, et externis diuitiis cumulata ante duodecim [169] annos mortem obiit, nouis nunc aedificiis amplificatum. Continet hoc iter, quod conficimus, quattuor milliaria, hoc est leucam et tertiam eius partem, quo recto omnino cursu mediterranea Olysipponis percurruntur.

LEO — Videris profecto, Michaël, duas iam amplissimas urbes descripsisse, easque tales, ut studium nostrum ad ipsarum aspectum magnopere excitaueris.

MICHAEL — Quid mirum, si ita iudicetis, cum Olysippo instar multarum urbium sit. Audite nunc de tertia eius parte, quam multo ampliorem urbem censebitis, quamuis propter temporis angustias breuius fortasse, quam par est, a me sit enarranda. Erit autem hoc tertium iter a nobis faciendum non solum accliue, sed etiam flexuosum omniumque superiorum longissimum, quo rursus a litore incipientes mediterranea loca in gyrum perlustremus, cuius quidem itineris in orbem, quantum sit spatium, ex dictis colligi potest: cum orae maritimae chorda sex milliaria, cuspis uero sagittae quattuor complectatur. Contemplamini igitur animis interuallum quoddam inter Bethlemicum coenobium et aream regiam interiectum, in quo uirgines sacrae parthenonem Beatae Virgini, ab Spe cognomen habenti, dedicatum incolunt. Hic ergo accliuis uia se offert ad mediterranea et montana, quae Olysipponem in gyrum saepiunt, a nobis animis peragranda.

Coisa certa é ser Lisboa rodeada por várias colinas de cujo número se escreve de forma variada. Todavia, três ou quatro são as principais que lançam muitas outras cumieiras para diversas partes.

Uma vez chegados ao cimo, primeiro se nos apresenta aos olhos o convento dos padres da Ordem de São Bento, tão espalhada em Portugal, que só na província que se chama Interamnense, isto é, entre os rios Douro e Minho, esta família religiosa possui quarenta e oito conventos com amplíssimos rendimentos.

Se deste mosteiro nos dirigirmos à celebérrima porta da cidade, chamada de Santa Catarina, e subirmos lentamente ao cume deste monte, oferece-se à contemplação dos nossos olhos a enorme Casa dos Professos da Companhia de Jesus, consagrada a São Roque[115] onde, como atrás disse, foi a nossa agradabilíssima residência, e que, quanto mais tempo nela morámos, tanto mais coisas me ocorrem, para dela dizer.

Aí habitam mais de setenta padres e irmãos da Companhia, escolhidos da flor de todo o Portugal, quer quanto à maturidade dos seus anos, quer ainda quanto à sabedoria, quer quanto à prática das coisas sagradas. [170] Por isso, acontece que eles servem, com o maior zelo e diligência, em pronunciar sermões, ouvir confissões, ajudar os homens condenados a prisão, às galés e a pena capital, e em exercer outras obras piedosas, e por estes serviços sempre foram muito queridos do povo, dos titulares e dos reis de Portugal, e com a sua ajuda construíram aquela casa de magnífica fábrica.

Se considerarmos a residência destes padres, é tão amplo o claustro, são tantas as galerias, e tão espaçosos, finalmente, os quartos, que mais lá poderiam caber ainda, com a maior comodidade. Se, porém, lançares os olhos ao templo, reconhecerás que é de feitura admirável, de uma só nave – é certo –, mas de tal grandeza que, por causa da dificuldade de construir a abóbada de tijolos ou de pedra, foi ela feita excelentemente com traves que, devido ao seu comprimento, foram trazidas da Alemanha[116], com grande despesa, e ornadas de caixotões, por tal forma que não se sente a falta duma abóbada de pedra ou dum tecto de tijolo.

O templo é ainda decorado com muitas capelas excelentemente construídas, nas quais agora se guarda um tesouro admirável de relíquias[117], acerca do qual, adiante, se me oferecerá a ocasião própria de tratar. As alfaias sagradas são tão opulentas, que parecem pertencer não a quem vive de pedir esmolas, mas das maiores rendas.

Tem o mesmo templo a si anexa uma torre[118] de extraordinária altura, da qual está patente um panorama agradabilíssimo de quase toda a cidade, e contém sinos admiravelmente fundidos, a cujo som se reúnem para ouvir as pregações, segundo está averiguado, muitas vezes, cinco mil pessoas. Entre muitas outras vantagens que os padres desta casa levam ao povo de Lisboa, conta-se o ensino e instrução dos meninos de toda a cidade em tudo o que pertence aos rudimentos da doutrina cristã. Embora em toda a terra os padres da Companhia tenham assumido essa tarefa, nesta casa, todavia, há uma diligência peculiar a este respeito, pela qual os meninos são convocados por toda a cidade, e não só na Igreja de São Roque, mas também nas

Certissimum namque est Olysipponem pluribus collibus, de quorum numero uarie scribitur, ambiri. Tres tamen, aut quattuor sunt potissimi, plura alia capita in diuersas partes porrigentes.

Nobis igitur in altum euectis, primum se obiicit spectandum coenobium patrum ex Diui Benedicti ordine, qui quidem ordo tantopere floruit in Lusitania, ut in sola prouincia quadam, quae Interamnis dicitur, inter Durium uidelicet ac Minium, quadraginta octo coenobia, cum amplissimis reditibus, haec religiosorum familia possederit.

Si ex hoc coenobio ad portam celeberrimam urbis, quae a Diua Catharina nomen accepit, nos conferamus, paulatimque ad uerticem montis huius ascendamus, spectanda se oculis proponit domus amplissima professorum Societatis Iesu, Diuo Rocho consecrata, ubi superius dixi gratissimum nobis hospitium fuisse, quoque diutius in ea morati sumus, eo plura de ea dicenda mihi occurrunt.

Habitant in ea plures, quam septuaginta patres fratresque Societatis ex flore totius Lusitaniae, tum quoad aetatis maturitatem, tum etiam quoad sapientiam sacrarumque rerum exercitationem [170] collecti. Quo fit ut in contionibus habendis, confessionibus audiendis, carceri, triremibus, capitalique poenae addictis hominibus iuuandis, aliisque piis operibus exercendis diligentissime operam nauent, iisque nominibus, populo, dynasti, regibusque Lusitanis semper fuerint gratissimi, eorumque adiumento domum illam fabricae magnificentissimae exstruxerint.

Si eorum patrum domicilia consideres, tam amplum est peristylium, tot sunt pergulae, tam denique spatiosa cubicula, ut plures adhuc commodissime capere possint. Si uero in templum oculos coniicias, admirabilis cuiusdam operis esse cognosces, unius quidem tecti, sed eius amplitudinis, ut, propter difficultatem fornicis ex lateribus aut lapide conficiendi, ex trabibus fuerit optime compositum, quae propter sui longitudinem, ex ipsa Cimbrica Chersoneso magnis sumptibus sunt allatae, et eo laqueari exornatae, ut cameram lapideam aut testudinem latericiam, nequaquam desideres.

Decoratur ulterius templum multis optimeque confectis sacellis, in quibus admirabilis sacrarum reliquiarum thesaurus nunc seruatur, de quo in progressu agendi proprius locus se mihi offeret. Sacra uero supellex tam opulenta est, ut non eorum qui ex corrogatis eleemosynis, sed ex maximis reditibus uiuunt, esse uideatur.

Habet templum idem sibi adiunctam turrem mirae altitudinis, ex qua in totam fere urbem iucundissimus prospectus patet, et tintinabula egregie conflata continet, quorum audito sono ad contiones audiendas quinque plerumque hominum millia conuenire, certum est. Inter alia mira emolumenta, quae a patribus huius domus populo Olysipponensi afferuntur, est puerorum totius urbis institutio eruditioque earum omnium rerum quae ad Christianae doctrinae rudimenta pertinent. Quamuis enim ubique terrarum patres Societatis eam curam susceperint, in ea tamen domo peculiaris est hac in re diligentia, qua et pueri per totam urbem conuocari, et non solum in Diui Rochi templo, sed etiam per paroecias plateasque doceri, laureis honorariisque

paróquias e praças costumam ser ensinados e presenteados com coroas de louros e prémios honoríficos, e ser exortados à perfeita compreensão destes rudimentos, de acordo com a capacidade dos seus anos. Por essa causa, compuseram os padres, com diligência e piedade, alguns notáveis livrinhos, divididos em perguntas e respostas rápidas, e acompanhados de poesias portuguesas, acomodadas ao canto.

Perto do muro desta Casa Professa, segundo ouvimos dizer, vai ser em breve construída uma outra também, a que chamam do tirocínio [171], à custa do dinheiro dum patrício que no Oriente juntou cinquenta mil cruzados e decidiu aplicar uma boa parte na construção dessa casa e sua manutenção, e desprezando todas as coisas humanas, inscrever-se na Companhia.

Deixemos já este lugar, não vá parecer que eu quero ser agradável aos nossos hospedeiros, e dirijamo-nos a outros lugares semelhantes que ainda temos de mencionar.

Se daí desceres um pouco, terás vizinho um convento da família religiosa que para si reivindicou o nome da Santíssima Trindade, a qual, além de outras incumbências que pertencem ao culto divino, tomou sobre si o encargo especial de resgatar por dinheiro os infelizes cativos dos sarracenos. Daí resulta que estes religiosos não só são muito caros ao povo cristão, mas ainda têm livre acesso às terras dos sarracenos e todos os anos libertam muitos homens do jugo da servidão. Se daqui avançares um pouco e passares ao lado da célebre igreja paroquial da Virgem do Loreto e da igreja dos Mártires, chegarás ao grandíssimo convento de São Francisco, no qual dificilmente decidirás o que mais admirar, se a multidão dos religiosos, se a mole do edifício e a capacidade do templo, se a opulência das esmolas que todos os dias ali se recolhem. Com efeito, em primeiro lugar, os religiosos são mais de duzentos; a amplidão do templo, dividido em três naves, é tão grande que não há outro de maior capacidade em Lisboa. Nele se contam muitas e preciosíssimas capelas, das quais, além da capela-mor, de obra notável, há também a capela feita por Martim Afonso de Sousa[119], outrora governador-geral da Índia, toda revestida de ouro.

Mas passemos a outra parte do mesmo monte onde está o belo mosteiro desta família religiosa, dedicado a Nossa Senhora do Carmo, cuja obra, sem falar da sua imensa mole, supera em antiguidade todas as outras obras lisbonenses, se exceptuarmos a catedral. O seu construtor foi um ilustríssimo magnate, de nome celebérrimo entre os portugueses, Nuno Álvares Pereira[120], de quem tiram parte da sua ascendência os duques de Bragança, sobre os quais falarei adiante. Este, na verdade, depois de se ter mostrado aliado fidelíssimo do rei D. João, primeiro deste nome, em muitas e importantíssimas guerras na pátria e no estrangeiro, foi com ele parceiro dos maiores louvores e vitórias. Já entrado em anos, disse adeus a todas as coisas humanas e edificou à sua custa e com os mais pesados e os maiores trabalhos [172] este mosteiro.

Acontecendo que, algumas vezes, os seus fundamentos ameaçavam ruína, dizem que foi usada uma enorme quantidade de ferro para os reforçar.

muneribus donari, et ad perfectam horum rudimentorum intelligentiam iuxta eius aetatis captum, excitari solent. Quam ob causam patres egregios quosdam libellos, crebris interrogationibus responsionibusque distinctos cum carminibus Lusitanis ad cantum accommodatis, non minus diligenter, quam pie composuerunt.

Prope saeptum huius domus professorum, accepimus, aliam etiam, quam tirocinii uocant, propediem [171] aedificandam sumptibus cuiusdam patricii uiri, qui ex quinquaginta aureorum millibus in hac Orientali plaga comparatis, in eius domus fabricam reditusque bonam partem insumere constituit, et rebus omnibus humanis contemptis Societati nomen dare.

Discedamus iam ex hoc loco, ne praetermodum uidear uelle hospitibus nostris gratificari, et ad similia alia loca adhuc recensenda accedamus.

Si paulatim inde descendas, uicinum habebis coenobium eius religiosae familiae quae a Sanctissima Trinitate sibi nomen uindicauit, quae quidem ultra alia, quae ad Dei cultum pertinent, miseros homines a Saracenis captos pretio redimendi peculiarem curam suscepit. Vnde fit ut hi religiosi uiri non solum Christiano populo sint ualde grati, sed etiam ad ipsas Saracenorum terras liberum aditum ingressumque habeant, et singulis annis magnam hominum multitudinem e iugo seruitutis liberent. Si paululum hinc progrediaris, et celebrem Lauretanae Virginis paroeciam, et eam quae a Martyribus nomen obtinet, praetergrediaris, ad amplissimum coenobium familiae Diui Francisci peruenies, in quo quid primum mireris, religiosorumne hominum multitudinem, operis molem, templique capacitatem, an eleemosynarum quotidie collectarum opulentiam, uix tecum statues. Nam in primis religiosi uiri ultra ducentos sunt; templi uero tribus tectis distincti amplitudo tanta est, ut nullum aliud capacius Olysippo habeat, in quo plurima pretiosissimaque sacella numerantur. Ex quibus praeter maximum, quod egregii operis est, celebre est etiam quoddam a Martino Alfonso Sosa, olim totius Indiae gubernatore, confectum, auroque totum circumuestitum.

Sed transeamus ad aliam eiusdem montis partem, ubi spectabile est coenobium eius religiosae familiae quae Beatae Virgini a Carmelo nomen habenti se addixit, cuius quidem opus praeter immensam ipsius molem, reliqua omnia opera Olysipponensia, templo maximo excepto, uetustate superat. Eius auctor fuit clarissimus quidam dynasta, inter Lusitanos nominis celeberrimi Nonius Aluarus Pereira, a quo partem generis ducunt Brigantini duces, de quibus in processu agendum est. Hic enim postquam Ioanni primo huius nominis regi in multis grauissimisque bellis domi forisque gestis fidelissimum se socium praebuit, amplissimarumque laudum et uictoriarum cum eo fuit particeps, affecta iam aetate, rebus omnibus humanis salute dicta, coenobium hoc suis sumptibus, iisque grauissimis, et maximis [172] laboribus aedificauit.

Cum enim aliquoties fundamenta labefactarentur, ferri etiam ingentem copiam ad eorum firmitatem adhibitam esse, traditur.

Ora o mesmo ilustríssimo magnate, quando a obra estava quase terminada, ficou a viver neste convento pia e religiosamente, até o fim da vida.

Passemos daqui a outros lugares no alto dos montes, que se encontram mais para Oriente, e subamos ao lugar onde foi consagrado o templo e o mosteiro de Santa Ana, mãe da Beata Virgem Maria. O dia da padroeira é celebrado, com a maior afluência de gente, pelos lisboetas e com obras variadas, principalmente porque o local, muito elevado e espaçoso, proporciona um campo adequado a todos os espectáculos.

Não longe daqui pode ver-se o hipódromo ou estádio, onde nobres e patrícios lisbonenses costumam exercitar-se na corrida em todos os dias festivos. Neste lugar é extraordinária a frequência de cavaleiros e espectadores, e incrível a competição pelo primeiro lugar entre nobres e patrícios. Na verdade, nas expedições a África, de que Lisboa é a principal fornecedora, fazendo-se muito uso dos cavalos, costumam os lisboetas que passam constantemente a África, para fazer guerra aos sarracenos, exercitar-se grandemente nas corridas de cavalos. E para com mais agilidade o fazerem, um faz de sarraceno, outro de cristão que com ele combate, e ambos, com muitos ataques, fugas, fintas e outras práticas da corrida equestre, tornam-se mais destros, a si e ao cavalo, para travar o combate a sério.

Mas continuemos para os lugares elevados que seguem, de modo a não perdermos um vale que está de permeio e é nobilitado por alguns edifícios. Em primeiro lugar, aparece-nos um estábulo muito grande para o qual é trazido dos campos de Lisboa e de outros lugares todo o gado que em Lisboa costuma ser abatido para alimentação. O número podeis facilmente calculá-lo, se souberdes que só de carneiros são mortos diariamente cinco mil e que são levados para três mercados de que já falei. Por outro lado, há um espectáculo não pouco divertido neste lugar, que consiste em ver cães exercitadíssimos que combatem com touros, por vezes muito ferozes, segurando-os pelas orelhas com os dentes, de modo que eles não podem de forma alguma fugir à morte, embora os touros, ocasionalmente, atirem ao ar com os cornos os cães que são menos fortes, e lhes causem feridas mortais.

No mesmo vale está situado o hospital para doentes que sofrem de lepra, a doença que vulgarmente se chama de São Lázaro, porque aquelas feridas [173] de que sofria Lázaro, o mendigo, como vem no Sagrado Evangelho, provinham desta doença, segundo a opinião de alguns médicos. Portanto neste lugar, os doentes, quem quer que sejam, são muito diligentemente curados, sem que aquela doença, que tanto repugna à natureza delicada dos homens, seja impedimento a que todos os tratamentos se lhes façam com a maior piedade e caridade.

Mas voltemos aos lugares elevados, e deixando de lado aquele no qual existe um templo dedicado à Senhora do Monte, porque está algo mais distante, e deixando os muitos objectos de barro que artisticamente são feitos no seu sopé, porque a argila de Lisboa se presta muito a fazer estas vasilhas, venho àquele monte que é enobrecido pelo operosíssimo convento da família de Santo Agostinho. A sua feitura iguala a dos outros lugares sagrados principais que existem em Lisboa. Com

Idem autem illustrissimus dynasta, imposito prope operi fastigio, in eodem coenobio pie religioseque ad extremum usque spiritum uixit.

Transeamus hinc ad alia montana loca quae magis ad Orientem uergunt, et ad eum locum conscendamus in quo Diuae Annae Beatae Virginis matri templum coenobiumque consecratum est, cuius festus dies ab Olysipponensibus mira hominum frequentia operumque uarietate celebratur, praesertim cum locus ille editissimus spatiosissimusque spectaculis omnibus peropportunum campum praebeat.

Non procul hinc uidere licet catadromum, siue stadium, in quo nobiles patriciique Olysipponenses equestri cursu se omnibus festis diebus exercere solent. Ad quem locum mira sane est frequentia, tum equitum, tum spectatorum, incredibilisque de primis partibus ferendis inter ipsos nobiles, patriciosque contentio. Cum enim in Africana expeditione, cuius Olysippo praecipua altrix est, equorum maximus sit usus, solent Olysipponenses, qui frequentissime in Africam, causa belli cum Saracenis gerendi, transmittunt, equestri cursu magnopere se exercere. Quod ut agilius faciant, quidam nonnunquam Saraceni personam fingit, alter Christiani cum eo decertantis, et uterque mutuis incursionibus, effugiis, flexionibus, aliisque equestris cursus modis se equumque ad ueram pugnam commitendam dexteriorem reddit.

Sed procedamus ad ardua quae sequuntur loca, dummodo tamen uallem quandam interiectam et aliquibus rebus nobilitatam non praetermitttamus, in qua primum se offert stabulum quoddam amplissimum, ad quod totum pecus, quod Olysippone ad uictum occidi solet, ex Olysipponensi pago aliisque locis confertur. Numerum autem facile coniicere potestis, scientes arietum tantum quinque millia quotidie iugulari et in tria macella, de quibus dixi, deferri. Est autem non parum iucundum spectaculum hoc loco canes exercitatissimos cum tauris aliquando ferocissimis congredientes uidere, et auribus eos ita mordicus tenentes, ut caedem effugere nequaquam possint, etsi nonnunquam canes minus fortes cornibus in altum euehant illisque mortifera uulnera infligant.

In eadem ualle situm est nosocomium illud aegrotorum qui elephantiasi laborant, qui morbus uulgo Diui Lazari appellatur, quod ulcera [173] illa ex quibus mendicus Lazarus, ut est in sacro Euangelio, laborabat, ab hoc morbo prouenisse, aliquorum doctorum sit opinio. Hoc igitur in loco aegroti hi quicumque sunt diligentissime curantur, nec morbus ille, a quo fastidiosa hominum natura tantopere abhorret, impedimento est quominus omnia illis cum summa pietate et caritate subministrentur.

Sed ad praerupta loca redeamus, omissoque eo in quo Beatae Virgini a Monte cognomen habenti templum sacratum est, quod remotius aliquantulum distet et multiplici figlino opere ad eius radices artificiose facto, quod argilla illa Olysipponensis ad ea uascula sit accommodatissima, uenio ad montem illum qui operosissimo coenobio Diui Augustini familiae nobilitatus est. Eius enim opus, praecipua alia sacra, quae Olysippone sunt, adaequat. Nam praeter amplissimum templum, quod

efeito, além dum templo amplíssimo, coberto por três telhados, e das muitas capelas preciosas que possui, o seu claustro é edificado com tanta arte que só a quarta parte dele, com o andar de cima, ficou em vinte e cinco mil cruzados. A sala das vestes e alfaias sagradas tem tais armários, é ornamentada por tais figuras e imagens, o seu pavimento é de mosaicos tão variados, que provoca em todos os visitantes prazer e admiração, principalmente por ser ornamentada com uma capela na qual está sepultada uma jovem nobilíssima, neta do rei D. João II[121].

No que diz respeito aos padres daquela família, contam eles cento e vinte e são alimentados abundantemente com treze[122] mil cruzados.

Aí se ensina o curso completo de Língua Latina, Filosofia e Teologia, com grande louvor para alunos e mestres, e se fazem sermões que muito agradam ao povo. Há neste convento uma confraria, especialmente consagrada a Cristo ressuscitado, e costuma ter no seu seio todos os mais nobres magnates. Por isso, o dia que é consagrado ao triunfo de Cristo sobre a morte, é festejado tão sumptuosa e magnificamente, e em especial com a admirável variedade de lucernas e de lâmpadas, que atrai todo o povo de Lisboa a esta festividade.

Daqui, para os que avançam em círculo um pouco mais, apresenta-se aquele rochedo famosíssimo, no qual foi construída a mais artilhada de todas as fortalezas de Lisboa, chamada vulgarmente o Castelo. Nesta obra, observam-se muitos entrincheiramentos e muralhas, muitas torres altíssimas, principalmente aquela em cujo cume ainda se contempla a espada vetustíssima que se cobriu de sangue na carnificina [174] feita nos sarracenos quando Lisboa foi recuperada por D. Afonso I.

Neste mesmo local, está situado o quarto palácio régio que a nenhum cede em magnificência. Mas em antiguidade, e na vista extensíssima sobre toda aquela costa marítima e a margem de além-Tejo e muitas vilas, sitas nesta extensão, é de longe, e em muito, superior a todos os restantes.

No mesmo palácio, há uma casa a que podemos chamar o Arquivo Real[123], na qual estão todos os documentos primitivos que contêm as histórias do reino e os antigos feitos, como se fossem monumentos certíssimos da verdade. Daí é lícito a uma pessoa extrair qualquer informação respeitante a uma antiga propriedade, a uma doação régia e a uma confrontação jurídica.

Junto ao sopé desta rocha, vindo do Norte, foi construído o Colégio da Companhia de Jesus que é consagrado a Santo Antão Abade. Nele vivem sessenta da Companhia, e nas escolas públicas ensinam as Humanidades à juventude de Lisboa. Distribui-se toda a juventude por oito ginásios e o número total dos auditores supera o milénio. Acrescem ainda duzentos, ou mesmo mais, iniciados nas coisas sagradas, que aprendem diligentemente de dois padres, grandes especialistas, a Teologia que trata dos costumes.

Há uma preeminência que deve atribuir-se a este colégio, a saber, que ele é a origem e alfobre dos restantes que foram construídos através de Portugal, do Brasil e da Índia, e só cede em antiguidade à casa professa de Roma. Foi fundado pelo ilustríssimo rei D. João III, quando pediu ao santíssimo varão Inácio[124], pai e fundador

tribus tectis operitur, et multa quae habet pretiosissima sacella, eius peristylium ita affabre aedificatum est, ut quarta tantum pars, cum contignatione uiginti quinque millibus aureorum steterit. Sacrae autem uestis et supellectilis domicilium ea habet receptacula, iis figuris et imaginibus distinctum est, eius pauimentum ita tesserulis uariatum, ut omnibus externis iucunditatem et admirationem pariat, praesertim cum sacello quodam, in quo nobilissima quaedam uirgo Ioannis secundi regis neptis sepulta est, maxime exornetur.

Quod attinet ad patres illius familiae, centum et uiginti numerantur, tredecimque[20] aureorum millibus affluenter aluntur.

Ibidemque Latinae linguae, philosophiae et theologiae curricula, cum magna discentium docentiumque laude peraguntur, contionesque ad populum gratissimae habentur. Est in eo coenobio sodalitas quaedam quae Christo ad uitam redeunti peculiariter se deuouit, et nobilissimos quosque dynastas in sua societate habere consueuit. Quam ob causam dies ille qui Christi ex morte triumpho sacer est, tam sumptuose magnificeque peragitur, peculiariterque lucernarum ac lampadum admirabili uarietate, ut totum Olysipponensem populum ad eam celebritatem alliciat.

Hinc paulo ulterius in gyrum progredientibus se offert rupes illa celeberrima, in qua arx Olysipponensis omnium munitissima exstructa est, Castellumque uulgariter dicitur. In quo opere spectantur multa propugnacula et munimenta, multae turres celsissimae, praesertim illa in cuius summo culmine adhuc uetustissimus ille ensis conspicitur, qui in [174] ea Saracenorum internecione facta, cum Olysippo ab Alfonso primo recepta est, magna hostilis sanguinis copia fuit perfusus.

In eodem loco situm est quartum regium palatium, nulli magnificentia cedens. Vetustate autem, prospectu longissimo in totam illam oram maritimam et ulteriorem Tagi ripam multaque oppida in eius tractu sita, ceteris omnibus longe multumque praestans.

In eodem palatio domus est, quam regium tabularium dicere possumus, in qua prototypae omnes tabulae regni historias antiquaque facta continentes, quasi quaedam certissima ueritatis monumenta conseruantur. Vnde quicquid ad antiquam aliquam possessionem, regum donationem, iurisque comparationem pertinet, expromere cuicumque licet.

Ad huius rupis radices septentrionem uersus exstructum est Societatis Iesu collegium, quod Diuo Antonio Archimandritae sacrum est. In eo sexaginta ex Societate uiuunt, et in publicis scholis Olysipponensem iuuentutem humaniores disciplinas docent. Distribuitur autem tota iuuentus in octo gymnasia, numerusque omnium auditorum millenarium superat. Accedunt etiam ducenti et eo plures uiri sacris initiati, qui Theologiam quae de moribus agit, a duobus peritissimis patribus diligenter condiscunt.

Illud singularis praestantiae huic collegio ascribendum est, quod ceterorum omnium, quae per Lusitaniam, Brasiliam et Indiam sunt erecta, origo sit et seminarium, et soli

[20] tredecimque] trigintaque *ed. 1590, corr. Errata*

da Companhia, aqueles dois primeiros notabilíssimos padres Francisco Xavier e Simão Rodrigues, para disseminar a Companhia por Portugal e pela Índia.

Tendo Francisco Xavier[125], insigne pela sua bem conhecida santidade, navegado para a Índia, Simão Rodrigues, que ficou em Portugal, instituiu aquela primeira casa da Companhia que, aos poucos, obteve o nome e a situação de colégio. Ora foi este colégio estabelecido pelo mesmo D. João III e posteriormente aumentado em rendas pelo rei D. Henrique. E este rei, ao morrer, usou de tal magnificência para com ele, que aos padres deixou em testamento, para nova construção em lugar mais apropriado, dois mil e quinhentos cruzados. E numa extensão do monte de Santa Ana, um pouco mais sobre a encosta, lhes reservou uma boa parte de muro e três torres, com destino à construção.

Desçamos agora daquela [175] altíssima rocha da fortaleza à praça de Santo André. Aparecerá à vista o quinto palácio real, magnificentíssimo, em que outrora habitavam os reis de Portugal, aí ficando instalada posteriormente a Universidade de Lisboa. Finalmente, tendo a Universidade mudado para outra cidade mais conveniente, chamada Coimbra, da qual devemos tratar, foi aplicada à perpétua guarda daqueles que se tornaram réus de violação da religião[126].

Daqui, a seguir, separados por um pequeno intervalo, aparecem-nos dois ilustres conventos, um da família de Santo Elói, nobilitado não só pela própria obra, mas também pela vizinhança do sexto palácio real; o outro é também da família de Santo Agostinho, isto é, daqueles padres a quem o povo chama cónegos regrantes. Não lhe falta nem a magnificência da obra, nem o número de padres, nem o aparato das vestes sagradas, nem qualquer outro ornamento. É honrado principalmente pelo braço inteiro de São Sebastião que os europeus invocam como patrono especial para afastar o mal da peste[127].

Venhamos agora a um lugar um pouco mais abaixo, no qual está colocada a cadeia pública, amplíssima, em cujo andar superior há salas muito espaçosas, destinadas à administração da justiça. Aí, senadores da maior ponderação e sabedoria reúnem todos os dias, para decidir com toda a rectidão as causas da maior importância, enviadas de todo o reino por magistrados inferiores, e castigam os criminosos com a morte, o exílio, e outras penas. A estes homens, todos grandes letrados, preside um outro que se distingue pela nobreza da família e pela prudência, que se chama vulgarmente o regedor, e sentado no supremo tribunal prescreve o que os senadores devem fazer e é tido quase na mesma honra em que seria tido o rei, se estivesse presente.

Avancemos em direcção à Sé catedral de Lisboa, de obra, sem dúvida, sumptuosíssima e vetustíssima, cujo edifício de grandes dimensões é limitado por três altas torres: duas que ocupam os lados da porta principal e a terceira colocada depois da capela-mor. É ornado o templo de muitas capelas, e estas esplêndidas, na maior das quais se guarda com a maior veneração o santíssimo corpo do mártir

Romanae domui professorum uetustate cedat. Fundatum est autem a Ioanne tertio clarissimo rege, cum primum a sanctissimo uiro Ignatio Societatis parente et auctore, duos illos primos praestantissimos patres Franciscum Xauierium, et Simonem Rodericum, ad Societatem per Lusitaniam et Indiam proseminandam, precibus impetrauit.

Cum enim Franciscus Xauierius, notissima sanctitate insignis in Indiam nauigasset, Simon Rodericus in Lusitania manens, coloniam illam primam Societatis instituit quae paulatim collegii nomen locumque obtinuit. Stabilitum est autem collegium hoc ab eodem Ioanne tertio, et postea ab Henrico rege reditibus amplificatum. Qui quidem rex ea magnificentia in illud moriens usus est, ut quingenta supra duo millia aureorum patribus testamento legauerit, ad nouam fabricam in accommodatiore loco exstruendam. Et in decliuiore aliquantulum tractu montis Diuae Annae, bonam muri partem, tresque turres aedificio conducentes assignauerit.

Descendamus iam ex [175] illa supremae arcis rupe ad aream Diui Andreae, offeretque se aspectui quintum regis palatium magnificentissimum, in quo olim Lusitani reges habitabant, deinde Academiae Olysipponensis locum obtinuit. Tandem mutata Academia ad aliam opportuniorem urbem, nomine Conimbricam, de qua nobis agendum est, perpetuae custodiae eorum qui uiolatae religionis rei facti sunt, applicatum est.

Hinc modico post interuallo disiuncta, se offerunt duo clara coenobia, alterum familiae Diui Eligii, non solum proprio opere, sed etiam uicinitate sexti regii palatii nobilitatum: alterum est familiae etiam Diui Augustini, eorum uidelicet patrum qui a populo canonici regulares appellantur. Vbi nec operis magnificentia, nec religiosorum patrum numerus, nec sacrae uestis apparatus, nec ullum aliud ornamentum deest. Decoratur uero praecipue bracchio integro Diui Sebastiani, quem ad pestilentiae malum arcendum peculiarem patronum Europaei inuocant.

Veniamus iam ad locum inferiorem aliquantulum, in quo publicus carcer idemque amplissimus collocatus est, in cuius superiori contignatione spatiosissima sunt atria iuridicendo designata. Ad quae Senatores grauissimi sapientissimique quotidie conuenientes, missas ex toto regno ab inferioribus magistratibus maioris momenti causas rectissime expediunt, et criminosos homines morte, exilio aliisque poenis mulctant. His autem omnibus litteratissimis uiris, quidam alius generis nobilitate et prudentia praecellens nomine regis praest, qui uulgari nomine regens dicitur, et in supremo tribunali sedens, quid senatoribus faciendum sit, praescribit, ac fere in eo honore habetur quo rex ipse, si praesens adesset.

Progrediamur ultra ad templum maximum Olysipponense operis profecto sumptuosissimi et uetustissimi, cuius capacissimum templum tres turres in altum editae intercipiunt: duae quidem latera primariae portae tenentes, tertia post sacellum maximum sita. Ornatur templum multis sacellis, iisque splendidissimis, in quorum maximo summa ueneratione reconditum est sanctissimum corpus Diui Vincentii

S. Vicente que foi transportado do Promontório Sacro[128] para Lisboa. E porque de Valência, onde obteve a palma do martírio, transportado num barco e acompanhado por corvos, este santo cadáver chegou não sem milagre àquele promontório, os lisbonenses, tomando-o como patrono, colocam a figura do barco e dos corvos no seu brasão[129].

Poderia falar dos rendimentos do Arcebispo de Lisboa [176] e de todo o cabido, dos paramentos e alfaias desta catedral, se ele não pudesse conjecturar-se facilmente da grandiosidade da cidade inteira e dos restantes templos.

Venhamos agora à igreja daquele santo de que Lisboa mais se gloria, a saber, Santo António, flor e ornamento da Ordem de São Francisco. Na verdade, a sua igreja, de fábrica não mediana, foi construída na mesma casa que o pai de Santo António e ele próprio habitaram, outrora, quando ele vivia, e, por isso, é objecto da maior veneração de todos os portugueses.

A parte posterior do edifício é ocupada por aqueles a quem podemos chamar «triúnviros» que, com outros magistrados, administram cuidadosamente os assuntos respeitantes ao bem comum da cidade e do povo.

Mais diria de Santo António, nado e criado em Lisboa, se não se oferecesse a oportunidade noutro lugar[130], quando falar de Pádua onde ele faleceu santamente.

Tenho consciência de ter omitido muitos lugares de não modesto nome, principalmente conventos de freiras e muitíssimos palácios da nobreza, mas a brevidade dos colóquios, as estreitezas do tempo e muitas outras circunstâncias que mencionarei no decurso da exposição, tornaram-me mais lacónico do que era justo.

LEÃO — O prazer destes passeios foi sem dúvida tão grande que não nos deixou fatigados ou enfastiados, mas repassados de satisfação, e o que é mais, suspensos da expectativa de mais ouvir. Mas agora é justo conceder ao nosso Miguel o repouso.

LINO — Por mim, considero-o digno não apenas de repouso mas também de louvor pela sua agradabilíssima narração.

Martyris, quod a promontorio Sacro Olysipponem translatum est. Et quoniam Valentia, ubi martyris palmam obtinuit, cymba uectum coruisque comitatum hoc sanctum cadauer, non sine miraculo, ad promontorium illud deuenit, Olysipponenses illum patronum suscipientes, cymbae coruorumque picturam in suis insignibus gestant.

Dicere possem de reditibus archipraesulis Olysipponensis, [176] et totius collegii, quod canonicorum uocant, sacra item ueste et supellectile huius templi maximi, nisi facile ex totius urbis reliquorumque templorum magnificentia coniicerentur.

Veniamus ergo ad templum illud eius diui quo maxime Olysippo gloriatur, Diui uidelicet Antonii Franciscanae familiae floris ac decoris. Cuius quidem templum non mediocris fabricae in iisdem aedibus exaedificatum est quas Diui ipsius Antonii pater et ipse uiuens olim incoluit, ideoque summa ueneratione ab omnibus Lusitanis colitur.

Harum aedium partem posteriorem occupant illi quos triumuiros appellare licet, et cum aliis magistratibus ea quae ad urbis populique commune bonum spectant accurate administrant.

Plura dicturus essem de Diuo Antonio Olysippone nato ac nutrito, nisi alio in loco, cum de Patauio dixero, ubi diem extremum felicissime obiit, opportunitas se offerret.

Scio me multa non exigui nominis loca, praesertim parthenones et dynastarum quamplurima palatia, silentio praetermisisse, sed colloquiorum breuitas, temporis angustiae aliaque multa in processu dicenda me breuiorem, quam par erat, reddiderunt.

LEO — Istorum sane itinerum iucunditas tanta fuit, ut nos non defatigatos aut fastidio affectos, sed mira suauitate perfusos delibutosque, immo plurimum audiendorum exspectatione suspensos reliquerit. Sed nunc aequum est ut quietem Michaëli nostro concedamus.

LINVS — Non quiete tantum, sed et laude iucundissimae narrationis dignum censeo.

[177] COLÓQUIO DÉCIMO SÉTIMO
Apresentam-se ainda os acontecimentos que se passaram em Lisboa, depois em Évora e Vila Viçosa; e chega-se ao reino de Castela, a Toledo e a Mântua dos Carpetanos ou Madrid.

LEÃO — Apresentaste-nos, a noite passada, ó Miguel, de maneira tão expressiva a figura de Lisboa que, quer acordado, quer a dormir, me parece que a via com os olhos. Mas continua ainda a falar mais e não receies fastio algum da audiência, pelo contrário, tem como certa e averiguada a avidez de ouvir mais coisas.

MIGUEL — Com certeza que nada menos temo que a vossa saciedade, mas impede-me e inibe-me a grandeza das coisas e a minha insuficiência para as explicar. Juntarei, todavia, alguma informação sobre o campo de Lisboa que é tão saudável e tão fértil de todos os frutos necessários à vida, que de modo algum se mostra inferior aos outros lugares da Europa, muito amenos e muito férteis.

Quanta, porém, é a variedade dos frutos nele produzidos, pode concluir-se por este único e admirável caso, a saber, que só num pomar foram encontradas setenta e seis variedades de pêra, segundo está escrito num livro digno de toda a confiança.

Ora, neste campo de Lisboa, há tantas residências de homens nobres que dificilmente podem contar-se. O perímetro deste campo é de trinta léguas no qual se encontram muitíssimas aldeias e vilas, pertencentes à jurisdição de Lisboa. E é enobrecido principalmente por alguns lugares onde os reis de Portugal quiseram pôr o alívio dos seus cuidados e o assento oportuníssimo dos seus prazeres e delícias. Entre eles são os mais célebres as vilas de Almeirim, Peralonga e Sintra[131], nas quais [178] se contemplam magníficos palácios, amplíssimas coutadas para caçar animais selvagens de todas as espécies, aviários cheios de aves quase infinitas, lagos a abarrotar de peixes sem conta, águas frescas que perenemente jorram com abundância, e tudo o mais que extraordinariamente deleita.

Todavia, a minha intenção é distribuir a descrição de todas estas coisas admiráveis em que a Europa abunda, por vários reinos e províncias. Por isso, tudo quanto posteriormente eu disser de casas de campo extraordinárias, planeadas para gozar os prazeres da natureza, creia-se que é dito, mais ou menos, destes lugares. De um só lugar do mesmo género, ou de qualquer outra

[177] Proponuntur adhuc ea quae Olysippone, deinde Eborae et Villauizosae acta sunt; et acceditur ad regnum Castellae, Toletum et Mantuam Carpetanam, siue Matritum. COLLOQVIVM DECIMVM SEPTIMVM.

LEO — Tam expressam, Michaël, nobis hesterna nocte Olysipponis formam proposuisti, ut siue uigilans, siue dormiens, eam oculis intueri mihi uisus fuerim. Sed perge adhuc plura ulterius dicere, nec auditorum fastidium aliquod reformides, immo auiditatem plura audiendi certam et exploratam habe.

MICHAEL — Nihil sane minus, quam uestram satietatem timeo, sed me impedit atque implicat rerum magnitudo, meaque indicendo tenuitas. Addam tamen aliquid de pago Olysipponensi, qui quidem ita saluber est et fructuum omnium ad uitam necessariorum ferax, ut aliis Europae amoenissimis et fertilissimis locis nequaquam cedat.

Quanta uero fructuum in eo sit uarietas, ex ea sola re admirabili coniicere licet, quod in unico tantum horto septuaginta sex pirorum genera inuenta fuisse, libro fide dignissimo sit mandatum.

In hoc ergo pago Olysipponensi tot nobilium uirorum uillae sunt, ut uix numerari queant. Eiusdem pagi ambitus triginta leucas continet, in quo quam plurima castella oppidaque ad Olysipponensem iurisdictionem pertinentia reperiuntur. Nobilitatur uero praecipue aliquibus locis, in quibus Lusitani reges curarum suarum leuamentum uoluptatumque et deliciarum opportunissimam sedem esse uoluerunt. Ex his celeberrima sunt oppida Almerinum, Peralonga et Sintra, in quibus ad habitandum [178] magnificentissima palatia, ad uenandas cuiuscumque generis feras amplissima saepta, infinitis prope uolucribus auiaria refertissima, piscibus innumeris stagna redundantia, aquarum abunde scaturientium gelidae perennitates, aliaque omnia ad oblectatione facientia mirabiliter spectantur.

Meus tamen animus est harum insignium rerum, quibus Europa floret, descriptionem in plura regna prouinciasque distribuere. Quapropter quidquid ulterius de insignibus uillis ad rusticana oblectamenta designatis dixero, de his etiam locis paulo plus minusue dictum credatur. Ex uno enim eiusdem generis loco, aut quauis alia re, omnium aliarum magnificetiam absque ullius offensione colligi uolo.

coisa que seja, quero que, sem ofensa de ninguém, se conclua a grandeza de todas as outras.

LINO — Procedes com prudência, Miguel, quando desejas satisfazer a todos, segundo o seu mérito, e evitar a má vontade de todos. Agora ficamos à espera de que nos digas o que vocês fizeram em Lisboa.

MIGUEL — Disse, atrás, que fomos visitar o ilustríssimo Cardeal Alberto que, em nome do rei Filipe, administra todo o Portugal e as terras que estão sob a sua jurisdição. Agora ouvi alguma coisa a seu respeito e com quanta boa vontade nos recebeu. Este ilustríssimo cardeal é filho do imperador Maximiliano e irmão de Rodolfo, ainda vivo, sobrinho de Filipe, rei de toda a Península Ibérica, por sua irmã. Ainda jovem, por ser dotado de extraordinária prudência e de outros dons da natureza e virtudes, o seu próprio tio pô-lo à frente de toda a administração de Portugal.

Ora este príncipe, dotado, como disse, de tão grande nobreza e dignidade, quer sacra quer profana, recebeu-nos com a maior benevolência e cortesia, segundo o que dele era de esperar. E governando ele, como disse, Portugal inteiro, e usando do aparato familiar e da criadagem, de que outrora faziam uso os reis de Portugal, foi para connosco de tanta afabilidade e boa vontade, que, tendo-o nós visitado três vezes no espaço dum mês aproximadamente, em que vivemos em Lisboa, sempre procedeu connosco com a maior amizade, nunca consentindo que lhe beijássemos a sagrada mão, costume e rito de veneração que observam todos na alta nobreza e magnates. E não foi só esta gentileza com que nos tratou, mas além de outras atenções, mandou frequentemente que nos cedessem o seu coche em que costuma ser transportado pela cidade, no qual percorremos os lugares famosos de Lisboa.

Por ele e pelos outros senhores europeus fomos de tal modo recebidos que bem mostraram o afecto que dedicam à nação japonesa.

LINO — Os europeus olham com amor o nosso povo? E eu que pensava [179] que eles mal tinham notícia do nome japonês!

MIGUEL — A tua opinião é completamente errada, caríssimo Lino! Deves pensar que o amor que tu acreditas existir nos corações dos padres da Companhia para connosco, esse mesmo eles acendem nos espíritos dos europeus para com o nosso povo, por meio das cartas que frequentemente enviam. Nessas cartas eles elogiam a nossa gente, a sua cortesia, os seus conhecimentos militares e sobretudo de tal modo exaltam a sua inclinação extraordinária para a fé cristã que, embora separados por uma enorme distância dos homens europeus que nunca vimos, eles nos estimam de maneira admirável.

LEÃO — O que acabas de dizer, muito nos anima e reconforta. É que, compreendendo nós algumas vezes que os padres da Sociedade que aqui habitam têm uma opinião menos favorável dos nossos costumes, era inteiramente de crer que das cartas enviadas pelos padres para a Europa mais incorrêssemos na crítica dos europeus do que conciliássemos o seu favor. Todavia, tu afirmas que é exactamente o contrário que acontece.

LINVS — Facis prudenter, Michaël, dum omnibus pro merito satisfacere omniumque inuidiam uitare cupis. Nunc ut quae a uobis Olysippone acta sunt, dicas, expectamus.

MICHAEL — Dixi superius nos adiisse clarissimum Cardinalem Albertum, qui nomine Philippi regis Lusitaniam totam, et ea quae sub eius iurisdictione sunt, administrat. Nunc de eo aliquid, et quam beneuole nos exceperit, auditote. Est clarissimus hic Cardinalis imperatoris Maximiliani filius, Rodulphique adhuc uiuentis frater, Philippi totius Hispaniae regis nepos ex sorore, quem adhuc adolescentem mira tamen prudentia, aliisque naturae et uirtutum donis praeditum, auunculus ipse toti Lusitaniae iurisdictioni praeposuit.

Hic igitur princeps cum tanta nobilitate, et dignitate tam sacra, quam profana sit praeditus, pro eo, ac eum decebat, nos benignissime humanissimeque excepit. Cumque, ut dixi, totius Lusitaniae gubernaculum tractet, et eo domestico famularique apparatu utatur quo olim Lusitani reges uti consueuerunt, tanta fuit in nos comitate et beneuolentia, ut cum ter ipsum inuiseremus unius fere mensis spatio quo Olysippone morati sumus, semper amantissime nobiscum egerit, nec sacram manum osculari fuerit passus, quem tamen morem uenerationisque ritum omnes dynastae et optimates obseruant. Nec uero solum ea humanitate in nos est usus, sed, praeter alia, lecticam suam curulem, qua per urbem inuehi solet, nobis frequenter commodari iussit, qua uecti celebria Olysipponis loca percurrimus. Et ita ab eo atque aliis Europaeis dominis fuimus accepti, ut amorem, quo Iaponensem nationem prosequuntur, facile significarent.

LINVS — Amore nostram gentem Europaei prosequuntur? At ego quidem uix nominis [179] Niponici eos notitiam habere existimabam!

MICHAEL — Falleris prorsus opinione, amantissime Line. Quem enim amorem in patrum Societatis animis erga nos esse credis, eundem etiam patres in mentibus Europaeorum hominum erga nostram gentem excitare per litteras frequenter missas, debes existimare. Quibus quidem litteris ita nationem nostram commendant, urbanitatemque rei militaris disciplinam, et praesertim ad Christianam fidem miram propensionem ita extollunt, ut longissimo locorum interuallo dissiti ab Europaeis hominibus, quos nunquam uidimus, mirifice diligamur.

LEO — Illud sane a te dictum nos magnopere recreat ac reficit. Cum enim aliquoties Societatis patres inter nos habitantes minus bene de nostris moribus sentire, intelligeremus, credibile prorsus erat, litteris a patribus ad Europam missis, potius nos in Europaeorum hominum offensionem incurrere, quam gratiam conciliare. Tu autem contra omnino se rem habere affirmas.

MÂNCIO — É inteiramente o que diz Miguel: com efeito, os padres da Companhia comportam-se como nossos pais e professores, e todas as vezes que connosco tratam, desejosos da nossa utilidade, não são os costumes relativos à vida política que eles nos censuram, mas os que colidem com a lei divina e a luz da natureza, porque viciosos, e com as palavras que podem os perseguem. Mas quando escrevem aos homens europeus sobre as coisas japonesas, não esquecidos do amor paterno, de tal modo lhes apresentam os dons da natureza e da actividade, em nós existentes, que calam inteiramente os vícios e os escondem. Daí acontece que das suas cartas chegadas à Europa, desonra alguma vem ao nosso nome, mas antes o maior louvor e glória.

MARTIM — De facto, de todas as nossas coisas cujo rumor chegou à Europa, nós compreendemos que é grande o amor dos padres da Companhia por nós, amor com que favorecem o que é nosso por forma tal que lhe juntam mais brilho e esplendor do que ele tem. Eis o que é fácil concluir da fama dos príncipes japoneses espalhada por toda a Europa. A tal ponto os feitos de Nobunanga[132], principalmente na guerra e na paz, se espalharam entre os homens da Europa, que nenhum outro homem da nossa gente poderá alcançar deles tão singular reputação.

JULIÃO — Que poderá dizer-se então da fama e celebridade do Quambacundono[133] que não podia ter encontrado nenhuns outros melhores pregoeiros e trombetas dos seus méritos, do que os padres da Companhia, graças a cujas epístolas acontece que a fama e glória do seu nome não tem limites menos dilatados [180] do que o curso do próprio Sol. E se ele o soubesse, sem dúvida que cumularia os padres de benefícios e presentes, em vez de acolher de boa vontade os falsos rumores que homens mal intencionados[134] espalham a respeito deles.

MIGUEL — Dizem bem os meus companheiros como quem, por acção e obras, experimentou a simpatia dos europeus para connosco e principalmente o amor como de pais dos padres da Companhia. Mas (para retomar o fio do discurso) os padres naquela casa dos professos de Lisboa, portaram-se para connosco, quando desembarcámos do navio, como se recebessem filhos muito caros, há muito esperados, salvos e incólumes da agitação violenta e dos perigos do mar.

Ora demorámo-nos em Lisboa vinte e cinco dias. E muitos mais lá ficaríamos, se o cuidado das nossas obrigações nos não incitasse a visitar o rei[135] e a beijar os santíssimos pés do Sumo Pontífice Gregório XIII.

Pedida, por isso, autorização ao cardeal Alberto, depois de nos despedirmos dos padres, partiu o padre Nuno Rodrigues à frente, por motivo de negócio. Nós, com o padre Diogo de Mesquita, nosso preceptor, tomámos o caminho de Roma a cinco de Setembro, com a intenção de, na mesma viagem, visitar Filipe, rei da Península Ibérica, que habitava em Madrid. Quis também o padre Sebastião de Morais, prepósito da província portuguesa da Companhia de Jesus, acompanhar-nos até à fronteira. Mais tarde, já consagrado bispo do Japão, como atrás disse, ao viajar para a Índia, morreu no caminho[136].

MANCIVS — Ita est prorsus, ut affirmat Michaël: Societatis enim patres erga nos parentum et magistrorum personam sustinent, quotiesque nobiscum agunt, utilitatis nostrae studiosi, mores non ad politicam uitam pertinentes, sed cum lege diuina et naturae lumine pugnantes, tamquam uitiosos, nobis exprobant et quibus possunt uerbis illos persequuntur. Cum uero ad Europaeos homines de Iaponicis rebus litteras mittunt, paterni amoris non immemores, ita illis naturae et industriae dona, quae in nobis sunt, proponunt, ut uitia prorsus reticeant et contegant. Vnde fit ut ex eorum litteris ad Europam perlatis nullum in nostrum nomen dedecus, sed potius summa laus et gloria redundet.

MARTINVS — Equidem ex omnibus rebus nostris quarum rumor ad Europam peruenit, intelleximus magnum esse patrum Societatis in nos amorem, quo res nostras ita commendant, ut plus etiam nitoris et splendoris, quam nostrae res habent, illis adiungant. Idque ex fama Iaponicorum dynastarum per totam Europam sparsa, facile licet colligere. Sic enim res praecipue in bello et in pace a Nobunanga gestae inter Europaeos homines percrebuerunt, ut nullus alius nostrae nationis homo tam singulare de illis praeconium ferre potuerit.

IVLIANVS — Quid uero dici potest de Quambaquundoni celebritate ac fama, qui nullos alios praestantiores suarum laudum praecones et buccinatores, quam patres Societatis poterat reperire, quorum epistulis fit ut nominis eius fama et gloria non [180] angustioribus, quam ipsius solis cursus finibus terminetur. Quod si ille cognosceret, absque dubio potius patres multis beneficiis muneribusque cumularet, quam falsos rumores a maleuolis hominibus de illis sparsos libenter exciperet.

MICHAEL — Recte loquuntur socii, quasi re ipsa atque opere Europaeorum hominum in nos amorem, patrumque praesertim uelut parentum caritatem experti. Sed (ut institutum cursum prosequar) patres in ea professorum domo Olysipponensi, non aliter nobiscum e naui descendentibus se gesserunt, quam si filios carissimos ex grauissima maris iactatione periculoque diu exspectatos saluos et incolumes recepissent.

Morati igitur sumus Olysippone uiginti quinque dies. Multo diutius ibidem permansuri, nisi nos ad inuisendum regem, Summique Pontificis Gregorii XIII sanctissimos pedes osculandos cura nostri muneris incitaret.

A cardinali igitur Alberto facultate impetrata, patribusque salute dicta, patre Nonio Roderico negotiorum causa praeeunte, cum praeceptore nostro patre Iacobo Mesquita, Romanum iter Nonis Septembris aggressi sumus, eadem uia Philippum Hispaniae regem, Matriti habitantem, conuenturi. Voluit item reuerendus pater Sebastianus Moralis Lusitanicae prouinciae Societatis Iesu praepositus, quem postea Iaponensem praesulem consecratum, in Indiam uenientem, diem obiisse in itinere superius dixi, nos usque ad Lusitaniae fines comitari.

Atravessámos, portanto, o rio Tejo, cuja travessia para a margem esquerda, para onde nos dirigimos, tem uma extensão de três léguas, e fizemos um percurso de alguns dias por uma província fertilíssíma de trigo e azeite, a província portuguesa do Alentejo, até chegarmos a uma vila chamada Montemor onde havia muitos cavaleiros portugueses. Esperava-nos já nesta vila um ecónomo do ilustríssimo arcebispo de Évora que este, sabedor da nossa chegada, mandara à frente receber-nos naquele lugar e tratar-nos o melhor possível, com um coche e outra bagagem doméstica. Procedeu ele conforme lhe pareceu que mais agradaria ao arcebispo, inexcedível na sua simpatia connosco, e na companhia do ecónomo partimos no dia seguinte para Évora, a cinco léguas de distância, e lá chegámos.

Évora é, a seguir a Lisboa, uma das três cidades mais importantes de Portugal: orgulha-se de Sertório[137], seu primeiro fundador e ilustre general dos romanos, e é nobilitada com muitos edifícios antiquíssimos e outros recentes. Não é meu propósito descrever cada parte da cidade; baste tê-lo feito na primeira cidade. [181] Em todo o caso, não omitirei que esta cidade é notável pela abundância da água, a que chamam de prata[138], a qual numa distância grande de mais de duas léguas fora da cidade, é a ela trazida por aquedutos.

E estes aquedutos, de notável construção, escondidos na terra por légua e meia, elevam-se lentamente dela, na restante meia légua. Graças a eles, entra na cidade uma tão grande quantidade de água que esta é distribuída abundantemente por quatro artísticas fontes, com muitas bocas, construídas em praças públicas, e que a mesma água é levada com abundância a todos os conventos de religiosos e mosteiros de freiras que têm nos seus claustros fontes próprias.

A mesma cidade honra-se de ter sido berço de alguns santos, principalmente São Vicente e duas irmãs, e também do mártir São Mâncio, de quem existe ainda um célebre monumento, a saber, a coluna a que, segundo contam, esteve ligado e foi morto por um tirano crudelíssimo com chicotadas e outros tormentos, obtendo a palma da vitória celeste.

Existe ainda, num mosteiro de virgens sagradas, uma estátua feita com muita habilidade que representa Cristo, Senhor nosso, ainda menino, a qual goza de grande veneração entre o povo, porque às preces diante dela feitas a Deus com ânimo religioso, Deus respondeu frequentemente, – segundo é fama – com a realização de muitos milagres, a uns libertando de doenças gravíssimas, a outros salvando de outros perigos de vida. E todos estes acontecimentos maravilhosos estão comprovados por pinturas muito exactas.

Além disso, podem ver-se nesta cidade edifícios magníficos e notabilíssimos, muitos sem dúvida, quer profanos, devido à multidão dos titulares portugueses que nesta cidade têm residência, quer ainda sagrados, pertencentes a religiosos, homens e mulheres.

Mas falarei apenas do colégio da Companhia que foi também a nossa residência. A sua construção deve-se ao santíssimo rei Henrique, por ordem de quem foi construído com grandeza, quando ele era arcebispo de Évora. Sendo vivos seu irmão

Traiecimus igitur Tagum fluuium, cuius Olysippone ad ulteriorem ripam, ad quam delati sumus, trium leucarum est transitus, fecimusque aliquot dierum iter per feracissimam frumenti et olei prouinciam Lusitaniae Transtaganam, donec ad oppidum nomine Montem Maiorem peruenimus, multis equitibus Lusitanis frequens. Opperiebatur iam nos in hoc oppido oeconomus quidam illustrissimi archipraesulis Eborensis, quem, ipse de nostro aduentu certior factus, nos in eo loco excepturum benignissimeque habiturum, cum lectica curuli aliaque domestica supellectili praemiserat. Fecit ille quidem iuxta id quod beneuolentissimo in nos praesuli gratum esse intellexit, et cum eo postridie profecti Eboram usque, quinque leucas inde distantem, peruenimus.

Est urbs haec, post Olysipponem, una ex tribus Lusitaniae praestantissimis: iactat se conditore primo Sertorio Romanorum claro duce, multisque uetustissimis aedificiis aliisque nouis nobilitatur. Non est mihi in animo eius singulas partes describere; id enim in prima urbe fecisse, [181] sufficiat. Non tamen praetermittam claram esse eam urbem, aquae, quam argenteam dicunt, ubertate, quae quidem longinquo spatio ultra duas leucas extra urbem aquaeductibus in eam inducitur.

Sunt autem aquaeductus egregii operis, leucam quidem cum dimidia sub terra reconditi, reliqua uero media paulatim sese exserentes. His ergo tanta aquae copia in urbem infertur, ut quattuor artificiosissimis fontibus in publicis areis confectis multaque ora habentibus uberrime diffundatur, eademque aqua cum omnibus religiosorum hominum coenobiis uirginumque parthenonibus peculiares fontes in suis peristyliis habentibus, abunde communicetur.

Ornatur eadem urbs aliquorum sanctorum ortu, praesertim Diui Vincentii, et duarum sororum, diui item Mancii martyris, cuius adhuc celebre monumentum exstat, columna uidelicet, ad quam religatus et a crudeli tyranno uerberibus aliisque tormentis confectus, palmam caelestis, uictoriae dicitur obtinuisse.

Est praeterea in parthenone quodam sacrarum uirginum statua quaedam ingeniosissime composita, Christi Domini adhuc pueri infantis formam repraesentans, quae in summa apud populum ueneratione est, quod precibus coram ea religioso animo ad Deum factis, Deus ipse, miraculis multis editis, saepe uotis supplicum optatisque responderit, quosdam e grauissimis morbis liberans, alios ex aliis uitae periculis eripiens. Quae omnia facta mirabilia certissimis tabulis sunt testata.

Videre praeterea licet in hac urbe magnifica et praeclara aedificia, quae sane multa sunt, tum profana, propter multitudinem dynastarum Lusitanorum qui in ea urbe sedem habent, tum etiam sacra religiosorum hominum ac feminarum.

Sed de collegio tantum Societatis eodemque nostro hospitio dicam. Fuit quidem illud a primis fundamentis iussu Henrici sanctissimi regis, dum munus archipraesulis Eborensis obtineret, magnificentissime exstructum. Cum enim rex hic sanctitate

mais velho, João terceiro, rei de Portugal, e muitos outros irmãos, Henrique, notável por sua santidade, consagrou-se à vida religiosa e foi eleito, primeiro, arcebispo de Braga, a seguir de Évora, e finalmente cardeal. Morto, porém, João terceiro e Sebastião, seu neto, sem filhos, o reino de Portugal coube a Henrique, e depois dele foi transmitido a Filipe, poderosíssimo rei de Espanha, por direito hereditário. Ora no exercício das suas funções de arcebispo de Évora, sendo ele muito dedicado aos padres da Companhia, o ilustríssimo Henrique [182] mandou edificar, com grandes gastos, o famoso Colégio, consagrado ao Espírito Santo.

Há nele muitas coisas digníssimas de lembrança, que exporei brevemente. E a primeira é que não se trata apenas do Colégio da Companhia, mas também duma Universidade pública, uma das duas de Portugal, na qual os padres ensinam aos jovens, que afluem de toda a parte, muitas disciplinas de Belas Letras e Cultura: além da língua latina, florescem os estudos de Filosofia e das duas Teologias, a saber, a que contempla a Divindade, e a que se ocupa dos costumes. E para maior frequência de ouvintes, e para um afã mais vivo no estudo das Belas Letras, o mesmo ilustríssimo Henrique instituiu algumas residências de estudantes, nas quais jovens em não menor número, que se dedicam uns à Filosofia, outros às duas Teologias, graças aos rendimentos por ele perpetuamente destinados e estabelecidos, são alimentados com fartura e esplendor. E esta prática enobrece não pouco esta Universidade e proporciona não mediano estímulo aos adolescentes estudiosos, assim que ao aprendizado das Belas Letras se dedicam com muito maior seriedade e perfeição.

A estrutura do Colégio pode chamar-se verdadeiramente régia, pelas muitas e notáveis obras que o exornam. Em primeiro lugar, por um amplíssimo claustro, com uma fonte de exímio lavor ao centro. No claustro, além da multidão das colunas, de mármore polido, podem ver-se salas de aula de grande capacidade, às quais afluem ouvintes variados, em grande número. Quanto à igreja, é de fábrica admirável, decorada não só de muitas capelas de um e outro lado, mas também extremamente variada com diversas figuras e imagens de santos, na parede direita e na esquerda, primorosamente pintadas. E estas pinturas, devido à sua preciosidade, nem sempre estão expostas, mas nos dias comuns são cobertas com panos, enquanto nos festivos e solenes se contemplam com a maior satisfação. Quanto às alfaias sagradas estão perfeitamente de acordo com a mesma magnificência da obra, quer se considerem os vasos de ouro e prata, quer os paramentos de multíplice forma e do mais elevado preço.

E que dizer dos interiores da residência dos padres, onde até um claustrozinho não menos magnífico, corredores muito convenientes com seus quartos para viver, a água corrente em abundância em muitos lugares, o refeitório de não pequenas dimensões e arte, finalmente todas as outras comodidades necessárias à vida de homens religiosos se encontram?

Os padres são mais de cento e vinte, providos de rendimentos com suficiente abundância também pelo mesmo rei Henrique. E toda esta [183] multidão não só

praecellens uiuentem haberet fratrem maximum natu Ioannem tertium Lusitaniae regem, aliosque multos fratres, sacris se addixit, et primum quidem Bracarensis archipraesul, deinde Eborensis, tandem Cardinalis est creatus. Mortuo uero Ioanne tertio, et Sebastiano eiusdem nepote absque liberis, ad Henricum Lusitaniae regnum deuenit, et post ipsum ad Philippum potentissimum Hispaniae regem est hereditario iure transmissum. Cum igitur clarissimus Henricus Eborensis archipraesulis munus obiret, patresque Societatis in primis [182] coleret, maximis sumptibus collegium illud Spiritui Sancto dedicatum aedificauit.

Habet illud quidem multa commemoratione dignissima, quae breuiter exponam. Primumque illud est, quod non solum Societatis collegium sit, sed etiam publica Academia, una ex duabus Lusitaniae, in qua multae optimae artes doctrinaque iuuentuti undique confluenti a patribus traduntur: praesertim uero ultra linguam Latinam, Philosophiae et utriusque Theologiae, eius uidelicet quae Diuina speculatur et eius quae de moribus agit, studia summopere florent. Vt autem maior esset auditorum frequentia et ad operam bonis artibus dandam ardor uehementior, idem clarissimus Henricus quosdam conuictorum conuentus instituit, in quibus iuuenes non mediocri numero, quidam Philosophiae, alii utrique Theologiae operam nauantes, reditibus ab eodem perpetuo ascriptis et stabilitis, laute et splendide aluntur. Quae quidem res non parum nobilitat eam Academiam, nec mediocres stimulos adolescentibus studiosis addit, ut multo impensius et accuratius ad bonas artes perdiscendas incumbant.

Collegii ipsius structura uere regia dici potest, multis namque et egregiis operibus exornatur. Primum quidem amplissimo peristylio, fontem eximii operis media sui parte continente, in quo, praeter columnarum ex perpolito marmore multitudinem, uidere licet capacissima gymnasia, ad quae uarii auditores magna frequentia conueniunt. Iam uero templum ipsum mirae profecto est fabricae, non solum multis sacellis utrimque decoratum, sed etiam uariis sanctorum figuris et imaginibus dextro laeuoque pariete apprime depictis, mirifice uariatum. Quae quidem picturae tamquam pretiosissimae non semper patent, sed communibus diebus linteis obtectae, festiuis solemnibusque iucundissime spectantur. Supellex uero sacra cum eadem operis magnificentia summopere conuenit, siue uasa ex auro et argento, siue multiplicis modi maximique pretii uestem consideres.

Quid dicam de interioribus patrum domiciliis? ubi etiam peristylium aliud non minus magnificum, pergulae cum cubiculis ad habitandum commodissimae, aqua multis in locis abunde profluens, cenatio non mediocris magnitudinis et artificii, denique omnes aliae ad religiosorum hominum uitam necessariae commoditates reperiuntur.

Patres numero sunt ultra centum et uiginti, reditibus etiam ab eodem Henrico rege satis affluenter donati. Quae [183] tota multitudo, non solum iuuentutem illam

instrui aquela juventude e toda a cidade excelentemente na piedade cristã e no conhecimento das coisas divinas mas também se exercita, por toda aquela região alentejana, em fazer sermões e outras actividades respeitantes à salvação das almas. Entrando, pois, neste colégio, na companhia do padre provincial de Portugal, além da alegria que experimentámos, à vista do colégio e dos padres, muitíssimo nos regozijámos com a presença do próprio arcebispo Teotónio[139] que, com ser da família real e tio do duque de Bragança, e abundar em rendimentos, certamente cinquenta mil cruzados anuais, a primeira coisa em que pensou foi visitar-nos imediatamente e congratular-se, muito satisfeito, com a nossa chegada. E durante sete dias, em que estivemos em Évora, mandou-nos diariamente as refeições, com a maior abundância.

Além de tudo isto, no dia consagrado à exaltação da Santa Cruz, convidou-nos à celebração daquele dia santo na catedral e a um jantar de família.

Foi extraordinária a solenidade daquele dia, com uma procissão pública, dizendo a missa o próprio arcebispo e fazendo o sermão o inquisidor. Este, enquanto falava, tomando pretexto da vitória da cruz, fez com tanta habilidade uma digressão para o tratamento das coisas japonesas e a celebração da nossa chegada, que encheu da maior alegria as almas de todos.

E que dizer da cortesia com que o ilustríssimo arcebispo, finda a cerimónia, nos conduziu ao jantar? da magnificência do jantar, digna de tal príncipe? da gentileza do mesmo arcebispo para com os pobres? Costuma ele, como então aconteceu, quando se senta à mesa, convidar para outra mesa doze pobres, onde tudo lhes é abundantemente servido pelos seus criados. Ele imita visivelmente, neste ponto, os antigos pontífices da religião cristã que tinham por costume ser clementíssimos com os pobres, e principalmente o Sumo Pontífice Gregório Magno[140], de quem se conta que, costumando caridosamente convidar para o almoço os pobres, algumas vezes recebeu os anjos, e uma ou outra vez até o Senhor dos anjos que se escondia sob as vestes dum pobre.

No caminho para o jantar, o mesmo arcebispo nos conduziu a ver a sua capela que, para não falar da elegância da obra e da sua decoração, estava ornamentada com relíquias de santos notáveis, muito bem apresentadas, que ele disse oferecer ao nosso Japão e guardá-las para no-las entregar no nosso regresso, como de facto fez.

Além disso, deu-nos quatro tapeçarias tecidas de seda e [184] ouro, num trabalho admirável, e ornamentadas de excelentes figuras. Elas revelavam um aparato verdadeiramente real e, se as não tivéssemos perdido no naufrágio duma nau que se partiu nos rochedos, podiam ser um grande exemplo para os nossos, da magnificência europeia.

Juntou ainda para as despesas da viagem duzentos e cinquenta cruzados. E quando regressámos, deu-nos ainda mais mil outros para que pudéssemos comprar alguns presentes belos e elegantes, para oferecer às nossas famílias. Enfim, foi para connosco de tanta generosidade, que com razão afirmarei que a sua memória ficou

ciuitatemque uniuersam optime ad Christianam pietatem rerumque diuinarum cognitionem instituit, sed etiam per totam illam Transtaganam regionem in contionibus habendis, aliisque ad salutem animorum attinentibus se exercet. Hoc ergo collegium ingressi socio patre prouinciali Lusitaniae, praeter laetitiam illam qua ex aspectu collegii patrumque sumus affecti, recreati fuimus magnopere praesentia ipsius archipraesulis Theotonii, qui cum sit ex regia familia Brigantinique ducis patruus, et amplissimis reditibus abundet, nimirum quinquaginta aureorum millibus quotannis, nihil potius esse duxit, quam ut nos statim inuiseret et de aduentu iucundissime gratularetur, et per septem dies, quibus Eborae fuimus, uictum quotidianum abundantissime ad nos mitteret.

Vltra quae omnia, die exaltationi Sanctae Crucis sacro, nos ad festum illum diem in templo maximo celebrandum et ad epulum domesticum inuitauit.

Mira sane fuit eius diei solemnitas, publica supplicatione habita, ipso archipraesule solemne sacrum faciente, criminum circa fidem inquisitore contionante, qui quidem inter contionandum, ex crucis trophaeo occasione captata, ita apte ad res Iaponicas tractandas nostrumque aduentum celebrandum digressus est, ut omnium animos summa iucunditate perfuderit.

Quid uero dicam de humanitate qua clarissimus archipraesul, peracto sacrificio, nos ad conuiuium perduxit? de huius conuiuii magnificentia, quae tali principe digna fuit? de eiusdem archipraesulis erga pauperes humanitate? Solet enim, quod eodem die fecit, dum ad mensam accumbit, duodecim pauperes ad aliam uocare, ubi ab eiusdem administris omnia illis abunde suppeditantur. Imitatur uidelicet ea in re antiquos Christianae religionis Pontifices, qui clementissimos se erga pauperes praebere consueuerunt, et praesertim magnum illum Gregorium Summum Pontificem, qui ad prandium inuitare pauperes benignissime sollicitus, nonnunquam angelos ipsos, interdum etiam dominum angelorum sub pauperis tegumento delitescentem dicitur excepisse.

Inito conuiuio idem archipraesul nos ad sacellum suum uidendum detulit, quod praeter operis ornamentorumque elegantiam, insignium sanctorum reliquis optime compositis erat decoratum, quas omnes se nostrae Iaponiae dono dare, et ad nostrum reditum tradendas, reseruare dixit, quod re ipsa praestitit.

Praeterea dedit nobis quattuor peristromata ex [184] serico et auro miro opere intexta, figurisque optimis ornata, quae sane regium apparatum prae se ferebant, et nisi eorum iacturam fecissemus naufragio cuiusdam nauis Indicae ab scopulos allisae, magnum profecto esse possent apud nostros Europaeae magnificentiae argumentum.

Addidit etiam ad itineris expensas ducentos et quinquaginta aureos, ultra quos mille alios redeuntibus donauit, quibus nonnullas Europae res pulchras atque elegantes emere et propinquis nostris dono dandas afferre possemus. Denique tanta fuit huius archipraesulis erga nos beneficentia, ut merito eius memoriam in nostris animis

profundamente gravada nos nossos corações, e posso garantir que todo o nosso Japão ficou reconhecido a tão benemérito príncipe e tão amigo das coisas japonesas.

Venho agora a uma terra, muito nobilitada pelo senhorio e presença do duque de Bragança. Chama-se Vila Viçosa que em português quer dizer «amena e agradável». Para lá partimos de Évora, a dezoito das Calendas de Outubro[141], conduzidos na carruagem do próprio arcebispo, para visitarmos o duque de Bragança, seu sobrinho, filho de seu irmão.

Este duque de Bragança é muito célebre em Espanha, por causa da comunhão de sangue, que dos dois lados existe com os reis de Portugal. Com efeito, além de que do lado paterno descende de João I, rei de Portugal, do lado materno está ainda mais perto da estirpe real, porque Catarina, sua mãe, é neta do rei Manuel e prima direita de Filipe, rei de Espanha. A esta nobreza de sangue junta-se o património riquíssimo do duque, proveniente de rendimentos amplíssimos que ele possui por herança de antigos avós, aumentada e conservada. Os seus rendimentos anuais estão calculados em cem mil cruzados ou mais ainda.

Quanto ao recheio de sua casa, em que sempre os seus antepassados puseram o maior interesse, é tão elegante, tal e tanto o aparato dos criados que não parece comportar-se como um duque dependente dum rei, mas como inteiramente livre e independente.

Por isso, com todos estes recursos de que falei, de tal modo sobressai sobre os outros, que é contado como o primeiro entre os titulares de Portugal.

Ora este duque, informado por mensageiros da nossa chegada, à semelhança de seu tio, mandou-nos também um coche que nos conduzisse à vila. E logo que chegámos, dirigimo-nos a um templo onde o duque, em pessoa, com a multidão dos nobres, estava à nossa espera [185]. Neste lugar, vindo à porta do templo, recebeu-nos muito gentilmente e com toda a consideração convidou-nos à cerimónia sagrada que devia celebrar-se solenemente. Que vos direi da suavidade e melodia do canto com que aquela cerimónia foi celebrada? E da variedade dos instrumentos musicais? E finalmente, do precioso ornato das vestes sagradas? E tudo isto ostentava uma magnificência própria não apenas de um duque, mas até de um rei. Que vos contarei também do lautíssimo e preciosíssimo aparato com que, terminada a cerimónia, fomos recebidos no palácio do duque? Onde, em primeiro lugar, por vontade do duque, visitámos a ilustríssima princesa Catarina, neta do rei Manuel, mãe do mesmo duque, que nos recebeu certamente com não menor amor do que se tivessem ido vê-la quatro filhos, chegados dum lugar longínquo.

Depois, deu início o próprio duque a um banquete lautíssimo e cheio de aparato, no qual admirámos muito as diversas iguarias, os vasos de ouro e de prata e a restante baixela preciosíssima, a tal ponto que mesmo o caldeirão onde a baixela de prata era lavada, era feito de excelente prata. Isto para não falar de outras provas duma magnificência inteiramente régia.

penitus insculptam esse affirmauerim, totamque nostram Iaponiam illi tam benemerito principi tamque Iaponicarum rerum studioso deuinctam esse asseuerem.

Venio nunc ad alterum oppidum ducis Brigantini dominatu ac praesentia ualde nobilitatum. Est autem nomine Villauizosa, quod Lusitane amoenum et delectabile sonat. Ad quod Ebora profecti sumus decimo octauo Calendas Octobris, ipsius archipraesulis lectica curuli uecti, Brigantinum ducem eius ex fratre nepotem inuisuri.

Dux hic Brigantinus in Hispania celeberrimus est propter communionem sanguinis quae illi utroque genere cum regibus Lusitaniae intercedit. Nam praeterquam quod paternum genus a Ioanne primo huius nominis Lusitaniae rege ducit, materno adhuc propinquius regiam stirpem attingit. Catharina enim eius mater Emmanuelis regis Lusitaniae neptis est, et Philippi Hispaniae regis soror patruelis. Ad hanc sanguinis nobilitatem accedit huius ducis locupletissimum patrimonium, ex amplissimis reditibus conflatum, quod iam inde ab antiquis auis traditum possidet auctumque conseruat. Reditus autem annui, quos colligit, centum aureorum millibus et eo pluribus aestimantur.

Iam uero domus ipsius supellex, cuius semper eius maiores fuerunt studiosissimi, ita elegans est talisque ac tantus famularis apparatus, ut non ducem regi subiectum, sed liberum omnino atque immunem gerere uideatur.

Quapropter his omnibus ornamentis a me commemoratis ita excellit, ut inter omnes Lusitaniae dynastas primo loco numeretur.

Hic igitur dux cum iam per nuntios accepisset nos aduentare, patruum suum imitatus, lecticam etiam curulem ad nos misit, qua ad oppidum usque ueheremur. Quod cum primum ingressi sumus, templum quoddam petiuimus, ubi dux ipse cum omni nobilium turba nos praestolabatur. [185] Quo in loco ad fores templi accedens, nos benignissime excepit, et ad sacrum, quod solemniter faciendum erat, honorificentissime inuitauit. Quid ego uobis de suauitate et melodia cantus, quo sacrum illud celebratum est, dicam? Quid de instrumentorum musicorum uarietate? Quid denique de sacrarum uestium pretioso ornatu? Quae omnia non ducis tantum, sed regiam etiam magnificentiam ostentabant. Quid etiam referam de lautissimo et pretiosissimo apparatu quo, post sacrum factum, intra ducis palatium excepti sumus? Vbi primum, ita uolente duce, Catharinam illustrissimam principem Emmanuelis regis neptem, ipsius ducis matrem, inuisimus, quae profecto non minori nos amore accepit, quam si quattuor filii e longinquo loco uenientes ipsi occurrissent.

Postea conuiuium a duce ipso lautissime et apparatissime nobiscum initum est, cuius uarias epulas, uasa aurea atque argentea, reliquique pretiosissimam supellectilem summopere demirati sumus; adeo, ut ipsamet peluis qua lances argenteae abluebantur ex optimo argento confecta esset. Vt interim omittam alia regiae plane magnificentiae argumenta. Pomeridiano tempore post alias uoluptates et oblectamenta, uoluit Catharina

Depois de almoço, em seguida a outros prazeres e distracções, quis D. Catarina, a mãe do duque, ver-nos de novo vestidos com os nossos fatos japoneses e passar uma parte da tarde em familiar colóquio connosco. Ficou satisfeitíssima, ao ver os fatos japoneses e ao ouvir falar do Japão, de modo tal que no seu rosto, como se fora um índice certíssimo do seu coração que se abrasava em piedade cristã, nós quase observámos o desejo ardente de converter todo o nosso Japão à religião cristã.

E ainda revelou não pouco quanto era inclinada às coisas japonesas, quando mandou que lhe fossem levados os nossos fatos e pelo seu modelo fez confeccionar outros elegantíssimos para o seu filho segundo, chamado Duarte, e no dia seguinte amavelmente nos convidou a vermos um nobre adolescente japonês. Quando eis que, estando nós presentes, entrou seu filho Duarte, muito bem vestido à japonesa, e a todos os que o observávamos divertiu imensamente[142].

Quis ainda o duque distrair-nos com uma festa campestre, e levou-nos a uma sua coutada larguíssima, onde tem animais selvagens variados, indo em nossa companhia cento e cinquenta cavaleiros. Muito nos divertimos não só com a caça aos animais selvagens e o regozijo da sua presa, mas também com o jogo equestre das laranjas e com observar a extraordinária agilidade dos cavalos [186].

Depois destas e outras demonstrações semelhantes de simpatia, dissemos adeus ao duque, a sua mãe e a toda a família e recebemos duzentos cruzados, oferecidos por ele, para as despesas de viagem e outros presentes que testemunhavam o seu afecto. E aqui declaramos que estamos obrigados por vínculo perpétuo de benefício a estes dois senhores, isto é, ao arcebispo de Évora e ao duque de Bragança.

Partimos de Vila Viçosa a catorze das Calendas de Outubro[143], atravessámos Elvas, vila de Portugal, e *Pax Augusta*, em vulgar Badajoz, outra cidade de Castela, que fica no território de Mérida, e cinco dias depois, isto é, a nove das Calendas de Outubro[144], chegámos com satisfação ao celebérrimo mosteiro de religiosos da ordem de São Jerónimo, cujo templo é dedicado à Santíssima Virgem e tem o nome de Guadalupe.

Ora este mosteiro é celebrado em Espanha, por muitas razões, quer pela grandeza dos edifícios, quer pela vastidão dos rendimentos, quer ainda principalmente, por causa da frequência dos milagres que Deus Óptimo Máximo, pelas preces da Beata Virgem, neste lugar se digna publicar. Estes milagres são não só confirmados pelos numerosos testemunhos, mas também foram transmitidos à posteridade, desde há muito, por inúmeros e variados sinais e quadros que no templo estão dependurados, e todos os dias novos outros são vistos por testemunhas oculares.

Por este motivo, os reis e titulares de toda a Espanha exornaram aquele templo de muitas e variadas ofertas. Daí resulta que é extraordinária a magnificência do templo e das suas alfaias sagradas, e que continuamente cinquenta candeeiros de prata estão iluminados diante da imagem da Beata Virgem.

Aqui, depois de nos confessarmos e consumarmos os divinos ritos, continuámos a viagem e chegámos a Toledo, a metrópole do reino toledano ou Castela-a-Nova. Esta cidade é vetustíssima e notabilizada por vários motivos, e nela têm os padres da Companhia a casa professa e o colégio dos estudantes.

ducis mater nos Iaponicis uestibus indutos iterum conspicere, et aliquam uespertini temporis partem familiari colloquio consumere. Recreata est illa quidem mirum in modum Iaponicis uestibus conspectis Iaponiaeque rebus auditis, ita ut eius ardens studium totius nostrae Iaponiae ad religionem Christianam traducendae ipso uultu, quasi certissimo indice pectoris Christiana pietate flagrantis, paene intueremur.

Nec uero parum significauit quantopere ad res Iaponicas esset propensa, cum uestes nostras ad se deferri iussit, et ad earum exemplum quasdam alias elegantissimas filio suo secundo nomine Eduardo confici, et postridie, ut Iaponicum quendam nobilem adolescentem uideremus, benignissime inuitauit. Cum ecce nobis presentibus Eduardus eius filius Iaponicis uestibus egregie indutus in medium prodiit, mirificeque omnes spectantes exhilarauit.

Praeter haec, uoluit dux rusticana nos oblectatione recreare, et in saeptum quoddam latissimum, quod habet uariis feris frequentatum, detulit, centum et quinquaginta equitibus comitatus, ubi non solum ferarum uenatu iucundissimaque praeda, uerum etiam malorum Medicorum equestri ludo, equorumque mira agilitate conspecta, uehementer [186] sumus recreati.

Post has atque alias similes amoris significationes, duci, matri totique familiae salutem diximus, ducentosque aureos ab ipso dono datos ad itineris sumptus, aliaque dona amorem testificantia accepimus. Nosque his duobus dominis, archipraesuli uidelicet Eborensi et Brigantino duci, perpetuo beneficii uinculo obligatos esse testamur.

Villauizosa profecti decimo quarto Calendas Octobris, Eluam oppidum Lusitaniae et Pacem Augustam, uulgo Badaios, aliam urbem Castellae, quae in Meritensi pago est, transiuimus, et quinto post die, nono uidelicet Calendas Octobris, ad celeberrimum coenobium reliogiosorum ex Diui Hieronymi familia, cuius templum Beatae Virgini dedicatum est, et ab Aqualupi cognomen habet, laeti peruenimus.

Est autem hoc coenobium multis nominibus in Hispania nobilitatum, tum propter operis magnitudinem, tum propter redituum amplitudinem, tum uel maxime propter miraculorum frequentiam, quae Deus Optimus Maximus Beatae Virginis precibus in eo loco edere dignatur. Quae non solum multorum testimoniis confirmata, uerum etiam multis uariisque signis et tabulis in templo appensis, iam a multo tempore posteris sunt prodita, et noua quotidie ab oculatis testibus spectantur.

Ea de causa Hispaniae totius reges et dynastae templum illud multis uariisque donis exornarunt. Ex quo factum est ut mira sit templi illius supellectilisque sacrae magnificentia, et assidue quinquaginta lampades argenteae coram Beatae Virginis imagine ignem conseruent.

Hic animorum maculis confessione expiatis diuinisque rite peractis, ulterius progressi sumus, et Toletum, Toletani regni siue Castellae Nouae, metropolim peruenimus. Est autem urbs haec tum uetustissima, tum uariis rebus admodum insignita, ubi Societatis patres domum professorum collegiumque scholasticorum habent.

Há nela muitos e variados edifícios, dos quais se contam sessenta e ainda mais templos das várias ordens religiosas, e oito hospitais. A todas estas construções supera a massa extraordinária da catedral, que além de cinco partes ou edifícios que se distinguem pelos seus telhados, tão grande é a amplidão dos seus lados que, além da capela-mor, e daquela que costuma chamar-se a capela dos reis, contém vinte capelas de um e outro lado, cada uma das quais pode considerar-se um templo não pequeno. Daqui podeis compreender a vastidão de todo o templo. À mole capacíssima deste templo [187] se acomoda a capela-mor, cuja tábua sagrada do altar é pintada e decorada com tais imagens que nunca vimos nada superior. A este respeito e propósito, bem podemos crer que grande quantidade de ouro foi gasta nesta obra.

Ao altar-mor adorna maravilhosamente um escrínio sagrado em que se guarda a Santa Eucaristia, cuja obra é decerto digna de admiração. Sobre a sua porta está colocada uma imagem da Beatíssima Virgem com o seu dilecto filho nos braços, por cuja invocação muitos milagres aí se realizam. Por isso, as almas de todos lhe guardam a maior piedade e oito lâmpadas de prata luzem na sua presença com um fogo contínuo. Da mesma obra, ficai sabendo, são também todas as restantes capelas, principalmente a que é chamada dos reis, na qual costumavam ser sepultados os antigos reis de Castela.

Há ainda neste templo um notável coro, ornamentado de numerosíssimos cadeirais onde costumam sentar-se os cónegos para recitar as preces sagradas. Cada um destes cadeirais é feito com tal arte que cada peça destas está calculada em mil cruzados. São ao todo setenta e quatro, dispostos por sua competente ordem.

Que vos hei-de eu dizer das alfaias sagradas daquele templo, dos vasos, cruzes, caixas de relíquias e outras obras feitas de ouro e prata? Entre elas conta-se uma famosa custódia em que é transportada a Santa Eucaristia nas procissões públicas. É de tal grandeza que para a transportar num andor são necessários vinte sacerdotes, e está coberta de tantas pérolas e pedras preciosas, que dificilmente pode calcular-se o seu preço.

Juntai a estas maravilhas uma torre de notável feitura, com sete andares, na qual estão colocados sinos, fundidos a partir duma rara liga de metais. Os sinos são onze e entre eles conta-se um notável pelo seu perímetro que completa quarenta e seis palmos. Finalmente, esta catedral de Toledo está incluída entre as mais célebres da Europa e tem-se como certo que na sua construção se gastaram mais de mil milhões de reais[145]. E abunda em tantos sacerdotes e ministros do culto divino, que é incrível o seu número. Por outro lado, tão amplos são os rendimentos que, entre os que se distinguem por uma dignidade peculiar, se encontra quem receba vinte e cinco mil cruzados anuais, e o próprio arcebispo acumula duzentos mil e exerce não apenas o poder eclesiástico mas também o profano sobre muitas povoações. Daí que não é de admirar que este templo seja enriquecido com tantas e tão preciosas [188] obras.

Nesta cidade de Toledo demorámo-nos vinte dias, impedidos que fomos por uma doença que me acometeu, e vimos algumas outras obras públicas, de que apenas mencionarei duas.

Sunt in ea multa uariaque aedificia, inter quae numerantur sexaginta et eo plura templa uariorum religiosorum, ac octo nosocomia. Quorum omnium structuram superat templi maximi moles admirabilis, quae praeter quinque partes, siue receptacula suis tectis distincta, tanta est laterum amplitudine, ut ultra sacellum maximum, aliudque quod regum dici solet, uiginti hinc atque inde sacella contineat, quorum singula non parua templa dici possunt. Vnde totius templi uastam magnitudinem colligere potestis. Ad huius autem templi capacissimam molem accommodatum [187] est sacellum maximum, cuius arae sacra tabula talibus est depicta et exornata imaginibus, ut nihil supra fuerimus intuiti ad hanc materiam pertinens; meritoque crediderimus ingentem auri summam in eo opere fuisse expensam.

Eandem maximam aram mirifice exornat sacrum scrinium, quo Sancta Eucharistia asseruatur, cuius opus admirabile profecto est. Supra portam eius collocata est quaedam statua Beatissimam Virginem cum dilecto filio bracchiis excepto referens, cuius nomine inuocato multa ibi miracula patrantur. Ideoque omnium animi summa quadam pietate sunt erga illam affecti, et continenti igne ante eam octo argenteae lampades lucent. Eiusdem operis scitote etiam esse reliqua omnia sacella, praesertim illud quod regum dicitur, in quo antiqui Castellae reges sepeliri consueuerunt.

Est praeterea in hoc eodem templo insigne quoddam odeum quamplurimis sellis decoratum, in quibus canonici recitandis sacris precibus intenti sedere solent. Quarum singulae ita sunt affabre confectae, ut uniuscuiusque opus mille aureis sit aestimatum. Quae omnes quattuor supra septuaginta sunt, recto ordine dispositae.

Quid uobis referam de illius templi sacra supellectile, de uasis, crucibus, reliquiarum thecis, aliisque operibus ex auro et argento confectis? inter quae celebratissima est pixis quaedam, qua Sancta Eucharistia in publicis supplicationibus defertur. Haec tantae est magnitudinis, ut ad eam lectica gestandam, uiginti sint necessarii sacerdotes, totque unionibus et margaritis est circumtecta, ut uix eius pretium aestimari possit.

Illis adiungite turrim egregii cuiusdam operis, septemque contignationum, in qua collocata sunt tintinabula egregia metallorum commistione conflata, quae undecim numerantur, atque inter ea quoddam est insigne, cuius ambitus quadraginta et sex palmos explet. Denique templum hoc maximum Toletanum inter celeberrima totius Europae computatur, et plusquam millies sestertium in eius structura consumptum esse pro comperto habetur, totque sacerdotibus diuinarumque rerum ministris abundat, ut incredibilis sit eorum multitudo. Tam ampli uero sunt reditus, ut inter eos, qui dignitate peculiari praestant, reperiatur qui uiginti quinque millia aureorum quotannis recipiat, et ipse archipraesul ducenta millia colligat, nec solum sacram potestatem, uerum etiam profanam in multa oppida exerceat. Vnde fit ut non sit mirum, templum hoc tantis tamque [188] pretiosis operibus esse locupletatum.

In hac Toletana urbe uiginti dies sumus morati, morbo uidelicet, in quem ipse incidi, impediti, et nonnulla alia publica opera uidimus, de quorum duobus tantum mentionem faciam.

Uma é a obra de algumas admiráveis condutas de água, por meio das quais, como que contra a natureza, a água do famoso rio Tejo, de que atrás falei a propósito de Lisboa, é, de certa maneira, forçada a subir a uma praça altíssima que dista quatrocentos e cinquenta palmos da margem do rio. Em primeiro lugar, foram lançadas umas amplíssimas escadas, da margem do rio até àquela praça, nas quais se apoiam, sobre traves, condutas de bronze para a água, de forma tal que recebem a água num lugar mais amplo e a transmitem a seguir por tubos menores. Estão dispostas por tal ordem, e fixas por meio de articulações e ligadas entre si na parte inferior com cadeias de ferro por tal forma, que todas as vezes que a que está mais baixo, na margem do rio, recebe a água com o seu movimento e a transmite à superior, as restantes se movem, por sua ordem, e transmitem à superior a água recebida das inferiores, até que ela se dirige ao ponto mais alto.

Ora toda esta máquina se move com duas rodas que estão na parte mais baixa junto à margem do rio e está protegida pelo seu tecto de maneira que nenhuma inclemência do tempo pode perturbar de modo algum a ordem desta obra, digna verdadeiramente de rei.

Há ainda outra obra insigne, a de um relógio, composto com arte admirável, que com cerca de quatro palmos apenas de altura imita maravilhosamente todos os movimentos dos orbes celestes, os encontros das estrelas errantes, as oposições, os eclipses e outras coisas semelhantes, de maneira que não lhe faltam nem os movimentos contrários da primeira esfera, nem o da oitava que vulgarmente se chama trepidação, nem os cursos dos sete planetas com a variedade das horas do Sol e da Lua, nem finalmente o nascimento e o ocaso dos doze signos do zodíaco. Aí, portanto, podemos ver a primeira esfera que completa o seu curso num só dia, a órbita de Saturno em quase trinta anos, o Sol num ano inteiro, a Lua num mês e os restantes orbes celestes que realizam os cursos próprios nos seus tempos fixos, de tal jeito que não há no céu movimento, daqueles que os astrónomos observam, que nesta obra se não exprima, designando com o maior engenho e precisão o espaço dos anos, meses, e dias, usando ainda o número áureo e a letra dominical que cai em cada ano. Toda esta obra consta de mil e oitocentas pequenas esferas, construídas com tal artifício, que a fábrica de nenhuma delas [189] se repete numa outra. Foram gastos vinte anos na sua concepção e três anos e meio na sua realização, com incrível admiração dos que o contemplam. Das duas maravilhas, a saber, a conduta da água e a fábrica do relógio, que rivalizam entre si em inaudito artifício, foi autor um italiano Janello Turriano Cremonense[146], famoso em toda a Europa e magnificamente recompensado com o prémio do seu engenhoso trabalho, pelo imperador Carlos V e por Filipe, rei de Espanha, seu filho.

LEÃO — Tudo isso, que tu recordaste nos causa a maior admiração e sem dúvida nos persuades do extraordinário engenho dos homens europeus e da beleza e magnificência das suas obras. Duvido, todavia, de como terá podido acontecer que um artífice, pela força da sua reflexão e inteligência, alcançou a execução dessas obras.

Alterum est opus quorumdam mirabilium aquaeductuum, quibus, natura ueluti repugnante, aqua Tagi fluminis celebratissimi, de quo superius mentionem feci cum de Olysippone agerem, ad altissimam urbis aream, quae quadrigentis et quinquaginta palmis a ripa fluminis distat, cogitur quodammodo conscendere. In primis enim productae sunt quaedam amplissimae scalae a margine fluuii usque ad illam aream, supra quas trabibus insertis aquaeductus illi aerei fulciuntur, eius quidem formae, ut ampliori loco aquam recipiant, postmodum tubulis illam mittant. Eo autem ordine sunt dispositi, sublicisque adhibitis uertebris infixi inter se uero ita subtus catenis ferreis connexi, et colligati, ut quoties infimus, qui ad ripam fluminis est, motu suo aquam recipit, et in superiorem mittit, reliqui etiam seruato ordine moueantur, et ab inferioribus receptam aquam in superiores transmittant, quousque ad fastigium illius loci deriuetur.

Haec autem tota machina duabus rotis, quae in infima parte sunt ad fluminis ripam, mouetur, et ita tecto suo uelata est, ut nulla caeli iniuria ordinem huius operis, quod uere regium est, perturbare ulla ex parte possit.

Est et aliud insigne opus cuiusdam horologii, admirabili arte compositi, quod cum altitudine quattuor fere palmos uix expleat, omnes caelestium orbium conuersiones errantiumque siderum concursus, oppositiones, defectus aliaque similia ita mirabiliter imitatur, ut nec primae sphaerae motus contrarii, nec octauae ille qui uulgo trepidationis dicitur, nec septem planetarum cursus cum solis, lunaeque horarum uarietate, nec denique duodecim zodiaci signorum ortus occasusque desiderentur. Ibi igitur uidere licet primam sphaeram die unico, Saturni orbem triginta prope annis, solem anno integro, lunam mense acto, reliquosque alios caelestes orbes suis statis temporibus cursus proprios conficientes; adeo ut nullus sit in caelo motus ex iis quos astronomi contemplantur, qui eo opere ingeniosissime et certissime annorum, mensium dierumque spatio designato non exprimatur, adhibito etiam aureo numero, dominicique diei littera in singulos annos incidente. Hoc autem totum opus mille et octingentis sphaerulis continetur, quae eo artificio sunt confectae, ut nullius fabrica [189] secundo fuerit repetita. Excogitatum uero est uiginti integris annis, et postea tribus cum dimidio incredibili spectatorum admiratione perfectum. Vtriusque aquaeductus, uidelicet horologii et fabricae quae sane inter se de inaudito artificio certant, auctor fuit Italus quidam Iannellus Turrianus Cremonensis, fama per totiam Europam notissimus, et ab imperatore Carolo quinto et Philippo Hispaniae rege eius filio operosissimi laboris praemio magnificentissime donatus.

LEO — Ista quidem omnia a te commemorata in maximam nos admirationem traducunt, Europaeorumque hominum mirum ingenium, rerum uero ornatum, magnificentiamque facile persuadent. Dubito tamen qui fieri potuerit ut artifex cogitationis et intelligentiae ui istorum operum structuram assequeretur?

MIGUEL — Essa dúvida, Leão, de todo seria varrida do teu espírito, se conhecesses absolutamente a inteligência dos homens europeus, graças à qual acontece que são realizadas com êxito coisas que parecem incríveis. Mas esta opinião das coisas europeias inculcar-ta-ão melhor os exemplos que no desenrolar dos colóquios serão mencionados.

Muitas outras maravilhas da real cidade de Toledo podiam ser apresentadas, uma vez que também ela é cumulada de tudo aquilo que exorna todas as cidades mais nobres da Europa. Todavia, do que atrás dissemos a respeito de Lisboa, facilmente podeis fazer uma conjectura do que omitimos.

Não esquecerei nesta altura a honra e benevolência insigne de que nos rodeou o ilustríssimo varão Juan Mendoza, então arcebispo da igreja de Toledo, hoje distintíssimo cardeal, todo o tempo que estivemos em Toledo. Na verdade, não só nos visitou muitas vezes, e nos conduziu a vários lugares célebres e admirados da cidade, pondo à nossa disposição o seu coche, mas também nos convidou a participar do jantar familiar em sua casa que ele tem mobilada com a pompa e ornato que convêm a tão nobre e ilustre varão. Ele pertence, com efeito, à ilustríssima casa dos duques do Infantado, e o seu irmão que agora é o duque, ocupa também lugar entre os mais poderosos e os mais ricos titulares de Espanha. Este nobilíssimo varão tratou-nos com tanta simpatia que nos confessamos ser-lhe perpetuamente gratos e reconhecidos. Por este motivo, estando nós no porto de Macau, quando soubemos que ele tinha sido incluído, pelo papa Sisto V, com alguns mais de que adiante falaremos, no número dos cardeais, sentimos não pequena alegria.

Vieram visitar-nos ainda muitos outros nobres e magnates da mesma cidade [190] que deram provas da sua profunda simpatia por nós. Mas não posso explicar com palavras o amor paterno para connosco dos padres da Companhia que vivem na casa professa, porque na desagradável doença de sarampo de que sofri, a qual entre nós japoneses costuma causar um grave fastio, tão diligente e afectuosamente ministraram tudo o que era necessário, chamando os melhores médicos, que não consegui diferençá-los dos meus próprios pais.

Ora, além da casa professa, há ainda um colégio da Companhia na mesma cidade, edificado poucos anos antes pelo ilustríssimo arcebispo de Toledo, Gaspar Quiroga, igualmente cardeal distintíssimo. E sendo grande a simpatia de que a Companhia desfruta, porque ele compreendeu que dela resulta fruto que sumamente a todos beneficia, construiu generosamente outro colégio em Talavera, vila que também atravessámos.

Depois que convalesci da doença a que atrás me referi, no décimo quarto dia antes das Calendas de Novembro[147], partindo daquela cidade chegámos no dia seguinte a Mântua Carpetana ou Madrid, vila régia, na qual está a corte muito célebre do poderosíssimo Filipe, rei de Espanha.

MICHAEL — Dubitatio ista, Leo, omnino tibi ex animo tolleretur, si Europaeorum hominum intelligentiam tam multis artibus excultam omnino cognosceres, qua fit ut ea quae incredibilia uidentur ad exitum perducant. Sed hanc de Europaeis rebus opinionem inculcabunt melius quae in progressu colloquiorum dicentur.

Multa alia de Toletana urbe regia dici possent, cum iis omnibus, quae nobilissimas quasque Europae urbes exornant, sit cumulata. Ex iis tamen quae de Olysippone iam diximus, facile coniecturam illorum facere potestis.

Non praetermittam hoc loco honorem beneuolentiamque illam, qua illustrissimus uir Ioannes Mendonza, tunc Toletanae ecclesiae archidiaconus, nunc uero clarissimus Cardinalis, toto eo tempore quo Toleti fuimus, nos prosecutus est. Hic enim non solum nos saepe inuisit, et ad uaria loca urbis celebria mirabiliaque deduxit, lecticam suam curulem nobis commodans, uerum etiam ad domesticum conuiuium domi ineundum inuitauit, quam ille ea pompa, et ornatu instructam habet, quae tam nobilem clarumque uirum decet. Est enim ex illustrissima familia ducum Infantati, fraterque eius qui modo ducem gerit et inter potentissimos locupletissimosque Hispaniae dynastas locum habet. Ab hoc ergo nobilissimo uiro tam beneuole habiti sumus, ut ei nos perpetuo deuinctos et obstrictos fore fateamur. Quam ob causam, cum in Macaënsi portu essemus, audientes eum a Summo Pontifice Xisto V cum aliquibus aliis, de quibus postea erit sermo, in Cardinalium numerum relatum, non mediocri iucunditate perfusi sumus.

Adierunt nos etiam multi alii eiusdem urbis patricii [190] optimatesque uiri, ardentissimi amoris signa erga nos ostendentes. Sed explicare uerbis nequeo patrum Societatis, qui in domo professorum commorantur, paternam erga nos caritatem, quibus ego me peculiariter obligatum agnosco, quod in molesto admodum bullularum morbo, quo laboraui, qui apud nostros Iaponenses graue fastidium parere solet, tam diligenter amiceque, uocatis peritissimis medicis omnia necessaria subministrarunt, ut eos a propriis parentibus nequaquam discernerem.

Vltra eam uero professorum domum, collegium est item Societatis in eadem urbe, ab illustrissimo archiepiscopo Toletano Gaspare Quiroga, eodemque clarissimo Cardinali paucis ante annis aedificatum. Cumque magna sit in Societatem beneuolentia, et fructum ex ea in omnes summopere redundantem intelligat, Talabricae[21] etiam, quod oppidum transiuimus, aliud liberaliter exstruxit.

Postquam uero ex eo, quem dixi, morbo conualui, decimo quarto Calendas Nouembris ex ea urbe profecti, postridie Mantuam Carpetanam, siue Matritum, regium oppidum peruenimus, in quo Philippi potentissimi Hispaniae regis curia est celebratissima.

[21] Talabricae] Talauerii *ed. 1590, post corr. Errata*

Quando nos aproximámos da vila[148], muitos nobres, e entre eles alguns filhos de duques e condes, que se faziam transportar em coches, vieram ao nosso encontro e depois de mútuas saudações, cada um deles, para nos honrar e estimar, fez entrar cada um de nós na sua carruagem, e acompanharam-nos ao colégio dos padres da Companhia, com tal expressão de simpatia como se entre eles e nós existisse uma convivência antiga e prolongada.

Os padres da Companhia, ao entrarmos no templo e despedirmo-nos daqueles nobres, também nos receberam e hospedaram com a maior simpatia.

Mas porque o que se passou em Madrid exige um colóquio inteiro, ponhamos fim ao presente.

LINO — Tem Miguel razão, porque na noite de amanhã, a conversa começará muito oportunamente, pela real vila de Madrid e o que nela se passou.

Accedentibus autem ad oppidum multi patricii uiri, et inter eos nonnulli ducum comitumque filii, lecticis curulibus uecti, nobis obuiam prodierunt, et post mutuam salutationem honoris beneuolentiaeque causa, singuli ex illis nos etiam singulos in suas lecticas admiserunt et ad collegium patrum Societatis sunt comitati, ea amoris significatione, quasi inter ipsos ac nos uetus et diuturna consuetudo intercederet.

Patres autem Societatis nos templum ingredientes et patriciis illis uiris salutem dicentes, beneuolentissime etiam ad hospitium receperunt.

Sed quoniam quae Matriti acta sunt integrum colloquium postulant, praesenti finem imponamus.

LINVS — Recte dicit Michaël, crastina namque nocte ab oppido regio Matrito, rebusque ibi actis, sermo peropportunus instituetur.

[191] COLÓQUIO DÉCIMO OITAVO
Do poderio de Filipe, rei de Espanha,
e do solene juramento com que os magnates do reino
prestaram fidelidade a seu filho como sucessor,
e da visita que os embaixadores fizeram a ambos.

LINO — Viemos ao presente encontro com mais interesse do que é hábito, por sabermos que ia tratar-se da chegada ao real palácio de Filipe, rei de Espanha, e do seu poder e majestade. Com efeito, tendo tu falado tanto de alguns príncipes que estão sob a jurisdição de tão grande soberano, dele nada pode esperar-se que não seja digno de admiração.

MIGUEL — Assim é, de facto. Realmente, tudo quanto se encontra distribuído pelos restantes príncipes, quer se trate de riquezas quer de poder, neste único rei poderosíssimo se encontra reunido.

LINO — Não é Filipe, o rei de que falas, o maior e o primeiro dos reis da Europa?

MIGUEL — À excepção do imperador a quem pertence a mais alta dignidade de todos, é difícil comparar entre si os reis europeus, cada um deles com a sua livre e isenta jurisdição, e atribuir o primeiro lugar em tudo a um só. Mas pode dizer-se, sem má vontade e sem ofensa para nenhum, que o rei Filipe é de todos os reis da Europa o que detém o poder sobre territórios mais vastos e distantes. Mais ainda, se exceptuarmos os imperadores romanos, que exerceram o poder sobre a maior parte do mundo, não há nenhum rei até o presente que tenha levado as insígnias do seu domínio a tantas e tão remotas províncias. É que, estando o orbe terráqueo – como eu atrás disse – dividido em cinco partes principais, a saber, África, Ásia, América, e [192] a desconhecida Austrália, o rei Filipe, de quem estamos falando, tem sob a sua jurisdição uma delas, a América inteira, de que fazem parte reinos riquíssimos, como o Peru e o México com muitíssimas ilhas e províncias, e à América pertence ainda o Brasil. Finalmente, na Europa, que é a melhor e a mais fértil parte do mundo, domina o rei Filipe dezassete ou dezoito reinos. Em primeiro lugar, é o senhor de toda a Espanha, na qual se contam catorze reinos diferentes. É o famoso conde da Bélgica que abrange as excelentes províncias da Flandres, da Zelândia, da

[191] De potentia Philippi Hispaniae regis, et solemni iureiurando quo regni magnates eius filio tamquam sucessori fidem dederunt, et aditu legatorum ad utrumque. COLLOQVIVM DECIMVM OCTAVVM.

LINVS — Auidius solito conuenimus ad praesentem congressum, scientes te de accessu ad regiam sedem Philippi Hispaniae regis, et de eius potentia ac maiestate esse acturum. Cum enim tam multa dixeris de aliquibus principibus, qui sub tanti regis iurisdictione sunt, nihil de eo nisi admirabile sperari potest.

MICHAEL — Ita prorsus est: quaecumque enim siue ad opes, siue ad potentiam pertinentia, per reliquos principes sunt quodammodo sparsa, in hoc uno potentissimo rege collecta continentur.

LINVS — Estne Philippus iste rex, de quo agis, omnium Europaeorum regum maximus et supremus?

MICHAEL — Excepto imperatore, qui supremam omnino obtinet dignitatem, difficile est reges Europaeos, quorum singuli liberam atque immunem iurisdictionem habent, inter se conferre, et primas partes undequaque alicui tribuere. Illud tamen sine inuidia et alicuius offensione dici potest, Philippum regem, praeter ceteros omnes Eurpaeos reges, iurisdictionem regni sui longe lateque propagatam obtinere. Immo uero, ut excipiam imperatores Romanos, qui magnam orbis partem sub suum imperium subiunxerunt: nullus hactenus fuit rex qui signa sua in tot tamque remotas prouincias intulerit. Cum enim orbis terrarum, ut superius a me dictum est, in quinque praecipuas partes distribuatur, Europam uidelicet, Africam, Asiam, [192] Americam, et terram Australem incognitam, Philippus rex, de quo loquimur, in primis unam ex his quinque partibus, uidelicet Americam totam atque integram sub sua iurisdictione habet, sub qua ditissima regna Peruense et Mexicanum cum aliis quam plurimis insulis et prouinciis continentur, ad eamque Brasilia etiam pertinet. Deinde cum Europa optima et fertilissima totius orbis pars, quam plurima regna complectatur, ex his Philippus rex septemdecim, uel octodecim regnorum dominatum habet. Nam in primis totius Hispaniae dominus est, in qua quattuordecim

Holanda, do Brabante e muitas outras regiões. Depois, é rei de Nápoles, que fica na Itália, e da Sicília, e finalmente duque poderosíssimo de Milão.

Pelo que diz respeito a África, na sua extensão marítima, banhada de uma parte pelo mar Mediterrâneo, mas na maior parte pelo Oceano, possui ele muitas e muito providas fortalezas e cidades e nos lugares do interior tem muitos reis como seus vassalos e contribuintes. São fortalezas e cidades principais no mar Mediterrâneo, Orão, Penon de Velez, Tânger, Ceuta; no Oceano, para além de Arzila e Mazagão, as ilhas de Cabo Verde e São Tomé, o Congo, Angola, Sofala, Moçambique. Já na Ásia, em primeiro lugar, é senhor do reino de Ormuz, que consta da própria ilha onde está a cidade de Ormuz, e de outros lugares da Pérsia e da Arábia. Depois, na Índia Citerior, senhoreia muitas cidades das quais em parte já falei, e na Ulterior, Malaca, cidade famosíssima, está sob o seu domínio. Além disso, pertencem ao seu império as célebres ilhas Molucas e as que, do seu próprio nome, se chamam Filipinas. Daí resulta que a navegação do Oceano, na sua quase totalidade, lhe pertence. Por aí, facilmente compreendereis quanto o seu poder se estende ao largo e ao longe.

LEÃO — Causa-me sinceramente admiração o poder tão grande desse rei, mas gostaria de saber a razão por que ele não junta ao seu domínio também outros reinos.

MIGUEL — São duas as causas, Leão! Uma é que os reis cristãos costumam dilatar o seu domínio, pelo direito e não pela força, e por isso vivem contentes com as fronteiras dos seus reinos; a outra causa é que os restantes reis da Europa se distinguem igualmente pelo poder e extensão dos seus reinos. E é por isso que não é fácil que uns oprimam os outros.

LINO — Resta-nos, pois, saber que acontecimentos proporcionaram ao rei Filipe essa tam larga dominação em todos os pontos do mundo.

MIGUEL — [193] Em primeiro lugar há que atribuí-la à Divina Providência que, segundo os textos sagrados, a um aceno, muda os reinos e os transfere de povo para povo. Depois, se prestarmos atenção às coisas humanas, toda esta sucessão hereditária há que relacioná-la com uma espécie de felicidade inaudita. É uma sucessão descrita em muitos livros e dispersa por muitos capítulos que, para vosso benefício, eu vou resumir, pondo diante dos vossos olhos, para começar, o reino de Aragão (que é parte de Espanha) como fundamento de toda esta dominação. Ora o filho do rei de Aragão, Martinho, de seu nome, casou com a filha de Frederico, rei da Sicília, e assim o reino da Sicília juntou-se ao de Aragão. Depois uma certa Joana, rainha de Nápoles, adoptou Afonso, príncipe herdeiro do reino da Sicília e Aragão. E desta primeira cabeça, para omitir outros por brevidade, o reino de Nápoles começou a pertencer a Aragão. Depois, Fernando, herdeiro dos reinos da Sicília, de Nápoles e de Aragão, casou com Isabel, princesa das duas Espanhas. E assim aconteceu que ele alcançou o domínio de toda a Espanha (com excepção de Portugal), além dos reinos da Sicília e de Nápoles. Este Fernando deu sua filha, única

distincta regna numerantur. Comes est inclitus Galliae Belgicae, quae illas optimas prouincias Flandriam, Zelandiam, Olandiam, Brabantiam, aliasque multas regiones continet. Vlterius rex est Neapolitani regni, in Italia siti: rex item Siciliae, dux denique potentissimus Mediolanensis.

Quod attinet ad Africam, per eius tractum maritimum, quem mare Mediterraneum aliqua ex parte, maxima uero Oceanus alluit, multas munitissimasque arces atque urbes possidet, et in locis mediterraneis multos reges uectigales et stipendiarios habent. Sunt autem praecipuae arces aut urbes in Mediterraneo mare, Oranum, Pinnabelica, Tingi, Septi; in Oceano uero ultra Arzillam et Mazaganum, insulae Promontorii Viridis, et Diui Thomae; Congum, Angola, Sophala, Mozambiquium. Iam uero in Asia in primis Ormucii regnum obtinet, quod ex ipsa insula, in qua est urbs Ormucium, et aliis Persiae ac Arabiae locis conflatur. Deinde in India citeriore multarum urbium, de quibus partim dixi, dominus est: in ulteriore uero Malacam urbem clarissimam sub sua dicione tenet. Praeterea Malucae insulae celeberrimae et illae quae ab ipso Philippinae appellantur, ipsius imperio continentur. Vnde fit ut totius fere Oceani nauigatio penes ipsum sit. Ex quo quam longe lateque eius potestas pateat, facile intelligetis.

LEO — Miror equidem tantam istius regis potentiam, sed quae sit causa quare alia etiam regna suae dicioni non adiunxerit, scire cupio.

MICHAEL — Duae sunt causae, Leo. Altera est quod Christiani reges iure, non ui dominatum suum propagare soleant, ideoque regnorum suorum finibus contenti uiuant; altera est quod ceteri Europaei reges potestate etiam et regnorum amplitudine sint praestantes. Quo fit ut non facile alii alios possint opprimere.

LINVS — Superest, ergo, ut sciamus quo euentu Philippus rex in omnibus orbis partibus tam amplum dominatum fuerit consecutus.[193]

MICHAEL — In primis id diuina prouidentiae tribuendum est, cuius nutu, sacris testantibus litteris, regnorum fiunt mutationes, et de gente in gentem transferuntur. Deinde si humanas causas respicias, id totum hereditariae successionis felicitati cuidam inauditae adscribendum est. Quam quidem successionem per multos libros multaque capita dispersam ego uestri causa summatim colligam, in primis Aragoniae (quae pars Hispaniae est) regnum, tamquam huius totius dominatus fundamentum uobis proponens. Aragoniae igitur regis filius nomine Martinus uxorem duxit filiam Federici Siciliae regis, atque ita Siciliae regnum ad Aragonicum adiunctum est. Deinde Ioanna quaedam Neapolitani regni regina Alfonsum, Siculi Aragoniique regni principem et heredem adoptauit. Ex quo primum capite, aliisque breuitatis causa a me omissis, Neapolitanum regnum ad Aragonicum pertinere coepit. Vlterius Ferdinandus Siculi, Neapolitani, Aragonicique regnorum heres, uxorem duxit Elisabetham Castellae utriusque principem. Quo factum est ut praeter Siculum Neapolitanumque regnum totius Hispaniae (sola Lusitania excepta) dominatum fuerit adeptus. Hic Ferdinandus filiam, quae sola heres superstes fuit, dedit in matrimonium regi Philippo, inclito

herdeira sobrevivente[149], em casamento ao rei Filipe, ilustre conde da Bélgica, filho do imperador Maximiliano. Por morte de Filipe, seu filho Carlos, obteve a herança de todos os reinos atrás mencionados e ao mesmo tempo da Bélgica. Este mesmo Carlos, pelos sufrágios de todos os eleitores, foi proclamado imperador. No seu tempo, a América, aquela quinta parte do orbe, descoberta em vida de seu avô, sob o seu império foi completamente submetida. E porque o imperador bem merecera do duque Francisco Sforza, foi por este, que não tinha herdeiros, nomeado seu sucessor no ducado de Milão. Por outro lado, Filipe, seu filho, segundo do nome, de quem agora tratamos, ao morrer Henrique, rei dos portugueses, que era tio de Filipe, obteve Portugal inteiro e tudo quanto na África e na Ásia era domínio dos portugueses. E assim dilatados os limites dos seus reinos, ao longe e ao largo, por tantos reinos e províncias, ficou senhor dos mais amplos domínios, e que os possua ainda por muitos anos, eis o que é justo que roguemos a Deus. Há já trinta e quatro anos que este felicíssimo rei está ao leme dos seus reinos, começando ainda em vida de seu pai, o imperador Carlos que, depois de alcançar, com o maior êxito, muitas vitórias dos seus inimigos, [194] e de levar a efeito, com a maior glória, acções na paz e na guerra, em parte sob a pressão de muitas doenças, em parte pela confiança que tinha na prudência e autoridade do filho, não só lhe confiou a chave de todos os reinos mas também se recolheu a um mosteiro, para aí passar pia e santamente o resto da sua vida, deixando todos os cuidados humanos, e aí, faz agora trinta e dois anos[150], trocou a triste e calamitosa vida presente pela outra gloriosa e sempiterna.

LEÃO — Foi sem dúvida extraordinária esta junção de tantos reinos, por direito hereditário e sem qualquer emprego da força[151]. Mas desejamos saber em quanto é estimado o rendimento anual deste poderosíssimo rei.

MIGUEL — É difícil fazer a soma, mas, segundo ouvimos dizer, é avaliado em seis mil milhões de réis[152], e ainda mais, em cada ano.

LINO — Bom Deus! Seis mil milhões de réis! Como pode acontecer que um só rei junte uma soma tão grande, a não ser que os impostos sejam exigidos ao povo com grande severidade, direi mesmo, injustiça?

MIGUEL — Esta largueza de rendimentos resulta não da severidade, que criticas, mas da multidão dos reinos, riquezas e imensidão que, se bem virmos as coisas, tornam credível que se alcance tal quantia: por exemplo, só da América que compreende o Peru e a Nova Espanha, chegam-lhe todos os anos três mil milhões de réis. Donde pode concluir-se qual a soma recolhida de tantos reinos e províncias. É o que também indicam claramente as despesas que ele faz anualmente. Quem fizer o cálculo das naus, galés, guarnições militares e outras coisas semelhantes que são mantidas à custa deste rei, e quantos reinos e províncias ele defende dos ataques dos inimigos, facilmente compreenderá que os seus rendimentos abrangem um imenso peso de ouro.

Por isso, este poderosíssimo e riquíssimo rei estabeleceu a sua capital na vila que em vulgar se chama Madrid e outrora pertencia aos povos Carpetanos, não

comiti Galliae Belgicae, Maximiliani imperatoris filio. Quo exstincto, Carolus eius filius omnium superiorum regnorum, simulque Galliae Belgicae hereditatem consequutus est. Hic Carolus omnium electorum suffragiis imperator est renuntiatus, cuius tempore America illa quinta orbis pars, ipsius auo uiuente explorata, sub eius penitus imperium subacta est. Et quoniam imperator hic de Mediolanensi duce Francisco Sfortia optime fuerat meritus, ab eodem sine herede decedente, Mediolanensis ducatus heres est institutus. Eius autem filius Philippus hoc nomine secundus, de quo nunc agimus, Henrico Lusitanorum rege e uiuis excedente, qui auunculus Philippi erat, Lusitaniam totam, et ea quae in Africa et Asia ad Lusitanorum dominatum pertinebant, feliciter obtinuit. Atque ita propagatis in tam multa regna prouinciasque longissime latissimeque regnorum suorum finibus, amplissima dicione potitus est, potiaturque adhuc multos annos aequum est Deum precari. Trigesimus autem quartus annus agitur, cum felicissimus hic rex regnorum suorum gubernaculum tractare coepit, uiuente adhuc patre Carolo imperatore, qui post multas partas ex hostibus cum summa laude uictorias, [194] resque praeclarissime domi militiaeque gestas, partim multis morbis oppressus, partim filii prudentia et auctoritate nixus, ei omnium regnorum clauum in manus tradidit, et in coenobium quoddam, ut reliquum uitae spatium pie sancteque traduceret, omnibus humanis curis abiectis, se recepit, ibidemque triginta duos ab hinc annos miseram hanc et calamitosam uitam gloriose cum sempiterna commutauit.

LEO — Mira sane fuit ista tam multorum regnorum absque ulla ui hereditario iure facta connexio. Sed auemus scire quanti istius potentissimi regis reditus quotannis collecti aestimentur?

MICHAEL — Difficile est istam summam colligere, sed, ut accepimus, in eius reditibus sexies millies sestertium et eo amplius per singulos annos computatur.

LINVS — Deus bone, sexies millies sestertium! Qui fieri potest ut ab uno rege tanta copia colligatur, nisi uectigalia per magnam seueritatem, immo iniuriam, a populo exigantur?

MICHAEL — Sequitur haec redituum amplitudo, Line, non ex ista seueritate quam obiicis, sed ex regnorum multitudine, diuitiis et magnitudine, quibus spectatis, summam eam confici sane credibile est, ex sola enim America, quae Peru, et nouam Hispaniam continet, ter millies sestertium quotannis ad eum defertur. Vnde coniici potest quis sit numerus ex tam multis regnis prouinciisque collectus. Id ipsum sumptus annui ab eo facti manifeste indicant. Qui enim nauium, triremium, praesidiorum militarium, aliarumque similium rerum quae huius regis expensis conseruantur, summam fecerit, quam multaque regna et prouincias ab hostium incursione defendat, facile intelliget eius reditibus immensum auri pondus contineri.

Hic igitur potentissimus et ditissimus rex in hoc oppido, quod uulgo Matritum dicitur, olim uero ad Carpetanos populos pertinebat, sedem sibi regiam delegit, non

com vista às comodidades de uma vida alegre, mas atendendo à utilidade comum. E preferiu este lugar, situado quase no centro de toda a Espanha, e ao qual se pode chegar facilmente de toda a parte, às restantes cidades muito populosas e célebres. Acresce que o céu neste lugar é saudável e o solo muito bem cultivado: daí acontecer que uma vila antes pequena, alcançou agora grande população. Todavia, esta multidão de habitantes não resultou de que o rei tivesse forçado os magnates dos seus reinos a lá edificarem residências, como por vezes costumam fazer os senhores universais do Japão, a fim de tornarem muito populosa uma cidade que edificam dos fundamentos. [195] Mas tudo isto é deixado à livre vontade dos homens, ao seu arbítrio. E eles, sem qualquer coacção, mas da melhor vontade, costumam reunir-se na cidadela régia.

Ora porque no tempo em que estivemos em Madrid ocorreu o solene juramento a que concorreram todos os magnates e povos da Espanha, para reconhecerem Filipe, filho do rei Filipe, como príncipe herdeiro de todos os seus reinos, não será fora de propósito recordar-vos a pompa e magnificência dessa cerimónia solene, principalmente porque reservei de propósito para este lugar essa matéria.

Costumam, pois, os reis europeus, todas as vezes que querem que, por meio de um juramento, os seus filhos sejam por todos reconhecidos como herdeiros dos seus reinos, convocar por edito os titulares e os povos, ou os seus procuradores. E se é difícil que a multidão dos seus domínios se junte num só lugar, celebra-se em cada reino este dia solene do juramento.

Ora porque o rei Filipe não podia reunir ao mesmo tempo, num só lugar, os povos de todos os seus reinos, a fim de prestarem juramento de lealdade a seu filho, convidou para a celebração desta cerimónia apenas os povos e magnates das duas Castelas. Estava presente, portanto, a flor dos magnates e dos nobres, estavam presentes os procuradores das cidades, estavam presentes os bispos, arcebispos e outros sacerdotes da mais alta hierarquia, quando foi marcado o dia para o juramento, a saber, o dia 11 de Novembro que é consagrado a São Martinho. Foi designado também o local, naturalmente um templo célebre fora dos subúrbios da vila, habitado pelos religiosos da ordem de São Jerónimo. Surgira o dia de todos esperado, quando eis que as paredes do templo foram guarnecidas de colchas de extraordinária variedade, o chão foi coberto dos melhores tapetes e o ornamento do altar-mor era de ouro e seda entretecidos de maneira notável, tudo, enfim, pronto para a celebração do festivo dia.

Na capela-mor havia dois tabernáculos, um à direita, outro à esquerda. O tabernáculo da direita estava coberto de um docel preciosíssimo sob o qual o rei Filipe, em pessoa, se sentou num trono magnífico, acompanhado de seu filho herdeiro, Filipe, da irmã que tinha sido mulher do imperador, e de duas filhas Isabel e Catarina. Dos dois lados do rei e de seu filho, juntavam-se de pé rapazes da flor de toda a nobreza castelhana. Atrás da irmã do rei, e das filhas, estavam de pé também raparigas da mais alta nobreza, luxuosamente vestidas. Ao lado dos jovens régios e seus servidores, estavam também os presidentes dos conselhos regionais e outros varões nobilíssimos.

quidem iucundae uitae commoda intuitus, sed communi utilitati consulens, et hunc locum medium in tota fere Hispania, ad quem facile undique conflui potest, ceteris aliis urbibus frequentissimis et nobilissimis anteponens. Accedit quod caelum huius loci sit salubre et solum egregie cultum. Quo factum est ut oppidum antea exiguum nunc ad magnam celebritatem deuenerit. Non tamen haec eius frequentia inde secuta est quod rex omnium regnorum suorum optimates in eo domos aedificare compulerit, sicut nonnunquam uniuersae Iaponiae domini facere consuescunt, ut urbem quam [195] denuo aedificant frequentissimam reddant. Sed totum hoc liberis hominum uoluntatibus arbitrioque relinquitur, qui non coacti, sed animis libentissimis ad oppidum regium conuenire solent.

Quoniam autem id tempus, quo Matriti fuimus, incidit solemne iusiurandum quo adacti omnes Hispaniae optimates et populi Philippum Philippi regis filium principem omniumque regnorum heredem recognouerunt, non erit a proposito alienum solemnis illius actus pompam magnificentiamque uobis commemorare, praesertim cum ad hunc locum data opera materiam hanc reseruauerim.

Solent igitur Europaei reges, quoties filios iureiurando interposito, regnorum heredes ab omnibus uolunt recognosci, edicto suo dynastas et populos uel eorum procuratores conuocare. Si autem difficile sit omnium regnorum turbam in unum locum conuenire, in singulis regnis solemnis hic dies iuris iurandi agitur.

Quoniam uero Philippus rex omnium regnorum populos ad fidem dandam filio ad unum locum simul cogere non poterat, utriusque tantum Castellae populos et optimates ad hunc actum celebrandum inuitauit. Aderat igitur flos magnatum et nobilium, aderant ciuitatum procuratores, aderant praesules, archipraesules aliique grauissimi sacerdotes, cum dies iuri iurando indictus est, tertius uidelicet ante Idus Nouembris, qui Diuo Martino sacer est. Designatus est etiam locus, nimirum templum quoddam celebre extra oppidi suburbia, quod religiosi ex Diui Hieronymi familia incolunt. Illuxerat expectatus omnibus dies, cum ecce templi parietes mirae uarietatis aulaeis erant tecti, pauimentum tapetibus optimis substratum, arae supremae ornamentum auro et serico insigniter textum, omnia denique ad festum diem agendum paratissima.

Erant in sacello maximo duo tabernacula, alterum ad dexteram, alterum uero ad laeuam. Dextrum tabernaculum papilione opertum erat pretiosissimo, in quo rex ipse Philippus solio magnificentissimo sedit, Philippo filio herede, sorore, quae imperatoris uxor fuerat, et duabus filiabus Elisabetha et Catharina comitatus. Regis filiique latera adolescentes ex flore totius Castellanae nobilitatis stantes stipabant, post regis uero sororem et filias, puellae etiam nobilissimae egregieque indutae assistebant, iuxta iuuenes regios ac ministros, consiliorum regiorum praesides, aliique nobilissimi uiri etiam stabant.

No outro tabernáculo, à esquerda, sentavam-se em cadeiras muito ornadas, vários [196] embaixadores de reis e príncipes estrangeiros, com destaque para os do Sumo Pontífice, do Imperador e da República de Veneza.

Junto ao altar-mor em cadeiras especiais, ornadas de veludo, estavam sentados dois ilustríssimos cardeais, ao centro o de Toledo, a seu lado o cardeal Granvela[153], e do outro lado ocupavam assentos notavelmente decorados oito prelados ou bispos.

Fora da capela-mor, havia uma fila dupla: à direita, em bancos belamente preparados, sentavam-se os que nos reinos de Castela são designados pelo nome especial de magnates (grandes); à esquerda, outros quinze, marqueses e condes que, embora notabilíssimos, todavia ainda não chegam àquela categoria de magnates. Finalmente, atrás destes, havia uma quase infinita multidão de homens nobres que enchia o espaçosíssimo templo. Havia nas paredes da capela-mor duas tribunas, das quais uma, que ficava do lado do tabernáculo régio, o próprio Rei nos destinou, para que dela, como de um lugar conveniente, observássemos a concorrência de toda aquela solenidade, na companhia de pessoas da mais alta nobreza, e entre elas o ilustríssimo varão português Cristóvão de Moura, que o rei estima mais do que ninguém.

No meio da atenção mais completa de todos os presentes, de ouvido e de espírito, o Cardeal e Arcebispo de Toledo celebrou a solene cerimónia, com tão grande variedade de vozes e de instrumentos musicais e suavidade de harmonia, quanta mal o espírito pode conceber e ainda menos o discurso referir. Finda a cerimónia sagrada, segundo o ritual, foi colocada diante do altar-mor uma coberta de uma tapeçaria preciosíssima, e nela um livro com os Sagrados Evangelhos e uma imagem de Cristo crucificado, maravilhosamente trabalhada.

Estava sentado à mesa o Cardeal de Toledo, para receber cada um dos que se aproximavam para jurar, quando um magistrado semelhante àqueles que outrora entre os romanos eram chamados *patres patrati*[154], leu as tábuas em que estava contido aquilo que devia fazer-se e um prefeito da assembleia régia proclamou com palavras escolhidas a forma do juramento. Então a imperatriz, irmã do rei Filipe, se aproximou à frente de todos do lugar designado, não como mulher do imperador, mas como se fosse a primeira das principais mulheres de Castela a assumir o compromisso do juramento. Quando ela se levantou, o rei levantou-se também e acompanhou-a de cabeça descoberta na ida e no regresso, conferindo amavelmente essa grandíssima honra a sua irmã, como mulher do imperador. Acompanhavam-na também as duas filhas do rei e assim as três mais ilustres mulheres de toda a Espanha, por sua ordem, primeiro a imperatriz, depois a filha mais velha do rei, [197] a seguir a mais nova reconheceram pelo compromisso do juramento, Filipe, o filho do rei Filipe, um menino de seis anos incompletos, como príncipe herdeiro de todos os reinos.

Então, regressadas ao lugar em que o príncipe estava sentado, a imperatriz, por veneração e reverência, quis beijar a mão do príncipe e, recusando ele, com toda a

In altero tabernaculo ad laeuam sedebant in ornatissimis sedibus [196] uarii legati externorum regum ac principum, praesertim Summi Pontificis, Imperatoris et Venetae Reipublicae.

Ad aram uero maximam in designatis sellis gausapino ornatis sedebant duo clarissimi Cardinales, in medio quidem loco Toletanus; ad alteram partem Cardinalis Granuela; ad alteram denique octo praesules siue Episcopi sedilia egregie decorata occupabant.

Extra sacellum maximum duplex etiam erat ordo: ad dextram enim in scamnis pulchre apparatis considebant ii qui in Castellae regnis peculiari nomine magnates appellantur; ad laeuam uero alii quindecim marchiones et comites, qui etsi nobilissimi nondum tamen illa magnatum nota sunt insigniti. Denique post hos infinita prope erat nobilium uirorum multitudo quae templum spatiosissimum complebat. Erant in sacelli maximi parietibus duae fenestra cum suis receptaculis, quarum alteram, quae e regione tabernaculi regii erat, nobis rex ipse designauit, ut ex ea, tamquam ex opportuno loco totius illius actus celebritatem conspiceremus, nobis adiunctis nobilissimis sociis, ac inter eos clarissimo uiro Lusitano Christophoro de Mora, quem rex in primis carum habet.

Omnibus igitur praesentibus, et auribus animisque fauentibus Cardinalis, idemque archipraesul Toletanus sacrum solemne fecit, tanta uocum, instrumentorumque musicorum uarietate concentusque suauitate, quantam uix animus concipere, ne dum oratio referre possit. Sacro solemniter riteque peracto, mensa quaedam pretiosissimo tapete operta ante aram maximam locata est, in eaque liber sacra euangelia continens, et Christi cruci affixi imago miro opere confecta.

Sedebat ad eam Cardinalis Toletanus, singulos accedentes iureiurando adacturus, cum magistratus quidam, similis his qui olim apud Romanos patres patrati dicti sunt, tabulas, quibus id, quod faciendum erat, continebatur, perlegit, et quidam concilii regii praefectus formam iuris iurandi disertis uerbis indixit. Tunc imperatrix Philippi regis soror, prima omnium, non tamquam imperatoris uxor, sed quasi una ex principibus Castellae feminis, ut iureiurando se obstringeret, ad locum designatum accessit. Ei surgenti rex ipse assurrexit, et euntem ac redeuntem capite detecto comitatus est, honorem illum amplissimum sorori suae, tamquam imperatoris uxori libenter deferens. Eam etiam comitabatur duae regis filiae, atque ita tres clarissimae totius Hispaniae feminae seruato ordine, primum quidem imperatrix, [197] deinde filia regis natu maior, post natu minor, Philippum puerum Philippi regis filium, sextum aetatis annum agentem omnium regnorum heredem, principemque iureiurando obligatae recognouerunt.

Tunc ad eum locum, in quo princeps ipse sedebat, regressae, imperatrix quidem uenerationis et reuerentiae causa principis manum uoluit deosculari, idque

gentileza, ao mesmo tempo que apertava a mão de sua tia caríssima, ela abraçou-o afectuosamente. Quanto às duas irmãs do príncipe, inclinaram também o corpo para lhe beijar a mão. E como as duas irmãs, com mútuas provas de gentileza, insistissem com o príncipe, finalmente, com a autorização do rei, o príncipe consentiu que as irmãs usassem consigo daquela reverência de lhe beijarem a mão.

Depois do juramento destas três insignes mulheres, primeiro o cardeal Granvela, depois os prelados, segundo a sua dignidade, em seguida os que são notáveis pela designação de magnates, depois os marqueses e os condes, finalmente os procuradores das cidades fizeram a mesma coisa.

Em todas estas cerimónias, por este simples exemplo compreendereis quanta consideração se tem na Europa pela precedência das dignidades. Dá-se o caso de que entre duas célebres cidades de Espanha, Burgos e Toledo, há uma antiga disputa sobre a precedência em dignidade e antiguidade. Ora para que desta rivalidade não surja alguma perturbação, todas as vezes que os reis marcam assembleias e comícios deste género, decidiram prudentemente os reis de Espanha, para suprimir toda a ofensa que pudesse surgir, que o rei na convocatória destas cidades proferisse as seguintes palavras: «Aproximem-se os de Burgos, porque eu sei perfeitamente que os de Toledo hão-de obedecer à nossa chamada.»

Com estas palavras a nenhuma das duas cidades é atribuído o primeiro lugar e suprime-se a ocasião de qualquer susceptibilidade.

No presente comício procedeu-se de forma que os burguenses foram os primeiros a jurar, enquanto o rei afirmava a confiança de que os toledanos cumpririam as suas ordens. Aos burguenses seguiram-se os procuradores das restantes cidades, e os toledanos, chamados à parte, em nome do Rei, pelo conde de Fonte Oliva, fizeram o seu juramento, pensando que deste modo lhes era conferida não menor honra do que aos burguenses.

Daqui podereis concluir quanto a ordem da dignidade e a antiguidade do grau são respeitadas pelos reis europeus. Foi na verdade tão grande a celebridade deste acto, tão alegre o espectáculo, que o espaço de cinco horas que nele se gastou nos pareceu um brevíssimo minuto. Tão grande foi a multidão dos homens que acorreram que seria dificílimo atravessar, pelo meio da multidão [198] apinhada, para o outro lado. Finalmente, tanto foi naquele dia o bem-fazer do rei e do príncipe para com os seus, a distribuição de presentes, que facilmente se compreendia a sua benevolência e vontade, propensa não tanto a mandar como a fazer-lhes bem. É este o costume que os reis europeus costumam observar quando obrigam os seus povos a reconhecê-los ou aos príncipes seus filhos, por juramento.

LEÃO — Agrada-nos sobremaneira este costume que os europeus têm o hábito de observar, sempre que um rei ou um príncipe são proclamados herdeiros do reino. E nós os japoneses, se bem te lembras, também não somos alheios a este costume. Com efeito, todas as vezes que um rei abdica do seu domínio e administração e decide levar vida de particular, entrega a seu filho a espada, isto é, o poder de vida e de morte sobre os seus súbditos, e em seguida confia

officiosissime recusantem, contraque amitae carissimae manum prensantem beneuole complexa est. Reliquae uero duae ipsius principis sorores corpora etiam ad manum ipsius osculandam inclinarunt, et cum mutuis officiis inter se decertassent sorores princepsque, tandem annuente rege passus est princeps eam osculandae manus reuerentiam sibi a sororibus adhiberi.

Post harum trium insignium feminarum iusiurandum, primum quidem Cardinalis cognomine Granuela, deinde praesules, seruato dignitatis ordine, postea illi qui magnatum nomine sunt insignes, ulterius ii qui marchiones et comites, demum ciuitatum procuratores idem prosecuti sunt.

In his autem omnibus, quanta in Europa ordinis ac dignitatis habeatur ratio, uel ex hoc exemplo intelligetis. Cum enim inter duas celebres Hispaniae ciuitates Burgensem et Toletanam de loco dignitatis et antiquitatis uetus sit controuersia, ne, quoties reges huiusmodi conuentus et comitia inducunt, ex hac contentione perturbatio aliqua oriretur, prudenter a regibus Castellanis institutum est, ad omnem offensionem quae excitari poterat tollendam, ut rex in uocatione harum ciuitatum haec uerba proferret. “Accedant Burgenses, nam Toletanos nobis dicto audientes fore satis intelligo”.

Quibus uerbis neutri ciuitati primae partes deferuntur, et totius offendiculi occasio tollitur.

In his ergo comitiis ita actum est, ut Burgenses primi iureiurando se obstringerent, rege affirmante se fidere, Toletanos imperata facturos. Burgenses secuti sunt reliquarum ciuitatum procuratores, Toletanique extra hunc ordinem nomine regis a comite Fontis Oliuae uocati, iureiurando se obligarunt, existimantes non minus honoris sibi, quam Burgensibus hac ratione deferri.

Vnde coniicietis quantopere ordo dignitatis antiquitatisque gradus ab Europaeis regibus colantur. Fuit equidem huius actus tanta celebritas, tam iucundumque spectaculum, ut quinque horarum spatium, quod in eo consumptum est, breuissimum temporis punctum nobis uisum fuerit. Tanta uero fuit hominum confluentium multitudo, ut difficillimum esset per mediam [198] turbam confertissimam in alteram partem progredi. Tanta denique fuit regis principisque eo die erga suos beneficentia, munerumque distributio, ut facile beneuolentia propensaque uoluntas non tam imperandi, quam de eis bene merendi intelligeretur. Hunc ergo morem obseruare solent Europaei reges, cum populos suos ad se, uel principes filios recognoscendos, iureiurando obstringunt.

LEO — Placet nobis summopere iste mos ab Europaeis obseruari solitus, quoties rex aliquis uel princeps regni heres est renuntiandus. Nec uero nos Iaponenses, si meministi, ab ista consuetudine sumus alieni. Quoties enim rex dominatu et administratione se abdicat et priuatam uitam instituit, filio suo ensem, id est, uitae necisque potestatem, in suos tradit, deinde tabulas omnes, quibus regni monumenta familiaeque regiae stemmata continentur, eius curae committit, atque ita filium iam

ao seu cuidado todos os registos em que estão contidas as memórias do reino e a linhagem de família real. E assim todos os nobres vêm venerar o filho já proclamado rei e o respeitam como seu chefe. E este mesmo costume seguem os restantes maiorais sempre que transmitem aos filhos o poder e o direito de administrar.

MIGUEL — Este nosso uso é também digno de louvor. E se, uma vez introduzida a piedade cristã, acrescerem duas outras práticas, a saber, uma cerimónia religiosa, celebrada segundo o ritual, e a santidade do juramento, poder-se-á considerar, sem dúvida, uma obra perfeita em todos os aspectos.

Mas vou agora recordar-vos já a nossa apresentação ao rei. Foi-nos marcado o dia seguinte ao de São Martinho, isto é, o dia 12 de Novembro, no qual por ordem do rei Filipe lhe fomos apresentados e conduzidos ao palácio em coches, de que ele próprio se serve, e tanta foi a multidão das gentes que ocupava ruas e praças, que com dificuldade se pôde encontrar o caminho. Mas, quando chegámos perto do rei, a gente era de tal modo compacta que com dificuldade os próprios guardas dos magistrados régios nos conseguiram abrir passagem.

O rei já tinha sido informado pelos padres da Companhia de Jesus, da nossa viagem, e de quem eram os príncipes cristãos em cujo nome nós vínhamos visitar o próprio Rei e sobretudo o Sumo Pontífice, e por tal motivo quis receber-nos com todas as honras como enviados de príncipes nobilíssimos, principalmente tendo nós partido do Extremo Oriente para o Extremo Ocidente, na mais longa navegação de quantas até hoje foram inventadas. Portanto, o Rei, de pé, acompanhado do filho herdeiro e das filhas, como costuma fazer aos embaixadores, recebeu-nos com gentilezas e sorrisos nos aposentos interiores do palácio real, aos quais chegámos depois de atravessar uma dúzia de pátios e câmaras muito bem mobilados. [199] E sem consentir que lhe beijássemos as mãos, abraçou-nos com a maior cordialidade, como também fizeram o filho herdeiro e as filhas.

Então entregámos-lhe as cartas enviadas pelos reis de Bungo e Arima e pelo príncipe de Omura e expusemos a missão que nos tinha sido confiada, a saber, que os nossos reis de Bungo e Arima e o príncipe de Omura, penetrados de piedade cristã, nada maior consideravam do que, em seu nome fazermos a visita ao Sumo Pontífice, vigário de Cristo, e nos apresentarmos ao próprio rei Filipe, conhecido no mundo inteiro por sua fama e celebridade, para respeitosamente o honrarmos e reverenciarmos, e lhe mostrarmos, da melhor maneira que pudéssemos, a profunda dedicação dos nossos reis e príncipes.

Ele, depois de ouvir as cartas, quer em japonês, quer em espanhol, respondeu à nossa mensagem com rosto alegre, dizendo que considerava seus aliados de direito os reis e príncipes japoneses da mesma religião e que, mais próximos pelo novo laço de irmandade, os trazia impressos e esculpidos no peito; e que muitíssimo se alegrava de lhe terem enviado tais e tão nobres jovens como testemunhos da mútua benevolência; que esperava que para o futuro a prática deste agradável convívio crescesse cada vez mais, à medida que o tempo passava.

regem renuntiatum omnes optimates uenerabundi adeunt, et tamquam sibi imperantem reuerentur. Eundemque morem ceteri dynastae seruant, quotiescumque potestatem iusque administrandi filiis deferunt.

MICHAEL — Vsus hic noster etiam laudabilis est. Quod si, introducta Christiana pietate, duo alia accedant, nimirum sacrum rite celebratum et iurisiurandi religio, absque dubio opus omnibus numeris absolutum censeri poterit.

Sed iam nunc nostrum ad regem ingressum uobis commemorabo. Designatus fuit nobis sequens dies post Diui Martini festum, pridie uidelicet Idus Nouembris, quo iussu Philippi regis ad ipsum introducti sumus, uectique ad palatium lecticis curulibus, quibus ipsemet utitur, tanta hominum frequentia uicos plateasque occupante, ut aegre aditus inueniri posset. Cum uero ad regem peruenimus, tam conferta fuit hominum multitudo, ut uix ipsi regiorum magistratuum satellites iter nobis patefacerent.

Edoctus iam fuerat rex a patribus Societatis de causis nostri itineris, et quinam essent principes Christiani, quorum nomine nos ipsum regem et praecipue Summum Pontificem adiremus, atque ea de causa tamquam a nobilissimis principibus missos honorifice uoluit excipere, praesertim cum ex ipsius Orientis solis finibus ad ultimas Occidentis metas longissima omnium quae hactenus inuentae sunt nauigatione profecti fuissemus. Rex igitur in intimis domus regiae penetralibus, ad quae post duodecim atria et cubicula ornatissima deuenimus, stans, ut cum legatis agere solet, et filio herede filiabusque comitatus [199] nos accedentes perhumaniter hilariterque accepit. Nec passus nos manus regias osculari, benignissime amplexatus est, quod et filius heres et filiae similiter praestiterunt.

Tunc epistulas a Bungensi et Arimensi regibus, Omurensique principe missas obtulimus, mandataque nobis commissa proposuimus, nimirum reges nostros Bungensem et Arimensem, principemque Omurensem Christiana pietate imbutos, nihil potius duxisse, quam ut eorum nomine Summum Pontificem Christi uicarium inuiseremus, et ipsum Philippum regem toto orbe terrarum fama et celebritate notum, honoris et reuerentiae ergo supplices adiremus, nostrorumque regum ac principum animos ipsi deditissimos, qua possemus amoris significatione, ostenderemus.

Ille auditis litteris tum Iaponico, tum Hispano sermone, ad mandata hilari uultu respondit se Iaponenses reges et principes eiusdem religionis iure sibi deuinctos, nouoque germanitatis nexu coniunctos, in pectore impressos et insculptos habere, laetarique summopere quod tales ac tam nobiles iuuenes mutuae beneuolentiae testes ad se misissent, sperareque ut in posterum huius consuetudinis iucundissimae usus quotidie magis ac magis accresceret.

Depois destas palavras, procedeu connosco ainda com mais familiaridade, fazendo-nos muitas perguntas sobre as coisas japonesas, observando com o maior interesse o nosso vestuário, tirando das bainhas as espadas japonesas que trazíamos cingidas ao nosso flanco, considerando finalmente, com viva curiosidade, os próprios sapatos e a sua forma. Por último, recebeu de muito bom grado alguns presentes que em nosso nome lhe oferecemos, elogiando a sua decoração e elegância, com muitas palavras. E tão grande foi em tudo isto a sua gentileza e afabilidade, que até os próprios nobres e criados, que bem conhecem o seu hábito de proceder com a maior sisudez, se admiravam de nele observar tão grande simpatia e boa disposição, afirmando que muito raramente tinham visto o Rei descer àquele sorridente relaxamento de espírito. Imitaram-no os filhos que estavam presentes, como já disse, e foi assim que conhecemos em todos os daquela régia e ilustre corte a maior boa vontade para connosco.

Havia ali muitas outras damas, da maior nobreza, que ardiam em desejos de nos ver, e entre elas uma senhora ilustríssima, filha do duque de Aveiro, que entre os grandes de Portugal de tal modo sobressai por sua ilustre genealogia que pode competir com a mais alta nobreza. Por isso, o Rei, querendo fazer-lhe a vontade, perguntou se tínhamos interesse em ouvir as vésperas que iam ser cantadas na sua capela. E respondendo nós que nada nos [200] poderia ser mais agradável, para lá nos dirigimos. Aí foram recitadas as preces, com tão grande suavidade de canto, tão grande melodia dos órgãos que nos convencemos de estar escutando algo de celeste e divino mais do que obrado por humano artifício. Acabada esta solene função, aquelas senhoras da mais alta nobreza e cavalheiros de alta jerarquia que estavam presentes, tiveram um alegre espectáculo, em ver-nos com o maior interesse e observar cada uma das nossas coisas. Restava-nos visitar a irmã do rei Filipe e esposa do falecido imperador, mas reservámos para ela um outro dia, pela falta de tempo e pela multidão dos que vinham a ver-nos. Daqui, com a aproximação da noite, dirigimo-nos ao colégio dos padres da Companhia, em tão grande acompanhamento de pessoas, que parecia ter-se ali reunido a cidade inteira com o desejo de nos ver. No templo do mesmo colégio, foram tantas as senhoras ilustres que se juntaram, na ânsia de nos verem e aos nossos trajes, que se tornou necessário ir lá também e satisfazer-lhes o desejo. Todas elas, olhando-nos com o maior interesse, ficaram extraordinariamente contentes, desejando aos padres da Companhia, a nós próprios e à situação do Japão, os maiores êxitos e felicidades. Em casa, esperavam-nos não poucos varões nobres e entre eles os dois importantíssimos bispos de Placenza e de Salamanca. Todos eles nos contemplaram a nós e a todas as nossas coisas com vivo interesse e por meio de intérprete conversaram connosco no tom mais amigável.

E porque este foi o fim de um dia muito agradavelmente preenchido, ponhamos aqui também fim ao nosso colóquio, para voltarmos ao que segue com a melhor disposição na noite de amanhã.

LEÃO — Muito nos apraz tal fim posto à tua narração, tão aprazível. Mas gostaria que ficasses a saber que a tua exposição deixou nas nossas almas antes sede e fome do que qualquer espécie de tédio ou de fastio.

Post haec familiarius adhuc nobiscum egit, multa de Iaponicis rebus interrogans, uestes nostras studiosissime circumspiciens, gladios Iaponenses, quos ad latera accinctos habebamus, e uaginis educens, calceos denique ipsos eorumque formam auide considerans, denique munera aliqua, quae ipsi nostro nomine obtulimus, libentissime accipiens, eorumque ornatum et elegantiam multis uerbis commendans. Tanta uero fuit in omnibus his eius humanitas atque affabilitas, ut etiam ipsi nobiles domesticique, qui eius consuetudinem grauissime agendi optime norunt, tantam in eo comitatem benignitatemque mirarentur, affirmantes, rarissime se regem ad illam hilaritatem, remissionemque animi descendentem uidisse. Eundem imitati sunt liberi, qui praesentes aderant, ut dixi, atque ita in omnibus ex ea regia, et clara familia summam humanitatem in nos experti sumus.

Erant aliae multae nobilissimae matronae, quae nostri uidendi studio flagrabant, et inter eas illustrissima femina, filia ducis Auerii, qui inter Lusitanos dynastas ita generis claritate pollet, ut cum maximo quoque de nobilitate contendat. Rex igitur illis satisfacere uolens, quaesiuit an uespertinas preces in suo sacello decantandas audire studeremus? Cumque nihil iucundius nobis [200] euenire posse diceremus, eo perreximus ubi preces tanta cantus suauitate tantaque organorum melodia recitatae sunt, ut caeleste potius aliquid ac diuinum, quam humano artificio compositum audire nobis persuaserimus. Precatione hac solemni absoluta, nobilissimae illae feminae ornatissimique equites, qui aderant, in nobis studiose uidendis singulisque nostris rebus notandis laetissimum habuerunt spectaculum. Supererat nobis inuisenda Philippi regis soror imperatorisque mortui uxor, sed ei, ob temporis penuriam multorumque concursantium frequentiam, alium diem reseruauimus. Hinc nocte aduentante ad collegium patrum Societatis digressi sumus tanto hominum concursu, ut uniuersa fere ciuitas nostri uidendi studio eo confluxisse uideretur. Ad templum uero eiusdem collegii tot feminae illustres concurrerunt, nos habitumque nostrum uidere cupientes, ut necessarium uisum fuerit illud etiam ingredi et earum desiderio satis facere. Quae omnes auidissime nos intuentes, mirum in modum laetatae sunt, patribus Societatis, nobismet ipsis rebusque Iaponensibus omnia fausta feliciaque precantes. In aedibus autem non pauciores uiri nobiles, atque inter eos grauissimi duo praesules Placentinus et Salmanticensis nos opperiebantur, qui omnes ardenti studio nos nostraque omnia sunt contemplati, familiarissimosque sermones per interpretem nobiscum contulerunt.

Et quoniam eius diei iucundissima occupatio ita finem habuit, colloquio etiam nostro finem imponamus, ut ad ea quae sequuntur crastina nocte libentius redeamus.

LEO — Placet, Michaël carissime, tuae orationi talis finis impositus. Scias tamen uelim tua narratione sitim potius et auiditatem, quam taedium aliquod aut fastidium in nostris animis esse relictum.

NOTAS E COMENTÁRIOS
(TOMO I)

[1] Os três livros a que padre Alexandre Valignano se refere são: o primeiro, o Catechismus Christianae Fidei in quo Veritas nostrae religionis ostenditur et sectae Iaponenses confutantur, editus a Patre Alexandro Valignano Societatis Iesu. Lisboa, António Ribeiro, 1586; o 2º volume, impresso no mesmo ano, em Lisboa, por Manuel de Lira.

O segundo livro é a Christiani Pueri Institutio, adolescentiaeque perfugium: autore Ioanne Bonifacio Societatis Iesu. Cum facultate Superiorum apud Sinas, in Portu Macaënsi in Domo Societatis Iesu. Anno 1588.

O terceiro é o presente De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam, impresso em Macau em 1590.

[2] O texto apresenta na última linha da página l, como última palavra riscada, *vigesi* que foi substituído, numa correcção manuscrita, por *decimo*. O dia «décimo das Calendas de Março» é o dia 20 de Fevereiro (de 1582) em que a missão partiu de Nagasáqui.

[3] Note-se o tom enfático com que é afirmada a prerrogativa da nobreza de não ter que trabalhar.

[4] *Terra incognita = terra Australis*, i. e., do Sul = Austrália.

[5] Camios, segundo creio de Kami, divindade do Xintoismo; os fotoquios, igualmente divindades japonesas.

[6] A data é apresentada, por duas vezes, como *vigesimo Calendas Martii* nas páginas l, linha 19, e 10, linha 18 do texto latino impresso. No primeiro caso, houve uma tentativa de emenda no próprio texto, segundo vimos na nota l, para *decimo Calendas* Martii, como o leitor pode verificar; no segundo caso, não houve qualquer emenda. Todavia, na penúltima página do livro vem uma secção *Errata sic corrige* onde, tanto na página l, como na página 10, *vigesimo* é substituído por *decimo*. O dia *decimo Calendas Martii* é 20 de Fevereiro de 1582, data em que os japoneses partiram, de facto, de Nagasáqui.

[7] Os auxiliares eram dois, Constantino e Agostinho, e os seus nomes encontram-se em *Padre Luís Fróis, Tratado dos Embaixadores Japões,* editado por Rui Loureiro, Lisboa, Ministério da Educação, 1993.

[8] Em latim *suppara*. Das várias traduções dadas pela *Prosodia* de Bento Pereira, 9.ª ed., Évora, 1741, parece-me preferível esta: «joanetes ou velas de gávia».

[9] «Sétimo dia antes dos Idos de Março» é o dia 9 de Março, em que chegaram a Macau. A mesma data no *Tratado* do P.e Fróis, citado na nota 6.

[10] Jorge Álvares chegou à China em Junho de 1513.

[11] O Colóquio XXXIII ocupa-se da China.

[12] Depois do regresso da Europa, entre Agosto de 1588 e Julho de 1589. À partida, em 1582, estiveram dez meses Macau.

[13] *Dei Optimi Maximi* (D. O. M.): «Deus muito bom e muito grande». Adaptação duma fórmula pagã romana, usada no latim dos jesuítas.

[14] Áurea Quersoneso é a península de Malaca. Cf. Camões, *Lusíadas* II, 54, 5-8:

> E, sujeita a rica Áurea Quersoneso
> Até o longinco China navegando
> E as ilhas mais remotas do Oriente,
> Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

Quersoneso < lat. *Chersonesus* < gr. Χερσόνησος "península".

[15] *Quadringentorum millium aureorum: áurea* «moedas de ouro»; são «cruzados», segundo a *Prosodia* de Bento Pereira (e também o *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso, 1562); em Espanha e Itália, «ducados».

[16] Taprobana, uma terra distante. Em Camões, *Lus*. 1,1,4: «Passaram ainda além da Taprobana»; Id., *Lus*. X, 107, 1-4:

> Vês corre a costa célebre Indiana
> Para o sul, até o cabo Comori
> Já chamado Cori, que Taprobana
> (Que ora é Ceilão) de fronte tem de si.

Noutros escritos do século XVI, como Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples, etc.,* «Colóquio XV», p. 63 v.º, Taprobana é Samatra: «Ceilam... e ha mais frutifera, e milhor ilha do mũdo algũs dixerã ser trapobana ou çamatra.»

[17] Estas contas do P.e Sande não me parecem certas. Pelos meus cálculos, a equivalência em léguas japonesas é de quatrocentas.

[18] Aqui Taprobana, como atrás vimos, é Samatra.

[19] O uso do testemunho dos topónimos é uma prática moderna de linguística. Aqui mostra o interesse do P.e Sande pelo assunto, como especialista de chinês. A expansão dos chineses para Ocidente era conhecida dos quinhentistas, como mostra o livro de Garcia de Orta, atrás citado.

[20] *myoparo,* «navio ligeiro». Segundo a Prosódia de Bento Pereira, «fragata mexeriqueira, náo de corsários.»

[21] *duo myoparones*. Cf. a nota anterior.

[22] O ano está errado: é 1583.

[23] «Tomavam cada dia três horas para sua recreação. E o mais do tempo gastavam em seus exercícios acostumados, scilicet, em ler e escrever japão, e o restante em latim.» (P.e Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões,* p. 23)

[24] D. Jerónimo Osório (1514-1580), bispo de Silves, cujos livros em latim foram lidos em toda a Europa. O seu nome não figura no índice final deste livro do P.e Sande.

[25] Parece que assim pensava também D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, para quem foram os indianos «os que nos descobriram a nós», segundo a anedota contada em *Autor Desconhecido, Ditos portugueses dignos de memória,* editados por José Hermano Saraiva, Lisboa, Europa-América, s.d., p. 113, n.° 277.

[26] 7 de Abril de l583.

[27] O cardeal Alberto era filho do imperador Maximiliano, então falecido, e de uma irmã de Filipe II de Espanha, então rei de Portugal. Não tendo pronunciado votos, renunciou ao seu cargo eclesiástico e casou com sua prima Isabel Clara Eugénia, princesa de Espanha, filha de Filipe II. O cardeal Alberto governou Portugal, em nome de seu tio, entre 1583 e 1598.

[28] Este mesmo critério presidiu à organização da narrativa em colóquios.

[29] Os japoneses voltarão a encontrar D. Francisco de Mascarenhas, à passagem por Évora, em 1585.

[30] O culto das relíquias dos santos, fortemente contestado pelo movimento protestante, foi no século XVI exagerado pela reacção católica, como resposta aos seus adversários. Durante a viagem dos *dáimios* japoneses, as relíquias guardadas nos templos merecerão referências especiais.

[31] A palavra *aethiops é* de origem grega. Significa, etimologicamente, «de face queimada».

[32] A superioridade da cultura e civilização europeias é constantemente afirmada nos colóquios.

[33] A "experiência, madre de todas as coisas», como escreveu Pedro Nunes, a experiência pedra de toque da ciência renascentista, por oposição à autoridade dos autores tradicionais. A «experiência» e a «experimentação» serão constantemente evocadas nestes colóquios.

[34] A esfera, mapas de navegação, bússolas, astrolábio, etc. foram trazidos da Europa pela missão japonesa.

[35] Reminiscência de Salústio, *Catilina* I, 1: *ueluti pecora quae natura prona atque uentri oboedientia finxit*.

[36] 20 de Fevereiro de 1584.

[37] *Sexto Idus Augusti,* no texto; corrigido no final de *sexto* para *quarto*. Portanto, 10 de Agosto de 1584. A 11, segundo o P.e Fróis, *op. cit.*

[38] O texto latino sobre o uso do astrolábio contém várias imprecisões que o Senhor Comandante Estácio dos Reis teve a amabilidade de resolver, a meu pedido.

Assim, onde está *foramen penetret* (p.50) seria mais correcto que o P.e Sande tivesse escrito *foramina,* porque os orifícios são dois. E onde está *accessus solis uel recessus* (p. 51) deve ler-se *loci* em vez de *solis*. A tradução foi feita, tomando em consideração estas correcções.

[39] 10 de Maio de 1584. Segundo o P.e Fróis, nesse dia celebrou-se a Ascensão de Cristo. O nome do cabo da Boa Esperança era ainda mais significativo na viagem de regresso da Índia, que na viagem de ida. Com efeito, como adiante se explica, a sua passagem em tempo oportuno condicionava a efectuação da viagem Índia-Lisboa, dentro dos seis meses habituais.

[40] Segundo o P.e Fróis, os japoneses ouviram falar deste trágico acidente na ilha de Santa Helena e viram mais tarde, no porto de Lisboa, a nau «Salvador», sem a varanda. P.e Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões***,** p. 27.

[41] 27 de Maio de 1584. Era domingo da Santíssima Trindade, segundo o P.e Fróis.

[42] 10 de Agosto de 1584. Cf. Nota 37. Nos dois passos corrigimos o texto *sexto Idus Augusti* para *quarto Idus Augusti*, segundo a *Corrigenda* no final do livro.

[43] O imperador Maximiliano. Ver atrás a nota 27.

[44] Dayri: título honorífico do imperador. Os outros nomes designam diversas classes de dignitários.

[45] *ut aiunt* «como dizem» em linguagem filosófica. Cf. a distinção de *genus* e *forma* em Cícero, *Topica* 7, 31.

[46] Cf. nota 13.

[47] Claudio Acquaviva era filho do 8.º duque de Atri, Giovanni Antonio Donato, e faleceu em Roma em 1615.

[48] Francisco de Borgia, depois de jesuíta, foi vigário-geral da Companhia em Espanha e Portugal. Faleceu em Roma, em 1570.

[49] Uma visão moderna das religiões tradicionais do Japão pode ler-se no livro de Léon Bourdon, *La Compagnie de Jésus et le Japon: 1547-1570*. Centre Culturel Portugais de la Fondation Gulbenkian. Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises. Paris-Lisbonne, 1993. Ver especialmente «Chapitre XXI. À travers les croyances et les pratiques japonaises» e «Chapitre XXII. À travers les grandes bonzeries japonaises».

[50] Felice Peretti, Sisto V, nascido em Grottammare em 13 de Dezembro de 1521, faleceu em Roma, a 27 de Agosto de 1590, no mesmo ano em que foi concluída a impressão deste livro.

[51] D. Sebastião de Morais (Funchal c. 1534 - 19/20 de Agosto de 1588). Primeiro bispo do Japão, faleceu no mar, junto à ilha de Moçambique, quando se dirigia para a sua diocese.

[52] O espanhol Inácio de Loyola (1490-1556) fundou em 1540 a Companhia de Jesus, de que foi eleito geral vitalício em 1541. Foi santificado em 1569.

[53] O P.e Sande devia estar a pensar no caso da sua pátria, compulsivamente ligada à Espanha, em 1580.

[54] Afirmação claramente exagerada.

[55] O discurso pronunciado em nome do rei que enviava a embaixada chamava-se *oração de obediência*. Existe uma colecção de orações de obediência do século XVI, em latim, publicada pelo Prof. Martim de Albuquerque, com tradução para português, do Dr. Miguel de Meneses, impressa com o título de *Orações de Obediência dos Séculos XV a XVII*. Edições Inapa, Lisboa, 1988.

[56] Aconteceu, de facto, anteriormente, mas já não acontecia no século XVI. Em finais do séc. XV, ainda o papa Alexandre VI esteve no centro das negociações de Tordesilhas (1494)

e da sucessão de D. Jorge, filho bastardo de D. João II, que o papa impediu, não reconhecendo a legitimidade de D. Jorge.

[57] Constantinopla, nome dado a Bizâncio (323-330) pelo imperador Constantino.

[58] Virgílio, *Eneida,* I, 279: *Imperium sine fine dedi;* Id., *ibid.,* IX, 447: *Capitoli immobile saxum.*

[59] Graças aos descobrimentos marítimos dos portugueses e espanhóis, e à evangelização das terras descobertas.

[60] Trata-se de Veneza nos colóquios XXVIII e XXIX.

[61] Antigo Testamento*, I Reis*, 10, 6-9.

[62] 400 x 100.000 = 40.000.000, isto é, quarenta milhões de sestércios ou 400.000.000 quatrocentos milhões de réis, porque o sestércio valia 10 réis.

[63] 10 x 100.000 = 1.000.000, um milhão de áureos. Vê-se, por aqui, que o áureo ou moeda de ouro que julgamos correspondente ao cruzado de ouro, em Portugal, e fora de Portugal, ao ducado, valia então 40 sestércios ou 400 réis.

[64] Nobunanga, com uma nasalação (-n-) tipicamente portuguesa, é Oda Nobunaga (1534-1582), general do imperador, que foi um dos pioneiros da unificação do Japão. Cf. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan (1549-1650).* University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1967, p. 55-72.

[65] Carlos Manuel (1562-1630) casou com a infanta D. Catarina, filha de Filipe II de Espanha, em 22 de Março de 1585.

[66] Eis aqui uma prova, entre muitas outras, de que o *Dialogus* foi elaborado com bibliografia à vista, particularmente bibliografia ilustrada.

[67] Antigo Testamento*, I Samuel*, 17, 39.

[68] *Onus Aetna grauius* «um peso mais pesado que o Etna» é uma expressão proverbial greco-latina. Cf. Cícero, *De Senectute (=Da Velhice),* II, 4. O Etna é um vulcão da Sicília.

[69] Duarte de Sande deve referir-se à *Vida e feitos del Rey Dom João Segundo,* de Garcia de Resende, publicada duas vezes antes de 1590, a saber, em 1545 e 1554. Ver *Livro das obras de Garcia de Resende*. Edição crítica, estudo textológico e linguístico por Evelina Verdelho, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1994. Ver especialmente capítulos CXIV, CXV, CXVII, CXVIII, CXIX e seguintes.

[70] Cf. atrás a nota 65.

[71] Cf. atrás a nota 66.

[72] Cf. a nota 66.

[73] "*... si uero per uim occupatum, Democratia nominatur."* Duarte de Sande chama aqui *Democracia* àquilo a que nós chamamos hoje *Demagogia*. Em grego, δημοκρατία e δημαγωγία, embora o sentido destas palavras na origem não seja exactamente o mesmo em que aqui é tomado.

[74] Em grego, ἀριστοκρατία, governo dos melhores, dos mais poderosos.

[75] Em grego, ὀλιγαρχία*,* governo de poucos.

[76] Tratam de Veneza os Colóquios XXVII, XXVIII e XXIX.

[77] Tono: senhor de alguma terra e vassalos; *yacata*: rei feudatário. Notas tiradas do P.e José Wicki, S.J., comentador da *Historia de Japam* do P.e Fróis, S.J., Edição da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976.

[78] *Kubo*: penso que é o mesmo que *Kubô-Sama*, vice-rei, capitão geral. Ver Wicki, *opus citatum.*

[79] Isto é, ganham mais.

[80] A terminologia do P.e Sande é a do antigo exército romano, para a qual procurei dar equivalentes modernos.

[81] A batalha de Lepanto, travada a 7 de Outubro de 1571, na qual o poder naval dos turcos ficou para sempre abalado.

[82] D. João de Áustria (1545-1578) era irmão bastardo de Filipe II e, como este, filho do imperador Carlos V.

[83] Sebastião Venier tinha 70 anos, quando combateu vitoriosamente em Lepanto. Foi eleito doge de Veneza, seis anos mais tarde.

[84] O número de cristãos libertados é igual na inscrição laudatória do papa Pio V, na igreja de Santa Maria Maggiore em Roma.

[85] Quambacundono era um título honorífico, para o regente em nome do imperador. O *Kwambakudono* nesta altura chamava-se Toiotomi Hideioxi.

[86] Duarte de Sande exagera o poder de intervenção do Sumo Pontífice, no seu tempo.

[87] Dificilmente esta situação de justiça social terá sido verdadeira na maioria dos casos, quanto mais não seja, pelo emperramento tradicional da máquina burocrática. E sabe-se que heróis de batalhas no mar e em terra morreram na miséria.

[88] Note-se a tendência do P.e Sande para documentar afirmações sobre os europeus, com exemplos da História de Portugal. A sucessão de D. Afonso V, falecido em 1481, vem tratada em *Vida e Feitos del Rey D. João II,* de Garcia de Resende, já citada na nota 69.

[89] Carlos primeiro de Espanha, e quinto da Alemanha, faleceu em 1558.

[90] Timante, pintor grego do século IV a. C. São frequentemente lembrados entre os humanistas os seus quadros «Sacrifício de Ifigénia» e «Ciclope adormecido». É particularmente famoso o primeiro, pela anedota aqui contada.

[91] Sacerdotes que não pertencem a nenhuma ordem religiosa, sacerdotes seculares.

[92] (...) *quae ad millies et bis millies sestertium peruenerunt: millies = millies centum millia* = 1.000 x 100.000 = 100.000.000; *bis millies = bis millies centum millia* = 2.000 x 100.000 = 200.000.000. Para converter sestércios em réis, é preciso multiplicar por 10; *sestertium* é um genitivo do plural.

Fazendo o *aureus* = cruzado = 400 réis, cem milhões de réis são 250 mil cruzados; e duzentos milhões de réis são 500 mil cruzados.

[93] A caridade foi uma das actividades a que se dedicaram inicialmente os padres jesuítas no Japão, a tal ponto que a religião foi conhecida de início, algo desdenhosamente, como a «religião de pobres e doentes». Entre os primeiros jesuítas do Japão, conta-se Luís de Almeida, um comerciante rico que, ao entrar na Companhia, ofereceu a sua fortuna para o estabelecimento dum hospital e da Misericórdia *(circa* 1559). Em Oita, no Japão, existe hoje, em sua homenagem, o Hospital Luís de Almeida.

Ver Charles R. Boxer, *The Christian Century in Japin (1549-1650)*, University of California Prés, 1967, p. 202-203.

[94] Aqui se encontram resumidas as artes do *triuium* (Gramática, Retórica e Dialéctica) e as do *quadriuium* (Geometria, Aritmética, Música e Astronomia), cuja tradição nas culturas europeias vem da Idade Média. Estes eram os estudos preparatórios de Humanidades.

[95] «Ornato», com que traduzi literalmente o latim *ornatus*, significa aqui «riqueza, esplendor, magnificência» e todo este final do Colóquio XV escandalizaria um católico moderno, pela sua exibição da fartura e poder da Igreja, fundada pelo humilde Jesus Cristo, se não fosse clara a sua intenção. Trata-se, de facto, de impressionar os japoneses com o prestígio social e riqueza material da Igreja Católica.

[96] Ulisses é considerado pelos humanistas o fundador lendário de Lisboa, em livros como a *Vrbis Olisiponis Descriptio* de Damião de Góis, publicada em Évora, em 1554, e em diversas obras de André de Resende, por exemplo, o poema *Vincentius leuita et martyr,* Lisboa, 1545, onde recorda que o humanista italiano Lorenzo Valla (m. 1494) troçou dessa origem de Olisipo, que vem de Estrabão. Em Camões, *Lusíadas,* VIII, 5, 1-4:

> Ulisses he, o que faz a sancta casa
> À Deosa que lhe dá lingoa facunda,
> Que se lá na Asia Troia abrasa,
> Cá na Europa Lisboa ingente funda.

[97] Lisboa foi conquistada aos mouros em 1147. Na sua conquista colaboraram cruzados, vindos dos países do Norte, que se dirigiam à Terra Santa.

[98] Rainha Santa Isabel (c. 1270-1336).

[99] Repare-se na homenagem prestada a D. João II, repetida noutros passos do livro.

[100] É a famosa custódia de Belém, feita por Gil Vicente, ainda mais célebre como autor dramático.

[101] Mais exactamente, «fluvial». O mesmo acontece nos períodos seguintes onde o rio Tejo, em frente de Lisboa, é sempre referido como mar.

[102] A Igreja da Misericórdia ruiu com o terramoto de 1 de Novembro de 1755. Resta uma porta lateral, de notável arquitectura manuelina, que hoje serve de entrada, no mesmo local, à igreja da Conceição Velha, na rua da Alfândega.

[103] Mosteiro de Santos-o-Novo onde viviam as comendadeiras de Santos. Aí estiveram as relíquias dos três mártires Veríssimo, Júlia e Máxima.

[104] Da *Crónica de D. Manuel,* de Damião de Góis, 4.ª parte, capítulo XXVI: «Fundou esta senhora (a rainha D. Leonor) tambẽ de novo ho mosteiro da Invocaçam da Madre de Deos, no valle Denxobregas, junto de Lisboa, & ho povoou de novo de freiras de Sancta Clara, da ordem de Sam Francisco da Observância, que por seus institutos comem sempre peixe...».

[105] Palácio real de Enxobregas ou Xabregas.

[106] Convento de São Francisco de Xabregas, para o distinguir do convento de S. Francisco da Cidade, perto do actual Chiado.

[107] «O Mosteiro de São Bento (de Enxobregas), o qual ficava situado entre os mosteiros de Chelas e de S. Francisco». Jorge Segurado, *opus citatum* na nota seguinte, p. 196.

[108] «Deixo a fabula que se conta do Mosteiro de Chelas, donde dizem que Vlyses levou Achiles que em trajo de molher, Tetys sua mãy, ali tinha escondido e encantado, o qual he fabuloso». *Francisco d'Ollanda, Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa... Anno de 1571,* manuscrito reproduzido fotograficamente por Jorge Segurado em *Francisco d' Ollanda,* Lisboa, Edições Excelsior, 1970, p. 73.

[109] Tróia foi destruída várias vezes. A guerra de Tróia, cantada na *Ilíada*, é hoje datada aproximadamente do século XII a. C.

[110] Frei Luís de Granada (1504-1588) era um dominicano espanhol que foi protegido da rainha D. Catarina (1507-1578), também espanhola de nascimento. Foi uma figura notável da vida religiosa da época, que contribuiu para a recepção em Portugal da Companhia de Jesus. Os jesuítas traduziram para japonês um dos seus livros. O seu túmulo e epitáfio ainda hoje podem ver-se na igreja de São Domingos, perto do Rossio, em Lisboa.

[111] O palácio dos Estaus (a palavra está etimologicamente relacionada com «Hostal, Hostel, Hotel»), considerado aqui como «uma das sete obras principais de Lisboa», mostra que Duarte de Sande leu a *Vrbis Olisiponis Descriptio* (Évora, 1554) de Damião de Góis, onde o palácio dos Estaus é assim considerado. O palácio, projectado pelo infante D. Pedro, foi edificado no tempo de D. Afonso V, depois da morte do infante. O palácio dos Estaus foi mais tarde palácio da Inquisição. Destruído no terramoto de 1755, mais ou menos no espaço que ocupava foi construído o teatro de D. Maria II.

[112] Deve haver aqui alusão à freira do convento da Anunciada que fingia ter recebido os estigmas da paixão de Cristo. Devia ser tema frequente de conversa, quando os japoneses estiveram em Lisboa. Foi mais tarde desmascarada por sentença publicada em 8 de Dezembro de 1588, mas é natural que a sentença não fosse ainda conhecida em Macau. Em qualquer caso, o padre Sande mostra-se algo céptico... Sobre a freira da Anunciada, ver um texto contemporâneo: *Memorial de Pero Ruiz Soares*. Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida. Coimbra, Por ordem da Universidade, 1953, p. 260 e seguintes.

[113] A infanta D. Maria, última filha do rei D. Manuel, faleceu em 1577, com 56 anos de idade. Sobre ela ver a reimpressão recente do livro de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas, (1521-1577).* Edição fac-similada. Biblioteca Nacional, Lisboa, 1994. E Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal,* Vol. I, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1988, p. 87-103.

No mosteiro da Ordem de Cristo está hoje instalado o Colégio Militar e na igreja, dedicada a Nossa Senhora da Luz, encontra-se o túmulo da infanta D. Maria.

[114] O convento de Nossa Senhora da Esperança ficava «no sítio onde actualmente se encontra o Quartel de Sapadores Bombeiros, na Avenida D. Carlos». *Damião de Góis, Descrição da Cidade de Lisboa*: Tradução, introdução e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 80.

[115] A porta de S.ta Catarina hoje não existe. Mas a igreja de São Roque encontra-se na rua da Misericórdia, e os edifícios anexos da Casa Professa da Companhia de Jesus pertencem hoje à Misericórdia.

[116] No original latino, *ex Cimbrica chersoneso,* isto é, da Jutlândia e Schleswig-Holstein, no Norte da Alemanha.

[117] As relíquias dos Santos eram então destruídas nos países protestantes. Por isso, vieram para Portugal muitíssimas que se encontram ainda hoje na igreja de São Roque, trazidas por D. João de Borgia, embaixador de Espanha, em 1574.

[118] A torre caiu no terramoto de l de Novembro de 1755 e não foi reconstruída.

[119] Martim Afonso de Sousa (1500-1564), figura notável da colonização portuguesa no Brasil e na Índia, onde foi governador-geral. Camões faz memória dele em Os *Lusíadas,* X, 63-67.

[120] Nuno Álvares Pereira (1360-1431), o santo condestável, herói da independência portuguesa na crise dinástica dos fins do século XIV:

Dom Nuno Álvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos
(Camões, *Os Lusíadas*, IV, 24, 1-2)

[121] Dado que o príncipe D. Afonso morreu sem descendência, esta neta só pode ser filha de seu filho natural, D. Jorge, mestre de Santiago e Avis e duque de Coimbra, falecido em 1551. O convento dos agostinhos é mais conhecido hoje por Convento da Graça, e ainda existe, embora com outro aproveitamento.

[122] O texto latino traz trinta mil, mas é corrigido no final para treze mil.

[123] O Arquivo Nacional da Torre do Tombo que recebeu esse nome por ter estado, até o terramoto de 1755, numa torre do Castelo de São Jorge. Hoje, encontra-se num edifício construído expressamente na Cidade Universitária.

[124] S. Inácio de Loyola, cf. nota 52. Sobre os dois colégios, o de Santo Antão-o-Velho, também chamado Coleginho, e o de Santo Antão-o-Novo, hoje Hospital de S. José, ver P.ᵉ António Lopes, S.J., *Roteiro Histórico dos Jesuítas em Lisboa,* Braga, 1985; e *A primeiríssima casa da Companhia de Jesus no mundo e a expansão missionária de Portugal,* Lisboa, Biblioteca Evangelização e Cultura, 1994.

[125] São Francisco Xavier, apóstolo do Oriente (1505-1552). Há sobre ele um bom artigo de F. Félix Lopes em *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*.

[126] Isto é, foi destinado a prisão da Inquisição.

[127] Como reacção contra o movimento protestante que negava a intercessão dos santos e o culto das suas relíquias, este culto foi afervorado nos países católicos. A relíquia de São Sebastião tem uma história que André de Resende conta no seu livro *Conuersio Miranda D. D. Aegidii Lusitani,* publicado postumamente em Paris, em 1586. Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 2.ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, p. 360 e segs. O mosteiro é o de São Vicente de Fora.

[128] O Promontório Sacro é o Cabo de São Vicente.

[129] A lenda de São Vicente, patrono de Lisboa, cujo corpo está guardado na Sé catedral, foi contada por André de Resende no poema *Vincentius, leuita et martyr,* Lisboa, 1545. E por Pedro Sanches no seu poema *De Superstitionibus Abrantinorum,* impresso e estudado, pela primeira vez, no livro de A. Costa Ramalho, citado na nota 127

[130] Santo António de Lisboa (Lisboa, 1195 - Pádua 1231), ou de Pádua, como é conhecido no estrangeiro, volta a aparecer no Colóquio XXIX, a propósito de Pádua, e no Colóquio XXXI, a propósito de Coimbra, assim mencionando Duarte de Sande as três cidades ligadas à biografia do santo: Lisboa, Coimbra e Pádua.

[131] À estadia em Sintra e Peralonga se refere o *Tratado dos Embaixadores Japões* do padre Luís de Fróis, publicado por Rui Loureiro, Lisboa, Ministério da Educação, 1993, p. 32.

[132] Sobre Oda Nobunaga (1534-1582) ver a nota 64.

[133] Título de Toiotomi Hideioxi (1535-1598), desde 1583. Ele sucedeu a Nobunaga. Cf. a nota 85.

[134] Os inimigos dos jesuítas, especialmente os bonzos. Sobre as relações variáveis de Hideioxi com os jesuítas, ver Charles R. Boxer, *The Christian century in Japan,* já citado antes, p. 139 e seguintes.

[135] Filipe II, rei de Espanha, também rei de Portugal onde, como vimos, era representado por um vice-rei, seu sobrinho o cardeal Alberto.

[136] Faleceu no mar em 20 de Agosto de 1588.

[137] Évora já existia, quando Sertório (m. 72 a. C.) chegou à Península Ibérica.

[138] O fornecimento de água à cidade, no tempo de D. João III, com a construção do Aqueduto da Água de Prata, foi muito celebrado pelos poetas latinos do meado do século XVI, entre eles André de Resende e D. Miguel da Silva.

[139] D. Teotónio de Bragança (1530-1602), filho do duque D. Jaime, era arcebispo de Évora, desde 1578.

[140] São Gregório Magno (c. 540-604), doutor da Igreja e um dos mais célebres papas.

[141] 14 de Setembro de 1584; 15 de Setembro, segundo o P.e Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões,* atrás citado, p. 43.

[142] Este episódio é também contado pelo P.e Fróis, *op. cit.*, p. 49.

[143] 18 de Setembro de 1584. A mesma data em P.e Fróis, *op. cit.,* p. 50.

[144] 23 de Setembro de 1584.

[145] *millies sestertium* = *millies centum millia sestertium* = 1.000 x 100.000 = 100.000.000 de sestércios; e sendo o *sestertius* igual a 10 réis: 1.000.000.000 de réis.

[146] Conhecido em Espanha por Juanelo Turriano de Cremona. Engenheiro italiano (Cremona, c. 1501 – Toledo, 1574) que trabalhou para Carlos V e Filipe II. As suas obras mais famosas são as aqui mencionadas pelo P.e Sande. Note-se que o famoso relógio apresentava o sistema planetário, segundo a antiga concepção ptolemaica, com a Terra ao centro.

[147] 19 de Outubro de 1548.

[148] Em latim, *oppidum.*

[149] Informação inexacta. Quando Joana, mais tarde chamada Joana-a-Louca, casou com o duque Filipe em 1496, eram ainda vivos seus irmãos João, Isabel, Maria e Catarina.

[150] A morte do imperador Carlos V ocorreu em 1558.

[151] Não é bem assim. Portugal foi, como dizia Filipe II de Espanha, por ele «herdado, comprado e conquistado» pelas armas. Mas o P.e Sande está interessado em demonstrar as relações pacíficas entre os soberanos cristãos.

[152] *Sexies millies sestertium* = 6.000 x 100.000 = 600.000.000 de sestércios. Sendo o *sestertius* igual a 10 réis, portanto, 6.000.000.000 de réis.

[153] Antoine de Granvelle (1517-1586), cardeal e político espanhol que esteve ao serviço de Carlos V e de Filipe II.

[154] O *pater patratus* era o chefe dos sacerdotes feciais *(fetiales)* que tinha, entre outras funções, a de presidir à assinatura dos tratados.

ÍNDICE GERAL

TOMO II